



VERIFICADOR
DE
SEGURANÇA

Níveis da Academia

VERIFICADOR DE SEGURANÇA
SUPERIOR HUBBARD

CONTEÚDO

CURSO DE VERIFICADOR DE SEGURANÇA SUPERIOR HUBBARD	5
SECÇÃO UM: MANTER A CIENTOLOGIA A FUNCIONAR	20
MANTER A CIENTOLOGIA A FUNCIONAR	20
DEGRADAÇÕES TÉCNICAS	27
SALVAGUARDAR A TECNOLOGIA	29
SECÇÃO DOIS: BASES DE AUDIÇÃO	31
O AUDITOR E “A PROTEÇÃO DA MENTE”	31
PROCESSAMENTO	32
CONFIANÇA NO AUDITOR	34
O CÓDIGO DO AUDITOR	35
P.A.B. No. 38	37
P.A.B. No. 39	40
ADITIVOS AO CICLO DE COMUNICAÇÃO	43
A MAGIA DO CICLO DE COMUNICAÇÃO	45
AS DUAS PARTES DA AUDIÇÃO	47
AS TRÊS LINHAS DE COMUNICAÇÃO IMPORTANTES	51
CICLOS DE COMUNICAÇÃO DENTRO DO CICLO DE AUDIÇÃO	53
O CICLO DE COMUNICAÇÃO EM AUDIÇÃO	58
FALTA DE COMPREENSÃO DO AUDITOR	60
A ESCALA DE TOM COMPLETA	62
BONS INDICADORES NOS NÍVEIS INFERIORES	65
OBNOSE E A ESCALA DE TOM	67
SECÇÃO TRÊS: UTILIZAÇÃO DO E-METRO	70
AUDITING ALLOWED	70
ARBITRARIEDADES	72
REAÇÕES INSTANTÂNEAS	73
MEDIDAÇÃO DE ITENS COM LEITURA	74
REAÇÕES INSTANTÂNEAS	76
OBSERVAR O E-METRO	77
ITENS E PERGUNTAS SEM LEITURAS	80
VERIFICAÇÃO DAS PERGUNTAS NOS PROCESSOS DOS GRAUS	82
TREINO NOS EXERCÍCIOS DE E-METRO	84
REAÇÕES DA AGULHA ACIMA DE GRAU IV	86
LISTA DE VERIFICAÇÃO DE TA FALSO	88
SECÇÃO QUATRO: ADMIN DE AUDITOR	96
SUMÁRIO DE COMO ESCREVER	96
A SÉRIE DE ADMIN DO AUDITOR PARA USO DE TODOS OS AUDITORES	99
COMO OBTER RESULTADOS NUM HGC	101
O FOLDER DO PC E O SEU CONTEÚDO	105
O FOLDER	109
A FOLHA DE PROGRESSO DE CASO	112
FOLHA DE PROGRESSO DE CASO	114
A FOLHA AMARELA	118
SUMÁRIO DO FOLDER	119
GRÁFICOS OCA	123
A FOLHA DE PROGRAMA	125
O C/S DO AUDITOR	127
O RELATÓRIO DE EXAME	129
IMPRESSO DE EXAME	133
RELATÓRIO SUMÁRIO	134
RELATÓRIO DO AUDITOR	136
AS FOLHAS DE TRABALHO	139
FOLHAS DE TRABALHO DO AUDITOR	142
LISTAS de CORREÇÃO	143
WORD CLEARING LISTS FOR	145
LISTAS L&N	150
DIANETIC ASSESSMENT LISTS	152
RELATÓRIOS MISTOS	154
A TABELA DE FLUXOS COMPLETOS DE DIANÉTICA	157
SUMÁRIOS DE ERROS DO FOLDER	159

FORMULÁRIO DE FATURA E DE ENCAMINHAMENTO.....	162
FORMULÁRIO (REVISTO).....	164
SECÇÃO CINCO: RUDIMENTOS E SESSÃO MODELO.....	165
PTPS, OVERTS E QUEBRAS DE ARC.....	165
QUEBRAS DE ARC E WITHHOLDS FALHADOS	168
LIMPANDO RUDIMENTOS.....	171
RUDIMENTOS, DEFINIÇÕES E FRASEADO.....	173
MANEJAR O WITHHOLD FALHADO	178
QUANDO VERIFICAR SE HÁ REAÇÕES FALSAS.....	179
OS DIREITOS DOS AUDITORES.....	180
LISTA DE VERIFICAÇÃO PARA PREPARAR SESSÕES E UM E-METRO	189
MÉTODO 5	192
CLARIFICAR COMANDOS.....	193
HAVINGNESS DESCOBRIR E PERCORRER O PROCESSO DE HAVINGNESS DO PRECLARO	196
SESSÃO MODELO	198
SECÇÃO SEIS: FENÓMENO FINAL.....	200
AGULHAS FLUTUANTES E FENÓMENOS FINAIS	200
FENÓMENOS FINAIS.....	203
AUDIÇÃO POR LISTAS.....	205
EXTERIORIZAR E TERMINAR A SESSÃO	208
SECÇÃO SETE: SECÇÃO DE AUDIÇÃO	209
ESTILOS DE AUDIÇÃO.....	209
AUDIÇÃO ESTILO OUVIR.....	216
TR DE MURMÚRIO	220
OVERTS, ORDEM: DE EFICÁCIA NO PROCESSAMENTO	221
MAIS INFORMAÇÕES SOBRE O/WS.....	224
SECÇÃO OITO: TEORIA BÁSICA DE O/W	226
RESPONSABILIDADE.....	226
RESPONSABILIDADE, A CHAVE DE TODOS OS CASOS	228
OVERTS, O QUE ESTÁ POR TRÁS DELES	231
SEQUÊNCIA OVERT-MOTIVADOR	233
WITHHOLDS FALHADOS.....	236
COMO LIMPAR WITHHOLDS E WITHHOLDS FALHADOS	239
TECH FORA	242
JUSTIFICAÇÃO	244
QUEBRAS DE ARC WITHHOLDS FALHADOS (MWHs)	246
SECÇÃO NOVE: TEORIA BÁSICA DE VERIFICAÇÃO DE SEGURANÇA	252
DESERÇÕES	252
PESSOAS HONESTAS TAMBÉM TÊM DIREITOS	255
A CIENTOLOGIA PODE TER UMA VITÓRIA DE GRUPO	257
MÃOS LIMPAS FAZEM UMA VIDA FELIZ	259
OVERTS, ORDEM: DE EFICÁCIA NO PROCESSAMENTO	262
PREVISÃO E CONSEQUÊNCIAS.....	265
O OVERT CONTÍNUO	267
GENERALIDADES NÃO SERVEM.....	269
WITHHOLDS DE OUTRAS PESSOAS	271
PREPCHECKING	273
SECÇÃO DEZ: MATERIAIS ANTI-Q&A	276
P.A.B. No. 43.....	276
TODOS OS NÍVEIS Q&A	281
FLUTUAR O QUE SE PERGUNTA OU PROGRAMA	283
A CURA PARA O Q&A	285
Q&A.....	288
A VERDADEIRA DEFINIÇÃO DE Q&A.....	292
NOME: TR Anti Q & A.	293
PREPCHECKING DATA WHEN TO DO A WHAT	294
SECÇÃO ONZE: PROCEDIMENTO DE VERIFICAÇÃO DE SEGURANÇA	298
THE “LOST TECH” OF HANDLING OVERTS AND EVIL PURPOSES	298
PROCEDIMENTO CONFSSIONAL.....	300
A TÉCNICA E A ÉTICA DOS CONFSSIONAIS.....	309
SECURITY CHECKS.....	313

INTERROGATÓRIO	315
SEMINAR: WITHHOLDS	317
SEC CHECK QUESTIONS. MUTUAL RUDIMENTS	319
RUDS FORA MÚTUOS	320
VARIAR AS PERGUNTAS DE SEC-CHECKS	321
WRONG TARGET—SEC CHECK	322
SEC CHECK AND WITHHOLDS	323
TEACHING THE FIELD -- SEC CHECKS	324
EVIDÊNCIAS DE UMA ÁREA ABERRADA	326
PERGUNTAS DE SEGURANÇA <i>TÊM DE SER</i> ANULADAS	327
SEC CHECKING	329
SEC-CHECK -- ERROS DE AUDIÇÃO	330
GENERALIDADES NÃO SERVEM	331
SEC CHECKS IN PROCESSING	333
SEC CHECKS—WITHHOLDS	335
WITHHOLDS, FALHADOS E PARCIAIS	337
QUEBRAS DE ARC E WITHHOLDS FALHADOS	339
O MAU “AUDITOR”	342
SUPPRESSORS	346
MISSED WITHHOLDS, ASKING ABOUT	350
O PREPCHECK REPETITIVO MODERNO	351
TECH FORA E COMO A CORRIGIR	354
IMPRESSOS de CONFESSIONAIS	358
SEC CHECK DE LONGA DURAÇÃO	359
PROCEDIMENTO CONFESSIONAL	360
LIMPANDO JUSTIFICAÇÕES	369
A ROTINA DE ASSASSINATO	371
CONFESSIONALS AND THE NON-INTERFERENCE ZONE	372
VERIFICAÇÃO DE SEGURANÇA: NOTA	374
PROCLAMAÇÃO DO PODER DE PERDOAR	375
SECÇÃO DOZE: DADOS CHAVE SOBRE O E-METRO	377
PERSEGUIR AGULHAS SUJAS	377
METER READING	379
COMO OS E-METROS SÃO INVALIDADOS	381
E-METRO REAÇÕES INSTANTÂNEAS	383
E-METROS ERROS DE SENSIBILIDADE	386
DEFINIÇÃO DE UMA R/S	388
MAIS SOBRE ROCKSLAMS	390
SECÇÃO TREZE: PDH E IMPLANTES	391
E-METRO REAÇÕES INSTANTÂNEAS	391
FAZER SEC CHECK DE IMPLANTES	394
AGULHA PARADA E CONFESSIONAIS	397
SECÇÃO CATORZE: ADMIN PARA VERIFICADORES DE SEGURANÇA	398
CONFESSIONALS—ETHICS REPORTS REQUIRED	398
CONFESSIONAIS DE HCO	401
STAFF MEMBER REPORTS	403
R/Ss, O QUE SIGNIFICAM	406
SECÇÃO QUINZE: BEINGNESS DE VERIFICADOR DE SEGURANÇA	411
BEINGNESS DO VERIFICADOR DE SEGURANÇA	411

GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD
Saint Hill Manor, East Grinstead, Sussex
CARTA POLÍTICA DO HCO DE 16 DE JUNHO DE 1984R

Rev. 5.2.85

Remimeo	EMISSÃO I
FSO	REVISTA 5 FEVEREIRO 1985
Aos	
SHs	(Cancela a BPL 9 fev. 77R,
Orgs Continentais	checksheet de curso de
Orgs Classe IV	MANEJO DE CONFSSIONAIS.)

(Revista para corrigir erros de ortografia na distribuição, requerimentos de audição, duração do curso, e vários ITENS da checksheet, e para atualizar o curso com materiais adicionais.)

(Revisões em Itálicas)

CURSO DE VERIFICADOR DE SEGURANÇA SUPERIOR HUBBARD

(FICHEIROS EDITÁVEIS)

NOME: _____ ORG: _____
DATA DE COMEÇO: _____ DATA DE CONCLUSÃO: _____
POSTO: _____

REQUISITOS:

1. O Chapéu do Estudante.
2. Um Curso de TRs Profissionais.
3. Um Curso de TRs de Doutrinação Superior (ou TRs de Doutrinação Superior exercitados anteriormente em qualquer curso de treino.)
4. Curso do E-Metro Hubbard (ou treino no E-Metro em qualquer curso de treino de auditor profissional.)

(É preferível, mas não obrigatório, que o estudante seja um auditor de Classe IV ou acima.)

DURAÇÃO DO CURSO: Auditor de Classe IV ou acima: 1.5 a 2 semanas a tempo inteiro. Nenhum treino de auditor anterior: 4 semanas a tempo inteiro.

TECH DE ESTUDO: A Tech de Estudo é completamente aplicada. Os ITENS marcados com * são starrate pelos estudantes que não são de Fluxo Rápido.

O estudante pode receber crédito pelos itens de teoria da checksheet estudados em treino de auditor anterior. Contudo, todos os exercícios têm de ser feitos.

PRODUTO: UM VERIFICADOR DE SEGURANÇA QUE PODE PUXAR DE FORMA EFICIENTE OVERTS E WITHHOLDS.

CERTIFICADO: Quando da conclusão desta checksheet, o estudante pode receber o certificado de VERIFICADOR DE SEGURANÇA SUPERIOR HUBBARD (Provisório).

SECÇÃO UM: MANTER A CIENTOLOGIA A FUNCIONAR

- | | | |
|--|---|---------|
| 1. HCO PL 7 Fev. 65 | Nº1 Série KSW Corr & Reemitida 12.10.85
MANTER A CIENTOLOGIA A FUNCIONAR | ___ _ _ |
| 2. HCO PL 17 Jun. 70RB | Nº5R Série KSW Re-rev 25.10.83
DEGRADAÇÕES TÉCNICAS | ___ _ _ |
| 3. HCO PL 14 Fev. 65 | Nº4 Série KSW Reemitida 30.8.80
SALVAGUARDAR A TECNOLOGIA | ___ _ _ |

SECÇÃO DOIS: BASES DE AUDIÇÃO

- | | | |
|--|--|-------------------------------|
| *1. HCO PL 17 abr. 70 II | UM AUDITOR E A "PROTEÇÃO DA MENTE" | ___ _ _ |
| *2. HCO PL 27 Maio 65 | Reemitida 14.4.83 Nº31 Série KSW PROCESSAMENTO | ___ _ _ |
| 3. | DEMO COM PLASTICINA: As três regras mais antigas do processamento. | ___ _ _ |
| *4. HCOB 30 Abr. 69 | CONFIANÇA NO AUDITOR | ___ _ _ |
| 5. HCOB 14 Out. 68 | O CÓDIGO DO AUDITOR | ___ _ _ |
| 6. DEMO: | Cada ponto do código do auditor, incluindo um exemplo da sua violação e um exemplo da sua aplicação correta em audição. (29 demos) | ___ _ _ |
| 7. PAB 38 | O CÓDIGO DO AUDITOR, 1954 (Inglês) | ___ _ _ |
| 8. PAB 39 | O CÓDIGO DO AUDITOR, 1954 (CONCLUSÃO) (Inglês) | ___ _ _ |
| 9. HCOB 23 Maio 71 X | Nº9 Série Audição Básica ADIÇÕES AO CICLO DE COMUNICAÇÃO | ___ _ _ |
| 10. DEMO: | O efeito das adições ao ciclo de comunicação sobre um pc. | ___ _ _ |
| 11. HCOB 23 Maio 71R I | Nº1R Série Audição Básica Rev. 4.12.74
A MAGIA DO CICLO DE COMUNICAÇÃO | ___ _ _ |
| 12. HCOB 23 Maio 71R II | Nº2R Série Audição Básica Rev. 6.12.74
AS DUAS PARTES DA AUDIÇÃO | ___ _ _ |
| 13. | DEMO COM PLASTICINA: Um auditor e pc em comunicação. | ___ _ _ |
| 14. | DEMO COM PLASTICINA: Um auditor a fazer algo pelo pc. | ___ _ _ |
| 15. HCOB 23 Maio 71 III | Nº3 Série Audição Básica
AS TRÊS LINHAS DE COMUNICAÇÃO IMPORTANTES | ___ _ _ |
| 16. HCOB 23 Maio 71R IV | Rev. 4.12.74 Nº4R Série Audição Básica
CICLOS DE COMUNICAÇÃO DENTRO DO CICLO DE AUDIÇÃO | ___ _ _ |
| 17. DEMO: | a) Como o auditor reestimula carga.
b) Como o pc se livra da reestimulação.
c) O que acontece se o pc não chegar a responder à pergunta. | ___ _ _
___ _ _
___ _ _ |
| 18. DEMO: | Desenha todos os ciclos de comunicação dentro do ciclo de audição, segundo o HCOB 23 Maio 71R IV. | ___ _ _ |
| 19. HCOB 23 Maio 71R V | Nº5R Série Audição Básica Rev. 29.11.74
CICLO DE COMUNICAÇÃO EM AUDIÇÃO | ___ _ _ |
| 20. HCOB 17 Out. 62 VI | Nº6 Série Audição Básica
FALHA DO AUDITOR EM COMPREENDER | ___ _ _ |

21. EXERCÍCIO: A resposta correta a um pc que diz algo que tu, o auditor, não compreendes. Este exercício é feito com um treinador que atua como o pc. _____
22. [PALESTRA: 6108C29](#) BASES DA AUDIÇÃO Nº1, SHSBC-46 _____
23. DEMO COM PLASTICINA: "A audição pode ser definida, para o pc, como qualquer coisa que está a manejar as coisas em que a sua atenção está presa." _____
24. [PALESTRA: 6109C05](#) PRINCÍPIOS DA AUDIÇÃO, SHSBC-49 (Inglês) _____
25. DEMO COM PLASTICINA: O efeito de distrair a atenção do pc para fora do seu caso durante a audição. _____
26. [PALESTRA: 6208C21](#) BASES DA AUDIÇÃO Nº2, SHSBC-188 (Inglês) _____
27. DEMO COM PLASTICINA: A diferença entre um auditor com ARC in a auditar um pc, e um auditor a passar mecanicamente através de um exercício. _____
28. [PALESTRA: 6209C18](#) DIRIGIR A ATENÇÃO DO PC, SHSBC-189 _____
29. ENSAIO: Porquê um auditor tem de assumir responsabilidade por dirigir a atenção do pc em sessão. _____
30. CARTAS: a) Estuda [a Carta de Avaliação Humana](#). _____
b) Estuda [a Carta de Atitudes](#). _____
c) Estuda a [Escala de Tom Expandida](#) completa. _____
31. [HCOB 29 Jul. 64](#) BONS INDICADORES NOS NÍVEIS INFERIORES _____
32. [HCOB 26 Out. 70 III](#) OBNOSE E A ESCALA DE TOM _____
33. EXERCÍCIO: Faz os exercícios segundo o HCOB sobre obnose até poderes fazer obnose e descobrir níveis de tom. _____

SECÇÃO TRÊS: UTILIZAÇÃO DO E-METRO

1. LIVRO: [ESSENCIAL DO E-METRO](#) (Capítulos A a L, edição de 1975 ou posterior). _____
2. [HCO PL 14 Jul. 62](#) URGENTE - AUDIÇÃO PERMITIDA (Inglês) _____
3. [HCOB 23 Ago. 68](#) ARBITRARIEDADES _____
4. [HCOB 21 Jul. 62](#) URGENTE -LEITURAS INSTANTÂNEAS _____
5. [HCOB 28 Fev. 71](#) Nº24 Série C/S UTILIZAÇÃO DO E-METRO EM ITENS COM LEITURAS _____
6. [HCOB 5 Ago. 78](#) LEITURAS INSTANTÂNEAS _____
7. [HCOB 8 Jun. 61R](#) Rev. 22.2.79
OBSERVAR O E-METRO, ESTÁS À ESPERA QUE O E-METRO BATA O SAPATEADO? _____
8. DEMO COM PLASTICINA: Uma leitura instantânea. _____
9. [HCOB 27 Maio 70R](#) Rev. 3.12.78, PERGUNTAS E ITENS SEM LEITURAS _____
- *10. [HCOB 23 Jun. 80RA](#) Re-rev 25.10.83 VERIFICAR PERGUNTAS NOS PROCESSOS DOS GRAUS _____
11. DEMO: a) Porquê só percorres perguntas e ITENS de audição com leitura. _____
b) As diferentes alturas em que uma leitura válida pode ocorrer. _____
12. EXERCÍCIOS DO E-METRO: Treino nos Exercícios do E-METRO, usando o [HCOB 10 Dez 65](#), TREINO NOS EXERCÍCIOS DO E-METRO. _____

5RA. ____ 12. ____ 15. ____
 17. ____ 18. ____ 19. ____
 20. ____ 21. ____ 24 ____
 26. ____ 27. ____

13. [HCOB 18 Abr. 68](#) REAÇÕES DA AGULHA ACIMA DE GRAU IV ____
14. EXERCÍCIO: Verifica se perguntas têm leitura até estares à vontade e confiante com este procedimento. O Treinador dá uma variedade de situações para manejar. Todos os chumbos são seguidos da referência às porções relevantes dos HCOBs nesta secção. Aprovação pelo supervisor (ou auditor qualificado). ____
15. [HCOB 21 Jan 77RB](#) Re-rev 25.5.80 CHECKLIST DE TA FALSO ____
16. EXERCÍCIO: Fazer uma Checklist de TA Falso. ____

SECÇÃO QUATRO: ADMIN DE AUDITOR

1. [HCOB 7 Maio 69](#) COMO ESCREVER UM RELATÓRIO DE AUDITOR, FOLHAS DE TRABALHO E RELATÓRIO DE SUMÁRIO, COM ALGUMA INFORMAÇÃO ADICIONAL ____
2. EXERCÍCIO: Exercita algum TR 4 enquanto manténs folhas de trabalho e trabalhos com o E-METRO. ____
3. [BTB 6 Nov. 72R VI](#) Nº13R Série Admin Auditor Rev. 27.8.74 O IMPRESSO DE RELATÓRIO DE AUDITOR ____
4. EXERCÍCIO: Exercita escrever um Impresso de Relatório de Auditor de exemplo. ____
5. [BTB 5 Nov. 72R III](#) Rev. 9.9.74 Nº7R Série Admin Auditor O SUMÁRIO DO FOLDER ____
6. Os restantes boletins da Série sobre Admin do Auditor, incluindo AAS (Série sobre Admin do Auditor [Auditor Admin Series]) 18R, 19R e 21R.
- | | | | |
|--|------|--|------|
| AAS 1R ADMIN DO AUDITOR | ____ | AAS 2 OBTER RESULTADOS HGC | ____ |
| AAS 3R FOLDER E CONTEÚDO | ____ | AAS 4 O FOLDER | ____ |
| AAS 5R FOLHA PROGRESSO CASO | ____ | PL 14/9/71 IMPRESSO | ____ |
| AAS 6R A FOLHA AMARELA | ____ | AAS 7R SUMÁRIO DO FOLDER | ____ |
| AAS 8R GRÁFICOS OCA | ____ | AAS 9R A FOLHA DE PROGRAMA | ____ |
| AAS 10R C/S DO AUDITOR | ____ | AAS 11R RELATÓRIO DE EXAME | ____ |
| PL 8/3/71 IMPRESSO DE EXAME | ____ | AAS 12R RELATÓRIO SUMÁRIO | ____ |
| AAS 13R RELATÓRIO DO AUDITOR | ____ | AAS 14R FOLHAS DE TRABALHO | ____ |
| AAS 15 F. TRABALHO AUDITOR | ____ | AAS 16R LISTAS CORREÇÃO | ____ |
| AAS 17 LISTAS PREPARADAS | ____ | AAS 18R LISTAS L&N | ____ |
| AAS 19R LISTAS DE ASSESS DN | ____ | AAS 20R RELATÓRIOS MISTOS | ____ |
| AAS 21RA TABELA FLUXOS DN | ____ | AAS 22RA SUM. ERROS FOLDER | ____ |
| AAS 23RA FORM. FATURA | ____ | BPL 3/1/72 FORMULÁRIO | ____ |

SECÇÃO CINCO: RUDIMENTOS E SESSÃO MODELO

1. [PALESTRA: 6411C10](#) SHSBC-46 PTPs, OVERTS E QUEBRAS DE ARC ____

2.	HCOB 7 Set. 64 II	PTPS, OVERTS E QUEBRAS DE ARC	___	___	___
3.	DEMO COM PLASTICINA: O que acontece quando auditas por cima de:				
	a)	um PTP.	___	___	___
	b)	um overt.	___	___	___
	c)	uma Quebra de ARC.	___	___	___
*4.	HCOB 4 Abr. 65	QUEBRAS DE ARC E WITHHOLDS FALHADOS	___	___	___
5.	PALESTRA: 6101C24	3SA ACC-2 (PRÉ-SESSÃO 38) WITHHOLDS E ESTAR EM SESSÃO	___	___	___
6.	DEMO COM PLASTICINA: O que estar em sessão realmente é.		___	___	___
7.	PALESTRA: 6211C01	SHSBC-206, O WITHHOLD FALHADO DEIXADO PASSAR	___	___	___
8.	DEMO COM PLASTICINA: A diferença entre um withhold e um withhold falhado.		___	___	___
*9.	HCOB 15 Ago. 69	LIMPAR RUDIMENTOS	___	___	___
*10.	HCOB 11 Ago. 78 I	RUDIMENTOS, DEFINIÇÕES E LINGUAGEM	___	___	___
*11.	HCOB 6 Jun. 84 III	MANEJAR WITHHOLDS FALHADOS	___	___	___
*12.	HCOB 6 Set. 68	VERIFICAR LEITURAS FALSAS	___	___	___
*13.	HCOB 11 Set. 68	LEITURAS FALSAS	___	___	___
*14.	HCOB 23 Ago. 71	Nº1 Série C/S DIREITOS DOS AUDITORES	___	___	___
15.	EXERCÍCIO:	Limpa Ruds num pc. (Por gradientes, todas as situações que poderiam aparecer em ruds.)	___	___	___
16.	EXERCÍCIO:	Enquanto percorres "Os pássaros voam?" num treinador, exercita descobrir e manejar situações de ruds ficarem fora, segundo o Nº1 da Série sobre o C/S. Feito com o treinador no E-METRO e mantendo o Admin da sessão.	___	___	___
17.	HCOB 4 Dez 77	CHECKLIST PARA PREPARAR SESSÕES E O E-METRO	___	___	___
18.	EXERCÍCIO:	Preparar para uma sessão, segundo o HCOB 4 Dez 77.	___	___	___
19.	HCOB 21 Jun. 72 I	Nº38 Série Clarif. Palavras MÉTODO 5	___	___	___
*20.	HCOB 9 Ago. 78 II	CLARIFICAR COMANDOS	___	___	___
21.	EXERCÍCIO:	Clarificar comandos (usando perguntas sem significado).	___	___	___
*22.	HCOB 7 Ago. 78	HAVINGNESS - DESCOBRIR E PERCORRER O PROCESSO DE HAVINGNESS DO PC	___	___	___
23.	EXERCÍCIO:	Descobrir e percorrer o processo de havingness do pc.	___	___	___
*24.	HCOB 11 Ago. 78 II	SESSÃO MODELO	___	___	___
25.	EXERCÍCIO:	Dar um começo e um fim de sessão Tom 40.	___	___	___
26.	EXERCÍCIO:	Procedimento completo de Sessão Modelo, com o E-METRO e mantendo Admin.	___	___	___
27.	PRÁTICA:	Com Ok do C/S, limpa ruds e percorre havingness num pc usando Sessão Modelo completa.	___	___	___

SECÇÃO SEIS: FENÓMENO FINAL

*1.	HCOB 20 Fev. 70	AGULHAS FLUTUANTES E FENÓMENO FINAL	___	___	___
2.	HCOB 21 Mar 74	FENÓMENO FINAL	___	___	___

3. HCOB 3 Jul. 71R	Rev. 22.2.79, AUDIÇÃO POR LISTAS REVISTO	___	___	___
4. DEMO:	O fenómeno final de um rudimento.	___	___	___
5. DEMO:	O fenómeno final de uma linha numa lista de correção.	___	___	___
6. DEMO:	O fenómeno final de uma lista de correção.	___	___	___
7. DEMO:	Overrun numa F/N.	___	___	___
8. DEMO:	O que acontece quando cortas um EP.	___	___	___
9. DEMO COM PLASTICINA:	O fim de um processo principal.	___	___	___
10. HCOB 7 Mar 75	EXT. E ACABAR A SESSÃO	___	___	___

SECÇÃO SETE: SECÇÃO DE AUDIÇÃO

NOTA: TODAS AS AÇÕES DE AUDIÇÃO NESTA SECÇÃO SÃO FEITAS EM SESSÃO MODELO COMPLETA. AS AÇÕES TÊM DE TER OK DO C/S. ESPERA-SE QUE O AUDITOR ESTUDANTE EXERCITE AS AÇÕES ANTES DE AUDITAR DE FORMA A ESTAR FAMILIARIZADO COM O QUE VAI ESTAR A FAZER EM SESSÃO, SEGUNDO O HCOB 13 SET. 65, TECH OUT. E COMO MANTÊ-LA IN.

*1. HCOB 6 Nov. 64	ESTILOS DE AUDIÇÃO (Nível 0 - Estilo de Ouvir)	___	___	___
2. HCOB 10 Dez 64	AUDIÇÃO DE ESTILO DE OUVIR	___	___	___
3. EXERCÍCIO:	Estilo de Ouvir com um parceiro, usando o comando: "Conta-me acerca de ____ (fruta)." O auditor estudante usa os incitadores conforme necessário.	___	___	___
*4. LIVRO:	LIVRO DOS REMÉDIOS DE CASO, Remédio BH.	___	___	___
5. EXERCÍCIO:	Remédio BH com um parceiro.	___	___	___
6. AUDIÇÃO:	Obtém um Ok do C/S e depois percorre um pc no Remédio BH em Sessão Modelo.	___	___	___
*7. HCOB 6 Nov. 64	ESTILOS DE AUDIÇÃO (Nível 1 - Audição Amordaçada)	___	___	___
8. HCOB 1 Out. 65R	Rev. 24.2.75 TR MURMÚRIO	___	___	___
9. EXERCÍCIO:	TR Murmúrio.	___	___	___
10. HCOB 10 Jul. 64	OVERTS - ORDEM DE EFICÁCIA NO PROCESSAMENTO	___	___	___
11. HCOB 12 Jul. 64	MAIS SOBRE O/Ws	___	___	___
*12. HCOB 6 Nov. 64	ESTILOS DE AUDIÇÃO (Nível 2 - Estilo de Guia)	___	___	___
13. EXERCÍCIO:	Exercita a Audição de Estilo de Guia. Este exercício é feito com um treinador que toma o papel do pc. O estudante percorre uma pergunta de 2WC, como: "Conta-me acerca de peixe" ou "Conta-me acerca de pássaros", e depois percorre "Os pássaros voam?" ou "Os peixes nadam?" como um processo repetitivo. O exercício é passado quando o estudante pode fazer Audição de Estilo de Guia sem enganos.	___	___	___
14. AUDIÇÃO:	Consegue Ok do C/S e depois leva um pc para sessão e percorre um dos comandos (o primeiro que tiver leitura ao verificá-lo) do HCOB 12 Jul. 64, MAIS SOBRE O/Ws, usando audição de Estilo de Guia. Percorre até F/N, cog, VGIs.	___	___	___
	Atestado pelo C/S de Estudantes _____			

1. Faz Clarificação de Palavras e demos das Palavras Chave seguintes:

*2. HCOB 23 Dez 59	RESPONSABILIDADE	___	___	___
3. HCOB 28 Jan 60	A CHAVE PARA TODOS OS CASOS: RESPONSABILIDADE	___	___	___
4. DEMO:	a) A causa da individuação.	___	___	___
	b) O significado de responsabilidade.	___	___	___
5. PALESTRA: 6201C16	SHSBC-100 A NATUREZA DE WITHHOLDS	___	___	___
6. PALESTRA: 6202C20	SHSBC-113 O QUE É UM WITHHOLD?	___	___	___
7. HCOB 8 Set. 64	OVERTS, O QUE ESTÁ POR DETRÁS DELES?	___	___	___
8. HCOB 20 Maio 68	SEQUÊNCIA DE OVERT-MOTIVADOR	___	___	___
9. PALESTRA: 6204C03	SHSBC-131 A SEQUÊNCIA DE OVERT MOTIVADOR	___	___	___
10. DEMO:	A sequência de overt-motivador.	___	___	___
*11. HCOB 8 fev. 62	URGENTE - WITHHOLDS FALHADOS	___	___	___
12. HCOB 12 fev. 62	COMO LIMPAR WITHHOLDS E WITHHOLDS FALHADOS	___	___	___
13. HCOB 21 Set. 65	TECNOLOGIA FORA	___	___	___
14. PALESTRA: 6205C22	SHSBC-151 WITHHOLDS FALHADOS	___	___	___
15. HCOB 21 Jan 60	JUSTIFICAÇÃO	___	___	___
16. PALESTRA: 5911C25	IMACC-26 INDIVIDUAÇÃO	___	___	___
17. DEMO COM PLASTICINA:	A Sequência de Overt-Motivador completa, incluindo justificação e individuação.	___	___	___
*18. HCOB 3 Maio 62R	Rev. 5.9.78, QUEBRAS DE ARC, WITHHOLDS FALHADOS	___	___	___
19. DEMO:	Cada uma das 15 manifestações de um MWH. (15 demos)	___	___	___
20. EXERCÍCIO:	fazer uma sessão de Withhold Falhados segundo o HCOB 8 fev. 62, WITHHOLDS FALHADOS.	___	___	___
21. PRÁTICA:	Dá a um pc uma Sessão de W/H Falhados segundo o HCOB acima.	___	___	___
	Atestado pelo C/S de Estudantes	___	___	___

SECÇÃO NOVE: TEORIA BÁSICA DE VERIFICAÇÃO DE SEGURANÇA

*1. LIVRO: ESSENCIAL DO E-METRO , Secção H.	_____
2. HCOB 31 Dez 59 BLOW-OFFS	_____
3. HCOB 8 fev. 60 Reemitida 14.10.85 PESSOAS HONESTAS TAMBÉM TÊM DIREITOS	_____
4. HCOB 25 fev. 60 A CIENTOLOGIA PODE TER UMA VITÓRIA DE GRUPO	_____
5. HCOB 5 Out. 61 MÃOS LIMPAS FAZEM UMA VIDA FELIZ	_____
*6. HCOB 10 Jul. 64 OVERTS - ORDEM DE EFICÁCIA NO PROCESSAMENTO	_____
7. PALESTRA: 6202C14 SHSBC-117 DIRIGIR ATENÇÃO	_____
8. DEMO: Porque é que os Overts funcionam e porquê retirá-los produz o mais alto ganho em levantar o nível de causa.	_____
9. HCOB 6 Jun. 69 PREDIÇÃO E CONSEQUÊNCIAS	_____
10. HCOB 29 Set. 65 II O ATO OVERT CONTÍNUO	_____
11. DEMO: a) Como o ato overt contínuo impede os ganhos de caso. b) Como pôr in a disciplina no ambiente pode acelerar o "caso de ganho lento".	_____
12. HCOB 16 Nov. 61 VERIFICAÇÃO DE SEGURANÇA, GENERALIDADES NÃO SERVEM	_____
13. HCOB 31 Jan 70 WITHHOLDS, DAS OUTRAS PESSOAS	_____
14. HCOB 24 Jun. 62 PREPCHECKING	_____
15. DEMO: a) O que fazes quando um pc dá uma generalidade. b) O que fazes quando um pc dá o overt de outra pessoa.	_____
16. PALESTRA: 6205C02 SH TVD-4A PREPCHECKING, PARTE 1	_____
17. PALESTRA: 6205C02 SH TVD-4B PREPCHECKING, PARTE 2	_____
18. PALESTRA: 6205C03 SHSBC-142 PERÍCIA - FUNDAMENTOS	_____

SECÇÃO DEZ: MATERIAIS ANTI-Q&A

1. PAB 43 COLOCAR O PC NA ESCALA DE TOM	_____
2. DEMO: Demora [falta] de comunicação e como se relaciona com a Verificação de Segurança.	_____
3. DICIONÁRIO TÉCNICO: Q&A.	_____
*4. HCOB 7 Abr. 64 TODOS OS NÍVEIS, Q&A	_____
5. HCOB 20 Nov. 73 II Nº89 Série C/S LEVA ATÉ F/N O QUE PEDES OU PROGRAMAS	_____
6. HCOB 21 Nov. 73 A CURA DO Q&A, A DOENÇA MAIS MORTÍFERA DO HOMEM	_____
7. HCOB 24 Maio 62 Q&A	_____
*8. HCOB 5 abr. 80 Q&A, A VERDADEIRA DEFINIÇÃO	_____
9. DEMO COM PLASTICINA: Q&A.	_____
10. HCOB 20 Nov. 73 I 21º CURSO CLÍNICO AVANÇADO, EXERCÍCIOS DE TREINO	_____
11. EXERCÍCIO: Exercício Anti-Q&A.	_____
12. HCOB 21 Mar 62 DADOS SOBRE PREPCHECKING, QUANDO FAZER O QUÊ	_____

13. DEMO: A ação do auditor quando o pc origina um overt num assunto diferente quando estás a descer por uma cadeia de overts. _____

SECÇÃO ONZE: PROCEDIMENTO DE VERIFICAÇÃO DE SEGURANÇA

1. [HCO PL 6 Jun. 84](#) N°2 Série RD Propósito Falso
A "TECH PERDIDA" DE MANEJAR OVERTS E PROPÓSITOS MAUS _____
2. [HCOB 30 Nov. 78](#) PROCEDIMENTO CONFESSIONAL _____
3. [HCOB 30 Jul. 70](#) Reemitida 6.6.84, A TECH E ÉTICA DOS CONFESSIONAIS _____
4. [HCOB 26 Maio 60](#) VERIFICAÇÕES DE SEGURANÇA _____
5. [HCOB 30 Mar 60](#) INTERROGAÇÃO _____
6. [PALESTRA: 6106C14](#) SHSBC-14 SEMINÁRIO - WITHHOLDS _____
7. [PALESTRA: 6106C20](#) SHSBC-16 PERGUNTAS DE VERIFICAÇÃO DE SEGURANÇA - RUDIMENTOS MÚTUOS _____
8. [HCOB 17 fev. 74](#) N°91 Série C/S RUDIMENTOS FORA, MÚTUOS _____
9. DEMO: Como os rudimentos Out. mútuos aparecem e como se maneja. _____
10. [HCOB 13 Dez 61](#) VARIAR PERGUNTAS DE VERIFICAÇÃO DE SEGURANÇA _____
11. DEMO: A diferença entre variar uma pergunta e Q&A. _____
12. EXERCÍCIO: Toma uma pergunta sem significado, como "Alguma vez comeste maçãs?", e exercita variá-la até que o consigas fazer suavemente e com facilidade. _____
13. [PALESTRA: 6106C29](#) SHSBC-23, VERIFICAÇÃO DE SEGURANÇA DE ALVO ERRADO _____
14. [PALESTRA: 6109C13](#) SHSBC-53, VERIFICAÇÃO DE SEGURANÇA E WITHHOLDS _____
15. [PALESTRA: 6109C26](#) SHSBC-58 ENSINAR O CAMPO - VERIFICAÇÕES DE SEGURANÇA _____
16. [PALESTRA: 6111C02](#) SHSBC-75, COMO FAZER VERIFICAÇÕES DE SEGURANÇA _____
17. [HCOB 30 Jun. 67](#) EVIDÊNCIAS DE UMA ÁREA ABERRADA _____
18. EXERCÍCIO: Formula algumas perguntas de Verificação de Segurança para: _____
a) Um executivo. _____
b) Um registador. _____
19. [HCOB 19 Out. 61](#) AS PERGUNTAS DE SEGURANÇA TÊM DE SER ANULADAS _____
20. DEMO: O que pode acontecer a um pc se deixares uma pergunta de verificação de segurança sem estar flat. _____
21. [PALESTRA: 6403C19](#) SHSBC-12, PÔR UM PROCESSO FLAT _____
22. [PALESTRA: 6303C27](#) SHSBC-254, VERIFICAÇÃO DE SEGURANÇA SHTVD-19 _____
23. DEMO: A diferença no modo de audição entre verificação de segurança e rudimentos. _____
24. EXERCÍCIO: Levar uma pergunta de verificação de segurança até ao fim, usando uma pergunta sem significado, com "Alguma vez roubaste maçãs?" _____

25. PALESTRA: 6110C04	SHSBC-62 CÓDIGOS MORAIS: O QUE É UM WITHHOLD	___	___	___
26. DEMO:	Porque fazes verificação de segurança segundo um código moral.	___	___	___
27. PALESTRA: 6110C05	SHSBC-63, VERIFICAÇÃO DE SEGURANÇA - TIPOS DE WITHHOLDS	___	___	___
28. DEMO:	a) W/H Intencional.	___	___	___
	b) W/H Não intencional.	___	___	___
	c) W/H Reputacional.	___	___	___
29. PALESTRA: 6110C26	SHSBC-72, VERIFICAÇÃO DE SEGURANÇA ERROS DE AUDIÇÃO	___	___	___
*30. HCOB 16 Nov. 61	VERIFICAÇÃO DE SEGURANÇA, GENERALIDADES NÃO SERVEM	___	___	___
31. EXERCÍCIO:	Usando perguntas sem significado, como "Alguma vez roubaste maçãs?", exercita:			
	a) Manejar uma pessoa a dar os withholds de outra pessoa.	___	___	___
	b) Manejar um pc que usa "withholds" para espalhar todo o género de mentiras.	___	___	___
32. PALESTRA: 6112C12	SHSBC-91, VERIFICAÇÕES DE SEGURANÇA NO PROCESSAMENTO	___	___	___
*33. HCOB 13 Dez 61	VARIAR PERGUNTAS DE VERIFICAÇÃO DE SEGURANÇA	___	___	___
34. EXERCÍCIO:	Variar perguntas de Verificação de Segurança até que o possas fazer suavemente e sem Q&A.	___	___	___
35. PALESTRA: 6201C10	SHSBC-98, VERIFICAÇÕES DE SEGURANÇA WITHHOLDS	___	___	___
36. PALESTRA: 6202C06	SHSBC-111, WITHHOLDS	___	___	___
37. PALESTRA: 6202C07	SHSBC-112, WITHHOLDS FALHADOS	___	___	___
*38. HCOB 22 fev. 62	WITHHOLDS, FALHADOS PARCIALMENTE	___	___	___
*39. HCOB 4 Abr. 65	QUEBRAS DE ARC E WITHHOLDS FALHADOS	___	___	___
40. EXERCÍCIO:	a) Manejar um "pc com withholds que tem muitas quebras de ARC".	___	___	___
	b) Manejar um pc que se recusa a dar os seus withholds.	___	___	___
41. HCOB 8 Mar 62	O MAU "AUDITOR"	___	___	___
42. HCOB 15 Mar 62	SUPRESSORES	___	___	___
43. DEMO:	a) Porque alguém que tem medo de descobrir acerca das coisas se chama um Mau Auditor.	___	___	___
	b) Como tal pessoa seria manejada.	___	___	___
44. HCOB 21 Maio 62	WITHHOLDS FALHADOS, PERGUNTAR ACERCA DE	___	___	___
45. PALESTRA: 6205C29	SHSBC-153, VERIFICAÇÃO DE SEGURANÇA, PREPCHECKING	___	___	___
46. HCOB 7 Set. 78	PREPCHECKING REPETITIVO	___	___	___
47. DEMO:	Verificar rapidamente os Rudimentos Médios usando a pergunta em pacote.	___	___	___
48. PALESTRA: 6210C04	SHSBC-198 VERIFICAÇÃO DE SEGURANÇA MODERNA	___	___	___

49. HCOB 13 Set. 65R	Rev. 12.2.81, Nº26 Série KSW, TÉCNICA FORA E COMO PÔ-LA DENTRO	___	___	___
50. DEMO:	a) O que é um W/H inadvertente.	___	___	___
	b) Como manejar isto.	___	___	___
*51. HCOB 1 Mar 77 II	IMPRESSOS DE CONFESSIONAL	___	___	___
52. HCOB 7 Maio 77	VERIFICAÇÃO DE SEGURANÇA DE LONGA DURAÇÃO	___	___	___
*53. HCOB 30 Nov. 78	PROCEDIMENTO CONFESSIONAL	___	___	___
54. HCOB 8 Jun. 84	Nº4 Série RD Propósito Falso LIMPANDO JUSTIFICAÇÕES	___	___	___
55. EXERCÍCIO:	Procedimento de Confessional, incluindo retirar as justificações do pc.	___	___	___
56. HCOB 16 Jun. 84 II	"ROTINA DE ASSASSINATO"	___	___	___
57. EXERCÍCIO:	Rotina de Assassinato.	___	___	___
58. HCOB 8 Mar 82R	Rev. 24.4.83, CONFESSIONAIS E A ZONA DE NÃO INTERFERÊNCIA	___	___	___
59. HCOB 23 Out. 83	VERIFICAÇÃO DE SEGURANÇA: NOTA	___	___	___
60. HCOB 10 Nov. 78RA I	Re-rev 27.6.86, PROCLAMAÇÃO, PODER PARA PERDOAR	___	___	___
61. EXERCÍCIO:	O procedimento para conceder perdão ao pc.	___	___	___

SECÇÃO DOZE: DADOS CHAVE SOBRE O E-METRO

PARA VERIFICAÇÃO DE SEGURANÇA

1. PALESTRA: 6205C23	SH TVD-7 "PESCAR E PROCURAR" - VERIFICAR AGULHAS SUJAS	___	___	___
*2. HCOB 6 Set. 78	SEGUIR AGULHAS SUJAS	___	___	___
3. EXERCÍCIO:	Limpar uma agulha suja usando Pescar e Procurar.	___	___	___
4. HCOB 23 Nov. 61	LER O E-METRO	___	___	___
5. HCOB 23 Maio 62	LEITURAS NO E-METRO, PREPCHECKING, COMO OS E-METROS SÃO INVALIDADOS	___	___	___
6. DEMO:	Como os E-METROS são invalidados.	___	___	___
7. PALESTRA: 6205C24	SHSBC-148, DADOS SOBRE O E-METRO, LEITURAS INSTANTÂNEAS	___	___	___
	PARTE I	___	___	___
	PARTE II	___	___	___
8. HCOB 25 Maio 62	LEITURAS INSTANTÂNEAS NO E-METRO	___	___	___
9. DEMO:	a) Compartimentar uma pergunta.	___	___	___
	b) Guiar.	___	___	___
10. HCOB 18 Mar 74R	Rev. 22.2.79, E-METRO, ERROS DE SENSIBILIDADE	___	___	___
*11. HCOB 3 Set. 78	DEFINIÇÃO DE UM ROCKSLAM	___	___	___
12. DEMO:	A diferença entre a aparência de um Rockslam e uma agulha suja.	___	___	___
13. HCOB 6 Jun. 84 I	ROCKSLAMS, MAIS ACERCA DE	___	___	___

SECÇÃO TREZE: PDH E IMPLANTES

- | | | | | |
|-------------------------------------|---|-----|-----|-----|
| *1. HCOB 25 Maio 62 | LEITURAS INSTANTÂNEAS NO E-METRO | ___ | ___ | ___ |
| *2. HCOB 11 abr. 82 | VERIFICAÇÃO DE SEGURANÇA DE IMPLANTES | ___ | ___ | ___ |
| *3. HCOB 13 abr. 82 | AGULHA PARADA E CONFESSIONAIS | ___ | ___ | ___ |
| 4. EXERCÍCIO: | a) Manejar uma F/N que não flui e que salta no fim. | ___ | ___ | ___ |
| | b) Manejar uma agulha parada numa verificação de segurança. | ___ | ___ | ___ |

SECÇÃO CATORZE: ADMIN PARA VERIFICADORES DE SEGURANÇA

- | | | | | |
|--------------------------------------|---|-----|-----|-----|
| *1. HCO PL 10 Mar 82 | Reemitida 20.6.86, CONFESSIONAIS - RELATÓRIOS DE ÉTICA REQUERIDOS | ___ | ___ | ___ |
| 2. HCOB/PL 7 Jan 85 | CONFESSIONAIS DE HCO | ___ | ___ | ___ |
| 3. HCO PL 1 May 65 | RELATÓRIOS DO STAFF | ___ | ___ | ___ |
| 4. HCOB 10 Ago. 76R | Rev. 5.9.78, R/SES, O QUE SIGNIFICAM | ___ | ___ | ___ |

SECÇÃO QUINZE: BEINGNESS DE VERIFICADOR DE SEGURANÇA

- | | | | | |
|-------------------|---|-----|-----|-----|
| 1. HCOB 8 Nov. 84 | BEINGNESS DO VERIFICADOR DE SEGURANÇA | ___ | ___ | ___ |
| 2. EXERCÍCIO: | Procedimento de Confessional no beingness de um Verificador de Segurança. | ___ | ___ | ___ |

SECÇÃO DEZASSEIS: PRÁTICA

- | | | | | |
|---------------|--|-----|-----|-----|
| 1. EXERCÍCIO: | Cada uma das ações seguintes, com Admin completo (usando perguntas sem significado). Faz-se primeiro o exercício sem provocação até que o estudante tenha certeza sobre o procedimento. Faz-se depois provocado (usando o HCOB 24 Maio 68, A AÇÃO DO TREINADOR). | | | |
| | a) Clarificar a pergunta. | ___ | ___ | ___ |
| | Idem, provocado | ___ | ___ | ___ |
| | b) Puxar overts e withholds (inclui conseguir as justificações do pc). | ___ | ___ | ___ |
| | Idem, provocado | ___ | ___ | ___ |
| | c) Puxar M/W/Hs. | ___ | ___ | ___ |
| | Idem, provocado | ___ | ___ | ___ |
| | d) Levar até ao fim uma pergunta de verificação de segurança. Utiliza uma pergunta sem sentido como "Alguma vez roubaste maçãs?" (Ref: Palestra 6303C27 SHTVD-19, VERIFICAÇÃO DE SEGURANÇA À PALESTRA DE LRH). | ___ | ___ | ___ |
| | Idem, provocado | ___ | ___ | ___ |
| | e) Compartimentar uma pergunta (Ref: HCOB 25 Maio 62, LEITURAS INSTANTÂNEAS NO E-METRO). | ___ | ___ | ___ |
| | Idem, provocado | ___ | ___ | ___ |
| | f) Guiar um pc no E-METRO (Ref: HCOB 25 Maio 62, LEITURAS INSTANTÂNEAS NO E-METRO). | ___ | ___ | ___ |

	Idem, provocado	___	___	___
	g) Uso de botões de falso e protesto.	___	___	___
	Idem, provocado	___	___	___
	h) Manejar um pc que está a dar generalidades (Ref: HCOB 16 Nov. 61, VERIFICAÇÃO DE SEGURANÇA À GENERALIDADES NÃO SERVEM, HCOB 21 Mar 61, DADOS SOBRE PREPCHECK, QUANDO FAZER O QUÊ).	___	___	___
	Idem, provocado	___	___	___
	i) Manejar um pc que "retira" os withholds das outras pessoas. (Ref: HCOB 31 Jan 70, WITHHOLDS, DAS OUTRAS PESSOAS).	___	___	___
	Idem, provocado	___	___	___
	j) Manejar um pc que seja crítico.	___	___	___
	Idem, provocado	___	___	___
	k) Manejar um "pc com withholds que tem muitas quebras de ARC" (Ref: HCOB 4 abr. 65, QUEBRAS DE ARC E WITHHOLDS FALHADOS).	___	___	___
	Idem, provocado	___	___	___
	l) Manejar um pc que esteja a dar overts falsos (Ref; HCOB 10 Jul. 64, OVERTS, ORDEM DE EFICÁCIA NO PROCESSAMENTO).	___	___	___
	Idem, provocado	___	___	___
	m) Variar a pergunta	___	___	___
	Idem, provocado	___	___	___
	n) Manejar um pc que esteja a desorientar o auditor.	___	___	___
	Idem, provocado	___	___	___
	o) Aplicar a Rotina de Assassinato num pc (Ref: HCOB 6 Jun. 84 II, "ROTINA DE ASSASSINATO").	___	___	___
	Idem, provocado	___	___	___
	p) Manejar uma agulha suja.	___	___	___
	Idem, provocado	___	___	___
	q) Rudimentos Finais.	___	___	___
	Idem, provocado	___	___	___
	r) Procedimento completo de Verificação de Segurança.	___	___	___
	Idem, provocado	___	___	___
2.	LIVRO: O LIVRO DOS REMÉDIOS DE CASO, Remédios C, D, E, AF, AJ, AT, AU, BB.	___	___	___
3.	EXERCÍCIO: Cada remédio relacionado em 2 acima:			
C	___	AJ	___	___
D	___	AT	___	___
E	___	AU	___	___
AF	___	BB	___	___
4.	*HCOB 23 Jul. 80R Rev. 26.7.86, LISTA DE REPARAÇÃO DE CONFESSIONAL - LCRE	___	___	___

- | | | |
|---------------|--|--------|
| 5. EXERCÍCIO: | Manejar cada linha da LCRE. (NOTA: Exercita somente os manejos até ao teu nível de treino.) | ____ _ |
| 6. AUDIÇÃO: | Faz a verificação de segurança com pelo menos 2 pcs diferentes até estares a fazer rotineiramente Sessões Bem Feitas (3 sessões WD ou VWD de seguida). | ____ _ |
| 7. AUDIÇÃO: | Audita uma LCRE num pc. | ____ _ |

SECÇÃO DEZASSETETE: CONCLUSÃO DE CURSO DO ESTUDANTE

1. Eu atesto que completei totalmente esta checksheet, que não tenho mal-entendidos nos materiais, que posso aplicar de forma consistente e bem-sucedida os materiais do curso.

ESTUDANTE: _____ DATA: _____

2. Eu treinei este estudante ao melhor das minhas capacidades e ele/ela completou os requisitos desta checksheet e sabe e pode aplicar os dados da checksheet.

SUPERVISOR: _____ DATA: _____

3. Este estudante demonstrou que é capaz de auditar com audição Básica standard e que pode puxar withholds de forma eficaz.

C/S: _____ DATA: _____

4. CONDICIONAL: Se o estudante não completou o Método 1 de Clarificação de Palavras e o Chapéu de Estudante, ou o Rundown Primário ou o Rundown de Correção Primário, um exame escrito é feito em Qual sobre os materiais desta checksheet. Passe a 85%.

DIR. VALIDADE: _____ DATA: _____

5. O estudante atesta que: a) Inscreveu-se corretamente no curso, b) pagou pelo curso, c) estudou e compreendeu todos os materiais na checksheet, d) fez os exercícios exigidos na checksheet e e) pode produzir os resultados requeridos nos materiais do curso, e recebe o certificado de VERIFICADOR DE SEGURANÇA SUPERIOR HUBBARD (Provisório).

ESTUDANTE: _____ DATA: _____

CERTS & ATRIBUIÇÕES: _____ DATA: _____

(Esta checksheet é enviada para o Administrador de Curso para arquivar na pasta do estudante.)

L. RON HUBBARD

Fundador

Compilação da checksheet
assistida por

Investigações e Compilações
Técnicas de LRH

Adotado como política

Oficial da Igreja pela

IGREJA DE CIENTOLOGIA
INTERNACIONAL

LRH:CSI:RTRC:sw:rw:iw:fa:iw

Tradução RMF:BF:rmf

autorizada por I/A Off CLO EU

SECÇÃO UM: MANTER A CIENTOLOGIA A FUNCIONAR

GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

SOLAR DE ST. HILL, GRINSTEAD ORIENTAL, SUSSEX,

HCOPL DE 7 DE FEVEREIRO DE 1965

Reem. 15 Jun. 70, 28 Jan. 1973

Reem. 27 Ago. 1980

Corrigida e Reemit. 12 Out. 1985

MANTER A CIENTOLOGIA A FUNCIONAR

Nota: A negligência desta Carta Política causou grandes dificuldades ao pessoal, custou milhões sem fim e tornou necessário em 1970 entrar num esforço internacional total para restaurar a Cientologia básica pelo mundo inteiro. Cinco anos após a emissão desta PL, comigo fora das linhas, a sua violação quase destruiu as Orgs. Apareceram "Graus à pressa" e negaram ganhos a dezenas de milhares de casos. Por isso, as ações que negligenciam ou violam esta Carta Política são ALTOS CRIMES, resultando em Comm-Evs sobre ADMINISTRADORES e EXECUTIVOS. Não é "inteiramente uma questão Técnica", pois a sua negligência destruiu as Orgs e causou uma recessão de 2 anos. Reforça-la É O DEVER DE TODO O MEMBRO DO PESSOAL.

MENSAGEM ESPECIAL

A CARTA POLÍTICA SEGUINTE SIGNIFICA O QUE DIZ.

ERA VERDADE EM 1965 QUANDO EU A ESCREVI. ERA VERDADE EM 1970 QUANDO A MANDEI REEMITIR. ESTOU A REEMITI-LA AGORA, EM 1980, PARA MAIS UMA VEZ EVITAR DE NOVO DESLIZAR PARA UM PERÍODO EM QUE AÇÕES FUNDAMENTAIS DA CARTA DE GRAUS SÃO OMITIDAS E APRESSADAS NOS CASOS, NEGANDO ASSIM OS GANHOS E AMEAÇANDO A VIABILIDADE DA CIENTOLOGIA E DAS ORGS. A CIENTOLOGIA CONTINUARÁ A FUNCIONAR SÓ ENQUANTO VOCÊ FIZER A SUA PARTE PARA A MANTER A FUNCIONAR APLICANDO ESTA CARTA DE POLÍTICA.

O QUE EU DIGO NESTAS PÁGINAS SEMPRE FOI VERDADE, É VERDADE HOJE, AINDA VAI SER VERDADE NO ANO 2000 E VAI CONTINUAR A SER VERDADE DAÍ PARA A FRENTE.

NÃO IMPORTA ONDE VOCÊ ESTÁ EM CIENTOLOGIA, SE ESTÁ NO PESSOAL OU NÃO, ESTA CARTA POLÍTICA TEM ALGO A VER CONSIGO.

TODOS OS NÍVEIS

MANTER A CIENTOLOGIA A FUNCIONAR

Um Hat Check (aferição de função) é feito pelo Séc. do HCO ou Comunicador a todo o pessoal e todo o pessoal novo à medida que vai entrando.

Há já algum tempo que nós ultrapassámos o ponto em que atingimos uma tecnologia uniformemente funcional.

A única coisa agora é fazer aplicar essa tecnologia.

Se não consegue fazer aplicar a tecnologia, então você não consegue entregar o prometido. É tão simples como isso. Se você conseguir fazer aplicar a tecnologia, *pode* entregar o prometido.

A única coisa pela qual você pode ser criticado por estudantes ou Pcs é a "falta de resultados". Os apuros só ocorrem quando há "falta de resultados". Ataques de governos ou monopólios só ocorrem quando há "falta de resultados" ou "maus resultados".

Por isso o caminho diante da Cientologia é claro, e o seu sucesso último está assegurado *se* a tecnologia for aplicada.

Portanto, fazer aplicar a tecnologia correta é a tarefa do Secretário da Associação ou da Organização, do Secretário do HCO, do Supervisor de Caso, do Diretor de Processamento, do Diretor de Treino e de todos os membros do pessoal.

Fazer aplicar a tecnologia correta consiste de:

- Um: Ter a tecnologia correta.
- Dois: Saber a tecnologia
- Três: Saber que é correta.
- Quatro: Ensinar corretamente a tecnologia correta.
- Cinco: Aplicar a tecnologia.
- Seis: Assegurar-se de que a tecnologia é aplicada corretamente.
- Sete: Exterminar a tecnologia incorreta.
- Oito: Eliminar as aplicações incorretas.
- Nove: Fechar as portas a qualquer possibilidade de tecnologia incorreta.
- Dez: Fechar as portas à aplicação incorreta.

Um acima, tem sido feito.

Dois, tem sido atingido por muitos.

Três, é atingido pelo indivíduo que aplica a tecnologia correta de uma forma correta e observa que esta funciona dessa forma.

Quatro, está a ser feito diariamente com sucesso na maioria das partes do mundo.

Cinco, é consistentemente realizado no dia a dia.

Seis, é consistentemente atingido por instrutores e supervisores.

Sete, é feito por uns poucos, mas é um ponto fraco.

Oito, não é trabalhado com força suficiente.

Nove, é impedido pela atitude "razoável" daqueles que não devem muito à inteligência.

Dez, raramente é feito com suficiente ferocidade.

Sete, Oito, Nove e Dez são as únicas áreas em que a Cientologia se pode atolar em qualquer lugar.

As razões para isto não são difíceis de encontrar:

Uma certeza fraca de que funciona em Três acima pode levar a uma fraqueza em Sete, Oito, Nove e Dez.

Além disso, os que não devem muito à inteligência têm um ponto fraco no botão da Autoimportância.

Quanto mais baixo é o Q.I., mais o indivíduo é privado dos frutos da observação.

Os Fac-símiles de Serviço das pessoas fazem-nas defenderem-se contra qualquer coisa que confrontem, boa ou má, procurando tornar essa coisa errada.

O Banco procura eliminar o bem e perpetuar o mal.

Assim nós, como Cientologistas e como organização, temos que estar muito alerta com Sete, Oito, Nove e Dez.

Em todos os anos que eu estive ocupado com a pesquisa mantive as minhas linhas de comunicação completamente abertas para os dados de investigação. Em tempos tive a ideia de que um grupo poderia desenvolver algo de verdadeiro. Um terço de século desenganou-me totalmente dessa ideia. Disposto como eu estava a aceitar sugestões e dados, só uma mão cheia de sugestões (menos de vinte) tiveram valor de longa duração e *nenhuma* era principal ou básica, e quando realmente eu aceitei sugestões principais ou básicas e as usei, nós despistámo-nos e eu arrependi-me e tive por fim que arcar com toda a humilhação.

Por outro lado, tem havido milhares e milhares de sugestões e notas escritas que, se fossem aceites e levadas a cabo, teriam resultado na destruição total de todo o nosso trabalho, bem como da sanidade dos Pcs. Portanto, eu sei o que é que um grupo de pessoas vai fazer e quão insanas elas vão ficar quanto aceitarem a "tecnologia" não funcional. Segundo dados reais, a percentagem de possibilidades de um grupo de seres humanos imaginar má tecnologia para destruir uma boa tecnologia é de cerca de 100.000 para 20. Como conseguimos até hoje avançar sem sugestões, então é melhor fortalecermo-nos para continuarmos a fazê-lo, agora que aqui chegámos. É claro que este ponto vai ser atacado como "impopular", "egoísta" e "não democrático". Pode muito bem ser. Mas também é um ponto de sobrevivência. E eu não vejo que as medidas populares, a auto abnegação e a democracia tenham feito alguma coisa pelo homem, a não ser empurrarem-no mais para a lama. Atualmente a popularidade aconselha novelas degradadas, a auto abnegação encheu as selvas do Sudeste Asiático de ídolos de pedra e cadáveres, e a democracia deu-nos a inflação e o imposto de rendimento.

A nossa tecnologia não foi descoberta por um grupo. Verdade seja dita que, se o grupo não me tivesse apoiado de muitas maneiras, eu também não a teria descoberto. Mas ainda assim, se nos seus estados de formação não foi descoberta por um grupo, então pode assumir-se facilmente que os esforços de um grupo não a acrescentarão nem a alterarão com sucesso no futuro. Eu só posso dizer isto agora que está feita. É claro que resta a classificação ou coordenação de grupo, daquilo que tem sido feito e que vai ser valioso, mas só enquanto não procurar alterar os princípios básicos e aplicações bem-sucedidas.

As contribuições que valeram a pena neste período de formação da tecnologia foram a ajuda na forma de amizade, de defesa, de organização, de disseminação, de aplicação, de conselhos sobre resultados e de finanças. Estas foram grandes contribuições, e foram e são apreciadas. Muitos milhares contribuíram desta forma e tornaram-nos no que nós somos hoje. A contribuição para a descoberta, contudo, não fez parte da cena geral.

Não vamos especular aqui porque é que isto foi assim, ou como é que eu consegui levantar-me acima do Banco. Só estamos a lidar com factos, e o que foi dito acima é um facto: o grupo, deixado aos seus próprios meios, não teria desenvolvido a Cientologia, tendo-a simplesmente destruído com estranhas dramatizações do Banco chamadas "novas ideias". A apoiar isto está o facto de que o homem nunca desenvolveu anteriormente uma tecnologia mental funcional. Prova disto é a tecnologia maligna que ele *realmente* desenvolveu: a psiquiatria, a psicologia, a cirurgia, o tratamento de choque, os chicotes, a dureza, a punição, etc., até ao infinito.

Portanto, compreendam que nós emergimos da lama por qualquer boa sorte e bom senso, e recusamo-nos a afundar-nos nela outra vez. Assegure-se de que Sete, Oito, Nove e Dez acima são seguidos inflexivelmente e nunca seremos parados. Relaxe, fique razoável acerca deles e nós pereceremos.

Até agora, embora mantivesse completa comunicação com todas as sugestões, não falhei em Sete, Oito, Nove e Dez nas áreas que eu pude supervisionar de perto. Mas não é suficientemente bom ser só eu e uns poucos a trabalhar nisto.

Sempre que este controlo segundo Sete, Oito, Nove e Dez foi relaxado, toda a zona organizacional falhou. Testemunhas disto são Elisabeth, N. J., Wichita, as primeiras organizações e grupos. Eles despenharam-se só porque eu deixei de fazer Sete, Oito, Nove e Dez. Depois, quando estavam todos baralhados, viram-se as "razões" óbvias do fracasso. Mas antes disso pararam de entregar e *isso* envolveu-os com outras razões.

O denominador comum de um grupo é o Banco Reativo. Thetans sem Bancos têm respostas diferentes. Eles *só* têm os seus Bancos em comum. Assim eles só concordam com princípios do Banco. O Banco é idêntico de pessoa para pessoa. Portanto, as ideias construtivas são *individuais* e só muito raramente conseguem concordância num grupo humano. O indivíduo tem que subir *acima* de uma *ânsia de concordância* da parte de um grupo humanoide, para fazer qualquer coisa decente. A Concordância-de-Banco foi o que tornou a Terra num Inferno (e se estava à procura do Inferno e encontrou a Terra, essa certamente que servirá). Guerra, fome, agonia e doença têm sido o destino do Homem. Neste momento, os grandes Governos da Terra desenvolveram os meios de "fritar" todos os Homens, Mulheres e Crianças deste planeta. Isso é Banco. Isso é o resultado da Concordância de Pensamento Coletivo. As coisas decentes e agradáveis deste planeta vêm de ações e ideias *individuais* que foram de alguma forma apanhadas pela Ideia do Grupo. Quanto a isso, olhe como nós próprios somos atacados pela "opinião pública" dos média. No entanto não existe grupo mais ético neste planeta do que nós próprios.

Assim, cada um de nós pode subir acima do domínio do Banco, e então, como grupo de seres libertos, atingir a liberdade e a razão. Só o grupo aberrado, a multidão, é destrutivo.

Quando não faz Sete, Oito, Nove e Dez ativamente, está a trabalhar para a multidão dominada pelo Banco. Pois esta de certeza que irá:

introduzir tecnologia incorreta e jurar por ela,
aplicar a tecnologia tão incorretamente quanto possível,
abrir a porta a qualquer ideia destrutiva e
encorajar a aplicação incorreta.

É o Banco que diz que o grupo é tudo, e que o indivíduo não é nada. É o Banco que diz que nós temos que falhar.

Portanto não jogue pura e simplesmente esse jogo. Faça Sete, Oito, Nove e Dez e eliminará do seu caminho todos os futuros espinhos.

Aqui está um verdadeiro exemplo em que um executivo superior teve que interferir porque um Pc estava a enlouquecer: Um Supervisor de Caso disse ao Instrutor 'A' para fazer o Auditor 'B' correr o Processo 'X' no Preclaro 'C'. O Auditor 'B' disse depois ao Instrutor 'A' que o processo "não funcionou". O Instrutor 'A' era fraco em Três acima e não acreditava realmente em Sete, Oito, Nove e Dez. Portanto o Instrutor 'A' disse ao Supervisor de Caso: "O Processo X não funcionou no Preclaro 'C'".

Bem, *isto* vai imediatamente contra cada um dos pontos de Um a Seis acima no Preclaro 'C', Auditor 'B', Instrutor 'A' e no Supervisor de Caso. Isto abre a porta à introdução de "nova tecnologia" e ao fracasso.

O que é que aconteceu aqui? O Instrutor 'A' não apertou o pescoço ao Auditor 'B'. Foi isso que aconteceu. Isto é o que ele *deveria* ter feito: ter agarrado no relatório do Auditor e olhado para ele. Quando um executivo superior neste caso o fez, descobriu aquilo que o Supervisor de Caso e o resto não tinham visto: que o Processo 'X' *aumentou* o TA do Preclaro 'C' para 25 divisões de TA na sessão, mas que perto do fim da sessão o Auditor 'B' fez Q&A com uma cognição e abandonou o Processo 'X' quando o TA ainda estava alto e desatou a correr um processo da sua própria autoria que quase enlouqueceu o Preclaro 'C'. Ao examinar isto, descobriu-se que o Q.I. do Auditor 'B' era cerca de 75. Descobriu-se que o Instrutor 'A' tinha grandes ideias sobre nunca se poder invalidar ninguém, nem sequer um lunático. Descobriu-se que o Supervisor de Caso estava "ocupado demais com o trabalho administrativo para ter tempo para casos reais".

Muito bem. Este é um exemplo demasiado típico. O *Instrutor* deveria ter feito Sete, Oito, Nove e Dez. Isto teria começado desta maneira. Auditor 'B': "O Processo 'X' não funcionou". Instrutor 'A': "Exatamente, o que é que *tu* fizeste mal?" Ataque instantâneo. "Onde é que está o teu relatório de sessão? Ótimo. Olha aqui, tu estavas a ter muito TA quando paraste o Processo 'X'. O que é que fizeste?" Então o Pc não teria quase enlouquecido e todos estes quatro teriam garantido a sua certeza.

No espaço de um ano tive quatro ocorrências *num* pequeno grupo em que o processo correto recomendado foi reportado como não tendo funcionado. Mas durante a revisão descobriu-se que cada um tinha: (A) aumentado o TA, (B) sido abandonado e (C) sido falsamente relatado como não funcional. Também, apesar deste abuso, em cada um destes quatro casos o processo recomendado e correto resolveu o caso. Ainda assim eles foram relatados como *não tendo funcionado*!

Existem exemplos semelhantes na instrução, e estes são de todos os mais mortíferos, pois cada vez que a instrução da tecnologia correta falha, então, o erro resultante, não sendo corrigido no auditor, vai perpetuar-se em cada Pc que esse auditor auditar daí em diante. Portanto Sete, Oito, Nove e Dez são ainda mais importantes num curso do que na supervisão de casos.

Eis um exemplo: Um louvor delirante é dado a um estudante que se estava a graduar "porque ele consegue mais TA nos Pcs do que qualquer outro estudante do curso!" São relatados números da ordem de 435 divisões de TA por sessão. Também isso está incluído no louvor: "É claro que a sua sessão modelo é deficiente, mas isto é um dom que ele tem".

Uma revisão cuidadosa é levada a cabo porque *ninguém* nos níveis de 0 a IV irá conseguir tanto TA assim com os Pcs. Descobre-se então que este estudante nunca tinha sido ensinado a ler o quadrante de TA do E-Metro! E não houve nenhum instrutor que tivesse observado o seu manejo do e-metro para descobrir que ele "ultra-compensava" nervosamente o TA, girando-o duas ou três divisões para lá do ponto onde este necessitava estar para colocar a

agulha em "set". Portanto toda a gente estava pronta para atirar fora os processos standard e a sessão modelo, porque este estudante "conseguia um TA tão incrível". Eles só liam os relatórios e ouviam as fanfarrônicas, e nunca *olharam* para este estudante. Os Pcs estavam de facto a fazer ganhos ligeiramente abaixo da média, impedidos por uma sessão modelo tosca e processos mal pronunciados. Assim, aquilo que estava a fazer os Pcs vencerem (a verdadeira Cientologia) estava escondido debaixo de um monte de desvios e erros.

Estou a lembrar-me dum estudante que estava a “*esquilar*” (desviar-se para práticas estranhas ou alterar a Cientologia) num curso da Academia e que, depois das horas do curso, andava a auditar outros estudantes na banda total usando um monte de processos não standard. Os estudantes da Academia estavam eletrizados com todas estas novas experiências e não foram rapidamente postos sob controlo. O próprio estudante nunca tinha aprendido os mecanismos Sete, Oito, Nove e Dez de forma a compreendê-los. Subsequentemente, este estudante impediu que outro *esquilo* fosse corrigido e a sua mulher morreu de cancro resultante de abuso físico. Um instrutor duro e inflexível nesse momento, poderia ter salvo dois *esquilos* e poupado a vida a uma rapariga. Mas não, os estudantes tinham o direito de fazer o que mais lhes agradasse.

A *esquilagem* só aparece a partir da não compreensão. Normalmente a não compreensão não é da Cientologia, mas de um contacto anterior com alguma estranha prática humanoide que por sua vez não foi compreendida.

Quando as pessoas não conseguem obter resultados a partir *daquilo que elas pensam* ser a prática standard pode contar-se que *esquilarão*, nalguma medida. A maioria dos sarilhos nos dois últimos anos vieram de Orgs onde um executivo *não conseguia* assimilar a Cientologia correta. Quando se lhes ensinava Cientologia eles eram incapazes de definir termos ou de demonstrar exemplos de princípios. As Orgs onde eles estavam meteram-se em montes de sarilhos. E, pior ainda, isto não pôde ser corrigido facilmente porque nenhuma destas pessoas conseguia ou queria duplicar as instruções. Assim, deu-se um colapso em duas áreas, tendo sido diretamente descobertas na origem, falhas anteriores na instrução.

Portanto, a instrução correta é vital. O DdeT e os seus Instrutores e todos os Instrutores de Cientologia têm que ser impiedosos a pôr Quatro, Sete, Oito, Nove e Dez eficazmente em ação.

Aquele estudante, por mais estúpido e impossível que pareça e sem utilidade para ninguém, pode ainda um dia vir a ser a fonte de incríveis sarilhos porque ninguém esteve suficientemente interessado em se *assegurar* que ele tinha compreendido a Cientologia.

Com aquilo que nós agora sabemos, não há nenhum estudante inscrito que não possa ser corretamente treinado. Como Instrutor, uma pessoa deveria estar muito alerta ao avanço lento, e virar pessoalmente os preguiçosos do avesso. Nenhum *sistema* o vai fazer, só você ou eu, com as mangas arregaçadas, podemos partir as pernas ao mau estudo, e só o podemos fazer com o estudante individual, nunca com uma classe inteira. Ele é lento, logo algo está altamente errado. Tome ações *rápidas* para corrigir isso. Não espere até à semana que vem. Nessa altura ele vai ter outras confusões agarradas. Se não os conseguir graduar apelando ao bom senso, gradue-os num tal estado de choque que eles vão ter pesadelos se contemplarem *esquilagem*. Depois a experiência vai gradualmente criar Três neles e eles vão *saber* que é melhor não andarem a apanhar borboletas quando deveriam estar a auditar.

Quando alguém se inscreve, considere que ele aderiu para toda a duração do universo. Nunca permita uma abordagem de "espírito aberto". Se eles vão desistir, deixe-os desistir depressa. Se eles se inscreveram, eles estão a bordo e se estão a bordo, estão aqui nos mesmos termos que nós, para morrer ou vencer na tentativa. Nunca os deixe ficarem indecisos quanto a serem

Cientologistas. As melhores organizações da história têm sido organizações duras e dedicadas. Nunca nenhum grupo indeciso de diletantes efeminados alguma vez fez alguma coisa. É um universo duro. O verniz social fá-lo parecer suave. Mas só os tigres sobrevivem, e mesmo *esses* passam um mau bocado. Nós vamos sobreviver porque somos duros e dedicados. Quando nós *realmente* instruímos alguém corretamente, esse alguém se torna cada vez mais um tigre. Quando nós instruímos indecisamente e temos medo de ofender, temos receio de impor, não transformamos os estudantes em bons Cientologistas e isso deixa toda a gente em baixo. Quando a Sra. Queque vem ter connosco para ser ensinada, transforme aquela dúvida vaga nos seus olhos num olhar brilhante, decidido e fixo, ela vai vencer e todos nós venceremos. Apaparique-a e todos nós morreremos um pouco. A atitude correta de instrução é: "tu estás aqui, portanto tu és um Cientologista. Agora vamos transformar-te num auditor especializado, aconteça o que acontecer. Antes queremos ver-te morto do que incapaz".

Alinhe isto ao contexto económico da situação e à falta de tempo adequado e verá a cruz que temos de carregar.

Mas não teremos que a carregar para sempre. Quanto maiores ficarmos, mais tempo e meios teremos para fazer o nosso trabalho. As únicas coisas que nos podem impedir de crescer tão rapidamente são as áreas de Um a Dez. Tenha-as em mente e seremos capazes de crescer, e depressa. E à medida que crescermos, as nossas grilhetas serão cada vez menores. Fracassar em manter Um a Dez fará com que *nós* crescamos menos.

Portanto, o ogre que nos poderia comer não é o Governo nem são os Altos Sacerdotes. É a nossa possível falha de conservar e praticar a nossa tecnologia.

Um Instrutor, Supervisor ou Executivo *tem* que desafiar com ferocidade casos de "não funcionalidade". Eles têm que descobrir o que *realmente* aconteceu, o que *foi* percorrido, o que *realmente* foi feito, ou que não foi feito.

Se tiver Um e Dois, só consegue adquirir Três para todos assegurando-se de todo o resto.

Nós não estamos a jogar algum jogo menor em Cientologia. Não é algo engraçado para fazer à falta de melhor.

Toda a futura agonia deste planeta, todos os seus homens, mulheres e crianças e o seu próprio destino para os próximos triliões de anos sem fim, dependem daquilo que você fizer aqui e agora, dentro e com a Cientologia.

Esta é uma atividade altamente séria. Se fracassarmos em sair da armadilha agora, poderemos nunca mais voltar a ter outra oportunidade.

Lembre-se, esta é a primeira oportunidade para o fazermos em todos os infindáveis triliões de anos do passado. Não a perca agora porque parece desagradável ou antissocial fazer os pontos Sete, Oito, Nove e Dez.

Faça-os e nós venceremos.

L. RON HUBBARD

Fundador

GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOPL DE 17 DE JUNHO DE 70R

Reemit.30 Ago.80

Rev.25 de Out.83

KSW Séries 5R

URGENTE E IMPORTANTE

DEGRADAÇÕES TÉCNICAS

Qualquer Folha de Controlo em uso ou guardada que contiver qualquer declaração degradante, tem que ser destruída e reemitida sem qualificação.

Exemplo: As Folhas de Controlo dos Níveis de 0 a IV de SH dizem: "A. Materiais de Informação. Esta seção é incluída como informação histórica, mas tem muito interesse e valor para o estudante. A maioria dos processos já não são usados, tendo sido substituídos por tecnologia mais moderna. Só se exige que o estudante leia estes materiais e se assegure que não deixa mal-entendidos". Este título cobre coisas como TRs, Op Pro by Dup!

A declaração é uma falsidade.

Estas Folhas de Controlo não foram aprovadas por mim, e todo o material dos Cursos da Academia e SH ESTÃO em uso.

Ações como esta deram-nos os "Graus à Pressa", criaram quebras de ARC com o exterior e degradaram os Cursos da Academia e de SH.

Uma condição de TRAIÇÃO, cancelamento de certificados ou despedimento e uma investigação total do passado de qualquer pessoa declarada culpada, serão ativados no caso de cometer os seguintes ALTOS CRIMES:

1. Abreviar um Curso oficial de Dianética e Cientologia de forma a perder qualquer parte da teoria dos processos ou eficácia do assunto.
2. Adicionar comentários ou instruções às Folhas de Controlo rotulando qualquer material de "informação" ou "já não usado" ou "velho" ou qualquer ação semelhante que resulte no estudante não saber, não usar e não aplicar os dados sobre os quais está a ser treinado.
3. Usar depois do dia 1 de Setembro de 1970 qualquer Folha de Controlo para qualquer curso que não seja autorizada por mim ou pela Unidade Internacional da Autoridade de Verificação e de Correção (AVC Int).
4. (As Folhas de Controlo dos Hats podem ser autorizadas localmente segundo HCO PL 30 Set. 70 FORMATO DA FOLHA DE CONTROLO).
5. Não cortar de uma Folha de Controlo que, entretanto, continue em uso, quaisquer comentários como "histórico", "informação", "não usado", "velho", etc., ou DECLARÁ-LO VERBALMENTE AOS ESTUDANTES.

6. Permitir, sem sequer aconselhar ou avaliar, que um Pc ateste segundo a sua vontade mais de um Grau de cada vez.
7. Correr apenas um processo de um Grau inferior entre 0 e IV, quando o EP do Grau não foi atingido.
8. Não usar todos os processos de um nível quando o EP não foi atingido.
9. Gabar-se da rapidez de entrega numa sessão, como "Eu acabo o Grau Zero em 3 minutos", etc.
10. Encurtar o tempo de aplicação da audição por considerações financeiras ou de economia de pessoal.
11. Atuar de qualquer forma calculada para perder o uso da tecnologia de Dianética e Cientologia, impedir o seu uso ou encurtar os seus materiais ou a sua aplicação.

RAZÃO: Nas organizações considerou-se que a melhor forma de fazer os estudantes terminarem os seus cursos e processar os Pcs, é reduzir os materiais ou retirar processos dos Graus. A pressão exercida para acelerar as completações dos estudantes e dos Pcs foi erradamente resolvida simplesmente não entregando os serviços.

A maneira correta de apressar o progresso de um estudante é através do uso de Comunicação nos 2 Sentidos e da aplicação dos materiais de estudo.

A melhor maneira de realmente manejar os Pcs é assegurar-se de que eles fazem cada nível completamente antes de irem para o seguinte e corrigi-los quando não o fazem.

O enigma do declínio da rede inteira de Cientologia no fim dos anos 60 é totalmente explicado pelas ações empreendidas para encurtar o tempo de estudo e de processamento, retirando materiais e suprimindo ações.

A solução para uma recuperação é o uso e a entrega da Dianética e Cientologia completas.

O produto de uma organização é o seguinte: estudantes bem treinados e Pcs auditados a fundo. Quando o produto desaparece, a organização faz o mesmo. E elas têm de sobreviver para bem deste planeta.

L. RON HUBBARD

Fundador

GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOPL DE 14 DE FEVEREIRO DE 1965

(Reemit. 7 Jun. 67, com a palavra
“instrutor” substituída por “supervisor”)

KSW Série 4

SALVAGUARDAR A TECNOLOGIA

Há já alguns anos que temos a palavra “esquilar”. Ela significa alterar a Cientologia, práticas irregulares. Trata-se de uma coisa má. Eu encontrei maneira de explicar o porquê.

A Cientologia é um *sistema funcional*. Isto não significa que seja o melhor sistema possível ou um sistema perfeito. Lembremos e usemos aquela definição. A Cientologia é um *sistema funcional*.

Em cinquenta mil anos de história, só deste planeta, o Homem nunca desenvolveu um sistema funcional. É duvidoso que num futuro previsível ele venha alguma vez a desenvolver outro.

O Homem está aprisionado num gigantesco e complexo labirinto. Para sair dele é preciso que siga cuidadosamente o caminho aberto da Cientologia.

A Cientologia tirá-lo-á para fora do labirinto, mas só se ele seguir as pisadas exatas dos túneis.

Levei um terço de século nesta vida para traçar a rota de saída.

Está provado que os esforços feitos pelo Homem para encontrar esta rota, não deram em nada.

Também é um facto evidente que a rota chamada Cientologia conduz *realmente* ao exterior do labirinto. Por isso é um sistema funcional, uma rota que pode ser seguida.

O que é que poderíamos pensar dum guia que, porque o seu grupo disse que estava escuro, o caminho era mau e que outro túnel tinha melhor aspeto, abandonou a rota que ele sabia conduzir ao exterior e o levou para um perdido ermo no escuro? Pensaríamos que ele era um banana dum guia.

O que é que poderíamos pensar de um supervisor que deixasse um estudante abandonar o procedimento que ele sabia funcionar? Pensaríamos que ele era um banana dum supervisor.

O que é que aconteceria num labirinto se um guia deixasse uma moça parar num belo desfiladeiro e a abandonasse ali para sempre a contemplar as rochas? Pensaríamos que ele era um guia sem coração. Pelo menos esperávamos que ele dissesse: “menina, essas rochas podem ser muito bonitas, mas o caminho não é por aí”.

Bom, então e se um auditor abandonar o procedimento que acabaria por fazer Clear o seu Pc só porque este teve uma cognição?

As pessoas têm seguido a rota confundindo-a com “o direito a ter as suas próprias ideias”. Toda a gente tem certamente o direito a ter as suas próprias opiniões, e ideias e cognições desde que estas não barrem a saída a si próprio e aos outros.

A Cientologia é um sistema funcional. Ela indica a saída do labirinto com setas. Se não existissem estas setas a indicar os túneis corretos, o Homem continuaria a andar às voltas como o fez durante milénios, precipitando-se para caminhos incorretos, andando em círculos, acabando preso na escuridão e só.

A Cientologia, exata e corretamente seguida, tira a pessoa do caos.

Portanto, quando vemos alguém que se diverte a mandar toda a gente tomar peiote porque restimula pré-natais, sabemos que ele está a pôr pessoas fora da rota. Reparem que ele está a esquilar. Ele não está a seguir a rota.

A Cientologia é uma coisa nova; é a saída para o exterior. Nunca existiu outra. Nem toda a arte de vender deste mundo pode mudar uma rota má para uma rota correta. E estão a ser vendidas uma quantidade enorme de rotas más. O seu produto final é mais escravatura, mais escuridão, mais miséria.

A Cientologia é o único sistema funcional que o Homem possui. Ela já levou pessoas para um Q.I. mais alto, melhores vidas e tudo mais. Nenhum outro sistema o fez. Veja que por isso não tem concorrentes.

A Cientologia é um sistema funcional. Tem a rota traçada. A investigação está feita. Agora a rota só precisa ser seguida.

Por isso temos que pôr os pés dos estudantes e preclaros nessa rota. Não os podemos deixar fora dela, não importa quão fascinantes para eles sejam as rotas laterais. E temos que os mover para cima e para fora.

Esquilar é hoje algo destrutivo de um sistema funcional.

Não deixemos a nossa gente cair. Seja por que meios forem, há que mantê-los na rota. E eles serão livres. Se não o fizermos nós, eles não o farão.

L. RON HUBBARD

Fundador

SECÇÃO DOIS: BASES DE AUDIÇÃO

GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOPL DE 17 DE ABRIL DE 1970

Emissão II

Remimeo

Todos os Auditores

Todos os Estudantes

Checksheet Nível 0

O AUDITOR E “A PROTEÇÃO DA MENTE”

Nenhum auditor deveria auditar com medo de causar danos irreparáveis no caso de cometer um erro.

Os seguintes extratos são de “A Dianética: a Ciência Moderna da Saúde Mental” Livro 3, Capítulo 1, “A proteção da Mente”.

”A mente é um mecanismo Auto protetor. Sem o uso de drogas, como na narcossíntese, nos choques, na hipnose e na cirurgia, o auditor não pode cometer erros que ele próprio não possa remediar ou com a ajuda de outro auditor”.

”Qualquer caso, por mais sério que seja e por mais desajeitado que o auditor seja, melhora mais sendo tratado do que deixado intocável”.

L. RON HUBBARD

Fundador

GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD
Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,
HCOPL DE 27 DE MAIO DE 1965

Divs Qual & Tech
TODOS OS CURSOS
Div. HCO

TODOS OS CURSOS

PROCESSAMENTO

Desde 1950 que a regra férrea é não deixar Pcs em apuros só para terminar uma sessão.

Durante quinze anos continuámos sempre uma sessão em que o Pc se encontrava em dificuldades e eu próprio auditei um Pc durante nove *horas adicionais*, de facto toda a noite, só para levar o Pc através da dificuldade.

Auditores mais novos, que não foram treinados na dura escola de correr engramas, têm que aprender tudo isto de novo.

Não importa se o auditor foi ou não regulamentado sobre isto, pensamos que bastaria decência comum, pois deixar um Pc no meio de um secundário ou de um engrama e apenas acabar friamente a sessão é bastante cruel. Alguns fazem isto porque ficam espantados ou têm medo e raspam-se (fogem terminando a sessão).

Os auditores que terminam ou mudam um processo quando ele ligou um forte somático, são igualmente ignorantes.

O QUE O FAZ LIGAR FÁ-LO-Á DESLIGAR

Esta é a mais antiga regra de audição.

Claro que as pessoas que entram em secundários e engramas, atravessam emoções negativas e fortes somáticos. Isto acontece porque as coisas se estão a *esgotar*. Terminar um processo ou sessão por causa das horas, é ignorar o verdadeiro propósito da audição

As mais antigas regras que temos são:

- (a) LEVAR O PC A ATRAVESSÁ-LO
- (b) O QUE O FAZ LIGAR FÁ-LO-Á DESLIGAR
- (c) A SAÍDA É ATRAVÉS

Elas ficam expressas em HCOPL.

Um relatório de auditor falsificado é também sujeito a Tribunal de Ética.

Qualquer auditor que viole esta HCOPL fica sujeito a um imediato Tribunal de Ética convocado dentro das 24 horas seguintes à ofensa, ou urgentemente, logo que possível.

NÃO HÁ PROCESSO QUE NÃO FUNCIONE QUANDO EXATAMENTE APLICADO.

Por isso, aos olhos da Ética, todas as falhas de audição são falhas de Ética; PTSs, Pessoas Supressivas como Pcs, ou não cumprimento da Tech por auditores.

E a primeira afronta que um auditor pode cometer é cessar de auditar quando ele é mais necessário ao seu Pc.

Daqui que é a mais importante consideração da Ética evitar tais ocorrências.
Então faremos Pcs felizes, Libertos e Claros.

L RON HUBBARD
Fundador

GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB DE 30 DE ABRIL DE 69

CONFIANÇA NO AUDITOR

Um Pc tende para a capacidade de confrontar na proporção em que se sente seguro.

Se o Pc está a ser auditado num ambiente inseguro de audição, ou sujeito a interrupções, o seu confronto decresce grandemente e o resultado é uma capacidade reduzida de escoar elos, secundários e engramas, e apagá-los.

Se os TRs do Auditor são maus e a sua atitude é incerta ou de desafio, avaliativa ou invalidativa, o confronto do Pc reduz-se a zero ou pior.

Isto provém dum conjunto de leis muito antigas (Tese Original):

Auditor+Pc maior do que banco,

Auditor+Banco maior do que o pc,

PC-Auditor menor do que o Banco.

(Por "banco" quer-se dizer a coleção de imagens mentais do Pc. Este termo foi tirado da tecnologia de computador onde todos os dados estão num "banco").

A diferença entre auditores não é o facto de um ter mais dados do que outro, ou mais truques. A diferença é que um auditor conseguirá melhores resultados do que outro devido á sua adesão mais estrita aos procedimentos, a melhores TRs, a uma maior confiança e à mais estreita observância do Código do Auditor.

Não há necessidade de qualquer "forma maternal" ou expressão de compaixão. Simplesmente, um auditor que sabe os procedimentos e tem bons TRs, inspira mais confiança. O Pc não precisa pôr a atenção no auditor, ou arcar com ele, e sente-se mais seguro, podendo assim confrontar melhor o banco.

L. RON HUBBARD
Fundador

GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,
HCOPL DE 14 DE OUTUBRO DE 1968RA

Rev. 19.6.80

(Também HCOB 19.6.80)

O CÓDIGO DO AUDITOR

AD18

Celebrando os 100% de Vitórias alcançáveis com a Tecnologia Standard prometo, como auditor, seguir o Código do Auditor.

- 1- Prometo não avaliar pelo preclaro nem lhe dizer o que ele deve pensar sobre o seu caso, em sessão.
- 2- Prometo não invalidar nem o caso nem os ganhos do preclaro, dentro ou fora de sessão.
- 3- Prometo não ministrar a um preclaro nada mais a não ser Tecnologia Standard de uma forma standard.
- 4- Prometo respeitar todas as marcações de audição, uma vez feitas.
- 5- Prometo não auditar um preclaro que esteja cansado ou não tenha tido repouso suficiente.
- 6- Prometo não auditar um preclaro que não esteja suficientemente alimentado ou que esteja com fome.
- 7- Prometo não permitir uma mudança frequente de auditores.
- 8- Prometo não entrar em empatia para com um preclaro, mas sim, ser eficiente.
- 9- Prometo não permitir que o preclaro termine a sessão por sua própria determinação, mas sim terminar os ciclos que iniciei.
- 10- Prometo nunca abandonar um preclaro em sessão.
- 11- Prometo nunca me encolerizar com um preclaro em sessão.
- 12- Prometo auditar cada ação maior do caso até à sua agulha flutuante.
- 13- Prometo nunca auditar qualquer ação individual para além da sua agulha flutuante.
- 14- Prometo conceder condição de ser ao preclaro em sessão.
- 15- Prometo não misturar os processos de Cientologia com outras práticas, exceto quando o preclaro estiver fisicamente doente e convierem unicamente cuidados médicos.
- 16- Prometo manter a Comunicação com o preclaro em sessão e não cortar a sua comunicação nem o deixar fazer Overrun em sessão.
- 17- Prometo não introduzir comentários, expressões ou perturbações numa sessão que distraiam um preclaro do seu caso.
- 18- Prometo continuar a dar ao preclaro, em sessão, o processo ou o comando de audição sempre que necessário.
- 19- Prometo não deixar um preclaro executar um comando mal compreendido.

20- Prometo não explicar, justificar ou pedir desculpas em sessão, por qualquer erro, quer real quer imaginário, de um auditor.

21- Prometo só avaliar o estado do caso corrente de um preclaro através dos dados Standard da Supervisão de Caso e a não divergir por qualquer diferença imaginária no caso.

22- Prometo nunca usar os segredos de um preclaro divulgados em sessão para punição ou ganho pessoal.

23- Prometo assegurar que quaisquer honorários recebidos para processamento sejam reembolsados, se o preclaro não estiver satisfeito e o exigir dentro de um período de três meses após o dito processamento, sendo a única condição que ele não pode ser de novo processado ou treinado.

24- Prometo não preconizar o uso da Cientologia unicamente para a cura de doenças ou para tratar os doentes mentais, sabendo bem que ela tem como objetivo o melhoramento espiritual.

25- Prometo cooperar totalmente com as organizações legais de Dianética e Cientologia, tal como desenvolvidas por L. Ron Hubbard, na salvaguarda do uso e prática ética do assunto, de acordo com as bases da Tecnologia Standard

26- Prometo recusar-me a permitir que qualquer ser seja fisicamente maltratado, violentamente estropiado, operado ou morto em nome de "tratamento mental".

27- Prometo não permitir liberdades sexuais ou violação dos mentalmente diminuídos.

28- Prometo recusar-me a admitir nas fileiras de praticantes qualquer ser mentalmente doente.

Auditor _____

Data _____

Testemunha _____ Lugar _____

LRH.

P.A.B. No. 38

PROFESSIONAL AUDITOR'S BULLETIN

From L. RON HUBBARD

Via Hubbard Communications Office
163 Holland Park Avenue, London W.11

29 October 1954

THE AUDITOR'S CODE 1954

A Basic Course in Scientology – Part 5

1. DO NOT EVALUATE FOR THE PRECLEAR.

The main difficulty of the preclear is other-knowingness. An auditor auditing a preclear has before him someone whose last stronghold of owned knowingness is his engram bank and various mental phenomena. As much as possible, the preclear should be permitted to discover the answers to this phenomena through the process of auditing. What the auditor is doing is steering. If he tells consistently what is to be found or what will happen, the preclear will not get well. The steering, of course, is a covert but highly acceptable method of inviting the preclear to find out. Giving a process's commands is an invitation to this discovery. The auditor is working from a body of knowledge as to how all minds and spirits function. The preclear could even be trained in this high generality without harm, and certainly can be audited in such a high generality, but its particularities and peculiarities, the phenomena which occur, must not be "telegraphed" to the preclear before they occur, and when something has occurred to the preclear the auditor should not then come up with its explanation. This was the entire failure of psychoanalysis. The preclear would say something, and the analyst would then tell the preclear what it meant.

The auditor should confine himself to giving the proper auditing commands and engaging in enough "dunnage" (extra and relatively meaningless talk) to maintain a two-way communication line.

2. DO NOT INVALIDATE OR CORRECT THE PRECLEAR'S DATA.

After a preclear has informed the auditor of an incident in his life it would be a fatal error, so far as the preclear's case is concerned, for the auditor, using other data, to inform the preclear that he did not have a proper recall on the incident. This is the main trouble with husband and wife auditing teams, and why they normally do not work. Both have been present under various circumstances, and the husband or the wife doing the auditing on the other may find it impossible to repress his or her own version after the other one has delivered up an incident. Today's type of auditing enters incidents minimally; therefore opportunities of this kind are not as frequent as in earlier days. Verbal invalidation is, of course, the symbolic manifestation of force. Invalidation, when expressed in emotion and effort, is force. When the preclear is invalidated he feels as though he has been struck by some force. One of the lowest levels on this line of invalidation is criticism. Lacking the effort or energy to hit somebody, a covert person criticizes or otherwise invalidates.

3. USE THE PROCESSES WHICH IMPROVE THE PRECLEAR'S CASE.

In a series of tests conducted to discover why certain co-auditing teams had failed to effect an improvement, it was found that the auditor in each of these failed teams had been auditing out of the preclear what should have been audited out of the auditor. Top-flight Scientology processes minimize this difficulty, for they audit the common denominator, as nearly as it can be approached, of the difficulties in any and all minds. Nevertheless, auditors have a tendency to do to the preclear what should be done to the auditor in the way of processing. Furthermore, there are processes which effect improvement only after a great deal of auditing, and although this might be considered remunerative, it is actually not efficient since an auditor tying himself to one case is not benefiting the society as a whole, and is so defying his own third dynamic.

4. KEEP ALL APPOINTMENTS ONCE MADE.

Many a case has failed, not because of processing, but because the auditor was so irregular in keeping appointments that he introduced into the case an anxiety about waiting or unpunctuality. By failing to keep an appointment the auditor is actually telling the case that the case is not important, therefore not interesting, and the case will not run for an auditor who will not keep appointments. If an auditor has, himself, difficulty in keeping appointments, then he should not make specific appointments.

5. DO NOT PROCESS A PRECLEAR AFTER TEN P.M.

Utilizing all the experience of four years, it has been discovered that items 5, 6 and 7 of the Auditor's Code were the only actual causative agents in spinning preclears. Whenever a preclear markedly worsened under processing, the process itself was found to be guiltless, and it was discovered that items 5, 6 and 7 of this Code had one or all been present. In every case where a psychosis or neurosis was re-stimulated by bad auditing, all these factors, 5, 6 and 7, were present. Because the body is built of cells which contain in their experience line, evidently, the pattern of plankton, energy level actually drops after sundown, but for a while there is a certain franticness which can be mistaken for energy. In other words, when the sun went down the source of energy was no longer present, therefore auditing during any of the dark hours is not as effective as auditing during daylight. However, a person can be audited safely up to 10 p.m. regardless of the state of his case. After 10 p.m. the curve of ability to handle energy drops quickly and hits its low at 2:00 a.m. But any auditing after 10 p.m. has been found to be at least ineffective, and might as well not have been done.

6. DO NOT PROCESS A PRECLEAR WHO IS IMPROPERLY FED.

It is an unhappy thing that occasional hidden factors such as lack of sleep, lack of food, or an urgent present time problem may defeat the efforts of an excellent auditor. The best process will not benefit a preclear who, still interiorized, is being drained down as a thetan by a body which is badly in need of food. Every bit of energy which the thetan puts out is being absorbed by the body, which is improperly fed. A body suffering from malnutrition, or even lack of a proper breakfast, will thus inhibit auditing.

Sometimes a preclear who has come from a distant area to be audited is sufficiently short of cash that he will attempt to subsist during the week of an intensive upon sandwiches and coffee. He might as well have stayed home, for his body, being hungry, will pull in engrams, which are after all edible energy, will drain down every beam which a thetan throws out, and will in general defeat processing.

An improperly fed preclear demonstrates on a basal metabolism test, even when sane, the same oxygen burning rate as a psychotic. You can take any preclear, have him omit eating breakfast, and

a psychotic, and test the two of them, and you will discover their metabolism and breathing behavior to be similar.

It is not prescribing a diet to demand that your preclear eats as a normal human being should during an auditing intensive or before any auditing. Preclears who are not adequately fed can be spun if bad auditing and some other factors are added into the session. This does not mean that a body can get so starved that it cannot benefit from auditing, but it does mean that a proper diet, as is normal with the preclear, should be observed during an intensive. Diet, by the way, is nowhere near as large a factor in the recovery of cases as nutrition “ads” would have you believe, and today no HASI auditor is allowed to prescribe diets if he is to continue in the protection of the organization. However, number six must be observed during auditing.

7. DO NOT PERMIT A FREQUENT CHANGE OF AUDITORS.

Although it is almost impossible for a case to escape having two or three auditors, when the number gets up to six or eight over a relatively short space of time, such as a few months, the case is seen to suffer by reason of the change. As much as possible a case should be run by one auditor. The basic reason for this is that one auditor running a case has a better chance of completing what he starts. A frequent change of auditors nearly always means a frequent change of estimates of a case, and a frequent change of processes none of which get finished.

8. DO NOT SYMPATHIZE WITH THE PRECLEAR.

There are three ways of handling those who need help. The first and most senior of them is to be effective and remedy the condition once and for all. The second method would be to make the person comfortable. If you cannot be effective, and you cannot make the person comfortable, only then would you be justified in giving the person sympathy. At the same time cases can be retarded by the auditor's being far too domineering, but if one has to err, err in the direction of being too domineering, not in the direction of being sympathetic. Sympathetic auditing invites the preclear to dredge up more data about which the auditor can be sympathetic, and finally becomes a mutual sympathetic society.

9. NEVER PERMIT THE PRECLEAR TO END THE SESSION ON HIS OWN INDEPENDENT DECISION.

With such processes in existence as Opening Procedure by Duplication, it becomes important that the auditor carry through what he starts. You will discover that a preclear very often will get up to a point where he desires to fight the auditor, and then will walk off from a session. It is the auditor's responsibility to bring the preclear back and to finish the session. Sessions end when the auditor says they are over, not when the preclear says they are over. However, in order to continue the session it is not legitimate to abuse the preclear or disobey any other sections of the Code.

L. RON HUBBARD

P.A.B. No. 39

PROFESSIONAL AUDITOR'S BULLETIN

From L. RON HUBBARD

Via Hubbard Communications Office
163 Holland Park Avenue, London W.11

12 November 1954

THE AUDITOR'S CODE 1954 (Concluded)

A Basic Course in Scientology – Part 5 (Concluded)

10. NEVER WALK OFF FROM A PRECLEAR DURING A SESSION.

Although no auditor of any decency or attainment would believe that a person applying Scientology processes would need number ten, it has happened often enough that auditors have walked off from preclears who were in the midst of long communication lags to make it necessary that this be included in the Auditor's Code. The auditor's effort to punish the preclear for not obeying his command is responsible for this. One notable case, a poorly trained person practicing Scientology – you would hardly call him an auditor – became incensed with a psychotic girl he was auditing, got her into the middle of a long communication lag, raged at her, and then walked off from her. It took fifteen hours of extremely good and clever processing on the part of a top-flight auditor to regain the ground lost.

11. NEVER GET ANGRY WITH A PRECLEAR.

What must be the level of self-confidence of an auditor who feels that the introduction of misemotion into a session is necessary to express his inability to cope with his preclear?

12. ALWAYS REDUCE EVERY COMMUNICATION LAG ENCOUNTERED BY CONTINUED USE OF THE SAME QUESTION OR PROCESS.

Numbers 12 and 13 of the Auditor's Code 1954 are the essential difference between a good auditor and a bad one. If you want to know who is a bad auditor, then discover the auditor who fails to reduce communication lags encountered in the preclear by a repetition of the same question or process. This auditor is expressing his own inability to persist, and is expressing as well his own inability to duplicate, and he is more under the control of the preclear than the preclear is under his control. An auditor not only has to understand communication lag, he must reduce every communication lag brought into being by a question or a process before going on to a new question or a new process.

13. ALWAYS CONTINUE A PROCESS AS LONG AS IT PRODUCES CHANGE, AND NO LONGER.

Here is the other way you tell a bad auditor. A person whose case is in poor condition will express his state by changing every time the preclear changes. Here is the auditor being the effect of the preclear. The preclear changes his condition, changes his communication lag, changes his ideas, and if, between auditor and preclear, he is actually cause, the auditor will then change the question or change the process. You watch some auditor auditing who is ordinarily not reputed to get results, and you will find out that in the course of an hour he is likely to use ten or twelve different processes. Each time some change occurs in the preclear, instead of pursuing it and reducing the communication lag on the process the auditor promptly changes. He excuses this to himself by saying some other process is needed or necessary.

It so happens that the process which brings about a change will probably bring about further change. There is an auditing maxim concerning this: "The process which turns on a condition will turn it off." This is true within limits, but it is true enough to drive home the fact that a person should use a process as long as it produces change. This can also be true of an auditing question. An auditing question should be used as long as it continues to produce change. But if one has used a question or process for some little time – in the case of a straight wire question five or eight minutes, in the case of Opening Procedures two or three hours – with no real change in the preclear, it is time to change the process. If the auditor does not change a good process, the process will then produce a change in the preclear.

A bad auditor will use a process until it turns on a somatic, will then change to another process, will run it until it turns on another somatic, and then change it, and so on until he has thoroughly bogged a case. In spotting spots to get rid of old auditing in preclears who have been audited between 1950 and 1954, the plaint is often heard from the preclear, "Oh, if only just one engram had been run a second time, or if one secondary had been run again, or if any auditor had said 'go through that again' how wonderful it would have been."

It was the inability of the auditor to repeat the process of erasure which prevented Dianetics from being all we would ever have needed. The inability of the auditor to duplicate is mirrored in the fact that he cannot duplicate over and over the same question or the same process. This also comes into view in another way. An auditor who is unable to duplicate must always give the given and standard process with his own slight twist. He is given an auditing phrase, but he finds that he cannot use it unless he gives it a small curve. This auditor is worried about his own thinkingness and is using other thinkingness as his randomness. You can always tell a good auditor. He uses and abides by 12 and 13 of this Code.

14. BE WILLING TO GRANT BEINGNESS TO THE PRECLEAR.

An auditor who is unwilling to grant beingness to those around him will find himself unable to run a process which is effectively producing a change for the better in the preclear. This auditor will try to discover all manner of processes which reduce the status of the preclear. Whatever rationale he uses to explain this, he will not use an effective process if he is himself unwilling to grant beingness or life to the preclear. Thus we get two sharp divisions amongst auditors: those who are using the preclear as an opponent in a game, and those who are using the preclear as though the preclear was something being created by the auditor. The latter state of mind will produce remarkable results, the earlier will produce chaos. An auditor who needs preclears in order to have a fight would probably also beat children or small dogs – not big dogs, small dogs.

15. NEVER MIX THE PROCESSES OF SCIENTOLOGY WITH THOSE OF OTHER PRACTICES.

Auditors in general have considerable contempt for those who mix Scientology with some other practice or who use Scientology, change it around, and out of position or cowardice call it something else. Auditors do not like this because they almost invariably, one or another of them, will inherit at least

some of the preclears of people who disobey this line of the Code. There follows then an auditor's effort to unscramble a case which has had its spine adjusted while running engrams or which has discovered an incident only to have discovered immediately after that it has tremendous mystic significance or psycho-analytic bearing. An auditor who mixes Scientology or miscalls it has never learned Scientology. If he knew Scientology he would not feel it necessary to do something else, for Scientology is nothing if not extremely effective – certainly more effective than any other existing practice today.

Sometimes auditors encounter people who “really use Scientology, but because of the acceptance level of the public” mix it with something else. The public has no difficulty and has never had any real difficulty in accepting or using Scientology under that name practiced according to its own procedures. In a particular instance, an auditor who prescribes diets or who does other things of a material nature additive to the practices of Scientology immediately divorces himself from the protection of the HASI and is subject to action by the CECS.* An auditor who has to mix Scientology to make it work didn't know Scientology in the first place and so wasn't really an auditor anyway.

This is the Auditor's Code of 1954. It supersedes any earlier Codes. It has been developed by the CECS as its standard of practice, and latterly was adopted by the Hubbard Dianetic Research Foundation for use in the field of Dianetics. It is the official Auditor's Code.

It is required of students under training that they know this Code by heart, know what it means, and as they process, practice it. It is one thing to know it – another thing to practice it. A good auditor does both. It is not something to be read, agreed with and forgotten. Following it means success in cases. Neglecting any part of it means failures. It combines the arduously won experiences collected during four years from the practices of three thousand auditors.

We want successes.

L. RON HUBBARD

[* Committee of Examinations, Certifications and Services.]

Série de audição básica 9

ADITIVOS AO CICLO DE COMUNICAÇÃO

Não Existem aditivos permitidos no ciclo de comunicações de audição.

Exemplo: obtendo o PC para indicar o problema depois que o PC disse qual é o problema.

Exemplo: perguntar a um PC se essa é a resposta.

Exemplo: dizendo ao PC "isso não reagiu" no metro.

Exemplo: questionando a resposta.

Este é o pior tipo de audição.

Os processos funcionam melhor amordaçados. Amordaçado quer dizer utilizar apenas TR 0, 1, 2, 3 e 4 pelo livro. Os resultados de um PC vão para o inferno num aditivo a um ciclo de comunicação.

Há centenas de milhares de truques que podem ser adicionados ao ciclo de comunicações de audição. Cada um deles é uma ASNEIRA. A ÚNICA vez em que você pede para repetir é quando não conseguiu ouvi-lo.

Desde 1950, eu sabia que todos os auditores falam muito em sessão. A conversa máxima é a sessão modelo padrão e o TR 0 a 4 e apenas o ciclo de comunicações de audição.

É um assunto sério fazer um PC "esclarecer a sua resposta". É, na verdade, uma questão de ética e, se feito habitualmente, é um ato supressivo, pois ele vai acabar com todos os ganhos.

Há Maneirismo aditivos também.

Exemplo: Aguardando que o PC olhe para si antes de dar o próximo comando. (PCs que não olham para si têm Quebras de ARC. Você não distorça isto para significar que o PC tem que olhar para si antes de dar o próximo comando.)

Exemplo: Uma sobancelha levantada a uma resposta.

Exemplo: Um acuso de receção do tipo questionamento.

A mensagem inteira é

UMA BOA AUDIÇÃO OCORRE QUANDO O CICLO DE COMUNICAÇÃO É USADO SOZINHO E É AMORDAÇADO.

Aditivos ao ciclo de comunicações de audição são QUALQUER AÇÃO, DECLARAÇÃO, QUESTÃO OU EXPRESSÃO DADA ALÉM DO TRS 0-4.

São Erros de Audição Grosseiros.

E devem ser considerados como tal.

Auditores que adicionam ao ciclo de comunicações de audição nunca fazem Releases.

Então, isso é supressivo.

Não faça isso!

L. RON HUBBARD

LRH:nt.rd

GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD
SOLAR DE ST. HILL, GRINSTEAD ORIENTAL, SUSSEX,
HCOB DE 23DE MAIO DE 1971R

Emissão I

A MAGIA DO CICLO DE COMUNICAÇÃO

Se você examinar a comunicação, verificará que a magia da comunicação é praticamente a única coisa que faz a audição funcionar.

O Thetan, neste universo, começou a considerar-se MEST e começou a considerar-se massa, e o ser que se considera massa, responde, obviamente, às leis da eletrônica e às leis de Newton. Na verdade, é incapaz de originar muito ou "as-isar" muito.

Um indivíduo considera-se MEST ou massudo e, portanto, tem de ter um segundo terminal. Um segundo terminal é necessário para descarregar a energia.

Temos aqui dois polos. Temos um auditor e um pc e, enquanto o auditor audita e o pc responde, temos um intercâmbio de energia do ponto de vista do Pc.

Muitos auditores pensam estar a ser um segundo terminal ao ponto de apanharem os somáticos e doenças do Pc. Não há, de facto, nenhuma espécie de retorno de fluxo atingindo o auditor, porém se ele estiver tão convencido de ser MEST, ligará somáticos, fazendo eco do Pc. Na verdade, nada atinge o auditor; terá de ser criado (mock-up) ou imaginado por ele.

Em essência, estabeleceu-se um sistema de dois polos e isso ocasionou o desaparecimento da massa.

Não é queima de massa, é o desaparecimento da massa e, por isso, não há nada a atingir o auditor.

Assim sendo, é essa a essência da situação. A magia envolvida na audição está contida no ciclo de comunicação de audição. Vê-se agora que se está a lidar com o INTERCÂMBIO SUAVE ENTRE ESSES DOIS POLOS.

Quando você observar dificuldades em audição, compreenda estar simplesmente a lidar com dificuldades do ciclo de comunicação; quando você próprio, como auditor, não permite UM INTERCÂMBIO SUAVE ENTRE VOCÊ COMO TERMINAL E O PC COMO TERMINAL, E O PC COMO TERMINAL DE VOLTA PARA VOCÊ, não obtém o desaparecimento da massa. Assim sendo, não consegue movimento do TA.

Parte da proeza é, certamente, o que tem de desaparecer e como proceder, mas chamamos a isso técnica - qual o botão a apertar. Verificamos, estranhamente, que se o auditor é verdadeiramente capaz de tornar o Pc disposto a falar-lhe, não tem de acertar num botão para obter movimento de TA. (Basicamente, não pode fazer o Pc ter movimento de TA porque não existe um ciclo de comunicação).

A pessoa que continuamente faz questão duma nova técnica está a descuidar a ferramenta básica da audição, que é o ciclo de comunicação em audição.

Quando o ciclo de comunicação não existe numa sessão de audição temos a terrível combinação do grave delito de tentar fazer uma técnica funcionar sem que possa ser ministrada, por falta do ciclo de comunicação para ministrá-la.

Audição básica, é assim chamada por vir ANTES da técnica.

Tem que haver um ciclo de comunicação antes que a técnica possa existir.

A entrada fundamental no caso não é ao nível da técnica, mas ao nível do ciclo de comunicação.

Comunicação é simplesmente um processo de familiarização baseado em avançar e recuar (ou tocar e largar).

Quando fala a um pc você está a avançar (ou a tocar). Quando para de falar, você está a recuar (ou a largar). Quando ele o ouve, está nesse momento a recuar um pouquinho, mas a seguir vem na sua direção (ou toca-o) com a resposta.

Você vê-o num recuo enquanto está a raciocinar. Em seguida, alcança a razão. Aí, alcançará o auditor com a razão e dirá o que foi.

Você faz um intercâmbio do pc para o auditor e vê-o refletido no E-Metro porque esse intercâmbio está agora produzindo dissolução de energia.

NA AUSÊNCIA DESSA COMUNICAÇÃO NÃO SE OBTÉM REAÇÃO DO E-METRO.

Assim sendo, O PONTO FUNDAMENTAL DA AUDIÇÃO É O CICLO DE COMUNICAÇÃO. É o fundamento da audição e é realmente a grande descoberta da Dianética e da Cientologia.

É uma descoberta tão simples, mas percebe-se que ninguém sabia nada a esse respeito.

L. Ron Hubbard

Fundador

GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB DE 23 DE MAIO DE 1971R-II

AS DUAS PARTES DA AUDIÇÃO

Tirado de uma gravação de LRH de 2/7/64: "O/W Modernizado e Revisto"

Para poder fazer algo por alguém tem que ter uma linha de comunicação com ele.

As linhas de comunicação dependem da realidade, da comunicação e da afinidade. Quando um indivíduo é demasiadamente exigente, a afinidade tende a diminuir ligeiramente.

O processamento compreende duas etapas:

1. Entrar em comunicação com o que estão a tentar processar;
2. Fazer alguma coisa *por* ele.

Há muitos Pcs que andam por aí entusiasmados com o auditor o qual não fez nada *por* eles. Tudo o que aconteceu foi ter sido estabelecida uma grande linha de comunicação com o Pc e isso é tão novo e tão estranho, que ele considera ter ocorrido um milagre.

Ocorreu um milagre, mas neste exemplo particular, o auditor negligenciou totalmente a *razão* de, em primeiro lugar, ter estabelecido aquela linha de comunicação. Primeiro que tudo, ele estabeleceu-a para fazer algo pelo Pc.

Muitas vezes o auditor confunde o facto de ter estabelecido uma linha de comunicação e a reação do Pc a este facto, com ter *feito* algo pelo Pc.

Existem duas fases.

1. Estabelecer uma linha de comunicação.
2. Fazer algo pelo Pc.

Estas são as duas fases distintas. É assim como (1) Andar até ao autocarro e (2) Ir fazer uma viagem. Se não fizerem a viagem *nunca* irão a lugar nenhum.

É muito delicado e não deixa de ser importante ser capaz de comunicar com um ser humano nunca antes tocado pela comunicação. É bem notável, e é um feito tão notável que para alguns parece ser o fim de toda a Cientologia.

No entanto, vemos que isso é apenas ir até ao autocarro. Agora, temos de *ir* a qualquer lugar.

Qualquer perturbação que o indivíduo tenha, está tão instável, tão delicadamente equilibrada, que é difícil de se manter de pé. *Não é difícil ficar-se bem*. É muito duro permanecer maluco. A pessoa tem de trabalhar para isso.

Se a sua linha de comunicação for *muito* boa e *muito* suave, se a sua disciplina de audição for *perfeita* de modo a não perturbar esta linha de comunicação e se tivesse acabado de fazer uma intromissão com uma importância não maior do que dizer algo como: "o que é que estás a fazer de sensato e por que é que é sensato?", e se mantiver sempre alta a linha de comunicação e uma grande afinidade com o Pc e se fizer isso com perfeita disciplina, verá mais aberração a despedaçar-se por centímetro quadrado do que jamais imaginou que fosse possível existir.

Bem, é isso o que quero dizer quando digo *fazer algo pelo Pc*.

É preciso auditar bem, ter uma disciplina *perfeita* e *aplicar* o ciclo de comunicação. Não quebre o ARC do Pc e *acabe* os seus ciclos de ação.

Tudo isto é simplesmente uma entrada. A disciplina da Cientologia torna isto possível, e uma das razões pela qual outros campos da mente nunca avançaram, não conseguindo nunca uma aproximação, foi devido a não poderem comunicar com ninguém.

Assim sendo, esta disciplina é *importante*.

É a escada que sobe até à porta e se não se chegar à porta, não se pode fazer nada.

A disciplina perfeita de que falamos, *o ciclo de comunicação perfeito*, a presença perfeita do auditor, a leitura perfeita do e-metro, todas essas coisas são apenas para levarem ao estado de *poder* fazer algo por alguém.

Então, quando você é realmente vagaroso a adquirir a disciplina, realmente vagaroso a aprender a manter o ciclo de comunicação, quando é fraco no assunto, está ainda a 10kms da festa. Nem sequer está ainda a assistir a ela.

O que deseja poder fazer é auditar *perfeitamente*. Quer dizer, manter um ciclo de comunicação, ser capaz de chegar perto do Pc, ser capaz de falar ao Pc e *manter* o ARC. Fazer o Pc *responder* às suas perguntas. Ser capaz de ler o metro e obter *leituras*.

Todas estas coisas têm de ser *muito bem-feitas*, pois, de qualquer forma é muito difícil conseguir uma linha de comunicação com alguém. Todas têm de estar presentes e todas têm de ser *perfeitas*. Se estiverem todas presentes e forem todas perfeitas, *então* podemos *começar* a auditar. Só então podemos começar a dar processamento a alguém.

Estou a dar aqui um ponto da entrada. Se todos os ciclos estão perfeitos, se foi possível sentarem-se ali e confrontar o Pc, colocá-lo no e-metro, manter o relatório de auditor e fazer todas essas múltiplas e variadas coisas, e ainda conservar um sorriso agradável e não cortar a comunicação do Pc, bem, agora há algo a fazer com tudo isto. Agora é necessário um processo.

Costumávamos ter tudo isto ao contrário. Costumávamos tentar ensinar às pessoas o que podiam fazer por alguém. Porém, não podiam nunca entrar em comunicação com esse alguém para esse fim e, portanto, aconteceram insucessos na audição.

O procedimento mais elementar seria: "O que é que achas sensato?", ou qualquer coisa parecida. O Pc diz: "Bem, acho que os cavalos dormem em camas. Isso é sensato". O auditor diz: "Está bem. Então, porque é que isso é sensato?". O Pc diz: "Bem... ah... Hem?... Isso não é sensato. É loucura!" Na verdade, não seria preciso fazer mais nada para além disto. Ele cognitou. A coisa está esgotada. É tão fácil, mas você continua à procura da magia.

Bem, a magia reside em entrar em comunicação com essa pessoa. O resto é muito fácil, é só manter a comunicação com ela enquanto a fazemos e compreender que essas imensas aberrações que a pessoa tem se equilibram de modo fantasticamente delicado sobre cabeças de alfinetes. Tudo o que há a fazer é soprar e tudo se desmorona.

Agora, se não estiver em comunicação com a pessoa, ela não cognita. Ela assume o que lhe disserem como uma ação acusativa. Tenta justificar-se por pensar daquele modo. Tenta dar uma boa imagem e apresentar, dum modo ou de outro, uma fachada. Tenta manter o seu status.

Sempre que vejo um bando de Pcs a quererem à viva força entrar em coisas diferentes, porque acham ser isso que se percorre nas pessoas sãs (e nas pessoas malucas é que se percorrem outras coisas e eles não querem percorrer coisas malucas), sei logo que os seus auditores não estão em comunicação com eles e que a própria disciplina da audição se desfez, pois o Pc está a tentar justificar-se e a procurar afirmar o seu próprio status. Assim, deve defender-se do auditor.

Não é possível que o auditor tenha estado em comunicação com ele.

Estamos, assim de volta ao fundamento de porque é que o auditor não entrou em comunicação com o Pc.

Em primeiro lugar, entra em comunicação com o Pc pondo em prática a disciplina cientóloga. Não contém truques. É tão simples como 1, 2, 3, 4.

Senta-se, começa a sessão, inicia o manejo do Pc e dos seus problemas e esse género de coisas. FÁ-LO COMPLETANDO OS CICLOS DE COMUNICAÇÃO E SEM LHE CORTAR A COMUNICAÇÃO: AS MESMÍSSIMAS COISAS QUE ENSINAM NOS TRs, e verifica assim que está em comunicação com a pessoa. Agora terá que fazer algo por ela.

Uma vez em comunicação, se não fizer nada pela pessoa, perderá a linha de comunicação, pois o Fator R da razão de se estar em comunicação com o Pc quebra-se. Ele já não pensa que á assim tão bom e você deixa de estar em comunicação com ele. Acontecendo isto, a pessoa entrará numa espécie de defesa do seu status e começará com conjecturas acerca da razão por que está a ser auditada.

Por outro lado, se tiver feito algo pelo Pc, tendo ele tido a sua cognição, e se tentar prosseguir para obter mais movimento de TA do assunto de "todos os cavalos dormirem em camas", não irá lá, pois o processo já está esgotado.

Pode ultra-auditá-lo e pode sub-auditá-lo.

Se não reparar que foi dada uma resposta que indicava ter feito algo pelo Pc e o manteve a batalhar na mesma coisa, o movimento do TA desaparecerá, o Pc ficará ressentido e a linha de comunicação perder-se-á.

Vejamos, ele já teve a sua cognição. Agora está só a restimulá-lo. Já obteve o seu fator de des-restimulação de key-out. Aconteceu bem diante dos seus olhos. Fez algo pelo Pc. Mais uma só menção do assunto e está perdido.

Há uma porção de coisas que podia fazer *com* o Pc, sem fazer nada *por* ele. Pode ligar belíssimos somáticos num Pc uma vez por outra, sem nunca os desligar. Mas o que nós temos é que fazer algo *pelo* Pc e não *ao* Pc.

Por outro lado, pode estar a fazer (A) e o Pc a fazer (B), continuar a fazer (A) e o Pc a fazer (B), e então, nalgum ponto do percurso, acaba numa confusão infernal e sem saber o que aconteceu.

Ora, o Pc nunca fez o que lhe disse, portanto não fez nada por ele. Não houve, de facto, nenhuma barreira à sua disposição para fazer algo pelo Pc, mas deve ter havido uma tremenda barreira à sua compreensão do que estava a acontecer.

A perguntarem (A), enquanto o Pc respondia (B), mostrava, por si só, que a observação do auditor era muito pobre, não estando, portanto, em comunicação com o Pc.

Assim, novamente, o fator comunicação estava ausente e, uma vez mais, não estava a fazer nada pelo Pc.

Requer disciplina da parte do auditor para manter a sua linha de comunicação a funcionar. Ele precisa permanecer em comunicação com o seu Pc. Esses ciclos têm de ser perfeitos. Ele não pode distrair a atenção do Pc para o TA, (por exemplo: "não estou a obter agora nenhum movimento do TA"). Isto não é estar em comunicação com o Pc, não tem nada a ver com isso. Está é a distrair o Pc das suas próprias áreas e zonas.

Não ponha a atenção do Pc fora de sessão. Mantenha-o a avançar e a linha de comunicação a funcionar. O requisito seguinte é fazer algo produtivo pelo Pc, usando a linha de comunicação.

L. Ron Hubbard
Fundador

GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB de 23de MAIO DE 1971

Emissão III

Reemitido em 1/12/74

Cancela BTB 23/5/71 III mesmo título

Audição Básica Série 3

AS TRÊS LINHAS DE COMUNICAÇÃO IMPORTANTES

(Tirado da gravação de LRH de 15/10/63 "Pontos Essenciais da Audição)

Quando se senta numa sessão de audição, quais as 3 linhas de comunicação importantes e qual a *ordem de importância*?

1. A primeira é a linha do Pc para o seu banco. A linha “*Produtora de Itsa*”;
2. A segunda é a linha do Pc para o auditor. A linha de “*Itsa*”;
3. A terceira é a linha do auditor para o Pc. A linha de “*O que é?*”.

Então, a definição "Disposto a falar para o auditor" é muito fácil de interpretar como "*A falar para o auditor*". E assim, o auditor *corta a linha do Pc para o banco* para o fazer falar, pois, segundo ele, "É a linha de Itsa que faz dissipar a carga".

Assim sendo, o auditor *corta a comunicação do Pc* com o seu banco para *dar lugar* a uma linha de Itsa, e depois interroga-se por que razão não obtém movimentação de TA e o Pc tem uma quebra de ARC.

Esta linha de comunicação cortada não é perceptível a olho nu. Está escondida porque se situa entre o Pc (um thetan invisível ao auditor) e o seu banco (invisível também ao auditor).

O auditor está ali simplesmente para usar a linha de “*O que é?*” com a finalidade de fazer o Pc confrontar o seu banco. A carga dissipa-se na proporção em que é confrontada, e isto é representado pela linha de Itsa.

A linha de Itsa é um relato a respeito do que foi as-isado e é isso o que a faz fluir.

No ciclo de audição, o uso destas linhas é feito pela seguinte ordem: 3,1 e, então, 2.

Quando o auditor negligencia esta linha escondida, a do Pc para o seu banco, quando não compreende essa linha escondida e não pode interpretá-la ou fazer algo com ela, irá falhar.

L. Ron Hubbard

Fundador

GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD
SOLAR DE ST. HILL, GRINSTEAD ORIENTAL, SUSSEX,
HCOB DE 23 DE MAIO DE 1971R

Emissão IV
Rev. 4 Dez. 74

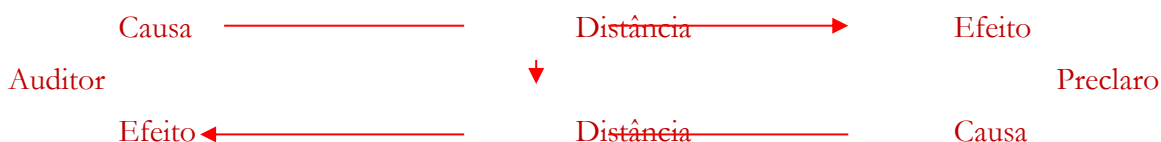
**CICLOS DE COMUNICAÇÃO
DENTRO DO CICLO DE AUDIÇÃO**

*(Tirado da gravação de LRH "Ciclos de
Comunicação em Audição", 25/7/63)*

A dificuldade que um auditor encontra é normalmente relacionada com o seu próprio *ciclo de audição*.

Existem basicamente dois ciclos de comunicação entre o auditor e o preclaro que compõem o *ciclo de audição*.

São “causa, distância, efeito”, com o auditor no ponto de causa e o Pc no ponto de efeito; e “causa, distância, efeito”, com o Pc no ponto de causa e o auditor no ponto de efeito.

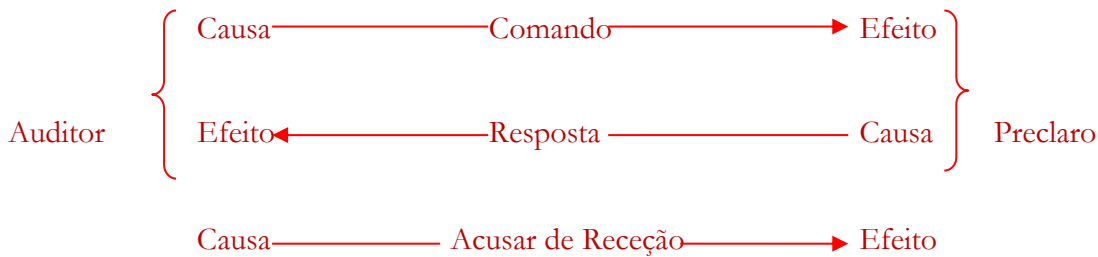


Eles são completamente distintos. A única coisa que os associa e os torna num ciclo de audição é o facto de o auditor, no seu ciclo de comunicação, ter restimulado, calculadamente, algo no preclaro, e esse algo é depois descarregado através do ciclo de comunicação do preclaro.

O que o auditor diz causa uma restimulação e então o preclaro precisa de responder à pergunta para se livrar da restimulação.

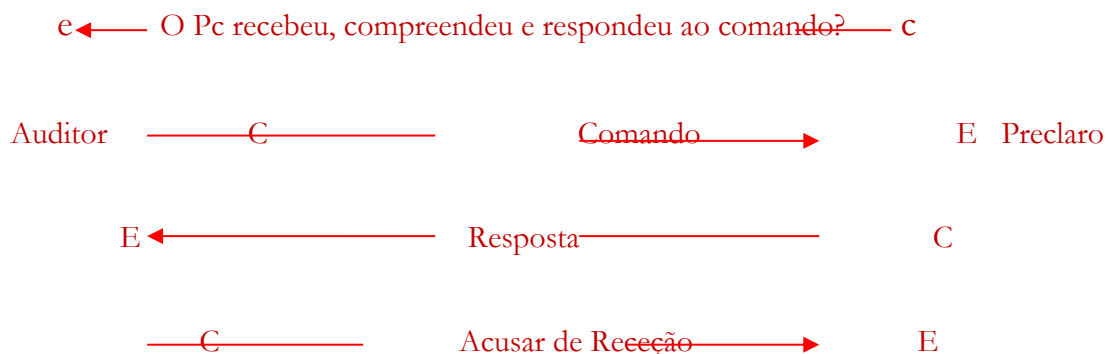
Se o preclaro não responder à pergunta, não se livra da restimulação. Esse é o jogo travado num ciclo de audição, e é a totalidade desse jogo. (Algumas audições fracassam quando o auditor não está disposto a restimular o preclaro).

Há aqui um pequeno ciclo de comunicação extra. O auditor diz "Obrigado". É o ciclo de acusar de recepção.



Agora há alguns pequenos ciclos internos que podem confundir e fazer pensar que existem outras coisas dentro do ciclo de audição. Há um outro pequeno quase ciclo: é o facto de observar se o Pc recebeu o comando de audição. Esta é uma “causa” tão minúscula que quase todos os auditores que têm dificuldade em descobrir o que está a acontecer com o Pc e deixam passar. "Será que ele recebeu o comando?" Na verdade, existe aqui um outro ponto de causa e quando não estão a perceber o preclaro estão a perdê-lo.

Ao olhar para o preclaro, você pode julgar se ele ouviu ou compreendeu o que lhe disse ou se está a fazer algo estranho com o comando que acabou de receber. Qualquer que seja a mensagem de resposta, ela viaja por esta linha.



Um auditor que nunca observa o Pc não repara nunca quando este não está a receber ou a compreender o comando de audição. Assim, subitamente, em qualquer ponto aparece uma quebra de ARC e aí fazem-se verificações, repara-se a sessão e tudo dá errado.

Bem, na verdade, se antes de tudo esta linha tivesse sido respeitada, nada teria dado errado. O que é que o Pc está a fazer, independentemente de responder? Bem, o que ele está a fazer é esta outra pequena sublinha causa, distância, efeito.

Outra destas pequenas linhas é a linha causa, distância, efeito de: "O Pc está pronto para receber o comando de audição?"

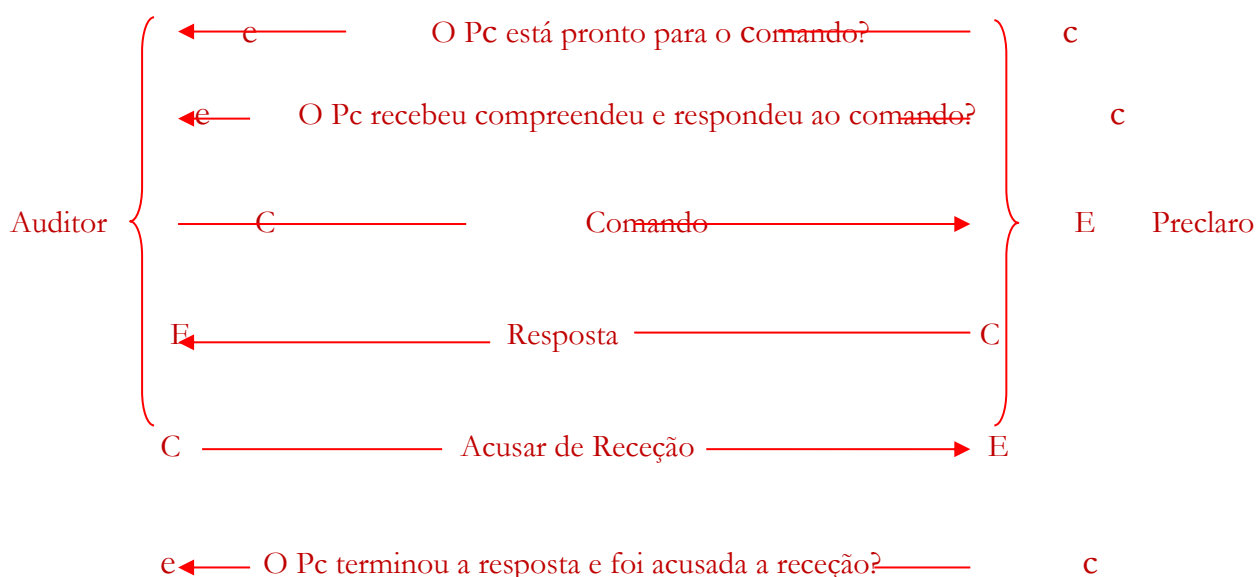
Isto é o Pc a ser causa, e aquilo em que ele está a ser causa viaja pela linha, através da distância, é recebida pelo auditor e o auditor apercebe-se de que o Pc está a fazer qualquer outra coisa.

Isto é importante e verifica-se com muita frequência que os auditores erram nela: a atenção do Pc ainda está na ação anterior.

Eis uma outra: "Será que o Pc recebeu o acusar de receção?" Às vezes isto é violado. Você dá-lhe o acusar de receção, mas não verificou que ele não o recebeu. Essa percepção contém uma *outra* pequenina que entra nesta linha: "Será que o Pc respondeu tudo?"

O auditor está a observar o Pc e verifica que ele não disse tudo o que tinha a dizer. É assim que às vezes se entra em dificuldade com os preclaros. Nem tudo o que estava no ponto de "causa" atravessou a linha até o ponto efeito, não recebeu todo o "efeito", e mete-se a acusar a receção antes desta linha se ter completado.

É uma machadada na comunicação do Pc. Você não deixou o ciclo de comunicação fluir mesmo até ao fim. Acusar a receção tem lugar e, logicamente, não pode chegar lá visto encontrar-se numa linha de afluxo, e fica logo aí encravado na linha efluente da resposta incompleta do Pc.



Portanto, se quiser esmiuçar tudo, verá que um ciclo de audição é composto por seis ciclos de comunicação. Seis, não mais que seis, a menos que comece a entrar em problemas. Se violar uma destas seis linhas de comunicação, por certo que vão aparecer dificuldades que causam uma trapalhada de qualquer tipo.

Existe um *outro* ciclo de comunicação dentro do ciclo de audição: tem lugar no Pc. É um pequeno ciclo adicional entre o Pc e ele próprio. Consiste de ele falar consigo próprio. Você está a escutar o interior do seu cérebro quando o observa. Na verdade, pode ser múltiplo, visto que depende das complicações da mente.

Acontece que esta é a menos importante de todas as ações, exceto quando não está a ser feita. E, é claro, é a mais difícil de ser detetada quando não está a ser feita. O Pc diz: "Sim. "Ora, a que é que o Pc disse sim? Por vezes, você não é suficientemente curioso. Isto, na sua essência, é a sua percepção interna desta linha. Ela inclui o ricochete da causa, distância, efeito: "Será que o Pc está a responder ao comando que eu lhe dei?"

Portanto, com este, existem sete ciclos de comunicação englobados num ciclo de audição. É um ciclo múltiplo.

Um ciclo de comunicação consiste apenas de causa, distância, efeito com intenção, atenção, duplicação e compreensão. Quantos, como este, existem num ciclo de audição? Tem de se responder a isto indicando quantos ciclos principais existem porque alguns ciclos de audição contêm, em si, mais alguns. Se um Pc indica não ter percebido o comando (causa, distância, efeito), o auditor repete-o (causa, distância, efeito) e isto acrescentaria mais 2 ciclos de comunicação ao ciclo de audição ficando assim 9, porque houve uma falha. Portanto, qualquer coisa fora do normal que aconteça numa sessão, aumenta o número de ciclos de comunicação no ciclo de audição, mas, mesmo assim, fazem todos parte do ciclo de audição.

O comando repetitivo, como ciclo de audição, é a repetição do mesmo ciclo uma e outra vez.

Existe, porém, um ciclo completamente diferente dentro do mesmo esquema. O Pc vai originar algo que não tem nada a ver com o ciclo de audição. A única coisa em comum é que ambos usam ciclos de comunicação. Mas este é novinho em folha. O Pc diz qualquer coisa que não está relacionado com o que o auditor está a dizer ou a fazer, e tem de se estar alerta para esta ocorrência em qualquer altura. A forma de estar preparado para isto é apenas compreender que pode acontecer em qualquer altura e iniciar, simplesmente, a ação que o maneja. Não o misture com a ação do ciclo de audição. Considere-o como uma ação independente. Passe para esta ação quando o Pc fizer qualquer coisa inesperada.

E, a propósito, isto maneja originações, como a que o Pc faz quando atira com as latas. Isto também é uma originação. Não tem nada a ver com o ciclo de audição. Talvez o ciclo de audição se tenha desfeito, e este ciclo de originação entrou em cena. Ora o ciclo de audição não pode ser completado porque este ciclo de originação está agora presente. Isto não significa que esta originação tenha precedência ou predominio, mas pode começar, e ocorrer e ter de ser terminada antes de se poder retomar o ciclo de audição.

Portanto, isto é um ciclo "interruptor" e é causa, distância, efeito. O Pc causa algo. Agora o auditor tem de originar, pois ele tem de compreender do que é que o Pc está a falar e, depois, acusa a receção. E na medida em que for difícil de compreender, o auditor tenta esclarecer o assunto usando causa, distância, efeito. E todas as vezes que fizer uma pergunta, obtém um novo ciclo de comunicação.

Você não pode utilizar aqui uma ação mecânica, pois o assunto tem de ser *compreendido*. Isto tem de ser feito de tal forma que o Pc não esteja meramente a repetir a mesma originação, senão ficará furioso pois não consegue sair dessa linha. Está parado no tempo, o que o perturba verdadeiramente. Portanto o auditor tem de ser capaz de compreender de que raio é que o Pc está a falar. E não há realmente nada que substitua tentar simplesmente compreendê-lo.

Surge uma pequena linha quando o Pc indica que quer dizer alguma coisa. Esta é uma linha (causa, distância, efeito) que surge **antes** da originação aparecer. Nesta altura, não dê o comando seguinte ou provocará um engarrafamento. O efeito no lado do auditor é calar-se e deixar o Pc agir. Pode ainda existir uma outra pequena linha (causa, distância, efeito) onde o auditor indica que está a escutar. Então há a originação, acusar a sua receção e a percepção do facto de o Pc ter recebido o acusar de receção.

Esse é o ciclo da originação.

Um auditor devia desenhar todos estes ciclos de comunicação numa folha de papel. Dê uma olhadela a todas essas coisas, faça o mock-up de uma sessão e, de repente, tornar-se-á muito claro como essas coisas são e já não terá algumas delas emaranhadas. O que está principalmente errado com o seu ciclo de audição é que você misturara a tal ponto alguns ciclos de comunicação que não se apercebe da sua existência porque não os diferencia uns dos outros. É por isso que, por vezes, corta a comunicação do Pc, que está a tentar responder à pergunta.

Você sabe se o Pc respondeu à pergunta ou não. Como é que sabe? Mesmo que seja por telepatia, ainda assim é causa, distância, efeito. Não interessa como é que essa comunicação aconteceu. Você sabe se ele respondeu ao comando através de um ciclo de comunicação. Não me interessa como é que o percebeu.

Se vice estiver nervoso com o uso do instrumento básico da audição e se isso lhe está a causar problemas (e se tiver dificuldade em rapidamente o decompôr e analisar) então deveria decompô-lo e analisá-lo numa altura em que estivesse a auditar algo agradável e simples.

Dei-lhe um esquema geral para um ciclo de audição. Talvez que, ao estudar isto de novo, você possa encontrar mais alguns ciclos de comunicação. Mas estão todos lá, e se fizer alguém passar por todos eles meticulosamente, pode descobrir onde é que o seu ciclo de audição está encravado. Não está necessariamente encravado na sua capacidade de dizer "Obrigado". Pode muito bem estar encravado noutro lado.

L. Ron Hubbard

Fundador

GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB de 23 de Maio de 1971R

Emissão V

O CICLO DE COMUNICAÇÃO EM AUDIÇÃO

A facilidade de lidar com um ciclo de comunicação depende da capacidade de observar o que o Pc está a fazer.

À simplicidade do ciclo de comunicação há que adicionar a OBNOSE (observação do óbvio).

A inspeção do que você está a fazer deverá ter terminado com o treino. Daí para a frente deve preocupar-se exclusivamente com a observação do que o Pc está a fazer ou não.

A destreza com um ciclo de comunicação deveria ser de tal maneira instintiva e boa que nunca se preocupasse com o que está agora a fazer.

A altura de pôr tudo isto em ordem é durante o treino. Se souber que o seu ciclo de comunicação é bom, já não terá que se preocupar. Sabe que está bom e não se preocupa mais com isso.

Na audição real, o ciclo de comunicação que observa é o do Pc. O seu trabalho é o ciclo de comunicação e as respostas do Pc.

É isto que capacita o auditor para quebrar qualquer caso. Sem isto, temos um auditor que não seria sequer capaz de partir um ovo mesmo que passasse por cima dele.

Esta é a diferença: o auditor consegue ou não observar o ciclo de comunicação do Pc e reparar os seus vários deslizes.

É tão simples.

Consiste simplesmente em fazer uma pergunta à qual o Pc consiga responder, e depois observar que o Pc **responde** e, quando ele tiver respondido, observar que o Pc completou a resposta. Acusar-lhe então a receção. Depois dar-lhe outra coisa para fazer. Pode fazer-lhe a mesma pergunta ou pode fazer-lhe outra pergunta.

Fazer ao Pc uma pergunta à qual ele consiga responder implica aclarar o comando de audição. Também implica fazer a pergunta ao Pc de modo a que ele a consiga ouvir, sabendo bem o que lhe está a ser perguntado.

Quando o Pc responde à pergunta, seja suficientemente inteligente para saber que o Pc está a responder a essa pergunta e não a outra qualquer.

Há que desenvolver uma sensibilidade em relação a saber quando o Pc acaba de responder ao que lhe foi perguntado. Conseguir ver quando ele terminou. É um conhecimento. Aparentar ter terminado e sentir que terminou. É em parte o sentido do que ele diz, é em parte a entoação de voz, mas é sobretudo um instinto que se desenvolve. Você sabe que ele terminou.

Então, sabendo que ele acabou de responder, dizer-lhe que acabou acusando-lhe a receção, O.K., Ótimo, etc., é como apontar a carga ultrapassada ao Pc. Assim: "Encontraste e localizaste a carga ultrapassada ao responder à pergunta e disseste-o". Essa é a magia de acusar a receção.

Quando o auditor não tem esta sensibilidade de saber quando o Pc termina, o Pc irá responder, não obtém nada de você que continua ali sentado a olhar para ele, a maquinaria social do Pc entra em ação, ele entra em auto-audição e não obtém ação de TA.

O grau de paragem que se coloca ao acusar a receção depende também do bom senso, e pode-se acusar a receção tão fortemente que a sessão termina ali mesmo.

Está muito bem que se façam estas coisas no treino e é desculpável, mas NÃO numa sessão de audição.

Faça com que o seu ciclo de comunicação fique suficientemente afinado para não ter mais preocupações com ele depois do treino.

L. Ron Hubbard

Fundador

GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB de 17 de Outubro de 1962

Emissão VI

Audição Básica Série 6

FALTA DE COMPREENSÃO DO AUDITOR

Se um Pc disser alguma coisa e o auditor não compreender o que ele disse ou quis dizer, a ação correta é: "Não ouvi, ou não compreendi o que foi dito, ou não entendi a última parte".

Fazer alguma outra coisa não é apenas uma má forma, mas pode custar uma pesada quebra de ARC.

INVALIDAÇÃO

Dizer: "tu não falaste suficientemente alto..." ou qualquer outro uso de "tu" é uma invalidação.

O Pc também é posto fora de sessão ao ser-lhe colocada a responsabilidade nos ombros.

O *auditor* é responsável pela sessão. Portanto, o auditor tem de assumir a responsabilidade por todas as quebras de comunicação da sessão.

AVALIAÇÃO

Muito mais séria do que a Invalidação acima, é a Avaliação accidental que pode ocorrer quando o auditor *repete* o que o Pc disse.

NUNCA repita nada que um Pc diga depois dele falar, seja qual for a razão.

Repeti-lo, não só não mostra ao Pc que foi ouvido, mas também lhe dá a ideia que você é um circuito.

O maior avanço da Psicologia do Sec. XIX foi uma máquina de endoidar as pessoas. Tudo o que fazia era repetir o que a pessoa dizia a seguir a ela.

As crianças fazem isto para importunar.

Mas essa não é a principal razão para *não* repetir o que o Pc diz. Se for dito erradamente, o Pc põe-se a protestar violentamente. O Pc precisa de corrigir o erro e fica encalhado ali mesmo. Pode levar uma hora para o tirar de lá.

Além disso, não gesticule para descobrir do que se trata. Dizer apontando: "então queres dizer este item". não só é uma avaliação, como quase um comando hipnótico que o Pc sente precisar de rejeitar fortemente.

Não diga ao Pc o que o Pc disse e não gesticule para descobrir o que o Pc quis dizer.

Faça apenas com que o Pc o diga outra vez, ou faça-o apontar de novo para ele. Essa é a ação correta.

METER-LHE PARA DENTRO OS PONTOS DE ANCORAGEM

Não empurre ou atire também coisas para um Pc. Não gesticule na direção de um Pc. Isso empurra-lhe os pontos de ancoragem para dentro e leva o Pc a rejeitar o auditor.

OS QUE DÃO R/Ss

A razão pela qual uma pessoa dá R/S sobre a Cientologia, ou os auditores e afins também não conseguem auditar bem, é por estarem muito desconfiados do Pc e sentirem que precisam de repetir o que o Pc acaba de dizer, de o corrigir ou gesticular na sua direção.

Mas, com ou sem R/S, qualquer auditor novo pode cair nesses maus hábitos que devem ser logo eliminados.

SUMÁRIO

Uma grande percentagem de quebras de ARC ocorre por causa da falta de compreender o Pc.

Não *mostre* que não compreendeu com gestos ou repetições erróneas.

Por favor, audite simplesmente.

L. Ron Hubbard

Fundador

GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB de 25 de Setembro de 1971RB

REV. 1 ABRIL 1978

A ESCALA DE TOM COMPLETA

ESCALA DE TOM EXPANDIDA

ESCALA DE SABER A MISTÉRIO

SERENIDADE DE SER	40.0	SABER
POSTULADOS	30.0	NÃO SABER
JOGOS	22.0	SABER ACERCA DE
AÇÃO	20.0	OLHAR
EXULTAÇÃO	8.0	EMOÇÃO POSITIVA
ESTÉTICA	6.0	
ENTUSIASMO	4.0	
ALEGRIA	3.5	
INTERESSE FORTE	3.3	
CONSERVADORISMO	3.0	
INTERESSE LEVE	2.9	
CONTENTAMENTO	2.8	
DESINTERESSE	2.6	
TÉDIO	2.5	
MONOTONIA	2.4	
ANTAGONISMO	2.0	EMOÇÃO NEGATIVA
HOSTILIDADE	1.9	
DOR	1.8	
ZANGA	1.5	
ÓDIO	1.4	
RESSENTIMENTO	1.3	
NENHUMA COMPAIXÃO	1.2	
RESSENTIMENTO NÃO EXPRESSO	1.15	
HOSTILIDADE ENCOBERTA	1.1	

ANSIEDADE	1.02	
MEDO	1.0	
DESESPERO	0.98	
TERROR	0.96	
ENTORPECIMENTO	0.94	
COMPAIXÃO	0.9	
BAJULAÇÃO- (<i>MAIS ALTO DE TOM- DÁ SELETIVAMENTE</i>)	0.8	
DESGOSTO	0.5	
FAZER EMENDAS- (<i>BAJULAÇÃO - NÃO SE CONSEGUE CONTER</i>)	0.375	
NÃO MERECEDOR	0.3	
AUTO-HUMILHAÇÃO	0.2	
VÍTIMA	0.1	
SEM ESPERANÇA	0.07	
APATIA	0.05	
INUTILIDADE	0.03	
MORIBUNDO	0.01	
MORTE DO CORPO	0.0	
FRACASSO	-0.01	
PENA	-0.1	
VERGONHA- (<i>SENDO OUTROS CORPOS</i>)	-0.2	
ACUSÁVEL	-0.7	
ACUSANDO- (<i>PUNINDO OUTROS CORPOS</i>)	-1.0	
ARREPENDIMENTO- (<i>RESPONSÁ- BILIDADE COMO CULPA</i>)	-1.3	
CONTROLANDO CORPOS	-1.5	ESFORÇO
PROTEGENDO CORPOS	-2.2	
POSSUINDO CORPOS	-3.0	PENSAR
APROVAÇÃO POR CORPOS	-3.5	
NECESSITANDO DE CORPOS	-4.0	SÍMBOLOS
VENERANDO CORPOS	-5.0	COMER
SACRIFÍCIO	-6.0	SEXO
ESCONDENDO-SE	-8.0	MISTÉRIO

SENDO OBJETOS	-10.0	ESPERAR
SENDO NADA	-20.0	INCONSCIENTE
NÃO CONSEGUE ESCONDER-SE	-30.0	
FRACASSO TOTAL	-40.0	INCOGNOSCÍVEL

L. RON HUBBARD

GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB DE 29 DE JULHO DE 1964

Cientologia de I a IV

BONS INDICADORES NOS NÍVEIS INFERIORES

John Galusha compilou a seguinte lista de Bons Indicadores a partir das minhas palestras e gravações, às quais, no final, se juntam mais três.

Bons indicadores nos Níveis Inferiores

- 1- Pc alegre ou a ficar mais alegre.
- 2- Pc a ter cognições.
- 3- A certeza básica do Pc a afirmar-se.
- 4- O Pc a dar ao auditor dados sucinta e claramente.
- 5- O Pc a encontrar coisas rapidamente.
- 6- O E-Metro a funcionar com precisão.
- 7- O que está a ser feito está a produzir a devida resposta no E-Metro.
- 8- O que está a ser encontrado está a dar a resposta devida no E-Metro.
- 9- O Pc está a percorrer rapidamente e a esgotar através do TA ou cognição.
- 10- O Pc dá informações ao auditor com facilidade.
- 11- A agulha a mover-se limpa.
- 12- O Pc a percorrer com facilidade, e, encontrando somáticos, eles descarregam.
- 13- O TA desce quando o Pc tem uma cognição.
- 14- O TA tem mais BDs à medida que o Pc continua a falar acerca de algo.
- 15- O E-Metro comporta-se como esperado e não com reações imprevisíveis.
- 16- O Pc sente-se mais quente e continuar assim, ou aquecer e arrefecer durante a audição.
- 17- O Pc com somáticos ocasionais de curta duração.
- 18- O TA anda na faixa de 2.25 a 3.5.
- 19- Boa ação do TA ao localizar coisas.
- 20- O E-Metro com boa reação àquilo que o Pc e o auditor pensam estar errado.
- 21- O Pc não se atormenta muito com PTPs e eles são facilmente resolvidos ao ocorrerem.
- 22- O Pc continua certo da audição como solução.
- 23- O Pc feliz e satisfeito com o auditor, independentemente do que o auditor está a fazer.
- 24- O Pc não protesta a respeito das ações do auditor.
- 25- O Pc tem melhor aparência por causa da audição.
- 26- O Pc sente-se com mais energia.
- 27- O Pc sem dores, mal-estar ou doenças desenvolvidas durante a audição. Não significa que o Pc não deva ter somáticos, mas apenas que não deve ficar doente.
- 28- O Pc quer mais audição.
- 29- O Pc confiante e a ficar mais confiante.
- 30- O Pc a fazer Itsa livremente, mas abordando apenas o assunto em questão.
- 31- O auditor ver facilmente como foi ou é o caso do Pc, através das explicações dele.
- 32- A capacidade do Pc fazer Itsa e de confrontar a melhorarem.
- 33- O banco do Pc a ordenar-se.
- 34- O Pc sente-se confortável no ambiente da audição.

- 35- O Pc aparecer para audição por vontade própria.
- 36- O Pc aparecer pontualmente para a sessão e disposto a ser auditado, mas sem ansiedade.
- 37- As dificuldades da vida do Pc a diminuírem progressivamente.
- 38- A atenção do Pc mais livre e mais sob o seu controle.
- 39- O Pc tornar-se mais interessado nos dados e na técnica da Cientologia.
- 40- A condição-de-ter (havingness) do Pc na vida e na vivência a melhorar.
- 41- O ambiente do Pc a ficar mais facilmente resolúvel.

L. Ron Hubbard

Fundador

GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar De St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB de 26 de Outubro de 1970

OBNOSE E A ESCALA DE TOM

O que se segue é um extrato do Manual Preparatório do Curso Clínico Avançado (ACC) para os Estudantes Avançados de Cientologia. Foi publicado em 1957.

A OBNOSE E A ESCALA DE TOM

Nalgum lugar dos vossos materiais, no seu escritório ou arrumadas numa biblioteca você tem duas grandes folhas de papel. Estão cobertas de dados inestimáveis para um auditor. Já se embrenhou nelas, já se referiu a elas muitas e muitas vezes. Trata-se, é claro, da Carta da Avaliação Humana e do Quadro de Atitudes. Os dados que elas encerram constituem uma grande parte dos materiais do auditor. Todos os auditores do mundo estão, em certa medida, familiarizados com estes dados.

Mas como fazer para se extraírem os dados destes quadros e aplicá-los à vida, a uma pessoa real? Não é difícil, digamos, para um tom emocional ocasional. “O João teve um acesso de 1,5 ontem à noite”. É claro. Ele ficou vermelho que nem um tomate e atirou-vos com um livro à cabeça. É simples. A Maria desatou a soluçar e pegou num lenço. Os dois auditores olham um para o outro e abanam sabiamente a cabeça: “Hum...Desgosto!”

Mas que dizer do tom crónico, coberto pela fina capa brilhante do verniz social? Em que medida consegue você ser perspicaz e ter a certeza dele?

Ora apanhe um Pc que conheça bem. Qual é exatamente o seu tom crónico? Se não o sabe, é melhor continuar a ler. Se sabe, continue a ler e aprenda mais sobre o assunto.

O título deste artigo começa por uma palavra bizarra: *obnose*. Foi criada a partir da expressão “observar o óbvio”. A arte de observar o que é evidente está neste momento intensamente negligenciada na nossa sociedade. E é pena.

É a única forma de alguma vez se ver alguma coisa: observar o óbvio. Observar uma coisa tal como ela é, e que coisas estão realmente aí. Felizmente para nós esta capacidade de “*obnosar*” não é de forma alguma inata ou mística. Mas é deste modo que a apresentam os não Cientologistas.

Como ensinar a alguém a ver o que está aí?

Pois bem, coloque ali uma coisa para que ele a observe e mande-o dizer o que vê. É o que fazemos nas aulas do Curso Clínico Avançado. E quanto mais cedo no curso o fizermos, melhor. Pede-se a um estudante para ficar de pé na frente da aula, e aos outros para o observarem. O instrutor põe-se de lado e repete a pergunta: “O que é que veem?”

As primeiras respostas são algo como: “Bem, vejo que ele tem muita experiência”. “Ah, bom. Será que vê realmente a experiência dele? O que é que vê além?” “Bom, pelas rugas que ele tem à

volta dos olhos e da boca posso dizer que já viveu muitas experiências”. “Muito bem, mas o que é que vês?” “Ah, compreendo. Vejo rugas à volta dos olhos e da boca”. “Muito bem!”

O instrutor não aceita nada que não seja bem visível. Um estudante começa a compreender e diz: “Bom, eu vejo realmente que ele tem orelhas”. “Muito bem, mas do teu lugar vês realmente que ele tem duas orelhas, neste momento em que estás a olhar para ele?” “Bom, não”. “Muito bem. O que é que vês?” “Vejo que ele tem a orelha esquerda”. “Muito bem!” Não são aceites conjeturas nem suposições tácitas. Também não se permite que os estudantes vagueiem pelo banco. Por exemplo: “Ele tem uma boa postura”. “Tem uma boa postura em relação a quê?” “Bom, ele está mais direito do que a maior parte das pessoas”. “Essas pessoas estão aqui neste momento?” “Não, mas eu tenho imagens delas”. “Ora vamos! Ele está mais direito em relação a alguma coisa que tu vês aqui neste momento?” “Bom, ele está mais direito do que tu. Tu estás um pouco curvado”. “Neste momento?” “Sim”. “Muito bem!”

Está a ver o objetivo disto? Trata-se de levar um estudante ao ponto de poder observar uma pessoa ou um objeto e ver exatamente o que lá está. Não uma dedução daquilo que lá poderia estar a partir do que ele ali vê efetivamente. Não alguma coisa que o banco considera como devendo estar associada ao que lá está. Simplesmente o que lá está, visível e óbvio, à vista. É tão simples que “se mete pelos olhos dentro”.

No decurso deste exercício prático de observação do óbvio nas pessoas, os estudantes adquirem muitas informações sobre as características físicas e verbais relativas a um determinado nível de tom. São coisas muito fáceis de ver e escutar quando se observa o corpo de uma pessoa e se escutam as suas palavras. “Observar o *thetan*” não faz parte de *obnose*. Olhe para o terminal, para o corpo, e oiça o que de lá sai. Não queira tornar-se místico nem comece a confiar na “intuição”. Observe unicamente o que lá está.

Por exemplo, você pode obter uma boa indicação sobre o tom crónico de uma pessoa observado o que ela faz com os olhos. Em *apatia*, ela tem o aspeto de olhar fixamente para um objeto em particular durante um tempo indeterminado. O único senão é que ela não o está a ver. Não tem qualquer consciência do objeto. Se lhe enfiasse um saco na cabeça, a direção do seu olhar provavelmente manter-se-ia.

Em *desgosto*, a pessoa tem um ar “abatido”. Uma pessoa cujo tom crónico é “desgosto” tem a tendência de dirigir o olhar para o chão. Nos níveis inferiores de *desgosto*, a sua atenção estará relativamente fixa como em *apatia*. Quando se desloca para a zona do “medo”, o seu olhar move-se em todas as direções, mas sempre para baixo. Em *medo*, a característica mais evidente é que a pessoa não consegue olhar para você. É demasiado perigoso olhar para os terminais. Deveria estar a falar consigo, mas ela olha mais para além, para o lado esquerdo. Depois dá uma rápida vista de olhos aos vossos pés, a seguir olha por cima da vossa cabeça (dá a impressão que um avião vai a passar), mas agora já está a olhar lá para trás por cima do ombro. Clique, clique, clique. Em resumo, olha para todos os lados exceto para você.

Seguidamente, na zona inferior de “fúria”, ela desvia deliberadamente a vista de você. Ela *desvia* a vista de você: é uma rutura manifesta de comunicação. Um pouco mais alto na escala, ela olhará bem de frente para si, mas de uma forma não muito agradável. Quer localizá-lo como alvo. Mais acima, em “tédio”, você vê os seus olhos a vaguear, mas não tão freneticamente como em *medo*. Ela não evitará olhar para si. Inclui-lo-á nas coisas que observa.

Munidos destes dados e tendo adquirido uma certa competência para observar as pessoas tal como elas são, os estudantes do curso clínico avançado são levados para junto do público a fim de falarem com estranhos e detetarem o ponto onde eles se encontram na escala de tom.

Habitualmente, mas unicamente para os ajudar um pouco a abordar as pessoas, são-lhes dadas uma série de perguntas a colocar a cada uma e um bloco de notas onde anotar respostas, observações, etc. Trata-se de entrevistadores da Fundação de Investigação Hubbard que estão a fazer sondagens à opinião pública. O verdadeiro objetivo da sua conversa é detetar o ponto onde as pessoas se encontram na escala de tom, crónica e socialmente. São-lhes dadas perguntas destinadas a produzir atrasos de comunicação e a quebrar o mecanismo social de modo a fazer surgir o tom crónico. Eis alguns exemplos de perguntas utilizadas neste momento: “O que é mais evidente em mim?”, “Quando é que você cortou o cabelo a última vez?” e “Acha que as pessoas trabalham hoje em dia tanto como há cinquenta anos?”

A princípio os estudantes detetam simplesmente o tom da pessoa que estão a interrogar, e as aventuras que os esperam ao fazer isto são muitas e variadas. Mais tarde, quando já ganharam mais confiança a interpelar estranhos e a fazê-los falar, juntam-se as seguintes instruções: “Interroga pelo menos 15 pessoas. Nas primeiras cinco vai para o tom delas assim que o tenhas detetado. Com as cinco seguintes, desce abaixo do tom delas e vê o que acontece. Com as cinco últimas, adota um tom mais alto do que o delas”.

O que é que um estudante do Curso Clínico Avançado obtém destes exercícios?

Por um lado, o desejo de comunicar com qualquer pessoa. De início, os estudantes escolhem cuidadosamente o tipo de pessoas que abordam. Somente senhoras idosas, ninguém que tenha um ar colérico ou somente as pessoas com aspeto limpo. Por fim, abordam simplesmente a pessoa seguinte, mesmo que tenha o aspeto de um leproso ou que esteja armada até aos dentes. A faculdade de confrontar aumentou e trata-se simplesmente de mais alguém com quem falar.

Ficam desejosos de situar uma pessoa na escala de tom sem vacilar. Eles dizem: “É um 1,1 crónico. O tom social é 3,5, mas na realidade falso”. É assim mesmo e eles dão conta disso.

Também ficam muito talentosos em adotar à vontade diversos tons, fazendo-os passar de forma muito convincente e com grande suavidade. Isto é muito útil em muitas situações e também divertido. Eles tornam-se adeptos de dar cabo dos atrasos de comunicação em situações informais. Ficam hábeis a fazer a diferença entre a aparência e a realidade.

O aumento de segurança na comunicação, o à-vontade e facilidade de lidar com as pessoas que os estudantes formados nesta escola têm, são coisas que é preciso ver, ou ter passado pela experiência, para crer.

A pergunta que se faz ouvir mais frequentemente em qualquer unidade do curso clínico avançado é: “Será que poderíamos, por favor, fazer mais um pouco de obnose esta semana? Não fizemos ainda o suficiente”. (Esta declaração diverte imenso os instrutores do CCA visto que estes mesmos estudantes diziam no início: “Se me obrigar a ir lá abaixo, abandono o curso”).

A obnose é algo muito importante que todos os Cientologistas devem aprender o mais meticolosamente possível.

L. Ron Hubbard
Fundador

SECÇÃO TRÊS: UTILIZAÇÃO DO E-METRO

HUBBARD COMMUNICATIONS OFFICE

Saint Hill Manor, East Grinstead, Sussex

HCO POLICY LETTER OF 14 JULY 1962

Sthil Students
CenOCon
All Sthil Grads

URGENT

AUDITING ALLOWED

I want every auditor auditing to be perfect on a meter. To be otherwise can be catastrophic.

By perfect is meant:

1. Auditor never tries to clean a clean read;
2. Auditor never misses a read that is reacting.

One mistake on M.S. or TRs may not ruin a session. One mistake on a meter read can ruin a session. That gives you the order of importance of *accurate* never-miss meter reading.

All bad auditing results have now been traced to inaccuracy in meter reading. Other aspects of a session should be perfect. But if the session, even vaguely following a pattern session, comes to grief, **it is only meter reading accuracy that is at fault.**

I have carefully ferreted this fact out. There is only one constant error in sessions that produce no results or poor results; inaccurate meter reading. This is also true for student and veteran auditors alike.

When an auditor starts using unusual solutions, he or she was driven to them by the usual solution not working. The usual solution always works unless the meter needle reading is inaccurate.

If an auditor is using unusual solutions, then **that auditor's meter reading is inaccurate.** Given this, consequent ARC breaks and failures drive the auditor to unusual solutions.

A D of P who has to dish out unusual solutions has auditors who are missing meter reads.

Meter reading must be *perfect* every session. What is perfect?

1. Never try to clean a read that is already clean.
2. Never miss an instant reaction of the needle.

If you try to clean a clean rudiment, the pc has the missed withhold of *nothingness*. The auditor won't accept the origination or reply of *nothingness*. This can cause a huge ARC break, worse than missing a somethingness. A nothingness is closer to a thetan than somethingness.

If you miss an instant reaction you hang the pc with a missed withhold and the results can be catastrophic.

If you fumble and have to ask two or three times, the read damps out, the meter can become inoperative on that pc for the session.

If you miss on one rudiment, the next even if really hot can seem to be nul by reason of ARC break.

A meter goes nul on a gradient scale of misses by the auditor. The more misses, the less the meter reads.

Meter perfection means only accurate reading of the needle on instant reads. It is easily attained.

An auditor should never miss on a needle reaction. To do so is the basis of all unsuccessful sessions. Whatever else was wrong with the session, it began with bad meter reading.

Other auditing actions are important and must be done well. But they can all be overthrown by *one* mistake in metering.

1. Never clean a clean needle.
2. Never miss a read.

Unless metering perfection is attained by an auditor, he or she will continue to have trouble with preclears.

The source of all upset is the missed withhold.

The most fruitful source of missed withholds is poor metering.

The worst TR 4 is failure to see that there is nothing there or failing to find the something that is there on an E-Meter.

This is important: Field Auditors, Academies and HGCs are all being deprived of the full benefit of processing results by the one read missed out of the 200 that were not missed. It is that critical!

A good pro, by actual inspection, is at this moment missing about eight or nine reads per session, calling one that is clean a read and failing to note a read that read.

This is the 5 to 1 ratio noted between HGC auditing and my auditing. They miss a few. I don't. If I don't miss meter reads, and don't have ARC breaky pcs, why should you? With modern session pattern and processes well learned, all you have to acquire is the ability to never miss on reading a needle. If I can do it you can.

L. RON HUBBARD

LRH:dr.cden

GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Saint Hill Manor, East Grinstead, Sussex

Boletim HCO de 23 de agosto de 1968

Classe VIII

ARBITRARIEDADES

Qualquer arbitrariedade entrada em qualquer linha é uma maneira de parar essa linha.

Um auditor fazendo um trabalho de audição de repente entra com uma arbitrariedade, como "o PC agora tem uma carga de desgosto portanto ele deve ter um withhold visto que eu acabei de limpar as quebras de ARC." Ou qualquer uma dessas coisas selvagens. Esta arbitrariedade irá parar o caso do PC ali mesmo.

Você tem tudo o que há a saber sobre tecnologia em HCOBs, gravações e livros.

Isto é tudo.

Aqui está uma: quando a agulha de um E-metro reage em resposta à pergunta de um auditor, tudo o que você sabe é que a agulha no E-metro reagiu. Isso é tudo o que você sabe. Agora, nos próximos segundos, você vai tentar saber se a leitura foi na pergunta ou noutra coisa qualquer, como por exemplo, num protesto. Assumir qualquer outra coisa em relação às leituras do metro é uma arbitrariedade e vai parar o PC com um estrondo.

São estes os dados. Derrube todas as arbitrariedades agora.

Introduza a tecnologia padrão rigidamente. A tecnologia padrão é aquela tecnologia que não tem absolutamente nenhuma arbitrariedades.

L. RON HUBBARD

Fundador

LRH:jp.ja.pc

GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB DE 21 DE JULHO DE 1962

Franchise

Estudantes de Sthil

URGENTE

REAÇÕES INSTANTÂNEAS

(Adenda ao Boletim HCO de 25 de Maio 1962)

Nos Rudimentos, repetitivos ou rápidos, a reação instantânea pode ocorrer em qualquer ponto dentro da última palavra da pergunta ou quando o pensamento principal foi antecipado (previsto) pelo Pc e isso deve ser levado em conta pelo auditor. Isto não é uma reação prévia. Os “Pcs” que não estão inteiramente “em sessão”, sendo manejados por auditores com TR1 indiferente, antecipam reactivamente a reação instantânea, pois estão sob o seu próprio controle. Tal reação ocorre no corpo da última palavra significativa da pergunta. Nunca é latente.

Por outras palavras, todas as reações que ocorrem quando o pensamento principal foi recebido pelo Pc devem ser consideradas e limpas. Isto não quer dizer que todas as reações instantâneas que ocorram enquanto a pergunta está a ser feita tenham que ser limpas, mas sim que a leitura instantânea ocorre muitas vezes antes da última palavra significativa ser plenamente proferida, e é catastrófico não a considerar e limpar.

Metas e itens reagem, entretanto, só quando o movimento da agulha ocorre exatamente no fim da última palavra.

Isto dá-lhe sessões mais limpas e agulhas mais harmoniosas.

L RON HUBBARD

Fundador

GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD
Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,
HCOB DE 28 DE FEVEREIRO DE 1971

Remimeo
Checksheet de Auditor de HGC
Checksheet Nível 0 da Academia
Checksheet do curso de Dn

IMPORTANTE
Série C/S 24

MEDIÇÃO DE ITENS COM LEITURA

NOTA: Observações que recentemente fiz ao manejar a linha de C/S resultaram numa clarificação necessária do assunto “um item ou pergunta com reação” o que melhorou definições anteriores e salvou alguns casos.

Pode ocasionalmente acontecer que o auditor deixe passar uma reação num item ou pergunta e não a percorrer porque “não tem reação”. Isto pode penosamente pendurar um Pc, se o item ou pergunta teve de facto reação. Isso não é manejado e fica registado como “sem leitura” quando de facto, leu SIM.

POR ISSO, TODOS OS AUDITORES DE DIANÉTICA CUJOS ITENS OCASIONALMENTE “NÃO LEEM” E TODOS OS AUDITORES DE CIENTOLOGIA QUE TÊM PERGUNTAS DE LISTA QUE NÃO LEEM DEVEM SER VERIFICADOS NESTE HCOB EM QUAL OU PELO C/S OU SUPERVISOR.

Estes erros pertencem à classe de Erros Grosseiros de Audição pois eles afetam a metria.

1. Diz-se que um item ou pergunta “lê” quando a agulha cai. Não quando ela pára ou abranda numa subida. Um tique é sempre anotado e em alguns casos torna-se uma leitura ampla.
2. A leitura é tomada da primeira vez que o pc fala ou quando a pergunta é clarificada. É ESTE o momento válido da leitura. Ela é devidamente marcada (mais qualquer BD). ESTA reação define *o que é um item ou pergunta reagente*. VOLTAR A VERIFICAR SE REAGE NÃO É UM TESTE VÁLIDO pois a carga superficial pode ter desaparecido, mas o item ou pergunta ainda percorrerá ou listará.
3. Independentemente de quaisquer afirmações ou material anterior sobre ITENS REAGENTES, um item não tem que reagir só quando o auditor o profere para ser um item válido para percorrer engemas ou para listagem. O teste é: ele leu quando o pc o disse a primeira vez, quando o originou ou quando o clarificou?
4. O facto de um item ou pergunta ter sido marcada como tendo lido, é razão suficiente para o percorrer ou usar ou listar. O interesse do pc, em Dianética, é também necessário para o percorrer, mas o facto de ele não ter lido *de novo* não é razão para não o usar.
5. Ao listar itens o auditor tem que ter um olho no e-metro, NÃO necessariamente no pc e tem que anotar a extensão da leitura e qualquer BD e tamanho, na lista que está a marcar. ISTO é suficiente para ser considerado um “item reagente” ou “pergunta reagente”.
6. Ao clarificar uma pergunta de listagem o auditor vigia o e-metro, NÃO necessariamente o pc e anota qualquer leitura que ocorra enquanto clarifica a pergunta.
7. Uma chamada adicional do item ou pergunta para ver se lê, é desnecessária e não é uma acção válida se o item ou pergunta tiver lido na originação ou clarificação.

8. O facto de um item estar marcado como tendo lido numa lista anterior de Dianética é suficiente (verificando também interesse) para o percorrer sem mais nenhum teste de leitura.
9. Deixar de observar uma leitura numa originação ou clarificação é um Erro Grosseiro de Audição.
10. Deixar de marcar na lista ou folha de trabalho a leitura e qualquer BD observado durante a originação do pc ou clarificação da pergunta é um Erro Grosseiro de Audição.

VISÃO

Os auditores que perdem leituras ou têm uma visão deficiente deverão ser examinados e usar óculos apropriados, ao auditar.

ÓCULOS

Os aros de alguns óculos podem impedir a visão do e-metro, quando o auditor está a olhar para a folha de trabalho ou para o pc.

Se for o caso, os óculos devem ser trocados por outros com visão mais ampla.

VISÃO AMPLA

Espera-se de um bom auditor que ele veja o seu e-metro, o pc e a folha de trabalho, tudo ao mesmo tempo. Seja o que for que ele faça ele tem sempre que notar qualquer movimento do e-metro se a agulha mexer.

Se ele não puder fazer isto tem que usar um e-metro Azimute e não colocar papel sobre o vidro, mas fazer a folha de trabalho olhando através do vidro para a caneta e papel, o conceito original do e-metro Azimute. Então mesmo enquanto escreve ele vê a agulha a mexer pois ela está na sua linha de visão.

CONFUSÕES

Toda e qualquer confusão sobre o que é um “item reagente” ou “pergunta reagente” deverá ser limpa a fundo em qualquer auditor, pois tais omissões ou confusões podem ser responsáveis por casos pendurados e reparações desnecessárias.

NÃO REAÇÃO

Qualquer comentário de que um item ou pergunta “não reagiu” deve ser imediatamente posto em causa por um C/S e verificar o auditor neste HCOB.

Na verdade, não leituras, um item ou pergunta não reagente, significa um item ou pergunta que *não* leu quando originado ou clarificado e também não leu quando proferido.

Podemos ainda proferir um item ou pergunta para obter uma leitura. Se agora ler, tudo bem. Mas se nunca leu, o item não correrá e a lista não produzirá qualquer item.

Não é proibido proferir um item ou pergunta para a testar. Mas é uma ação inútil se o item ou pergunta ler ao ser originada pelo pc ou ao ser clarificada com ele.

IMPORTANTE

Se os dados deste HCOB não forem sabidos podem provocar fracassos. Por isso têm que ser verificados nos auditores.

L. RON HUBBARD

Fundador

GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB DE 5 DE AGOSTO DE 1978

Remimeo

Refs:

HCOB 28 Fevereiro 71 Série C/S 24 MEDIR ITENS REAGENTES

HCOB 8 78 de Abril UMA F/N É UMA LEITURA

Essenciais do E-metro, pág. 17 (R/S)

HCOB 18 Jun. 78 NED Série 4 VERIFICAÇÃO E COMO OBTER O ITEM

REAÇÕES INSTANTÂNEAS

A definição correta de reação instantânea é:

AQUELA REAÇÃO DA AGULHA QUE OCORRE NO EXATO FINAL DE QUALQUER PENSAMENTO PRINCIPAL PROFERIDO PELO AUDITOR.

Todas as definições que declaram que a reação se produz frações de segundos após a pergunta ser feita, estão canceladas.

Assim, uma reação instantânea que ocorre quando o auditor faz a verificação dum item, ou faz uma pergunta, é válida e deve ser considerada e reações latentes ocorrendo frações de segundo após o pensamento principal são ignoradas.

Além disso, ao procurar reações enquanto se faz a clarificação dos comandos ou quando o pc está a originar itens, o auditor deve anotar somente as reações que ocorrerem no momento exato em que o pc termina o enunciado do item ou comando.

L. RON HUBBARD

Fundador

GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB DE 8 DE JUNHO DE 1961R

Rev. 22 Fev. 79

Estudantes de Sthil

Orgs Centrais

Pessoal Técnico

OBSERVAR O E-METRO

ESTÁ À ESPERA QUE O E-METRO LHE DÊ MÚSICA?

Tenho ficado algo surpreendido com o tempo que as pessoas levam a fazer Verificações de Pre-hav, Verificações de Segurança e Metas.

Numa inquirição sobre isto, que pode revelar mais, foi descoberto que os estudantes esperam pacientemente que o e-metro reaja, facto já antes notado por Mary Sue.

Surpreende-me que os auditores acreditem que estão a fazer uma verificação analítica em Pre-hav, etc. *Está errado.*

A escala de Pre-hav **não** é uma figura de pensamento analítico. Ela está na ordem em que está porque é um retrato do pensamento **reativo**. É a forma como a mente reativa está empilhada. (Ver *Dianética: A Ciência Moderna de Saúde Mental*, capítulo Mente Reativa).

Ora, um E-metro reage somente à mente reativa. Um “Clear” não reage porque é capaz de estar consciente. Um aberrado reage por não poder pensar sem que o seu pensamento excite a reatividade da mente reativa. Esta, (mente reativa) sendo composta de massa, energia, espaço, tempo e pensamento, responde a minúsculos impulsos elétricos.

Se a audição não fosse dirigida à reatividade não registaria no e-metro. Assim, trabalhamos o que reage e isso faz, portanto, parte da mente reativa.

A mente reativa responde instantaneamente a dados de há um bilião de anos atrás. Como é isto? O Tempo na Mente Reativa está “avariado”, assim como o Espaço, Matéria e Energia. Ponha um letreiro na mente reativa: “Avariado” Ela faz ligações erradas, daí o E-metro.

O que está errado com o Pc não é conhecido do Pc. Portanto, se o Pc sabe tudo a respeito de algo, esse algo não está errado com ele.

É por isso que nunca se trabalha o que o Pc diz. Só se trabalha o que o e-metro diz. Exemplo: o Pc está *seguro* de que o nível geral corrente de Pre-hav que deveria ser trabalhado agora é “Ordem ou Comando”. “Ordem” desvanece-se rapidamente. “Comando” faz o mesmo. **CONQUISTAR** continua a dar. Este é um exemplo real. Acabei de verificá-lo há poucos minutos num Pc que está numa forma bastante boa. Ele não gostava de CONQUISTAR. Ele disse que Ordem e Comando estavam numa longa banda. Alguém que fizesse Q&A na sua verificação teria dito, talvez, que o Pc é que sabe por isso trabalharemos Ordem. Mesmo que a agulha não caísse. Porém, quando eu disse que iríamos trabalhar CONQUISTAR porque só *isso* agora reagia, o Pc suspirou e cedeu. Ao encontrar as perguntas do nível **conquistar** produziram-se muito boas respostas da agulha. O Pc estava errado porque não sabia disso. Fazia parte da sua mente reativa. Ordem e Comando

eram respostas analíticas induzidas por uma coisa inteiramente diferente, CONQUISTAR. Se Ordem e Comando tivessem sido trabalhados no Pc teria sido desperdiçado imenso tempo de audição.

Agora, porque é que as verificações estão por vezes erradas? Porque o auditor é persuadido pelo Pc e não pelo e-metro. *Se* o Pc e o e-metro concordam, qual é o problema? Pode ainda trabalhar-se a coisa. Mas só quando o e-metro o diz, pois só então é reativo.

Ora, e as verificações *lentas*? Bem, o auditor pensa que o Pc tem que considerar coisas antes de responder, espera que o Pc responda, que a pergunta vá fundo para que o e-metro reaja.

Isto está completamente errado. Baseia-se em mal-entendidos sobre verificações, sobre o e-metro e sobre a mente reativa.

1. Não tem que ser dada ao Pc a oportunidade de pensar antes de a agulha reagir.
2. O Pc não tem que dizer nada ou responder para fazer a agulha reagir.
3. Toda a resposta da agulha é reativa.
4. Não existe tempo na mente reativa.
5. Se o Pc soubesse o que está errado com ele, isso não estaria errado.
6. Só o e-metro sabe.
7. O auditor tem mais controle sobre a Mente Reativa do Pc do que o Pc, pois o Pc é influenciado pelas respostas da Mente Reativa e o auditor não sofre essa influência.

O e-metro responde instantaneamente. A reação obtida começa instantaneamente a ocorrer na agulha após o item ter sido proferido.

Não é preciso ficar ali sentado à espera que a agulha responda de novo, pois não o fará até *voce* carregar naquele botão outra vez.

A única espera é deixar a agulha voltar depois de uma queda. Isto pode levar um segundo.

Portanto, ESPERAR MAIS DO QUE UM SEGUNDO PARA PROFERIR A PALAVRA SEGUINTE DA LISTA É UMA COMPLETA PERDA DE TEMPO DE AUDIÇÃO.

A resposta que você quer começará a ocorrer instantaneamente após proferir uma meta, terminal, nível ou pergunta de segurança. Assim, o tempo máximo entre perguntas no nível de Pre-Hav não é mais do que um intervalo de três segundos enquanto você digere o dado.

Além disso, numa verificação de Pre-Hav sobre a Escala Geral (como na Rotina 2, HCOB 5 Jun. 61) agora não dizemos: “Tu...?” ou qualquer outro acessório. Dizemos apenas o nível em si, anotamos a resposta, pomos um ponto a lápis no nível se reagir, dizemos a palavra seguinte, etc., etc. Leva cerca de cinco minutos a correr a Escala Primária para cima e para baixo, para lhe encontrar o nível. Começamos, (usando vários símbolos para os diferenciar, como pontos, Xis, linhas). Depois voltamos a descer a escala tocando somente os que marcámos na subida. Colocamos outro ponto nalguns que ainda ciarem ou reagirem. Então, eliminamos os que ficaram um contra o outro, dizendo um só nível de cada vez. O nível restante é agora o único que reage. Assim, arranjamos a nossa chaveta de 5 vias e prosseguimos com a audição.

O Pc não tem que dizer uma única palavra em toda a verificação. Podemos até polidamente pedir-lhe para não o fazer, pois a respiração fora e dentro da fala pode fazer a agulha vibrar.

Quando passamos à Escala Secundária do nível encontrado fazemos exatamente como acima. Fazemos a chamada de todos uma vez, depois só daqueles que reagiram, eliminamo-los e

aí o temos. (E, a propósito, se percorrermos a Escala Secundária, não ficamos a trabalhar níveis nessa Secundária para sempre. Em cada nova verificação, usamos outra vez a Escala Primária a fim de encontrar um novo nível Secundário para verificar).

Isto é também verdade para um Joburg. Se é que vamos obter uma reação da agulha, ela virá logo. Nada de esperas. Se conseguirmos uma reação limpamos a reação, não a vida inteira do Pc. No momento em que a agulha está nula passamos à pergunta seguinte. Obviamente, num Joburg, o Pc fala. É melhor que o faça!

Todas as ações de audição exceto os CCHs são agora feitas segundo a Sessão Modelo.

E todas as ações e perguntas de audição são eficazes, nem numa pressa frenética, nem lentas.

Assim a coisa resume-se a isto. Podem juntar-se semanas a Joburg e verificações se pensarmos que temos que esperar por uma resposta da agulha.

De que é que estamos à espera? Toda a ação só requer um segundo.

Não espere que o E-Metro toque música.

L. Ron Hubbard
Fundador

Remimeo

Referencia: HCOB 3 Dez. 78 FLUXOS SEM LEITURA

VERIFICAR SEMPRE SE UM ITEM DÁ LEITURA ANTES DE FAZER UM PREPCHECK E VERIFICAR SEMPRE SE UM ITEM E UM FLUXO DÃO LEITURA ANTES DE AUDITAR AS LEMBRANÇAS OU ENGRAMAS.

ANOTAR SEMPRE NA FOLHA DE TRABALHO A LEITURA (SF, F, LF, LFBD) QUE UM ITEM DÁ.

CARGA

A causa real da “carga” reside nisto. A “carga” é o impulso elétrico do caso que ativa o e-metro.

A “carga” mostra não apenas que uma zona contém qualquer coisa, mas também que o Pc a acha possivelmente *real*.

O pc pode ter uma perna partida; contudo, isso talvez não dê leitura no e-metro. Seria algo *com carga* que, contudo, estaria abaixo do nível de realidade do pc. Portanto, isso não daria leitura.

AS COISAS QUE NÃO DÃO LEITURA SERÃO IMPOSSÍVEIS DE AUDITAR.

O supervisor de caso conta sempre com o AUDITOR para verificar se as perguntas ou os itens ou os fluxos dão leitura antes de os auditar.

Quando uma pergunta ou um item ou um fluxo não dão leitura, o auditor pode e deve sempre usar “reprimido” e “invalidado”. “Nesta (pergunta) (item) (fluxo) alguma coisa foi suprimido?” “Nesta (pergunta) (item) (fluxo) alguma coisa foi invalidada?”. Se uma ou outra der leitura, a pergunta, o item ou o fluxo darão também leitura. O supervisor de caso conta igualmente que o AUDITOR use “suprimido” e “invalidado” numa pergunta, num item ou num fluxo. Se a pergunta, o item ou o fluxo não dão nunca leitura há que parar aí. Não se usa, não se faz Listagem. Passa-se à ação seguinte do C/S ou termina-se a sessão.

L. Ron Hubbard

Fundador

GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB de 23 de JUNHO de 1980RA

Rev.25 Fev. 82

Re-Rev. 25 Out. 83

Remimeo

Todos os auditores

C/Ss

Níveis da Academia

Tech/Qual

VERIFICAÇÃO DAS PERGUNTAS NOS PROCESSOS DOS GRAUS

(HCOB de 23 de Junho de 1980 RA)

Cancela a emissão original, e a sua revisão de 25 Fev. 82

Ref.

HCOB 12 Jun. 70

C/S Séries 2

HCOPL 17 Jun. 70 RB

Degradações técnicas. Urgente importante, *KSW séries*

5R

HCOB 19 Bar 72

"Quikie" definido KSW séries 8

HCOB 3 Dez 78

Fluxos não reagentes.

HCOB 27 Mia 70R

Perguntas e itens não reagentes.

HCOB 8 Jun. 61

Observação do E-Metro.

HCOB 7 Mai. 69

Os cinco GAEs.

HCOB 22 Mar 80

Exercícios de Verificação.

(A versão original do HCOB de 23 Jun. 80 afirmava incorretamente que um auditor não tinha que verificar se os processos dum grau davam leitura antes de os percorrer. Com esta revisão todos os textos anteriores escritos por outros foram simplesmente retirados e mais referências foram adicionadas à lista acima).

CADA UM DOS PROCESSOS DOS GRAUS A SER CORRIDO NUM E-METRO TEM QUE ANTES SER VERIFICADO SE DÁ LEITURA E, SE NÃO DER, NÃO É PERCORRIDO NESTA ALTURA.

Esta regra aplica-se aos processos subjetivos dos graus. Não se aplica a processos que não são percorridos ao E-Metro, tais como processos objetivos ou assists (exceto assists ao E-Metro de natureza subjetiva).

Na realidade um processo que "não lê" provém de uma de três fontes:

- (a) O processo não tem carga,
- (b) O processo está invalidado ou suprimido ou
- (c) Os rudimentos estão fora na sessão.

É um facto que o interesse do PC também tem um papel no meio disto.

Eu acho que as pressas vêm de:

- (1) Auditores que tentam furar para além das F/Ns existentes ou persistentes ou
- (2) Auditores com TRs tão pobres que o PC nunca esteve em sessão.

Quase todos os processos e fluxos dos graus leem nos PCs que estão naquela área da carta de graus, a menos que as duas condições acima estejam presentes.

A verificação também não dá lá grande resultado uma vez que isso distraia o Pc.

Existe um sistema, entre outros, que podemos usar. Podemos dizer: "O próximo processo é (expomos o fraseado da pergunta de audição)" e verificamos se lê. Isto não leva mais que um lampejo. Se não ler, mas, o que é mais provável, se não tiver carga, der F/N ou uma suave agulha nula, fazemos uma curta pausa e acrescentamos: "Mas estás interessado nisto?" O PC considerá-lo-á, e se não tiver carga com o PC em sessão, dará F/N ou uma F/N mais larga.

Se tiver carga, o PC deverá normalmente pôr a sua atenção nela e teremos uma Queda ou apenas uma paragem da F/N seguida de uma Queda na parte do interesse.

Para fazer isto, é preciso audição muito suave e não falhar. Assim, em caso de dúvida podemos verificar a pergunta de novo. Mas nunca perseguir ou molestar o PC com isso. Verificar desajeitadamente se as perguntas leem pode resultar numa perturbação do PC e atirá-lo para fora de sessão, por isso esta ação de audição, como qualquer outra, requer suavidade.

L. RON HUBBARD

Fundador

GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB 10 DEZEMBRO 1965

Remimeo

Tec & Qual

Todos os níveis

TREINO NOS EXERCÍCIOS DE E-METRO

O que se segue foi apresentado por Malcolm Cheminais, supervisor de cursos de instrução especial de Saint Hill.

Eis algumas observações que eu fiz sobre treino nos exercícios de e-metro e que, penso, poderão ser úteis:

1. O treinador tem uma agulha suja. O mau ciclo de comunicação do estudante cortou de alguma forma a sua comunicação, mas ANTES disso, o treinador não deu Flunk na parte do ciclo de comunicação que deixou de estar bem. Quando o treinador dá funks corretos, o estudante não tem agulhas sujas.
2. Se o TA do treinador começa a subir no decurso de um exercício e que a agulha se torna presa, isso quer dizer que o ciclo de comunicação do estudante o distraiu e o tirou de tempo presente. Quer (1) por o treinador não dar nenhum Flunk, quer (2) por ele não dar Flunk onde é preciso.
3. Assim que o treinador dá o Flunk que é preciso a um mau ciclo de comunicação que o distraiu e fez subir o seu TA, isso ocasiona sempre um Blowdown do TA. Se não houver Blowdown, é porque o treinador deu um Flunk onde não era preciso.
4. Se uma agulha não reage bem e não está sensível durante os exercícios de assessment, ainda que esteja limpa, isso significa que o treinador não apurou o estudante no seu TR 1 (ou no seu TR 0) falta de impacto ou não atinge o treinador.
5. Quando o treinador se inclina para a frente o se apoia sobre a mesa, isso significa que o TR 1 do estudante não está bem.
6. Quando, para fazer descer o TA, o estudante pergunta ao treinador se ele tem considerações, mas que as considerações fazem subir o TA, é porque o treinador está a limpar o limpo em vez de dar Flunk ao mau ciclo de comunicação que fez subir o TA.
7. Se o estudante desembaraça o treinador das suas considerações para limpar a agulha, mas a agulha fica suja, é porque o estudante corta a comunicação do treinador enquanto se desembaraçava das considerações, e o treinador deixou passar.
8. O estudante grita ou fala muito alto durante os exercícios de assessment para tentar obter uma leitura no e-metro sufocando o treinador. A razão que eles invariavelmente dão é: “mas eu acesso o banco!” Eles não se deram conta que os bancos não dão leituras; apenas os Thetans sofrem o impacto do banco; o TR 1 deve por isso ser endereçado ao thetan. O e-metro reage proporcionalmente ao volume de ARC contida numa sessão.

L. RON HUBBARD

Fundador

GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB de 18 de ABRIL de 1968

Remimeo

Divs de Qual

Rev.

AOs

Materiais de Estudo de OT

REAÇÕES DA AGULHA ACIMA DE GRAU IV

Ao fazer Formas Verdes (GFs) ou Listas de Análise em qualquer claro (porém não em nulificação) ou ao fazê-las, na maioria dos casos acima de 5 e nalguns casos abaixo, existem dois fenómenos da agulha do E-Metro aos quais tem que ser dada atenção:

1. **Como os postulados dum claro lêem como uma onda geralmente bastante longa, (acima de 1”), um “Não” pode ler se o Pc o disser a si próprio como resposta à pergunta feita.**

Uma leitura, portanto, não significa invariavelmente “sim” ou que a pergunta tenha carga. Apenas significa que o E-Metro reagiu.

O auditor tem agora que descobrir o que foi a reação antes de determinar se deve fazer algo sobre essa parte da GF ou Lista. Ele não assume simplesmente que a reação foi “sim”.

Questiona a leitura como regra geral, não assumindo logo que a coisa perguntada está carregada.

Exemplo:

Auditor: “Tens um withhold falhado? O E-Metro mergulha.

Auditor: “O que foi isso?”

Pré OT: “Pensei que Não, não tenho”

Auditor: “Tens um withhold falhado?

Pré OT: “Não”, o E-Metro não lê.

Auditor: “Alguma coisa suprimida, afirmada, protestada, invalidada? O.K. está limpo”.

Tiques (1/8”) significam com frequência que alguma coisa ali há. Os postulados dum Pré OT quando leem é com maior comprimento.

Não importa como manejamos este fenómeno do postulado, ou comentário para consigo próprio, num caso de nível alto. O que importa é que o Auditor não pendure o caso com um julgamento incorreto sobre o que está errado, pensando que todo o *sacão* significa “sim” ou que a pergunta está carregada porque sacode. Uma pergunta está carregada só se não limpar com os botões até a própria ação ser tomada.

Um Pré OT, ao contrário dos Pcs dos graus inferiores I ou II, reconhece usualmente o que está errado logo que é mencionado. Ele está mais alerta.

2. **Uma resposta como uma breve agulha suja num PreOT significa sempre “Não”.**

Assim, *há* uma certa e fiável negativa a ter em conta num PreOT.

Uma agulha suja real é constante e contínua. A mesma pequena sacudidela da agulha numa pessoa de grau 5 ou acima significa “Não!” ou que a questão é negativa.

Num Pc abaixo de 5 significa uma contenção ou quebra de ARC, ou quase qualquer coisa e é, claro está, contínua.

L Ron Hubbard

Fundador

GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB 21 de JANEIRO de 1977RB

Re-rev.25.5.80

Remimeo

Tech & Qual

Todos os níveis

Todos os Auditores

Todas as Checksheets de Tech

(este HCOB foi revisto para incluir dados adicionais sobre TA Falso e a lista completa de referências sobre TA Falso. O plano da lista de manejos foi organizado para seguir a linha de verificar e referenciar todas as marcas específicas de creme de mãos que foi adotada).

LISTA DE VERIFICAÇÃO DE TA FALSO

Referências.

HCOB 08 Junho 70	MANEJO DO TA BAIXO
HCOB 16 AGO 70R	C/S série 15R, LEVAR A F/N AO EXAMINADOR
HCOB 24 Out 71RA	TA FALSO
HCOB NOV. 12 71RB	TA FALSO, adição
HCOB 15 FEV. 72R	TA FALSO, adição 2
HCOB 18 FEV. 72RA	TA FALSO, adição 3
HCOB 16 FEV. 72	C/S série 74, falar para DESCER O TA
HCOB 23 NOV. 73RB	mãos secas e MOLHADAS fazem TA FALSO
HCOB 24 Nov73RD	C/S 53RL FORMA CURTA
HCOB 24 Nov73RE	C/S 53RL FORMA longa
HCOB 19 ABR. 75R	básicas FORA e como Introduzi-los
HCOB 23 Abr. 75RA	creme DISSIPADO e TA FALSO
HCOB 24 Out 76RA	C/S série 96RA, listas de reparação. de entrega
HCOB 10 dez 76RB	C/S série 99RB, F/N DE SCN E posição DO TA
HCOB 13 Jan 77RB	manejo DE UM TA FALSO
HCOB 24 Jan 77	RONDA DE correção DA TECH
HCOB 26 Jan 77R	uso PROIBIDO DE PALMILHAS
HCOB 30 Jan 77R	dados falsos DE TA
HCOB 04 Dez 77	CHECKLIST para PREPARAR sessões e um E-METER
HCOB 07 FEV. 79R	EXERCÍCIO DE E-metro 5RA
BTB 24 Jan 73RII	EXAMINADOR E TA FALSO
livro:	O ESSENCIAL DO E-METER
livro:	INTRODUÇÃO AO E-METRO
MANUAL DO possuidor	MARK VI PROFISSIONAL HUBBARD "COMO PREPARAR O SEU MARK VI".

"Este Boletim cancela o HCOB 29 Fevereiro 1972RA Revisto a 23 de Abril de 1975, pois é enganoso e levou alguns auditores a verificar o Pc no e-metro para encontrar a causa do TA falso em vez de o verificar diretamente com o Pc". Este Boletim restabelece a Lista de TA falso com o manejo específico diretamente das emissões que eu escrevi sobre TA falso.

São os seguintes os itens a serem averiguados pelo auditor em qualquer Pc. Basta fazer isto uma única vez, a menos que a própria verificação seja suspeita ou a condição das mãos do Pc, etc., mude.

A lista é mantida na pasta do Pc e dá entrada no Sumário da Pasta como feita.

“O valor de operar com o tamanho correto de latas não deve ser subestimado e os Boletins que a isso se referem mostram a razão”.

O auditor assinala e responde aos pontos seguintes da lista. O auditor deve obter a informação verificando pessoalmente as mãos do Pc para saber se estão secas ou húmidas. A causa do TA falso está no universo físico e é ali que a sua verificação é feita. Não é perguntando ao Pc ou testando a reação no e-metro. Assim, o auditor apalpa as mãos do Pc a fim de determinar se estão secas ou húmidas, apalpa as mãos do Pc após ter posto creme para saber se o creme secou, vê se as mãos do Pc fazem concha de modo a que a área formada não toca as latas, etc. O TA falso não é pensamento ou massa mental. Está no universo físico e é onde tem de ser tratado para ser corrigido. O manejo vem a seguir a cada linha, à medida que se verifica. Isto é simplicidade, pois é assim que a lista está feita, resolvendo cada linha à medida que se avança.

FATOR DE REALIDADE AO PC: "VOU VERIFICAR AS LATAS, AS TUAS MÃOS E VÁRIAS OUTRAS COISAS, A FIM DE AJUSTAR TUDO PARA OBTER UMA MAIOR EXATIDÃO”.

LISTA DE VERIFICAÇÃO DE TA FALSO E MANEJO

1. O E-METRO ESTÁ COMPLETAMENTE CARREGADO?

Manejo: "Manter o e-metro a carregar pelo menos uma hora para cada 10 de audição numa corrente de 240 voltes, ou 2 horas para cada 10 horas de audição numa corrente de 110. (O Mark VI dará cerca de 6 horas para cada hora de carga.)" Antes de cada sessão, rode o botão para TEST. A agulha deve bater com força no lado direito do mostrador. Pode até fazer ricochete. Se a agulha não bater com força à direita ou não atingir bem a linha de TESTE, então o e-metro vai ficar sem carga a meio da sessão e dará um TA falso, não apresentando reações ou movimentos de TA em assuntos quentes" (HCOB 24/10/71RA - TA FALSO)

NOTA: Para garantir uma verificação exata, o e-metro deve ser ligado um ou dois minutos antes de colocá-lo em TEST.

2. O E-METRO ESTÁ CORRETAMENTE CALIBRADO?

Manejo: "Um e-metro pode estar impropriamente calibrado (não colocado em 2.0 com o botão de calibragem) e dar uma posição falsa de TA. Quando não é ligado um minuto ou dois antes da calibragem, pode ir à deriva na sessão e dar um TA ligeiramente falso.

A calibragem pode ser discretamente verificada no meio da sessão retirando a ficha do e-metro, colocando o TA em 2.0 para ver se a agulha fica em SET. Caso contrário, pode mexer no botão regulador para ajustá-lo. A ficha é discretamente colocada de volta. Tudo sem distrair o Pc”. (B24/10/71RA - TA FALSO)

3. OS FIOS ESTÃO LIGADOS AO E-METRO E ÀS LATAS?

Manejo: "Um e-metro ajustado como deve ser, com latas adequadas ao Pc, que as segura corretamente, ESTÁ SEMPRE CORRETO" (HCOB-24/10/71RA). A

referência para o ajuste do e-metro é dada no Livro de Exercícios do E-Metro, EM 4 e, no caso dum Mark VI, no manual do proprietário.

4. AS LATAS ESTÃO ENFERRUJADAS?

Manejo: "Latas ferrugentas podem falsificar o TA. Obtenha latas novas de vez em quando" (HCOB- 24/10/71RA)

5. AS MÃOS DO PC SÃO EXCESSIVAMENTE SECAS, NECESSITANDO DE CREME?

Manejo: "Um teste rápido é fazer o Pc colocar as latas nas axilas se se trata de calosidades ou mão secas motivadas por produtos químicos. A mão excessivamente seca tem aparência brilhante ou polida. Dá para sentir a secura. O tratamento correto é usar um creme para mãos, mas não gorduroso ou que desapareça. Um bom creme para mãos espalha-se bem sem deixar excesso de gordura. Usualmente unta-se, esfrega-se e pode-se então enxugar o creme completamente. Normalmente as mãos produzirão então um TA normal e reação no e-metro" (HCOB-23/11/73RB 25/5/80 Mãos secas e mãos húmidas dão TA falso)

6. AS MÃOS DO PC ESTÃO EXCESSIVAMENTE HÚMIDAS, NECESSITANDO DE TALCO?

Manejo: "Se o TA está baixo, verificar se as mãos do Pc estão húmidas. Caso estejam, faça-o enxugá-las e obtenha o novo TA. Normalmente descobre-se que 1.6 era, na verdade, 2.0". (HCOB-24/10/71RA, Fazer o Pc enxugar as mãos.) "Podem ser usados antitranspirantes em mãos muito suadas. Há muitas marcas, frequentemente em pó ou spray. Podem-se enxugar após a aplicação e pode durar duas a três horas". (HCOB-23/4/75RA)

7. NÃO ESTÁ A DIZER CONTINUAMENTE AO PC PARA ENXUGAR AS MÃOS?

Manejo: Ver acima, com referência a mãos húmidas.

8. O APERTO DAS LATAS NÃO ESTÁ A SER CONSTANTEMENTE VERIFICADO PELO AUDITOR DE MODO A INTERROMPER O PC?

Manejo: "Manter as mãos do Pc à vista. Observar o aperto das latas. Obtenha latas menores".
(HCOB-24/10/71RA)

8A. O PC ESTÁ A USAR O TIPO ERRADO DE LATAS?

- a) Onduladas?
- b) De metal revestido de plástico?
- c) De metal errado

O metal certo é o aço estanhado (folha-de-flandres) e não revestido de plástico ou pintado.

Manejo: Substituir por latas corretas. "As latas devem, é claro, ser de aço com um fino revestimento de estanho". (HCOB-24/10/71RA)

8B. AS LATAS SÃO MUITO CURTAS PARA AS MÃOS DO PC

Manejo: Substituir por latas de comprimento correto para a mão toda ter contacto com elas. (HCOB-24/10/71RA)

9. POSIÇÃO DO TA COM LATAS GRANDES?

Tamanho aproximado de 11 x 8cms

Manejo: Para um Pc de mãos normais ou grandes, o tamanho da lata é de cerca de 12,5 x 7cms. Podem ir até 11x 8 cm. São medidas padrão". (HCOB-24/10/71RA)

10. POSIÇÃO DO TA COM LATAS MÉDIAS?

Tamanho aproximado de 12,5 x 7 cm

Manejo: Descrito acima.

11. POSIÇÃO DO TA COM LATAS PEQUENAS?

Tamanho aproximado de 9 x 5 cm.

Manejo: "Esta lata deveria ter 9 x 5 cm de diâmetro mais ou menos. Uma criança ficaria perdida mesmo com esta lata. Assim, uma latinha de filme de 35mm poderia ser usada para ela. Mede 5 x 3 cm. Funciona, mas tenha atenção pois estas latas são de alumínio. Funcionam, mas teste quanto ao

verdadeiro TA com uma lata ligeiramente maior e, em caso de diferença, ajuste a seguir para as latas de alumínio".

"As latas, é claro, devem ser de aço com leve camada de estanho. Latas vulgares de sopa. O tamanho adequado da lata evita alívio do aperto das latas ou cansaço nas mãos, tornando-as frouxas, dando ao auditor F/Ns a 3,2 e sarilhos". (HCOB-24/10/71RA)

11A. TAMANHO DE LATA INCORRETO PARA UMA CRIANÇA?

Manejo: Para uma criança, o tamanho pode descer ao das latas de filme de 35mm, aproximadamente de 5 x 3cms. Anotar a posição do TA

.

11B. SE O TAMANHO MENCIONADO ACIMA NÃO É CERTO PARA AS MÃOS DO PC, PODEM TENTAR-SE OUTROS TAMANHOS

Manejo: Podem experimentar-se tubos de 3 ou 3,5cms ou outros tamanhos de lata para ver se se adaptam às mãos do Pc. Notar a posição do TA.

12. AS LATAS SÃO DEMASIADAMENTE GRANDES PARA O PC?

Manejo: "O tamanho adequado da lata evita aliviar o aperto das latas ou cansar as mãos, tornando-as frouxas". (HCOB-24/10/71RA).

Verifique o aperto das latas do Pc e veja se a mão está a tocar em toda a lata, e se o tamanho é confortável. (Ref. HCOB-13/1/77RB Lidar com um TA falso)

13. AS LATAS SÃO MUITO PEQUENAS PARA O PC?

Manejo: Conforme acima. Verificar como o Pc está a pegar nas latas, se a mão está toda nas latas e se elas são confortáveis, e ajuste conforme acima.

14. AS LATAS SÃO CERTINHAS PARA O PC?

Manejo: Verifique o aperto e se a lata é de tamanho correto para o Pc. As latas encaixam-se confortavelmente nas mãos com estas a tocarem nas latas de modo a obterem uma reação exata no e-metro? Se o tamanho é correto, assegure-se, a seguir, de que o aperto das latas também é correto

.

15. AS LATAS ESTÃO FRIAS?

Manejo: "Qualquer que seja o tamanho da lata, os eléctrodos frios têm tendência a dar uma posição do TA muito mais alta, particularmente em alguns Pcs.

Até as latas aquecerem, a posição é geralmente falsa e acima. Alguns Pcs têm "sangue frio" e o choque das latas geladas pode levar o TA para cima, levando um pouco de tempo para descer.

Uma prática que contorna isto é o auditor, ou o Examinador, segurar um pouco as latas até aquecerem e então dá-las ao Pc. Outro modo é o auditor, ou Examinador, colocar as latas nas axilas enquanto ajusta o e-metro. Isto aquece-as. Há provavelmente muitos outros modos de aquecer as latas à temperatura do corpo". (HCOB-12/11/71RB)

15A. O PC LAVOU AS MÃOS LOGO ANTES DA SESSÃO?

Manejo: Use um pouco de creme para devolver as mãos à humidade normal

.

16. AS MÃOS DO PC ESTÃO SECAS OU CALEJADAS?

Manejo: Isto é tratado acima, com referência a mãos excessivamente secas, necessitando creme para mãos. Há modos corretos de aplicar o creme para mãos para o Pc específico e resolver o TA falso. Uma das formas é espalhá-lo extensivamente, enxugando-o a seguir, e pondo depois um pouco mais, incluindo os polegares. (Ref. HCOB-13/1/77RB) O importante é apalpar as mãos após a aplicação do creme, para ver se eliminou a secura excessiva do aspeto brilhante ou polido. Não devem dar a sensação de secura. (Ref. HCOB-23/11/73RB) O tratamento correto é usar um creme para mãos, mas não gorduroso ou que desapareça. Um bom creme para mãos, ao ser esfregado, penetra na pele e não deixa gordura em excesso. Isto restaura o contacto elétrico normal. Tal creme só teria de ser aplicado uma vez por sessão, no início da sessão, pois dura muito tempo. Se um

creme deixa manchas na lata, foi usado em demasia ou muito pouco absorvido. (HCOB-23/4/75RA)

17. O PC TEM MÃOS ARTRÍTICAS?

Manejo: "Muito de vez em quando há Pcs tão deformados pela artrose que não fazem um contacto completo com as latas. Isto produz TA alto. Use tiras (ou correias) largas nos pulsos e obterá uma posição correta". (HCOB-24/10/71RA)

18. O PC ALARGA O APERTO DAS LATAS?

Manejo: Verifique o aperto. O ângulo das latas atravessa as palmas das mãos? A curva natural dos dedos é suficiente para manter as latas no lugar e a colocação das latas está num ângulo que garanta a área máxima da pele a tocar as latas? (Ref. LIVRO DE EXERCÍCIOS DO E-METRO). Veja se a palma da mão está a tocar na lata, e não para cima, sem contacto. (Ref. B-13/1/77RB)

19. VERIFICAR O APERTO DO PC. ELE PEGA CORRETAMENTE NAS LATAS?

Manejo: Tratado na secção acima. Verifique também se o Pc está a pegar nas latas com tanta força que causa suor nas mãos e regista um TA falsamente baixo.

(Ref. HCOB-13/1/77RB e HCOB-7/2/79R - Exercício 5RA do E-Metro)

20. O PC ESTÁ COM CALOR?

Manejo: Tenha um ventilador na sala ou refresque a sala, ponha e o Pc confortável.

21. O PC DORMIU BEM?

Manejo: Não audite um Pc que não teve repouso suficiente ou está fisicamente cansado. (Ref. HCOPL-14/10/68RA - O Código do Auditor)

22. O PC ESTÁ COM FRIO?

Manejo: "Um Pc que está com frio tem, às vezes, um TA FALSO alto. Embrulhe-o num cobertor ou aqueça a sala de audição. O ambiente de audição é da responsabilidade do auditor". (HCOB-24/10/71RA)

23. O PC ESTÁ COM FOME?

Manejo: Faça o Pc comer alguma coisa e não audite um Pc que não está suficientemente alimentado ou com fome. (Ref. HCOPL-14/10/68RA - O Código do Auditor)

24. A HORA (DA NOITE) É AVANÇADA?

Manejo: "A partir das duas ou três da madrugada, ou a uma hora avançada da noite, o TA do Pc pode ficar muito alto. Depende de quando ele dorme usualmente. O TA encontrar-se-á na faixa normal durante as horas regulares". (HCOB-24/10/71RA)

25. A AUDIÇÃO ESTÁ A SER FEITA FORA DAS HORAS NORMAIS EM QUE O PC ESTÁ ACORDADO? _____

Manejo: Conforme acima.

26. O PC ESTÁ COM OS ANÉIS NOS DEDOS? _____

Manejo: "O Pc deve sempre retirar os anéis. Eles não influenciam o TA, mas produzem uma "R/S" falsa". (HCOB-24/10/71RA)

Caso não consiga retirar os anéis, use tirinhas de papel ao seu redor para evitar que toquem nas latas.

27. O PC ESTÁ COM SAPATOS APERTADOS? _____

Manejo: Faça-o tirar os sapatos. (Ref. HCOB-24/10/71RA)

28. A ROUPA DO PC ESTÁ APERTADA? _____

Manejo: Se se verificar que as roupas apertadas estão a afetar o TA, assegure-se de que o Pc não usa mais roupas apertadas em sessões futuras. Se possível, faça-o tirar a roupa apertada para ver o efeito que tem no TA. Faça com que não mais sejam usadas roupas apertadas em futuras sessões.

29. O PC ESTÁ A USAR CREME INCORRETO PARA MÃOS? _____

Manejo: Usando os materiais de referência, descubra o creme para mãos correto e experimente-o no Pc. Anote a posição do TA.

30. A APLICAÇÃO DO CREME PARA MÃOS ESTÁ CORRETA E ABRANGE A MÃO TODA? _____

Manejo: Observe como o Pc aplica o creme para mãos e veja se é passado na mão toda, incluindo os polegares. Caso contrário faça o Pc passá-lo na mão toda e pegar nas latas. Anote a posição do TA. Alguns Pcs podem ter de pôr o creme, enxugá-lo e depois tornar a pô-lo. (Ref. HCOB-13/1/77RB)

31. A CADEIRA EM QUE O PC ESTÁ SENTADO É DESCONFORTÁVEL? _____

Manejo: Arranje outra cadeira que seja confortável para o Pc.

32. NA VERDADE TRATA-SE DUM CASO CRÓNICO DE TA ALTO OU BAIXO?

Manejo: Verificação da C/S 53 ou de TA Alto-Baixo. Feito até uma verificação Flutuante.

Assim sendo, a tecnologia standard trata do TA alto e baixo. A Série de C/S fornece mais dados sobre o assunto

33. O PC ENTROU EM DESESPERO QUANTO AO SEU TA?

Manejo: Trate do TA falso usando esta lista como orientação para achar a causa do TA falso e saná-lo inteiramente com o Pc através dos vários modos mencionados acima. Uma vez o TA falso solucionado, verifique se há preocupações relacionadas com o TA, aborrecimentos com o TA e faça uma L1C pela melhor leitura

.

Esta lista das maneiras de manejar é usada em conjunto com os itens verificados, pois fornece o modo de tratá-los.

Recorra aos materiais de referência para obter dados adicionais sobre como lidar com um TA falso.

L. RON HUBBARD

Fundador

SECÇÃO QUATRO: ADMIN DE AUDITOR

GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de st. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB DE 7 DE MAIO DE 1969

Emissão VI

SUMÁRIO DE COMO ESCREVER

UM RELATÓRIO DE AUDITOR, FOLHAS DE TRABALHO E RELATÓRIO SUMÁRIO COM ALGUMA INFORMAÇÃO ADICIONAL

RELATÓRIO DO AUDITOR

Um Relatório de Auditor deve conter:

Data

Nome do Auditor

Nome do pc

Condição do pc

Duração da sessão

Horas de início e fim da Sessão

TA no início e no final da Sessão

Rudimentos

Que processo foi corrido, LISTANDO OS COMANDOS EXATOS (muitas vezes esquecido pela maioria dos Auditores)

Horas de Início e Fim do Processo

Se o Processo está esgotado ou não

Quaisquer F/Ns

FOLHAS DE TRABALHO

Uma Folha de Trabalho deve ser um completo registo do curso da sessão, do início ao fim. O Auditor não deve andar a saltar de uma página para a outra, mas escrever página após página à medida que a sessão avança.

Uma Folha de Trabalho é sempre em papel A4 escrita frente e verso, e cada página numerada. O nome do Pc é escrito em cada folha.

Uma Folha de Trabalho pode ser feita em 2 colunas, dependendo do tamanho da letra do Auditor.

Uma vez a sessão completada as Folhas de Trabalho são postas na sequência própria e agramadas com o Relatório do Auditor em cima, do início para o fim da sessão.

Anotações de TA e de tempo devem ser feitas a intervalos *regulares* através da sessão.

Ao fazer uma lista num pc:

1. Marcar sempre uma leitura como for: F, LF, BD
2. Circundar sempre o item reagente. Marcar com *Ind* se indicado ao pc.
3. Sempre que prolongar uma lista trace uma linha a partir da qual foi prolongada, p. ex.

Item: João
 Sapatos
 Peúgas
 _____Prolongada
 Céu
 Cera
 Porcos, etc., etc., etc.

NOTA: Quando se repara uma sessão de audição antiga escreva *sempre* isso no Relatório de Audição e Folhas de Trabalho antigos a *cor diferente* com a data do Relatório.

Ao correr vários processos numa sessão, marca-se cada FN claramente, anotando a hora e o TA.

RELATÓRIO SUMÁRIO

Um Relatório Sumário é escrito exatamente segundo o B17369, “Relatório Sumário”.

Duas grandes asneiras que eu notei ao supervisionar pastas no RSM (navio) é que os Auditores não mandavam os casos de Ética para o MAA. Uma vez um Pc foi auditado por dois Auditores em duas sessões diferentes, teve uma R/S e MWHs em crimes contra Cientologistas e nenhum Auditor enviou o Pc para Ética. Este não é exemplo único. A segunda é que os Auditores são muito avaliativos do caso do Pc, como se pode ver pelos seus comentários no Relatório Sumário. Isto é incorreto. Este relatório é usado simplesmente como registo exato do que aconteceu durante a sessão. Não cabe ao Auditor avaliar o Caso do pc, mas ao Supervisor de Caso. O Auditor pode sugerir o que é que deve ser corrida, momento em que o Supervisor de Caso revê a sessão, o que foi corrido, como o Pc se portou em relação ao que estava a ser corrido, para então dar as suas instruções.

Os Relatórios do Auditor ou Folhas de Trabalho nunca são copiados. O Auditor deve sempre reler as suas Folhas de Trabalho antes de mandar a pasta para o Supervisor de Caso e, se quaisquer palavras ou letras faltarem ou não puderem ser lidas, devem ser escritas com uma cor diferente.

Se estas regras forem seguidas o trabalho do Supervisor de Caso tornar-se-á muito mais fácil e os relatórios do Auditor mais valiosos.

Para adicionar o que é evidente, é um CRIME dar uma sessão ou assiste sem fazer um relatório de Auditor ou copiar o relatório original verdadeiro depois da sessão e apresentar uma cópia em vez do mesmo relatório original. Os relatórios de assits em que se usam só assits de contacto ou assits de toque podem ser escritos depois da sessão e enviados para o Qual.

L. RON HUBBARD
Fundador

BTB DE 2 DE NOVEMBRO DE 1972R

Rev. & Reemit. Como BTB 5.8.74

CANCELA HCOB 2.11.72

MESMO TÍTULO

(A única Revisão encontra-se no penúltimo parágrafo.

Foi adicionada a frase “O BTB”)

Série de Admin do Auditor 1R

A SÉRIE DE ADMIN DO AUDITOR PARA USO DE TODOS OS AUDITORES

PROPÓSITO

Durante anos foram desenvolvidos muitos “métodos” de Administração do Auditor.

O propósito desta série é trazer um padrão à Administração do Auditor para todo o mundo.

DEFINIÇÕES

AUDITOR: Um ouvidor ou uma pessoa que escuta cuidadosamente o que as pessoas têm a dizer. Um Auditor é uma pessoa treinada e qualificada na aplicação dos processos de Cientologia a outros para o seu melhoramento.

ADMINISTRAÇÃO: Consiste na formação e manejo das linhas e terminais envolvidos na produção.

ADMINISTRAÇÃO do AUDITOR: incluiria:

1. O método de saber escrever relatórios de sessão.
2. O método de saber organizar o folder.
3. O método para todas as linhas e terminais na Área da Tech. (Coberto sobretudo na Série C/S 25).
4. O método para outras linhas e terminais da Org diretamente relacionados com a saída do produto do Auditor.

CITAÇÕES DE LRH

“A ADMINISTRAÇÃO É SEMPRE UMA COMUNICAÇÃO”.

“A administração é importante porque a Administração é um pedaço de verdade”.

“A Administração de um Folder’ é uma responsabilidade assim como ‘As Linhas Administrativas da Divisão Técnica”.

“NENHUM AUDITOR TEM NADA QUE IGNORAR A ADMINISTRAÇÃO”.

(Referência: FITA 12.6.71 CURSO INTERNO BEM-VINDO A FLAG)

SÉRIE C/S 56

A Série C/S 56 pode ser considerada como Admin do Auditor Serie 2, a seguir nesta Série.

A Série C/S 56 cobre a função da Administração para obter excelentes resultados de caso.

O USO DAS SÉRIES

A Série de Admin do Auditor está em pacotes.

Os pacotes estão disponíveis para Estudantes Auditores, Auditores do HGC, C/Ss, Admin do Pessoal do HGC, Cramming, Livraria de Qual e todos os Executivos Técnicos.

A Série é adicionada às folhas de controlo dos cursos de Auditor e C/S.

É usada por Auditores HGA e Estagiários para verificar se a Admin que eles apresentam está “à letra”.

Pode ser usada pelo C/S através do Oficial de Cramming para corrigir o Auditor de um Erro de Admin.

Um Erro seria manejado dirigindo o Auditor para um HCOB ou BTB específico da Série que lida com esse ponto específico. Erros contínuos de Admin levariam todo o pacote.

PRODUTO

O produto da aplicação desta Série é uma Admin de Auditor Standard por todo o mundo com a viabilidade da Entrega e Resultados da Audição melhorados.

BDCS

GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB 25 AGOSTO 1971

Reemit. 2.11.72 como

Admin do Auditor Série 2

C/S Série 56

COMO OBTER RESULTADOS NUM HGC

Obter excelentes resultados de caso é uma função ADMINISTRATIVA e não apenas técnica.

Auditores e C/Ss são muitas vezes fracos em questões administrativas. Eles pensam que os resultados gerais da tech melhoram apenas com mais estudo da tech. Se continuarem a pensar desta maneira acabam por esquilar. É que eles estão a trabalhar para melhorar um objetivo errado, um PORQUÊ ou razão errada.

A audição é uma atividade de *grupo*. Os dias do médico individual de província chegaram ao fim. Mesmo se um auditor de campo arrancar como indivíduo, ele vai numa de duas direções: ou ele trabalha muito e esquila para o seu próprio fracasso, ou forma um grupo que pode consistir apenas de um rececionista e de um aprendiz de auditor, mas ainda assim está a formar um grupo. Eu nunca vi auditores individuais triunfarem, desde há longo tempo. Se eles não conseguirem formar ou fazer parte dum grupo, acabam por esmorecer ou esquilar.

A razão é suficientemente simples.

PARA MELHORAR OS RESULTADOS DA TECH TEMOS QUE MELHORAR A ADMIN

E com isto não quero dizer melhorar a escrita nos folders.

DEFINIÇÃO

ADMINISTRAÇÃO consiste da formação e manejo de linhas e terminais envolvidos na produção.

A menos que um auditor compreenda isto a fundo, nunca insistirá na existência de um Séc. de Tech, de um Oficial de Estabelecimento de Tech, de um D de P, de um Examinador, de Paquetes, de Admin do Folder e ele próprio começará a deixar de manter um Sumário de Folder e depois omitirá as ações de sessão e depois, com grandes perdas desandar da coisa toda.

Se eu fosse um auditor e visse algumas destas coisas em falta poderia dizer: “você está a brincar em serviço? Pensava que estávamos aqui para auditar Pcs”.

Sem um padrão correto de linhas e terminais NÃO OBTEMOS RESULTADOS, mas dores de cabeça, vizinhos malucos e reembolsos.

Auditando dentro das linhas, um auditor deve ver-se a si próprio como um perito altamente experiente, um especialista técnico cujo trabalho exige respeito e *serviço*.

E Supervisionando Casos dentro das linhas, um Supervisor de Caso deve considerar-se uma espécie de Czar cuja palavra é lei, tanto que mesmo o Diretor executivo pensa várias vezes antes de se aproximar, devidamente servil, é claro, e fazendo três vénias à prescrição, ao retirar-se.

Um Classe XII de Flag é ouvido pelos outros em silêncio nem que esteja só a falar do tempo.

Eles são as estrelas do grupo. A sua reputação mundial por uma audição suave e irrepreensível é um resultado *administrativo!*

Com falta de espaço, sobrecarregada, com falta de pessoal de Admin, a Div. IV de Flag produz o mais alto nível de horas bem-feitas do mundo, à custa de um sistema de *Admin*.

Os C/Ss e auditores mais avançados vão para Cramming se colocam mal uma vírgula ou deixam cair um TR1.

Se os exames de sessão no Examinador caem abaixo de 90% de F/Ns, toda a área é inspecionada.

São feitos os Sumários dos Erros dos Folders por uma secção de FES. O Sumário do Folder é atualizado em cada sessão (ou Cramming). O folder é estudado e feito o respetivo C/S. O D de P atribui as sessões. O C/S (ou Cramming) é feito corretamente. O folder *viaja* nas suas linhas. São feitos os testes.

Em suma, é um padrão complexo, mas um fluxo constante de Pcs, folders e exames em movimento, interpolados por testes, e entrevistas e reinscrições.

Existe uma maneira *certa* de o fazer.

RESULTADOS

Se uma Org tem apenas 65% de F/Ns VGIs no examinador, a resposta *certa* é organizar a área.

Porquê?

Bom, a primeira resposta é que a *terceira* dinâmica é mais forte que a *primeira* dinâmica.

Um auditor a auditar sozinho é uma primeira dinâmica. O Pc é uma primeira dinâmica. Como o auditor mais o Pc é que devem ser maiores do que a mente reativa, podemos realizar o resto facilmente.

Se um auditor faz parte de uma terceira dinâmica em funcionamento, não apenas como indivíduo, o auditor mais o Pc versus o banco, são BASTANTE mais do que o banco.

Outra resposta é que o auditor conhece o Pc, mais não seja por causa das sessões e, a opinião pessoal entra em ação. Isso não é uma visão puramente técnica como a dum C/S tem que ser.

Outra resposta é que um auditor num grupo consegue efetuar mais *audição*.

Individualmente, auditores praticantes falham com frequência porque não há ninguém a tomar conta do auditor como pessoa. Mais tarde têm perdas. Ninguém os manda para Cramming. Quando têm perdas começam muitas vezes a esquilar. Então é que eles *realmente* têm perdas.

Isso acaba com eles como auditores.

A um auditor trabalhando numa boa organização e por política, recebe serviços. Ele é enviado para Cramming. Ele mantém a sua tech atualizada. Ele obtém ganhos. Quando não os obtém é posto de novo na tech standard. Assim, prossegue feliz fazendo montes de gente feliz.

Por isso, se eu estivesse a auditar num grupo, *insistiria* como condição de trabalho para que a Div. IV e Div. V fossem boas divisões por política, totalmente organizadas e sem disparates.

Eu sei de que estou a falar. Como função a tempo parcial, eu trabalho como C/S consultor com uma boa Div. IV e uma boa Div. V. Por vezes tive que tomar conta de toda a linha de C/S. Quando a organização se atola de algum modo, eu sei que a coisa toda consiste simplesmente em manejar tudo. Assim restabeleço as linhas, ponho as pessoas em Cramming e consigo de novo uma taxa de perto de 100% de F/Ns no Examinador.

Logo, o conselho a ter sobre fazer C/S é uma teoria viva, viva, viva e não enlatada.

VITÓRIAS DA ORG

Estando em linhas administrativas para todas as orgs, posso dizer-vos sem rodeios que:

AS SUAS ESTATÍSTICAS DEPENDEM DO VOLUME E QUALIDADE DO SERVIÇO.

Não é propaganda. É um facto puro.

A taxa de F/Ns/não-F/Ns no Examinador diz-nos desde logo se as Divs IV e V estão organizadas e a operar ou se estão só a perder tempo.

Com 50% a 75% de F/NS no Examinador as funções administrativas das Divs IV e V estão muito más. A Série C/S 25 está fora. Cramming está fora. Existem linhas escondidas de dados. HCOBs, fitas e livros que não são usados.

O público, a essa percentagem de F/Ns, ficará longe aos magotes. Os Registadores ficam malucos e adotam “Sistemas de Prospeto Quente”.

O pessoal terá pagamentos baixos e os executivos ficarão roxos de tanto gritar. As contas a pagar serão objeto de missões de finanças e os vizinhos começarão a telefonar à polícia.

Porquê?

Porque uma org é uma organização de entrega de técnica e 50% a 75% de F/Ns no Examinador é um produto overt.

A academia já falhou na aplicação da tech de estudo e de clarificação de palavras. Qual é uma anedota.

Não existe uma livraria de Qual disponível, e se existe não é lida.

A Org como unidade de entrega de serviços técnicos está a levar o seu público para uma situação de não audição e entrará em problemas.

REMÉDIO

A forma de remediar isto é pôr a política em vigor com tech de organização.

Introduzir um Qual com clarificação de palavras e uma livraria e Cramming.

Introduzir as linhas de Tech da série C/S 25.

NÃO tolerar tech ou Admin fora nos folders.

Simular as linhas até estarem dentro.

Cram, cram, cram, erros de C/S e auditor e pessoal técnico sempre que ocorram.

Pôr a organização em *funcionamento*.

A taxa de F/Ns no Examinador subirá para 90%, 95%, 98%.

Segundo *teste* real, Pcs trasbordarão, linhas do Reg. ficarão suaves, estatísticas de êxito galgam.

Mais auditores, mais C/Ss, mais organização. Um segundo, um terceiro HGC.

E quanto mais as linhas de Admin são preenchidas melhor as linhas de tech funcionam.

Esta conclusão veio de inspeções reais de orgs e estudos das suas estatísticas.

As orgs deveriam estar a vender mais treino do que processamento.

Mas porquê treino se não os podemos estagiar num bom Qual ou HGC? Eles nunca darão nada como auditores a menos que trabalhem numa organização que tenha tech e política dentro.

Por isso precisamos dum HGC.

A tech executada num esquema administrativo correto, funciona.

Algumas orgs não acreditam realmente que alguma vez possam atingir a qualidade irrepreensível da audição de Flag.

Mas podem.

É muito fácil.

É até mais fácil de atingir uma qualidade irrepreensível de audição do que de qualquer outro tipo.

Introduzimos uma real Admin padrão por política em IV e V. Começamos com um Curso de Estágio de Qual.

Mandamos para Cramming a qualquer erro de C/S ou audição, por pequeno que seja.

O resultado aparece.

Os erros cessam.

Somos um êxito! Se o fizermos.

L Ron Hubbard

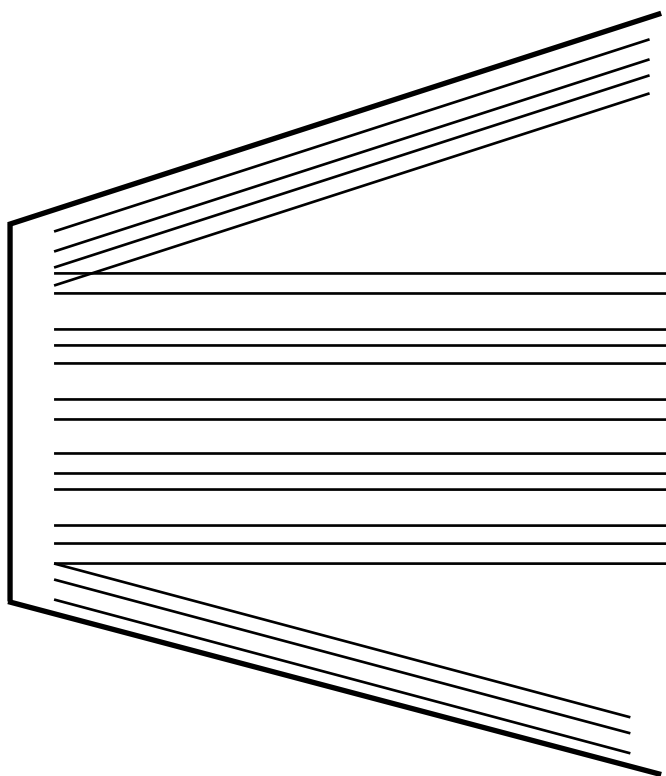
Fundador

BOLETIM TÉCNICO DO CONSELHO
3 NOVEMBRO 1972R

Admin do Auditor Série 3

O FOLDER DO PC E O SEU CONTEÚDO

O folder “corrente”, que está a ser usado pelo pc, é dividido em quatro partes básicas:



ITENS DA CAPA FRONTAL

- Folha de Progresso de Caso
- Folha Amarela
- Sumário do Folder
- Gráfico de OCA
- Folhas de Programa

CONTEÚDO DO FOLDER

- C/S do Auditor
- Relatório de Exame
- Relatório Sumário
- Relatório do Auditor
- Folhas de Trabalho
- Listas de Correção
- Listas de L&N
- Listas de Assessment de DN
- Relatórios Vários

ITENS DA CAPA DE TRÁS

- Tabela de Fluxos de DN
- F.E.S
- Form. de Encaminhamento
- Folhas de Saldos

O FOLDER

O *Folder* é composto por uma cartolina dobrada, que contém todos os relatórios de sessão ou outros itens. É em formato alçaço em cartolina.

ITENS DA CAPA FRONTAL

A *folha de Progresso de Caso* é uma folha com os detalhes dos Níveis de Processamento e Treino que o pc atingiu ao longo da sua subida na Carta de Graus. Também menciona Rundowns ocasionais e Ações de Preparação que o pc teve. A folha dá, num relance o progresso do pc para OT.

A *folha Amarela* dá detalhes de todas as listas de Correção e conjuntos de Comandos cujas palavras foram clarificadas. Também menciona o processo corrente de Havingness do pc e o tipo de latas que ele usa.

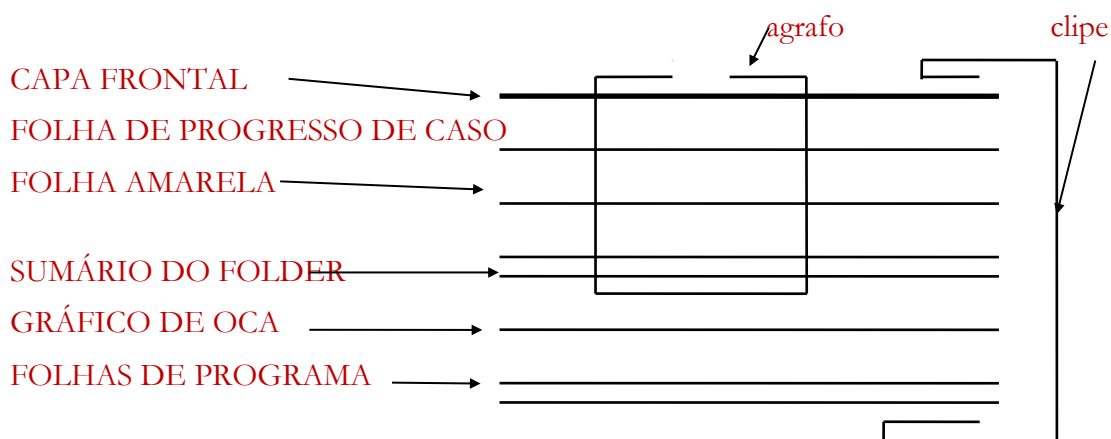
O *Sumário do Folder* é escrito em folhas localizadas no interior da Capa frontal e é um sumário das ações feitas a um pc em ordem consecutiva.

O *Gráfico de OCA* é um gráfico especialmente preparado que traça 10 aspetos da personalidade de um pc a partir de um teste de personalidade feito pelo pc.

OCA = Oxford Capacity Analysis (Análise da Capacidade Oxford)

O teste de personalidade também é conhecido por APA = American Personality Analysis (Análise de Personalidade Americana).

A *folha de Programa* é uma folha que delinea a sequência de ações, sessão após sessão, a serem auditadas no pc a fim de levarem a um resultado definido.



A folha de Progresso de Caso, Folha Amarela e Sumário do Folder são agrafados no interior da Capa Frontal.

O Gráfico de OCA e as Folhas de Programa são presas com cliques sobre o Sumário do Folder com um grande clipe.

O CONTEÚDO DO FOLDER

O *C/S do Auditor* é uma folha na qual o Auditor escreve as instruções para a sessão seguinte.

O *Relatório de Exame* é um relatório feito pelo Examinador de Qual quando o pc vai ao Examinador após a sessão ou quando o faz por sua própria vontade. Contém detalhes do E-Metro, indicadores do pc e a declaração do pc.

O *Relatório Sumário* é escrito pelo Auditor após a sessão num formulário standard e é simplesmente um registo exato do que aconteceu e do que foi observado durante a sessão.

O *Formulário de Relatório do Auditor* é feito no final de cada sessão e é um esboço das ações que foram compreendidas durante a sessão.

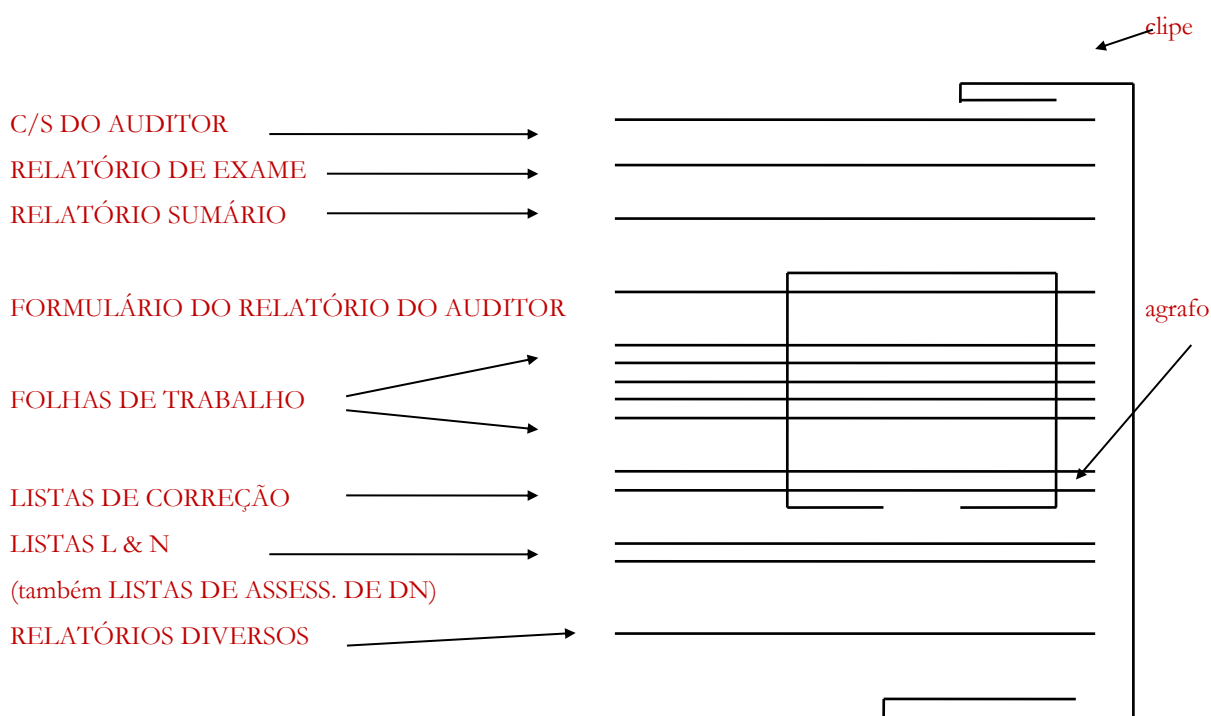
As *Folhas de Trabalho* são as folhas nas quais o Auditor escreve um registo corrido completo da sessão do início ao fim, página após página à medida que a sessão avança.

Uma *Lista de Correção* é uma lista de perguntas preparadas numa folha policopiada, que é usada pelo Auditor para reparação de uma situação particular, de uma ação ou de um Rundown.

Uma *Lista de L & N* (Lista de Listagem e Anulação) é uma lista de itens dados por um pc em resposta a uma Pergunta de Listagem e escritos pelo Auditor pela sequência exata em que lhe são dados pelo pc. Cada Lista é feita numa folha separada.

Uma *Lista de Assessment de Dianética* é uma lista de itens somáticos dados por um pc e escritos por um Auditor com o registo das leituras que ocorreram no E-Metro.

Um *Relatório Diverso* é um relatório tal como do Oficial Médico, uma entrevista do D. de P. um relatório de Ética, uma História de Êxito, etc., que é colocado no folder do pc e dá ao C/S mais informações sobre o caso.



Os relatórios de uma sessão arquivados na pasta consistem em:

As Folhas de Trabalho agrafadas junto com o Relatório do Auditor por cima delas. Qualquer Lista de Correção usada fica por baixo das Folhas de Trabalho e é incluída no mesmo agrafador.

Quaisquer Listas de L & N ou Listas de Assessment de Dn também são agrafados entre si, mas permanecem soltas e são postas sob os outros relatórios da sessão.

Por cima do conjunto agrafado vem o Relatório Sumário, depois o Relatório de Exame e então o C/S do Auditor.

Todos os relatórios da sessão são agora presos em conjunto, com um clipe.

Os relatórios de sessão, tal como descritos, são postos na pasta, em sequência, com os mais recentes por cima dos outros.

Qualquer Relatório Diverso é arquivado apropriadamente no ponto cronológico correto da pasta.

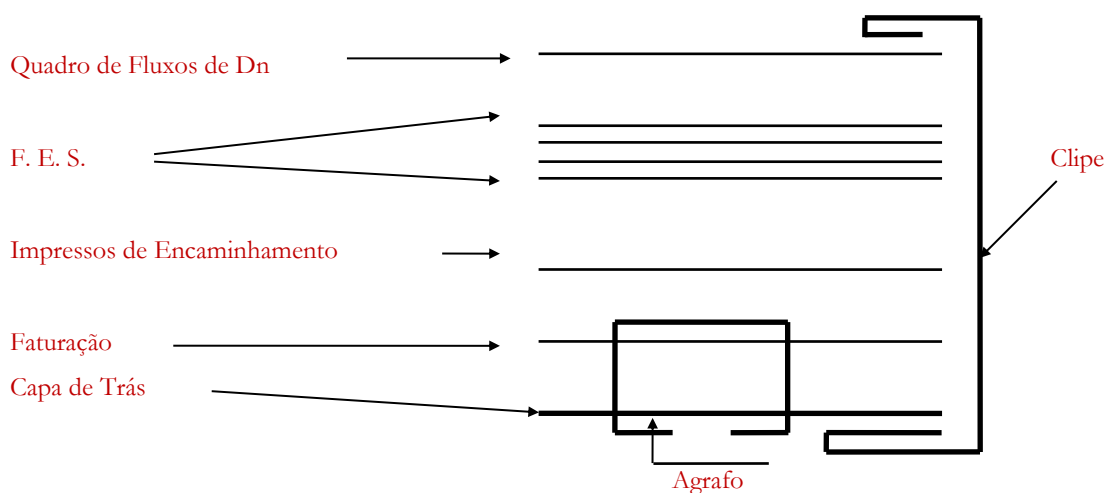
OS ITENS DA CAPA DE TRÁS

Um *Quadro de Fluxos de Dianética* é uma lista cronológica dos itens de Dn auditados, do mais antigo para o mais recente, com os fluxos que foram auditados.

Um FES (Folder Error Summary - Sumário de Erros da Pasta) é um sumário dos erros de audição numa pasta e no caso do pc, que não foram corrigidos à data em que o sumário é feito.

O *Impresso de Encaminhamento* é um impresso com a lista dos terminais da Org que o pc tem de ver de modo a chegar ao HGC e à cadeira de audição.

A *Faturação* é uma folha-resumo de quanta audição o pc comprou e pagou e quanta já foi entregue.



A faturação é agrafada à capa de trás. O resto dos itens são presos com um clipe ao interior da capa.

BTB 3/11/72R

BDCS

Admin do Auditor série 4

O FOLDER

Um folder é feito para cada Pc. O folder é de cartolina em formato “almoço”.

O nome do Pc e o seu Grau são escritos em maiúsculas (com caneta de feltro) na capa frontal do folder, bem como na lombada. Escreve-se na lombada, a fim de se poder identificar numa pilha.

Nos folders dos Pcs, em níveis de Cursos Avançados, escreve-se “Confidencial” e cola-se uma tira na capa frontal, verde para R6EW e Clear, dourada (amarela na prática, visto a dourada não ser fácil de encontrar) para OT I a OT VIII.

Os folders da Dn Expandida são marcados com uma fita vermelha desde a capa frontal a toda a volta até às costas, de forma a poder ser localizado numa pilha.

Se uma Org tiver dois HGCs, a fita colorida pode ser usada de forma semelhante para distinguir o folder que vai para que C/S.

As cores das fitas usadas até agora são:

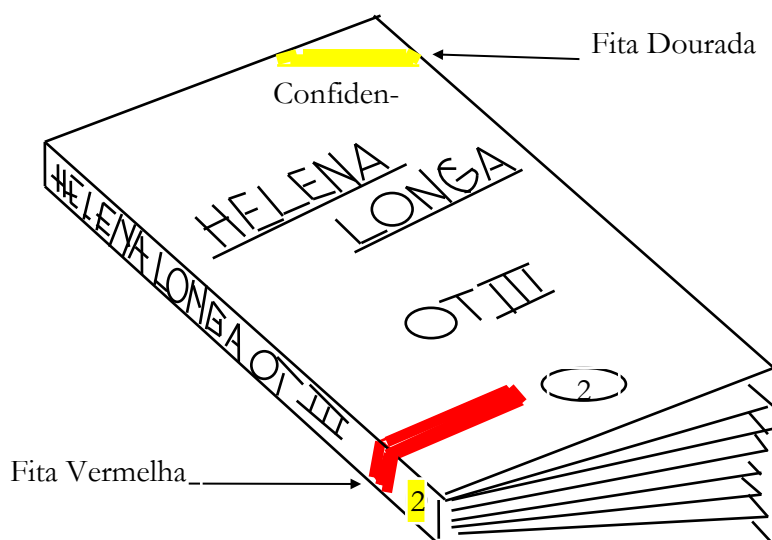
Vermelho: Folders de Dianética Expandida;

Verde: Folders de Pcs em Níveis de Cursos Avançados - R6EW e Clear.

Dourado: Folders de Pcs em Níveis de Cursos Avançados - OT I a OT VIII.

Estas cores não devem ser usadas para quaisquer outros fins.

Exemplo:



Este é o folder do Pc Helena Longa, OT III, que está neste momento a ter audição de DN Expandida.

Um elástico grosso, ou fita elástica é colocado à sua volta para evitar perdas do conteúdo e a tornar mais fácil de manusear.

NOVOS FOLDERS

O administrativo do HGC não deve deixar que os folders fiquem demasiado grossos, visto que isso arruína o folder e torna o manuseamento difícil.

Quando o folder corrente fica demasiado grosso (aproximadamente 6cm), é iniciado um novo folder.

A folha de Progresso de Caso, Folha Amarela, Sumário do Folder, Gráfico OCA e Folhas de Programa são todas transportadas para a parte frontal do novo folder.

A fatura, Folha de Encaminhamento, Tabela de Fluxos de Dn e FES são também, transferidos para a parte de trás do folder.

Ao novo folder é dado um número de folder (por exemplo 2) que é escrito bem grande no canto inferior esquerdo da capa e na lombada.

No antigo folder, que já se encontra numerado (neste caso com o nº 1) são escritas as datas do conteúdo, na frente e na lombada.

Exemplo: (1) 25 Mar 71 - 4 Out. 71

A mudança para um novo folder é registada no Sumário do Folder.

Os folders de Solo também têm números: Solo 1, Solo 2, Solo 3, etc. e, quando um novo é iniciado, a mudança é registada no Sumário do Folder do folder corrente do HGC.

Deste modo o C/S pode dizer se tem *todos* os folders.

É da responsabilidade do administrativo do HGC (ou do Admin dos Cursos Avançados) verificar tudo isto.

FOLDERS DE DIANÉTICA

Não são mantidos folders de Dianética separados. Todos os relatórios de audição, qualquer que seja o tipo de ação, são simplesmente arquivados por ordem cronológica no folder corrente do HGC.

A única categoria de folders separada é dos Folders de Solo mantidos pelos Cursos Avançados.

ARQUIVO DOS FOLDERS

Os folders antigos e os de Pcs que não estão presentemente nas linhas de audição, são guardados por ordem alfabética, num arquivo.

Tem de haver um livro de registo dos folders dos Pcs. Ele inclui o número dos folders DE cada Pc (e onde estão arquivados, se não estiverem em uso).

TRANSPORTE DOS FOLDERS

Os folders *nunca* são entregues ao Pc. São manuseados de acordo com a Emissão de C/S Série 25 d.

Quando os folders do Pc são enviados para outra Org (tal como uma AO ou Flag) são verificados para ver se estão completos, bem embalados e atados com um cordão que é selado com lacre.

Utiliza-se um sistema de registo para assegurar que os folders não se extraviam no transporte.

O registo de correio é feito em triplicado: pode usar-se papel normal ou livros de faturas de 3 cópias.

O original fica para quem o envia. As outras duas cópias (devem ser bem legíveis) vão na embalagem do folder. *Não* são metidos num envelope dentro da embalagem. São deixados no topo, bem visíveis. O embrulho é dirigido ao “Diretor dos Serviços Técnicos” da Org de destino.

Quando se recebem os folders, uma das cópias é devolvida pelas vias normais à Org que os enviou a fim de completar o ciclo.

NENHUM FOLDER ADMINISTRATIVO

A prática de iniciar um “Folder Administrativo” separado, a fim de juntar todas as peças administrativas não é necessário e não é Admin standard.

BDCS

BTB 5 DE NOVEMBRO DE 1972R
Emissão I
Revisto & Reeditado a 28 Jul 1975 como BTB

Remimeo

CANCELA
HCOB 5 Nov. 72
Emissão I
MESMO TÍTULO

(Apenso a este BTB – BPL 14 Set. 71RA,
“Folha de Progresso de caso”, Revista 28 Jul. 75)

Série de Admin do Auditor 5R

A FOLHA DE PROGRESSO DE CASO

A *folha de Progresso de Caso* contém os detalhes dos Níveis de Processamento e Treino que o Pc atingiu ao longo da sua ascensão na Carta de Graus.

Também menciona RDs ocasionais e Acções de Preparação que o Pc teve.

A folha dá, num relance, o progresso do Pc para O.T.

ELA NÃO CONSTITUI O PROGRAMA DO PC E NEM TODOS OS ITENS DESTA FOLHA NECESSITAM DE SER AUDITADOS NO PC.

USO DA FOLHA

A Folha de Progresso é agafada ao interior da capa frontal do folder pelos Serviços Técnicos (Admin do HGC).

O formulário é originalmente preenchido pelo Sumarizador de Erros do Folder, C/S ou Auditor, quem quer que faça um estudo completo e cuidadoso de todos os folders do Pc.

Coisas que o Pc tenha atingido falsamente são marcadas a vermelho. Coisas que o Pc tenha feito de cima abaixo honestamente, são marcadas a verde.

(Vendo metade da folha de todo o Ciclo de Treino em branco significa mais ignorância e sarilhos para o Pc ao tentar estabilizar os seus ganhos).

MANTER A FOLHA EM DIA

A folha é mantida em dia pelo Auditor à medida que as acções são completadas e atestadas.

Ref.: BPL 14/9/71RA

HCOB 12/6/70 C/S 2

BDCS

CARTA POLÍTICA DO CONSELHO
14 SETEMBRO 1971 RA
Emissão I
Revisão 24 Outubro 1972
Revista e reemitida 28 Julho 1975 como BPL

Remimeo

FOLHA DE PROGRESSO DE CASO

Cada folder corrente de pc tem de ter esta folha agraçada ao interior da sua capa frontal. A folha é originalmente preenchida por quem faz o FES, pelo C/S ou pelo Auditor (quem quer que seja que faça um estudo completo e cuidadoso de todos os folders do pc). A folha é mantida em dia pelo auditor à medida que as ações são completadas e atestadas.

NOME DO PC: _____

Marque a verde a data em que cada item foi honestamente atingido. Se atingido falsamente, marca-se a vermelho.

<i>GRAU DE AUDIÇÃO</i>				<i>TREINO</i>	
PROC. GRUPO	_____			CRS INTROD. SCN	_____
REPARA. VIDA	_____			ANA. M. HUM.	_____
R/D DE DROGAS	_____			AUTO ANÁLISE.	_____
	<i>SIMP.</i>	<i>TRIPL</i>	<i>EXP.</i>	AUD. LIV. UM	_____
ARC SW	_____	_____	_____	HQS	_____
GR O	_____	_____	_____	HPDC	_____
GR I	_____	_____	_____	ESTÁGIO HPDC	_____
GR II	_____	_____	_____	HDC C/S	_____
GR III	_____	_____	_____	HDG	_____
GR IV	_____	_____	_____	CLASSE O	_____
GR V (NED)	_____	_____	_____	CLASSE I	_____
EX DN	_____	_____	_____	CLASSE II	_____
GR V (PR)	_____	_____	_____	CLASSE III	_____
GR VA(PR+)	_____	_____	_____	CLASSE IV	_____
DCSI	_____			INTER. CL O-IV	_____
	<i>(ver também pág.. Seguinte)</i>			C/S CLASSE IV	_____
<i>CURSOS AVANÇADOS</i>				EX DN	_____
ELEGIBILIDADE P/ SOLO:	_____			ESTÁGIO EX DN	_____
SET-UP P/ SOLO:	_____			C/S EX DN	_____
AUD. SOLO	_____			CLASSE V	_____
R6EW SING.	_____	TRIPL	_____	CLASSE VI	_____

R/D ESPLENDOR	_____	ESTÁGIO CLASSE VI	_____
CHAPÉU DE CLEAR HAT	_____	C/S CLASSE VI	_____
CC	_____	CLASSE VII	_____
OT I.(Antigo)	_____	C/S CLASSE VII	_____
OT I.(Novo)	_____	CLASSE VIII	_____
OT II	_____	ESTÁGIO CLASSE VIII	_____
OTIII	_____	C/S CLASSE VIII	_____
OT III X	_____	HSST	_____
OT IV AUD.	_____	CLASSE IX	_____
OT IV SOLO	_____	ESTÁGIO CLASSE IX	_____
OT V ANT.	_____	C/S CLASSE IX	_____
OT V NOVO	_____	CURSO SOLO	_____
OT VI ANT.	_____	APERF. CRS SOLO	_____
OT VI NOVO	_____	CRS C/S SOLO	_____
OT VII ANT.	_____	CLASSE X	_____
OT VII NOVO	_____	ESTÁGIO CLASSE X	_____
<i>INTENSIVOS DE FLAG</i>		C/S CLASSE X	_____
L 10	_____	CLASSE XI	_____
L 11	_____	ESTÁGIO CLASSE XI	_____
L 11 EXP.	_____	CLASSE XII	_____
L 12	_____	ESTÁGIO CLASSE XI	_____
OUTRO	_____	C/S CLASSE XII	_____

REPARAÇÃO DE AUDIÇÃO

C/S 53 _____

INT/EXT _____ 2WC INT _____ CORR. _____ D/L _____

CORREÇ. LISTAS _____ CADA CORRIG. OU VERIF. _____

L4BR GEN. _____ GF MET. 5 _____

ITENS DA GF-40 RESOLVIDOS _____ GF-40 EXP. _____

Não quer audição _____ Overts Contínuos na Scn _____

Não teve audição _____ Auditado c/ graus fora _____

Proc.mesma sens. obtida c/ drogas _____ Auditado com Ruds fora _____

Tomou drogas _____ Q ARC _____ PTP _____ W/H _____

Terapia.anterior à Scn _____ Engramas Correspondem a TP _____

Fez parte de Práticas anteriores _____ Gravemente Doente Fis. _____

Fora valência _____ Ficou Ext. em audição _____

Avassalado p/ aud. _____

PROGRAMA DE DROGAS

TRS 0-IV _____ TRs 6-9 _____ C/S 1 TOTAL _____

LST DE SA _____ CCHs 0-4 _____ SCS OBJEC. _____

SCS _____ PR ABR DUP _____ OP PRO 8C _____

REM. VIII _____ AESD DRG _____ ASSESS. PRÉVIO _____

ITENS S/ INTER. _____

ESTUDO

MAN. BÁS. EST. _____ CHAPÉU EST. _____

M1 DE CP (WC) _____ M2 MAT. ANT _____

GRAMÁTICA _____ R/D PRIM. _____

INT. SALV. EST. _____ R/D ESTUDO _____

PCRD _____ LISTAS HC _____

LISTA REAB. ESTUDO _____

PROGRAMA DE DIANÉTICA

FOLHA DE SAÚDE _____ C/S 54 _____

REM. IMAG & MASSAS _____ R/D L3RD _____

ASSIST. TEMP.A _____ ASSIST. TEMP.B _____

LISTA TOTAL DE ASSISTS _____



MANEJAMENTO ÉTICO

ENTREVISTA PTS _____ R/D PTS _____ PASSOS CAN'T HAVE _____
PL 3 MAIO _____ R3R L&N _____ ASSESS. PERIGO _____

PROGRAMA DE DIANÉTICA EXPANDIDA

AMBIENTE TP _____ C/S 6 CL VIII _____ LX 321 _____
RESOLUÇÃO W/F _____ R/D QUER RESOL. _____
R/D METALOSE _____ R3R TODAS INT. MÁS _____
OUTRAS _____

AÇÕES DE STAFF

CLAR. PROPÓSITO POSTO _____ CLARIFICAÇÃO. PRODUTO _____
INTERC. DINÂMICAS. _____ CONDIÇÕES POR DINÂMICAS _____
CONFESSIONAL _____ PROCEDIMENTO. INTEG. _____
LST CORREÇÃO POSTO _____ LISTA DE MEDO DAS PESSOAS _____
R/D INF. VITAL _____

OUTRAS AÇÕES

BDCS



BTB DE 5 DE NOVEMBRO DE 1972R

Emissão II

Revisto & Reeditado a 24 Jul. 74 como BTB

(Revisão neste estilo de letra)

Remimeo

CANCELA

HCOB DE 5 Nov. 72

Emissão II

MESMO TÍTULO

Série Admin do Auditor 6r

A FOLHA AMARELA

A Folha Amarela especifica cada Lista de Correção ou conjunto de comandos cujas palavras foram clarificadas. Também descreve o processo corrente de Havingness do Pc e o tipo de latas que ele usa.

Exemplo:

RUDS	20.8.72	20.8.72	PLACAS DE PÉ
WCCL	21.8.72		
COMANDOS R3R	21.8.72	20.8.72	Nota aquele _____
L3RD	21.8.72	19.10.72	Sente aquele _____

A folha é actualizada pelo Auditor.

Referência: BTB Maio 72R, “ACLARAMENTO DE COMANDOS”

BDCS



BOLETIM TÉCNICO DO CONSELHO
BTB DE 5 DE NOVEMBRO DE 1972R

Emissão III

Revisto & Reeditado a 9 Set. 74 como BTB

(Revisão neste estilo de letra)

Remimeo

CANCELA
HCOB 5 Nov. 72
Emissão III
MESMO TÍTULO

Admin do Auditor Série 7R

SUMÁRIO DO FOLDER

O Sumário do Folder é escrito em folhas localizadas no interior da Capa Frontal e é um sumário adequado às ações empreendidas no Pc por ordem consecutiva.

É agrafado no interior da Capa Frontal do Folder corrente do Pc e requer a seguinte informação:

1. DETALHES DE ADMIN

Data da sessão, duração da sessão e tempo de Admin. A data em que um novo Folder é iniciado. O tempo total de uma série de sessões de audição. A data em que é feito um OCA. A data em que é feito um FES.

2. DETALHES DO PROCESSO

O que foi auditado e se funcionou. É anotado um EP ao lado de cada ação empreendida, ou se não foi levada a EP, anota-se a vermelho “Não Esgotado”, “O/R”, ou o que for.

A pergunta de listagem de uma ação L & N é escrita na totalidade.

Itens R3R são escritos na totalidade.

Se um item ou terminal deu R/S em sessão, é anotado a vermelho no Relatório Sumário com o número da página e inscrito num círculo.

Um propósito malévolo que surja numa sessão é igualmente marcado a vermelho com a data e inscrito num círculo.

3. RELATÓRIO DE EXAME

No fundo dos detalhes dos processos marque F/N indicando que ocorreu uma F/N no Examinador, ou BER (vermelho) se se tratar de um Mau Relatório de Exame. Se o TA estava alto ou baixo no exame, também pode ser anotado.

4. ATESTAÇÕES

Data e o que foi atestado.



Se o Pc foi enviado para atestar, mas NÃO o fez, isso é anotado.

5. DADOS SOBRE CURSOS AVANÇADOS

Data de início do Curso Avançado, Nível, Data em que atestou a Conclusão.

(As sessões de solo NÃO são anotadas, mas devem entrar num Sumário do Folder separado no Folder de Cursos Avançados)

6. DADOS MÉDICOS

Quando o Pc dá parte de doente.

Data e breve declaração da doença.

Quando o Pc SAI das linhas do MO.

7. DADOS ÉTICOS

Quaisquer ciclos de Ética ou Condições.

É usada uma caneta AZUL ou PRETA para registos normais. É usada uma caneta VERMELHA para marcar qualquer item que deu R/S, Propósitos Malévolos, correção de lista de item de Dn, BER, TA alto ou baixo no Exame, atestação falhada, ações médicas ou ciclos de Ética.

No HGC o Auditor é responsável por manter em ordem este Sumário depois de cada sessão e imediatamente após a receção de um Relatório Médico ou de um BER voluntariado pelo Pc. Faz parte da Admin da Sessão do Auditor.

Quando o Pc avança para Cursos Avançados, todos os Folders (do HGC e qualquer Folder de Cursos Avançados) são enviadas ao C/S dos Cursos Avançados que mantém a Folha do Progresso do Caso, Folha Amarela e a Folha de Sumário em dia no Folder do HGC, como acima descrito.

O Auditor Solo mantém em dia o Sumário do Folder de Solo separado na parte de dentro da capa da frente do seu Folder de Solo corrente.

As Folhas do Sumário do Folder são em papel almaço, divididas em quatro colunas. Abaixo segue-se, em exemplo, como o Sumário do Folder é mantido:



1 Jun. 72	RELATÓRIO DO MO o Pc feriu-se no cotovelo	(Quando mais tarde o Pc se encontra nos Cursos Avançados o F/S será como o que segue)	
2 Jun. 72 3hrs 20m 20m	(tempo de sessão) (tempo de Admin) R3R Narr. em inc. do cotovelo. Triplo até EP R3R “dor no meu cotovelo” F1,2,3 até EP F/N	10 Ago. 72	OT I Iniciado
		14 Ago. 72	OT I Completado
		16 Ago. 72 1hr 37m 15m	Declarado Preparação para OT II RUDS TRIPL. até EP Estudo + W/C M4 nas matérias do OT II, 2wc re. a esse nível até EP F/N
2 Jun. 72 3 Jun. 72	PC FORA DAS LINHAS DO MO Novo Folder Nº3	17 Ago. 72 28 Ago. 72	OT II Iniciado O Pc atolado no OT II BER
4 Jun. 72 4hrs 28m 20m	2WC: “O que é que na verdade queres resolvido” até EP. R/S em “barcos” p.4 L&N: “Que intenção está relacionada com o mar” até item BD F/N. R3R “A intenção de ser afundado” F1, 2 até EP F3 ATOLADO BER TA 4.2	29 Ago. 72 1hr 05m 10m	L-7 Clarificação de palavras L-7 estimada e resolvida até EP F/N
4 Jun. 72 1hr 23m 20m	L3RD em F3 “A intenção de ser afundado” até EP F/N		
	ETC.		
15 Jul. 72	Novo OCA		
15 Jul. 72	DECLAROU CONCLUSÃO DE DN EXP.		
15 Jul. 72	Hrs Totais de Dn Exp. 42hrs 18m		



FORMULÁRIO DO SUMÁRIO DO FOLDER

Quando um novo Pc começa a ser auditado e é feito o primeiro Folder, agrafa-se uma cópia do impresso, com dois agrafos, ao topo do interior da capa frontal.

O impresso é mimeografado em papel leve de maneira a não ficar volumoso.

O auditor preenche este impresso à medida que progride com as audições.

Novas folhas são adicionadas se necessário, a mais antiga no fundo, a mais recente no topo.

Quando um novo Folder é feito, TODAS as Folhas de Sumário são removidas do Folder antigo e postas no interior da capa do novo Folder de maneira a que o Sumário completo do Folder do caso esteja sempre no Folder corrente do HGC.

É da responsabilidade do Admin do HGC zelar para que o que se disse seja feito.

Referência: Fita 7 Abr. 72

Dn Exp. Fita 3

ADMIN DO AUDITOR

BDCS



BTB DE 5 DE NOVEMBRO DE 1972

Emissão IV

Reeditado 2 Jul. 74 como BTB

Remimeo

CANCELA

HCOB 5 Nov. 72

Emissão IV

MESMO TÍTULO

Admin do Auditor Série 8

GRÁFICOS OCA

O gráfico OCA é um gráfico especialmente preparado que representa 10 traços da personalidade de um Pc a partir dum Teste de Personalidade feito pelo pc.

QUANDO O PC FAZ O TESTE OCA

Podem ser feitos vários testes OCA por um Pc durante uma série de intensivos. Usualmente faz-se um antes dum intensivo para dar ao C/S informação acerca *daquilo* que vai ser auditado, e outro depois de um grande ganho no final de um RD ou ao completar um Grau, como indicação do que foi atingido. Isto pode, contudo, ser exorbitado por demasiado usado.

TRAÇAR OS GRÁFICOS OCA

Os resultados do OCA (e o Teste de Q.I.) entram no GRÁFICO OCA.

São traçados no *mesmo* gráfico uma série de OCAs para dar uma indicação da *mudança* ocorrida.

Cada linha do gráfico é feita numa cor diferente (vermelha, azul, preta, verde) ou então (cheia, normal, tracejada, pontuada) para que cada uma das linhas do gráfico possa ser distinguida. No topo do gráfico está uma “chave” que dá a data de que cada Teste feito. O mês é escrito com letras para não se confundir com números.

POSIÇÃO DO GRÁFICO

O gráfico fica preso com um clipe no interior da capa da frente do folder (por cima do S/F e por baixo dos programas) para que possa ser retirado a fim de traçar o próximo OCA.

A folha de respostas que o Pc preenche é colocada juntamente com as folhas de trabalho dessa data depois de ser traçado o gráfico.

RESPONSABILIDADE



É da responsabilidade da Admin do HGC verificar se o C/S requer um OCA, se o Pc é encaminhado para Testes, e se o teste é feito e se os resultados entraram no gráfico e as folhas de teste foram arquivadas no folder.

Refs: HCOB 17 Jul. 71, FORA DE VALÊNCIA, C/S Série 5
HCOB 19 Dez. 71, DoP OPERA POR OCAS, C/S Série 71
HCOB 24 Fev 72, CLARIFC. PAL. DOS OCAS, C/S Série 71A

BDCS



BTB DE 6 DE NOVEMBRO DE 1972R

Emissão II

Revisto & Reeditado 15 Jul. 74 como BTB

(A única mudança é “LRH” e Referências
adicionado na página 1, parágrafo 1)

Remimeo

CANCELA

HCOB DE 6 Nov. 2

Emissão II

MESMO TÍTULO

Admin do Auditor Série 9R

A FOLHA DE PROGRAMA

Um programa é por definição “a sequência de ações, sessão por sessão, a serem tomadas num caso pelo C/S nas suas instruções ao Auditor ou Auditores que estão a auditar o caso” LRH, e é “qualquer série de ações concebidas por um C/S para obter resultados definidos a um pc”, LRH (Refs: HCOB 23 Ago. 71, C/S Série 1, e HCOB 12 Jun. 70, C/S Série 2).

OS TRÊS TIPOS DE PROGRAMA

Existem três tipos de programas:

1. *PROGRAMA DE PROGRESSO (REPARAÇÃO)*: para erradicar deficiências de manejo de caso motivadas pela vida corrente ou por erros de audição. Este programa é escrito numa folha vermelha.
2. *PROGRAMA DE AVANÇO (RETORNO)*: ações maiores a serem tomadas a fim de trazer o caso de volta para a classe da carta onde foi erroneamente metido. O programa é escrito numa folha azul.
3. *PROGRAMA BÁSICO*: Delineado na Carta de Classificação e Gradação.

(Nota: um Programa de Dn Exp. é escrito numa folha verde).

O programa consiste do nome do pc, data, breves notas de caso de o porquê do programa ser feito e as ações a serem feitas no Pc numeradas 1, 2, 3, etc., para obter resultados definidos. A pessoa que faz o programa escreve o nome ao fundo com letra de imprensa.

Estas folhas de programa são presas com um clipe por dentro da Capa Frontal, o mais antigo por baixo e o último em cima.

A RESPONSABILIDADE DO C/S

Um C/S trabalha para completar o programa do topo. À medida que cada passo do programa é completado é dada a baixa com “FEITO” e a data.

Quando todo o programa está feito, é marcado “PROGRAMA FEITO (DATA).”



Todos os erros cometidos ao executar o programa são marcados e reparados.

Se ao fazer um programa azul (ou verde) é empreendida uma reparação extensa, então isso é programado numa folha vermelha e assim se torna o programa do topo. A folha azul deve, contudo, ser marcada no ponto em que foi abandonada e pode ser retomada quando a vermelha é terminada.

Qualquer programa retirado por causa de novos dados sobre o caso, deve ser marcado com a data.

O auditor, assim como C/S, é responsável por marcar os programas conforme acima.

PROPÓSITOS MALÉVOLOS E R/Ss

Itens de Propósitos Malévolos e R/Ss são marcados na margem esquerda do programa do topo a vermelho, com a data e número da página da folha de trabalho.

Refs: HCOB 12 Jun. 70

PROGRAMAÇÃO DE CASOS C/S Série 2

HCOB 7 Abr. 72

Fita 3 da Dn Exp. ADMIN DO AUDITOR

BDCS



VERIFICADOR
DE
SEGURANÇA

BOLETIM TÉCNICO DO CONSELHO
6 DE NOVEMBRO DE 1972R

Emissão III

Revisto & Reeditado a 27 Jul. 74 como BTB
(Revisão neste tipo de letra)

Remimeo

CANCELA
HCOB 6 NOV. 72
Emissão III
MESMO TÍTULO

Admin do Auditor Série 10R

O C/S DO AUDITOR

O C/S do Auditor é uma folha na qual o Auditor escreve as instruções de C/S para a sessão seguinte. Isto é conforme C/S Série 25.

Página em branco

Nome do pc (a vermelho) _____ Data: _____

Nome do Auditor (a vermelho) _____

Classe de Auditor requerida para a sessão seguinte: _____

Grau da Sessão (deixar em branco) _____

Comentário (a vermelho) ou pensamento do Auditor a respeito do caso se desejar fazê-lo.

O C/S seguinte:

1. _____ (a azul)

2. _____ (a azul)

3. _____ (a azul)

4. _____ (a azul)

Assinatura do Auditor (a vermelho) _____



O Auditor não dá a nota à sua própria sessão. Deixa o espaço em branco.

POSIÇÃO NA PASTA

As instruções do C/S para a sessão ficam por baixo da mesma sessão; assim temos o C/S de 4.6.68, a Sessão de Audição de 4.6.68, o C/S de 5.6.68, a Sessão de Audição de 5.6.68, o C/S de 7.6.68, etc., etc.

SITUAÇÃO ÉTICA

Na parte dos comentários do Auditor, seriam anotadas quaisquer Situações de Ética que possam ter surgido na sessão.

Refs: HCOB 25 Jun. 70 *C/S Série 11*
HCOB 05 Mar. 71 *C/S Série 25* “A NOVA FANTÁSTICA LINHA DO HGC”
FITA 7 Abr. 72 - Dn Exp. Fita 3 “ADMINISTRAÇÃO DO AUDITOR”

BDCS



BOLETIM TÉCNICO DO CONSELHO
6 DE NOVEMBRO DE 1972RA

Emissão VI

Revisto & Reeditado 30 Ago 74 como BTB

Revisto 20 Nov. 74

Remimeo
Examinador de Pc
Chapéu

CANCELA
BTB DE 6 Nov. 72R
Emissão IV
MESMO TÍTULO

Série de Admin do Auditor 11RA

O RELATÓRIO DE EXAME

(Junte a este BTB a PL 8/3/71 “Impresso de Exame”)

O Relatório de Exame é um relatório feito pelo examinador de Qual, quando o Pc vai ao exame depois da sessão ou se apresenta de sua própria vontade.

CONTEÚDO

O Relatório de Exame contém os detalhes do E-Metro, indicadores e declaração do Pc.

A PL junta “Formulário de Exame” é preenchida como se segue:

No topo à esquerda:

Se DEPOIS DA SESSÃO, põe uma chamada nessa linha. Se depois de Solo, escreve com letra de imprensa SOLO na linha. Se uma pergunta *feita ao Pc pedida pelo C/S* (e não depois da sessão), escreve na linha a letra de imprensa PERGUNTA DO C/S. Se VOLUNTÁRIO, põe uma chamada grande. Se MÉDICO faz um círculo na palavra Médico e escreve ENTRADA ou SAÍDA se o Pc vai entrar ou sair do circuito médico, ou RELATÓRIO, se for o caso.

No topo à direita:

DIV. QUAL: Quando a PL “Formulário de Exame” é policopiada, o nome da Org pode vir já impresso, o que evita muita escrita.

Anota a DATA, P.ex. 4 Jun. 72.

Anota a HORA, p.ex 18.03.

A Data e a Hora são importantes pois evitam alterações de sequência.

O NOME DO PC ou Pré-OT é escrito em letra de imprensa.

ÚLTIMO GRAU ATINGIDO: é importante do ponto de vista do C/S, visto que lhe poupa DEV-T a procurá-lo através da pasta.



GRAU, CURSO OU AÇÃO A SER ATESTADO: O que quer que seja que está a ser declarado, escreve-se DECLARAR ao longo da linha e o Grau, Estado, Curso ou Ação a ser declarado.

DECLARAÇÃO DO PC: Escreve exatamente o que o Pc disser. Anota também o que ler, BDs, e onde os seus indicadores mudarem e variarem, o tom em que as declarações são feitas e assim por diante.

POSIÇÃO DO TA E QUALQUER BD: Anota a posição do TA no início do exame e a posição no final, se for diferente.

OS INDICADORES DO PC são avaliados pela seguinte escala:

VBI's	Muito Maus Indicadores
BI's	Maus Indicadores
POBRES	Indicadores Assim-assim
O.K.	Indicadores Aceitáveis
GI's	Bons Indicadores
VGI's	Muito Bons Indicadores
VVGI's	Muito, Muito Bons Indicadores

Contudo, anota qualquer manifestação óbvia que possa ajudar o C/S.

Exemplos:

BI's	Pc a chorar
O.K.	Pc a franzir o sobrolho
VVGI's	Pc radiante, pele muito rosada

ESTADO DA AGULHA: é importante visto que diferentes manifestações da agulha indicam coisas diferentes, isto é, R/S, DN., RISE, etc.

Nas F/Ns anota também a amplitude:

F/N Pequena	=	1" a 2"
F/N Normal	=	2" a 3"
F/N Ampla	=	3" a 4"
F/N Quadrante	=	A flutuar de um extremo ao outro do quadrante
F/TA	=	A agulha não fica no quadrante, e cai imediatamente.

Aqui é possível por vezes obter a amplitude do TA, p.ex. a agulha aparece no quadrante a 2.3 e outra vez a 2.5. Isto seria indicado como um F/TA = 2.5 - 2.3.

O tamanho das F/Ns é importante. Um F/TA no final da sessão e uma pequena F/N no Examinador, indicaria algo de mal.

ASSINATURA DO EXAMINADOR: O impresso nesta linha é assinado pela pessoa que fez o exame.



SENSIBILIDADE: Todos os exames são feitos com a sensibilidade apropriada segundo o B-18/3/74 “Ajustamento da Sensibilidade do E-Metro”.

PLACAS DE PÉS: Se o Pc é auditado com placas de pés deve ser examinado com placas de pés. Isto é anotado escrevendo PLACAS DE PÉS acima da leitura do TA.

ETIQUETAS VERMELHAS

Definições:

UMA AGULHA FLUTUANTE “é o movimento indolente e não influenciável da agulha no quadrante sem quaisquer padrões ou reações. Pode ser tão estreito como 1” ou tão amplo como toda a largura do quadrante. Não pende nem cai para a direita do quadrante. Move-se para a esquerda e para a direita com a mesma velocidade. É observada num E-Metro Mark V calibrado com o TA entre 2.0 e 3.0 com GIs no Pc. Pode ocorrer depois de um BD do TA, por cognições ou começa simplesmente a flutuar. O Pc pode ou não exprimir a cognição.” LRH

UM EXAME DE TIRA VERMELHA é aquele em que o Examinador observa qualquer das seguintes manifestações no Pc após a sessão:

1. Posição não-ótima do TA (acima de 3.0 ou abaixo de 2.0);
2. Agulha não-ótima (agulha quebra de ARC, Estádio Quatro, R/S, Presa, Parada ou Suja)
3. Maus Indicadores segundo o B-26/4/69 “*Maus Indicadores*”
4. Declaração não-ótima do Pc, crítico, hostil, depreciativo, triste, etc.
5. Relatório de doença depois da sessão ou alguns dias depois de uma Ação Maior de Audição.
6. Grande Out-Tech na sessão que poderia causar perturbações no Pc.
7. Declaração “falhou” acompanhada por um BER.

Quando um EXAME COM TIRA VERMELHA acontece o Examinador prende com um clipe uma tira vermelha ao Forma de Exame. Folders com Etiquetas Vermelhas não devem ser mantidos pelo Auditor até ao fim do dia. Eles vão imediatamente para o C/S e são tratados numa base urgente de prioridade.

RELATÓRIOS DE EXAMES MÉDICOS

Um Pc vai para o *Oficial de Ligação Médica* via o Examinador. O MLO escreve um relatório para o Oficial de Ética. O Examinador faz uma cópia a papel químico (ou copia o Forma de Exame original) e dá-o imediatamente ao MLO e leva o original rapidamente aos Serviços Técnicos. Os Serviços Técnicos pegam nos Folders e enviam-nos rapidamente ao C/S ou ao C/S do Pessoal, se se trata de um de pessoal doente.

Isto DEVE entrar na pasta do Pc para evitar que o C/S ordene uma ação maior num Pc doente.

O Relatório de Exame é manejado de modo semelhante quando o Pc sai das linhas do MLO.

O MLO envia um relatório diário ao C/S sobre TODAS as pessoas que estão nas suas linhas com um relatório final quando saem, com o Exame junto.

LOCALIZAÇÃO NA PASTA

A Forma do Relatório de Exame é colocado na pasta por cima da Forma do Relatório do Auditor (ou Relatório Sumário se for usado).



As Formas de Relatórios de Exame Voluntários são colocados na pasta segundo a respetiva data.

É da responsabilidade dos Serviços Técnicos (Admin, HGC) zelar para que estes impressos entrem na pasta.

Refs: HCOB 21 Out. 68 “Agulha flutuante”
HCOPL8 Set 70 “A Regra das 24 Horas do examinador”
HCOB 5 Mar 71 C/S Série 25, “A Nova Fantástica Linha do HGC”
BPL 26 Jan 70 “O examinador e Agulha Flutuante”
Ordem de Flag 259 3 Março 71 “atual Política de C/S”
BTB 20 Jan 73RB C/S Série 86RB, “A Linha de Etiqueta Vermelha”
Rev. 18.9.74

BDCS



VERIFICADOR
DE
SEGURANÇA

GABINETE DE COMUNICAÇÕES DE HUBBARD
Saint Hill Manor, East Grinstead, Sussex
CARTA DE POLÍTICA DO HCO DE 8 DE MARÇO DE 1971

Copiar
Chapéu do Examinador
Chapéu dos Serviços Técnicos

(Substitui e revê as PLs do HCO de 9 de Maio de 69 e 26 Jan. AD 20,
“Folha de Exame”)

IMPRESSO DE EXAME

(Nota Importante: Esta Folha é tratada exatamente de acordo com a Pl de 26 de Jan. AD20 e NINGUÉM PODE EXAMINAR SEM TER UM EXAME ESTRELA NESSA PL e no B de 5 de Março de 71 (Série do C/S 25) E UM CURSO DE E-METRO. Os estudantes e PCs podem ficar muito perturbados, os resultados dos PCs das Orgs e os resultados dos cursos arruinados se as funções deste posto forem feitas incorretamente.)

Após Sessão: _____ Local: _____
Voluntariado: _____ Data: :: _____
Médico: _____ Hora: :: _____
Nome do PC ou Pré OT: _____
Último Grau Atingido: _____

Grau, Curso ou Ação a ser Atestada:

Declarações do PC (escreva exatamente o que o PC disser.)

Posição do TA e quaisquer BD: _____ Indicadores do PC: _____
Estado da Agulha: _____ F/N Indicada ao PC. _____
: _____
Assinatura do Examinador

ENCAMINHE ESTA FOLHA PARA OS SERVIÇOS TÉCNICOS QUE A ENCAMINHARÃO PARA A PASTA DO PC.

QUANDO É RELATADA DOENÇA PREENCHA ESTA FOLHA COM PAPEL QUÍMICO E ENCAMINHE O ORIGINAL PARA OS SERV. TECH. E A CÓPIA PARA O OFICIAL MÉDICO OU SEC. DE QUAL.

ENCAMINHE URGENTEMENTE QUAISQUER RELATÓRIOS POSTERIORES DE MONTANHA-RUSSA OU DOENÇA PARA A PASTA A FIM DE EVITAR ERROS DO C/S.

LRH:mes:dr

L. RON HUBBARD
FUNDADOR



BTB DE 6 DE NOVEMBRO DE 1972R

Emissão V

Revisto & Reeditado 28 Jul. 74 como BTB

(Revisão neste tipo de letra)

Remimeo

CANCELA

HCOB 6 Nov. 72

Emissão V

MESMO TÍTULO

(Apenso a este BTB-BTB 20 Jun. 70.

"Relatório sumário")

Admin do Auditor Série 1 2R

RELATÓRIO SUMÁRIO

O Relatório Sumário é usado simplesmente como relato exato do que aconteceu e do que foi observado durante a sessão.

É usado a forma do BTB 20/6/70 "RELATÓRIO SUMÁRIO" para o auditor preencher com a informação respectiva.

USO DOS RELATÓRIOS SUMÁRIOS

Com a introdução da *Série de C/S A NOVA FANTÁSTICA LINHA DO HGC*, as Formas dos Relatórios Sumários foram retirados do procedimento administrativo em Flag.

Contudo, o uso das Formas de Relatórios Sumários é deixado inteiramente à discrição do C/S de uma Org.

Elas **são** amplamente usadas em treino.

CADA AUDITOR ESTUDANTE DOS CURSOS E CO AUDIÇÃO TEM QUE ESCREVER UM RELATÓRIO SUMÁRIO DEPOIS DE CADA SESSÃO.

É um instrumento para aumentar a OBNOSE do auditor do que se passa numa sessão. Ensina os auditores a analisar e reportar um caso de forma rápida e concisa.

PREENCHIMENTO DO RELATÓRIO

A Forma do Relatório Sumário é preenchida como se segue:

1. Data.
2. Nome do Pc e do Auditor em LETRA DE IMPRENSA.
3. Processo auditado, o total de ação de TA da sessão e a duração da sessão em horas e minutos.
4. Quaisquer metas que tenha atingido, ou mais provavelmente, quaisquer ganhos que tenha tido na sessão que o Pc mencionar de passagem, uma vez que já não são estabelecidas metas no início da sessão.



5. Aspectos da audição do processo: responder a cada uma das perguntas 1 a 22 da Forma. Aqui escreve sucintamente o que o Pc fez na sessão. Não se anotam opiniões sobre o que aconteceu ou como o Pc percorreu o processo.

Aqui apenas interessam os aspectos do caso relativos ao processo ou processos que estão a ser auditados.

6. Relatório de Ética

Estes são escritos na folha de C/S do Auditor segundo *C/S Série 25*

7. Sugestões.

O Sumário deve ser feito para as sessões desse dia. Não é agrafado às folhas de trabalho, mas preso com um clipe em cima do Forma do Relatório do Auditor, por baixo do Relatório de Exame.

Duas sessões no mesmo dia pedem apenas um Relatório Sumário com o TA e as informações de cada sessão.

Aqueles devem ser LEGÍVEIS e AGRADÁVEIS de LER. Se a letra do auditor é pobre, devem ser escritos em letra de imprensa.

Escrever os Relatórios deve levar ao auditor 15 minutos no máximo. Tendo acabado de auditar o Pc, o auditor deve preencher o relatório com bastante facilidade.

Refs: HCOB 14. Jun. 65 "Relatório sumário"

HCO B 7 Maio 69 "Resumo de Como Escrever o Relatório de Auditor"

HCOB Mar 5 71 "C/S Série 25. Fantástica Nova Linha DO HGC"

BTB 20 Jun. 70 "Relatório sumário"

BDCS



BOLETIM TÉCNICO DO CONSELHO
6 DE NOVEMBRO DE 1972R
Emissão VI
Revisto e reeditado em 27/8/74 como BTB

CANCELA
HCOB 6 Nov. 72
Emissão VI
MESMO TÍTULO

Admin do Auditor Série 13R

RELATÓRIO DO AUDITOR

Faz-se um Relatório de Auditor no final de cada sessão. Ele dá uma ideia geral de quais as ações praticadas durante a sessão.

Cada Relatório deve ser preenchido a partir do topo com:

- A. O nome do pc (nome completo) e Grau (muito destacado).
- B. Nome do Auditor (nome completo).
- C. Data.
- D. Nº de horas de intensivo marcadas (12 1/2; 25; 50; etc.).
- E. Duração da sessão excluindo tempo de intervalo (ex. 5hrs 15m). Isto são “horas na cadeira”.
- F. Total de horas marcadas já utilizadas até à data.
- G. Total de TA da sessão. Muitas vezes negligenciado, mas muito importante como um indicador do progresso do caso.

O corpo do impresso preenche-se com a seguinte informação:

- H. Horas do início e fim da sessão.
- I. Condição do pc.
- J. TA e sensibilidade no princípio e fim da sessão.
- K. Rudimentos.
- L. Qual o processo percorrido - COM A LISTA DOS COMANDOS EXATOS - muitas vezes esquecido pelos auditores.
- M. Horas, TA e Sens no início e fim do processo
- N. Se o processo está “flat” ou não.
- O. Quaisquer F/Ns.
- P. Quaisquer Itens R/S ou Propósitos Maus são anotados na coluna da direita a vermelho.
- Q. Amplitude do TA.

No fundo da folha anota-se o resultado da Verificação do Trim.



EXEMPLO:

FORMULÁRIO DO RELATÓRIO DO AUDITOR

Preclaro: EMÍLIO TOGG Va Auditor: DAVID SWIFT			Data: 22 Out. 72 Nº de horas de intensivo: 25 Nº de horas: 2hrs 58m Total de horas: 14hrs 23m Total de TA: 8 divs	
Ambiente:	Auditor:	W/Hs:	PTPs:	
Processo	Tempo	TA	Sens.	Resultados e Comen- tários
É A SESSÃO	15.20	3.2	6	PC UM POUCO BRANCO
TENS UMA QUEBRA DE ARC?	15.28	2.8	6	F/N VGIs PC MAIS VIVO
L1C MÉTODO 3 “RECENTEMENTE”	16.58	2.6	6	F/N VGIs, COG
O/W 1. O QUE É QUE TU FIZESTE A UM POLÍCIA?				R/S EM “DINHEIRO”
2. O QUE É CONTIVESTE DE UM POLÍCIA?	18.16	2.5	6	ATÉ EP F/N COG VGIs
6.16 2.5 6 ATÉ EP F/N COG VGIs	18.18	2.5	6	ROSADO, JÁ NÃO ESTÁ BRANCO
É TUDO				TRIM: TA = 2.0
AMPLITUDE DO TA: 2.5 – 3.8				

Instruções e Comentários: _____

Diretor de Processamento: _____



Refs: HCOPL 28 Ago 62 “Como escrever um Relatório do Auditor”
HCOPL 19 Nov. 65 “Relatórios de Audição”
HCOB 11 Mar 69 “Verificação do Trim do E-Metro”
HCOB 7 Maio 69 “Sumário de Como escrever um Relatório do Auditor”
HCOB 25 Jun. 70 C/S Série 11

BDCS



BOLETIM TÉCNICO DO CONSELHO
BTB DE 6 DE NOVEMBRO DE 1972R
Emissão VII
Revisto & Reeditado 25 Jul. 74 como BTB

Remimeo

CANCELA
HCOB 6 NOV. 1972
Emissão VII
MESMO TÍTULO

(A única revisão está em CONTEÚDO DA FOLHA DE TRABALHO:
“G. Leituras” foi adicionado).

Admin do Auditor Série 14R

AS FOLHAS DE TRABALHO

É nas folhas de trabalho que o auditor escreve um relato completo da sessão do princípio ao fim, página a página, à medida que a sessão avança.

Uma folha de trabalho é sempre em papel A4, escrita de ambos os lados e cada página numerada, na frente e nas costas, na parte superior central da página.

É assim para que o auditor possa dizer: “Pois, a R/S ocorreu na página 25” o que poupa uma data de tempo. Além disso, dá o número correto de páginas que a sessão levou.

A folha de trabalho é escrita em duas colunas. O auditor escreve pela coluna da esquerda abaixo e depois pela coluna da direita abaixo.

CONTEÚDO DA FOLHA DE TRABALHO

As partes mais importantes da sessão a serem anotadas são:

- A. Quando o TA sobe (em quê?)
- B. Quando o TA desce (em quê?)
- C. Quando ocorre uma F/N (em quê? - alguma cognição?)
- D. Quando ocorrem VGIs (em quê?)
- E. Quando ocorrem Bis (em quê?)
- F. Como correu o processo (quais os comandos que estão a ser percorridos?)
- G. Leituras.

Devem tomar-se notas sobre o TA e hora em intervalos regulares durante a sessão.

Quando um processo atinge o EP, escreve-se a cognição do Pc, inscreve-se a F/N num círculo e se foi ou não indicada, anotam-se os indicadores do Pc, hora e TA.

Ao fazer 2WC sobre um assunto é essencial que todos os itens (terminais, declarações, etc.) que lerem sejam marcados como tal nas folhas de trabalho (LF, LFBd). Todos os itens que tiverem leitura são inscritos num círculo verde após a sessão.



Itens R/S, situações de Ética, Facs de Serviço e Propósitos Malévolos são circundados a vermelho nas folhas de trabalho, depois da sessão.

ESTENOGRAFAR

Os Auditores desenvolvem normalmente um sistema de estenografar as ações feitas na sessão, de maneira a que a velocidade da sessão não seja embaraçada pela Admin.

Por exemplo, o processo repetitivo:

Recorda uma mudança

Recorda uma não mudança

Recorda uma mudança falhada

é manejado como enquadramento (ao PC é dado o primeiro comando, depois o segundo e depois o terceiro e então o primeiro, o segundo, etc.)

O primeiro comando pode ser chamado 1, o segundo 2 e o terceiro 3.

A W/S então ficaria assim:

12.32	2.8
uma ✓	
mudança ✓	
falhada ✓	
não-mudança ✓	
recorda (F/N)	
(note que cada palavra do comando é clarificada antes de clarificar o comando como um todo)	
1.	
clarificado	
2.	
clarificado	
3.	
clarificado	
12.49	2.6

1. A mãe foi para férias

2. na escola

3. não vendi a bicicleta

1. mudei-me para uma casa nova



QUALQUER QUE SEJA O SISTEMA DE ABREVIATURAS USADO PELO AUDITOR, A FOLHA DE TRABALHO TEM QUE COMUNICAR AO C/S AS AÇÕES FEITAS DURANTE A SESSÃO.

As folhas de trabalho devem ser legíveis. Nunca são recopiadas.

Exemplo:

(palavra ilegível)

141



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,
HCOB DE 3 DE NOVEMBRO DE 1971

Reemit. 6.11.72 como

Admin do Auditor Série 15

C/S Série 66

FOLHAS DE TRABALHO DO AUDITOR

Uma maneira muito rápida dum C/S se tramar a ele próprio é não insistir numa BOA LETRA LEGÍVEL.

Quando o C/S tem auditores que não escrevem bem e depressa, fica com palavras mal-entendidas ao procurar ler as folhas de trabalho.

Uma solução temporária é mandar o auditor escrever a palavra a vermelho em maiúsculas por cima de cada palavra difícil de ler. Alguns auditores vão ao extremo de escrever toda a folha de trabalho em maiúsculas.

A solução mais duradoura é mandar os auditores para Cramming praticar a escrever BEM e CLARAMENTE não importa quão lentamente e, depois, mantendo a mesma clareza, acelerá-lo. O auditor, depois de muitas sessões práticas como estas, acaba por escrever clara e rapidamente. Isto pode ser melhorado até um auditor poder escrever claramente, tão depressa como uma pessoa fala.

As dores de cabeça ocasionais que um C/S possa Ter não são da restimulação do caso que está a estudar, mas das palavras das folhas de trabalho que não consegue descortinar.

Se um C/S não insiste, tanto na clarificação com letra de imprensa como na prática da escrita do auditor, acabará por não ler as folhas de trabalho e pode até ficar enevoado sobre certos casos.

Um remédio é voltar aos primeiros folders não compreendidos e clarificar as palavras e depois manter DENTRO este HCOB da série de C/S.

L. Ron Hubbard

Fundador

P.S. No Século 19 as secretárias escreviam lindamente por extenso mais depressa do que uma pessoa falava. Por isso não diga que não pode ser feito.



BTB de 7 de NOVEMBRO de 1972R

Emissão I

Revisto & Reeditado 12 de Agosto de 1974 como BTB

(Revisão neste tipo de letra)

Remimeo

CANCELA

HCOB de 7 de NOVEMBRO de 1972

Emissão I

MESMO TÍTULO

Auditor Admin Série 16R

LISTAS de CORREÇÃO

Uma Lista de Correção é uma lista de perguntas preparadas numa folha mimeografada usada pelo Auditor para a reparação de uma situação particular, ação ou RD.

Se é usada uma Lista de Correção ela deve ser agrafada à parte de trás da Folha de Trabalho.

A Lista de Correção não deve ser omitida e deve estar nos relatórios de sessão para que o C/S possa ver a verificação original.

Se uma Lista de Correção não é completamente manejada numa sessão, não é agrafada como acima, mas deixada solta. Ela é agrafada às folhas de trabalho da sessão em que o seu manejação é completado.

RELAÇÃO COM A ADMIN DA FOLHA DE TRABALHO

Quando usar uma Lista de Correção, o número da pergunta a manejar é marcada na folha de trabalho.

Exemplo:

Numa L1C a pergunta 2 “Uma contenção foi falhada?” lê.

FOLHA DE TRABALHO:

L1C

2. SF

Bem eu levei o dinheiro e, etc., etc.

A Lista é marcada para mostrar que é manejada.

Exemplo:

1. Houve um erro de listagem?



(Se isto lê muda logo para a L4BR) X

2. Uma contenção foi falhada? SF para F/N

3. Uma emoção foi rejeitada? X

4. etc.

Referências: HCOB 3 Julho 71 “Auditar por Listas Revisto”

BTB 11 Ago 72R C/S Série 83R, “Listas de Correção”

Compilado por

Gab. De Treino & Serviços

Revisto & Reeditado como BTB

Pela Missão de Falg1234

I/C: CPO Andrea Lewis

2º: Molly Harlow

Autorizado por AVU para o

QUADRO DE DIRETORES,
DAS IGREJAS DE CIENTOLO-

GIA



HUBBARD COMMUNICATIONS OFFICE
Saint Hill Manor, East Grinstead, Sussex
HCO BULLETIN OF 1 DECEMBER 1974

Remimeo

**WORD CLEARING LISTS FOR
PREPARED LISTS**

Reference: LRH ED 257 INT
DELIVERY REPAIR LISTS

Here is the list of prepared lists with their word clearing lists.

PREPARED LIST WC LIST

HCO B 24 Nov 73RA BTB 9 Apr 72RA, Issue VII
C/S Series 53RI Revised 1 Dec 74
SHORT HI-LO TA CLEARING LIST WORDS IN
ASSESSMENT C/S SCIENTOLOGY – C/S SERIES 53RI

HCO B I Jan 72RA BTB 9 Apr 72RA, Issue IX
LIX HI-LO TA LIST Revised 1 Dec 74
REVISED CLEARING LIST WORDS IN
SCIENTOLOGY – LIX HI-LO TA
LIST REVISED

HCO B 29 Oct 71 R BTB 9 Apr 72R, Issue X
INT RUNDOWN CORRECTION CLEARING LIST WORDS IN
LIST REVISED SCIENTOLOGY – INT RUNDOWN
CORRECTION LIST REVISED

HCO B 15 Dec 68R BTB 9 Apr 72R, Issue V
L4BR CLEARING LIST WORDS IN
SCIENTOLOGY – L4BR



HCO B 19 Mar 71 BTB 9 Apr 72, Issue VI
L 1 C CLEARING LIST WORDS IN
SCIENTOLOGY – L 1 C

HCO B 11 Apr 71 RA BTB 28 Apr 74
L3RD DIANETICS – CLEARING LISTS
AND R3R

HCO B 2 Apr 72RB, Issue II BTB 3 Apr 72R, Issue I
Expanded Dianetics Series 3RB EXPANDED DIANETICS SERIES 2R
L3 EXD RB CLEARING LISTS AND R3R

HCO B 29 Feb 72R – – – – –
FALSE TA CHECKLIST

HCO B 16 Apr 72 BTB 1 Dec 74, Issue VII
PTS RD CORRECTION LIST CLEARING LIST WORDS IN
SCIENTOLOGY – PTS RD CORRECTION LIST

HCO PL 7 Apr 70RA BTB 9 Apr 72RA, Issue I
GREEN FORM Revised 1 Dec 74
CLEARING LIST WORDS IN
SCIENTOLOGY – GREEN FORM
PREPARED LIST WC LIST

HCO B 30 June 71 BTB 9 Apr 72R, Issue III
EXPANDED GF 40 RR CLEARING LIST WORDS IN
SCIENTOLOGY – EXPANDED
GF 40 RR

HCO B 15 Nov 73R – – – – –
FEAR OF PEOPLE LIST – R

HCO B 15 Nov 74 BTB 15 Nov 74
STUDENT REHABILITATION LIST CLEARING LIST WORDS IN



SCIENTOLOGY – STUDENT
REHABILITATION LIST

HCO B 4 Feb 72RC BTB 9 Apr 72R, Issue XI
STUDY CORRECTION LIST CLEARING LIST WORDS IN
REVISED – Study Series 7 SCIENTOLOGY – STUDY
CORRECTION LIST REVISED

HCO B 27 Mar 72, Issue I BTB 1 Dec 74, Issue II
STUDENT CORRECTION LIST CLEARING LIST WORDS IN
– STUDY CORR LIST 1 SCIENTOLOGY – STUDENT
CORRECTION LIST

HCO B 27 Mar 72R, Issue II BTB 1 Dec 74, Issue III
COURSE SUPERVISOR CORRECTION CLEARING LIST WORDS IN
LIST – STUDY CORR LIST 2 SCIENTOLOGY – COURSE
SUPERVISOR CORRECTION LIST

HCO B 27 Mar 72, Issue III BTB 1 Dec 74, Issue IV
AUDITOR CORRECTION LIST CLEARING LIST WORDS IN
– STUDY CORR LIST 3 SCIENTOLOGY – AUDITOR
CORRECTION LIST

HCO B 27 Mar 72, Issue IV BTB 1 Dec 74, Issue V
CASE SUPERVISOR CORRECTION CLEARING LIST WORDS IN
LIST – STUDY CORR LIST 4RA SCIENTOLOGY – CASE SUPERVISOR
CORRECTION LIST

HCO B 27 Mar 72, Issue V BTB 1 Dec 74, Issue VI
EXECUTIVE CORRECTION LIST CLEARING LIST WORDS IN
– STUDY CORR LIST 5 SCIENTOLOGY – EXECUTIVE
CORRECTION LIST

HCO B 21 July 71RCBTB 9 Apr 72R, Issue IV
WORD CLEARING CORRECTION CLEARING LIST WORDS IN
LIST REVISED SCIENTOLOGY – WORD CLEARING



CORRECTION LIST

HCO PL 9 Apr 72 – – – – –

ETHICS – CORRECT DANGER

CONDITION HANDLING (Danger

Assessment, Long Form and

Short Form)

HCO PL 13 Mar 72 – – – – –

Esto Series 5 – PRODUCTION

AND ESTABLISHMENT – ORDERS

AND PRODUCTS (Product

Clearing Short Form)

PREPARED LIST WC LIST

HCO PL 23 Mar 72 – – – – –

Esto Series 11 – FULL PRODUCT

CLEARING LONG FORM

HCO PL 12 June 72 – – – – –

Data Series 26, Esto Series 18

LENGTH OF TIME TO EVALUATE

(Slow Eval Assessment)

HCO B 28 Aug 70RA BTB 9 Apr 72R, Issue VIII

HC OUT-POINT PLUS-POINT Revised 30 Nov 74

LISTS RA CLEARING LIST WORDS IN

SCIENTOLOGY – HC OUT-POINT PLUS-POINT LISTS

HCO B 2 Dec 74 BTB 1 Dec 74, Issue VIII

DYNAMIC SORT OUT ASSESSMENT CLEARING LIST WORDS IN

(Revised from BTB 4 Dec 71, SCIENTOLOGY – DYNAMIC SORT

Issue II, Replacing HCO B 4 Dec 7 1, OUT ASSESSMENT

Issue II, R-1C Assessment by Dynamics)



KEEP THESE LISTS IN SUPPLY FOR USE. TRAIN AUDITORS TO MAKE THESE LISTS READ. USE THEM FOR RAVE RESULTS AND YOU WILL SEE A GOLDEN ERA OF TECH IN YOUR ORG.

L. RON HUBBARD

Founder

LRH:nt.rd

Copyright © 1974

by L. Ron Hubbard

ALL RIGHTS RESERVED

Auditor Admin Series 17, HCO B 7 November 1972, Issue II, *Clearing-Lists*, gave a short summary of Correction Lists and the Clearing Lists that corresponded to them and it gave some of the admin for Clearing-Lists. It was cancelled by BTB 10 December 1974, Issue IX, *Cancellation of Bulletins* 1972,1973, 1974, which says to see the above HCO B 1 December 1974.]



BOLETIM TÉCNICO DO CONSELHO

7 de novembro de 1972,

Edição III,

Revista e reeditada 28 de julho de 1974 como BTB,

Cancela o boletim HCO de 7 de novembro de 1972,

Edição III mesmo título,

Auditor Admin série 18r

LISTAS L&N

Uma lista de L&N (Lista de listagem e anulação) é uma lista de itens fornecidos por um PC em resposta a uma questão de listagem e escrita pelo auditor na sequência exata que eles foram dados a ele pelo preclaro.

Uma lista de L&N é sempre feita numa folha separada.

É melhor fazer uma lista de L&N em papel com linhas fracas.

O nome e a data do PC são colocados na parte superior da folha.

A pergunta de listagem é escrita, geralmente antes do início da sessão.

Quando a pergunta de listagem é verificada, a leitura é marcada junto à pergunta (SF, F, LF, LFBD). Se for usado suprimir ou Invalidar, isto também é anotado.

À medida que cada item é dado pelo PC, as leituras são marcadas-SF, F, LF, LFBD. Isso é feito À MEDIDA QUE VOCÊ LISTA. Se o item não ler, marque-o com um X.

O TA é notado periodicamente enquanto o PC lista e, especialmente, quando o TA sobe.

O item com LFBD F/N é circundado. Se indicado ao PC é marcado IND.

Ao estender uma lista, é posta uma linha onde ela foi estendida com a data.

Exemplo: item Joe X

Sapatos SF

Meias X

_____Ext 24.2.72

Céu X

Cera X

Porcos etc. etc.

As listas de L&N nunca são grampeadas às Folhas de trabalho, mas presas com um clip por baixo dos relatórios de sessão.

CORRIGINDO LISTAS DE L&N

Listas antigas NÃO DEVEM SER COPIADAS.



Elas devem ser corrigidas em sua forma original, mas usando uma caneta colorida diferente para mostrar o que foi feito. (ponha sempre a data de novos usos dessas listas usando também a caneta da mesma cor que a usada para anulá-la ou adicioná-la).

Quando uma lista é puxada para a frente para corrigi-la, uma folha de papel é deixada nessa data com os dados da pergunta da lista e a data em que foi puxada para a frente, podendo assim ser facilmente encontrada.

As listas corrigidas são deixadas com os relatórios de sessão da sessão em que foram corrigidas. Uma nota em vermelho desta correção é feita no Sumário da Pasta.

FAZENDO R3R NUM ITEM DE L&N

Se um item L&N é mais tarde tratado com R3R, isso deve ser anotado na lista adicionando: "R3R TRI-PLO (Data)".

Referências: HCO B 30 de setembro 68 "listas"

HCO B 19 de setembro 68 "listas antigas"

HCO B 7 de maio 69 "Resumo de como escrever um relatório de auditor"

BTB 20 Ago 70R "Duas ações completamente diferentes, Assessment - listagem e anulação"

Compilado pela Training & Services Bur,
revista e reeditada como BTB pela Missão Flag 1234
I/C: CPO Andrea Lewis, 2ª: Molly Harlow



BOARD TECHNICAL BULLETIN 7 NOVEMBER 1972R

Issue IV

Revised & Reissued 27 July 1974 as BTB
(Revision in this type style)

Remimeo

CANCELS
HCO BULLETIN OF 7 NOVEMBER 1972
Issue IV
SAME TITLE

Auditor Admin Series 19R

DIANETIC ASSESSMENT LISTS

A Dianetic Assessment List is a list of Somatics/Items given by a Pc and written down by the Auditor with the reads marked that occur on the Meter.

A Dn Assessment List is always done on a separate sheet.

The Pc's name and the date are put on the top of the sheet.

The assessment question is noted.

In the *Dianetic* assessment the read is taken when the Pc first says the Item and this is written down next to the Item. Suppress and Inval buttons can be put in on an unreading Item if needed. This is noted on the list.

If interest is asked of the Pc this is noted by the Item. (Drug Items, intentions and Evil Purposes are automatically run if they read and interest is *not* asked.)

POSITION IN FOLDER

These Lists are not stapled to the W/sheets but are paper clipped under the W/sheets the same as L&N Lists.

In Exp Dn, PSEA lists (possible 4 separate lists) coming from the same subject can be stapled together and then paper clipped as above.

R3R'D ITEMS

Items on the list that are R3R'd should be circled and marked: "R3R TRIPLED (date)."

Details of the Dn Assessment List and all Items on it run R3R Triple are noted IN FULL on the Folder Summary.

References: HCO B 29 Apr 69 "Assessment and Interest"
HCO B 21 May 69 "Assessment"
HCO B 28 Feb 71 C/S Series 24, "Metering Reading Items"



VERIFICADOR
DE
SEGURANÇA

HCO B 13 Sept 72 Exp Dn Series 12, “Catastrophes from
and Repair of ‘No Interest’ Items”

Compiled by
Training & Services Bur

Revised & Reissued as BTB
by Flag Mission 1234

I/C: CPO Andrea Lewis
2nd: Molly Harlow

Authorized by AVU
BDCS:HE:AL:MH:MM:mh.rd.jh for the
Copyright © 1972, 1974 BOARDS OF DIRECTORS
by L. Ron Hubbard of the
ALL RIGHTS RESERVED CHURCHES OF SCIENTOLOGY



BTB DE 7 DE NOVEMBRO DE 1972R

Emissão V

Revisto & Reeditado 20 Nov. 74 como BTB

Remimeo

CANCELA

HCOB 7 Nov. 72

Emissão V

MESMO TÍTULO

Série de Admin do Auditor 20R

RELATÓRIOS MISTOS

Um Relatório Misto é, tal como um relatório do MO, uma Entrevista D de P, um Relatório de Ética, uma História de Sucesso, etc., que vai para o folder do Pc e dá ao C/S mais informação sobre um caso.

É da responsabilidade da Admin do HGC providenciar para que esse Relatório Misto entre para o folder.

É da responsabilidade do Auditor introduzir estes detalhes no Sumário do Folder.

ENTREVISTAS D DE P

As entrevistas D de P são sempre feitas ao e-metro e a forma da entrevista é arquivado no folder.

DECLARAR?

Quando uma pessoa vai para Declarar? através das linhas, o Relatório de Exame, Atestação, História de Sucesso etc., são agrafados juntos e vão para o folder. O facto é anotado no Sumário do Folder.

DECLARAÇÃO EM FALSO

Um Pc que não irá Declarar? ou que não tem F/N VGIs num exame de Declarar? não é enviado para Certs e Prémios.

O Folder é enviado para o C/S Sénior ou Séc. do Qual, é localizada qualquer irregularidade e o C/S e o Auditor vão para Cramming.

O folder é então enviado de volta para o C/S ou HGC para manejo.

Esta declaração em falso é anotada a vermelho no Sumário do Folder

Ações corretivas ou pessoas enviadas incorretamente para Declarar? são rapidamente manejadas, e sem demora para o Pc, pois ele está com etiqueta vermelha.

ORDENS DE CRAMMING



As Ordens de Cramming de Tech são emitidas em *duplicado*. O original vai diretamente para o Oficial de Cramming e a cópia para o folder do Pc.

Deixando uma cópia no folder podem ser vistas as ordens das ações corretivas dadas ao Auditor.

Quando um folder chega a uma Org Sênior, o Sistema de Caça aos Erros pode ser ativado tanto no C/S como no Auditor.

<i>Refs:</i> HCOB 6 Out 70	“Sumário de Erros do Folder”, C/S Série 19
BPL 4 Set. 72	“Linhas de Cramming e Admin”
BTB 12 Dez. 71R	“Lista obrigatória do C/S” C/S Série 69

RELATÓRIOS DO OFICIAL MÉDICO

Um Pc vai para o MO via Examinador. O Examinador de Pcs faz uma cópia a papel químico de algum Relatório de Exame Médico e dá-a ao MO e leva rapidamente o original aos Serviços Técnicos.

Isto tem que entrar no folder para que o C/S não ordene uma ação maior num Pc doente.

Enquanto o Pc se encontra nas linhas do MO, os relatórios do MO vão para o folder.

Quando o Pc sai das linhas do Mo vai ao Examinador e o “agora bom” relatório de Exame vai para os Serviços Técnicos que o metem no folder do Pc.

<i>Refs:</i> Fita 4 Mar 71,	“Curta conferência sobre a Política do C/S e Linhas de Tech”
Ordem do Navio Flag,	“Política corrente de C/S”

RELATÓRIOS DE ÉTICA

Quando um Auditor encontra uma Situação de Ética deve circundá-la a vermelho depois da sessão. O Pc não necessariamente é acusado porque um Pc não pode ser julgado pela audição, o que é ilegal, mas o Auditor deve fazer menção disso no seu C/S de Auditor.

Se se tratar de uma Situação de Ética séria que afete outros, então é da responsabilidade do Auditor reportá-la.

O Auditor faria o relatório em duplicado marcando-o com:

“**RELATÓRIO DE CONHECIMENTO DE SESSÃO NÃO ACIONÁVEL (nome do Pc)**”, e elabora o relatório. Ambas as cópias são deixadas no folder. O C/S rubrica uma para a Ética e envia-a. A outra fica no folder.

Por vezes encontramos ofensas de outras pessoas que não do Pc ao tirar WHs. Estas, quando sérias, devem ser comunicadas a Ética para investigação.

Os PCs podem ser mandados para ética (isto é, para manejo de PTS, para o Tribunal de Ética, por se recusarem a responder a uma Pergunta de Audição, etc.), mas são aplicadas as seguintes regras:

NÃO HÁ ENCAMINHAMENTO DIRETO DE PCs PARA O OFICIAL DE ÉTICA EXCETO ATRAVÉS DOS CANAIS DA DIVISÃO DE QUAL.



Quando o C/S decide enviar o Pc para Ética, prende um pequeno cartão com a palavra “ÉTICA” ao folder com um clipe, e manda o folder ao examinador.

O examinador verifica o folder e convoca o Pc via Qual I&I para Exame. *Se o folder não estiver o.k., é devolvido ao C/S com a devida Ordem de Cramming.*

Se tudo *correto* o Examinador manda o Pc diretamente para Ética.

Se não, o Pc é mandado *de volta para o HGC e o Examinador ou Oficial de Cramming emite as Ordens de Cramming requeridas.*

Quando um Pc termina o seu Ciclo de Ética é conduzido de volta ao Examinador e devolvido ao HGC via Qual I&I.

É da responsabilidade do *D de P* manter uma linha com a Ética para garantir que o ciclo de ética seja completado e o Pc devolvido às linhas de Tech.

Se o Pc é devolvido às linhas do HGC para que uma Situação PTS seja manejada pela audição, o C/S prende com um clipe na parte de fora do folder um pequeno cartão amarelo até o Pc acabar o PTS RD.

Todos os dados sobre tais situações são arquivados no folder, *incluindo uma cópia das notas da entrevista do Oficial de Ética.*

É da responsabilidade da Admin do HGC garantir que as Ordens da Condições e de Ética que afetam o progresso da audição do Pc sejam colocadas no folder para que o C/S as veja.

Casos que sofrem ações de Ética, Comm Evs, projetos de emendas e outras baixas condições, não devem ser auditados até que a questão Ética esteja devidamente clara e completa. Auditá-los sob tal tensão só enxovalha o caso.

Pcs em condições inferiores devem ser encorajados a trabalhar essas condições, e quando chegam a Emergência a audição pode ser retomada.

Os detalhes destes ciclos de Ética devem ser incluídos pelo Auditor no Sumário do Folder.

65	Refs:	HCOPL 19 Abr. 65	“Ética”	
		HCOPL 29 Abr. 65	“Ética - Revisão”	
		HCOPL 4 Jul. 65	“Código da Rota de Revisão do Pc”	HCOPL 1 Maio
		“Relatórios de Pessoal”		
		HCOPL 17 Jun. 65	“Conselhos ao Auditor de Pessoal”	
		HCOPL 30 Jul. 65	“Rota da Ética do Pc”	
		HCOPL 16 Nov.71	“Condições, Prêmios e Penalidades”	
		Fita 7 Abr. 72	Dn Exp. Fita 3 “Admin do Auditor”	
		HCOB 29 Mar. 75	“Audição e Ética”	

BDCS



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD
Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,
HCOB DE 8 DE NOVEMBRO DE 1972RA
REVISTO 27 OUTUBRO 1985

Remimeo
FESers
Auditores de NED
C/Ses de NED
Curso de NED

(O BTB 8 Nov. 72R, 21R da Série Admin do Auditor, A TABELA DE FLUXOS COMPLETOS DE DIANÉTICA, foi originalmente compilado a partir dos meus materiais. Foi agora revisto para clarificar ainda mais como se faz e usa uma Tabela de Fluxos Completos e é reemitido como HCOB. O HCOB 29 Set 78, FES DE FOLDERS E TABELAS DE FLUXOS COMPLETOS, escrito por outrem, omitia dados importantes sobre Tabelas de Fluxos Completos e não delineava claramente como fazê-las e usá-las, É por este CANCELADO).

(As Revisões não estão em Itálicas)

Série Admin do Auditor 21RA

A TABELA DE FLUXOS COMPLETOS DE DIANÉTICA

(Ref.:

HCOB 7 Mar 71RA Série C/S 28RA USO DE DIANÉTICA

HCOB 7 Mar 71-1RA Série C/S 28RA-1RA USO DE DIANÉTICA QUADRUPLA

HCOB 4 Abr. 71RA Série C/S 32RA USO DE DIANÉTICA

HCOB 4 Abr. 71-1RC Série C/S 32RA-1RC USO DE DIANÉTICA QUAD

HCOB 5 Abr. 71RA Série C/S 33RA RE-PERCURSOS TRIPLOS

HCOB 5 Abr. 71 C/S Série 33RA-1 RE-PERCURSOS TRIPLOS E QUAD

HCOB 21 Abr. 71RC Série C/S 36RC DIANÉTICA

HCOB 21 Abr. 71-1R Série C/S 36RB-1R DIANÉTICA QUADRUPLA, PERIGOS DE)

(Cancela: HCOB 29 Set. 78 FES DE FOLDERS E TABELAS DE FLUXOS COMPLETOS)

Uma Tabela de Fluxos Completos de Dianética é uma lista cronológica de todos os itens corridos, do mais antigo ao mais recente, mostrando se cada fluxo foi ou não corrido até EP.

A Tabela de Fluxos Completos é vital para o auditor de NED pois ela diz-lhe, numa vista de olhos, o estado de cada item de Dianética que o Pc correu, se foi corrido anteriormente, e se cada fluxo foi ou não levado a EP.

É muito valiosa na reparação de cadeias passadas de Dianética e para introduzir os Fluxos Completos de Dianética.

Normalmente é compilada e mantida em PT pelo auditor.

Eis um exemplo de uma Tabela de Fluxos completos:



PC: MARIA ALBERTINA

FESer: ROBERTO ANTUNES

TABELA DE FLUXOS COMPLETOS

AUDITOR	DATA	ITEM CORRIDO	FLUXO 1	FLUXO 2	FLUXO 3	FLUXO 0
João Silva	2.2.69	Ombro derreado	Não esgotado Reparado. EP 10.9.78 (Vermelho)	Corrido até EP 10.9.78 (Vermelho)	Corrido até EP 10.9.78 (Vermelho)	Corrido até EP 10.9.78 (Vermelho)
João Silva	3.2.69	Problema no pé	EP			
Mário Alves	29.9.69	Problema nas costelas	EP	Não esgotado Reparado. EP 2.10.70 (Vermelho)	Não esgotado Reparo. EP 2.10.70 (Vermelho)	
Mário Alves	30.9.69	LX Cólera	Não esgotado			
Mário Alves	30.9.69	LX Zangado	Não esgotado			
Isabel Sousa	4.10.70	Dormente	EP	EP	EP	
Isabel Sousa	16.12.70	Engramas do INT RD	EP	EP	EP	
Pedro Ramos	9.10.71	Tontura	EP	EP	EP	
Pedro Ramos	10.10.71	Assis DN na Cabeça	EP	EP	EP	

Note claramente o nome do auditor, como também a data e as palavras exatas do item corrido.

Qualquer fluxo corrido ou reparado mais tarde é marcado na tabela com uma cor diferente, com a data em que foi corrido ou reparado.

A Tabela de Fluxos Completos é sempre mantida na parte de trás do folder atual do Pc para referência e uso.

L. RON HUBBARD
Fundador



B T B 8 DE NOVEMBRO DE 1972RA

EMIÇÃO II

REVISTO 4 JUNHO 1975

Remíneo
Hats das Unidades
de FES
Hats de C/S

Nº22RA da Série sobre Admin do Auditor

SUMÁRIOS DE ERROS DO FOLDER

Ref: HCOB 6 Out 70 Nº19 da Série sobre C/S,
SUMÁRIO DE ERROS DO FOLDER
FITA 7 Abr. 72 Fita 3 de Dianética Expandida
ADMINISTRAÇÃO DO AUDITOR

(**NOTA:** Os dados para esta revisão foram tirados da resposta por escrito de LRH a uma carta de um antigo C/S de Tech de ASHO.)

DOIS MÉTODOS DE FAZER FES

Existem dois métodos para fazer o Sumário de Erros do Folder de um caso. O primeiro é um FES completo e detalhado onde se vai ao fundo e se apanha e anota todos os erros passados no caso de modo que um Programa de Progresso e Avanço possa ser feito.

Quando o C/S estiver interessado em manejar o caso mais rapidamente, o procedimento é voltar ao ponto onde o Pc estava a avançar bem e vir desse ponto para a frente, procurando erros para reparar. Isto também se aplicaria ao caso de um Pc que, já reparado, tivesse tido outros enganos numa audição posterior. Estes são métodos diferentes de FES - um Programa de Progresso e uma Reparação de C/S. Nenhum dos dois incluem erros de Admin ou erros que não afetam o **caso**.

A FALHA

Sumários de Erros de Folder (FESes), que não mostrem claramente se um erro foi, ou não, posteriormente corrigido na audição do Pc, podem levar o C/S a fazer reparação demais. Tal falha diminui a utilidade de um FES.

NOVO FORMATO

Para manejar a falha acima, o formato e conteúdo do Sumário de Erros de Folder foram revistos. A seguir o formato do FES que deveria ser em tamanho de papel almaço ou equivalente, papel rosa ou vermelho, de acordo a disponibilidade.

(NOME DO PC)

(GRAU)

(Nº DA PÁG.)



DATA	C/S AUDITOR	ERRO	MANEJO FEITO
22/10/71	C/S: M. Aluco Aud.: A. Caso	R/D de Drogas atestado sem processos objetivos	Objetivos percorridos até EP 23/9/72.
22/10/71	C/S: Mesmo Aud.: Mesmo	Item com leitura nas listas de R/D de Drogas não per corrido por "Falta de Interesse".	Todos os itens de "Falta de Interesse" completados. Atestado 14/10/72.
17/1/72	C/S: Mesmo Aud.: P. Iada	PC com altos e baixos. Doente. Entrevista mostra PTS da mãe.	Manejado como Tipo "A" 18/1/72. R/D de PTS completado 19/11/72

Pode notar-se, num relance, que todos os erros anotados foram corrigidos. Um espaço em branco na coluna direita indicaria que o erro ainda não teria sido remediado.

Esta coluna é preenchida pelo FESer à medida que vai avançando ou pelo Auditor à medida que a correção é feita. Por exemplo, a nota: "TA Alto Crónico" seria assinalado pelo Auditor "C/S 53RJ até Lista com F/N. TA normal" com a data, quando essa ação tiver sido completada.

Qualquer erro percebido na correção do caso É ANOTADO COMO UM NOVO ERRO NO FES.

O AUDITOR MANTÉM O FES EM PT ± MEDIDA QUE ERROS SÃO ANOTADOS.

O C/S vai usar o FES como ajuda na programação futura do Pc.

É mantido do lado de dentro da capa traseira do folder do Pc.

O QUE SE DESEJA NUM FES

Um FES deveria conter os pontos de erro na audição de um caso que poderia causar ao Pc uma dificuldade futura ou pode exigir manejo. Isto incluiria percursos deixados sem estarem flat ou com passos omitidos; sinais de graus não flat; ausência de qualquer uma das partes do EP, observando o que estava a ser percorrido; qualquer problema crónico ou dificuldade; EP ultrapassados ou qualquer percurso, doença ou problema de ética após um ciclo de audição.

Os pontos mais importantes que podem atolar um caso estão bem cobertos na Série sobre o C/S, com a qual um FESer deveria estar familiarizado. Em particular, qualquer pessoa ao fazer um FES precisa saber muito bem os números 1, 2, 15, 19, 29, 30, 34, 38 e 59 da Série sobre o C/S. Ela deveria ser capaz de reconhecer e apanhar quaisquer dos erros de caso descritos nas emissões acima.

Qualquer pessoa que faça o trabalho de FES precisa estar completamente familiarizada com o GF 40XRR. Qualquer coisa no caso que encaixe em qualquer dos títulos aqui relacionados também deveria ser claramente anotada no FES, "O Pc era um membro da sociedade de magia negra" poderia ser o que estaria a atolar o seu caso.

O QUE NÃO SE DESEJA

Um FES NÃO é a mesma coisa que um FS. Os dois não devem ser misturados ou confundidos.

Não há espaço para opiniões no FES.

Não anotes erros de Admin num FES.

Qualquer erro que não seja parte do caso na sua audição não tem lugar no FES.

Isso pode ser o assunto de uma ficha ou relatório em separado.



Seriam exemplos disso: "O Auditor não preencheu o Sumário do Folder" ou "O Pc não está a ser auditado em nenhum programa" ou "Ninguém está a fazer o C/S do folder".

Declarações que provoquem R/S e Propósitos Maus dados pelo Pc normalmente não são anotadas num FES. O FACTO DE QUE ELE PROVOCA R/S OU TEM PROPÓSITOS MAUS DEVE SER ANOTADO NA EXTREMIDADE ESQUERDA DO PROGRAMA DO TOPO DO PC.

Declarações R/S (o que o Pc disse que provocou a R/S quando ele disse) e Propósitos Maus são anotados no Programa em tinta vermelha e podem ser anotados no F/S.

Cadeias de Dianética que não chegaram aos EP e fluxos não percorridos são anotados numa Tabela Completa de Fluxos, não no FES. O facto de que uma série de itens foram percorridos somente até F1, ou não houve EP, é anotado no FES para ser assinalado quando corrigido.

Um C/S e a sua unidade de FES trabalham intimamente juntos e o C/S usualmente iria treinar as pessoas até que elas possam muito rapidamente e com precisão fazer um FES, mesmo num folder grosso.

BDCS



BTB DE 8 DE NOVEMBRO DE 1972RA

Edição III

Revisto & Reeditado 13 Jul. 74 como BTB

Revisto 20 Nov. 74

Remimeo

CANCELA

BTB DE 8 1972R de NOVEMBRO

Emissão III

MESMO TÍTULO

(Os parágrafos 6, 7 & 8 foram revistos)

Admin do Auditor Série 23RA

FORMULÁRIO DE FATURA E DE ENCAMINHAMENTO

O Formulário da BPL 3 Jan. 72 (revisto) é agrafado ao interior da capa de trás do folder corrente do Pc, pela Admin do HGC.

PC A INICIAR UM INTENSIVO

Quando um Pc se inscreve e paga audição ele aparece na Admin do HGC com um Formulário de Encaminhamento e uma Cópia Rosa da Fatura.

A Fatura é usada para a marcação do Pc, verificação do pagamento antes da entrega do serviço e preparação do relatório semanal de receita.

A fatura não vai para o folder do Pc e não deve ser perdida, pois isto podia impedir a marcação, entrega do serviço ou resultados na audição por falta de pagamento.

Os detalhes da fatura são para preencher o Formulário (apenso) na parte detrás do folder.

A fatura é colocada no cesto de faturas para a folha de análise semanal de receita e depois arquivada num envelope semanal com a cópia de Tech da mesma folha de análise semanal, nos Serviços Técnicos.

Faturas de pagamento adiantado são arquivadas por ordem alfabética nos arquivos dos Serviços Técnicos. Quando a fatura indicando o pagamento final do serviço é recebida, todas as faturas relativas a essa pessoa são retiradas dos arquivos AP (pré-pagamento) e agrafadas à fatura de pagamento final, e o nome e a data esperada da chegada colocada num quadro dos Serviços Técnicos. As faturas são arquivadas por ordem alfabética num arquivo especial contendo apenas faturas pagas, que são os arquivos “quentes” da Div. Tech para novos estudantes e Pcs.

O Formulário da Encaminhamento é preso com um clipe na frente do folder.

O auditor regista as horas de intensivo pagas (isto é, 12,5 ou 25 horas) no seu próximo Relatório de Auditor e mantém um total de horas usadas nos sucessivos Relatórios de Auditor.



O PC ESGOTA AS HORAS PAGAS

Quando o total usado se aproxima das Horas dos Intensivos pagos, o Auditor põe uma nota na frente do folder para a Admin do HGC a fim de mandar o Pc comprar mais horas.

O Admin do HGC encaminha o Pc pelas linhas para comprar mais horas.

Estes pormenores são anotados na Fatura (ver exemplo de Formulário junto)

SERVIÇO LIVRE (grátis) = QUEDA LIVRE

UM AUDITOR QUE CONTINUA A AUDITAR UMA PESSOA PARA ALÉM DAS HORAS ADJUDICADAS E PAGAS E NÃO MANDA ESSE PC AO REG PARA ADJUDICAÇÃO E PAGAMENTO DE HORAS ADICIONAIS A FIM DE COMPLETAR COM SUCESSO O PGM DE AUDIÇÃO, É CULPADO DE:

A. ROUBAR DE FORMA ENCOBERTA O VENCIMENTO DOS SEUS COLEGAS DO PESSOAL, E

B. A CONDIÇÃO DE DÚVIDA EM RELAÇÃO À SUA ORG, E ASSIM ATRIBUÍDA.

DA MESMA MANEIRA, UM AUDITOR QUE CONTINUA A AUDITAR UM MEMBRO DO PESSOAL PARA ALÉM DAS HORAS ADJUDICADAS E FATURADAS E NÃO MANDA ESSE PC AO REG E CAIXA PARA ADJUDICAÇÃO E FATURA DE DÉBITO DE HORAS ADICIONAIS A FIM DE COMPLETAR COM SUCESSO O PGM, DE AUDIÇÃO, É CULPADO DE A e B ACIMA.

As faturas para serviços ao pessoal têm que conter a menção: “*DÉBITO DE PESSOAL Quantia devida na totalidade em caso de quebra de contrato*” e ser acompanhado por uma nota promissória assinada com a totalidade do serviço.

Um auditor que usa a fatura juntamente com a totalidade das horas constantes do Relatório do Auditor saberá facilmente a posição no que respeita a horas gastas.

Refs: HCOPL 28. Ago. 62 “Como escrever um Relatório do Auditor”

BPL 3 Jan. 72 “Faturas”

BPL 22 Dez. 71 “Serviços grátis = tudo grátis”

BPL 22 Dez. 71 (Adic. 12 Out. 72) “Serviços grátis = queda livre”

BDCS



Edição II

Este formulário é agraphado na capa de trás do folder do Pc pelo Admin do HGC que também o preenche com detalhes da factura. O Auditor preenche-o com horas dadas ao Pc no fim de cada intensivo.

[illegible]



SECÇÃO CINCO: RUDIMENTOS E SESSÃO MODELO

GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Saint Hill Manor, East Grinstead, Sussex

BOLETIM HCO DE 7 DE SETEMBRO DE 1964

Emissão II

Remimeo

Franchises

estudantes Sthil

TODOS OS NÍVEIS

PTPS, OVERTS E QUEBRAS DE ARC

Só para lembrar, outra audição não é possível na presença de Problemas de Tempo Presente e Overts. Nenhuma audição é possível na presença de uma Quebra de ARC. Estes são dados do mesmo tipo de "Acuse a Receção ao pc", "Um auditor é aquele que ouve", etc.

Pertencem ao ABC da Cientologia.

PROBLEMAS DE TEMPO PRESENTE

Quando um pc tem um PTP e você não o resolve, *não se obtém* ganho. Não haverá nenhum aumento num gráfico do teste de personalidade. Haverá pouca ou nenhuma ação de TA. Não haverá nenhum ganho na sessão. O pc não vai chegar às suas metas de sessão. Etc. Etc. Assim não se faz audição a pcs que tenham um PTPs em nada a não ser nos PTPs que *o pc tem*.

E não se auditam PTPs lentamente e para sempre. Existem inúmeras maneiras de resolver PTPs. Uma delas é "Que comunicação deixou incompleta sobre esse problema?" Algumas respostas e puf! Nenhum PTP. A outra é "O que é que (essa pessoa ou coisa com que o pc está tendo o PTP) não sabe sobre si?" Outras versões de overts e withholds podem ser usadas. Estes são todos métodos de manejo de PTPs rápido e livram-se do PTP e você pode auditar o que começou a auditar.

A marca de um amador na audição é alguém que pode sempre fazer uma assistência com sucesso, mas não consegue fazer uma sessão real. O segredo é: numa assistência estamos lidando com o PTP, não é? Assim nunca se audita por cima de (na presença de) um PTP! Outra circunstância é "não é possível começar verdadeira audição porque o pc tem sempre tantos PTPs". Esta é apenas uma confissão que a pessoa não consegue *manejar* um PTP e, de seguida, continuar com a sessão. Tropeça-se tanto nos PTPs como auditor que nunca se resolvem realmente os PTPs do pc e assim claro que nunca se faz trabalho entre mãos: a audição do pc.

O profissional, numa sessão real, resolve apenas os PTPs rapidamente, põe o pc em sessão e continua com tudo o que deve ser percorrido.

OVERTS

Os overts são a outra fonte principal de não obter nenhum ganho.

Aqui podemos realmente fazer a diferença, profissionalmente, entre as patas chocas e as águias.

Nenhum profissional iria *pensar* em auditar um pc em outros processos na presença de overts.

1. O Pro reconheceria através das críticas do pc, ou falta de ganhos anteriores, que o pc tinha overts;
2. O Pro saberia que, se ele tentasse fazer outra coisa além de puxar estes overts, o pc eventualmente ficaria crítico do auditor; e



3. O Pro não (a) iria falhar de puxar o overts real ou (b) Quebraria o ARC do pc ao extrair os overts.

Se ficarem "razoáveis" sobre a condição do pc e começarem a concordar com os motivadores dele ("olhem para todas as coisas ruins que me fizeram"), ignorando assim os overts, esse é o fim dos ganhos para o pc com esse auditor.

Se forem desajeitados no reconhecimento de overts, se falharem de obter os do pc, se falharem de reconhecer corretamente o overt quando dado, ou se exigirem overts que não estão lá, a extração de overts torna-se uma desgraça lamentável.

Sendo então a obtenção de overts do pc um negócio complicado, os auditores às vezes acobardam-se de o fazer. E fracassam como auditores.

Às vezes os pcs que têm grandes overts tornam-se altamente críticos do auditor e entram com um monte de observações maliciosas sobre o auditor. Se o overt que provoca isto não for puxado, o pc vai ficar sem ganhos e poderá até mesmo ficar com o ARC Quebrado. Se o auditor não percebe que tais críticas *sempre* indicam um overt real, quando os pcs o fazem, eventualmente ao longo dos anos faz um auditor intimidar-se com a audição.

Os auditores compram "pensamentos críticos" que o pc "tem tido" como overts reais, enquanto um pensamento crítico é um *sintoma* de um overt, não o overt propriamente dito. Sob estes pensamentos críticos um overt *real* reside não detetado.

Além disso, eu amo esses pcs que dizem "Tenho de deitar fora um withhold sobre você. O Jim disse na noite passada que você era terrível..." Um auditor experiente fecha o olho direito ligeiramente, inclina a cabeça um pouco para a esquerda e diz: "O que é que você me tem *feito* que eu ainda não sei?" "Eu pensei que..." começa o pc. "A pergunta é", diz o velho pro, "O que é que você me tem *feito* que eu ainda não sei? A palavra é *a fazer*." E lá vem o overt como "Eu tenho sido auditado pela Bessy Esquila entre sessões no café."

Bem, alguns auditores são tão "razoáveis" que realmente nunca aprendem o mecanismo e continuam a receber críticas e ficando sem ganhos em pcs e tudo isso. Uma vez ouvi um auditor dizer: "Obviamente ele foi crítico de mim. O que ele disse era verdade. Eu tinha feito um trabalho terrível." A moral desta história está contida no fato de que o pc deste auditor morreu. Uma coisa rara, mas verdadeira. O pc tinha overts terríveis sobre a Cientologia e o auditor, e ainda assim, este auditor foi tão "razoável" que os overts nunca foram limpos. E isso foi o fim dessas sessões de audição.

Quase nunca é tão drástico, mas se um auditor não puxar overts, a audição torna-se bastante desagradável e muito inútil também.

Uma falta de compreensão da sequência overt-motivador (quando alguém cometeu um overt, *tem* de reivindicar a existência de motivadores - a versão Ded-Dedex de Dianética - ou simplesmente quando se tem um motivador é passível de se enforçar a si mesmo cometendo um overt) coloca um auditor em desvantagem muito má. Pcs uivando e nenhuns ganhos.

QUEBRAS DE ARC

Você não pode auditar uma Quebra de ARC. Na verdade, não pode *nunca* auditar na presença de uma. Na audição abaixo do nível III, a melhor coisa a fazer é encontrar um auditor que saiba fazer Assessments de Quebras de ARC.

No Nível III e acima, façam um Assessment de Quebras de ARC no pc. Um Assessment de Quebras de ARC consiste em ler ao Pc uma Lista de Quebra de ARC adequada à atividade com um e-metro e não fazer *nada*, a não ser localizar e, em seguida, indicar as cargas encontradas, dizendo o pc o que registou na agulha.



Isto não é audição porque não usa o ciclo de comunicação em audição. *Não* se acusa a receção do que o pc diz, *não* se pergunta ao pc o que é. Não se comunica. Faz-se o assessment da lista entre si e o e-metro, como se não houvesse nenhum pc lá. Em seguida, encontra-se o que lê e diz-se ao pc. E isso é tudo.

Uma avaliação de carga by-passed é audição porque se limpa cada tique da agulha na lista a ter o assessment. É acusada a receção ao pc, o pc é permitido fazer Itsa e dar as suas opiniões. *Mas você* nunca faz um *assessment de carga by-passed* num pc com o ARC Quebrado. Você faz uma avaliação de quebras de ARC de acordo com o parágrafo acima. Essas duas atividades diferentes infelizmente têm a palavra "assessment" em comum e usam a mesma lista. Por conseguinte, alguns alunos confundem-nas. Fazer isso é morte súbita.

Podem realmente arruinar um pc, fazendo um assessment de carga by-passed num pc com o ARC Quebrado. E também pode quebrar o ARC num pc, fazendo um assessment de Quebras de ARC num pc que não está (ou que deixou de estar) com o ARC Quebrado.

Assim a menos que tenham essas duas ações separadas e diferentes – o assessment de Quebras de ARC e o assessment de carga by-passed - claramente entendidas e puderem fazer ambas bem e nunca fiquem confundidos sobre qual delas usar, podem entrar numa abundância de problemas como auditores.

Somente a audição por cima de uma Quebra de ARC pode reduzir um gráfico, deixar o pc pendurado em sessões ou piorar o seu caso. Portanto, é o segundo erro mais grave que um auditor pode fazer. (O erro mais grave é negar assistência por não tentar colocar o pc em sessão ou não usando de todo a Cientologia).

Audição de um pc com o ARC Quebrado e nunca o perceber, pode levar a problemas muito graves para o auditor e vai piorar o caso do pc - a única coisa que o vai fazer.

RESUMO

É um conhecimento elementar sobre audição que não há ganhos na presença de PTPs ou overts e que os casos pioram quando auditados por cima de uma Quebra de ARC. Não há "muito mais condições que possam existir". Tendo em conta uma sessão de audição, existem apenas estas três barreiras à audição.

Quando fazem audição de Mesa de Plasticina ou qualquer outro tipo de audição, todas as regras ainda se aplicam. Uma mudança de processo ou rotina não muda as regras. Ao fazer audição de Mesa de Plasticina fora do e-metro, ainda se manejam os elementos de uma sessão. Coloca-se o pc no e-metro para começar e verificam-se os PTPs, Overts, Withholds, até mesmo Quebras de ARC, manejam-se rapidamente e, em seguida, vai-se para o corpo da sessão. Muito semelhante aos rudimentos da sessão modelo mais antigos. Não se usam Mid-Ruds ou botões para começar. Sabem-se as coisas que não devem estar lá (PTPs, overts, Quebras de ARC) e verificam-se, trata-se o encontrado e continua-se com a atividade principal da sessão. Se um PTP, um overt ou uma quebra de ARC se mostra, maneja-se, colocando o pc de volta ao e-metro se necessário. Quando são tratados, o pc é colocado de volta na atividade principal da sessão. É verdade para qualquer audição que seja feita. Não é suscetível de ser modificado e, realmente, não há novos dados suscetíveis de serem encontrados que contrarie isto. Os fenómenos ainda serão os mesmos, enquanto existirem pcs. As formas de tratamento podem mudar, mas não estes princípios básicos.

Eles estão com o auditor em cada sessão que alguma vez seja empreendida. Assim pode ficar-se alerta a eles e ser continuamente especialista em lidar com eles. São apenas grandes recifes em que uma sessão de audição pode ir param e encalhar, portanto, a sua existência, causas e curas são da maior importância possível para o auditor qualificado.

L. RON HUBBARD

LRH jw.cden

Copyright © 1964

por L. Ron Hubbard

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD
Saint Hill Manor, East Grinstead, Sussex
BOLETIM HCO DE 4 ABRIL AD15

Remimeo
Franchise

QUEBRAS DE ARC E WITHHOLDS FALHADOS

O erro principal que se pode fazer no manejo de Quebras de ARC é manejar o pc com processo para Quebras de ARC quando o pc realmente tem um withhold falhado.

Como alguns auditores antipatizam com puxar withholds (porque esbarram em pcs que os usam para demolir o auditor como "Eu tenho um withhold que todo mundo pensa que você é horrível — —") é mais fácil confrontar a ideia de que um pc tem uma Quebra de ARC do que a ideia de que o pc tem um withhold.

Em caso de dúvida verifica-se ao e-metro o withhold para ver se é inexistente ("Estou exigindo um withhold que não tem?"). Se este for o caso o TA irá fazer Blowdown. Se não for o caso a agulha e o TA permanecem inalterados. Se as críticas do pc ou a condição de Quebra de ARC continuam apesar de encontrar a carga by-passed, então obviamente é um withhold.

A descoberta de Quebras de ARC funciona. Quando o pc não muda apesar de habilidosos manejamentos de Quebras de ARC, localizando-as e indicando-as, tratava-se de um withhold em primeiro lugar.

O pc mais difícil de lidar é o com withholds falhados. Eles Quebram o ARC mas não conseguem que ele saia disso. A resposta é que o pc tinha um withhold todo o tempo e que está por trás de todas essas Quebras de ARC.

A audição de Cientologia não deixa o pc em mau estado a menos que se façam asneiras em Quebras de ARC.

As Quebras de ARC ocorrem mais frequentemente em pessoas com withholds falhados. Portanto se um pc não pode ser facilmente remendado ou não permanece afinado em Quebras de ARC, deve haver withholds básicos no caso. Então trabalha-se duramente em withholds com qualquer e todas as ferramentas que temos.

As Quebras de ARC não causam deserções. Withholds falhados causam. Quando não ouvirem o que o pc está dizendo, então fazem-lhe ter um withhold que reage como um withhold falhado.

Em suma, o fundo da Quebra de ARC é um withhold falhado.

Mas um ato antissocial feito e retido, em seguida, configura o pc para se tornar "um pc com um ARC Quebradiço". Não é uma observação realmente precisa visto que se tem um pc com withholds que, ao ser auditado, quebra facilmente o ARC. Portanto, a afirmação correta é "o pc é um pc de tipo esconder que Quebra muito o ARC". Esse tipo existe. E é claro que têm montes de Quebras de ARC subsequentes e regularmente estão sendo remendados.

Se têm um pc que parece ter um monte de Quebras de ARC, então o pc é um "pc *ocultadiço*" e não um "pc com o ARC Quebradiço". Qualquer deixar passar do auditor provoca uma explosão no pc. O auditor, chamando a este pc um "pc com ARC Quebradiço" não está usando uma descrição que leve a uma resolução do caso, pois milhares de assessments de Quebras de ARC deixam o caso ainda suscetível a Quebras de ARC. Se você chamar a esse caso que Quebra muito o ARC, um "pc *ocultadiço* que Quebra muito o ARC", então pode resolver o caso. Visto que tudo que tem a fazer é trabalhar com os withholds.



A forma real de lidar com um "pc ocultadiço que Quebra muito o ARC " depois de já ter esfriado a última de suas muitas Quebras de ARC é:

1. Fazer o pc olhar para o que está acontecendo com suas sessões.
2. Pôr o pc em comunicação.
3. Fazer o pc olhar para o que realmente o está incomodando.
4. Obter a disponibilidade do pc para dar withholds de uma forma gradual.
5. Levar o pc a uma compreensão do que ele está fazendo.
6. Obter o propósito do pc de ser auditado à plena vista para ele ou ela.

Estes são, evidentemente, os nomes dos seis primeiros graus. No entanto, lá em baixo, estas seis coisas estão todas esmagadas em conjunto e realmente poderiam prosseguir esse ciclo numa sessão apenas para fazer subir o pc um pouco sem sequer tocar no grau imediato.

Sempre que vejo uma pessoa-de-cara-azeda que foi "treinada" ou está sendo "treinada", sei uma coisa: lá vai um pc com muitos withholds. Também sei que aí há um pc que Quebra muito o ARC em sessão. E também sei que o seu co-auditor é fraco e flácido como auditor. E também sei que o seu supervisor de audição não força o auditor-estudante a fazer o processo corretamente.

Um estudante-de-cara-azeda, um relance, e sei todas estas coisas, bang!

Então por que é que outras pessoas não o conseguem notar?

A audição é um prazer. Mas não quando um auditor não sabe diferenciar um withhold de uma Quebra de ARC e não sabe que as Quebras de ARC contínuas são causadas por withholds falhados na base da cadeia.

Eu nunca deixo passar isto. Por que é que vocês deixariam?

O único caso que realmente vos perturba é o caso do OVERT CONTÍNUO.

Aqui está um que comete atos antissociais diariamente durante a audição. É uma loucura. Ele nunca vai ficar melhor, o caso fica sempre pendurado.

A não ser que trate os seus overts contínuos como uma solução para um PTP. E encontre o PTP que ele está tentando resolver com estes loucos atos overt.

Estão a ver, podemos até resolver este caso.

MAS, não acredite que a Cientologia não funciona quando encontra um pc imutável ou continuamente com emoções negativas. Ambas estas pessoas são bolas fora que estão carregadas com withholds.

Já há anos e anos que as temos vindo a resolver.

Mas não a jogarmos às casinhas ou à sardinha.

É preciso um auditor e não um toque feminino.

"Meu caro, está a fazer-me perder tempo há três sessões. Você tem withholds. Dê-mos!"

"Meu caro, você recusa-se apenas mais uma vez a responder à minha pergunta e está feito. Eu já verifiquei isto ao e-metro. Não é um withhold de nada. Você tem withholds. Dê-mos!"

"Acabou. Vou pedir ao D de P para solicitar ao Sec. Técnico que inicie um Inquérito do HCO sobre si por Ausência de relatório."

Se a habilidade não conseguir fazê-lo, a exigência conseguirá. Se a exigência também não, um Inquérito com certeza que consegue.

Pois trata-se de uma Ausência de Relatório!

Como é que pode pôr um homem bem quando ele tem um esgoto cheio de atos viscosos!



Mostrem-me qualquer pessoa que seja crítica de nós e vou-lhes mostrar crimes reais e planeados que poriam os cabelos em pé de um magistrado.

Por que não experimentá-lo? Não aceite: "Eu uma vez roubei um clipe de papel do HASI" como um overt ou "Você é um péssimo auditor" como um withhold. Que diabo, as pessoas que dizem essas coisas acabar de vos roubar o almoço ou têm a intenção de esvaziar a caixa.

Sejam inteligentes, auditores. Os Thetans são basicamente bons. Os que a Cientologia não muda são bons - mas por baixo de uma pilha de crimes que não poderiam meter numa revista de histórias da confissão.

Tudo bem. Por favor, não continuem a fazer este erro. Ele aflige-me.

L. RON HUBBARD

LRH:ml.Rd

Copyright © 1965

por L. Ron Hubbard

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB DE 15 DE AGOSTO DE 1969

Remimeo
Chksht Classe VIII
Supervisores de Caso
Classe VIIIs

LIMPANDO RUDIMENTOS

A fim de clarificar como se limpam rudimentos:

Se um rud (rudimento) lê, obténs os dados e depois pedes um anterior até obteres uma F/N.

Se um rud não lê, introduzes-lhe o Reprimido e voltas a verificar. Se desencadeia algum comentário, crítica, protesto ou espanto, introduzes o Falso e limpa-lo.

Para limpares todos os ruds pedes uma Q. ARC e, se não ler, pões o Reprimido. Se ler obtém-na, fazes ARCU CDEINR, ARCU CDEINR anterior, até obteres uma F/N. Depois fazes o mesmo com PTP e, depois, com MW/Hs.

Se, quando inicias um rud, ele não lê nem tem F/N, mesmo que o Reprimido seja introduzido, avança para o rud seguinte até obteres um que leia mesmo.

Depois, obtém F/N nos 2 que não tinham lido.

INCORRETO

Obter um rud com leitura, pondo-se ou não o Reprimido e, depois, não o seguir até anterior e continuar a chamá-lo, apanhando só leituras, é incorreto.

CORRETO

Se um Rud lê, segue-o sempre até um anterior até F/N.

Não continues a testá-lo com o E-Metro e NÃO o abandonas só porque já não lê de novo.

Se um rud lê, limpa-o indo a anterior, anterior, anterior até F/N.

Se um rud lê e a leitura é falsa, limpa o falso.

Existem DUAS ações possíveis quando se limpam ruds:

1. O rud não está sujo. Se não deu leitura, verifica com Reprimido. Se leu, mas é de algum modo protestado, limpa falso.

IMPRESSO VERDE

Isto também se aplica à limpeza de ruds no Impresso Verde.

QUEBRA DE ARC



Se houver uma Quebra de ARC, obtém-na, usa ARCU e CDEI, indica-o, depois, se não houver F/N, segue-o até anterior, obtém ARCU CDEINR, indica-o, se não houver F/N obtém um anterior e continua, sempre com ARCU CDEINR até obteres uma F/N.

PTP

Se obtiveres um PTP segue-o até um anterior, outro anterior e outro até obteres uma F/N.

WITHHOLD FALHADO

Se obtiveres um withhold, descobre QUEM o falhou, depois outro e outro usando Reprimido. Se houver protesto, introduz falso. Vais descobrir que estes W/Hs também têm anteriores como qualquer outra cadeia, mas não têm de o fazer.

MISTURANDO MÉTODOS

Se obténs uma leitura num rud e o preclaro te dá um, não verificas de novo a leitura. Obténs mais até teres uma F/N.

Obter resposta a um rud e depois verificar reprimido e leituras é misturar 1 e 2 atrás.

FALSO

Alguém disse que tinhas um(a).....quando não tinhas?" é a resposta a protestos em ruds.

Qualquer Classe VIII deve ser capaz de limpar qualquer rud. Isto clarifica dados nos boletins e gravações sobre este assunto.

L. Ron Hubbard

Fundador



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB DE 11 DE AGOSTO DE 1978

Emissão I

Remimeo

Todos os auditores

RUDIMENTOS, DEFINIÇÕES E FRASEADO

(Ref: HCOB 15 Ago 69, Voar Ruds)

(NOTA: Este boletim de nenhum modo resume toda a informação sobre Quebras de ARC, PTPs, WHs falhados (MWHs) ou sobre a resolução de rudimentos. Existe toda uma tecnologia e informação ao longo dos Volumes Técnicos e livros de Cientologia de que o auditor estudante necessitará à medida que progride pelos níveis).

Um rudimento é aquilo que é usado para preparar o preclaro para ser auditado nessa sessão.

A fim de que a audição tenha de algum modo lugar, o preclaro tem de estar em sessão o que significa:

1. Disposto a falar ao auditor.
2. Interessado no seu próprio caso.

É só isto que queremos obter com os rudimentos. Queremos preparar o caso para ser auditado e não para auditar o caso.

As Quebras de ARC, PTPs e Contensões (WHs), todos impedem o curso da sessão. É de a técnica elementar de audição saber que auditar sobre uma Quebra de ARC pode fazer baixar o gráfico de uma pessoa, prendê-la às sessões ou piorar o caso e que, na presença de PTPs, Overts e WHs falhados (um overt encoberto restimulado) não podem ocorrer ganhos. São, portanto, estes os rudimentos o que mais nos preocupa introduzir no início de uma sessão para que a audição com resultados possa ocorrer.

OBTER A F/N

Se conhecer a estrutura do banco você sabe que, se algo não se liberta, é necessário encontrar um item anterior.

Se um Rud não dá F/N, então existe um elo anterior (ou vários) que está a impedir a F/N.

Temos assim esta regra e procedimento:

SE UM RUD LER VOCÊ LEVA-O SEMPRE A ANTERIOR SEMELHANTE ATÉ F/N.

A pergunta usada é:

"Existe (uma Quebra de ARC) ou (Problema) ou (WH FALHADO) anterior semelhante?"

Se no início de uma sessão os rudimentos estiverem *dentro* (a agulha a flutuar e o preclaro com VGIs), o Auditor vai diretamente para a ação principal da sessão. Se não, o Auditor tem de limpar um Rud ou os Ruds, de acordo com o que for determinado pelo C/S.

QUEBRAS DE ARC

ARC: Uma palavra formada a partir das letras iniciais de Afinidade, Realidade e Comunicação que juntas equivalem a Compreensão.



QUEBRA DE ARC: Uma queda ou corte súbito da Afinidade, Realidade, Comunicação ou Compreensão da pessoa para com alguém ou algo. Perturbações com pessoas ou coisas surgem quando há uma redução ou rompimento de Afinidade, Realidade, Comunicação ou compreensão.

Embora a regra do E/S se aplique totalmente às quebras de ARC, há uma ação adicional na limpeza de quebras de ARC que permite ao preclaro detetar exatamente o que sucedeu e que originou a perturbação.

Uma Quebra de ARC é chamada, "quebra de A-R-C" em vez de perturbação porque, se descobrir qual dos três pontos da compreensão foi cortado pode-se obter uma rápida recuperação do estado de espírito da pessoa.

Nunca audite por cima de uma Quebra de ARC e *nunca audite* a própria Quebra de ARC. Ela não pode ser auditada. Mas pode ser sujeita a uma *verificação* a fim de localizar os elementos básicos do ARC onde se encontra a carga.

Assim, para resolver uma Quebra de ARC, faz a verificação de Afinidade, Realidade, Comunicação e Compreensão a fim de descobrir em qual destes pontos ocorreu a quebra.

Tendo-o determinado, faz agora a verificação do item encontrado (A, R, C ou U (U=Understanding = Compreensão) seguido da Escala CDEI Expandida (curiosidade, desejada, imposta, inibida, nenhuma e recusada).

Com esta verificação a verdadeira carga ultrapassada pode ser localizada e indicada ainda com mais exatidão, permitindo assim ao preclaro estoirá-la.

A verificação é feita em cada Quebra de ARC à medida que vai para anteriores semelhantes até que o rudimento esteja limpo com F/N e VGIs.

A primeira pergunta de rudimentos é:

1. "Estás com uma Quebra de ARC?"
2. Se existir, obtenha resumidamente os dados.
3. Descubra, com uma verificação, em que ponto ocorreu a quebra:
"Foi uma quebra em Afinidade?
 Realidade?
 Comunicação?
 Compreensão?"

Faz a verificação *uma vez* e obtém a leitura (ou a maior leitura) que foi, por exemplo, em Comunicação.

4. Verifique-a com o preclaro: "Foi uma quebra em (comunicação)?" Se ele disser que não, volta a manejar. Se disser que sim, deixe-o falar disso se assim o desejar. Depois indique-lha: "Gostaria de te indicar que *foi* uma quebra em comunicação".

CONTANTO QUE TENHA SIDO APANHADO O ÍTEM CORRETO, o preclaro vai animar-se, mesmo que só um pouco, *na primeira verificação*.

NOTA: No passo 4 o preclaro pode originar, por exemplo: "sim, acho que foi em comunicação, mas, para mim, tratou-se mais de uma quebra em realidade". O Auditor sensato acusaria a receção e indicaria que tinha sido uma quebra em "realidade".

5. Apanhando o item encontrado no passo 4, faz a sua verificação em conjunto com a Escala CDEI:

"Foi:

Curiosidade acerca de Comunicação?

Comunicação	Desejada?
Comunicação	Forçada?
Comunicação	Inibida?
Nenhuma	Comunicação?
Comunicação	Recusada?"

6. Tal como nos passos 3 e 4, faz a verificação uma vez, obtém o item e verifica-o com o preclaro:
"Foi comunicação desejada?"
Se não foi, volta a manejar. Se foi, indica-o.
7. Se não houver F/N neste ponto, segue-a para anterior com a pergunta:
"Existe uma Quebra de ARC anterior e semelhante?"
8. Obtém a Quebra de ARC anterior semelhante, introduz ARCU, CDEINR, indica. Se não houver F/N, repete o Passo 7, continua a ir a anterior usando sempre o ARCU CDEINR, até obter uma F/N.
Quando tiver a F/N e os VGIs, acabou.

PROBLEMA DE TEMPO PRESENTE

PROBLEMA: Um conflito surgindo a partir de duas intenções opostas. Trata-se de uma coisa contra outra. Uma intenção contra outra intenção que preocupa o preclaro.

PROBLEMA DE TEMPO PRESENTE: Um problema especial que existe no universo físico agora e no qual o preclaro tem a atenção presa.

...Qualquer conjunto de circunstâncias que prende a atenção do preclaro de tal maneira que ele sente que deveria estar a resolvê-lo em vez de estar a ser auditado.

Há uma violação de "em sessão" quando a atenção do preclaro está fixa nalguma preocupação que está "agora, ali mesmo" no universo físico. A atenção do preclaro está "lá" e não no seu caso. Se o auditor passar por cima disso e não resolver o PTP, então o preclaro nunca estará em sessão, começa a ficar agitado, tem uma Quebra de ARC e não serão obtidos resultados pois o preclaro não está em sessão.

A segunda pergunta de rudimentos é:

1. "Estás com um problema de tempo presente?"
2. Se houver, faz com que o preclaro o conte.
3. Se não houver F/N, leva-o a um anterior com a pergunta:
"Existe um problema anterior e semelhante?"
4. Obtém o problema anterior e, se não houver F/N, segue-o até um anterior semelhante, e outro e outro até F/N.

WITHHOLD FALHADO

ATO OVERT: Um ato nocivo cometido intencionalmente num esforço para resolver um problema.

Uma não ação ou uma ação que faz o menor benefício ao menor número de dinâmicas ou o maior prejuízo ao maior número de dinâmicas.

Aquilo que você faz e que não deseja que lhe aconteça a si.

WITHHOLD(WH): Um ato nocivo (contra a sobrevivência) encoberto. Algo que o preclaro fez e de que não está a falar.



WITHHOLD FALHADO (MWH): Um ato nocivo encoberto que foi restimulado por outrem, mas não descoberto. Trata-se de uma Contenção que outra pessoa quase descobriu, deixando aquele que tem a Contenção num estado de dúvida sobre se o seu ato contido foi ou não descoberto.

Um preclaro com um WITHHOLD FALHADO não estará honestamente "disposto a falar ao auditor" e, portanto, não estará em sessão até que o WITHHOLD FALHADO tenha sido arrancado.

Falhar uma CONTENÇÃO ou não obter o seu todo é a única fonte de Quebras de ARC. Um WITHHOLD FALHADO é detetado por um dos seguintes factos:

- O preclaro não fazer progressos;
- O preclaro a criticar o auditor, zangar-se com ele ou a dizer mal dele;
- O preclaro a recusar falar ao auditor;
- O preclaro sem vontade de ser auditado;
- O preclaro a dormir, exausto, nebuloso no final da sessão;
- Havingness em baixo;
- O preclaro a dizer que o auditor não é bom, exigindo a reparação dos erros;
- O preclaro crítico da Cientologia, das Organizações ou das pessoas da Cientologia;
- Falta de resultados de audição;
- Fracassos na disseminação.

(Ref.: HCOB 3 Maio 62, "Quebras de ARC, WHs Falhados)

O auditor *não* pode passar por cima de qualquer manifestação de WITHHOLD FALHADO.

Portanto, se o preclaro tiver um WITHHOLD FALHADO, obtém o que ela é, tudo o que ela é, usando o sistema descrito abaixo, e usa o mesmo sistema em cada WITHHOLD FALHADO anterior semelhante até obter a F/N.

A terceira pergunta de rudimentos é:

1. " Um WITHHOLD foi falhado (deixado escapar)?"
2. Se obtiver um WITHHOLD FALHADO, descubra:
 - (a) O que foi o WITHHOLD?
 - (b) Quando foi?
 - (c) É tudo sobre o WITHHOLD?
 - (d) **QUEM** o falhou?
 - (e) O que é que ele (ou ela) fez que te deixou na dúvida se saberia ou não?
 - (f) Quem mais a falhou? Repete (e).

Obtenha outra e outra pessoa que a tenha falhado usando o botão suprimido sempre que necessário, repetindo o passo (e).
3. Limpe-a até F/N ou, se não der F/N, leva-a a anterior semelhante com a pergunta:
"Há um WITHHOLD FALHADO anterior e semelhante?"
4. Trate cada WITHHOLD FALHADO anterior e semelhante que obtiver com o passo 2 até F/N.



SUPRIMIDO

Se um rudimento não der leitura nem F/N, introduza o botão suprimido, usando:

"Na pergunta 'Está com uma Quebra de ARC?' alguma coisa foi suprimida?"

Se der leitura, faça ARCU CDEINR, anterior semelhante, etc.

Use Suprimido do mesmo modo para PTPs e WHs falhados sem leitura.

FALSO

Se o preclaro protestar, fizer comentários ou parecer espantado, introduza o botão Falso. A pergunta é:

"Alguém disse que tinhas um(a) _____ quando não tinhas?" Obtenha quem, como, quando e leve-o, se necessário, a anterior para F/N.

FENÓMENOS FINAIS

Nos rudimentos, quando obtém a sua F/N e a carga se afastou, indique-o. Não empurre o preclaro para algum outro tipo de "EP" (End Phenomena = Fenómenos Finais).

Quando o preclaro tem F/N com VGIs, acabou.

TA ALTO OU BAIXO

Nunca tente limpar Ruds com um TA alto ou baixo.

Vendo um TA alto ou baixo no início da sessão, o Auditor de Dianética ou Cientologia até Classe II não começa a sessão, mas devolve a pasta ao Supervisor de Caso para que um Auditor de classe mais alta maneje. O C/S mandará fazer a lista de correção necessária por um Auditor Classe III ou acima.

REFERÊNCIAS:

HCOB 15 Ago. 69	Limpar Ruds
HCOB 13 Out. 59	Escala DEI Expandida
HCOB 18 Set. 67	Escalas
HCOB 07 Set. 64 II	Todos os Níveis, PTPs, Overts e Quebras de ARC
HCOB 12 Fev. 62	Como Limpar WHs e WHs Falhados.
HCOB 31 Mar. 60	O Problema de Tempo Presente
HCOB 14 Mar. 71R	Tudo Até F/N
HCOB 23 Ago. 71	Séries do C/S1, Direitos do Auditor
HCOB 21 Mar. 74	Fenómenos Finais
HCOB 22 Fev. 62	WHs, Falhados e Parciais
HCOB 03 Maio 62	Quebras de ARC, WHs Falhados

Estes boletins dão mais informações sobre os rudimentos, quebras de ARC, PTPs e Withholds Falhados. Note, contudo, que esta não é uma lista completa de referências sobre o assunto. Existe muito mais informação nos Volumes Técnicos.

L Ron Hubbard

Fundador



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB DE 6 de JUNHO DE 1984

Emissão III

Remimeo

Auditores

C/Ss

Chshts de treino de auditores

Curso HSSC

Tech/Qual

Verif. de Segurança

MANEJAR O WITHHOLD FALHADO

Ref.:

Fita. 6211C01

A WITHHOLD FALHADO

Modifica:

HCOB 30 Nov. 78

PROCEDIMENTO CONFSSIONAL

HCOB 11 Ago. 78 I

RUDIMENTOS, DEFINIÇÃO E PADRÃO

HCOB 15 Ago. 69

VOAR RUDS

Parte do procedimento de rotina esperado de qualquer auditor que esteja a limpar um WITHHOLD FALHADO, quer como rudimento quer em Sec-checks, é obter "quem o falhou" (as pessoas que falharam o withhold) e o que cada uma delas fez para deixar o preclaro a pensar se elas saberiam ou não.

Às vezes, no entanto, o rudimento faz key-out e dá F/N antes do auditor chegar ao passo "quem o falhou".

Essa F/N é indicada, mas o auditor deve continuar e perguntar quem falhou o withhold e o que a pessoa fez para "prender" a atenção do preclaro.

Este manejo pode alargar consideravelmente a F/N e limpar completamente o WITHHOLD FALHADO.

L. RON HUBBARD

Fundador



GABINETE DE COMUNICAÇÕES DE HUBBARD

St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex

HCOB DE 6 DE SETEMBRO DE 1968

Classe VIII

QUANDO VERIFICAR SE HÁ REAÇÕES FALSAS

Eis quando verificar se um auditor pegou, no passado, em leituras falsas num GF ou uma leitura falsa num rudimento:

Quando o manejo de uma leitura parece enterrar-se, levar a lado nenhum e o pc não ter resposta para dar.

Quando o pc protesta, parece ter uma quebra de ARC por causa de uma leitura ou parece resignado.

Quando o pc começa a explicar como a coisa foi auditada anteriormente.

Quando existe um protesto ou uma invalidação.

L. RON HUBBARD

Fundador



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB DE 23 DE AGOSTO DE 1971

(HCOB 24 Maio 70 Revisto)

Série C/S 1

OS DIREITOS DOS AUDITORES

(Revisto para atualizar e cortar a lista de O/R e adicionar Audição Sobre Ruds Fora). Todas as alterações são neste tipo de letra.

RESPONSABILIDADE DO AUDITOR PELOS C/Ss

Um auditor que recebe orientação de um Supervisor de Caso (C/S) quanto ao que auditar num Pc, NÃO está desobrigado da sua responsabilidade como auditor.

O AUDITOR TEM UMA SÉRIE DE RESPONSABILIDADES QUE FAZEM PARTE DE CADA C/S QUE RECEBE PARA AUDITAR.

ACEITAÇÃO DO PC

Não é exigido que nenhum auditor aceite um Pc específico só porque este lhe é atribuído.

Se o auditor não acredita poder ajudar ou se não lhe agrada auditar aquele Pc específico, tem o direito de recusar-se a auditá-lo.

O auditor deve declarar a razão.

Nem o Supervisor de Caso, nem o Diretor de Processamento, nem o Diretor de Revisão, nem qualquer dos seus superiores, podem proceder disciplinarmente contra um auditor por este se recusar a auditar um Pc específico.

Logicamente, um auditor que se recuse a auditar a sua quota de horas ou de sessões fica sujeito a sanções.

Desse modo, recusar auditar um Pc em particular, desde que não se recuse a auditar outros Pcs, não está sujeito a sanções.

Nesta matéria, a declaração legal do auditor é: "Não quis auditar este Pc porque _____. Estou disposto a auditar outros Pcs."

Certos Pcs ganham má fama com alguns auditores; alguns não apreciam a audição, outros entram em conflito com a própria personalidade de um auditor em particular. Há casos assim. Não significa que certos Pcs não possam ser ajudados por outros auditores.

É também verdade que um auditor que não gosta de um Pc, pode não fazer um bom serviço, portanto a regra também tem um lado prático.

Um auditor não gostava de jovens e prestava-lhes um mau serviço. Outro não gostava de senhoras idosas e interrompia o que diziam em sessão. Um Pc tinha baralhado diversos Cientologistas e não encontrava absolutamente ninguém que o auditasse.

Não estamos a auditar pessoas para pagarmos pelos nossos pecados.

Assim um auditor tem o direito de rejeitar ou aceitar os Pcs que lhe são dados.



ACEITAÇÃO DE UM C/S

Quando um auditor recebe um C/S para usar num caso e acha não ser a coisa correta a fazer tem o direito de rejeitar o C/S para aquele Pc e solicitar outro com que possa concordar.

O auditor *não* tem o direito de começar a fazer um C/S e mudá-lo durante a sessão, exceto conforme abaixo indicado.

O auditor NÃO pode fazer C/S na cadeira de audição, enquanto audita o Pc. Se não tiver NENHUM Supervisor de Caso, mesmo assim o auditor audita a partir de um C/S. Escreve o C/S antes da sessão e segue-o à risca em sessão. Fazer outra coisa e não seguir o C/S chama-se "Fazer C/S na cadeira" e é uma forma muito medíocre pois leva a Q&A.

C/S ANTIGO

Um C/S com uma ou duas semanas ou um Programa de Reparação (Progresso) com um mês ou mais são dinamite.

Chama-se "Programa Fora de Prazo" ou "C/S Fora de Prazo", significando ser muito antigo para ter validade.

Devia ter sido executado mais cedo. O Pc da semana anterior, quando o C/S foi escrito, podia estar bem e feliz no emprego, mas uma semana mais tarde, pode ter dores de cabeça ou reprimenda do chefe.

É perigoso aceitar um Programa de Reparação (Progresso) antigo.

O auditor que vê que o seu C/S é antigo e vê o Pc com Maus Indicadores, tem justificação para exigir novo C/S, apresentando as suas razões.

Um programa escrito em Janeiro pode estar completamente fora de prazo em Junho. Quem sabe o que pode ter acontecido entretanto?

Use C/Ss e Programas recentes.

De qualquer maneira, C/Ss fora de prazo só acontecem em Divisões malconduzidas e com trabalho em atraso. O verdadeiro remédio é reorganizar e contratar mais e melhores auditores.

FIM DA SESSÃO

Quando o C/S existente se mostra não-funcional *durante* a sessão, o auditor tem o direito de terminar a sessão e mandar a pasta para o C/S.

A decisão de terminar a sessão cabe inteiramente ao auditor.

Se o auditor simplesmente não completar uma ação que estava a produzir TA e que poderia ter sido completada é, obviamente, uma falha. Um tal caso é, por exemplo, não se percorrer um engrama básico uma vez mais, o que traria o TA para baixo e levaria aos fenómenos finais corretos. Esta e outras ações semelhantes seriam um erro do auditor.

O que aqui se julga é se o auditor teve ou não justificação para terminar a sessão.

Embora ele possa ter cometido um erro, o auditor não pode ser acusado de *terminar* a sessão, pois isso cabe-lhe inteiramente a ele. Ele pode é levar uma falha! pelo erro.

AUDITAR POR CIMA DE RUDIMENTOS-FORA

Auditar um Pc noutra coisa qualquer quando os seus rudimentos estão fora é um GRANDE ERRO DE AUDIÇÃO.

Mesmo que no C/S se omita "Fazer flutuar um rud" ou "Flutuar os ruds", não é justificação para o auditor auditar o Pc por cima de rudimentos fora.



O auditor pode fazer uma de duas coisas: Pode fazer flutuar todos os ruds ou pode devolver a pasta e solicitar que os ruds sejam flutuados.

O AUDITOR DE DIANÉTICA não tem desculpa para auditar por cima de ruds fora e, num HGC, isto deve ser especialmente acautelado para não acontecer, mas devolver a pasta para novo C/S. Melhor ainda, ele deveria aprender a fazer flutuar os ruds.

INCAPACIDADE DE FAZER FLUTUAR OS RUDS

Se um auditor não consegue fazer flutuar um rud, não pode fazer qualquer rud dar F/N, tem justificação para começar uma Green Form.

A solução do auditor para a falta de F/N nos ruds é fazer uma GF, quer o C/S o tenha dito ou não.

É uma das ações esperadas.

Subentende-se que o auditor teria usado Suprimido e Falso ao tentar fazer flutuar os ruds.

SESSÕES MUITO DISTANCIADAS

Quando um Pc não teve sessão por algum tempo, ou quando o Pc teve sessões com dias de intervalo, OS RUDS TÊM DE SER FLUTUADOS. De contrário, o Pc seria auditado por cima de ruds fora. Isto pode criar massa mental.

O esquema ideal de sessões é uma série delas ou um programa inteiro feito num bloco de sessões perto umas das outras. Isto impede que o mundo ponha fora os ruds do Pc entre sessões.

Sessões muito distanciadas mal chegam para se porem a par com a vida. O tempo de audição é gasto a reparar a vida corrente.

Resultados rápidos põem o Pc acima das perturbações da vida, mantendo lá o Pc

ITENS SEM REAÇÃO

Quando um item que foi dado ao auditor para manejar não reage no e-metro, mesmo quando ele testa Suprimido e Invalidado, o auditor NÃO PODE fazer nada com tal item dissesse o C/S o que dissesse.

Espera-se que ele veja se reage e use nele Suprimido e Invalidado. E se mesmo assim não reagir, espera-se que NÃO o percorra.

LISTAS

Quando o auditor cujo C/S diz para listar "Quem ou o quê _____" ou qualquer outra pergunta de listagem, verifica que a pergunta não reage, NÃO PODE listá-la.

Ao fazer uma lista ordenada pelo C/S, presume-se que o auditor irá testá-la quanto à reação antes de listar e que NÃO listará uma pergunta que não reage. (Uma reação é um verdadeiro Fall, não um tique ou uma agulha parada.)

PROBLEMAS COM LISTAS

Quando um auditor tem dificuldade em fazer uma lista e em obter um item, espera-se que seja usada uma Lista Preparada, como a L4B para localizar o problema e resolvê-lo.

Visto ser muito duro para um Pc baralhar uma lista, espera-se que o auditor lide com a situação imediatamente, sem instruções adicionais do C/S.



TA ALTO

Quando o auditor vê que o TA está alto no início da sessão e, no entanto, o C/S diz para "Flutuar um rud" ou auditar uma cadeia, o auditor NÃO PODE TENTAR FLUTUAR UM RUD e não pode começar uma cadeia.

Tentar trazer o TA para baixo com Quebras de ARC ou ruds é muito duro para o Pc pois as Quebras de ARC não são a razão para o TA subir.

Vendo um TA alto no início, o auditor de Dianética ou o auditor de Cientologia até Nível II, NEM inicia a sessão, mas manda a pasta de volta para o C/S para que um auditor de classe mais alta o resolva.

Ao ver um TA alto no início, o auditor de Cientologia (Classe III ou acima) faz o seguinte:

verifica se houve exteriorização numa sessão recente e, no caso afirmativo, a sessão é terminada, sendo pedido ao C/S um "INT RD";

se o Pc já fez um INT RD, o auditor pede ao C/S autorização para fazer uma "C/S 53", um "Verificação de TA Alto-Baixo" ou o que o C/S indicar. O INT RD pode ter sido (normalmente é) "Overrun" e precisa de reabilitação ou correção, sendo usual verificá-lo; isto está incluído no "C/S 53" e no TA Alto-Baixo.

Esperam-se estas ações do auditor, mesmo quando não indicadas pelo C/S.

CONTINUAR NA ESPERANÇA

Quando um caso começa a correr mal de sessão para sessão, a ÚLTIMA coisa a fazer é continuar com a esperança de o resolver, tanto com audição, como com C/S.

"Vamos tentar ____", "depois tentamos isto", "então isto", não vai resolver o caso.

OBTENHA DADOS. Pode conseguir dados usando um Form Branco (Formulário de Verificação do Pc). Pode conseguir dados através duma GF totalmente Verificada (Método 5). Pode conseguir dados com 2WC sobre vários assuntos. Pode fazer uma entrevista de D. de P. e obter respostas. Pode até perguntar à mãe dele.

Procure os erros do caso. Estude a pasta até onde o Pc ia bem, avance daí para a frente e sempre encontrará o erro.

Não continue só Na esperança de o resolver, sessão falhada após sessão falhada. Isso é pura idiotice.

Obtenha dados! De listas preparadas, da vida, do Pc, da pasta.

ENCONTRE A FALHA!

Ah, meu Deus, ele é um Agente Pinkerton, sob juramento de segredo! Faz exercícios de ioga após cada sessão. Foi julgado por assassinio quando tinha 16 anos e ninguém limpou aquele engrama.

Vários auditores percorreram a mesma cadeia de engramas quatro vezes.

Um auditor fez-lhe o INT RD duas vezes.

Após o Poder ela teve um bebé e ninguém limpou o parto.

Ele não gosta de falar, mas é um "Grau Zero"!

Podem existir dúzias e dúzias de razões.

Um auditor não deixa um C/S fazer C/S na esperança de resolver. Recusa o C/S até ser feito um Sumário de Erros de Pasta (FES) e a falha ser encontrada.



COISAS FEITAS DUAS VEZES

Por descuido, o mesmo percurso pode ser pedido e feito duas vezes ou até mais.

Tem de haver e em dia, um Sumário da Pasta do lado de dentro da capa da frente.

Por cima dele tem de existir um programa segundo o qual o caso está a ser auditado. No entanto, só por que está mencionado no programa, nunca deixe de registar uma sessão e o que nela foi feito, no Sumário da Pasta.

Se lhe mandarem fazer "Mantenha-o Parado", verificar se esse processo já tinha sido feito antes.

Não deixe que Percursos principais sejam feitos duas vezes.

Os ITENS DE DIANÉTICA nunca podem ser auditados duas vezes. Listas de Dianética não podem estar espalhadas na pasta. Ponha-as todas juntas, mantenha-as juntas e em dia.

CÓPIA

Não copie listas de Dianética ou folhas de trabalho de notas ou itens de listas.

Mantenha todo o trabalho administrativo limpo e na forma original.

Copiar torna os erros possíveis.

RUDS A SALTAREM FORA

Quando os ruds saltam fora durante a sessão, o auditor reconhece o seguinte:

Pc crítico = W/H para com o auditor

Pc antagonista = BPC em sessão

Nenhum TA = Problema

Cansado = Propósito falhado ou dormiu pouco

Triste = Quebra de ARC.

TA a subir = "Overrun" ou Protesto.

Dormitar = F/N passada por cima ou sono insuficiente.

Falta de interesse = Ruds fora ou falta de interesse desde o início.

Um auditor que não tem a certeza do que se passa, mas que entra em problemas com o Pc (exceto em listas, as quais ele trata sempre imediatamente), será suficientemente esperto para rapidamente encerrar a sessão, escrever completamente as suas observações e mandá-las para o C/S.

O auditor que é um veterano e sabe o que tem na frente conforme a escala atrás (e as instruções que o C/S daria), maneja a coisa de imediato.

Pc crítico = W/H = Puxa o W/H.

Pc Antagonista = BPC = Faz a Verificação da lista apropriada (como L1C) e resolve-o.

Nenhum TA (ou de resultados de caso) = Problema = Localiza o problema.

Cansado = Propósito falhado ou dormiu pouco = Verifica qual é e resolve.

Triste = Quebra de ARC = Localiza e resolve. Itsa, itsa anterior.

Ta a subir = Overrun ou Protesto = Descobre qual é e resolve. O/R é normalmente tratado com Reab.



Dormitar = F/N ultrapassada cima ou sono insuficiente = Verifica se é falta de dormir ou reabilita a F/N.

Falta de interesse = Ruds fora ou, desde o início, falta de interesse = Verifica o interesse ou limpa os ruds.

Lista que saiu mal = BPC = Resolve ou faz uma L4B ou qualquer L4, imediatamente.

Ruds que não flutuam = Algum outro erro = Faz a Verificação da GF e resolve.

O auditor não tem nada que tentar fazer o C/S dado quando este colide com qualquer das coisas acima e não se destina a resolvê-las.

Se a sessão anterior revelou um certo erro e o C/S para esta sessão, que se destinava a resolvê-lo, não o fez, o auditor deve terminar a sessão e o C/S seguinte deve ser “2WC para obter dados”.

CASO NÃO RESOLVIDO

Quando o auditor ou o Examinador depara com um Pc que assegura que o seu caso não foi resolvido, não se pode mandar fazer um novo conjunto de ações baseadas em poucos dados. O auditor deverá terminar e o C/S deverá mandar fazer uma “2WC sobre o que não foi resolvido”.

O auditor não deverá logo tomar isto como parte de qualquer outro C/S.

Por outras palavras, o auditor não muda o C/S para um 2WC sobre algo que não foi pedido pelo C/S.

AÇÕES PRINCIPAIS

Um auditor nunca deverá começar uma ação principal num caso que não está para ela preparado.

Como isto pode ocorrer durante uma sessão, é vital compreender a regra e segui-la. De contrário, um caso pode ficar encravado aí mesmo e será difícil de recuperar, pois agora a uma ação não corrigida junta-se uma nova ação a corrigir. Agora, se o auditor inicia uma ação principal num caso não “preparado”, temos duas coisas a reparar quando tínhamos apenas uma, porque a ação principal não irá também funcionar.

Reparação = remendo de erros de audição passada ou da vida recente. Isto é feito com listas preparadas, completando a cadeia, corrigindo listas ou até 2WC ou Prepcheck acerca de auditores, sessões, etc.

Rudimentos = preparação do caso para a ação de sessão. Inclui quebras de ARC, PTPs, W/Hs, GF, listagem de Overruns ou qualquer lista preparada (como L1c, etc.)

Preparação = obtenção de uma F/N e VGIs antes de iniciar qualquer ação principal. Significa justamente isso, uma F/N e VGIs antes de iniciar qualquer ação principal. Pode requerer uma ação de reparação e também os ruds.

Ação Principal = qualquer ação, qualquer que ela seja destinada a mudar um caso, mudar as considerações gerais, tratar de uma doença contínua ou melhorar a capacidade. Isto significa um Processo ou mesmo uma série de processos, como 3 fluxos. Não significa um grau. É qualquer processo que o caso não tinha recebido.

Grau = Uma série de processos culminando numa capacidade exata adquirida, examinada e atestada pelo Pc.

Programa = qualquer série de ações projetadas por um C/S para obter resultados definidos num Pc. Um programa usualmente inclui diversas sessões.

A grande maioria dos erros de audição ocorre porque os C/Ss e os auditores procuram usar uma Ação Principal para reparar um caso.

É da responsabilidade do auditor rejeitar um C/S que procura usar uma ou mais ações principais para reparar um caso que não está a correr bem.



O auditor precisa compreender isto completamente. Ele pode ser levado a aceitar um C/S errado para o Pc e, até mais importante, pode na sua própria sessão fazer esse erro e baralhar o caso.

Exemplo: O Pc não tem respondido bem (ausência de TA que se veja ou teve um Relatório de Exame mal-humorado). O auditor vê que o C/S mandou fazer uma ação principal em vez de uma reparação com listas preparadas, ruds, etc. O auditor tem de rejeitar o C/S porque este levá-lo-á a falhar a sessão.

Exemplo: O auditor recebe um C/S: “(1) Flutua um Rud; (2) Faz a Verificação da LX3; (3) Percorre recordar nos-3-sentidos, secundários nos-3-sentidos, engramas nos-3-sentidos em todos os itens com / / X” O auditor não consegue fazer flutuar um Rud. Faz a LX3. Por outras palavras, falha por deixar de “PREPARAR” o caso. Poderia também acontecer deste modo: o auditor não consegue fazer flutuar um Rud, faz uma GF, não consegue F/N. Ele NÃO PODE começar uma ação principal e TEM QUE terminar a sessão ali mesmo.

É fatal começar qualquer processo novo destinado a mudar o caso, se o caso não estiver com F/N e VGIs.

O Pc que inicia o processamento pela primeira vez e certamente não está com F/N, VGIs, precisa ser *preparado* através de ações de reparação: rudimentos simples, ruds na vida, lista de Overruns na vida, até com Verificações de listas preparadas sobre a vida. Isto são ações de reparação. O Pc, mais cedo ou mais tarde, começará a flutuar. Então, no início da sessão, limpa-se um rud, consegue-se uma F/N, VGIs e podem iniciar-se as ações principais.

Assim sendo, o auditor tem a responsabilidade de não se deixar levar por um C/S que manda fazer uma ação principal num Pc que não teve reparação ou que não foi capaz de obter, através de reparação, uma F/N, VGIs em sessão.

As *únicas* exceções são uma assistência de toque, ruds na vida ou assistência de Dianética, tudo isto num Pc temporariamente doente. Mas isso é reparação, não é?

VIOLAÇÕES DE PROGRAMAS

Quando um auditor recebe um C/S e vê que ele viola o programa do Pc, deve rejeitá-lo.

Digamos que o Pc deve findar a sua Dianética Tripla, porém, subitamente, recebe um Intensivo de Engramas de Grupo. Isso viola o programa e o grau também.

Se a coisa estiver a correr mal, deve ser mandada fazer uma reparação. Caso contrário deve completar-se o programa.

Exemplo: Está a ser feito um esforço para que o Pc vá para a banda passada. É um programa contendo diversas ações principais, consistindo provavelmente em várias sessões. Antes deste programa estar completo e antes do Pc ter ido para a banda passada, o C/S manda “(1) Flutuar um Rud; (2) 3 S&Ds”. O auditor deveria reconhecer nos 3 S&Ds uma ação principal metida no meio de um programa e por isso rejeitá-lo. A ação correta, logicamente, é o processo seguinte de banda passada.

VIOLAÇÕES DE GRAUS

Um Pc que está num grau e ainda não o atingiu, não pode receber ações principais que não fazem parte daquele grau.

Exemplo: O Pc está no Grau I. O C/S manda fazer uma lista tendo a ver com a bebida. Não é um processo daquele grau. Poderia ser feito depois de terminar o Grau I e antes de iniciar o Grau II. O C/S está incorreto e não pode ser aceite.



CAPACIDADE ALCANÇADA

Por vezes, o Pc poderá atingir a capacidade do grau ou chegará aos seus fenómenos finais, antes de toda a ação principal estar completa, ou antes de todos os processos do grau serem feitos.

Isto é principalmente verdade no caso de deslocadores de valências ou de Percursos de Interiorização e pode também acontecer nos Graus.

O auditor deve reconhecer isto e, com a F/N, VGIs sempre presentes em tais momentos, dar a coisa por terminada,

Sei de um caso que teve uma enorme cognição acerca de Interiorização no Fluxo I de Engramas e foi empurrado, não só pelo C/S como pelo auditor, a fazer os Fluxos 2 e 3. Encravou-se tanto que levou semanas a endireitar o caso.

A própria capacidade fica invalidada se a ação for levada em frente.

Por outro lado, não deve nunca ser aceite como desculpa isto: “Penso que ele cognitou para si mesmo e, portanto, terminámos a sessão.” Precisa ser uma verdadeira cognição dada em voz alta: “Então não querem saber!?” Com uma *grande* F/N, VGIs e diretamente relacionada com o assunto, para que se possa encerrar a ação principal, um programa ou um Grau, antes de todas as ações terem sido auditadas.

REVER REVISÕES

Um auditor que recebe um C/S ou ordem para reparar um caso que está a correr bem, deve recusar-se a fazer essa ação.

Vi um caso que tinha tido Exteriorização com Percepções Completas ser enviado para reparação. A reparação encravou o caso. Depois, ficou bem de novo, mas, um segundo C/S mandou fazer nova reparação o que, naturalmente o encravou. Aí foram feitas ações principais. O caso foi novamente reparado e reabilitado e ficou bem. O auditor deveria ter dito NÃO três vezes.

RELATÓRIOS FALSOS

O truque mais vil que pode ser aplicado a um Pc é o auditor falsificar um relatório de audição.

Pode pensar-se que é “boas Relações Públicas” do auditor para o C/S.

Na verdade, esconde um erro e põe o Pc em risco.

INTEGRIDADE é uma marca que distingue a Dianética e a Cientologia.

Só porque os psiquiatras foram desonestos não é razão para que os auditores o sejam.

Os resultados estão lá para serem obtidos.

Relatórios falsos bem como os falsos atestados, viram-se de uma forma terrível contra o auditor e o Pc.

OVERTS CONTRA Pcs

Quando o auditor se encontra a resmungar ou a criticar os seus Pcs, deveria ter os seus W/Hs e overts contra os Pcs tirados fora.

Um auditor que fica triste, está a auditar Pcs por cima das suas próprias quebras de ARC.

Um auditor preocupado com o seu Pc está a trabalhar por cima de um Problema.

Limpar os nossos próprios ruds a respeito dos Pcs, C/Ss ou da Org, pode trazer novo sabor à vida.

OS AUDITORES NÃO TÊM CASO

Na cadeira, nenhum auditor tem caso.



Se a respiração embaciar um espelho colocado em frente ao seu rosto, ele ainda pode auditar.

Desmaie depois se tiver que ser, mas assegure-se que o Pc chega ao Examinador com a sua F/N.

Depois arranje quem o trate.

“O QUE É QUE ELE FEZ ERRADO?”

Um auditor tem o direito de saber o que é que fez de errado na sessão que correu mal.

A maior parte das vezes, uma sessão só é má quando as regras e dados deste Boletim foram violados.

Mas os TRs do auditor podem desaparecer ou a sua “L&N” incorrer em erro.

Após uma sessão que correu mal, alguém, que não o auditor, deve perguntar ao Pc o que é que o auditor fez. Por vezes, isto identifica um relatório falso. Mas às vezes, é também um relatório falso da parte do Pc.

De qualquer modo o auditor tem o direito de saber. Aí, ele pode corrigir a sua audição ou o seu saber, ou pode até avisar o C/S que o relatório do Pc não é verdadeiro e que se pode aplicar ao Pc uma reparação melhor.

Quase nunca é requerida uma ação drástica contra um auditor. Ele estava a tentar ajudar. Algumas pessoas são difíceis de ajudar.

Não só o auditor tem o direito de saber o que estava errado, mas também lhe tem de ser dada a data e o título exatos do Boletim que violou.

Nunca aceite uma correção verbal ou escrita que não esteja incluída num Boletim ou palestra.

Não seja, cúmplices de uma “linha oculta de dados” que não existe.

“Arruinaste o Pc” não é uma declaração válida. A acusação correta é: “Violaste o Boletim _____, página._____”.

Nenhum auditor pode ser castigado por pedir: “Posso por favor ter a palestra ou o Boletim que foi violado, para o ler ou ir para Cramming?”

Se não constar de uma palestra, de um livro ou de um Boletim, NÃO É VERDADE e nenhum auditor tem de aceitar qualquer crítica não baseada nos verdadeiros dados da fonte.

“Se não está escrito não é verdade.” é a melhor defesa e a melhor maneira de melhorar a técnica.

Estes são os direitos do auditor em relação a um C/S. Todos eles são direitos técnicos baseados em princípios.

O auditor deve conhecê-los e usá-los.

Se um auditor se firmar nestes direitos e for atacado, deve apresentar todos os factos perante a OTL ou S.O. mais próxima, pois alguma coisa está algures muito errada.

A audição é uma atividade feliz, quando feita como deve ser.

L. RON HUBBARD

Fundador



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD
SOLAR DE ST. HILL, GRINSTEAD ORIENTAL, SUSSEX,
HCOB DE 4 DE DEZEMBRO DE 1977

LISTA DE VERIFICAÇÃO PARA PREPARAR SESSÕES E UM E-METRO

A seguinte lista foi organizada a fim de evitar constantes interrupções para ir buscar dicionários, listas preparadas, etc., etc., e no interesse vital de manter o pc tranquilamente em sessão, interessado no seu próprio caso e disposto a falar com o auditor.

O auditor deve exercitar-se nesta lista de verificação até tê-la apreendido completamente, sem precisar de recorrer a ela.

A. ANTES DA HORA MARCADA PARA A SESSÃO:

1. Nota de pagamento do pc _____
2. Pastas do pc:
 2. a) Atuais _____
 2. b) Anteriores _____
3. Estudo por parte do auditor da pasta do pc _____
4. Sumário de Erros de Pasta _____
5. C/S para a sessão _____
6. Quaisquer ações de 'Cramming' a respeito do C/S _____

B. MARCAÇÃO:

7. Tempo suficiente para fazer a sessão _____
8. MARCAÇÃO DA HORA (feita pelo auditor ou Serviços Técnicos) _____
9. Quadro de Compromissos (auditor, pc, sala, hora) _____

C. PREPARAÇÃO DA SALA:

10. Limpeza da sala _____
11. Ausência de odores _____
12. Temperatura da sala resolvida _____
13. Fazer avisos de silêncio para a zona e para a entrada _____
14. Avisos de silêncio colocados _____
15. Conhecimento de onde fica o WC _____
16. Mesa de tamanho certo, firme, sem ranger _____
17. Mesa lateral _____



- 18. Luz adequada se a sala ficar escura _____
- 19. Lanterna para o caso de faltar a luz _____
- 20. Relógio silencioso _____
- 21. Cobertor, para o caso do pc sentir frio _____
- 22. Ventilador ou Ar Condicionado para o caso do pc sentir calor demais _____

D. MATERIAL DE AUDIÇÃO:

- 23. Papel para Folhas de Trabalho e listas _____
- 24. Esferográficas ou lápis _____
- 25. Kleenex _____
- 26. Antitranspirante, para palmas suadas _____
- 27. Creme para mãos, para palmas secas _____
- 28. Dicionários, incluindo o Técnico, o de Admin. e um não-abreviado da língua em causa. _____
- 29. Gramática _____
- 30. Material de audição, Formulários de Assessment Original, listas preparadas, inclusive as que poderão ser necessárias ao lidar com outras listas preparadas. _____
- 31. E-Metro _____
- 32. Metro sobresselente _____
- 33. Verificação preliminar de carga e condição operacional do metro _____
- 34. Anteparo do metro (para encobri-lo da vista do pc) _____
- 35. Aviso 'Em Sessão' para a porta _____
- 36. Fios extras para o metro _____
- 37. Latas de tamanhos diferentes _____
- 38. Um saco de plástico para cobrir uma lata, no caso dos pcs que encostam uma lata à outra _____
- 39. Conclusão da preparação da sala para a sessão _____

E. ENTRADA DO PC NA SALA DE AUDIÇÃO:

- 40. Aviso de 'Em sessão' pendurado na porta _____
- 41. Campanha do telefone desligada _____
- 42. Colocação do pc na cadeira _____
- 43. Verifique com o pc se a cadeira é confortável; resolver _____
- 44. Ajuste da cadeira do pc _____
- 45. Verificar se as roupas ou sapatos estão apertados; resolver _____
- 46. Verificar com o pc se a sala está satisfatória; resolver _____



F. AJUSTE DO METRO PARA A SESSÃO:

- 47. Verificar o Teste (quanto à carga) _____
- 48. Ver que a agulha não esteja a dançar ou a auditar sozinha _____
- 49. Certifique-se que 2.0 = 2.0 pelo botão calibrador _____
- 50. Colocar a ficha no metro _____
- 51. Verificar a calibragem pela resistência de calibragem
colocada nas fichas crocodilo _____
- 52. Colocar a agulha no 'Set' _____
- 53. Colocar o pc nas latas _____
- 54. Ajustar a sensibilidade do pc para uma queda
de 1/3 do mostrador através do aperto das latas _____
- 55. Percorrer a Lista de Correção de TA Falso, se necessário,
incluindo mudança de latas, creme e antitranspirante _____
- 56. Fazer o pc inspirar fundo, aguentar o ar por um momento e
soltá-lo pela boca, para ver se a agulha produz uma queda
retardada (que é o que deveria acontecer) _____
- 57. Verificar se o pc dormiu o suficiente _____
- 58. Certificar-se de que o pc comeu e não está com fome _____
- 59. Perguntar se há alguma razão para não começar a sessão _____

G. COMEÇAR A SESSÃO:

L RON HUBBARD

Fundador



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB DE 21 DE JUNHO DE 1972

Emissão I

Série Clarificação de Palavras 38

MÉTODO 5

O Método 5 de Clarificação de Palavras é um Sistema em que o clarificador de palavras fornece palavras à pessoa e manda-a definir cada uma delas. É chamado Clarificação de Material. Aquelas que a pessoa não sabe definir têm que ser vistas.

Este método pode ser feito sem e-metro. Também pode ser feito com um e-metro.

A razão porque este Método é necessário é que muitas vezes a pessoa não sabe que não sabe. Por causa disto o método 4 tem as suas limitações uma vez que o e-metro nem sempre lerá.

As ações são muito precisas.

O Clarificador de palavras pergunta: “qual a definição de _____?” A pessoa dá-a. Se existir a mais pequena dúvida ou se a pessoa ficar minimamente hesitante, a palavra é vista num dicionário apropriado.

Este método é usado para clarificar palavras, ou comandos de audição, ou listas de audição.

L. Ron Hubbard

Fundador



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB DE 9 DE AGOSTO DE 1978 II

CLARIFICAR COMANDOS

(Ref: HCOB 14 Nov. 65, CLARIFICAR COMANDOS
HCOB 9 Nov. 68, CLARIFICAR COMANDOS, TODOS OS NÍVEIS
HCO PL 4 Abr. 72R ÉTICA TECH DE ESTUDO)

Sempre que percorrer um processo de novo ou o preclaro esteja confuso sobre o significado dos comandos, clarifica todas as palavras de cada comando com o preclaro, usando, se necessário, um dicionário. Desde há muito que isto é um procedimento standard.

Pretende-se um preclaro que corra suavemente, sabendo o que se espera dele e compreendendo exatamente a pergunta que lhe está a ser feita ou o comando que lhe está a ser dado. Uma palavra ou comando de audição mal compreendido pode desperdiçar horas de audição e impedir todo um caso de avançar.

Logo é VITAL a utilização deste passo preliminar sempre que se usa um processo ou um procedimento pela primeira vez.

As regras da clarificação de comandos são:

1. EM NENHUMA CIRCUNSTÂNCIA PODE O AUDITOR AVALIAR PELO PRECLARO DIZENDO-LHE O QUE A PALAVRA OU COMANDO SIGNIFICA.
2. TEM SEMPRE CONTIGO, NA SALA DE AUDIÇÃO, OS NECESSÁRIOS (*E BONS*) DICIONÁRIOS.

Isto inclui o Dicionário Técnico, o Dicionário Administrativo, um bom dicionário de Português e um bom dicionário (não resumido) da língua nativa do preclaro. No caso de um preclaro de língua estrangeira (cuja língua nativa do preclaro não seja a Portuguesa) também vais precisar de um dicionário duplo para essa língua e de Português.

(Exemplo: A palavra portuguesa "maçã" é vista no dicionário Português/Francês e é encontrada "pomme". Agora vê-a no dicionário Francês a definição de "pomme").

Portanto, para o caso de língua estrangeira, dois dicionários são necessários: (1) Português para a língua estrangeira e (2) da própria língua estrangeira.

3. MANTÊM O PRECLARO NAS LATAS DURANTE TODA A CLARIFICAÇÃO DE PALAVRAS E COMANDOS.
4. CLARIFICA O COMANDO (OU PERGUNTA OU ITEM DE UMA LISTA) DO FIM PARA O INÍCIO, CLARIFICANDO EM SEQUÊNCIA CADA PALAVRA DO FIM PARA O INÍCIO DA FRASE.

(Exemplo: Para clarificar o comando "Os peixes nadam?", clarifica "nadam" em primeiro lugar, depois "peixes" e depois "os").

Isto evita que preclaro comece a percorrer o processo sozinho enquanto ainda se está a clarificar as palavras.

4A. NOTA: AS F/NS OBTIDAS DURANTE A CLARIFICAÇÃO DAS *PALAVRAS* NÃO SIGNIFICAM QUE O *PROCESSO* TENHA SIDO PERCORRIDO.

5. A SEGUIR, CLARIFICA O PRÓPRIO COMANDO.

O Auditor pergunta ao preclaro: "O que significa este comando para ti?" Se, pela resposta do preclaro, for evidente que ele não compreendeu uma palavra tal como esta se encontra no contexto do comando, então:

- (a) Volta a clarificar a palavra óbvia (ou palavras) usando o dicionário.
- (b) Fá-lo usar cada palavra numa frase até a "agarrar". (O pior erro é o preclaro usar um novo conjunto de palavras em vez da própria palavra e responder à palavra alterada e não à própria palavra. Ver HCOB 10 Mar 65, Palavras, Erros de Mal Compreensão).
- (c) Volta a clarificar o comando.
- (d) Se necessário repete os passos a, b e c para te assegurares de que ele compreende o comando.

5A. NOTA: UMA *PALAVRA* QUE REAGE QUANDO SE CLARIFICA UM COMANDO, UMA PERGUNTA DE VERIFICAÇÃO OU DE UMA LISTA, NÃO SIGNIFICA QUE O PRÓPRIO COMANDO OU *PERGUNTA* TENHAM NECESSARIAMENTE REAÇÃO. AS PALAVRAS MAL-ENTENDIDAS REAGEM NO E-METRO.

- 6. AO CLARIFICAR O COMANDO, OBSERVA O E-METRO E ANOTA QUALQUER LEITURA NO COMANDO. (Ref.: B 28 Fev. 71, Série C/S 24, Importante, Medir Itens com Leitura).
- 7. NÃO CLARIFIQUES OS COMANDOS DE TODOS OS RUDIMENTOS PARA DEPOIS OS CORRERES, NEM DE TODOS OS PROCESSOS PARA MAIS TARDE OS CORRERES. DEIXARÁS DE APANHAR F/NS. OS COMANDOS DE UM PROCESSO SÃO CLARIFICADOS IMEDIATAMENTE ANTES DE *ESSE* PROCESSO SER CORRIDO.
- 8. QUEBRAS DE ARC E LISTAS DEVEM TER AS SUAS PALAVRAS CLARIFICADAS ANTES DE UM PRECLARO PRECISAR DELAS E ISSO DEVE SER ASSINALADO NA PASTA DO PRECLARO NUMA FOLHA AMARELA. (Ref.: HCOB 5 Nov. 72R II, Séries de Administração do Auditor 6R, A Folha Amarela).

Visto ser difícil clarificar todas as palavras de uma lista de correção num preclaro que tem uma pesada Carga Ultrapassada, é normal clarificarem-se as palavras de uma L1C e dos rudimentos muito perto do início da audição e clarificar a L4BRA *antes* de se começarem processos de listagem, ou uma L3RF *antes* de se percorrer R3RA. Assim, quando surge a necessidade destas listas de correção, já não temos que clarificar todas as palavras, visto já ter sido feito. Deste modo, estas listas de correção podem ser usadas sem demora.

Também é normal clarificar as palavras da Lista de Correção de Clarificação de Palavras muito cedo na audição e antes das outras serem clarificadas. Deste modo, se o preclaro encravar em clarificações de palavras subsequentes, já se tem a Lista de Correção de Clarificação de Palavras pronta a usar.



9. SE, CONTUDO, O VOSSO PRECLARO ESTÁ EM CIMA DE UMA QUEBRA DE ARC (OU QUALQUER OUTRA CARGA PESADA) E AS PALAVRAS DA L1C (OU QUALQUER OUTRA LISTA DE CORREÇÃO) AINDA NÃO FORAM CLARIFICADAS, NÃO AS CLARIFIQUES. AVANÇA E FAZ O VERIFICAÇÃO DA LISTA PARA RESOLVER A CARGA. DE OUTRO MODO SERIA AUDIÇÃO POR CIMA DE UMA QUEBRA DE ARC.

Neste caso verifica-o simplesmente perguntando depois se ele teve qualquer mal-entendido na lista.

Todas as palavras da L1C (ou de outra lista de correção) seriam então clarificadas totalmente na primeira oportunidade, de acordo com as instruções do Supervisor de Caso.

10. NÃO VOLTES A CLARIFICAR TODAS AS PALAVRAS DAS LISTAS DE VERIFICAÇÃO CADA VEZ QUE A LISTA É USADA NO MESMO PRECLARO. FÁ-LO UMA VEZ, TOTAL E CORRETAMENTE logo à primeira e anota claramente na pasta, na folha amarela para consulta futura, que listas standard de verificação foram clarificadas.
11. ESTAS REGRAS APLICAM-SE A TODOS OS PROCESSOS, PERGUNTAS DE LISTAGEM E VERIFICAÇÃO.
12. AS PALAVRAS DAS PLANILHAS DOS MATERIAIS DOS CURSOS AVANÇADOS NÃO SÃO CLARIFICADAS DESTES MODO.

Qualquer violação da clarificação total e correta de comandos e perguntas de verificação, quer seja feita ou não em sessão, é uma ofensa ética, de acordo com a PL 4 Abril 72R, ÉTICA E TÉCNICA DE ESTUDO, Secção 4, a qual afirma:

"QUALQUER AUDITOR QUE NÃO CLARIFIQUE TODA E QUALQUER PALAVRA DE TODO E QUALQUER COMANDO OU LISTA USADA, PODE SER CONVOCADO PERANTE UM JÚRI DE ÉTICA".

"A acusação é TÉCNICA FORA".

L. Ron Hubbard
Fundador



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB DE 7 de Agosto de 1978

HAVINGNESS DESCOBRIR E PERCORRER O PROCESSO DE HAVINGNESS DO PRECLARO

Nota: Este boletim não é, de modo nenhum, um resumo completo do assunto havingness. Existe uma ampla gama de materiais sobre havingness e sua reparação em publicações anteriores e outros boletins que podem ser encontrados nos Volumes Técnicos, dados que o estudante irá adquirindo à medida que continua a treinar-se nos níveis e no SHSBC.

Este boletim destina-se a dar ao auditor principiante, conhecimentos funcionais sobre havingness.

"HAVINGNESS: 1) Aquilo que permite a experiência de massa e de pressão. 2) A sensação de que se detém ou possui. 3) Pode ser simplesmente definido como ARC com o ambiente...6) A capacidade de duplicar aquilo que se percebe, ou a disposição para criar um duplicado seu...8) Havingness é o conceito de ser capaz de alcançar ou de não ser impedido de alcançar...4) Aquela atividade que é executada quando necessária sem distrair violentamente a atenção do preclaro. "

(Retirado do Dicionário Técnico)

Tudo isto é válido, mas a definição final de havingness pode ser simplesmente descrita como:

HAVINGNESS É O CONCEITO DE SER CAPAZ DE ALCANÇAR.

NÃO-HAVINGNESS É O CONCEITO DE NÃO SER CAPAZ DE ALCANÇAR.

A disposição e capacidade de duplicar são inerentes à capacidade de alcançar. O que faz a comunicação funcionar nos processos, é a faceta duplicação da fórmula de comunicação. (Axioma 28 Emendado)

A posição de um ser na Escala de Tom é determinada pela sua capacidade de alcançar (e, deste modo, pela sua disposição e capacidade de duplicar, de comunicar e de ter a experiência). Quanto mais baixo o tom do ser menos disposição ele terá para alcançar para ter a experiência e comunicar com o seu ambiente presente, e menos vontade terá de alcançar e duplicar acontecimentos do passado ou permitir que eles sucedam de novo.

Isto é corrigido com os Processos Objetivos de Havingness. Trata-se de processos que constam de observar e tocar objetos na sala de audição ou no ambiente. São processos do tipo "olhar à volta" ou de contacto físico, usados para corrigir uma condição de baixa ou nenhuma havingness.

Encontra-se, deste modo, o Processo de Havingness do preclaro no início da audição e este é usado para ganhar ou reparar a havingness do preclaro antes ou depois de processos ou no final das sessões.



DESCOBRIR E PERCORRER O PROCESSO DE HAVINGNESS DO PRECLARO

O Processo de Havingness do preclaro é testado no E-Metro de uma forma exata, através da *agulha*, com um aperto de latas do preclaro.

Utiliza-se o HCOB 6 de Outubro de 1960R, "Trinta e Seis Pré-Sessões novas".

1. Coloque a sensibilidade para uma queda de 1/3 do mostrador quando o preclaro aperta as latas. (Ver o Exercício de E-Metro N° 5)
2. Percorra 5 a 8 comandos do primeiro Processo de Havingness do boletim citado, com o preclaro ao E-Metro.
3. Peça então ao preclaro para apertar as latas e anote o tamanho da queda da agulha. Se o segundo aperto das latas mostrar a agulha mais solta (dançar mais amplamente) do que no primeiro, então já está. O Processo de Havingness que testou é o do preclaro e pode ser usado para reparar a sua havingness quando necessário.
4. Se o processo aperta a agulha durante o teste, não o use. Nem sequer faça a ponte dele para outro. Saia simplesmente dele e teste o processo seguinte, depois o seguinte, continuando até encontrar um Processo de Havingness que solte realmente a agulha e ela dê um balanço mais amplo. Será encontrado um entre os da lista de Processos de Havingness do HCOB de 6 de Outubro de 60R.
5. O Processo de Havingness correto é então corrido 10 ou 12 comandos de cada vez, normalmente antes de terminar a sessão.

O Processo de Havingness de um preclaro pode mudar à medida que o preclaro muda com a audição. Se em algum ponto da audição o Processo de Havingness que tem estado em uso não conseguir obter o resultado desejado, teste simplesmente um novo Processo de Havingness, encontre um que funcione e use-o.

Mesmo o Processo de Havingness correto, se for demasiado usado de cada vez (mais do que 10 ou 20 comandos), começará a tratar do banco. Não prejudica o preclaro, mas não é esse o seu fim, visto haver outros processos que melhor tratam o banco.

O *objetivo* de um Processo de Havingness é estabilizar o preclaro no seu ambiente.

L. Ron Hubbard
Fundador



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB DE 11 DE AGOSTO DE 1978

Emissão II

SESSÃO MODELO

1. Preparação da Sessão

Antes da sessão, o auditor tem que se assegurar de que tudo está pronto a fim de garantir uma sessão suave, sem interrupções nem distrações.

Utiliza o HCOB de 4 de Dezembro de 77, "Lista de Verificação para Preparar Sessões e Ajustar um E-Metro", verificando cada ponto da lista.

O preclaro está sentado na cadeira mais distante da porta. Desde o momento em que se lhe pede para agarrar as "latas" até ao final da sessão, ele permanecerá ligado ao E-Metro.

Quando se estabelecer que não há razão para não iniciar a sessão, o Auditor inicia-a.

2. Começo da Sessão.

O Auditor diz: "Começo de Sessão". (Tom 40)

Se a agulha estiver a flutuar e o preclaro com VGIs, o Auditor vai diretamente para a ação principal da sessão. Se assim não for, tem de limpar um rud.

3. Rudimentos

Os rudimentos são limpos de acordo com o HCOB de 11 de Agosto de 78, I, "Rudimentos, Definições e Fraseado".

(Se o TA estiver alto ou baixo no início da sessão ou se o Auditor não conseguir limpar um rud, ele acaba a sessão e envia a pasta para o C/S. Um Auditor de Classe IV (ou acima) pode fazer um Forma Verde ou outra Lista de Correção.

Quando o preclaro tem uma F/N e VGIs, o auditor avança para a ação principal da sessão.

4. Ação Principal da Sessão

a) Fator-R ao preclaro: O Auditor informa o preclaro do que vai ser feito na sessão: "Agora vamos tratar de _____".

b) Clarificar comandos: Os comandos do processo são clarificados de acordo com o HCOB de 9 de Agosto de 1978, II, "Clarificar Comandos".

c) O processo: O Auditor percorre o processo ou completa as instruções do C/S para a sessão até aos Fenómenos Finais.

Em Dianética os Fenómenos Finais seriam: F/N, apagamento da cadeia, cognição, postulado (se não tiver sido dito junto com a cognição) e VGIs.



Nos processos de Cientologia, os Fenómenos Finais são: F/N, cognição, VGIs. Os Processos de Poder têm os seus próprios EPs.

5. Havingness (TER)

Quando for indicado havingness ou estiver incluído nas instruções do C/S, o Auditor faz cerca de 10 a 12 comandos do Processo de Havingness do preclaro até este estar animado, com F/N e em Tempo Presente. (Nota: Havingness nunca é auditado para esconder ou encobrir o facto de não se ter conseguido F/N no processo principal ou numa pergunta de audição ou de confessional).

(Ref.: HCOB de 7 de Agosto de 78, "Havingness, Descobrir e Percorrer o Processo de Havingness do Preclaro").

6. Final da Sessão.

- a) Quando o Auditor estiver pronto para terminar a sessão, dá ao preclaro um Fator-R de que vai acabar a sessão.
- b) Então, ele pergunta: "Há alguma coisa que queiras dizer ou perguntar antes de eu terminar a sessão?"
O preclaro responde.
O Auditor acusa a receção e toma nota da resposta.
- c) Se o preclaro fizer uma pergunta, responda se puder ou acusa a receção e diz: "Vou tomar nota disso para o C/S".
- d) O Auditor termina a sessão com: "Fim da Sessão". (Tom 40)
(Nota: A frase "É tudo" é incorreta para terminar a sessão e não deve ser usada. A frase correcta é: "Fim de Sessão").

Imediatamente após o fim da sessão, o Auditor ou um contínuo leva o preclaro ao Examinador.

L. RON HUBBARD
Fundador



SECÇÃO SEIS: FENÓMENO FINAL

GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB de 20 DE FEVEREIRO DE 1970

Remimeo

Checksheet Dn

Checksheet Classe VIII

AGULHAS FLUTUANTES E FENÓMENOS FINAIS

Pode acontecer, de vez em quando, que um preclaro proteste por causa de agulhas flutuantes.

O preclaro sente que havia mais a fazer e, no entanto, o auditor diz: “a tua agulha está a flutuar”.

Isto é às vezes tão mau que, nas revisões de Cientologia, tem de se fazer Prepcheck ao item “agulhas flutuantes”.

Pode ser agitada uma porção de BPC = (carga ultrapassada) o que provoca quebras de ARC no Pc (aborrece, perturba).

A razão pela qual as agulhas flutuantes podem causar perturbação é que o auditor não compreendeu um assunto chamado FENÓMENOS FINAIS.

A definição de FENÓMENOS FINAL é: "aqueles indicadores do preclaro e do e-metro que mostram que uma cadeia ou um processo está terminado. Isto mostra, em Dianética, que o básico daquela cadeia e daquele fluxo foi apagado e, em Cientologia, que o preclaro ficou liberto no processo que está a ser feito. Pode-se iniciar um novo processo ou um novo fluxo, é claro, quando os FENÓMENOS FINAIS do processo anterior são obtidos.

DIANÉTICA

As agulhas flutuantes são apenas UM QUARTO DOS FENÓMENOS FINAIS de toda a audição de Dianética.

Qualquer audição de Dianética abaixo de Poder tem QUATRO REAÇÕES EXATAS NO PRECLARO QUE MOSTRAM QUE O PROCESSO ESTÁ TERMINADO.

1. Agulha Flutuante.
2. Cognição.
3. Muito bons indicadores (preclaro feliz)
4. Apagamento da última imagem da cadeia.

Os auditores ficam em pânico em relação a O/R. Se ultrapassar os Fenómenos Finais, a F/N para e o TA sobe.

Mas isso é se ultrapassar todas as quatro partes dos fenómenos finais, não uma agulha flutuante.

Se, quando ela começa a flutuar, observar a agulha atentamente sem dizer nada a não ser apenas os comandos de R3R, verificar-se-á que:

1. Ela começa a flutuar um pouco;



2. O preclaro tem a cognição (isto é, "quer saber uma coisa? então não é que aquele..."), e ela flutua mais;
3. Aparecem muito bons indicadores e a flutuação fica quase do tamanho do mostrador.
4. Ao interrogar o Pc fica a saber que a imagem se apagou e a agulha varre agora todo o mostrador.

Estes são os Fenómenos Finais completos de Dianética.

Se o auditor vê uma flutuação a começar (como em 1) e diz: "gostaria de te indicar que a tua agulha está a flutuar", pode perturbar o banco do Pc.

Ainda existe carga. Não foi permitido ao preclaro ter a cognição. Os VGIs é claro que não aparecerão e um pedaço de imagem ainda lá ficou.

A indicação prematura do auditor ao preclaro, devida à sua impetuosidade, a ter medo de O/R ou apenas a precipitação, impede o Pc de obter três quartos dos Fenómenos Finais.

CIENTOLOGIA

Tudo isto também se aplica à audição de Cientologia.

Todos os processos de Cientologia abaixo de Poder têm os mesmos fenómenos finais.

Os Fenómenos Finais de Cientologia de 0 a IV são:

- A. Agulha Flutuante;
- B. Cognição;
- C. Muito bons indicadores;
- D. Libertação.

O preclaro não deixa de passar por essas quatro etapas, SE LHE FOR PERMITIDO FAZÊ-LO.

Como a audição de Cientologia é mais delicada do que a audição Dianética, pode ocorrer mais facilmente um O/R (a F/N desaparece e o TA sobe, requerendo reabilitação). Assim sendo, o auditor tem de estar mais alerta. Mas isso não é desculpa para decepar três das etapas dos fenómenos finais.

O mesmo ciclo da F/N ocorrerá se for dada uma oportunidade ao Pc. Em A obtém-se uma F/N incipiente, em B uma ligeiramente mais ampla, em C ainda mais ampla e, em D a agulha *está* realmente a flutuar com largueza.

"Gostaria de te indicar que a tua agulha está a flutuar" pode interromper o Pc. É também um falso relatório se não estiver a flutuar amplamente e se não continuar a flutuar.

Os Pcs que saem da sessão a flutuar e chegam ao Examinador sem F/N, ou que acabam por não chegar à sessão com uma F/N, foram mal auditados. A forma menos visível de má audição é o corte da F/N, conforme descrito neste parágrafo. A maneira mais óbvia é fazer O/R no processo. (Auditar o preclaro após ele ter exteriorizado também dará um TA alto no Examinador).

Em Dianética, é frequentemente necessário mais uma passada pelo incidente para obter os Fenómenos Finais 1, 2, 3, 4 acima.

Eu sei que diz no Código do Auditor para não ir além de uma F/N. Talvez isso devesse ser modificado para "uma F/N realmente ampla". Aqui põe-se a questão: de que largura é uma F/N? No entanto, o problema NÃO é difícil.

Eu sigo esta regra: nunca perturbo nem interrompo um preclaro que ainda está a olhar para dentro. Por outras palavras, eu nunca puxo a sua atenção para o auditor. Afinal de contas é do caso dele que estamos a tratar, e não das minhas ações como auditor.



Quando vejo uma F/N começar ponho-me à espera da cognição do Pc. Se esta não vem dou-lhe o comando seguinte. Se ainda não aparece dou o comando seguinte, etc. Então, obtenho a cognição e calo a boca. A agulha flutua mais amplamente, aparecem indicadores muito bons (VGIs) e a F/N abrange todo o mostrador. A habilidade real está em saber quando não dizer mais nada.

Então, com o preclaro todo resplandecente, com todos os Fenómenos Finais à vista (F/N, cog., VGIs, apagamento ou libertação, dependendo se é Dn ou Scn), eu digo, como que concordando com o preclaro: "A tua agulha está a flutuar".

Singularidade Dianética

Sabia que pode repassar uma imagem meia dúzia de vezes, a F/N a ficar cada vez mais larga e mais larga, sem o preclaro ter a cognição? Isto é raro, mas pode acontecer uma vez em cem. A imagem ainda não se apagou. Pedacos dela parecem continuar a surgir. Então apaga-se de todo e pronto: 2, 3 e 4 ocorrem. Isto não é *remoer*, é esperar que uma F/N se alargue até à cognição.

O preclaro que se queixa das F/Ns está a indicar, na verdade, um problema errado. O problema real foi o auditor distrair o preclaro da cognição ao chamar a sua atenção para ele e para o e-metro um pouco prematuramente.

O preclaro que ainda está a olhar para dentro fica perturbado quando a sua atenção é atraída bruscamente para fora. Nesse momento é deixada carga na área. Um preclaro a quem são negados os Fenómenos Finais completos com demasiada frequência, começará a recusar audição.

A despeito disto tudo, ainda assim não se deve fazer O/R nem fazer o TA subir. Mas em Dianética um apagamento não deixa nada que faça subir o TA!

O problema é pior para o auditor de Cientologia, pois pode fazer O/R mais facilmente. Existe o risco de voltar a meter o Pc no banco. Assim, o problema é mais de Cientologia, do que de Dianética.

Mas TODOS os auditores devem compreender que os FENÓMENOS FINAIS de audição bem-sucedida não são apenas a F/N, mas que há mais três requisitos que um auditor pode omitir por engano.

O que marca o verdadeiro VIRTUOSO (mestre) em audição é a sua habilidade para lidar com a agulha flutuante.

L. RON HUBBARD

Fundador

[Este HCO B é referido no HCO B 21 de Março 1974, Fenómenos Finais, Volume VIII, pág. 272.]



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD
SOLAR DE ST. HILL, GRINSTEAD ORIENTAL, SUSSEX,
HCOB DE 21 DE MARÇO DE 1974

Remimeo
Todos os Auditores
Classe VIII

FENÓMENOS FINAIS

(Ref. HCOB 20 Fev. 70, F/Ns e EPs)

Diferentes tipos de audição pedem diferentes manejos dos Fenómenos Finais.

Os Fenómenos Finais também variarão, dependendo do que se está a percorrer.

A definição de FENÓMENO FINAL É: "AQUELES INDICADORES DO INDIVÍDUO E DO E-METRO QUE MOSTRAM QUE UMA CADEIA OU PROCESSO ESTÁ TERMINADO". A má aplicação desta definição pode resultar em correr de menos, ou de mais, processos ou ações, deixando o indivíduo enredado em carga ultrapassada.

TIPOS DE EPs

Nos Processos de Poder o auditor espera por um EP *específico* e não indica uma F/N até ter conseguido o EP específico do processo. Deixar passar isto em Poder é desastroso, consequentemente os auditores que aplicam estes processos são exercitados e exercitados no manejo dos EPs de "Poder".

Em Dianética, o EP de uma cadeia é apagamento, acompanhado duma F/N, cognição e bons indicadores (e também do postulado - Ndt). Não se esperariam, necessariamente, indicadores estrondosos duma pessoa no meio de uma assistência., sob tensão emocional ou física, até a assistência. ser completada. O que se esperaria seria a cadeia explodida, com uma F/N. Estas duas coisas são, por si só, bons indicadores. A cognição poderia ser simplesmente "a cadeia explodiu".

Em Cientologia, os Fenómenos Finais variam com o que se está a auditar. Um Pc com uma quebra de ARC numa L1C, irá soltar carga e subir de tom gradualmente, conforme cada linha com reação é tratada. Por vezes, surgem com uma imensa e espetacular cognição, com VVGIs e F/N de mostrador inteiro, mas isto usualmente após a carga ter sido retirada numa gradação. O que se espera é uma F/N, quando a carga for removida.

Nos Rudimentos, é a mesma ideia. Quando você obtém a sua F/N e a carga sai, indique a F/N. Não continue a empurrar o Pc para algum "EP". Já o obteve.

Agora, um processo de grau principal correrá até F/N, Cog, VGIs e liberação. Uma capacidade será recuperada. Porém isso é um processo de um *grau*, num Pc pronto a voar.

ABUSO DAS F/Ns

Aplicar erradamente a regra do EP de "Poder" aos Rudimentos, irá baralhar o Pc por O/R. Isto invalida os ganhos do Pc e liga a carga de volta. O indivíduo começará a pensar que não explodiu a carga e não pode fazer nada.

Em 1970 tive que escrever o HCOB "F/Ns e Fenómenos Finais" para impedir os auditores de cortarem os EPs das pessoas nas ações principais, indicando F/Ns prematuramente. Este é um tipo de abuso da F/N que foi largamente manejado.

Este boletim e o manejo dos EPs de "Poder" têm sido, em algumas ocasiões, mal aplicados na direção de "overrun". "O Pc não está a chegar ao EP nestas cadeias, pois não há Cog, mas apenas "se



apagou” é um exemplo. Obviamente, o C/S não compreendeu a definição de cognição ou o que é um EP. Outro exemplo é o Pc localizar o que é e flutuar, e o auditor continuar, esperando um "EP".

OTs E EPs

Um OT é particularmente sujeito ao abuso de F/Ns, pois pode explodir coisas muito rapidamente. Se o auditor deixa de notar a F/N devido à sensibilidade estar ajustada alta demais, ou não menciona a F/N, por estar à espera do "EP", ocorre O/R. Isso invalida a capacidade do OT de as-isar "ver-como-é" e causa sérias perturbações.

Este erro também se pode originar na velocidade do auditor. Acostumado a trabalhar com pessoas de nível mais baixo, ou nunca treinado para lidar com OTs, não pode acompanhar o OT e perde as suas F/Ns ou reações.

Desse modo, ocorrem O/Rs e áreas carregadas são ultrapassadas.

Isto pode explicar os casos que estavam a voar e depois caíram de cabeça com os mesmos problemas, que voltaram a eclodir.

REMÉDIO

O remédio deste problema começa com clarificar minuciosamente todos os termos relacionados com EPs. É basicamente a clarificação de Palavras pelo Método 6, Palavras-chave.

A ação seguinte é compreender inteiramente e estudar os HCOBs sobre o assunto de EPs, e também os relacionados com o E-Metro, com exame estrela. Isto seria seguido por demonstrações em massa dos vários EPs dos processos e ações, mostrando a mecânica do banco e o que acontece com o Pc e o E-Metro.

A seguir viriam os TRs e exercícios de E-Metro sobre a Localização de F/Ns, incluindo qualquer necessário exercício de obnose e correção da posição do E-Metro, a fim do auditor poder ver o Pc, o E-Metro e a sua Admin, num relance.

Depois o auditor seria gradualmente exercitado em lidar com o Pc, com o E-Metro e Admin, numa crescente rapidez, incluindo reconhecer e indicar EPs, quando ocorrerem. Quando o auditor puder fazer tudo isto suavemente à velocidade de um OT explodindo coisas por inspeção, sem se atrapalhar, a última ação seria os exercícios com provocação, como os TRs 103 e 104, numa gradação, até um nível de competência em que o auditor possa lidar com qualquer coisa que surja, com rapidez, e fazê-lo suavemente.

Teríamos, então, um auditor OT. E isso é o que você terá que fazer para os formar.

SUMÁRIO

O/R (demais), e de menos, baralham os casos.

Ambas as coisas têm origem na incapacidade de o auditor reconhecer e tratar os diferentes tipos de EPs, e da imperícia no manejo dos utensílios da audição com rapidez.

Não faça O/R nos PCs para não ter de os recuperar.

Deixe o indivíduo ter suas vitórias.

L. Ron Hubbard
Fundador



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB DE 3 DE JULHO DE 1971R

Rev. 22.2.79

(Revisões neste estilo de letra)

(Reticências indicam cortes)

Remimeo

Franquia

Todos os Auditores

Checksheets Nível III

Substitui HCOBs 22 Maio 65 e 23 Abril 64,
e cancela HCOB 27 Jul. 65, todos no mesmo assunto.

CIENTOLOGIA III

AUDIÇÃO POR LISTAS

(Nota: agora flutuamos tudo. NÃO dizemos ao Pc o que o E-metro está a fazer. Isto muda “Audição por listas” em ambos os aspetos. Não dizemos ao Pc “está limpo” ou “isso leu”)

Refs.

HCOB 14 Mar 71R	FLUTUAR TUDO
HCOB 4 Dez. 77	LISTA PARA PREPARAR SESSÕES E UM E-METRO
HCOB 24 Jan. 77	RONDA DE CORREÇÃO DA TECH
HCOB 7 Fev. 79R	EXERCÍCIO DE E-METRO 5RA - APERTO DE LATAS
Rev. 15.2.79	
HCOB 8 Dez. 78 II	GF & GF 40RD EXPANDIDA, USO DE

Usar qualquer LISTA autorizada publicada (GF, para revisão geral, L1C para quebras de ARC, L4BRA para *erros de listas*).

MÉTODO 3

Coloque a sensibilidade para uma queda de 1/3 do quadrante com um aperto correto de latas, conforme o Exercício de E-metro 5RA. (Ref. HCOB 7 Fev. 79R, EXERCÍCIO DE E-METRO 5RA - APERTO DE LATAS)

Ponha o E-metro numa posição (linha de visão) para que possa ver a lista e a agulha, ou a agulha e o Pc. A posição do E-metro é importante.

Ponha a lista encostada ao lado do E-metro e a Folha de Trabalho mais para a direita. Vá tomando notas na Folha de Trabalho. Anote nela o nome do Pc e a data. Indique na Folha de Trabalho qual a lista e a hora. Ela fica no folder agraphada à Folha de Trabalho.

Leia a pergunta da lista, veja se dá leitura. NÃO a leia a olhar para o Pc, NÃO a leia para si próprio e não a diga depois a olhar para o Pc. Estas ações são ações da L10 e isto é chamado Método 6, e não Método 3. É mais importante ver as latas do Pc do que a sua cara, pois mexer com as latas pode falsificar ou perturbar as leituras.

O TR1 tem que ser bom para que o Pc possa ouvir claramente.



Nós estamos à procura de uma LEITURA INSTANTÂNEA que ocorrerá no fim da exata última sílaba da pergunta.

Se não ler, ponha X na lista. Se a lista está a ser feita através duma F/N e a F/N simplesmente continua e ponha F/N na pergunta.

Se a pergunta ler, *não* diga “Isso leu”. Ponha logo a leitura (tique, SF, F, LF, LFBD, R/S), transfira o número da pergunta para a Folha de Trabalho e olhe expectante para o Pc. Se o Pc não começar a falar pode repetir a pergunta dizendo-lha simplesmente de novo. Provavelmente ele já começou a responder, pois a pergunta estava viva no seu banco, conforme notado pelo E-metro.

Anote na Folha de Trabalho as observações do Pc de forma breve, anote quaisquer mudanças de TA na Folha de Trabalho.

Se a resposta do Pc resultar numa F/N (às vezes seguida de Cog, VGIs. GIs acompanham sempre uma real F/N), marque-a rapidamente na Folha de Trabalho e diz: “Obrigado. Gostaria de te indicar que a tua agulha está a flutuar”.

NÃO espere infinitamente que o Pc diga mais. Se o fizer ele entrará em dúvida e encontrará mais. Também NÃO corte o que ele está a dizer. Ambos são erros de TRs muito maus.

Se não houver F/N, na primeira pausa em que o Pc pensa que já falou, peça um _____, anterior semelhante do que a pergunta refere. NÃO mude a pergunta. NÃO deixe de repetir o que a pergunta diz. “Houve uma restimulação anterior semelhante de afinidade rejeitada?”. Esta é a parte “E/S”. *Não* deixe essa pergunta meramente “limpa”.

Agora não importa se olha ou não para o Pc quando o diz. Mas pode olhar para o Pc quando o diz.

O Pc responderá. Se ele “parecer que o disse” e não dá F/N, faça a pergunta conforme acima.

Faça esta pergunta: “Houve um _____ anterior semelhante?” até finalmente obter a F/N e GIs. Indicamos então a F/N.

Isso é o final dessa pergunta particular.

Marque a F/N na lista e faz a próxima pergunta da lista. Faça esta e outras perguntas sem olhar para o Pc.

As que não reagem levam um X.

A próxima pergunta que ler é marcada na lista, e o número transferido para a Folha de Trabalho.

Obtém a resposta do Pc.

Segue o procedimento acima de E/S conforme necessário até obter uma F/N e GIs para a pergunta.

Acusa a receção. Indica e volta à lista.

Mantém isto até toda a lista ser feita desta maneira.

Se não obtém leitura na pergunta da lista, mas o Pc franqueia alguma resposta a uma pergunta sem leitura, NÃO lhe pega. Acusa só a receção e continua com a lista.

ACREDITE NO E-METRO.

Não pegue em coisas que não leem. Não há “palpites”. Não deixe o Pc correr o seu próprio caso respondendo a itens sem leitura nos quais então o auditor pega. Também não deixe o Pc “mexer com as latas” obtendo uma leitura falsa ou obscurecendo uma verdadeira. (Estas duas ações têm acontecido, mas muito raramente).

GRANDE VITÓRIA

Se a meio duma lista preparada (a última parte ainda por fazer) o Pc obtém uma F/N larga nalguma pergunta, grande Cog, VGIs, o auditor tem justificação para considerar a lista completa e ir para a próxima ação do C/S, ou terminar a sessão, *exceto no caso em que o C/S é para uma Lista Flutuante, por ex. C/S53RL. O*



auditor não viola a Série C/S 20, F/N PERSISTENTE. Se ele tenciona flutuar a lista e o Pc está numa Grande Vitória, o auditor termina, deixa o Pc ter a sua vitória e depois, numa próxima sessão, continua com a lista.

Existem duas razões para isto: uma é que a F/N simplesmente persistirá e não se pode ler através dela, e a ação seguinte tenderia a invalidar a vitória.

O auditor também pode continuar até ao fim da lista preparada se pensar que pode haver lá mais qualquer coisa, se *isso não violar a Série C/S 20, F/N PERSISTENTE*.

GF E MÉTODO 3

Quando uma GF é feita Método 3 (*item por item, um de cada vez*), terminamo-la na primeira F/N (Ref. HCOB 8 Dez. 78 II, GF e GF 40RD EXPANDIDA, USO DE). Se o auditor continuar pode acontecer que de repente o TA fique alto. O Pc sente que está a ser reparado, que a clarificação do primeiro item da GF maneja a coisa e protesta. É o protesto que manda o TA para cima.

Daí que é melhor fazer uma GF pelo Método 5. (Duma vez para as leituras, depois manejar as leituras).

L1C, L3RF, L7 e outras listas dessas, são mais bem conseguidas pelo Método 3.

Os passos e ações acima são a exata forma de como hoje se faz Audição por Listas. Quaisquer dados anteriores contrários a isto são cancelados. Somente dois pontos mudam: Flutuamos tudo que lê com E/S ou com um processo para manejar (L3RF requer processos para obter a F/N, e não E/S) *ou então confira leitura falsa, se o Pc tiver manifestações disso*, nunca dizendo ao Pc se leu ou não leu, pondo assim a atenção do Pc no E-metro.

Indicamos ainda F/Ns ao Pc como forma de completação.

A L1C e Método 3 NÃO são usados em TAs altos ou muito baixos com o fim de baixar ou subir o TA.

O propósito destas listas é limpar Carga Ultrapassada.

Um auditor também indica quando acabou a lista.

Um auditor deve exercitar-se numa boneca e com provocação.

A ação é muito exitosa quando feita com precisão.

L. RON HUBBARD

Fundador



GABINETE DE COMUNICAÇÃO HUBBARD

St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex

HCOB DE 7 DE MARÇO DE 1975

EXTERIORIZAR E TERMINAR A SESSÃO

Quando o Pc exterioriza numa boa vitória em sessão ou se o Pc tem uma grande vitória habitualmente seguida de uma F/N persistente a ação usual é terminar a sessão.

Ao terminar a sessão nestas circunstâncias o Auditor não deve fazer nenhuma outra ação para além de terminar a sessão suavemente.

Isto inclui “dizer ou perguntar?”, percorrer havingness ou qualquer outra coisa que não seja terminar a sessão suavemente.

L. RON HUBBARD
FUNDADOR



SECÇÃO SETE: SECÇÃO DE AUDIÇÃO

GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB DE 6 DE NOVEMBRO DE 1964

ESTILOS DE AUDIÇÃO

Nota 1: A maioria dos auditores antigos, particularmente graduados de SH., foi nalguma ocasião treinados nestes estilos de audição. Aqui são-lhes dados nomes e atribuídos níveis para que possam ser mais facilmente ensinados e para que a audição geral possa melhorar.

Nota 2: Eles não foram antes escritos porque eu ainda não tinha determinado os resultados vitais para cada nível.

Existe um estilo de audição para cada classe. Estilo significa método ou uma maneira habitual de efetuar uma ação.

Um Estilo não é muito determinado pelo processo que se corre. Um Estilo é a forma como um auditor aborda a sua tarefa.

Diferentes processos talvez requeiram estilos diferentes, mas não é essa a questão. A Cura de Mesa de Plasticina no Nível III pode ser feita no Estilo do Nível I e mesmo assim ter algum proveito. Mas um auditor treinado em todos os estilos até ao do Nível III, faria melhor trabalho não só na Cura de Mesa de Plasticina, mas também em qualquer processo repetitivo.

Estilo é a maneira de auditar usada pelo auditor. O verdadeiro perito pode fazê-los todos, mas só depois de treinado em cada um em separado. O Estilo caracteriza a Classe de Auditor. Não é algo pessoal. Para nós é uma forma particular de usar os instrumentos de audição.

NÍVEL ZERO

ESTILO OUVIR

No Nível 0 o estilo é Ouvir. Aqui, espera-se que o auditor ouça o pc. O único talento necessário é ouvir outra pessoa. Mal esteja assegurado que o auditor está a ouvir (não apenas a confrontar ou ignorar) pode-se-lhe fazer um exame. O tempo que ele consegue ouvir sem mostrar tensão nem fadiga, pode ser um fator. O que o pc faz não é um fator a considerar ao avaliar este estilo. Os pcs, no entanto, falam com um auditor que está realmente a ouvir.

Temos aqui o ponto mais alto que as antigas terapias mentais, tais como a psicanálise, alcançaram (quando alcançaram), quando ajudaram alguém. Na maioria dos casos estavam bem abaixo disto, avaliando, invalidando e interrompendo. Essas três coisas são o que o instrutor deste estilo deve tentar fazer compreender ao estudante do Curso HAS.

Não se deve complicar o Estilo Ouvir esperando mais do auditor do que apenas isto: Ouvir o pc sem avaliar, invalidar ou interromper.

Adicionar outras capacidades como "O pc está a falar de modo interessante?" ou até "O pc está a falar?" não fazem parte deste estilo. Quando este auditor fica atrapalhado e o pc não quer falar ou não está interessado, chama-se um auditor de classe superior, o supervisor faz uma outra pergunta, etc.



Na realidade, para ser *muito* técnico, não se trata de Itsa. (Ista é um neologismo formado a partir do inglês "It's a..." que quer dizer "É um...") Itsa é a ação do pc dizer "é isto ou é aquilo". Levar o pc a fazer Itsa, quando o pc não quer, está muito além dos auditores estilo-ouvir. É o Supervisor ou a pergunta escrita no quadro preto que leva o pc a fazer Itsa.

A *capacidade* de ouvir, bem aprendida, fica com o auditor através dos graus. Não para de a usar, mesmo no Nível VI. Mas é preciso aprendê-la nalgum lugar e esse lugar é o Nível Zero. Assim sendo, Audição Estilo Ouvir é apenas ouvir. ele Fará parte dos estilos que se seguem.

NÍVEL I

ESTILO AMORDAÇADO

Este também poderia ser chamado estilo audição de rotina. O estilo amordaçado há muitos anos que é usado. É o lote completo dos TRs de 0 a 4, sem adicionar nada.

É chamado assim porque os auditores adicionavam frequentemente comentários, faziam Q&A, desviavam-se, discutiam e baralhavam a sessão de outros modos. Amordaçado significa "ter-lhes posto uma mordaca", falando em sentido figurado, para que apenas dessem os comandos e os reconhecimentos.

A audição de comando repetitivo, usando os TRs de 0 a 4 é feita inteiramente amordaçada.

Poderia ser chamado Audição Estilo Repetitivo Amordaçado, mas será abreviadamente chamado, "Estilo Amordaçado".

Tem sido fruto de grande experiência saber que Pcs que não tinham ganhos com auditores parcialmente treinados e a quem era permitido fazer 2WC, os obtinham no instante em que o auditor era amordaçado, isto é, não autorizado a fazer nada senão dar os comandos e reconhecimento, sem qualquer outra pergunta ou comentário.

No Nível I não se espera que o auditor faça nada, além de dar o comando (ou fazer a pergunta) sem variação, expressar o reconhecimento da resposta e lidar com as originações da pessoa, compreendendo e reconhecendo o que foi dito.

Os processos usados no Nível I, respondem na verdade melhor ao emprego amordaçado e respondem pior a esforços desorientados para o uso de 2WC.

O Estilo Ouvir combina facilmente com o Estilo Amordaçado.

Comandos repetitivos incisivos, claros, amordaçados, dados e respondidos *muitas vezes* e não as divagações do paciente, são a porta de saída.

Um Pc neste nível é instruído exatamente sobre o que se espera dele, exatamente o que o auditor irá fazer. Põe-se até o pc a fazer alguns ciclos de "Os pássaros voam?" até apreender a ideia. Aí, então, os processos funcionam.

É triste de ver tentar fazer Processos Repetitivos Amordaçados num Pc que fica divagando e divagando através de "experiências terapêuticas" passadas. Significa que o controle está fora (ou que o paciente nunca saiu do Nível Zero).

Passar do frouxo Estilo Ouvir para o Estilo Amordaçado incisivo, controlado, pode ser um choque. Mas cada um deles é o mais baixo de duas famílias de estilos de audição; totalmente Permissivo e totalmente Controlado. E são tão diferentes que cada qual é fácil de aprender sem confusão. A falta de diferença entre estilos é que confunde o estudante, levando-o a espalhar-se. Bem, estes dois são suficientemente diferentes - Estilo Ouvir e Estilo Amordaçado - para meter qualquer pessoa na linha.

NÍVEL II

ESTILO GUIADO

Um auditor da velha guarda teria reconhecido este estilo sob dois nomes separados: (a) 2WC e (b) audição formal.

Nós condensámos estes dois velhos estilos sob um novo nome: audição estilo guiado.

Primeiro *guiamos* o Pc com 2WC, para qualquer assunto que tenha que ser manejado ou para revelar o que tem que ser manejado e depois o auditor maneja isso com comandos repetitivos formais.

O estilo guiado é fazível apenas quando o estudante sabe bem os estilos ouvir e amordaçado.

Anteriormente, o estudante que não podia confrontar ou duplicar um comando, refugiava-se em conversa mole com o Pc e chamava a isso audição ou 2WC.

A primeira coisa a saber sobre o estilo guiado é que deixamos o Pc falar e fazer *itsa* sem o parar, mas que também é dirigido para o próprio assunto e que executa o trabalho com comandos repetitivos.

Pressupomos que o auditor neste nível já teve ganho de caso suficiente para ser capaz de ocupar o ponto de vista do auditor e ser por isso capaz de observar o Pc. Também pressupomos neste nível que o auditor, sendo capaz de ocupar um ponto de vista, é por isso mais autodeterminado, estando ambas as coisas relacionadas. (Uma pessoa só pode ser autodeterminada quando pode observar a situação real perante ela, senão um ser é determinado por ilusão ou por outrem).

Assim, na audição estilo guiado o auditor está lá para descobrir o que se passa com o Pc e aplicar depois o necessário remédio.

A maioria dos processos de *O Livro dos Remédios de Caso* estão incluídos neste nível (II). Para os usar é preciso observar o Pc, descobrir o que o Pc está a fazer e remediar o seu caso em conformidade.

O resultado para o Pc é uma reorientação de grande alcance na vida.

Assim, a essência da audição estilo guiado consiste em 2WC que leva o Pc a revelar a dificuldade, seguido de um processo repetitivo para manejar o que foi revelado.

Usamos TRs com perícia, mas podem discutir-se coisas com o Pc, deixar o Pc falar e em geral, audita-se o Pc que está à nossa frente, estabelecendo o que *esse* Pc precisa e depois fazê-lo com audição repetitiva firme, mas sempre alerta às mudanças do Pc.

Corre-se este nível contra a ação de TA, prestando pouca ou nenhuma atenção à agulha exceto como dispositivo de centragem para a posição do TA. Até se estabelece o que há a fazer pela ação de TA. (O processo de acumular coisas para correr no Pc a partir do que dava queda quando ele estava a correr o que está a ser corrido, pertence agora ao nível (II) e será renumerado em conformidade).

Em II esperamos manejar montes de PTPs crônicos, overts, quebras de ARC com a vida, (mas não quebras de ARC de sessão que sendo uma ação de agulha, quebras de ARC de sessão são resolvidas por um auditor de classe mais elevada caso ocorram).

Para executar tais coisas (PTPs, overts e outros remédios) na sessão, o auditor tem que ter um Pc “disposto a falar ao auditor sobre as suas dificuldades”. Isso pressupõe que temos neste nível um auditor que sabe fazer perguntas, não repetitivas, que levam o Pc a falar da dificuldade que precisa ser manejada.

Grande domínio do TR 4 é a grande diferença primária nos TRs do Nível I. Quando não compreendemos, compreenderemos fazendo mais perguntas e acusando realmente a receção só quando realmente o compreendemos.

Comunicação guiada é a pista para o controle neste nível. Devemos guiar *facilmente* a comunicação do Pc para dentro, para fora e à volta sem cortar o Pc ou desperdiçar tempo de sessão. Assim que um auditor obtém a ideia de *resultado finito*, ou seja, um resultado específico e definido esperado, tudo isto é fácil. O Pc tem um PTP. Exemplo: O auditor tem que ter a ideia de que tem que localizar e desrestimular o PTP para que o Pc não seja incomodado por ele (e não está a ser compelido a *fazer* nada por isso) como resultado finito.

O auditor em II é treinado a auditar o Pc que está na sua frente, pôr o Pc em comunicação, guiar o Pc aos dados necessários à escolha do processo e depois correr o processo necessário à resolução dessa coisa encontrada, usualmente por comando repetitivo e sempre por TA.



O Livro dos Remédios de Caso é a chave para este nível e estilo de audição.

Só damos ouvidos àquilo para que o Pc foi guiado. Corremos comandos repetitivos com bom TR4. E podemos andar a pesquisar um pouco até ficarmos satisfeitos com a resposta do Pc, necessária à resolução dum certo aspeto do caso do Pc.

Podem ser corridos O/WHs no Nível I. Mas no Nível II podemos guiar o Pc a divulgar o que o Pc considera um real overt e, tendo isso, guiar então o Pc por todas as razões porque não era um overt e assim por fim o estostrar.

O meio acusar de receção também é ensinado no Nível II; as maneiras de manter um Pc a falar dando ao Pc a impressão de estar a ser ouvido e ainda não o cortar com TR2 a mais.

Um, grande ou múltiplo acusar de receção também é ensinado para calar o Pc quando o Pc vai a sair do assunto.

NÍVEL III

AUDIÇÃO ESTILO ABREVIADO

Abreviado quer dizer “resumido”, aparado dos extras. Qualquer comando de audição não verdadeiramente necessário é eliminado.

Por exemplo, no Nível I, quando o Pc anda à procura do assunto, o auditor *dis sempre*: “vou repetir o comando de audição” e assim faz. No estilo abreviado o auditor omite isto quando não é necessário e apenas dá o comando de novo caso o Pc o tenha esquecido.

Neste estilo, mudamos de pura rotina para um uso ou omissão sensível conforme necessário. Ainda utilizamos o comando repetitivo com perícia, mas não usamos a rotina que é desnecessária à situação.

2WC entra no Nível III por direito próprio. Mas com forte utilização dos comandos repetitivos.

Neste nível, temos como processo primário Cura de Mesa de Plasticina. Aqui, o auditor tem que *se assegurar* que os comandos são seguidos com exatidão. Nenhum comando de audição é *jamaiz* largado até que o verdadeiro comando seja respondido pelo Pc.

Mas ao mesmo tempo, não necessariamente damos cada comando do processo no seu RD.

Em Cura de Mesa de Plasticina, devemos assegurar-nos todas as vezes que o Pc está satisfeito. Isto é feito mais por observação do que com o comando. É, contudo, feito.

No Nível III supomos ter um auditor que está em muito boa forma e pode observar. Assim, *vemos* que o Pc está satisfeito e não o menciona. Vemos assim quando o Pc está em dúvida e por isso, obtemos algo de que o Pc esteja certo ao responder à pergunta.

Por outro lado, *todos* os comandos necessários são dados vigorosa e exatamente, obtendo a sua execução.

Prepcheck e uso da agulha são ensinados no Nível III, assim como Cura de Mesa de Plasticina. Audição por Lista também. Na audição estilo abreviado, podemos ver o Pc (que está a limpar uma pergunta de Lista) a dar uma dúzia de respostas num instante. Não se impede que o faça, dá-se um meio acusar de receção, deixando-o continuar. Estamos de facto só a lidar com um ciclo de comunicação maior. A pergunta produz mais que uma resposta que é na realidade apenas uma resposta. E quando essa resposta é dada, é-lhe acusada a receção.

Nós *vemos* quando a agulha está limpa sem qualquer fórmula de perguntas que invalidem todo o alívio do Pc. E vemos quando *não está* limpa pela confusão contínua no rosto do Pc.

Há truques envolvidos nisto. Fazemos uma pergunta ao Pc com a palavra chave incluída, e notando que a agulha não treme concluímos assim que a pergunta sobre a palavra está esgotada. E por isso não a verificamos de novo. Exemplo: “mais alguma coisa foi suprimida?” Um olho no Pc, outro no e-metro. A agulha



não estremece. O Pc parece reservado. O auditor diz: “Muito bem, em _____” e vai para a próxima pergunta eliminando uma possível leitura de protesto que pode ser tomada por outra “supressão”.

Na audição estilo abreviado colamos ao essencial e deixamos a rotina quando ela impede o avanço de caso. Mas isso não quer dizer que andemos à deriva. Ainda seremos mais decididos, minuciosos com a audição estilo abreviado do que na rotina.

Estamos a ver o que acontece e a fazer exatamente o suficiente para atingir o resultado esperado.

Por “abreviado” queremos dizer fazer o trabalho exato, o caminho mais curto entre dois pontos, sem desperdício de perguntas.

Neste momento o estudante já deve saber que corre um processo para atingir um resultado exato e corre-o de maneira a atingir esse resultado no mais curto espaço de tempo.

O estudante é ensinado a guiar rapidamente, sem tempo para grandes desvios. Neste nível os processos são todos ra-ta-ta-ta; Cura de Mesa de Plasticina, Prepcheck, Audição por Listas.

Repito, é o número de vezes que a pergunta de audição é respondida por unidade de tempo de audição que faz o resultado rápido.

NÍVEL IV

AUDIÇÃO ESTILO DIRETO

Por direto queremos dizer rigoroso, concentrado, intenso, aplicado duma forma direta.

Não queremos dar a direto o sentido de dirigir ou guiar. Queremos é dizer que *é* direto.

Por direto não queremos dizer franco ou abrupto. Pelo contrário, pomos a atenção do Pc no seu banco e tudo o que fizermos é calculado apenas para tornar essa atenção *mais* direta.

Também podia significar que não estamos a auditar através de vias. Estamos a auditar diretamente as coisas que precisam ser alcançadas para fazer alguém Clear.

Fora isto, a atitude de audição é *muito* fácil e descontraída.

No Nível IV temos a Clarificação de Mesa de Plasticina e processos tipo verificação.

Estes dois tipos de processos são ambos espantosamente *diretos*. Eles são diretamente apontados à mente reativa. São feitos de forma direta.

Na Clarificação de Mesa de Plasticina, temos dos Pcs quase só trabalho e *itsa*. De um extremo ao outro da sessão, poderemos ter apenas alguns comandos de audição. É que um Pc em Clarificação de Mesa de Plasticina, faz quase todo o trabalho se está minimamente em sessão.

Temos assim outra implicação na palavra “direto”. O Pc está a falar diretamente para o auditor sobre o que está a fazer e porquê, em Clarificação de Mesa de Plasticina. O auditor dificilmente abre a boca.

Em Verificação, o auditor aponta diretamente para o banco do Pc e não deseja na sua frente um Pc pensativo, especulador, divagante ou a fazer *itsa*. Esta verificação é, por isso, uma ação muito *direta*.

Tudo isto requer um controle do Pc, fácil, suave, de “mão de ferro em luva de veludo”. *Parece* fácil e descontraído como estilo, mas é rigoroso, como uma espada de Toledo.

O truque é ser direto no que é requerido e não desviar nada. O auditor estabelece o que deve ser feito, dá o comando e depois o pc pode trabalhar muito tempo, com o auditor alerta, atento, completamente descontraído.

Em Verificação, muitas vezes o auditor não presta qualquer atenção ao Pc, como nas quebras de ARC ou listas de verificação. Na verdade, um Pc deste nível está treinado para estar quieto durante a verificação de uma lista.

E na Clarificação de Mesa de Plasticina um auditor pode estar quieto uma hora seguida.



Os testes são: pode o auditor manter o Pc quieto enquanto verifica, sem lhe quebrar o ARC? Pode o auditor mandar fazer qualquer coisa ao Pc e depois, com o Pc trabalhar nisso, manter-se quieto e atento durante uma hora, compreendendo tudo e interromper prontamente só quando não compreende e mandar o Pc clarificar-lho, de novo sem lhe quebrar o ARC?

Poderíamos confundir este estilo direto com o estilo ouvir se meramente olharmos para uma sessão de Clarificação de Mesa de Plasticina. Mas que diferença. No estilo ouvir o Pc anda para ali às cegas. No estilo direto, o Pc divaga um pouco para fora da linha e começa a fazer ita, digamos, sem o trabalho de plasticina, era depois disso óbvio para o auditor que este Pc tinha esquecido a plasticina, veríamos o auditor, rápido como uma seta, olhar muito interessado para o Pc e dizer: “vamos ver isso em massa”. Ou o Pc não dando uma capacidade que realmente deseja melhorar, ouviríamos a voz uma voz muito persuasiva do auditor: “tens a certeza absoluta que queres melhorar isso? A mim parece-me uma meta. Simplesmente algo, uma capacidade que gostarias de melhorar”.

Este estilo poderia chamar-se audição de uma via. Depois o Pc recebe as suas ordens, é tudo do Pc para o auditor e tudo o que envolve a execução dessa instrução de audição. Quando o auditor está a verificar, é tudo do auditor para o Pc. Só quando a ação de verificação encontra um empecilho como um PTP é usado outro estilo de audição.

Este é um estilo de audição muito extremo. Ele é francamente direto.

Mas em qualquer nível, quando necessário, os estilos de audição aprendidos abaixo deste, são também empregados com frequência, mas nunca nas verdadeiras ações de Clarificação na Mesa de Plasticina e de Verificação.

(Nota: o Nível V seria no mesmo estilo de VI abaixo).

NÍVEL VI

TODOS OS ESTILOS

Até agora temos lidado com ações simples.

Agora temos um auditor a manejar um e-metro e um Pc a fazer ita e a cognitar e que tem PTPs e Quebras de ARC e Carga de Linha e que cognita e encontra itens e lista e em que tudo tem que ser manejado, manejado, manejado.

Como o TA de audição para uma sessão de 2 ½ h pode ir de 79 a 125 divisões (comparado com 10 ou 15 no nível inferior), o *ritmo* da sessão é maior. É este ritmo que torna vital uma capacidade perfeita em cada nível inferior, quando eles combinam todos os estilos. É que cada um deles é agora mais rápido.

Por isso aprendemos todos os estilos apreendendo bem cada um dos estilos inferiores, observando e aplicando depois o estilo necessário cada vez que é necessário, mudando de estilo tanto como uma vez por minuto!

A melhor maneira de aprender todos os estilos, é ficar perito em cada um dos estilos inferiores, a fim de usar o estilo correto para a situação, cada vez que ocorra a situação que exige esse estilo.

É menos duro do que parece.

Use o estilo errado numa situação e estão feitos. Quebra de ARC! Nenhum progresso!

Exemplo: em plena verificação a agulha fica suja. O auditor não pode, ou não deve continuar. O auditor, no estilo direto, levanta os olhos para ver um franzir de testa confuso. O auditor tem que mudar para estilo guiado a fim de descobrir o que o Pc tem. (o que provavelmente na realidade não sabe), depois estilo ouvir enquanto o Pc cognita sobre um PTP que acaba de emergir e incomoda o Pc, depois para o estilo direto para acabar a verificação em progresso.

A única maneira de um auditor ficar confuso em todos os estilos, é não ser bom num dos estilos de nível inferior.



Uma inspeção cuidadosa mostrará onde o estudante que usa todos os estilos escorrega. Pomos então o estudante a rever e praticar um pouco o estilo que não estava bem aprendido.

Assim, todo o estilo, quando devidamente feito, é muito fácil de remediar, pois estará errado num ou mais dos estilos de nível inferior. E como todos eles podem ser ensinados independentemente uns dos outros, o todo pode ser coordenado. Todos os estilos são difíceis de fazer quando não dominamos um dos estilos de nível inferior.

SUMÁRIO

Estes são os estilos importantes de audição. Existiram outros, mas são apenas variações dos dados neste HCOB. O estilo tom 40 é o mais notável aqui em falta. Ele continua como estilo prático no Nível I para cada manejo destemido corpos e para ensinar a obter obediência ao seu comando. Na prática já não é usado.

Como era necessário ter todos os resultados e todos os processos para todos os níveis, para finalizar, deixei este para o fim e cá está.

Por favor notem que nenhum destes estilos viola o ciclo de comunicação de audição ou os TRs.

L. RON HUBBARD

Fundador



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB DE 10 DE DEZEMBRO DE 1964

AUDIÇÃO ESTILO OUVIR

Existem duas maneiras de usar o Estilo Ouvir de Audição:

1. Como membro de equipas diretamente orientadas por um supervisor de audição;
2. Como Auditor individual

O treino correto no procedimento do Nível 0, é pôr o auditor a fazer o estilo em co audição até que esteja confiante e, depois, treiná-lo a fazer o mesmo como Auditor individual.

CO AUDIÇÃO DO ESTILO OUVIR

A versão de co audição existe unicamente para pôr o auditor a auditar sem ter de assumir demasiada responsabilidade.

Nesta versão é, realmente, o instrutor quem está a fazer a audição. Ele começa a sessão e diz ao auditor para dar os comandos e acusar a receção. Se este relacionamento for entendido, a supervisão de um grupo de pares do Nível 0 torna-se muito mais fácil.

O procedimento para uma Co-audição Estilo Ouvir é a seguinte:

1. O instrutor pede aos auditores para mandarem sentar os seus preclaros e depois senta-se ele.
2. Escreve num quadro o fraseado exato do processo a ser usado.
3. Pergunta aos estudantes se está bem serem auditados nessa sala.
4. Diz aos Auditores e preclaros o que vai ser feito na sessão (Fator-R) e clarifica quaisquer perguntas que dos preclaros (obviamente que a ênfase será em capacitá-los a falar com qualquer pessoa).
5. Diz aos Auditores e preclaros que só é permitido ao Auditor dar o comando e acusar a receção às suas respostas. Se o preclaro disser qualquer coisa que não possa ser resolvida com um acusar de receção, o Auditor põe a mão atrás das costas e espera pelo instrutor.
6. Diz aos Auditores para manterem os seus relatórios de audição.
7. O Instrutor então diz: "Começo da Sessão". E diz aos Auditor para darem o comando. Não são estabelecidas metas nem são feitos rudimentos.

Notas: Aos estudantes deve ser ensinado que antes de acusarem a receção devem compreender a resposta do preclaro. É-lhes permitido, contudo, pedir ao preclaro para explicar melhor uma resposta ou uma palavra de modo a que o Auditor a compreenda.

Se um estudante puser as mãos atrás das costas, o instrutor entra na sessão e, sem a terminar, resolve o que for preciso e deixa a sessão continuar. Ele terá o cuidado de não se transformar totalmente no auditor do preclaro visto que se irá estabelecer um fenómeno de transferência e os preclaros vão inventar problemas a fim de obterem mais atenção. O Instrutor deve ter um E-Metro à mão de modo a que, em caso de Quebra de ARC, faça rapidamente uma verificação. Quando ele faz uma Verificação de Quebra de ARC, tem, é claro, o cuidado de não auditar o preclaro e unicamente localiza e indica a carga-ultrapassada.

No final do período o Instrutor diz: "Comecem a terminar as sessões". Espera algum tempo e depois diz: "Digam ao vosso Auditor quaisquer resultados que tenham tido na sessão. Os Auditores escrevem-nos". Espera de novo um bocado e depois diz: "Muito bem, vou terminar agora a sessão. Fim da Sessão". O Instrutor então dá as instruções necessárias, quer para terminar o período quer para preparar a sala para o período seguinte ou dar um intervalo, etc.

ESTILO OUVIR INDIVIDUAL

É feito exatamente como a versão de co audição mas neste caso, é claro, o auditor coordena a sessão. Passa-se deste modo:

1. O Auditor manda o preclaro sentar-se e depois senta-se ele à sua frente com os joelhos a alguns centímetros dos do preclaro. É usada uma mesa ou simplesmente duas cadeiras sendo, neste caso, o relatório do auditor mantido numa prancha de mola. Não há, é claro, E-Metro.
2. O Auditor tira o comando exato de audição a ser usado do seu livro, boletim ou notas.
3. Pergunta ao preclaro se aceita ser auditado na sala e, se não, corrige as coisas ajustando a sala ou a localização da audição.
4. Ele diz ao preclaro o objetivo destas sessões (Fator de Realidade): "Quero habituar-te a falar com outra pessoa," "Quero aumentar a tua área de influência", etc. Trata-se neste nível, da meta do Auditor, e não do preclaro. Aos preclaros não é dada oportunidade de terem metas no Estilo Ouvir, visto que estabeleceriam metas que não conseguiriam atingir neste nível e, de qualquer modo, não teriam suficiente realidade sobre a audição para serem sensatos sobre ela. Portanto, só é usado um Fator-R, e nenhuma metas. O Auditor também diz ao preclaro *exatamente* quanto tempo a sessão vai durar.
5. O Auditor diz ao preclaro que o que vai fazer é só ouvi-lo e tentar compreendê-lo, e que só quer que ele fale do assunto que o auditor lhe vai dar, e que se se desviar dele, o auditor vai chamar-lhe a atenção.
6. O Auditor começa então rapidamente o seu relatório de audição.
7. O Auditor diz: "Começo da Sessão".
8. O Auditor dá o comando tirado do seu texto, boletim ou notas. O comando tem que ter algo a ver com dizer coisas às pessoas ou com comunicar e pode também especificar um assunto sobre o qual falar.
9. Só são dados mais comandos quando o preclaro perde de vista o assunto e quer saber do que se tratava (ver Rotinas do Nível 0 para o tratamento exato dos comandos).
10. Quando o preclaro diz algo e espera obviamente uma resposta, o Auditor manifesta tê-lo ouvido usando qualquer método usual.
11. Quando o preclaro diz algo que o Auditor não compreende, este pede ao preclaro para o repetir ou para o explicar de modo a que o consiga *ouvir* no sentido mais completo da palavra. (Ver "Os Incitadores" abaixo. Só 4 são permitidos).
12. Quando o preclaro para de falar, o Auditor deve decidir se o preclaro já não está simplesmente interessado no assunto ou não tem vontade de falar de alguma parte dele. Se o Auditor acreditar que o preclaro parou por embaraço ou por qualquer outra razão, tem Os Incitadores, a única coisa que é autorizado a usar.

Incitador (a) "Encontraste alguma coisa que pensas que me fará pensar mal de ti?"

Incitador (b) "Há alguma coisa que pensaste sobre isto que achas que eu não compreenderia?"

Incitador (c) "Disseste alguma coisa que sentiste que eu não tinha compreendido?"

Se assim foi, diz-me outra vez".

Incitador (d) "Encontraste alguma coisa que tu não compreendeste?

Se assim foi, fala-me disso”.

(O estudante tem de saber estes incitadores de cor). Ele usa tantos quantos necessários, na sequência dada, a fim de pôr o preclaro de novo a falar.

O Auditor não pode iniciar um novo assunto ou processo só porque o preclaro não consegue continuar a falar. Toda a essência do Nível 0 é fazer com que o preclaro esteja à altura de ter vontade de falar sobre qualquer coisa com qualquer pessoa. Deste modo, qualquer incitamento também é permitido. Ameaças são proibidas. (a), (b), (c) e (d) são normalmente suficientes. Estas são as razões mais vulgares que levam as pessoas a parar de falar. Uma mera distração é resolvida relembrando ao preclaro o assunto.

13. Novos Processos (ou novos assuntos numa Rotina que sejam, em essência, novos processos) são só iniciados quando o preclaro se avivou e se tornou bastante capaz por ter ficado bastante confortável com o último. Se compreendermos que a única meta do Nível 0 é pôr as pessoas com vontade de falar com os outros sobre qualquer coisa, uma capacidade recuperada num assunto indica quando iniciar um novo processo. Se o auditor puder responder a si próprio afirmativamente a esta pergunta, então pode avançar para um novo processo: "Este preclaro é capaz de falar livremente sobre (assunto do último processo)?" Se assim for, será correto selecionar uma nova pergunta da mesma rotina ou uma nova Rotina (mais raramente) e iniciar agora a pergunta. Mas não é nunca correto impedir um preclaro de falar, interrompendo-o com uma nova pergunta. *Nunca* se fazem perguntas no Nível 0 que peçam um desenvolvimento. Também não há perguntas do tipo comentário. O auditor só ouve as respostas às perguntas e interrompe unicamente quando verdadeiramente não ouviu ou não compreendeu alguma coisa. Não existe, é claro, o uso repetitivo dos comandos visto que isso é Nível Um. Os mesmos comandos são dados raramente, mas só para manter o preclaro a andar. Comandos repetitivos sinco-pados e respostas curtas do preclaro *não* pertencem ao Nível 0.
14. Para o fim do período de audição, o Auditor avisa: "O tempo da sessão está quase a acabar. Vamos ter de terminar daqui a pouco”.
15. Quando o preclaro fez mais um ou dois comentários, o Auditor diz: "Vamos agora terminar a sessão. O tempo acabou. Obtiveste alguns resultados nesta sessão?"
16. As respostas do preclaro são *rapidamente* anotadas.
17. O Auditor diz: "Fim da Sessão”.

Nota: É claro que os preclaros continuam por vezes a falar e tornam difícil acabar a sessão. De qualquer modo, acaba-a. Se isto parecer chocar o preclaro, faz-lhe notar a hora estabelecida para o fim da sessão e diz-lhe também: "Vamos ter mais audição e abordaremos isso na próxima sessão”. Terá *sempre* problemas em terminar uma sessão se não estabelecer a sua duração no Fator-R do passo 4. Quando o Auditor anota a hora no seu relatório (ver 4) deve dizer: "Esta sessão vai durar exatamente até ____ (horas e minutos)”. Deste modo ele tem uma marca para terminar. Um Auditor nunca deve ultrapassar essa hora e, é claro, tem de auditar até a alcançar. Isto, a propósito, não se aplica só ao Nível 0. Trata-se de uma boa prática para todas as sessões de audição normal. A única exceção é o assiste na qual se audita até um resultado específico. Na audição geral procuram-se resultados gerais e não rasgos súbitos e momentâneos.

O Auditor, neste nível e no seguinte, quer esteja em co audição quer em sessões individuais, depressa ficará impressionado com este facto: quanto mais falar na sessão, menos ganhos o preclaro fará. Portanto, o Auditor faz muito pouco na sessão e é lindamente pago por isso em termos de resultados no preclaro.



VERIFICADOR
DE
SEGURANÇA

Fundador



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB DE 1 de OUTUBRO de 1965

Remimeo

Todos os Estudantes

TR DE MURMÚRIO

NOME: TR de Murmúrio.

PROPÓSITO: aperfeiçoar o ciclo de comm de audição amordaçada.

COMANDOS: “Os peixes nadam?” “Os pássaros voam?”

POSIÇÃO: Estudante e treinador sentados na frente um do outro a uma distância confortável.

ÊNFASE DO TREINO:

1. O Treinador manda o estudante dar o comando.
2. O Treinador murmura uma resposta ininteligível em momentos diferentes.
3. O Estudante acusa-lhe a receção.
4. O Treinador dá falha se o estudante fizer outra coisa exceto acusar-lhe a receção.

(Nota: Esta é a *totalidade* deste Exercício. Não será confundido com qualquer outro Exercício de Treino).

L. RON HUBBARD



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB de 10 DE JULHO de 1964

Remimeo

Estudantes Sthil

Franquia

OVERTS, ORDEM: DE EFICÁCIA NO PROCESSAMENTO

(EXAME ESTRELA exceto a Lista de Palavras Proibidas)

Será descoberto no processando dos vários níveis de caso, que correr overts é muito eficaz na elevação do nível de causa de um Pc.

A escala, por testes reais de correr vários níveis de resposta do Pc, parece ser algo assim:

- I ITSA - Deixar o Pc discutir os sentimentos de culpa a respeito de si mesmo com pouca ou nenhuma direção por parte do auditor.
- I ITSA - Deixar o Pc discutir os seus sentimentos de culpa a respeito de outros, com pouca ou nenhuma direção por parte do auditor.
- II O/W REPETITIVO - Usar apenas: “Nesta vida o que é que fizeste?” “O que é que não fizeste?” Alternadamente.
- III VERIFICAÇÃO POR LISTA - Usar listas existentes ou listas especialmente preparadas de possíveis overts, limpando o E-Metro cada vez que lê numa pergunta e usando a pergunta só enquanto lê.
- IV JUSTIFICAÇÕES - Perguntar ao Pc o que fez e então usando essa circunstância (se aplicável) descobrir por que é que “isso” não era um overt.

O conselho entra nisto sob o título de instrução: “Tu estás perturbado acerca daquela pessoa porque lhe fizeste algo”.

As dinâmicas também entram permissivamente nisto acima de Nível I, mas o Pc vagueia ao redor delas. No Nível III a pessoa pode também dirigir a atenção para as várias dinâmicas, fazendo primeiro a verificação e a seguir usar ou preparar uma lista das dinâmicas encontradas.

RESPONSABILIDADE

Não há nenhuma razão para esperar uma grande responsabilidade do Pc pelos seus próprios overts abaixo de Nível IV e o auditor que procura fazer os Pcs sentir ou tomar responsabilidade por overts, está simplesmente a empurrá-lo para baixo. Os Pcs ressentir-se-ão por os terem feito sentir culpados. Realmente o auditor só pode conseguir isso e não ganhos de caso. E o Pc terá Quebras de ARC.

No Nível IV começamos com este assunto da responsabilidade, mas novamente o objetivo é fazê-lo indiretamente. Agora não há qualquer necessidade para trabalhar Responsabilidade ao fazer O/Ws.

A compreensão de que uma pessoa *realmente* fez algo é um retorno de responsabilidade e este ganho é melhor obtido só por aproximação indireta, como nos processos acima.

QUEBRA DE ARC

A causa mais comum de fracasso ao percorrer overts é “limpar limpos”, quer a pessoa esteja ou não a usar um E-Metro. O Pc que realmente tem mais para contar não quebra o ARC quando o Auditor lho continua a pedir, mas pode refilar e por fim desistir.

Por outro lado, deixando um overt tocado no caso chamando-lhe limpo, provocará uma Quebra de ARC com o auditor.

“Disseste tudo?” evita limpar um limpo. O Pc fora do E-Metro pode ver-se iluminar-se. No E-Metro você obtém uma boa queda, se ele já disse tudo.

“Eu não descobri algo?” evita deixar um overt por revelar. No Pc sem e-metro a reação é um ligeiro abalo. Num Pc com e-metro dá uma leitura.

Um *protesto* de um Pc contra uma pergunta também será visível num Pc sem e-metro, numa espécie de exasperação vacilante que por fim se torna um uivo de pura confusão, pelo que o auditor não aceitará a resposta de que é tudo. Num E-Metro, o protesto duma pergunta cai ao ser perguntado: “esta pergunta está a ser protestada?”

Não há nenhuma desculpa real para Quebrar o ARC dum Pc.

1. Exigindo mais que lá está ou.
2. Deixando um overt por revelar que depois indisporá o Pc contra o auditor.

PALAVRAS PROIBIDAS

Não use as palavras seguintes em comandos de audição. Podendo elas ser usadas em discussão ou nomenclatura, por várias boas razões elas devem ser agora evitadas num comando de audição:

Responsabilidade (s)

Justificação (ões)

Contenção(ões)

Fracasso (s) Dificuldade (s)

Desejo (s)

Aqui

Além

Compulsão (ões) (ivamente)

Obsessão (ões) (ivamente)

Nenhuma restrição invulgar deve ser dada a estas palavras. Só que não emoldure um comando que as inclua. Use qualquer outra coisa.

PORQUÊ O TRABALHO DE OVERTS

Os overts dão o mais alto ganho, elevando o nível de causa, porque eles são a maior razão por que uma pessoa se restringe e retém a ação.

O Homem é basicamente bom. Mas a mente reativa tende a forçá-lo a ações más.

Estas ações más são instintivamente lamentadas e o indivíduo tenta abster-se de fazer *seja o que for*. O “melhor” remédio, pensa o indivíduo, é conter-me. “Se eu cometo ações más, então, a minha melhor garantia para não as cometer é não fazer *nada* de nada”. Assim nós temos o “preguiçoso”, a pessoa inativa.

Outros que tentam fazer um indivíduo sentir-se culpado por cometer más ações, só aumentam essa tendência para a preguiça.



A punição é suposto provocar inação. E fá-lo. De algumas formas inesperados.

Porém, também há uma inversão (uma reviravolta) em que o indivíduo cai abaixo do reconhecimento de qualquer ação. O indivíduo em tal estado, não pode conceber qualquer ação e então não pode reter ação. E assim nós temos o criminoso que não pode realmente agir, mas só reagir, ficando sem qualquer auto-direcção. Isto é a razão por que o castigo não cura a criminalidade, mas de facto cria-a; o indivíduo é conduzido para baixo de contenção ou de qualquer reconhecimento de qualquer ação. As mãos de um ladrão roubaram a joia, o ladrão somente foi um espectador inocente da ação das próprias mãos. Os criminosos são pessoas fisicamente muito doentes.

Assim há um nível abaixo de contenção de que um auditor deve estar alerta nalguns Pcs, os “não tenho contenções” e “não fiz nada”, tudo o que, visto pelos seus olhos, é verdade. Eles estão a dizer meramente “não me posso conter” e “não queria fazer o que fiz”.

O caminho de saída para tal caso é igual ao de qualquer outro caso. Só que mais longo. Os processos para níveis acima também são como estes casos. Mas não fique ansioso ao ver um retorno *súbito* de responsabilidade, pois o primeiro “ato” assumido que esta pessoa *sabe* ter feito, pode ser “tomar o pequeno almoço”. Não desdenhe dessas respostas, particularmente no Nível II. Antes pelo contrário, procure essas respostas nessas pessoas.

Há outro tipo de caso em tudo isso, só mais um para terminar a lista. Este é o caso que nunca corre O/Ws, mas “procura a explicação, o que é que eu fiz, que fez tudo acontecer-me a mim”.

Esta pessoa vai facilmente a vidas passadas à procura de respostas. A sua reação a uma pergunta sobre o que fizeram, é tentar descobrir o que fizeram que ganhou todos esses motivadoras. Isso, claro que, não é correr o processo e o auditor deve estar alerta para isso e deve parar quando está a acontecer.

Este tipo de caso vai ao máximo da culpabilidade. Inventa overts para explicar o porquê. Depois da maioria dos grandes crimes, a polícia tem uma dúzia ou duas de pessoas que habitualmente aparecem e confessam. Você vê, se eles tivessem cometido o crime, isso explicaria a razão porque eles se sentem culpados. Como é bem terrível viver com um terror de estômago, a pessoa é capaz de buscar alguma explicação para isso, se só isso o explicar.

Em tais casos a mesma aproximação dada funciona, mas a é preciso ter *muito* cuidado para não deixar o Pc tirar overts que não cometeu.

Tal Pc (reconhecível pela facilidade com que mergulha no passado extremo) quando auditado fora dum E-Metro fica cada vez mais frenético e cada vez mais selvagem em overts reportados. Eles deveriam ficar mais tranquilos debaixo de processamento, claro, mas os falsos overts põem-nos frenéticos e agitados numa sessão. Num E-Metro, confere simplesmente “contaste-me algo além do que realmente aconteceu?” Ou “contaste-me alguma inverdade?”

Os guias observação e E-Metro dados nesta secção, são usados durante uma sessão quando se aplicam, mas não sistematicamente tal como depois de cada resposta do Pc. Estes guias observações e E-Metro, são sempre usados no fim de cada sessão nos Pcs aos quais se aplicam.

L. RON HUBBARD



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB de 12 DE JULHO de 1964

CIENTOLOGIA DE I A IV

MAIS INFORMAÇÕES SOBRE O/WS

Os processos de Itsa para O/W são quase ilimitados.

Há, no entanto, um distinto não deve no Nível 1, tal como nos níveis superiores, **NÃO PERCORRA UM PROCESSO QUE FAÇA COM QUE O PC SE SINTA ACUSADO.**

Um pc vai se sentir acusado se for auditado acima do seu nível. E lembre-se que quedas temporárias no nível podem ocorrer, como durante Quebras de ARC com o auditor ou a vida.

Um processo pode ser acusativo porque é formulado muito fortemente. Pode ser acusativo para o pc pois o pc se sente culpado ou na defensiva de qualquer maneira.

No Nível 1, os processos corretos de O/W podem apanhar os problemas que são descritos em alguns pcs sem ficar muito pessoal sobre isso.

Aqui estão alguns processos de Nível I:

"Diga-me algumas coisas que você acha que não deveria ter feito."

"Diga-me o que fez que o meteu em problemas."

"O que você não faria outra vez?"

"Quais são algumas coisas que uma pessoa não deveria dizer?"

"O que é que traz problemas a uma pessoa?"

"O que é que você fez de que se arrepende?"

"O que você disse que desejava não ter dito?"

"O que é que você aconselhou outros a fazer?"

Existem muitos mais.

Estes, no nível II, todos se convertem em processos repetitivos.

No nível III tais processos convertem-se em listas.

No nível IV tais processos convertem-se em como não eram overt, como não eram realmente overt ou em justificações de um tipo ou outro.

Deve haver cuidado em não percorrer fortemente um processo do tipo fora-de-ARC. Este é o comando que pede momentos fora-de-afinidade, momentos fora de realidade e de incidentes de comunicação.

Toda a carga depois de baseia-se em ARC prévio. Por conseguinte, para um withhold existir deve ter havido anteriormente comunicação. Incidentes de ARC são básicos em todas as cadeias. Os fora de ARC são mais tarde na cadeia. Deve-se obter um básico para limpar uma cadeia. Caso contrário fica-se com



respostas recorrentes. (Pc traz sempre o mesmo incidente uma e outra vez visto que não se tem o básico da cadeia.)

Você pode alternar um comando ARC com um comando de fora-do-ARC. "O que você fez?" (significa que se tinha de alcançar e entrar em contato com) pode ser alternada com "O que você não fez?" (significa que não alcançou e não contactou).

Mas se somente se auditar o processo fora-de-ARC (não alcançou e não contactou) o pc vai em breve do atolar-se.

Por outro lado, um processo ARC pode continuar a ser auditado sem efeitos colaterais ruins, ou seja "O que você fez?"

"Que coisa ruim você fez?" é uma mistura de ARC e fora-de-ARC. Fez alcança e contacta. Ruim deseja que não tivesse feito.

Portanto, comandos unicamente acusativos perturbam o pc não por causa do estatuto social ou insulto, mas porque um pc, particularmente em níveis inferiores de caso, deseja tão fortemente que não o tivesse feito que um verdadeiro overt é realmente um withhold e o pc não apenas o retém do auditor mas dele próprio também.

L RON HUBBARD

Fundador

SECÇÃO OITO: TEORIA BÁSICA DE O/W

GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,
HCOB DE 23 DE DEZEMBRO DE 1959

RESPONSABILIDADE

Se a definição de OT é estar disposto a ser causa consciente sobre todas as dinâmicas, então pode imediatamente ver-se que a responsabilidade tem que andar a par e passo com a produção de um OT.

Não podemos fazer as-is de actos pelos quais não estamos a assumir responsabilidade, mas sim por actos pelos quais somos realmente responsáveis.

A razão porque uma pessoa tem amnésia em relação às suas vidas passadas, ou até nega a sua existência, reside na responsabilidade. Ela não está disposta a assumir responsabilidade por ter sido esta ou aquela identidade. Isto restimula-a em tempo presente e fecha-a sobre si mesma, sempre que ela deixa de assumir responsabilidade pelo seu semelhante.

Combatendo “outras identidades” em tempo presente, ela cessa de assumir a responsabilidade por outras identidades.

Assim, aquelas que teve no passado, tornam-se “outra gente” e ela dramatiza as suas próprias identidades passadas porque não consegue assumir responsabilidade por elas.

Quando uma pessoa se afasta da responsabilidade nas várias dinâmicas, pode então tornar-se cada vez mais incapaz de influenciar essas dinâmicas e torna-se, por isso, uma vítima delas.

Ela deve ter feito a outras dinâmicas aquilo que elas parecem ter agora o poder de lhe fazer a ela.

É por isso que uma pessoa pode ser lesada. Pode perder o controlo. Pode de facto ficar um zero em influência e um magnete de problemas.

A forma como uma pessoa fica isolada dos outros é através dos seus próprios overts contra eles. Estes overts tornam-se ocultações e então a pessoa individualiza-se fortemente.

Já vimos isto acontecer em audição. Quanto mais overts o Auditor tem contra o Pc menos disposto está a auditá-lo. Também quanto mais overts o Pc tem contra o auditor, menos disposto está a ficar em sessão.

Parece como se apenas causa e efeito estivessem em acção. Na verdade, toda a vida consiste de causas opostas, quando é aberrada.



A maneira como uma pessoa foge de uma sessão, de uma organização ou da Cientologia é simples. Ela retém informação e esconde os seus overts. Algum tempo depois deserta.

Mostrem-me um Pc que foge de uma sessão e eu vos mostrarei um Pc que não foi franco com o seu Auditor, e que é culpado de overts não declarados contra as dinâmicas e contra o seu Auditor.

Mostrem-me um membro do pessoal que deserta da Organização e eu vos mostrarei um sujeito que é culpado de overts não declarados contra a Organização.

É fatal auditar alguém sem que uma profunda comunicação nos dois sentidos seja estabelecida entre o Auditor e o Pc. Uma pessoa que continua a ser auditada sem assumir a responsabilidade pelo que fez, é uma pessoa que não terá ganhos de audição ou cujos ganhos de audição depressa desaparecerão.

Como a maior parte da raça humana tem overts não declarados, facto que por si só assume proporções gigantescas na sobrevivência da Cientologia e, por essa razão apenas, teremos que lhe atribuir a parte de leão da nossa atenção daqui em diante.

Claro que ao princípio veremos muita gente que não se aproximará de nós com medo daquilo que possamos descobrir. Mas à medida que isto é melhor compreendido veremos que as pessoas que vêm até nós virão com a disposição de nos revelar a sua culpa e erradicá-la.

Por isto, não podemos então ter entre nós ninguém com overts não declarados contra as dinâmicas que impediriam a obtenção dos seus ganhos em processamento, nem podemos ter quem ponha as confidências da pessoa em risco de serem usadas para fins menos puros.

Junto com esta descoberta técnica vem então a imposição administrativa de que as nossas mãos têm de estar limpas e os nossos corações puros. A nossa força será a força de um bilião se não tivermos nada a esconder.

Isto pode ou não ser popular. Isso não importa. É eficaz e isso já importa.

E lembrem-se que, sempre que uma pessoa põe à vista overts e ocultações desabonadoras, temos que percorrer a parte desse ato ou desse incidente pelo qual ela consegue ser responsável.

Vamos ver mais ganhos de caso do que jamais vimos antes, desde que tenhamos o vigor para ultrapassar esta primeira lomba.

Assim, aqui nós passamos da irresponsabilidade à responsabilidade, da culpa à força e tudo num abrir e fechar de olhos.

L. Ron Hubbard
Fundador



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB DE 28 DE JANEIRO DE 1960

RESPONSABILIDADE, A CHAVE DE TODOS OS CASOS

Durante os últimos três meses fiz várias descobertas importantes no campo da mente humana que alisaram os bocados e partes que entravavam a nossa rota no sentido de tornar os programas de clearing amplo possíveis.

A primeira delas foi a descoberta que o braço de Tom do E-Metro, em vez da agulha era mais importante na análise do caso. Quando o braço de Tom lê em três para os homens e dois para mulheres no E-Metro moderno, um processo pode ser considerado flat. Além de vários estados especiais tais como mudanças de Valência, isto mantém-se verdadeiro. Quando o braço de Tom lê na posição de clear para o sexo da pessoa, não importa o que se tenta reestimar no caso, você tem um clear. Além disso, as áreas quentes da pista de tempo são localizadas porque atiram o braço de tom para cima ou para baixo. Boa audição hoje em dia não pode ser feita sem um e-metro de boa qualidade e fiável tal como distribuídos pelo HCO WW no Reino Unido e pelas empresas Wingate nos Estados Unidos. Pode-se dizer que o e-metro só agora se tornou uma necessidade absoluta na análise geral e audição - usando o E-Meter corretamente podemos alcançar Clears.

A seguir, mas não em importância, foi a descoberta da anatomia da RESPONSABILIDADE. Embora a responsabilidade tenha sido conhecida como um fator de caso desde 1951 (tal como tem sido a sequência overt - motivador) não foi senão agora que fui capaz de a correr bem nos casos.

A responsabilidade é uma significância. Os Pcs definem-na de várias maneiras. E todos tendem bastante a fugir dela. Os Pcs em geral fingem que seriam muito pelo contrário vítimas em vez das fontes causadoras - que são o que há de errado com os seus casos. Para poder percorrer a responsabilidade tive que descobrir muito mais sobre ela e não foi senão no final de 1959 que fui capaz de a definir de maneira a poder ser percorrida passar a existir num caso.

Ora eu mencionei aqui o e-metro em primeiro lugar porque é a NÍVEL DE RESPONSABILIDADE que faz com que o braço de tom do e-metro flutue. Coloque o pc numa área que tem uma leitura muito elevada de braço de tom ou muito baixa e vai encontrar o pc numa zona no tempo em que ele estava a ser muito irresponsável.

Nem sempre é verdade que um pc que lê na leitura de clear para o seu sexo (3.0 ou 2.0), é elevado em matéria de responsabilidade. Há uma inversão da questão onde o pc é tão baixo em responsabilidade que recebe apenas uma leitura do corpo para o seu sexo e é tudo. O teste disto é a audição da responsabilidade, que consta do presente Boletim. Se o pc, auditado em responsabilidade, altera a posição do braço do tom, saindo da leitura de clear, esse pc tem talvez uma viagem muito longa a percorrer antes que possa atingir qualquer responsabilidade. Se um pc é auditado em responsabilidade conforme os dados aqui, se a sua pista for explorada, e o braço de Tom lê e continua a ler em clear, então ele é muito clear e muito responsável. Mas você teria que percorrer um pouco o pc e não apenas ler o e-metro para obter uma visão precisa da questão em causa. Por outras palavras, não olhe para overtos para fazer o check-out de um caso. Procure flutuações do braço de tom quando a responsabilidade é auditada. É preciso, pelo menos, um certo nível de responsabilidade para mostrar-se atos overt no e-metro.

O que é que exatamente o e-metro lê? Ele lê o grau de massa mental que cerca o thetan num corpo.

Um thetan acumula massa mental, imagens, Ridges, circuitos, etc., na medida em que atribui mal a responsabilidade. Se ele faz alguma coisa e, em seguida, diz que foi feito por algo ou alguém, em seguida, então



ele falhou de atribuir causa corretamente e, fazendo-o, ele é deixado, é claro, com uma massa mental aparentemente não causada. Isso para nós é o "banco".

Para Freud era o "inconsciente". Para o psiquiatra é loucura. Portanto, ele tem tanto banco quanto negou a causa. Como ele é a única causa que poderia pendurar – se na massa, a única causa mal atribuída é, portanto, a causa própria. A causalidade de outras pessoas não é aberrativa e não se pendura exceto na medida em que o pc seja provocado a atribuir mal a causa. A causa de outras pessoas, portanto, nunca é auditada.

Aqui, temos a anatomia da mente reativa. O denominador comum de todas estas Ridges indesejadas, massas, imagens, engramas, etc., é a RESPONSABILIDADE.

A descoberta da anatomia direta da RESPONSABILIDADE é a seguinte:

Capaz de admitir causalidade.

Capaz de se reter.

Isto você vai reconhecer como o velho alcançar e retirar e como fundamentais para cada processo bem-sucedido. Mas agora podemos refinar isso no processo exato que realiza uma remoção da mente reativa e o restabelecimento da causalidade e responsabilidade.

Um thetan não restaurará sua própria capacidade até que esteja certo de que pode afastar-se das coisas. Quando descobre que não pode, então ele reduz o seu próprio poder. Ele não vai deixar-se ser mais poderoso do que acredita que pode usar energia. Quando se zanga obviamente não pode controlar nada, nem pode realmente direcionar qualquer coisa. Quando causa algo que acha que é ruim, procura em seguida reter-se. Se não consegue reter-se, então começa a causar compulsivamente coisas que são ruins e têm os atos overt acontecendo.

O que chamamos de responsabilidade é restaurado em qualquer assunto ou em qualquer caso com a seleção de um terminal (não uma significância) e sendo auditado nele:

O QUE PODERIA ADMITIR CAUSAR A UM (TERMINAL)?

PENSE EM ALGO QUE VOCÊ PODERIA RETER DE UM (TERMINAL).

Os atos Overt procedem da irresponsabilidade. Portanto quando a responsabilidade declina, atos overt podem ocorrer. Quando a responsabilidade diminui para zero, então uma pessoa que faz atos overt já não os concebe como sendo atos overt e NÃO SE OBTÉM NEM UM TIQUE NA AGULHA DO E-METRO ao procurar overt e Withholds num tal caso. Assim, alguns criminosos não registariam de todo em overt mesmo que tivessem a pilhagem no bolso! E muitas vezes é necessário em qualquer caso, percorrer causa/reter em terminais da vida presente como dado acima antes que a pessoa consiga conceber ter cometido qualquer overt contra esses terminais.

ISTO É MUITO IMPORTANTE: Nenhum caso será auditado bem e muitos casos não serão de todo auditados com todos com overt e Withholds da vida presente não revelados e não limpos. Esses overt e Withholds nem sequer aparecem ATÉ QUE A VERSÃO DE RESPONSABILIDADE DADA NESTE DOCUMENTO SEJA LIBERALMENTE PERCORRIDA NO CASO. Escolha qualquer área onde o pc se concebe como uma vítima. Selecione um terminal que represente essa área e que reaja no E-Metro. Percorra causar/reter como dado aqui nesse terminal e veja os overt saltarem à vista. Não é necessário resolver estes overt qualquer outro processo quando surgem, visto que causar/reter aqui dado é responsabilidade.

Existem outros fatores em casos que necessitam de tratamento, mas todos estes são tratados com processos de responsabilidade. Se todos os fatores envolvidos num caso forem bem tratados com estes dados, você terá um theta Clear quem será capaz de fazer um monte de coisas que os seres humanos não conseguem fazer. E se você tratou um caso totalmente com este material e suas habilidades especializadas, então teria um Thetan Operacional. Felizmente para este universo nenhum thetan vai deixar-se libertar a menos que possa operar sem perigo para os outros e o fator da responsabilidade esteja bem acima em todas as dinâmicas.



Este material é coberto nas palestras do Congresso de Washington de Janeiro 1960 (nove horas) e nas palestras do Curso de HCS, Washington, Janeiro de 1960 (nove horas). O Congresso, que foi muito calorosamente recebido em Washington, está sendo repetido em muitas áreas a pedido do público e o Curso de HCS está sendo dado como o curso HCS/BScn em todas as organizações centrais.

Este é o grande avanço com que estamos começando a década de 1960. Estamos contando com HGCs despejando theta clears a intervalos regulares e estamos trabalhando para pôr todo o staff das Organizações Centrais theta clear em cursos de Clearing do pessoal.

Este material também está agora sendo usado em Cursos de PE, que deve correr da seguinte forma:

Curso PE de uma semana com demonstrações de TR, grátis. As pessoas passam deste curso diretamente para Co-Audição (nenhum curso de Comunicação), pagando uma taxa, com o processo a seguir: "O que conseguiria admitir causar a uma pessoa?" "O que conseguiria reter de uma pessoa?"

Terminais sem ser "uma pessoa" podem ser selecionados pelo instrutor de Co-Audição. Um intensivo completo por HGCs dado na base do procedimento de OT-3 está suficientemente à frente disto para tornar a Audição individual necessária na maioria dos casos. O OT-3 foi emitido para todas as Orgs Centrais que têm as fitas HCS de Washington. Os CCHs são usados em casos incapazes de definir termos.

Em vista deste material e do que hoje é conhecido sobre responsabilidade e overts e o que fazem ao nível de caso, um novo tipo de Justiça surgiu, tornando completamente desnecessária a punição. Podem conhecer uma pessoa pelo seu nível de caso. Ele avança ou não? Ele elege outros ogres quando ele próprio fez as coisas ou manifesta a Cientologia em si mesmo?

Este é um ponto de vista novo e pode fazer uma nova terra. Começamos na década de 1960 da forma correta como eu acho que vão descobrir.

L. RON HUBBARD



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD
Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,
HCOB DE 8 DE SETEMBRO DE 1964

NÍVEIS II A IV

OVERTS, O QUE ESTÁ POR TRÁS DELES

Fiz recentemente uma descoberta muito básica em matéria de overts e gostaria de fazer rapidamente uma nota formal sobre isso.

Podemos chamar-lhe o “Ciclo do Overt”.

4. Um ser parece ter um motivador.
3. Isto é por causa de um overt que o ser cometeu.
2. O ser cometeu um overt porque não compreendeu algo.
1. O ser não compreendeu algo porque uma palavra ou símbolo não foi compreendido.

Por isso todas as condições de derrocada, doença, etc., podem conduzir a um símbolo mal-entendido, por estranho que possa parecer.

Tudo se passa da seguinte forma:

1. Um ser não consegue o significado de uma palavra ou símbolo.
2. Isto provoca no ser um mal-entendido da área do símbolo ou palavra (de quem a usou ou ao que fosse aplicada).
3. Isto faz com que o ser se sinta divergente ou antagónico contra a pessoa que usou ou contra algo do símbolo, tornado assim um overt aceitável.
4. Tendo cometido um overt, o ser sente agora que tem que ter um motivador, sentindo-se assim em derrocada.

Isto é o material de que os infernos são feitos. Esta é a armadilha. É por isso que as pessoas ficam doentes. Isto é a estupidez e a falta de capacidade.

É por isso que a audição da mesa de plasticina funciona.

Clarificar um Pc consiste então apenas em localizar a área do motivador, encontrando o que foi mal-entendido, fazendo a palavra em plasticina e explicando-a. Os overts voam. Pura magia.

O truque é localizar a área onde o Pc tem uma coisa destas.

Isto é ainda mais debatido na palestra de SH. de 3 Set. 64, mas é uma descoberta demasiado importante para ser deixada só em fita.

O ciclo é: Palavra ou Símbolo mal-entendido → afastamento de ARC com as coisas associadas à palavra ou símbolo → overt cometido → motivador tido como necessário para justificar o overt → declínio e liberdade, atividade, inteligência, bem-estar e saúde.

Sabendo isto e a tech de audição podem então manejar-se e clarificar estes símbolos e palavras, e produzir os ganhos que descrevemos como dos Claros, pois as coisas que causam esse declínio são removidas do ser.

L. Ron Hubbard
Fundador



VERIFICADOR
DE
SEGURANÇA



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD
SOLAR DE ST. HILL, GRINSTEAD ORIENTAL, SUSSEX,
HCOB DE 20 MAIO DE 1968

Corrigido & Reemitido 5.3.74
(Única mudança neste tipo de letra)

Remimeo

SEQUÊNCIA OVERT-MOTIVADOR

CURSOS DE DIANÉTICA

NÍVEL DOIS

AUDIÇÃO. SOLO

SECÇÕES DE OT

Há uma importante descoberta feita em 1952 no assunto de engramas que não foi incluída no “Livro Um”, *Dianética: A Ciência Moderna da Saúde Mental*.

Foi a “Sequência Overt-Motivador de Engramas”.

UM OVERT, em Dn e Scn, é um ato agressivo ou destrutivo do indivíduo contra uma ou outra das 8 Dinâmicas (a própria pessoa, família, grupo, humanidade, animais, plantas, MEST, Espírito e o Infinito).

UM MOTIVADOR é um ato agressivo ou destrutivo recebido pelo indivíduo ou por uma das Dinâmicas.

Depende do ponto de vista a partir do qual o ato é visto, para se resolver se ele é overt ou motivador.

A razão porque se chama Motivador é que ele instiga a pessoa a desforrar-se, e “motiva” um novo overt.

Quando alguém fez mal a alguém ou a alguma coisa, tende a acreditar que isso deve ser mitigado.

Quando alguém sofreu algo de mau, tende também a acreditar que algo deve ter sido feito para o merecer.

Os pontos acima são verdadeiros. As ações e reações das pessoas sobre o assunto são frequentemente muito falsificadas.

As pessoas andam às voltas acreditando que tiveram um acidente de carro, quando na verdade o provocaram.

Por outro lado, também podem acreditar que provocaram um acidente quando só estiveram *metidas* nele.

Há pessoas que ao saberem de uma morte, acreditam logo que devem ter morto a pessoa, mesmo estando muito distantes.

A polícia, nas grandes cidades, vê como rotina gente que confessa quase todos os assassinatos.



Não é preciso que um indivíduo esteja louco para estar sujeito à sequência overt-motivador e não só é usada pelos outros nele, como é também uma parte básica do seu caso.

Existem dois extremos do fenómeno overt-motivador. Um é a pessoa que só apresenta motivadores (sempre o que lhe é feito a ela) e a outra que é a pessoa que só comete overt (o que ela faz aos outros).

Ao auditar engramas, você verificará:

1. Todos os engramas-overt que ficam pendurados (difíceis de auditar), têm *também* um engrama motivador no mesmo incidente, ou num incidente diferente.
2. Todos os engramas motivadores que ficam pendurados (difíceis de auditar), têm um engrama overt no mesmo ou num incidente diferente.

Os dois tipos de engramas são engramas-overt e engramas-motivador.

Exemplo de engramas-overt: DAR UM TIRO NUM CÃO.

Exemplo de engramas-motivador: SER MORDIDO POR UM CÃO.

A regra é que o ASSUNTO DA COISA DEVE SER SIMILAR.

Podem estar em pontos diferentes no tempo.

Quando não pode apagar um engrama da dentada do cão, então vai encontrar aí o engrama de “dar um tiro no cão”.

DOENÇAS PSICOSSOMÁTICAS OU ABERRAÇÕES QUE NÃO SE RESOLVEM PELO TRABALHO DE UM LADO, RESOLVEM USUALMENTE ENCONTRANDO E TRABALHANDO O OUTRO LADO.

Quando não pode apagar um engrama sobre “dar um tiro num cão”, é porque existe outro que é “ser mordido por um cão”.

É tudo realmente muito simples. Existem sempre os dois lados da moeda. Se um não se apaga, tenta o outro.

BÁSICOS

Encontrar o engrama básico numa cadeia também se aplica a encontrar o engrama overt ou motivador básico.

Os engramas ficam, então, pendurados quando:

- (a) O outro tipo precisa de ser trabalhado e
- (b) O que foi encontrado contém engramas anteriores.

ENGRAMAS NÃO-EXISTENTES

Um engrama às vezes não existiu. Um Pc pode estar a tentar correr ter sido atropelado por um carro quando nunca o foi.

O que é preciso, quando o incidente não se esgota é obter o incidente do Pc a atropelar alguém.

Também funciona ao contrário. Um Pc pode estar a tentar correr um engrama de atropelar alguém quando de facto só foi ele próprio atropelado e nunca atropelou ninguém.



Assim AMBOS os engramas podem existir e ser corridos, ou só existe um lado e pode ser corrido ou, com um pesado estrago em overt e motivadores, um lado pode ser não-factual e não correrá porque só existe o outro lado.

É fácil de visualizar isto como matéria de fluxos. Um overt é claro que é um efluxo e um motivador é um afluxo.

SECUNDÁRIOS

Pode nunca ter sido dito que os secundários assentam sempre firmemente em incidentes de verdadeira dor e inconsciência.

Também podem existir secundários no padrão da sequência overt-motivador da mesma maneira que nos engramas.

Esta é a causa de emoções congeladas ou pessoas “não emotivas”. Também é a de algumas pessoas que reclamam que já não sentem nada.

Isto funciona segundo a sequência overt-motivador. Uma pessoa com o desgosto de uma perda (desgosto é sempre perda) que então não o pode correr, provocou desgosto e aquele overt-secundário pode ser corrido.

Também uma pessoa mal-humorada por causar desgosto, sofreu desgosto. Funciona em ambos os sentidos com **TODOS OS PONTOS DA ESCALA DE TOM**.

Esta última é uma descoberta mais recente e não era conhecido dos antigos Dianeticistas.

Os fenómenos do Engrama Overt-motivador não tiveram disseminação adequada. O princípio aplicado a secundários não foi antes divulgado.

É basicamente o percurso de Engramas de Dianética que no fim resolve todos os casos, por isso melhor será a pessoa ser satisfatória a auditar Engramas e Secundários, tanto Motivadores como Overts.

L. RON HUBBARD

Fundador



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,
HCOB DE 8 DE FEVEREIRO DE 1962

URGENTE

WITHHOLDS FALHADOS

O item em que os Cientologistas em todos os lugares devem obter uma realidade ainda maior é o WITHHOLD FALHADO e os transtornos que causam.

TODA a perturbação com as Orgs Centrais, com Auditores de campo, com pcs, com tudo isso, é verificada ter origem num ou mais WITHHOLD FALHADO.

Todo o pc propenso a Quebras de ARC é-o por causa de um Withhold Falhado. Todo o pc insatisfeito está insatisfeito por causa de WITHHOLDS FALHADOS.

Temos que obter uma realidade flamejante sobre este assunto.

O QUE É UM WITHHOLD FALHADO?

Um withhold falhado não é apenas um withhold. Por favor, grave isto nas paredes de pedras. Um withhold falhado é um withhold que existiu, poderia ter sido apanhado e FALHOU-SE de o fazer.

A mecânica envolvida nisto é dada no Curso Especial de Briefing de Saint Hill, palestra de 1 de fevereiro de 1962.

O facto consta das palestras Congresso de D.C. de Dezembro 30-31, 1 de Janeiro de 1962.

Desde esse Congresso ainda mais dados se acumularam. Esses dados são grandes, volumosos e esmagadores.

A pessoa com queixas tem WITHHOLDS FALHADOS. A pessoa com enthetas tem WITHHOLDS FALHADOS. Não são necessárias políticas e diplomacia para lidar com essas pessoas. Política e diplomacia falharão. Você precisa de habilidade em Audição especializada, um e-metro britânico Mark IV, a pessoa nas latas e retirar os WITHHOLDS FALHADOS a essa pessoa.

Uma WITHHOLD FALHADO é um withhold que existiu, foi tocado e não foi puxado. Não há gritos no inferno como os de um withhold desprezado.

Um programa de WITHHOLDS FALHADOS não seria um em que o auditor puxa os Withholds de um pc. Um programa de WITHHOLDS FALHADOS seria um em que o auditor procura e encontra quando e onde os Withholds estavam disponíveis, mas foram FALHADOS.

O withhold nem precisa de ter sido solicitado. Ele meramente precisa ter estado disponível.

E se não foi puxado, depois disso você tem uma pessoa inclinada a críticas, combativa, propenso a Quebras de ARC ou enthetas.

Este é o único ponto perigoso na Audição. Esta é a única coisa que transforma ocasionalmente num erro a frase, "qualquer Audição é melhor do que nenhuma Audição." Essa linha é verdadeira com uma exceção. Se um withhold estava disponível mas foi descurado, depois disso você tem um caso fracassado.

COMO O AUDITAR

Para apanhar Withholds Falhados não peça Withholds, pede Withholds Falhados.

Exemplo de pergunta:



"Que withhold foi deixado escapar em você?"

O auditor, em seguida, prossegue para descobrir o que era e quem o deixou escapar. E a agulha de Mark IV é limpa de reações em sensibilidade 16 em todo este tipo de perguntas.

Longe vai a desculpa "Ela não regista no e-metro." Isso é verdade nos velhos e-metros, não no britânico Mark IV.

E se o pc considera que não é um overt, e não consegue conceber overts, você ainda tem a pergunta "não sabia". Exemplo: "O que é que um auditor não sabia numa sessão de Audição?"

EXEMPLO DE UMA SESSÃO DE WITHHOLDS FALHADOS

Pergunte ao pc se alguém alguma vez falhou um withhold nele (ou nela) numa sessão de Audição.

Limpe-o. Retire todas as reações da agulha com a sensibilidade a 16.

Em seguida, localize a primeira sessão de Audição que o pc teve. Audite até flat "O que é que esse auditor não sabia?" "O que esse auditor não sabia sobre você?"

É uma boa medida introduzir os ruds para essa primeira sessão. Na Audição de um auditor, faça também a mesma coisa para o seu primeiro pc.

Em seguida, pegue em qualquer sessão em que ele está preso. Trate-a exatamente da mesma maneira. (Se fizer o pc inspecionar todas as suas audições, desde a primeira sessão que foi limpa até ao tempo presente, o pc vai ficar preso numa sessão em algum lugar. Trate essa sessão do mesmo como a primeira sessão. Pode inspecionar uma e outra vez, encontrando as sessões presas e obtendo os Withholds fora dessa sessão e ruds como descrito acima.)

Limpe todas as sessões que conseguir encontrar. E obtenha o que o auditor não sabia, o que o auditor não sabia sobre o pc e, como boa medida, introduza os outros ruds.

Limpando uma sessão antiga dará ao pc de repente todos os ganhos latente nessa sessão. Vale a pena fazê-lo!

Isso pode ser estendido para "O que é que a org não sabia sobre você?" para aqueles que já tiveram problemas com ela.

E ele pode ser estendido a qualquer área da vida onde o pc tem tido problemas.

RESUMO

Se você limpar como acima os Withholds que foram falhados em qualquer pc ou pessoa, você terá qualquer caso a voar.

Então isto não se trata apenas de dados de emergência para uso em intensivos falhados. É uma tecnologia vital que pode fazer maravilhas pelos casos.

EM QUALQUER CASO EM QUE TENHA SIDO AUDITADA UMA PARTE DE UM INTENSIVO, ANTES DE CONTINUAR, O AUDITOR DEVE GASTAR ALGUM TEMPO LOCALIZANDO WITHHOLDS QUE PODERIA TER FALHADO NESSE PC.

Qualquer pc que está terminando uma semana de Audição deve ser cuidadosamente verificado por Withholds que possam ter sido falhados.

Qualquer pc que está terminando os seus intensivos deve ser o mais cuidadosamente verificado quanto a Withholds falhados. Isto traz ganhos repentinos de audição.

Qualquer caso que não esteja pronto a reconhecer overts vai responder a "não sabia sobre si" quando o caso não responde a "withhold".

Qualquer aluno deve ser verificado semanalmente quanto a Withholds falhados.

Qualquer pessoa que está dando qualquer dificuldade a um auditor, ao campo, à organização, a um curso ou à Cien-tologia, deve ser apanhado e verificado quanto a Withholds.

É comprovadamente verdade nos cinco continentes que qualquer outro e-metro apenas ocasionalmente alcança abaixo do nível de consciência e o Mark IV britânico alcança-o profundamente e bem. É perigoso auditar sem um e-metro porque então você realmente falha Withholds. É perigoso fazer audição sem saber como realmente usar um e-metro por causa dos Withholds falhados. É perigoso auditar com qualquer outro e-metro que não seja um Mark



IV britânico. É SEGURO audição se você sabe manejar um metro e se usar um Mark IV britânico e se puxar todos os Withholds e Withholds falhados.

CADA golpe que já teve com um pc deveu-se INTEIRAMENTE a ter falhado um withhold, quer estivesse usando um e-metro ou não, quer estivesse pedido Withholds ou não.

Tente-o apenas da próxima vez que um pc ficar perturbado e verá que falo a verdade usual.

L. RON HUBBARD



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB DE 12 FEVEREIRO DE 1962

COMO LIMPAR WITHHOLDS E WITHHOLDS FALHADOS

Finalmente repus a forma de limpar Withholds com uma fórmula fixa que compreende todos os elementos fundamentais necessários à obtenção de ganhos importantes num caso, sem deixar escapar o mínimo withhold.

As etapas que vão seguir-se formam agora O modo de limpar um withhold ou um withhold falhado.

O OBJETIVO DO AUDITOR

O objetivo do auditor é de levar o pc a olhar de tal forma que ele possa falar ao auditor.

O objetivo do auditor não é de fazer falar o pc. Se o pc estiver *em sessão*, ele falará ao auditor. Se o pc não estiver em sessão, ele não entregará Withholds ao auditor. *Nunca* tive dificuldades em obter um withhold de um pc. Tive por vezes dificuldade em levar o pc a *encontrar* um withhold para me falar dele. Se o pc não quiser dizer um withhold ao auditor (e que o pc sabe qual é), remedeia-se isso com os rudimentos.

Digo a mim próprio, com razão, que se o pc tiver consciência disso, ele mo dirá. O meu papel é de ajudar o pc a encontrá-lo, de tal forma que tenha qualquer coisa para me dizer. O principal equívoco do auditor que tira Withholds é partir do princípio que o pc já os conhece, mesmo que não exista nada.

Aplicado à risca, este sistema permitirá ao pc encontrar um withhold, eliminar toda a carga dele e de o revelar inteiramente ao auditor.

Falhar um withhold ou não o sacar inteiramente é a *única* fonte de quebras de ARC.

Que isto se torne bem real para todos a partir de agora. Todos os problemas vocês têm, que têm tido ou que terão com pcs propensos a quebras de ARC provêm única e exclusivamente de terem reestimulado um withhold, sem o terem conseguido extrair. Isso, o pc nunca perdoa. O sistema que vai seguir-se permite contornar esta massa sólida formada por Withholds Falhados e as suas enormes consequências.

O SISTEMA DO WITHHOLD

Este sistema compõe-se de cinco partes:

0. A Dificuldade a ser manejada.
1. Que withhold é.
2. Quando aconteceu o withhold.
3. Tudo sobre o withhold.
4. Quem deveria ter sabido disso.

Repete-se montes e montes de vezes as etapas (2), (3), e (4), verificando de cada vez a etapa (1), até que (1) não reaja mais.



As etapas (2), (3) e (4) limpam (1). (1) Remedeia *em parte* (0).

Limpa-se (0) encontrado muitos (1)'s e resolve-se (1) percorrendo montes de vezes as etapas (2), (3) e (4).

Estas etapas chamam-se: (0) Dificuldade, (1) O quê, (2) Quando, (3) Tudo, (4) Quem. O auditor tem de memorizá-las como: O quê, Quando, Tudo, Quem. A ordem não varia nunca. Fazem-se as perguntas uma após outra. Nenhuma delas é uma pergunta repetitiva.

UTILIZAR UM MARK IV

Toda a ação se faz num Mark IV. Não se utiliza outro e-metro, porque os outros e-metros podem ler eletronicamente bem, mas não registam tão bem as reações mentais.

Façam todo este sistema e todas as perguntas com sensibilidade 16.

AS PERGUNTAS

0. A pergunta apropriada e correspondente à dificuldade do pc. O e-metro lê.
1. O quê. “O que é que tu reténs...?” (a Dificuldade) (ou como dado em futuras emissões).
O e-metro lê. O pc responde com um withhold, grande ou pequeno.
2. Quando. “Quando é que isso ocorreu?” ou “Quando é que isso aconteceu?” ou “Em que altura foi.”
O e-metro lê. O auditor pode datar numa generalidade ou rigorosamente no e-metro. Uma generalidade é melhor a princípio, um datar rigoroso usa-se mais tarde nesta sequência no mesmo w/h.
3. Tudo. “É tudo acerca disto?” O e-metro lê. O pc responde.
4. Quem. “Quem deveria ter sabido isto?”, “Quem é que não descobriu isto?” O e-metro lê. O pc responde.

Agora, testem (1) com a mesma pergunta que teve na primeira vez uma leitura no e-metro. (A pergunta para (1) nunca varia no mesmo withhold)

Se a agulha ainda lê, perguntar de novo (2), depois (3), depois (4), recolhendo de um o máximo possível de dados. Depois testem de novo (1). (1) é apenas testado nunca examinado profundamente exceto usando (2), (3) e (4).

Continuem esta rotação até que (1) limpe na agulha e assim não mais reaja num teste.

Tratem sempre desta maneira qualquer withhold que encontrem (ou tenham descoberto).

RESUMO

Estão a assistir à antestreia de PREPARAÇÃO PARA CLEARING. “Prepclearing”, abreviando. Abandonem qualquer referência ulterior a verificação de segurança ou séc. Check. A tarefa do auditor em Prepclearing é preparar os rudimentos de um pc para que eles não possam ficar fora durante a 3D Criss-Cross.

O valor do Prepclearing em ganho de caso é maior que qualquer audição prévia Classe I ou Classe II.

Estamos muito acima da Verificação de Segurança em facilidade de audição e em ganhos de caso.

Em breve terão as dez listas de Prepclearing que vos darão as perguntas (0) e (1). Entretanto, tratem cada withhold que encontrem conforme acima para o bem do preclaro, para seu bem como auditor e para o bem do bom nome da Cientologia.



(Nota: Para praticar neste sistema, peguem num withhold que um pc vos tenha dado várias vezes a vós ou a vós e a outros auditores. Tratem a pergunta que originalmente se confundiu por (1) e limpem-na como acima neste sistema. Vão ficar espantados.)

LRH:sf.cden

L RON HUBBARD
FUNDADOR



GABINETE DE COMUNICAÇÕES DE HUBBARD

St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex

HCOB DE 21 DE SETEMBRO DE 1965

Remimeo

Dados vitais para:

Sec. de tech

Sec. de Qual

Dir. Rev.

Ds de P

Oficiais de Treino do HGC

Ds de T

Supervisor de curso

Todos os Estudantes

TECH FORA

(Dados adicionais ao HCOB de 13 de Setembros de 1965)

TODOS ESTES DADOS FORAM COBERTOS E EXPLICADOS NO CURSO ESPECIAL BREVÍARIO DE ST. HILL,
FITA DE 21 DE SETEMBRO DE 1965

Note que os 5 GAEs também são cobertos na Conferência gravada de 10 de Julho de 1963.

Ver também HCOPL de 21 de Setembro de 1965, Emissão II, "Teste de Estimativa do Auditor"

Os cinco Erros Grosseiros de Audição (GAEs) são:

- 1- Não saber manejar e ler um E-Metro.
- 2- Não conhecer os dados técnicos e não os saber aplicar.
- 3- Não ser capaz de pôr e manter um Pc em sessão.
- 4- Não conseguir completar um ciclo de audição.
- 5- Não conseguir completar um ciclo repetitivo de audição. (Incluindo repetir um comando o suficiente para esgotar um processo).

São estes os únicos erros procurados quando corrigir a audição de um Auditor.

As seis coisas que podem estar erradas com o Pc são:

1. O Pc é Supressivo.
2. O Pc é SEMPRE um Potencial Transmissor de Sarilhos se fizer Montanha Russa (perda de ganho obtido na audição) e só encontrando o supressivo CERTO é que fica limpo. Nenhuma outra ação o fará. *Não* há nenhuma outra razão para Montanha Russa.



3. *Jamais* se deve auditar um Pc com Quebra de ARC um minuto sequer, mas sim localizar e indicar a carga ultrapassada *de imediato*. De outro modo será lesado o caso do Pc.
4. Um problema de tempo presente de longa duração impede os bons ganhos e envia o Pc para a parte de trás da banda (do tempo).
5. As *únicas* razões por que um Pc é crítico são uma Contenção ou uma palavra mal-entendida, e NÃO há razão alguma diferente destas. E ao tentar localizar uma Contenção não é a de um motivador feito ao Pc, mas de alguma coisa que o Pc fez.
6. Overts contínuos escondidos são a causa de nenhum ganho de caso (veja o número 1, Supressivo).

TECH DENTRO

Ao introduzir a Tech basta localizar no Auditor (ou em si próprio como Auditor) quais dos 5 GAEs estão a ser cometidos, e no Pc quais dos seis acima estão fora.

Não há qualquer razão exterior para os 11 itens dados. Introduzir a Tech exige introduzir os 5 para Auditores e os seis para Pcs e, depois disso, vigiar os 5 nos Auditores e os 6 nos Pcs, correndo processos padrão.

Procurar outras razões é um em si mesmo um erro grosseiro. Não há outras.

L. RON HUBBARD

LRH:ml:cdm



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB DE 21 de JANEIRO de 1960

Franchises
Secs HCO
Secs Assn
Pessoal de HCO e HASI

JUSTIFICAÇÃO

Quando uma pessoa cometeu um ato overt e então o conteve, ela normalmente emprega o mecanismo social da justificação.

Todos nós temos ouvido pessoas a tentar justificar as suas ações e todos nós soubemos instintivamente que aquela justificação era equivalente a uma confissão de culpa. Mas não entendemos até agora o exato mecanismo que está por trás da justificação.

Na falta de Audição de Cientologia não havia meio de uma pessoa poder aliviar a consciência de ter cometido um ato overt, exceto tentando minorar o overt.

Algumas igrejas usaram um mecanismo de confissão. Este foi um esforço limitado para aliviar uma pessoa da pressão dos seus actos overt. O mecanismo da confissão foi depois empregado como uma espécie de chantagem pelo qual poderia ser obtido um aumento de contribuição da pessoa em confissão. De facto, este é um mecanismo limitado a tal ponto que pode ser extremamente perigoso. A confissão religiosa não leva consigo qualquer real força de responsabilidade ao indivíduo, mas, pelo contrário, busca pôr a responsabilidade à porta da Divindade, uma espécie de blasfémia em si mesmo. Eu não tenho aqui qualquer interesse pessoal na religião. A religião, como religião, é bastante natural. Mas a psicoterapia deve ser em si mesmo um facto completo ou, como todos nós sabemos, pode-se tornar um facto perigoso. É por isso que esgotamos engramas e processos. A confissão para ser não-perigosa e eficaz deve ser acompanhada por uma total aceitação de responsabilidade. Todos os actos overt são produto de irresponsabilidade numa ou mais dinâmicas.

As contenções são um tipo de ato overt em si mesmo, mas têm uma fonte diferente. Por estranho que pareça, nós acabámos decisivamente de provar que o homem é basicamente bom. Um facto que anda por entre os dentes de velhas convicções religiosas é que o homem é basicamente malévolos. O Homem é bom a tal ponto que, quando percebe que está a ser muito perigoso e em erro, procura minimizar o seu poder e, se isso não funcionar e ele ainda der por si a cometer actos overt, procura então demitir-se abandonando, ou deixando-se apanhar e executar. Sem esta computação a Polícia seria sempre impotente para descobrir o crime; o criminoso ajuda-a sempre a apanhá-lo. A razão porque a Polícia castiga o criminoso é o mistério. O criminoso apanhado quer ficar menos prejudicial à sociedade e quer reabilitação. Bem, se isto é verdade, então porque é que ele não alivia o fardo? O facto é este: aliviar o fardo é por ele considerado um ato overt. As pessoas contêm os actos overt porque concebem que falando seria outro ato overt. É como se os Thetans estivessem a tentar absorver e manter longe da vista todo o mal do mundo. Isto é mal pensado, pois contendo os actos overt estes são mantido a flutuar no universo e são eles próprios, como contenções, a única causa do mal continuado. O Homem é basicamente bom, mas ele ainda não pôde atingir a expressão disso. Ninguém a não ser o indivíduo poderia morrer pelos seus próprios pecados; arranjar as coisas de outro modo qualquer, era manter o homem acorrentado.

Devido a estes mecanismos, quando o fardo se tornou muito grande o homem foi dirigido para outro mecanismo: o esforço para minorar o tamanho e pressão do overt. Ele poderia fazer isto tentando apenas reduzir o tamanho e reputação do terminal. Daí, not-isness. Daí que, quando um homem cometeu um ato overt, seguiu normalmente um esforço para reduzir a bondade ou importância do objetivo do overt. Daí que o marido que trai a esposa ter que declarar que a esposa não era de modo algum nenhum bem. Assim



a esposa que traiu o marido, teve que reduzir o marido para reduzir o overt. Isto funciona em todas as dinâmicas. À luz disto, a maioria da crítica é uma justificação por ter cometido um overt.

Isto não quer dizer que todas as coisas são certas e que nenhuma crítica é jamais merecida em parte alguma. O Homem não está feliz. Ele é confrontado com destruição total a menos que nós endureçamos os nossos postulados. E o mecanismo do ato overt é simplesmente uma condição sórdida de jogo para que o homem escorregou sem saber para onde ia. Assim há largamente correção e incorreção de conduta, e sociedade, e vida, mas a censura crítica 1.1 ao acaso, quando não nascida de factos, é só um esforço para reduzir o tamanho do objeto do overt de forma a pessoa poder viver (espera ela) com o overt. Claro que criticar injustamente e baixar a reputação é em si mesmo um ato overt, logo este mecanismo não é de facto funcional.

Eis a fonte da espiral descendente. Uma pessoa comete actos overt sem querer. Ela busca justificá-los encontrando a falta ou deslocando a culpa. Isto condu-lo a overts adicionais contra os mesmos terminais, que conduzem a uma degradação dele próprio e às vezes desses terminais.

Os Cientologistas estavam completamente certos ao refutar a ideia do castigo. O castigo é apenas outro agravamento da sequência do overt e degrada o castigador. Mas as pessoas que são culpadas de overts, exigem castigo. Elas usam-no para as ajudar a conter-se (esperam elas) de violação adicional das dinâmicas. É a vítima que exige punição e é uma sociedade mal direccionada que lha concede. As pessoas vão-se abaixo e imploram para serem executadas. E quando você não condescende, a mulher desprezada fica, comparativamente, com temperamento doce. Eu deveria saber que tenho mais pessoas a tentarem eleger-me como executor do que vocês nem imaginam. E muitos dos Pcs que se sentam na sua cadeira de Pc para uma sessão, estão lá só para ser executados, e quando você teima em melhorar esse Pc, bom, está tramado, porque ele começa com este desejo de execução como uma nova cadeia de overts e procuram justificá-lo dizendo às pessoas que é um auditor mau.

Quando você ouve uma crítica acerba e brutal de alguém que parece tenso por pouco que seja, saiba que está com os olhos em overts contra a pessoa criticada, e que a próxima chance é puxar-lhe os overts e simplesmente remover esse pedaço de mal do mundo.

E lembre-se de imediato que se você mandar os seus Pc escrever e assinar estes overts e contenções e enviá-los para mim, ele ficará menos relutante em se agarrar aos fragmentos deles, contribuindo para um estoíro adicional de overts e menos deserções de Pcs. E corra sempre responsabilidade num Pc, quando ele descarrega muitos overts ou apenas um.

Nós temos as nossas mãos aqui no mecanismo que torna este universo louco, logo vamos dar-lhe um golpe e jogá-lo todo fora.

L. RON HUBBARD



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB DE 3 DE MAIO DE 1962

REVISTO a 5 de SETEMBRO de 1978

Remimeo

*(Este Boletim foi revisto para corrigir a definição
de agulha suja. Revisão neste estilo de letra).*

QUEBRAS DE ARC WITHHOLDS FALHADOS (MWHs)

(COMO USAR ESTE BOLETIM:

QUANDO UM AUDITOR OU ESTUDANTE TEM PROBLEMAS COM UM PC DE ARC QUEBRADIÇO OU SEM GANHOS, OU QUANDO SE DESCOBRE QUE UM AUDITOR USA MÉTODOS DE CONTROLO ESTRANHOS OU PROCESSOS PARA “MANTER UM PC EM SESSÃO”, O SECRETÁRIO DO HCO, DIRETOR DE TREINO OU DIRETOR DE PROCESSAMENTO DEVE SIMPLEMENTE ENTREGAR-LHE UM EXEMPLAR DESTES BOLETIM, MANDANDO-O ESTUDÁ-LO E SUBMETÊ-LO A UM EXAME DO HCO SOBRE O MESMO).

Depois de alguns meses de cuidadosa observação e testes, posso conclusivamente declarar que:

TODAS AS QUEBRAS DE ARC PROVÊM DE WITHHOLDS FALHADOS (MWHs).

Esta é uma tecnologia vital, vital para o auditor e para qualquer pessoa que quer viver.

Reciprocamente:

NÃO EXISTEM QUEBRAS DE ARC QUANDO OS MWHs FORAM LIMPOS.

WH: Significa UM OVERT CONTRA SOBREVIVÊNCIA NÃO DESCOBERTO.

MWH: Significa UM OVERT CONTRA SOBREVIVÊNCIA RESTIMULADO POR OUTREM, PORÉM NÃO DESCOBERTO.

Numa sessão de audição isto é MUITO mais importante do que a maior parte dos auditores jamais compreenderam. Mesmo quando se diz e mostra isto a alguns auditores, parece ainda assim não perceberem a sua importância e não usam este dado. Ao invés, continuam a usar estranhos métodos de controlar o Pc, assim como processos malucos nas Quebras de ARC.

Isto é tão grave que um auditor prefere deixar um Pc morrer a apanhar-lhe os MWHs! Por isso, a alergia de sacar MWHs pode ser tão grande que se sabe de um auditor que preferiu falhar redondamente a fazê-lo. Somente uma insistência continuada pode abrir a compreensão deste ponto. Quando este for trazido à compreensão, só então poderá a audição começar a acontecer em todo o mundo. O dado é dessa importância.



Uma sessão de audição é 50% de tecnologia e 50% de aplicação. Eu sou responsável pela tecnologia. O auditor é totalmente responsável pela aplicação. Só quando o auditor compreender isto é que pode começar a obter resultados uniformemente maravilhosos em toda a linha.

Agora nenhum auditor precisa de “algo mais”, de algum mecanismo esquisito, para manter Pcs em sessão.

APANHAR MWHS MANTÉM OS Pcs EM SESSÃO.

Não há necessidade de uma sessão rude, irritadiça e com quebra de ARC. Se isto acontece, *não* é culpa do Pc. É culpa do auditor. Este deixou de apanhar MWHS.

A partir de agora não é o Pc que determina o tom da sessão. É o auditor. E se este tem uma sessão difícil (desde que tenha usado tecnologia padrão, o modelo de sessão e possa usar um E-Metro) só a terá porque deixou de pedir MWHS.

O que chamamos de agulha suja (*uma agitação irregular da agulha, não limitada em tamanho, raivosa, aos arrancos e tiques, não varrendo e tendente a persistir*), é causada por WITHHOLDS FALHADOS, e não por WITHHOLDS.

A tecnologia atual é tão poderosa que tem que ser aplicada sem falhas. Fazem-se os CCHs em excelente 2WC com o Pc. Temos os nossos TRs, Sessão Modelo e a operação do E-Metro absolutamente perfeitos. Seguimos a tecnologia com exatidão e continuamos a puxar MWHS.

Existe uma ação e resposta exata e precisa do auditor para cada situação de audição e para cada caso. Atualmente não estamos bloqueados por abordagens variáveis. Quanto menos variáveis são as ações e as respostas do auditor, menor são as variáveis no Pc. É terrivelmente preciso. Não há lugar para falhas.

Além disso, cada ação do Pc tem uma resposta exata do auditor. E cada uma dessas tem o seu próprio exercício pelo qual pode ser apreendida.

A audição de hoje não é uma arte em tecnologia nem em procedimento. É uma ciência exata. Isto separa a Cientologia de cada uma das antigas práticas mentais.

A medicina progrediu somente até ao ponto em que as respostas do profissional foram padronizadas, e este tinha uma atitude profissional em relação ao público.

A Cientologia está muito à frente disso, hoje em dia.



Que alegria para um Pc receber uma sessão completamente padrão! Receber uma sessão conforme os livros. E que proveitos para o Pc! E como é fácil para o auditor!

O que faz a sessão não é tão interessante ou inteligente o auditor é. É tão standard ele é. E aí assenta a confiança do Pc.

Parte dessa tecnologia padrão é pedir MWHs sempre que o Pc começa a dar problemas. Isto é para um Pc um fator de controlo totalmente aceitável. E suaviza a sessão totalmente.

Não precisa nem deve usar qualquer processo de quebra de ARC. Basta pedir MWHs.

Eis algumas das manifestações resolvidas por MWHs:

1. Pc sem fazer progressos.
2. Pc crítico ou zangado com o auditor.
3. Pc recusar-se a falar com o auditor.
4. Pc tentar abandonar a sessão.
5. Pc não desejar ser auditado (ou qualquer pessoa não desejando ser auditada).
6. Pc entrar em BOIL-OFF.
7. Pc exausto.
8. Pc sentir-se enevoado no fim da sessão.
9. Queda de condição de ter (havingness)
10. Pc dizer a outros que o auditor não é bom.
11. Pc exigir reparação de erros.
12. Pc criticar organizações ou pessoas da Cientologia.
13. Pessoas criticarem a Cientologia.
14. Falta de resultados de audição.
15. Fracassos de disseminação.

Agora, acho que concordará termos na lista acima todos os males de que sofremos nas atividades de audição.

Agora, por favor, acredite-me quando digo que há UMA CURA para tudo isso e SOMENTE essa. Não há outras curas.

A cura está contida na simples pergunta ou suas variações “*será que te deixei passar um withhold?*”

OS COMANDOS

No caso de haver qualquer das condições de 1 a 15 acima dê ao Pc um dos seguintes comandos e LIMPE A AGULHA DE CADA REAÇÃO INSTANTÂNEA. Faça como teste final a exata pergunta que fez a primeira vez. A agulha tem que estar limpa de toda a reação instantânea antes de poder passar a qualquer outra coisa. Se cada vez que a agulha sacode o auditor disser: “isso” ou “ai” suavemente, ele ajuda o Pc, mas só a ver o que a está a sacudir. Não se interrompe o Pc se ele o estiver a falar. Este estímulo é o único uso das reações latentes em Cientologia (para ajudar o Pc a localizar o que reagiu de início).

As perguntas mais comuns são:

“Nesta sessão deixei-te escapar um withhold?”

“Nesta sessão deixei de descobrir algo?”

“Nesta sessão há algo que eu não sei a teu respeito?”

A melhor pergunta de withhold no começo de rudimentos é:

“Desde a última sessão fizeste alguma coisa de que não tomei conhecimento?”

Seguem-se Perguntas Zero de Prepcheck:

“Alguém deixou de descobrir a teu respeito algo que deveria ter descoberto?”

“Alguém alguma vez deixou de descobrir algo a teu respeito?”

“Existe algo que deixei de descobrir a teu respeito?”

“Alguma vez conseguiste esconder algo de um auditor?”

“Alguma vez fizeste algo que alguém não conseguiu descobrir a teu respeito?”

“Alguma vez nesta vida escapaste de ser descoberto?”

“Alguma vez conseguiste esconder algo com sucesso?”

“Alguma vez alguém foi incapaz de te localizar?”

(Essas Zeros não produzem perguntas “O que?” até o auditor ter localizado um “overt” - específico).

Ao fazer Prepcheck, quando trabalhar qualquer processo, a não ser CCHs, se qualquer das circunstâncias de audição de 1 a 15 acima ocorrer, peça MWHs. Antes de abandonar qualquer cadeia de overts no Prepcheck ou durante o mesmo, solicite frequentemente MWHs: “Deixei-te passar um withhold?” ou como acima.

Não termine intensivos em qualquer processo sem limpar MWHs.

Solicitar MWHs não perturba a regra de não usar processos de O/W em rudimentos.



A maior parte dos MWHs fica logo limpa com 2WC, *contanto* que o auditor não faça perguntas sugestivas sobre o que o Pc está a fazer. 2WC consiste em pedir o que o E-Metro mostrou, acusando a receção ao que o Pc disse e verificando de novo no E-Metro a pergunta de MWH. Se o Pc diz: “fiquei danado com a minha mulher” acuse só a receção e verifique no E-Metro a pergunta de MWHs. Não diga: “O que é que ela andou a fazer?”.

Ao limpar MWHs não use o sistema de Prepcheck a não ser que esteja a fazer Prepcheck. E mesmo no Prepcheck, se a pergunta Zero não é uma pergunta de MWHs e está apenas a verificar MWHs entre outras atividades, faça-o simplesmente como acima, através de 2WC, e não pelo sistema de Prepcheck.

Para levar a audição a um estado de perfeição, para obter uma limpeza generalizada, tudo o que temos a fazer é:

Conhecer os nossos básicos (Axiomas, Escalas, Códigos, Teoria Fundamental sobre o Thetan e a Mente.

Conhecer a nossa prática (TRs, Sessão Modelo, E-Metro, CCHs, Verificação Prévia e Rotina de Clarificação),

Na realidade não é pedir muito, pois a recompensa são os bons resultados e um mundo muito, muito melhor. E HPA/HCA¹s podem apresentar os dados em (1) acima e tudo, menos as rotinas de clarificação, no material em (2). Um HPA/HCA deve saber essas coisas com perfeição. Não são difíceis de aprender. Os aditivos e interpretações é que são duros de fazer circular, não os dados reais e o desempenho.

Sabendo dessas coisas, também precisamos de saber que tudo o que há a fazer é livrarmos o E-Metro dos MWHs para conseguir que o Pc fique atento e seja auditado sem dificuldade, tornando tudo tão feliz quanto um sonho de verão.

Nós estamos a criar todas as nossas próprias dificuldades. O nosso problema é a falta de aplicação exata da Cientologia.

Deixamos de a aplicar nas nossas vidas ou sessões, tentamos algo bizarro, e também falhamos aí. E, com os nossos TRs, Sessão Modelo, E-Metro, CCHs, Verificação Prévia e Rotina de Clarificação, estamos principalmente a deixar de puxar e limpar MWHs.

Não temos de limpar todos os WHs se mantivermos limpos os MWHs.

Dê a um auditor novo ordem para limpar MWHs e ele invariavelmente começará a pedir WHs ao Pc. *Isso* é um erro. Peça MWHs ao Pc. Porquê agitar novos MWHs quando ainda não limpou os *já* MWHs”. Em vez de apagar um fogo adiciona pólvora. Porquê procurar outros que não consegue descobrir quando ainda não encontrou os que *já são* MWHs.

Não seja tão *razoável* acerca das queixas do Pc. Certo, todas podem ser verdade, *mas* ele só está a queixar-se por causa das *WITHHOLDS* que foram *tocadas*. Só então ele se queixa amargamente.

Se quer aprender qualquer coisa, por favor, pelo menos aprenda e compreenda isto. O futuro da sua audição depende disto. O destino da Cientologia depende disto. Peça MWHs quando as sessões derem problemas. Obtenha MWHs quando a vida der problemas. Obtenha MWHs quando o pessoal dá problemas. Só

¹ HPA: Auditor Profissional Hubbard. HCA: Auditor Certificado Hubbard. Em dada altura HCA e HPA eram certificados equivalentes, sendo o HCA a designação Americana e HPA a Britânica. Um auditor Classe II.



então poderemos vencer e crescer. Estamos à espera de o ver ficar tecnicamente perfeito nos TRs, na Sessão Modelo, no E-Metro, para ser capaz de fazer CCHs, Prepchecks e técnicas de Clarificação. *E* aprender a localizar e puxar MWHs.

Se os Pcs, organizações e mesmo a Cientologia desaparecerem da vista do Homem, será porque você não aprendeu nem usou estas coisas.

L RON HUBBARD

Fundador



SECÇÃO NOVE: TEORIA BÁSICA DE VERIFICAÇÃO DE SEGURANÇA

GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HC OB DE 31 DE DEZEMBRO DE 1959

Detentores Fran

Secs HCO

Secs Assn

HASI

Chefes Dept

DESERÇÕES

A Tecnologia da Cientologia recentemente foi estendida para incluir a explicação factual de partidas, súbitas e relativamente inexplicáveis, de sessões, postos, empregos, locais e áreas.

Esta é uma das coisas que o homem pensou que sabia tudo sobre ela e, portanto, nunca se preocupou em investigar. No entanto isto, entre todas as outras coisas, deu-lhe a maioria dos problemas. O homem tinha tudo explicado para sua própria satisfação e, no entanto, a sua explicação não reduziu a quantidade de problemas que veio do sentimento de "ter de partir".

Por exemplo, o homem tem estado frenético sobre a elevada taxa de divórcios, sobre a alta rotatividade do pessoal em fábricas, sobre a agitação laboral e muitos outros itens todos provenientes da mesma fonte - partidas repentinas ou graduais.

Temos a visão de uma pessoa que tem um bom trabalho, que provavelmente não conseguirá um melhor, de repente decidir sair e ir-se embora. Temos a visão de uma mulher com um marido perfeitamente bom e uma boa família e abandonando tudo isso. Vemos um marido com uma mulher bonita e atraente romper a afinidade e partir.

Na Cientologia temos o fenómeno de preclaros em sessão ou estudantes em cursos decidirem abandonar e nunca voltarem. E isso dá-nos mais problemas do que a maioria das outras coisas todas juntas.

Homem explicou isto dizendo que foram feitas coisas a ele que ele não tolerava e, portanto, teve de abandonar. Mas se isso fosse a explicação tudo o que o homem teria de fazer seria tornar as condições de trabalho, relações conjugais, empregos, cursos e sessões muito excelentes e o problema seria resolvido. Mas, pelo contrário, um exame atento às condições de trabalho e às relações maritais demonstra que a melhoria das condições muitas vezes piora o montante de deserções, como se poderia chamar a este fenómeno. Provavelmente as melhores condições de trabalho no mundo foram atingidas pelo Sr. Hershey da famosa de Barra de Chocolate para os trabalhadores das suas fábricas. Mesmo assim eles revoltaram-se e até dispararam sobre ele. Isto por sua vez conduziu a uma filosofia industrial em que quanto pior eram tratados os trabalhadores mais dispostos estavam a ficar o que, por si só, é tão falso como quanto melhor são tratados mais rápido eles desertam.

Podem-se tratar as pessoas tão bem que elas desenvolvem vergonha de si próprias, sabendo que não merecem isso, o que precipita uma deserção, e certamente podem-se tratar as pessoas tão mal que não têm nenhuma escolha a não ser partirem, mas estas são condições extremas e entre elas temos a maioria dos abandonos: o auditor está fazendo o seu melhor pelo preclaro e ainda assim o preclaro fica cada vez mais mau e abandona a sessão. A esposa está fazendo o seu melhor para construir um casamento e o marido desvia-se na pista de uma vagabunda. O gerente está tentando manter as coisas a funcionar e o trabalhador abandona. Estes inexplicáveis perturbam as organizações e as vidas e é hora de que os entendermos.

As pessoas abandonam por causa dos seus próprios overt e Withholds. Esta é a verdade factual e a regra nua e crua. Um homem com um coração limpo não pode ser ferido. O homem ou a mulher que tem de todas as maneiras tornar-se numa vítima e parte, abandona por causa dos seus próprios overt e Withholds.



Não importa se a pessoa parte de uma cidade, um emprego ou uma sessão. A causa é a mesma. Quase qualquer pessoa, independentemente da sua posição, pode resolver uma situação o que quer que esteja errado se ele ou ela o quiser realmente. Quando a pessoa já não a quer remediar, os seus próprios atos overt e Withholds contra os outros envolvidos na situação reduziram a sua própria capacidade de ser responsável por ela. Assim, ele ou ela não vai resolver a situação. A partida é a única resposta. Para justificar a partida, a imagina coisas que lhe foram feitas, num esforço para minimizar o overt pela degradação daqueles contra quem foi feito. Os mecanismos envolvidos são bastante simples.

São incríveis os overts triviais que farão com que uma pessoa deserte. Peguei um membro do staff imediatamente antes de ele desertar e investiguei o ato overt original contra a organização como uma falha sua em defender a organização quando um criminoso estava falando maldosamente sobre ela. Essa falha de defender, juntou a ela mais e mais overts e Withholds como falhas em retransmitir mensagens, falha em concluir uma atribuição, até que finalmente degradaram totalmente a pessoa levando-a a roubar algo sem valor. Este roubo causou com que a pessoa acreditasse que era melhor ir-se embora.

É um comentário bastante nobre sobre o homem que, quando uma pessoa se encontra, assim acredita, incapaz de se restringir de ferir um benfeitor, vai defender o benfeitor abandonando-o. Esta é a fonte real da deserção. Se fôssemos melhorar as condições de trabalho de uma pessoa a esta luz, veríamos que teríamos simplesmente ampliado os seus atos overt e assegurar como certo que ela abandonaria. Se punirmos podemos trazer o valor do benfeitor um pouco para baixo e, assim, diminuir o valor do overt. Mas melhoria e punição não são as respostas. A resposta reside na Cientologia e no processamento da pessoa até uma responsabilidade suficientemente alta para assumir um cargo ou uma posição e exercê-lo sem toda esta abracadabra estranha de "Tenho que dizer que você me está fazendo coisas para que eu possa abandoná-lo e protegê-lo de todas as coisas ruins que estou fazendo para você." Esta é a forma como é, e não faz sentido não fazermos algo sobre isto agora que o sabemos.

Uma Diretiva Executiva do Secretariado recente enviada a todas as Organizações Centrais afirma que, antes de uma pessoa poder levantar o seu último cheque de pagamento de uma organização de onde está saindo por sua própria vontade, deve anotar todos os seus overts e Withholds contra a organização e seu pessoal, e tê-los verificados pelo Secretário do HCO em um E-Meter.

Fazer menos do que isto é, em si mesmo, crueldade. A pessoa está a afastar-se com os seus próprios overts e Withholds. Se estes não forem removidos, qualquer coisa que a organização ou as suas gentes lhe façam vai penetrar como um dardo e deixá-lo com uma área escura na sua vida e um gosto podre na boca. Ainda mais ele vai andar jorrando mentiras sobre a organização e o seu pessoal e, cada mentira que ele profere, torna-o muito mais doente. Permitindo uma deserção sem a limpar estamos a degradar as pessoas e, garanto-vos com alguma tristeza, as pessoas muitas vezes não têm recuperado de overts contra a Cientologia, suas organizações e pessoas. Não recuperam porque sabem nos seus corações, mesmo enquanto mentem, que estão a criticar pessoas que fizeram e estão fazendo uma enorme quantidade de bem no mundo e que definitivamente não merecem difamação e calúnia. Literalmente, isto mata-os e, se não acreditam, posso mostrar a longa lista de mortes.

A única coisa má que estamos a fazer é sermos bons, se isto faz sentido para você. Porque, sendo bons, as coisas feitas a nós por descuido ou crueldade estão todas fora de proporção com o mal feito aos outros. Isto muitas vezes se aplica a pessoas que não são Cientologistas. Este ano tinha um electricista que roubou dinheiro ao HCO com faturas falsas e de mau trabalho. Um dia ele acordou para o fato de que a organização que ele estava roubando estava ajudando pessoas em todos os lugares muito além da sua capacidade para ajudar alguém. Dentro de algumas semanas ele contraiu TB e agora está morrendo num hospital de Londres. Ninguém tirou os overts e Withholds quando ele saiu. E isso é realmente o que o está a matar, um facto que não é nenhuma fantasia da minha parte. Há algo um pouco assustador nisto às vezes. Eu disse uma vez a um cobrador quem e o que nós éramos e que ele tinha enganado uma pessoa boa e uma meia hora mais tarde ele meteu uma centena de grãos de Veronal pela garganta baixo e foi levado para o hospital, um suicídio.

Esta campanha visa diretamente os casos e as pessoas ficarem limpas. Destina-se a preservar o staff e as vidas das pessoas que acreditam que eles falharam. Inquieta está a cabeça que tem uma má consciência. Limpem-na e percorram responsabilidade nela e terão outra pessoa melhor e, se alguém se sente inclinado a abandonar examinem apenas o registro e sentem-se e listem tudo o que foi feito e retido de mim e da organização e enviem-mo. Salvaremos um monte de gente dessa forma.

Pelo nosso lado continuaremos a ser tão bons gestores, tão boa organização e tão bom campo como pudermos ser e também nos livraremos de todos os nossos overts e Withholds.



Acham que poderá ser um novo ponto de vista interessante? Bem, a Cientologia é especializada nisso.

L. RON HUBBARD



GABINETE DE COMUNICAÇÕES DE HUBBARD

St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex

HCOPL DE 8 DE FEVEREIRO DE 1960

Corr. & Reemit. 14.10.85

REEMITIDA 26 OUTUBRO 1980

CORRIGIDA E REEMITIDA 14 OUTUBRO 1985

MA
Sthill
Assn Secs
HCO Secs
Fran Holders

(Correcções em Itálicas)

(Originalmente emitida como HCOB,
mesma data, mesmo título.)

PESSOAS HONESTAS TAMBÉM TÊM DIREITOS

Depois de atingir um nível alto de capacidade você será o primeiro a insistir no seu direito de viver com gente honesta.

Quando você sabe a tecnologia da mente, sabe que é um erro usar "direitos do indivíduo" e "liberdade" como argumento para proteger aqueles que somente iriam destruir.

Os direitos do indivíduo não foram criados para proteger criminosos, mas sim para trazer liberdade a homens honestos. Dentro desta área de protecção mergulharam então aqueles que necessitavam de "liberdade" e "independência pessoal" para encobrir as suas próprias actividades questionáveis.

A liberdade é para gente honesta. Nenhum homem que não seja ele próprio honesto, pode ser livre - ele é a sua própria armadilha. Quando os seus próprios actos não podem ser descobertos então ele é um prisioneiro; ele precisa se esconder a si próprio dos seus companheiros e é um escravo da sua consciência. A liberdade precisa ser merecida antes que qualquer liberdade seja possível.

Proteger gente desonesta é condená-la aos seus próprios infernos. Fazer de "direitos do indivíduo" um sinónimo de "protecção do criminoso" ajuda a criar um estado de escravatura para todos; pois quando se abusa da "liberdade individual" surge com isto uma impaciência que irá finalmente eliminar-nos a todos. Os alvos de todas as leis disciplinares são aqueles poucos que erram. Tais leis, infelizmente, também afectam e restringem aqueles que não erram. Se todos fossem honestos não haveriam ameaças disciplinares.

Só existe uma saída para uma pessoa desonesta - encarar as suas próprias responsabilidades para com a sociedade e voltar a pôr-se em comunicação com o seu companheiro, o Homem; a sua família; o mundo em geral. Ao procurar invocar os seus "direitos do indivíduo" para se proteger de uma inspecção dos seus actos, ele reduz em parte o futuro da liberdade individual pois, ele mesmo, não é livre. E ainda assim, pelo uso dos seus direitos à liberdade, contamina outros que são honestos para se proteger a si próprio.

Dorme mal a pessoa que tem a consciência pesada. E não irá dormir mais facilmente procurando proteger maldades sob a alegação de "liberdade significa que tu nunca podes olhar para mim". O direito duma pessoa à sobrevivência está directamente relacionado com a sua honestidade.



Liberdade para o homem não significa liberdade para ferir o homem. Liberdade de expressão não significa liberdade para prejudicar com mentiras.

Os homens não poderão ser livres enquanto existir entre eles os que são escravos dos seus próprios terrores.

A missão de uma sociedade tecno espacial é a de subordinar o indivíduo e controlá-lo através de coerção económica e política. A única baixa na era da máquina é o indivíduo e a sua liberdade.

Para preservar essa liberdade é necessário não permitir ao homem conter as suas más intenções sob a protecção dessa liberdade. Para ser livre, um homem tem que ser honesto consigo mesmo e com seus compatriotas.

Se um homem usa a sua própria honestidade para protestar contra desmascarar a desonestidade, então este homem é um inimigo da sua própria liberdade.

Só poderemos ficar debaixo do sol enquanto não permitirmos que actos alheios tragam as trevas.

A liberdade é para homens honestos. A liberdade individual existe somente para aqueles que têm a capacidade de ser livres.

Hoje em dia, na Cientologia, conhecemos o carcereiro, a própria pessoa. E podemos restaurar o direito de ficar ao sol através da erradicação do mal que o homem faz a si próprio.

De modo que não deve dizer-se que a investigação de uma pessoa ou do seu passado é um passo na direcção da escravatura. Porque em Cientologia esse passo é o primeiro na direcção da libertação do homem da sua própria culpa.

Se punir a culpa fosse a intenção do Cientologista, então e só então seria errado olhar para o passado de alguém.

Mas nós não somos a polícia. A nossa olhadela é o primeiro passo para destrancar as portas, porque elas estão todas trancadas por dentro.

Quem iria punir podendo salvar? Somente um louco iria quebrar um objecto querido que pudesse conservar, e nós não somos loucos.

O indivíduo não pode morrer nesta era da máquina, direitos ou não direitos. O criminoso e o louco não podem triunfar com os seus utensílios de destruição recentemente descobertos.

A pessoa menos livre é a que não pode revelar os seus próprios actos e que protesta contra a revelação dos actos impróprios dos outros. Em tais pessoas será construída uma futura escravatura política onde todos nós temos números - e a nossa culpa - a não ser que actuemos.

É fascinante que a chantagem e a punição definam a linha de acção de todas as operações obscuras. O que aconteceria se estas duas vantagens já não existissem? O que aconteceria se todos os homens fossem suficientemente livres para falar? Então, e somente então haveria liberdade.

No dia em que pudermos confiar totalmente uns nos outros haverá paz na Terra.

Não fique no caminho dessa liberdade. Seja, você próprio, livre.

L. RON HUBBARD

Fundador



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD
Saint Hill Manor, East Grinstead, Sussex
BOLETIM DO HCO DE 25 DE FEVEREIRO DE 1960

MA

BPI

A CIENTOLOGIA PODE TER UMA VITÓRIA DE GRUPO

O que aconteceria à sociedade se cada um de nós aliviasse a sua consciência de todas as suas transgressões contra os outros?

As doenças sociais do Homem são principalmente um composto das suas dificuldades pessoais. As desonestidades dos indivíduos juntam-se à formidável aberração total das Terceira e Quarta Dinâmicas.

Criminalidade e guerra (e existe alguma diferença?) aconteceram por causa de uma aberração social espantosa. Isto é somente um composto de aberrações individuais. As pessoas que pensam de outro modo estão simplesmente a ser irresponsáveis quanto à sua participação nisto.

Cada homem ou mulher na Terra contribuiu para esta confusão maciça de transgressões. Os overts e withholds de cada um juntam-se à massa total da doença social. Além disso, qualquer homem ou mulher que falhe em assumir a sua parte na responsabilidade geral, transforma a atividade sadia da sociedade diminuindo ainda mais a eficiência do grupo ou do mundo.

Existem muitos, muitos exemplos agora em registo de toda uma situação social com outros que se clarificou quando uma pessoa foi processada no problema. Uma esposa, separada há anos, processada sobre o seu marido e família, muito frequentemente recebe notícias deles. A hostilidade, superada nela, desaparece deles.

Existe, portanto, uma relação nisto mais do que o um para um aritmético no mundo inteiro. Não seria necessário, aparentemente, processar todas as pessoas na Terra para trazer sanidade à Terra.

Primeiro existe a vantagem, facilmente observável, de devolver comunicação e honestidade a uma só pessoa removendo os seus overts e withholds do todo. Apenas com esta proposição poderíamos vencer. E deveríamos tentar vencer nisto, o que quer que façamos para além disso. Cada pessoa deveria restabelecer em si própria a comunicação com a Humanidade e o mundo, retirando de si mesma as suas próprias transgressões e falhas.

Acrescentamos a isto o facto de que cada pessoa assim processada se torna num ponto forte de eficácia que, então, influencia os seus associados e, eventualmente, mesmo que somente por esta influência, descarrega as confusões deles.

E a isto então acrescentamos o facto de que, quando se retiram as transgressões do próprio, as pessoas com ele envolvidas, mesmo quando não processadas, tendem a ficarem aliviadas.

Se influenciarmos fortemente os outros a tornarem-se honestos, pelo processamento dos seus overts e withholds, aportamos na prática, completa e vigorosamente, uma solução para as doenças sociais do homem.



Este é um impulso que se pode transformar numa onda, pode crescer transformando-se numa avalanche que iria varrer esse emaranhado de confusões da vida humana na Terra.

A construção de todas as grandes catedrais começou com a colocação de uma única pedra.

A unidade de construção de uma grande sociedade é o indivíduo.

Podemos falar de clearing num sentido mais amplo e podemos discutir os seus potenciais para a Terra. Mas, enquanto trabalhamos nisso, existe hoje um outro significado para a palavra — talvez um significado menor para o indivíduo mas um significado maior para todos os homens. Pois isto pode acontecer agora, em poucas horas de bom processamento: o clarificar das suas transgressões nesta vida e a tomada de responsabilidade pelas consequências.

Somos um grupo acostumado a tarefas de alto estilo. Esta é uma tarefa fácil de confrontar.

O HGC pode fazê-lo para as pessoas. Os Auditores de Campo podem fazê-lo para as pessoas. Podemos, demonstrada e facilmente, tornar um caso clear em menos de 100 horas, retirar todos os overts e withholds chave em todas as direções, e restabelecer responsabilidade logo após. Temos essa capacidade. Sei que temos o desejo.

Todo o Cientologista o pode fazer. E cada Auditor pode fazê-lo usando um E-Metro e os processos do Boletim HCO de 18 de Fevereiro de 1960 e a sessão modelo do Boletim HCO de 25 de Fevereiro de 1960. A tarefa está bem ao alcance das capacidades mesmo para os recentemente treinados.

Penso que concordará comigo, que o podemos. E asseguro que, ao fazê-lo, damos ao caso o alívio mais rápido possível. Depois podemos levar o caso adiante a níveis mais altos com todos os ganhos que isso traria. Mas, por agora, não podemos assumir um objetivo que caia dentro da realidade de todos nós?

Pois dizer que a pessoa pode ser aliviada das transgressões contra os seus companheiros, não é acusação a nenhuma pessoa que viva nos nossos tempos. E mesmo aquela pequena quantidade apanhada da grande rede de mentiras deixa a confusão certamente menor.

Este programa é uma simplicidade. A sua tecnologia está ao alcance, provada e comprovada. E ela aponta para uma grande vitória.

Vamos dar este passo para uma Terra mais Clear como a nossa primeira grande realização de grupo?

L. RON HUBBARD

Fundador

LRH:js:rd

Trad. NB:RMF:CV:nb

Aprovada por

I/A Off CLO EU



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD
Saint Hill Manor, East Grinstead, Sussex
BOLETIM DO HCO DE 5 DE OUTUBRO DE 1961

Franchise

MÃOS LIMPAS FAZEM UMA VIDA FELIZ

Pela primeira vez, no curso lamacento que tem sido a história da raça humana, é possível ser-se feliz.

Este objetivo, repetido muitas vezes e procurado tão desesperadamente, tem sido inalcançável como a poeira do sol, inatingível como o suspiro de uma pessoa amada.

O que provoca que a Humanidade, basicamente todos seres bons, estejam tão estranhamente longe da felicidade?

O homem rico faz jorrar as suas riquezas. O homem pobre espreita em cada greta. Mas a riqueza não compra nada e as gretas estão vazias. A criança espera realizá-la quando crescer e, crescida, deseja ser tão feliz quanto era em criança.

Nós compreendemo-la, mas, como fios de seda, esta escapa-se-nos por entre os dedos. Nós casamos com a rapariga ou homem mais perfeito e depois, para o resto das nossas vidas, gememos para que o outro nos alegre.

Muito procurados, raramente encontrados, não há riquezas, gemas ou palácios tão valiosos quanto a mera felicidade.

Mas ouçam! Aqui está a felicidade, mesmo ao alcance das vossas mãos, esperando apenas as palavras mágicas "Começo de Sessão" para começar na sua busca.

Mas, como aquele que caminha através da chuva para chegar a uma sala de banquete, a nossa felicidade no processamento é ganha passando através das sombras fantasmas dos nossos "pecados".

O que empobreceu o Homem da sua felicidade?

Transgressões contra a moral da sua raça, do seu grupo, da sua família!

Não nos importa muito o que era ou é essa moral. Foi a transgressão que provocou tudo.

Concordámos com moralidades fixas e depois, sem pensar, transgredimos, ou, "por boas razões", prevaricamos, e cá estamos nós, com as primeiras grades escuras da infelicidade aproximando-se sub-repticiamente por trás de nós.

À medida que vagueamos, transgredindo ainda mais, concordando com nova moral, transgredindo também essa, chegamos àquele lugar sombrio, a prisão das nossas lágrimas e suspiros, daquilo que “deveria ter sido”, da infelicidade.

Ação mútua é a chave para todos os nossos actos overt. Acordo sobre aquilo que deveria ser e, depois, a destruição dessa verdade, resulta em toda a maldição que é precisa para fazer a receita da infelicidade.

Tem que haver dor. Assim o concordámos. Pois a dor impede e avisa, cala, proíbe. Mas a bondade então tem que consistir em não trazer nenhuma dor.

O movimento mútuo é concordado. E, depois, não concordamos e partimos ficando desligados — desligados, mas não seguros, pois no fundo das nossas mentes, estão as cicatrizes da fé quebrada. A fé que nós quebrámos, dizendo que tinha que ser assim.



Todos nós gostamos de sentir o sol, protestando depois porque queima. Todos concordámos em beijar e amar e, em seguida, estamos assustados que tal dor possa seguir-se. O movimento mútuo está certo - até agirmos, com crueldade, os outros. Atados por acordos e ações de grupo, ousamos ser cruéis com aquilo a que os fechos do duro aço das promessas nos ligaram.

E, por isso, ao sermos cruéis para com aquela parte do eu ampliado, como num casal ou um grupo, ficamos muito surpreendidos por encontrarmos dor em nós próprios.

A sequência de ato aberto é agora simples de entender. O âmbito é limitado. Mas começou quando primeiro tivemos um impulso cruel para com outros ligados a nós por valores ou ações mútuas. Porque é que alguém sofre dor em seu próprio braço quando atingiu o membro de outro? Porque o impulso cruel foi uma quebra do vínculo com outros onde o compromisso vivia.

O único ato overt que pode trazer dor a si mesmo, é aquele ato cruel que transgride as coisas com que concordámos.

Compartilhem ações com um grupo ou pessoas na vossa vida, concordem em se comportarem mutuamente de acordo com algum código específico e, depois, sejam cruéis com eles transgredindo-os, e sofrerão a dor.

Toda a humanidade vive e cada homem luta pela vida através de códigos de conduta mutuamente acordados. É evidente que talvez esses códigos sejam bons, talvez sejam ruins, são apenas códigos. Os costumes unem a raça.

A ação mútua ocorre então. Pensamento e movimento em acordo. Há unidade, de propósito e, portanto, a sobrevivência resulta.

Mas agora, contra esse código, há transgressão. Então, porque o código tinha sido apoiado, qualquer código que fosse, e, como o homem procura o conforto da companhia do homem, ele oculta a sua ação e entra então no arroio onde não se ri nem há liberdade no coração. Então, as cortinas descem sobre o brilho do dia e as nuvens escuras obscurecem todas as circunstâncias agradáveis. Pois a pessoa transgrediu fortemente e não pode falar sobre isso por medo de que, então, *toda* a felicidade morra.

Fechamo-nos então fora da luz e entramos na escuridão cinza. E selamos dentro do nosso cofre mais profundo, os motivos pelos quais não nos atrevemos a enfrentar os nossos amigos. Depois, seguimos culpando os outros de tudo o resto, tal como um espantalho mirrado de um sacerdote com as vestes esfarrapadas e imundas com o sangue sacrificial, apontando o caminho para o inferno para aqueles que matam.

E no fundo de nós, dores secretas continuam a doer. E, finalmente, nem conseguimos mais chorar.

O caminho para o inferno... o homem é muito bom a pintar horrorosos sinais que apontam seu caminho e direção.

O caminho para o céu... muitas vezes para lá enviado, mas nunca lá chegou. É mais provável que tenha encontrado o "outro lugar".

Mas agora uma ampla estrada se abriu na Scientology. O E-Metro e o processo de verificação, quando realizado por auditores habilitados, podem abrir a torrente das transgressões e libertar uma cascata até o inferno passar.

E o dia mais uma vez terá uma gota de orvalho na rosa da manhã.

L. RON HUBBARD
Fundador

LRH:jl.vmm.rd

Copyright © 1961

por L. Ron Hubbard



RESERVADOS TODOS OS DIREITOS



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB de 10 DE JULHO de 1964

Remimeo

Estudantes Sthil

Franquia

OVERTS, ORDEM: DE EFICÁCIA NO PROCESSAMENTO

(EXAME ESTRELA exceto a Lista de Palavras Proibidas)

Será descoberto no processando dos vários níveis de caso, que correr overtos é muito eficaz na elevação do nível de causa de um Pc.

A escala, por testes reais de correr vários níveis de resposta do Pc, parece ser algo assim:

- I ITSA - Deixar o Pc discutir os sentimentos de culpa a respeito de si mesmo com pouca ou nenhuma direção por parte do auditor.
- I ITSA - Deixar o Pc discutir os seus sentimentos de culpa a respeito de outros, com pouca ou nenhuma direção por parte do auditor.
- II O/W REPETITIVO - Usar apenas: “Nesta vida o que é que fizeste?” “O que é que não fizeste?” Alternadamente.
- III VERIFICAÇÃO POR LISTA - Usar listas existentes ou listas especialmente preparadas de possíveis overtos, limpando o E-Metro cada vez que lê numa pergunta e usando a pergunta só enquanto lê.
- IV JUSTIFICAÇÕES - Perguntar ao Pc o que fez e então usando essa circunstância (se aplicável) descobrir por que é que “isso” não era um overt.

O conselho entra nisto sob o título de instrução: “Tu estás perturbado acerca daquela pessoa porque lhe fizeste algo”.

As dinâmicas também entram permissivamente nisto acima de Nível I, mas o Pc vagueia ao redor delas. No Nível III a pessoa pode também dirigir a atenção para as várias dinâmicas, fazendo primeiro a verificação e a seguir usar ou preparar uma lista das dinâmicas encontradas.

RESPONSABILIDADE

Não há nenhuma razão para esperar uma grande responsabilidade do Pc pelos seus próprios overtos abaixo de Nível IV e o auditor que procura fazer os Pcs sentir ou tomar responsabilidade por overtos, está simplesmente a empurrá-lo para baixo. Os Pcs ressentir-se-ão por os terem feito sentir culpados. Realmente o auditor só pode conseguir isso e não ganhos de caso. E o Pc terá Quebras de ARC.

No Nível IV começamos com este assunto da responsabilidade, mas novamente o objetivo é fazê-lo indiretamente. Agora não há qualquer necessidade para trabalhar Responsabilidade ao fazer O/Ws.

A compreensão de que uma pessoa *realmente* fez algo é um retorno de responsabilidade e este ganho é melhor obtido só por aproximação indireta, como nos processos acima.

QUEBRA DE ARC

A causa mais comum de fracasso ao percorrer overts é “limpar limpos”, quer a pessoa esteja ou não a usar um E-Metro. O Pc que realmente tem mais para contar não quebra o ARC quando o Auditor lho continua a pedir, mas pode refilar e por fim desistir.

Por outro lado, deixando um overt tocado no caso chamando-lhe limpo, provocará uma Quebra de ARC com o auditor.

“Disseste tudo?” evita limpar um limpo. O Pc fora do E-Metro pode ver-se iluminar-se. No E-Metro você obtém uma boa queda, se ele já disse tudo.

“Eu não descobri algo?” evita deixar um overt por revelar. No Pc sem e-metro a reação é um ligeiro abalo. Num Pc com e-metro dá uma leitura.

Um *protesto* de um Pc contra uma pergunta também será visível num Pc sem e-metro, numa espécie de exasperação vacilante que por fim se torna um uivo de pura confusão, pelo que o auditor não aceitará a resposta de que é tudo. Num E-Metro, o protesto duma pergunta cai ao ser perguntado: “esta pergunta está a ser protestada?”

Não há nenhuma desculpa real para Quebrar o ARC dum Pc.

1. Exigindo mais que lá está ou.
2. Deixando um overt por revelar que depois indisporá o Pc contra o auditor.

PALAVRAS PROIBIDAS

Não use as palavras seguintes em comandos de audição. Podendo elas ser usadas em discussão ou nomenclatura, por várias boas razões elas devem ser agora evitadas num comando de audição:

Responsabilidade (s)

Justificação (ões)

Contenção(ões)

Fracasso (s) Dificuldade (s)

Desejo (s)

Aqui

Além

Compulsão (ões) (ivamente)

Obsessão (ões) (ivamente)

Nenhuma restrição invulgar deve ser dada a estas palavras. Só que não emoldure um comando que as inclua. Use qualquer outra coisa.

PORQUÊ O TRABALHO DE OVERTS

Os overts dão o mais alto ganho, elevando o nível de causa, porque eles são a maior razão por que uma pessoa se restringe e retém a ação.

O Homem é basicamente bom. Mas a mente reativa tende a forçá-lo a ações más.

Estas ações más são instintivamente lamentadas e o indivíduo tenta abster-se de fazer *seja o que for*. O “melhor” remédio, pensa o indivíduo, é conter-me. “Se eu cometo ações más, então, a minha melhor garantia para não as cometer é não fazer *nada* de nada”. Assim nós temos o “preguiçoso”, a pessoa inativa.

Outros que tentam fazer um indivíduo sentir-se culpado por cometer más ações, só aumentam essa tendência para a preguiça.



A punição é suposto provocar inação. E fá-lo. De algumas formas inesperados.

Porém, também há uma inversão (uma reviravolta) em que o indivíduo cai abaixo do reconhecimento de qualquer ação. O indivíduo em tal estado, não pode conceber qualquer ação e então não pode reter ação. E assim nós temos o criminoso que não pode realmente agir, mas só reagir, ficando sem qualquer auto-direcção. Isto é a razão por que o castigo não cura a criminalidade, mas de facto cria-a; o indivíduo é conduzido para baixo de contenção ou de qualquer reconhecimento de qualquer ação. As mãos de um ladrão roubaram a joia, o ladrão somente foi um espectador inocente da ação das próprias mãos. Os criminosos são pessoas fisicamente muito doentes.

Assim há um nível abaixo de contenção de que um auditor deve estar alerta nalguns Pcs, os “não tenho contenções” e “não fiz nada”, tudo o que, visto pelos seus olhos, é verdade. Eles estão a dizer meramente “não me posso conter” e “não queria fazer o que fiz”.

O caminho de saída para tal caso é igual ao de qualquer outro caso. Só que mais longo. Os processos para níveis acima também são como estes casos. Mas não fique ansioso ao ver um retorno *súbito* de responsabilidade, pois o primeiro “ato” assumido que esta pessoa *sabe* ter feito, pode ser “tomar o pequeno almoço”. Não desdenhe dessas respostas, particularmente no Nível II. Antes pelo contrário, procure essas respostas nessas pessoas.

Há outro tipo de caso em tudo isso, só mais um para terminar a lista. Este é o caso que nunca corre O/Ws, mas “procura a explicação, o que é que eu fiz, que fez tudo acontecer-me a mim”.

Esta pessoa vai facilmente a vidas passadas à procura de respostas. A sua reação a uma pergunta sobre o que fizeram, é tentar descobrir o que fizeram que ganhou todos esses motivadoras. Isso, claro que, não é correr o processo e o auditor deve estar alerta para isso e deve parar quando está a acontecer.

Este tipo de caso vai ao máximo da culpabilidade. Inventa overts para explicar o porquê. Depois da maioria dos grandes crimes, a polícia tem uma dúzia ou duas de pessoas que habitualmente aparecem e confessam. Você vê, se eles tivessem cometido o crime, isso explicaria a razão porque eles se sentem culpados. Como é bem terrível viver com um terror de estômago, a pessoa é capaz de buscar alguma explicação para isso, se só isso o explicar.

Em tais casos a mesma aproximação dada funciona, mas a é preciso ter *muito* cuidado para não deixar o Pc tirar overts que não cometeu.

Tal Pc (reconhecível pela facilidade com que mergulha no passado extremo) quando auditado fora dum E-Metro fica cada vez mais frenético e cada vez mais selvagem em overts reportados. Eles deveriam ficar mais tranquilos debaixo de processamento, claro, mas os falsos overts põem-nos frenéticos e agitados numa sessão. Num E-Metro, confere simplesmente “contaste-me algo além do que realmente aconteceu?” Ou “contaste-me alguma inverdade?”

Os guias observação e E-Metro dados nesta secção, são usados durante uma sessão quando se aplicam, mas não sistematicamente tal como depois de cada resposta do Pc. Estes guias observações e E-Metro, são sempre usados no fim de cada sessão nos Pcs aos quais se aplicam.

L. RON HUBBARD



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB de 6 de JUNHO de 1969

Remimeo
Checksheets Classe II
Academia
SHSBC

PREVISÃO E CONSEQUÊNCIAS

Provavelmente a única razão porque os overts de omissão ou cometimento são cometidos, assenta na incapacidade ou na capacidade faltosa do Homem para prever e ter a noção das consequências.

Os Homens estão bastante presos ao presente e tão envolvidos nas suas confusões que raramente preveem seja o que for, e ficam desatentos a quaisquer consequências dos seus próprios actos ou falta deles.

Isto dá-lhes a aparência de serem estúpidos.

Quando os homens ficam demasiado confusos até para estar no presente, eles deslizam para o passado e ficam “psicóticos” ou, na melhor das hipóteses, “neuróticos”

O psicólogo Russo Pavlov foi aceite nas Universidades e governos Ocidentais principalmente porque lidava apenas com o mecanismo estímulo-resposta. Os homens das universidades e governos, e outros lugares a partir dos quais é difícil ver a vida (uma vez que as situações são tão pomposas), tomaram a psicologia e a psiquiatria pelo seu valor facial. Os homens eram animais que foram treinados como ursos bailarinos. Por outras palavras, estes assuntos eram assuntos políticos apontando para o *controlo*. Não se pensava em *curar* nada. “Tratamento” pretensão, não terapia ou cura, mas *treino*, punindo as “más” características. Um “tratamento” típico era punir um “mau hábito” com choques elétricos.

Eles dariam a um alcoólico um gosto da bebida e um choque para que ele sentisse o choque cada vez que pensasse na bebida.

Isto é o Russo Pavlov em ação em toda a prática mental Americana antes da Dianética e Cientologia. Escusado será dizer que muita gente ficou lesionada para o resto da vida, mas ninguém foi curado de nada.

Os psiquiatras e os psicólogos que fizeram estas coisas eram eles próprios de temperamento criminoso, e foi largamente alardeado que eles não distinguiam o certo do errado. A capacidade para distinguir o certo do errado é a definição legal de sanidade.

A razão porque políticos e governos despóticos apoiaram os psicólogos e os psiquiatras com enormes fundos e os ajudaram a destruir qualquer rival potencial, é que certos tipos de governo os conceberam com a função de controlar as populações. A seu ver, as populações eram apenas um rebanho de animais a serem manobrados e mantidos sem cometerem actos antissociais e ao mesmo tempo chupados pelos impostos ou chacinados.

Produzindo um ambiente totalmente confuso e violento e, privando o país de qualquer salvaguarda constitucional, a segurança do indivíduo foi minada ao ponto de ter de estar continuamente alerta à ameaça imediata no seu ambiente.

Isto tende a pregar as pessoas perto do tempo presente. Inibe qualquer futuro, plano para o futuro ou quaisquer consequências a longo prazo no futuro.

Assim, o “tratamento” mental russo importado para o Ocidente, impediu realmente as pessoas de serem capazes de fazer previsões, uma vez que elas estão a ser continuamente massacrados pelos governos.



Assim é que o crime ascendeu a um nível fantástico. O cidadão, pregado à insegurança do presente por uma dureza económica, governamental e social ultrajantes, ficou muito menos capaz de prever e por isso distraído das consequências dos seus próprios actos.

A maior parte dos tipos “criminais” são completamente incapazes de prever e por isso não têm medo de quaisquer consequências, mesmo quando elas são óbvias para uma pessoa sã.

O caso que está em muito más condições não reage por isso num e-metro. Não tendo consciência do bem e do mal devido a esta baixa condição de caso, não há carga aparente nos overtacts de omissão ou cometimento, independentemente de quem foi lesado.

O Homem é basicamente bom.

Quando o seu nível consciência sobe, ele começa a ser capaz de prever e ver as consequências das ações malévolas, para ele próprio e para os outros.

Quanto mais ele é liberto e mais alto sobe a inteligência e capacidade, mais “moral” ele se torna.

Só quando é fustigado abaixo da consciência como condição crónica, o Homem comete ações malévolas.

Não é por acaso que os soldados têm que ser brutalizados e amarrados ao tempo presente pela ameaça e dureza a fim de os levar a cometer ações nefastas.

Quando a consciência da pessoa é melhorada ela também é capaz de prever e pode antever as consequências nas oito dinâmicas.

Governos criminais e sociedades brutais são coisas pobres para ter por perto. Não são suficientemente “espertos” para antever a sua própria morte. Metem-se em guerras frias ou quentes em vez de solucionarem os seus problemas. Eles compram Pavlov e tecnologia canina para apagar “maus traços” em vez de curarem seja quem for. Eles trabalham para reduzir toda a liberdade ou abolir as salvaguardas constitucionais.

A verdadeira Sanidade é aquela condição em que uma pessoa é suficientemente inteligente para resolver os seus problemas sem violência física ou destruir outros seres, e ainda sobreviver feliz e próspera.

O caminho da insanidade para a sanidade é um caminho de reconhecimento do mundo à nossa volta, do futuro e consequências das nossas próprias ações.

Assim se verá o princípio da sequência do overt-motivador explicar e as suas técnicas remediarem a brutalidade na qual as raças caem.

L. Ron Hubbard

Fundador



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD
SOLAR DE ST. HILL, GRINSTEAD ORIENTAL, SUSSEX,
HCOB DE 29 DE SETEMBRO DE 1965

Emissão II

Remimeo
Franquia
Estudantes
BPI

O OVERT CONTÍNUO

Compadeça-se do indivíduo que comete Overts Contínuos diários.

Nunca se sairá bem.

Um criminoso que rouba a caixa registadora uma vez por semana está a parar-se rigidamente no que diz respeito a ganhos de caso.

Em 1954 contei alguns narizes. Conferi 21 casos que nunca tinham tido nenhum aproveitamento desde 1950. Descobriu-se que 17 deles eram criminosos! Os outros 4 estavam fora do alcance da investigação.

Isto deu-me o primeiro indício. Durante alguns anos fiquei então atento aos *casos sem ganhos* e fiz um acompanhamento cuidadoso dos que pude. Eles tinham um passado criminal de maior ou menor importância. Isto proporcionou a arrancada de 1959 a respeito das verificações no E-Metro. (Sec-Check).

Indo mais além desde 1959, consegui finalmente histórias suficientes para declarar: A PESSOA QUE NÃO ESTÁ A OBTER GANHOS DE CASO ESTÁ A COMETER OVERTS CONTÍNUOS.

Embora isto soe para nós como uma “anomalia” muito boa, presumimos que o auditor tenha, pelo menos, tentando algo sensato.

Hoje em dia, trabalhar meramente um Pc nos graus é uma graça salvadora para “casos duros”. Os Diretores de processamento estão a sair-se bem com a abordagem dos processos modernos dos graus, nível a nível, e o Diretor de Processamento de Washington acaba de me dizer que estão a resolver, com os processos dos graus mais baixos, casos com os quais nunca antes tinham sido capazes de lidar.

Desse modo, aplicando os processos dos graus (a melhor abordagem de caso que jamais tivemos) resolvemos os casos difíceis.

Porém, serão esses *todos* os casos?

Ainda há um, o caso que comete overts continuamente, antes, durante e depois do processamento. Ele não se sairá bem. Entretanto há uma coisa que ajuda. Você viu o aparecimento dos Códigos Éticos. Colocando um pouco do seu conteúdo no ambiente da Tecnologia, temos suficiente força para restringir a dramatização.

O fenómeno é este: o banco reativo pode exercer pressão sobre o Pc, caso não seja obedecido. A disciplina pode exercer um pouco mais de pressão *contra* a dramatização do que a pressão do banco. Isto para a execução do overt contínuo durante tempo suficiente para permitir que o processamento trabalhe.

Nem toda a gente comete overts contínuos (001/1.000), porém este fenómeno não está confinado ao caso sem ganhos.

O caso de ganhos *lentos também* está a cometer overts contínuos que o auditor não vê.



Logo, um pouco de disciplina no ambiente apressa o caso de ganhos lentos, aquele em que estamos mais interessados.

Francamente, o caso sem-ganho é o que não me apresso a resolver. Se o tipo quer vender as próximas centenas de triliões por um brinquedo estragado que roubou, temo que não me possa incomodar. Não tenho contrato com nenhum Grande Thetan para salvar o mundo inteiro.

Para mim é suficiente saber:

- A. Onde está o fundo e
- B. Como ajudar a acelerar casos de aproveitamento lento.

No fundo é o tipo que come as maçãs alheias e diz que foram as crianças. No fundo é o tipo que semeia actos supressivos secretos e generalidades malévolas no ambiente.

O caso de ganhos lentos responde um pouco a “mantém o nariz limpo, por favor, enquanto eu uso o amplificador de Thetans”.

O caso de ganhos rápidos faz o seu trabalho e não se importa com ameaças de disciplina, se for justa. E o caso de ganhos rápidos ajuda e pode ser ajudado por um ambiente ordeiro. O bom trabalhador trabalha mais feliz quando os maus veem as armadilhas e elas deixam de os distrair.

Assim, todos nós ganhamos.

O caso sem ganhos? Bem ele de certeza não merece qualquer proveito. É um indivíduo em mil. E fala, geme, diz “provem-me que funciona”, culpa-nos e faz um inferno. Faz-nos pensar que falhámos.

Existem, verdadeiramente milhares e milhares de pessoas, cada uma a comentar como a Tecnologia é maravilhosa e como se sentem bem. Há algumas dúzias que gritam não ter sido ajudadas! Que proporção! Esses casos sem ganhos provocam tanto enteta à volta que pensamos ter falhado. Veja nos arquivos os muitos milhares de relatórios que continuam a jorrar de toda a parte com entusiasmo. Só algumas dúzias gemem.

Há muito tempo, porém, que fechei o meu livro sobre o Pc sem ganhos de caso. Cada uma daquelas poucas dúzias que não aproveitam e dizem mentiras assustando as criancinhas, deitam tinta nos sapatos, dizem o quanto abusaram deles, enquanto arrancam as tripas dos infelizes que andam à sua volta. São, cada uma delas, pessoas supressivas. Eu sei. Tenho-as visto de alto a baixo até chegar à pequena engrenagem a que chamam a sua alma. E não gosto do que vi.

Os indivíduos que vêm ter consigo com estranhos rumores desabonatórios, que procuram arrancar a atenção das pessoas da Tecnologia, que destroem as organizações, são indivíduos supressivos.

Ora, dêem-lhe um bom pedregulho e que o suprimam!

Não posso terminar este HCOB sem uma confissão. Sei como curá-los um tanto facilmente.

Talvez nunca o permita.

É que se eles fizessem o seu caminho teríamos perdido a nossa oportunidade. É muito cedo para pensar nisso.

Afinal de contas temos que ganhar a nossa liberdade. Não me importo muito com os que não ajudaram.

O resto de nós teve que suar muito mais do que o necessário para tornar isto realidade

L RON HUBBARD

Fundador



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB de 16 de NOVEMBRO de 1961

Franchise

VERIFICAÇÕES DE SEGURANÇA

GENERALIDADES NÃO SERVEM

A mais eficiente forma de perturbar um Pc é deixar uma pergunta de Sec Check por esgotar. Isto é remediado perguntando de vez em quando: “escapou alguma pergunta do Sec Check?”, e esgotar o que escapou.

A melhor maneira de “falhar” uma pergunta de Sec Check é deixar o Pc entregar-se a generalidades, ou “Pensava que...”.

Uma pergunta de Sec Check deve ser nulificada à sensibilidade 16 como verificação final.

Uma contenção dada como: “Oh, zanguei-me com eles montes de vezes”, tem que ser trazida para quando, onde e a primeira vez que “te zangaste” e finalmente “O que é que lhes fizeste antes disso?”. Obteremos então realmente a nulidade.

A pessoa que tem as contenções de outrem e as dá como resposta, é um brincalhão. Mas não é ajudado quando o auditor o deixa fazer isso.

Situação: pedimos ao Pc uma contenção sobre o João. Ao Pc que diz: “ouvi dizer que o João...” deve ser logo ali perguntado: “o que é que *tu* fizeste ao João? Tu. Tu próprio”. E, vai-se a ver ele roubou a última loira do João. Mas se o auditor deixasse o Pc continuar a falar do que o Pc ouviu dizer do João, que era isto, ou era aquilo, a sessão teria sido prolongada e o TA teria subido, subido...

Temos Pcs que usam “contenções” para espalhar toda a espécie de mentiras. “Já alguma fizeste alguma coisa à org?” O Pc responde: “Bem, estou a esconder que ouvi dizer...” ou “Tive alguns pensamentos desagradáveis sobre a org” ou “Critiquei a org quando...” e nós não embarcamos e obtemos *O QUE O PC FEZ*, podendo alargar um item de cinco minutos a uma sessão ou duas.

Se o Pc “ouviu” e o Pc “pensou” e o Pc “disse” em resposta a uma pergunta de Sec Check, o banco reativo do Pc está realmente a dizer: “tenho uma contenção arrasadora e se eu puder andar às voltas dando pensamentos críticos, boatos e o que outros fizeram, nunca se saberá”. E se ele se conseguiu safar com isso, o auditor falhou uma pergunta de contenção.

Nós só queremos saber o que o Pc fez, quando o fez, a primeira vez que o fez e o que ele fez antes disso e todas as vezes matamos a charada.

O PC IRRESPONSÁVEL

Se queremos tirar fora contenções dum “Pc irresponsável”, às vezes não podemos perguntar o que ele fez ou conteve e obter reação no e-metro.

Este problema aborreceu-nos durante algum tempo. De repente fiquei bem brilhante ao reparar que, não importa o Pc pensar se foi crime ou não, ele *responderá* às versões “não saber” como segue:

Situação: “O que é que fizeste ao teu marido?” Resposta do Pc: “Nada de mal”, reação no e-metro nula. Agora nós, notando que ela critica o marido, sabemos que tem overts para com ele. Mas é que ela não pode tomar responsabilidade pelos seus próprios actos.



Mas ela *pode* tomar responsabilidade pelo *não saber* dele. Ela está certa disso.

Assim, perguntamos: “O que é que tu fizeste ao teu marido que ele não sabe?”

E leva uma hora a revelar tudo, tal é a quantidade. É que a pergunta abre as comportas. O e-metro troa por todos os lados.

E com estas contenções cá fora, a sua responsabilidade vem acima e ela *pode* tomar responsabilidade pelos itens.

Isto aplica-se a qualquer zona ou área ou terminal de Sec Check.

Situação: Estamos a obter montes de “pensava que”, “ouvi dizer”, “disseram” “fizeram” em resposta a uma pergunta. Agarramos no terminal ou terminais envolvidos e pomo-los neste espaço em branco:

“O que é que tu fizeste que _____ não sabe?”

E podemos obter os maiores overts que ficam por baixo do pano de “como toda a gente é má, menos eu”.

Isto impede-o de falhar uma pergunta de Sec Check. É um crime feio falhá-la. Isto abreviará o trabalho envolvido em esgotar cada uma das perguntas.

Em *cada* sessão de Sec Check, deve perguntar-se ao Pc nos ruds finais: “escapou-me alguma pergunta do Sec Check?” além de: “Estás a conter alguma coisa?” e “meias Verdades”, etc.”

E se o nosso Pc é muito de se conter, podemos introduzir isto: “escapou-me alguma pergunta do Sec Check?” de tantas em tantas perguntas enquanto fazemos o Sec Check.

Clarificamos sempre o que escapou.

Um Pc pode ficar muito perturbado por causa de uma pergunta falhada de Sec Check. Mantenha-o a subir, e não a descer.

L Ron Hubbard

Fundador



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB DE 31 DE JANEIRO DE 1970

Remimeo

Chsht SHSBC

Chsht Academia

Nível II

WITHHOLDS DE OUTRAS PESSOAS

Por vezes, bem raramente, encontramos um auditor que ao ser auditado, “põe para fora” withholds de outros.

Exemplo: “Sim, tenho um withhold contigo. O Carlos disse que tu eras doido.

Exemplo: “Sim tenho um withhold. A Maria Inês já esteve na prisão”.

É facto que não traz a ninguém nenhum benefício de caso “pôr para fora” os withholds das outras pessoas.

Por definição, um withhold é algo que a própria pessoa fez e foi um overt, e que ela o está a conter, isto é, está a manter em segredo.

Assim sendo, obter coisas feitas por outrem não traz qualquer benefício de caso por não constituírem aberração para o Pc.

Agora, porém, olhemos para isto mais de perto.

Se um Pc está a dar withholds de outras pessoas, ELE PRÓPRIO DEVE TER UMA CADEIA DE OVERTS E WITHHOLDS SIMILARES que são os seus próprios OWs. Pôr para fora withholds de outros é então visto como um sintoma do Pc estar a esconder ações similares de si próprio.

Desse modo, completamos os dois exemplos acima:

Auditor: “Tens um withhold?”

Pc: “O Carlos disse que tu eras doido?”

Auditor: Corretamente: “Tu próprio tens um withhold semelhante?”

Pc: “Hum, ah, bem, na verdade, o mês passado, eu disse à classe que tu eras doido”.

Auditor: “Tens um withhold?”

Pc: “A Maria Inês já esteve na prisão?”

Auditor: OK: “Tu próprio tens um withhold semelhante?”

Pc: “Hum, ah, bem, na verdade, passei dois anos num reformatório e nunca disse a ninguém”.



Podemos supor que qualquer pessoa que está a tentar pôr cá para fora withholds dos outros está a fazer uma espécie de esforço fora-de-valência para evitar dar os seus próprios withholds.

Obviamente, isto aplica-se também a todos os overts. Alguém que está a dar withholds de outros (que não lhe são aberrativos), na realidade, está a deixar os seus próprios overts, que lhe são aberrativos.

Este é o mecanismo que está por trás do facto, e se um Pc está a dizer mal de alguém, o Pc tem overts contra esse alguém. A má-língua é “os overts das outras pessoas”. Pô-los para fora não ajuda essa pessoa. Obter os seus próprios overts, ajuda-a.

Nunca se deixe enganar pela má-língua do Pc. Nunca se deixe apanhar, permitindo-lhe pôr para fora os overts e withholds de outras pessoas.

L RON HUBBARD

Fundador



HUBBARD COMMUNICATIONS OFFICE

Saint Hill Manor, East Grinstead, Sussex

HCO BULLETIN OF 24 JUNE 1962

Franchise

SH Hill

PREPCHECKING

(Correction of HCO Bulletin 1 Mar 1962 and
to be included as a change in all Theory
Checking of that HCO Bulletin)

The Withhold System of When, All, Appear, Who must not be applied to the overt found for the formulation of the What Question. This System is only applied to the earliest overt one can discover on the chain opened by the What Question.

The exact Prepcheck procedure becomes as follows:

1. Ask the Zero Question. (See HCO Policy Letters and Information Letters for Sec Check Forms. These are “Zero Questions”.)
2. If the Meter gives an Instant Read (see HCO Bulletin May 25, 1962 for Instant Read) then the auditor says, “That reads. What have you done?”
3. The pc gives the overt. (If the pc doesn’t, the auditor can coax or demand until an overt is given, saying such as, “But you must have done something because the Meter reads—What have you done?” until the pc does give the overt on the subject of the Zero Question. A pc well in session will give it. (Note: A severe ARC Break can cause a Meter to react on a Zero Question. Just ask if there’s an ARC Break if you suspect it and ask the Zero again.)
4. The auditor says, “I will check that on the Meter ” and reads the Zero Question again. If the Zero Question still gives an instant read the auditor says, “I will formulate a broader question.”
5. The auditor forms and tests What Questions until one gives an instant read the same as the Zero Question did.
6. Addressing the pc directly , the auditor asks the What Question he has composed and verified by Meter test.
7. The pc is permitted to answer the What Question, giving as many incidents in a general way as he cares to. He is never cut off short. Let him talk as long as the pc can give overts.
8. The auditor asks if there are any earlier incidents. The auditor, without a Meter, gets the pc down the track until the pc says that’s the earliest.
9. The auditor now applies the Withhold System, When, All, Appear, Who, to this earliest incident, going through When, All, Appear, Who several times.
10. The auditor now says, “I will check the What Question on the Meter,” and does so, asking it and watching for a read.
11. If there is an instant read, the auditor repeats steps 8, 9 and 10 above until there is no instant read on the What Question.



12. When the What Question reads null the auditor says, "That is clean. I will now do the Middle Rudiments." Note: Various end rudiments can be added to Middle Ruds in extreme cases of pc ARC Breaks.
13. The auditor checks the Middle Rudiments and gets them clean.
14. The What Question is tested again. If clean, the auditor says, "It is clean."

And then reads the Zero Question. If it is clean (gives no instant read), the auditor goes on to the next Zero Question. If it is not clean the auditor repeats steps 4 onward to 14 until the Zero Question is clean, at which time he goes to the next Zero Question on the list.

All What Questions are asked to expose and clean a chain of Overts. If the Zero didn't clean at once originally, there is a Chain of such overts. Therefore the What Question must be asked so that it can be answered with a number of overts if they exist.

It is fatal not to permit the pc to fully answer the What Question to his complete satisfaction before shoving at him with demands for earlier material. To cut off his effort to give several incidents is to leave him with missed withholds and a probable ARC Break.

Don't ask the Withhold System of When, All, Appear, Who, on any late incidents. Use this system only to blow the earliest incident the pc can easily recall. This opens Up earlier track if any exists. And if none exists it blows the whole chain. The pc can experience the effect of collapsing track if the auditor applies the Withhold System, When, All, Appear, Who, to an incident late (closer to pt) on the chain. Or if the auditor won't let the pc fully answer the What Question when found.

THE WHAT QUESTION

The formulation of the What Question is done as follows:

The pc gives an overt in response to the Zero which does not clean the needle of the Instant Read on the Zero.

The auditor uses that overt to formulate his What Question. Let us say the Zero was "Have you ever stolen anything?" The pc says, "I have stolen a car." Testing the Zero on the Meter, the auditor says, "I will check that on the Meter. Have you ever stolen anything?" (He mentions nothing about cars, Heaven forbid!) If he still gets a read, the auditor says (as in 4 above), "I will formulate a broader question." And, as in 5 above, says, to the Meter, "What about stealing cars? What about stealing vehicles? What about stealing other people's property?" The auditor gets the same Zero Question read on "What about stealing other people's property?" so he writes this down on his report. All of 5 above is done with no expectancy of the pc saying a thing.

The auditor does it all in a testing tone of voice with a testing attitude. Now in 6 above, as he has his question, the auditor sits up, looks at the pc and says, meaning it to be answered (but without accusation), "What about stealing other people's property?"

Now, as in 7 above the pc will probably mention the car, the auditor gives a half acknowledgment (encouraging mutter), the pc then recalls an umbrella and then a dressing gown and seems to think that's it. The auditor now fully acknowledges all of these with an "All right!" or a "Thank you, that's fine." The auditor does this only when the pc appears to be sure that's it.

And then the auditor goes into 8 above with, "Now are there any earlier incidents of stealing other people's property?" and 7 and 8 are played out until the pc finally says something like, "Well, I stole a mirror from a little girl who lived in our block, and that really is the first time." The auditor now does 9. The pc with track opened by the When, All, Appear, Who Questions, is again asked, as in 10, "I will check that on the Meter. What about stealing other people's property? That still reads. Is there an earlier incident (as in 8)?" The pc recalls one, saying, "I almost forgot. In fact I had forgotten it. I used to steal my father's car keys when I was three!" The auditor says (as in 9), "When was that?" "Is



there any more to that?” “What might have appeared there?” “Who failed to find out about it?” asking these four questions in order and getting an answer each time, asking them again and perhaps again. The auditor then says, “I will check this on the Meter (as in 1 0). What about stealing other people’s property? That’s clean.” And goes on into 12.

The auditor says, “I will now do the Middle Rudiments” (HCO Bulletin June 23, 1 962), cleans them and again says, “I will check the What Question. What about stealing other people’s property? That’s clean . “ And immediately does the Zero Question asking, “Have you ever stolen anything? That’s clean. Thank you.” And then asks the next Zero Question on the list.

Note: The pc can go back track as far as he likes without auditor interference.

-- -- -- -- --

TESTING WHATS

To test any auditor’s auditing, and to be sure all is well with a field or HGC pc, the What Questions should be checked out on the pc by another auditor and the pc turned back to the auditor to get them flat. Don ’t test Zeros for flatness. Increasing responsibility will unflatten Zeros. Only What Questions become forever null if done right. So only test What Questions for null reads. A What Question left alive can really raise mischief, as it constitutes a series of missed withholds. So test all What Questions formulated for that pc after an intensive or close to its end to be sure. And be sure every What Question used is written legibly on the auditor’s report.

-- -- -- -- --

This improvement in Prepchecking will increase speed , save ARC Breaks and make an easier and more thorough job of it.

Use this version of Prepchecking for all Theory and Practical tests and drills and on all pcs.

Prepchecking still combines with the CCHs more or less session for session. Form 3 and Form 6 A are the most productive Zero Question Lists. For auditors, “The last two pages of the Joburg (Form 3) and Form 6A” is a required prerequisite for higher classes.

L. RON HUBBARD

LRH :dr.rd
Copyright © 1962
by L. Ron Hubbard
ALL RIGHTS RESERVED



SECÇÃO DEZ: MATERIAIS ANTI-Q&A

P.A.B. No. 43

PROFESSIONAL AUDITOR'S BULLETIN

From L. RON HUBBARD

Via Hubbard Communications Office
163 Holland Park Avenue, London W.11

7 January 1955

PLOTTING THE PRECLEAR ON THE TONE SCALE

The most important point in entering a case from the viewpoint of the auditor is establishing the position of the preclear on the Chart of Human Evaluation as given and fully described in the publication *Science of Survival*.

Today this is a relatively simple task providing the auditor knows the simple processes which are the basic processes of both Dianetics and Scientology. As given in the last PAB, these processes are: Two-Way Communication, Elementary Straightwire, Opening Procedure 8-C, Opening Procedure by Duplication, Remedying Havingness and Spotting Spots in Space.

The establishing characteristic of the preclear's position on the tone scale is all contained under the heading of communication lag. Today we do not use E-Meters; today we do not use old-time dianometry; today we have a positive and precise method of positioning the preclear.

Communication lag is the length of time intervening between the asking of the question by the auditor and the reply to that specific question by the preclear. The question must be precise; the reply must be precisely to that question. It does not matter what intervenes in the time between the asking of the question and the receipt of the answer. Incidentally, from my experience in training in Phoenix, this is a very hard point for an auditor to grasp. Thus I am stressing it for you in these PABs. It does not matter what intervenes: the preclear may outflow, jabber, discuss, pause, hedge, disperse, dither or be silent; no matter what he does or how he does it, between the asking of the question and the giving of the answer, the *time is* the communication lag. The near answer, a guessing answer, an undecided answer, are alike imprecise answers and are not adequate responses to the question. On receipt of such questionable answers, the auditor must ask the question again. That he asks the question again does not reduce the communication lag; he is still operating



from the moment he asked the question the first time. And if he has to ask the question twenty or thirty times more in the next hour in order to get a precise and adequate answer from the preclear, the length of time of the lag would be from the asking of the first question to the final receipt of the answer. Near answers to the question are inadequate and are, themselves, simply part of the communication lag.

Example:

Auditor: *How many chairs are there in this room?*

Preclear: *Now, let me see. I don't know – we're sitting down, anyway.*

This is not an answer to the question. The answer to the question is the exact number of chairs in the room.

There are, of course, certain questions which are "fade-away" questions, to which, because of the characteristics of the mind, there is no possible answer. One of these is "Give me an unknown time." As soon as the preclear starts to answer such a question, he of course has as-is-ed a certain amount of unknownness and will know the time. The answer to a fade-away question is also measurable, however; it could be said arbitrarily to be answered when the preclear has as-is-ed enough unknownness to give a known time. There are relatively few of these questions.

The length of time necessary for an individual to ask and answer questions is actually a complete two-way communication lag, but here, in testing a lag, we are interested simply in the question the auditor asks and the length of time it takes a preclear to answer it.

Now here comes a specialized knowledge on communication lag. A preclear may have a very short lag on social questions. He may be able to answer immediately and expertly what his name is, how old he is and many other things. These questions are actually being answered by "social machinery" or habitual practice. He has actually no lag, apparently; but remember, the auditor in this case is not asking the preclear: he is asking a social response machine for the socially acceptable answer. As an example of this as mentioned in *Dianetics: Evolution of a Science*, I once had a preclear who would answer on any query as to health that she was fine, even though she was lying in the agony of a migraine headache. She had a machine set up to respond. One was not in communication with the preclear; and, indeed, one seldom ever was, for she was psychotic.

Thus, in establishing communication lag, it is necessary for the auditor to ask nonsocial questions. The question **"What is your name?"** may be replied to very readily. However, this is a social question, and thus one would have to ask the question such as **"How many doors in this room?"** or **"How many feet do women ordinarily have?"** in order to pose a question which requires intelligent differentiation on the part of the preclear. The length of time it takes for him to resolve this question as a problem and reply to it is the lag time.

This is an actual measure of the distance and the number of vias on the communication lag line of the preclear.

The phenomenon of communication lag is intensely useful; it tells you immediately how far the individual is out of present time; it tells us also the ability of the preclear to give up a problem. He may be so hungry for problems, and every question is a problem which requires an "answer," that he simply swallows the



problem and refuses to solve it by giving an answer to the question. It also tells us how protective, defensive the preclear is in regard to life and the environment.

An old-time auditor could very probably tell by his tone of voice as he spoke where he was on the emotional tone scale as given in *Science of Survival*. An auditor not so schooled need only glance at the person's communication lag in order to know where he stood on the tone scale.

There is an additional phenomenon, a "brother to communication lag," known as "process lag." This is the length of time it requires for the preclear to obtain a result from a process. "How many chairs are there in this room?" process, and then let us ask the preclear this question **"How many chairs are there in this room?"** and discover how many times he has to be asked the question and has to be made to answer the question precisely in order to do so without protest and with instant response. The length of time it would take him to reduce first his lack of knowledge as to the number of chairs in the room and then his unwillingness to be asked the question many, many times over and over (which is his unwillingness to duplicate) would, on an overall count, be

his process lag. The process lag is the length of time it takes to reduce all communication lag from a type of question or action in auditing; and a process lag, then, is peculiar to auditing, unless, of course, you wish to examine the whole subject of communication lags, at which moment you would discover all manner of interesting phenomena not particularly necessary to the auditor.

He would discover, for instance, that the length of time it takes for an individual to learn and adequately use arithmetic could be classed as a process lag. He could discover also that there is a communication lag going on in nearly all conversations. One asks the social question, "How are you?" and the person responds from his machinery, "Fine"; and then, as though totally disrelated, one-half-hour later suddenly says to his companion who asked the first question, "You know, I feel terrible today." There is, for instance, the physiological communication lag. How long does it take for a man's body to change the consideration that he is tired to the consideration that he is refreshed? How long does it take a certain drug to work? But it is not our purpose to go into the broad study of communication lags, as interesting as that field may be, for we do not need to know any more than communication lag and process lag in order to do a good job of auditing and to position the preclear accurately on the tone scale.

Actually it is the process lag which situates the preclear on the tone scale for the auditor. Let us say that a very long process lag could be classified as "unable to do until processed." Then we would discover that Two-Way Communication as the basic process would be an inability if not done with ease by the preclear; if it is done very arduously by the preclear, it would take the preclear on the lower part of the tone scale. Similarly, if the preclear has enormous lag on Straightwire questions, it would peg him as on another, slightly higher, part of the tone scale; and so forth.

This is extremely useful information for an auditor, for it tells him that anybody below 2.0 on the tone scale is there to be audited into death. He is not there to be made to survive, and thus a case poses a considerable amount of trouble for an auditor when it is below 2.0 on the tone scale. When, in other words, it does not discover in Two-Way Communication and in Elementary Straightwire easy processing.

Just to make sure that no preclear fools an auditor with social responses and just to make sure that every preclear gets well, we process today in this fashion. First we discover and execute Two-Way Communication with the preclear, even though we have to do it in the field of mimicry. Then, when Two-Way

Communication is very adequately established between the auditor and the preclear, we continue with Elementary Straightwire, the commands of which are **"Something you wouldn't mind remembering," "Something you wouldn't mind forgetting."** Only then would we go into Opening Procedure of 8-C. It would seem very hard to believe to some people, unless they have considerable experience in auditing, that many people find in Opening Procedure of 8-C a process so arduous that they become sick, fall on the floor and do all manner of weird convulsions. Yet it is true that an individual who has not already been put upscale to Two-Way Communication and Elementary Straightwire will discover considerable difficulty in Opening Procedure of 8-C.

When one has done Two-Way Communication and Elementary Straightwire on a preclear and has recovered the preclear's ability to get well, he can see for the purposes of auditing that the individual has come to a level above 2.0 on the tone scale and he then is ready to embark on Opening Procedure of 8-C, remembering at all times that he must still be able to maintain his two-way communication – that is, not one-way communication, but two-way communication with the preclear, whatever process he does on the preclear, whenever he does it, no matter what actual condition the preclear is in. Many an auditor fails simply because he fails to listen to the preclear when the preclear has something to say and thus the preclear goes into apathy, for he was about to discover to the auditor that the auditor's process had done something fantastically interesting to him, and being unable to communicate this to the auditor, the preclear goes into apathy.

CHART OF PROCESSES WHERE THEY ARE ON THE ARC TONE SCALE

	<i>Exteriorized</i>
	4.0
<i>Spotting Spots in Space</i>	
	3.6
	3.5
<i>Remedy of Havingness</i>	
	3.1
	3.0
<i>Op. Pro. by Duplication</i>	
	2.6
	2.5
<i>Opening Procedure 8-C</i>	
	1.8
	1.8
<i>Elementary Straightwire</i>	
	1.1
	1.0
<i>Two-Way Communication</i>	



VERIFICADOR
DE
SEGURANÇA

-8.0

GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB de 07 de ABRIL de 1964

TODOS OS NÍVEIS Q&A

Há uma grande quantidade de auditores que fazem Q&A.

Isto porque não compreendem o que significa Q&A.

Quase todos os seus fracassos em audição provêm, não do uso de processos errados, mas de Q&A.

Em função disso, examinei o assunto e redefini Q&A.

A origem do termo Q&A provém de "mudar quando o preclaro muda". A resposta básica a uma pergunta é, obviamente, a pergunta, se seguirmos completamente a duplicação da fórmula da comunicação. Vejam-se as gravações do Congresso de Filadélfia, em 1953 onde isto é abordado em detalhe. Uma definição posterior foi: "Questionar a resposta do preclaro". Outro esforço para ultrapassar a dificuldade e explicar Q&A foi o exercício Anti-Q&A. Porém nada disto atingiu o que se pretendia.

A nova definição é:

Q&A É A FALTA DE COMPLETAR UM CICLO DE AÇÃO NUM PRECLARO.

UM CICLO DE AÇÃO É REDEFINIDO COMO COMEÇAR, CONTINUAR, TERMINAR.

Assim, um ciclo de comunicação de audição é um ciclo de ação. Inicia-se com o auditor a fazer uma pergunta a que o preclaro consegue compreender, continua com a obtenção de uma resposta do preclaro e termina acusando-lhe a receção.

Um ciclo de um processo é a seleção de um processo para ser auditado no preclaro, fazer o processo dar TA (se necessário) e escoar todo o TA do processo.

Um ciclo de um programa é a seleção de uma ação a ser executada, executar essa ação e completá-la.

Pode assim ver-se que um auditor que interrompa ou que mude um ciclo de comunicação de audição antes de este estar completo, está a "fazer Q&A". Isto pode acontecer pela violação, impedimento ou não execução de qualquer das partes do ciclo de audição. Isto é: Pergunta uma coisa ao preclaro, recebe a resposta a uma ideia diferente, faz uma pergunta sobre essa ideia diferente abandonando assim a pergunta original.

Um auditor que começa um processo, que o põe simplesmente a funcionar e que obtém uma ideia nova por causa de uma cognição do preclaro e passa a lidar com a cognição e abandona o processo original, está a fazer Q&A.

Um programa, tal como um "Prepcheck na família deste Preclaro", que é iniciado e que por qualquer razão é deixado incompleto para perseguir qualquer nova ideia sobre a qual fazer o Prepcheck, é Q&A.

O que aniquila os casos são os ciclos de ação não concluídos.

Tendo em conta que o tempo é um "continuum", não concluir um ciclo de ação (um continuum) encalha o preclaro nesse exato ponto.

Se não acredita nisto faça um Prepcheck em "Ações incompletas" de um preclaro! Que ação incompleta foi suprimida?, etc., limpando mesmo o e-metro em cada botão. Então terá um clear, ou pelo menos alguém que se comportará como tal ao e-metro.



Compreenda isto e será à volta de noventa vezes mais eficiente como auditor.

"Não faça Q&A" significa: "Não deixe ciclos de ação incompletos num preclaro".

Os resultados que pretende alcançar num preclaro perdem-se quando faz Q&A.

L. Ron Hubbard
Fundador



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB de 20 DE NOVEMBRO de 1973

Emissão II

C/S Série 89

FLUTUAR O QUE SE PERGUNTA OU PROGRAMA

Ref. HCOB 23 Dez. 72 Processamento de Integridade Série 20

HCOB 21 Nov. 73 A cura para Q&A

Quando um Auditor faz uma pergunta, mas tem F/N de outra coisa isso é apenas uma versão de Q & A.

Exemplo: AUDITOR: Tens um problema? PC: (divagando) Estava a pensar no jantar de ontem. AUDITOR: Isso fez F/N.

Em quase todas as pastas se podem encontrar exemplos disto:

O Auditor não está treinado a não fazer Q & A.

Ele NÃO está a obter respostas às suas perguntas.

Quando o Auditor começa qualquer coisa (tal como uma pergunta ou processo) ele TEM DE TER F/N naquilo que começou MESMO QUE ELE FAÇA QUALQUER OUTRA COISA ENTRETANTO E TENHA F/N NOUTRA COISA. ELE TEM DE TER F/N NA AÇÃO ORIGINAL.

O resultado pode ser:

- (a) Fenómeno de Retenção Falhada
- (b) TA alto ou baixo uma hora depois de o pc ter tido "F/N no Examinador".
- (c) Um caso encalhado.
- (d) Um programa por fazer.
- (e) Um pc por manejar.
- (f) Necessidade de contínuos programas de reparação.

Para livrar um HGC de tal doença é preciso que os Auditores passem por um tratamento Anti-Q & A.

Q & A DO C/S

Os C/Ss também podem fazer Q & A. Eles apenas manejam o que quer que seja que o pc origine ao Examinador ou Auditor, uma e outra vez sempre, sempre.

O resultado é:

- A. Programas Incompletos.
- B. Trabalho triplo ou quádruplo do C/S porque o caso parece que nunca se resolve.
- C. Montes de programas de reparação.



No entanto um tal C/S nunca aceitará a possibilidade de estar a cometer O erro primário.
O remédio é pôr o C/S a fazer um programa Anti-Q & A.

L RON HUBBARD

Fundador



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,
HCOB 21 de NOVEMBRO DE 1973

A CURA PARA O Q&A

A MAIS MORTAL DAS DOENÇAS DO HOMEM

Q & A é um mal terrível que tem de ser curado antes que um Auditor (ou um Administrador) possa obter resultados.

A DOENÇA DO Q & A

Auditor: Localiza aquela parede.
Pc: Dói-me a nuca.
Auditor: Já dói há muito tempo?
Pc: Desde que estive na tropa.
Auditor: Estás na tropa agora?
Pc: Não, mas o meu pai está.
Auditor: Tens estado em comunicação com o teu pai ultimamente?
Pc: Tenho saudades dele.
Auditor: Isso fez F/N, fim de processo.

O Auditor nem reparou que o pc nunca localizou a parede, ou que percorreu o pc por toda a trilha não aplanando nada, restimulando o pc.

UMA BACTÉRIA MORTAL

Quando um Auditor faz uma Pergunta e faz F/N de outra coisa pode confundir gravemente o pc.

Auditor: Tens um withhold? Isso lê.
Pc: É apenas uma perversão de 2D. No que eu estava mesmo a pensar era no aumento que tive hoje.
Auditor: Isso fez F/N.
Pc (mais tarde na sessão): Esta org. é uma piolhice. Levam muito caro....
Auditor em mistério, sucumbe.

ISTO É APENAS Q & A, COM OUTRA CAPA.

DELÍRIO ADMINISTRATIVO

Quando um Administrativo faz Q & A desce imediatamente no quadro da org. e em espiral.

LRH Com: Tens aqui uma meta de mudar os ficheiros.
Membro do Pessoal: Não entendi algumas das palavras.
LRH Com: Está aqui uma ordem de aclaramento de palavras para Qual.
(No dia seguinte.) LRH Com: Foste ao aclarador de palavras?



Membro do Pessoal: Agora estou em Linhas Médicas.

LRH Com: Estás doente há quanto tempo?

Membro do Pessoal: Desde que o Oficial de Ética foi mau para mim.

LRH Com: Vou ver o que se passa na tua pasta de ética....

E lá voltamos nós à mesma.

NENHUMA META ALCANÇADA PORQUE O EXECUTIVO NÃO CONSEGUIU MANEJAR O Q & A

O Q & A DO C/S

Os Supervisores de Caso (fico vermelho só de pensar) são por vezes culpados de Q & A e infetam as suas áreas com a sua bactéria.

Pc ao Examinador: Estou constipado.

C/S: Percorrer: localizar locais para curar a constipação.

Pc ao Auditor: Realmente estou PTS da minha Tia.

C/S: Fazer o PTS RD sobre a Tia.

Pc ao Examinador: Realmente é o meu pé.

C/S: Fazer assistência de toque no pé...

Qual é o C/S que alguma vez consegue fazer um programa para o pc desta maneira?

Onde se encontram programas por fazer nas pastas, encontram-se Auditores patetas e Supervisores de Caso do tipo Q & A.

FUMIGAÇÃO

Existem curas específicas para esta terrível e vergonhosa maleita. Ela tem de ser tratada pois resulta em ressurgimento de casos atolados e blows, altos e baixos TAs e caras muito vermelhas quando se conta a Estatística dos Completamente Pagos. A Cura é bastante violenta e muito poucos têm a coragem bastante para a fazer porque o seu confronto no começo é demasiado baixo, o que, com os seus itens de não-interesse deixados em restimulação nos seus Rundowns de drogas, ou nenhuns TRs para começar, ou nenhum Supervisor quando fizeram o Curso.

O resultado direto de tudo isto é um sintoma conhecido por “jogo das palminhas”. Este é um jogo infantil que consiste em bater as palmas e depois bater as palmas de um contra as do outro e desde Dianética 1950 significa NÃO TRATAR DOS CASOS. Os sinais do jogo das palminhas são uma postura fraca e desleixada, papos nos olhos, espinha curvada e olhos patéticos e lamurientos. A respiração é ofegante e em pânico, as mãos transpiradas, sobressaltando-se ao cair um alfinete na sala ao lado. Contudo para aquelas almas vigorosas que querem Aclarar o planeta e que realmente querem resolver coisas acabou-se o descanso e seja lá como for façam este programa:

1. Este HCOB classe estrela. _____
2. HCOB 620524 “Q & A” classe estrela. _____
3. HCOB 611213 “Variar as Perguntas da Verificação de Segurança” _____
4. HCOB 620222 “Retenções, Falhadas e Parciais”. _____
5. HCOB 630329 “Sumário da Verificação de Segurança” _____
6. HCOB 640407 “Todos os Níveis - Q & A” _____
7. TRs de Maneira Rigorosa _____



8. Doutrinação Superior de Maneira Severa _____
9. Manejar o item por Fazer ou Nenhum Interesse do RD de Drogas do Auditor, C/S ou Administrador _____
10. 35 horas de Op Pro por Dup em Co-Audição recebendo e dando. _____
11. HCOB 630729 “Exercícios de Treino do Saint Hill Special Briefing Course” Secção “Exercício Q & A” _____
12. HCOB 731120 I Emissão Exercício Anti Q & A _____
13. HCOB 731120 II Emissão “F/N O que Pergunta ou Programa”. _____
14. Uma demonstração do derradeiro resultado final que a pessoa
PODE VER SITUAÇÕES E MANEJÁ-LAS _____

Pois que, é claro, a razão da pessoa fazer Q & A é ela não conseguir confrontar ou ver a cena existente e, portanto, não consegue maneja-la.

Q & A é a DOENÇA DAS EVASIVAS NA VIDA.

Quando tal pessoa tenta ter uma questão ou programa feito e a outra pessoa diz ou faz outra coisa, aquele que faz Q & A fica como que soterrado ou afundado e apenas se deixa ficar em efeito.

PESSOAS QUE CONSEGUEM COISAS FEITAS SÃO CAUSA. Quando não, fazem Q & A.

Por isso É uma espécie de doença. Soterramento Crónico. NÃO se cura com drogas nem com choques elétricos nem com operações ao cérebro.

Cura-se tornando-se suficientemente forte no confronto e no manejo da vida!

LRH:ntjh

L. RON HUBBARD
Fundador



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB de 24 de MAIO de 1962

Q&A

Já muito se disse acerca de “Fazer Q & A”, mas poucos auditores sabem exatamente o que é, e até agora, todos os auditores sem exceção já o fizeram.

Terminei há pouco um trabalho que analisa isto e alguns exercícios que educam um auditor a sair disso. Com uma melhor compreensão disso, podemos erradicá-lo. Q & A significa

FAZER UMA PERGUNTA ACERCA DA RESPOSTA DO PC

UMA SESSÃO EM QUE O AUDITOR Q & A É UMA SESSÃO CHEIA DE QUEBRAS DE ARC

UMA SESSÃO SEM Q & A É UMA SESSÃO MACIA.

É vital para todos os auditores compreenderem a utilidade deste material. Os ganhos para o pc são grandemente reduzidos pelo Q & A e o aclarar não é só travado. É evitado.

O termo “Q & A” significa que a resposta exata a uma pergunta é a pergunta, um princípio real. Contudo, veio a significar que o auditor fazia o que o pc fazia. Um auditor que está a “Q & A” está a entregar o controlo da sessão ao pc. O pc faz uma coisa e o auditor também faz uma coisa de acordo com o pc. O auditor seguindo apenas a liderança do pc não está a fazer audição e o pc é largado na “auto audição”.

Quase todos os auditores fazem isto, nenhuma audição é a receita do dia. Portanto estudei e observei e finalmente desenvolvi uma análise minuciosa do assunto, por falta do qual os auditores, embora compreendam Q & A, ainda assim fazem “Q & A”.

OS Q & As

Existem 3 Q & As. São eles:

1. Dupla pergunta.
2. Mudar porque o pc muda.
3. Seguir as instruções do pc.

A Dupla Pergunta

Isto acontece nas perguntas Tipo Rudimentos e está errado.

Este é o principal erro do auditor e *tem* de ser curado.

O auditor faz uma pergunta. O pc responde. O auditor faz uma pergunta acerca da resposta.

Isto não é apenas errado. É a principal fonte de Quebras de ARC e de rudimentos fora. É uma grande descoberta revelar isto tão simplesmente a um auditor porque eu sei que se for compreendido, os auditores farão isto bem.

O exemplo mais comum passa-se num grupo social. Perguntamos ao José “Como estás?” o José responde, “Estive doente.” Nós dizemos “Com quê?” Isto pode ser assim em sociedade, mas *não* numa sessão de audição. Seguir este padrão é fatal e pode varrer todos os ganhos.

Eis aqui em exemplo *errado*: Auditor: “Como estás?” PC: “Péssimo” Auditor: “Que se passa?” Em audição não se pode nunca, nunca, *nunca* fazer isto. Todos os auditores o têm feito. E o seu efeito é péssimo no pc.

Eis aqui o exemplo *certo*: Auditor: “Como estás?” PC: “Péssimo.” Auditor: “Obrigado.” Honestamente, por estranho que pareça e por grande que seja o esforço para a sua maquinaria social que você ache, *não* existe outro modo de manejar.

E a totalidade do exercício deve ser assim: Auditor: “Tens um problema de tempo presente?” PC: “Sim” (ou *qualquer* coisa que o pc diga). Auditor: “Obrigado, vou verificar isso no e-metro”. (Olha para o e-metro.)

Tens um problema de tempo presente? Está limpo.” ou “.....Ainda reage. Tens um problema de tempo presente? IssoIsso.” PC: “Discuti com a minha mulher ontem à noite.” Auditor: “Obrigado, vou verificar isso no e-metro. Tens um problema de tempo presente? Está limpo.”

A maneira como os auditores têm manejado isto é assim, muito mal. Auditor: “Tens um problema de tempo presente?” PC: “Discuti com a minha mulher ontem à noite.” Auditor: “Acerca de quê?”

Falha! Falha! Falha!

A regra é NUNCA FAZER UMA PERGUNTA ACERCA DA RESPOSTA AO LIMPAR QUALQUER RUDIMENTO.

Se o pc vos der uma resposta, agradeçam e verifiquem no e-metro. *Nunca* façam uma pergunta acerca da resposta que o pc deu, seja *qual* for essa resposta.

Rigorosamente *não podem* facilmente limpar rudimentos enquanto fizerem uma pergunta acerca da resposta do pc.

Não se pode esperar que o pc sinta o agradecimento e assim permitem-se Quebras de ARC. E mais, afrouxa-se a sessão e pode varrer-se todos os ganhos. Pode inclusive pôr-se o pc pior.

Se o que se quer numa sessão são ganhos, nunca fazer Q & A em perguntas tipo rudimentos ou perguntas da verificação de segurança tipo Formulário.

Receba o que o pc disse. Agradeça. Verifique no e-metro. Se limpou, continue. Se ainda reage, faça outra pergunta do tipo de um rudimento.

Apliquem esta regra severamente. *Nunca* se desviem dela.

Muitos dos novos exercícios de TR baseiam-se nisto. Mas vocês podem fazê-lo agora.

Manejem assim todos os rudimentos do princípio, do meio e do fim. Ficarão *espantados* se o fizerem com os ganhos que rapidamente os pcs vão ter e quão facilmente os rudimentos vão entrar e ficar.

Ao fazer Verificação Preparatória entra-se mais fundo no bando do pc usando a sua resposta para o pôr a amplificar.

Mas nunca quando se usar uma pergunta tipo Rudimento ou verificação de segurança.

Mudar porque o Pc muda

Sendo um erro do auditor menos comum, mas mesmo assim existe.

Mudar um processo porque o pc está a mudar é uma quebra do Código do Auditor. É um flagrante Q & A.

Obter mudanças no pc, leva muitas vezes o auditor a mudar o processo.

Alguns auditores mudam o processo sempre que o pc muda.

Isto é muito cruel. Isto deixa o pc pendurado em cada processo percorrido.

É a marca de um auditor frenético, obsessivo em alter-is. A impaciência do auditor é tal que não pode esperar para alisar seja o que for e tem de continuar.

O método para evitar isto é a regra da audição pelo ponteiro de tom.

ENQUANTO HOUVER MOVIMENTO DO PONTEIRO DE TOM, CONTINUAR O PROCESSO.

MUDAR O PROCESSO SÓ QUANDO JÁ NÃO HOUVER MOVIMENTO NO PONTEIRO DE TOM.

Os processos de reparação de rudimentos não são processos no sentido lato da palavra. Mas mesmo aqui a regra aplica-se até certo ponto. A regra aplica-se se: Se nos rudimentos um pc tiver muito movimento no ponteiro do tom, e especialmente se na sessão tiver pouco movimento do ponteiro do tom, tem de percorrer-se uma Verificação Preparatória nas perguntas dos rudimentos e fazer CCH no pc. Normalmente, se fizerem um processo de rudimentos para pôr rudimentos dentro, ignorem o Movimento do Ponteiro de Tom. Senão nunca chegarão ao corpo da sessão e terão feito Q & A com o pc afinal. Pois terão deixado o pc “perder” a sessão por ter rudimentos fora e terão deixado o pc evitar o corpo da sessão. Então, ignorem a Ação do TA ao manejar rudimentos a menos que façam Verificação Preparatória, usando um rudimento de cada vez no corpo da sessão. Quando se usa um rudimento como rudimento, ignora-se a Ação do TA. Quando usarem um rudimento no corpo da sessão para Verificação Preparatória, tomem atenção à Ação do TA para ter a certeza de que alguma coisa está a acontecer.

Não pendurem o pc em mil processos por aplanar. Aplanem um processo antes de mudar.

Seguir as instruções do Pc

Existem “auditores” que olham para o pc em busca de diretivas para manejar os seus casos.

Como a aberração é composta de desconhecidos isto resulta que o caso do pc nunca é tocado. Se é só o pc a dizer o que fazer, então só as áreas conhecidas do caso do pc serão auditadas.

Pode pedir-se a um pc dados sobre aquilo que outros auditores fizeram e dados em geral sobre as suas reações aos processos. Usam-se até este ponto os dados do pc *quando* também verificados no e-metro e de outras fontes.

Isto foi mal feito a mim próprio. Auditores houve uma vez ou outra que me pediram a mim como pc instruções e diretivas de como fazer certos passos em audição.

Claro que colar a atenção ao auditor já é bastante mau. Mas perguntar a um pc o que fazer, ou seguir as diretivas do pc quanto ao que fazer é descartar na sua totalidade o controlo da sessão. E o pc vai piorar nessa sessão.



Também não considerem o pc um pateta a ser ignorado. É a sessão do pc. Mas sejam suficientemente competentes da vossa tarefa para *saber* o que fazer. E não odeiem tanto o pc a ponto de tomar as suas diretivas quanto ao que fazer a seguir. Isso é fatal em qualquer sessão.

SUMÁRIO

“Q & A” é gíria. Mas todos os resultados da audição dependem em auditar bem e não fazer “Q & A”

De todos os dados acima apenas a primeira secção contém uma nova descoberta. É uma descoberta importante. As outras duas secções são antigas, mas têm de ser descobertas mais tarde ou mais cedo por todos os auditores que queiram ter resultados.

Se fizerem Q & A o vosso pc não alcançará ganhos da audição. Se realmente odeiam o pc, então sim façam Q & A, e fiquem com toda a sua repercussão.

Uma sessão sem Quebras de ARC é uma coisa maravilhosa de dar e receber. Hoje não temos de usar processos de Quebras de ARC se manejarmos bem os nossos rudimentos e nunca fizermos Q & A.

LRH:jw.rd

L. RON HUBBARD

Fundador



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB de 5 de ABRIL de 1980

Cursos de TRs

A VERDADEIRA DEFINIÇÃO DE Q&A

Existem várias definições para o termo "Q&A".

Em linguagem de Cientologia é muitas vezes usado para significar "indeciso", que não se consegue decidir.

O "Q" é de "Questionar" (Perguntar) o "A" é de "Aceder" (Aceder a Responder).

Se estivermos a lidar com uma "duplicação perfeita", a resposta à Pergunta é a própria Pergunta.

Eis a verdadeira definição, tal como se aplica aos TRs: "Questionar a última Resposta".

Exemplo:

Pergunta: "Como é que estás?"

Resposta: "Estou bem".

Pergunta: "Bem como?"

Resposta: "Dói-me o estômago".

Pergunta: "Quando é que o estômago te começou a doer?"

Resposta: "Por volta das 4 horas".

Pergunta: "Onde é que estavas às 4 horas?"

Etc., etc., etc.

Este exemplo constitui num erro grosseiro de audição. Chamamos-lhe "Q&A" uma vez que cada pergunta é baseada na resposta precedente. Poder-lhe-íamos chamar também: "Q (Questão) baseada na última A [Acedência a responder]".

Deste modo, um ciclo nunca mais termina. Os Pcs mergulham na confusão. É uma violação do TR3. Não o façam.

Creio que o que acabo de dizer desfaz toda a confusão sobre este assunto.

L. Ron Hubbard

Fundador



VERIFICADOR
DE
SEGURANÇA

GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB de 20 DE NOVEMBRO de 1973

Emissão I

Reemitido do

21º CURSO CLÍNICO AVANÇADO

EXERCÍCIOS DE TREINO

NOME: TR Anti Q & A.

COMANDOS: Basicamente, “Põe isso (objeto) no meu joelho.” (Pode usar-se como objeto um livro, um papel, um cinzeiro, etc.)

POSIÇÃO: Estudante e Treinador sentados frente a frente a uma distância confortável e que permita que o Treinador chegue facilmente ao joelho do Estudante.

PROPÓSITO:

- (a) Treinar o Estudante a pôr o Pc a cumprir um comando usando comunicação formal NÃO Tom 40.
- (b) Habilitar o Estudante a manter os seus TRs enquanto dá os comandos.
- (c) Treinar o Estudante a não se perturbar com o Pc sob audição formal.

MECÂNICAS: O Treinador escolhe pequenos objetos (livro, cinzeiro, etc.) e segura-os na mão.

ÊNFASE DO TREINO: O Estudante tem de fazer o Treinador colocar o objeto que tem na mão no joelho do Estudante. O Estudante pode variar o seu comando desde que mantenha a Intenção Básica (não Tom 40) para fazer o Treinador colocar o objeto no joelho do Estudante. O Estudante não pode usar qualquer força física, apenas comandos verbais. O Treinador vai tentar pôr o Estudante a fazer Q & A. Ele pode dizer o que quiser para tentar desviá-lo do caminho para conseguir o comando executado. O Estudante pode dizer o que quiser a fim de conseguir que o comando seja feito, desde que diretamente se aplique a conseguir que o Treinador coloque o objeto no joelho do Estudante.

O Treinador dá falha por:

- (a) Qualquer comunicação não diretamente relacionada com fazer o comando ser executado.
- (b) TR Anteriores.
- (c) Qualquer perturbação demonstrada pelo Estudante.

LRH:nt.rd

L. RON HUBBARD
Fundador



HUBBARD COMMUNICATIONS OFFICE

Saint Hill Manor, East Grinstead, Sussex

HCO BULLETIN OF 21 MARCH 1962

Franchise

PREPCHECKING DATA WHEN TO DO A WHAT

Prepchecking can be defeated by failing to ask a *What* question at the proper time.

If you ask the *What* question when a pc gives you a vague generality, you will find yourself doing a “shallow draft” Prepcheck that never gets any meat.

When you obtain a generality early on after the Zero question, you make it a Zero A.

You never ask a What question until you have managed to get a single specific overt.

Only when the pc has been steered into stating an actual overt, do you ask the *What* question and write it down.

And when the pc gives you a specific overt, you frame the *What* question so as to take in the whole possible chain of similar overts. A chain is a repetition of similar acts.

Example: Wrong: Pc says, “I used to disconcert my mother.” Auditor says and writes down, “What about disconcerting your mother?” as his What question. Of course the prepchecking goes lightly nowhere.

Right: Pc says he used to disconcert his mother. Auditor steers pc into a specific time. Pc finally says, “I jumped out on her and startled her one time and she dropped a tray of glasses.” *Now* the auditor has a specific overt. The chain will be startling his mother. The What question, then, which is written down and asked is, “What about startling your mother?” and the first incident the pc gave is worked over. If the needle doesn’t fall when this What is asked, then the auditor asks for an earlier time he startled his mother.

This What question is worked on different startlings of mother and *only* on startlings of mother until the needle is cleaned on that *What* question.

Then one asks the Zero A, “Have you ever disconcerted your mother?” The needle reacts. The auditor fishes around for a specific other incident. Finally gets, “I used to lie to her.” Now it would be an awful goof to give the *What* question on this one, as the pc has given no specific incident. But the needle reacted, so the auditor writes a Zero B, “Have you ever lied to your mother?” and then nags away at the pc until a specific time is recovered: “I told her I was going out with boys when in actuality, I dated a girl she hated.” Now write the *What* question: “What about lying to your mother about dating girls?” and work over that one time the pc gave with the When A11 etc. If the needle reacts on the *What* question after a couple times over the When A11 etc, ask for an earlier time. Get another specific incident, work it over.

Test the What question, work over exact withholds and find more incidents earlier until that *What* question is clean on the needle. Then ask the Zero B. If it’s clean write nul after it. If not find a new What on that subject as above.

When the Zero B is clean, ask the Zero A. If that’s clean, write nul after it. If not, find a new chain. And that’s the way it goes.

Working only generalities and never specific incidents wrecks all value of prepchecking and upsets the pc with missed withholds.

If the pc does come up with a withhold *not* on the chain (example: while doing above *What*, pc says, “I also lied to my father”) write notation (“Lied to father”) on margin for later reference and leave it alone. Don’t pursue it. Work only one chain at a time.



Q and A is a serious thing in Prepchecking.

Moving Tone Arm

If you fail to get tone arm action while working a chain of overts on a pc (less than .25 division per 20 minutes) you are working a profitless chain. Clean it up a bit and leave it. Your Zero A is probably quite wrong. Be sure and ask, “Have I missed a withhold on you?” and clean *it* before so abandoning a chain.

You want TA motion in Prepchecking. Find Zero and Zero A questions that do move the TA.

It is a violation of the Auditor’s Code to continue to audit processes that do not produce change. Or to stop processes that do produce change. This applies to chains and subjects selected for Prepchecking.

Social Mores

The criteria of what is a *bot* withhold depends utterly on the pc’s idea of What Is An Overt. It does not depend on what the auditor thinks an overt is.

The pc is stuck in various valences in the Goals Problems Mass. Each has its own *Social Mores*. They may not agree with or apply to current life morality at all. This can cause trouble in Prepchecking.

Example: Pc is stuck in the valence of a Temple Priestess. Auditor is a bit fuddy on being a school principal. Auditor keeps looking for sexual misconduct with small boys. It isn’t on pc’s case. Result, no TA action. Finally almost by accident, knowing nothing about the pc’s GPM yet, the auditor disgustedly asks, “Have you ever failed to seduce anybody?” and bang! *That’s* a Zero A to end all Zero A’s and the pc gives up “overt” after “overt”, failed to seduce her husband’s friend, her sister’s boyfriend, her kindergarten teacher, etc, etc, etc, with two divisions of TA motion.

“Have you ever tried to cure anyone?” is a fine Zero question for all killer types.

Prepchecking is at its best *after* one knows some GPM items from doing 3D Criss Cross.

What *are* the mores of a Temple Priestess and how has the pc violated them in this life?

Prepchecking is wonderful at any time but it really soars when one knows some of the pc’s terminals.

This lifetime hasn’t added anything to the GPM. It’s just keyed it in. We live in quiet times.

Don’t Forget “Guilty”

A fine Zero question is “making others guilty”.

“Have you ever tried to make anyone guilty?” Pc says Policemen, he guesses.

Needle reacts. Auditor writes Zero A, “Have you ever tried to make a policeman guilty?” He fishes for an actual incident, finds the pc bawled out a traffic officer, writes the *What*, “What about bawling out cops?” and we’re away.

Add Appear

In the Withhold System, add “Appear, Not Appear” after All.

The question sequence becomes for any one incident:

When?

All?

Appear?



Who?

The next time around use “Not Appear”

When?

All?

Not Appear?

Who?

The phrasing of this is, “What appeared there?” or some such wording. And “What failed to appear?” for the next round.

This injects “Afraid to find out” into Prepchecking with great profit and knocks the Not-Is off the withhold.

This will run a whole track incident.

Whole Track

If the pc goes back of this lifetime, let him or her go back. Now that Appear is part of the Withhold System, it’s unlikely the pc will hang up and get stuck. *But* the golden rule of Prepchecking is to always work specific incidents, work them one at a time, and go to an earlier incident if an incident doesn’t clear easily on the needle.

Two times through When, All, Appear, Who should free locks, ten times through should clean any engram.

If the chain you’re working isn’t moving the TA, you’re up to your neck in red herrings. Clean “Have I missed a withhold on you?” and abandon it.

Unknown Pins Chains

There is always an unknown-to-the-pc incident or piece of incident at the bottom of every chain. Only an unknown incident can make a chain of incidents react on the needle.

You will always find that a chain will be sticky until the unknown incident or piece of incident at the bottom of it is revealed. When you’ve got it fully revealed, the chain will go nul. The chain will not go nul until its basic is reached. It can be this lifetime or a former life. But it sure is unknown to the pc. That’s “Basic on a Chain”.

Recurring Withholds

The pc that gives the same withhold over and over to the same or different auditors, has an unknown incident underlying it. All is not revealed on that Chain.

Missed Withholds

If you ask a pc if another auditor has missed a withhold on him or her and find one, you have a profitable chain to work in many cases.

Rudiments in Prepchecking

When you are running a chain and in the next session you find rudiments out and use any form of withhold question, the pc throws the session into a new chain and you will find yourself unable to get back to yesterday’s session.



This utterly defeats Prepchecking. Do not let it happen. In a Prepcheck session, when getting rudiments in, avoid any suggestion of withhold questions. Use only processes that avoid O/W entirely. See early Model Sessions.

Example: Pc has Present Time Problem. It won't resolve with two-way comm. *Don't* ask for withholds about it or you'll ruin your control of what's to be Prepchecked. Use Responsibility or Unknown on the problem. For Room use Havingness. For Auditor use "Who would I have to be to audit you?." Exception: In a Prepcheck Session Ruds ask for Withholds since last session. Ask this pointedly. "Since the *last session*, have you done anything you are withholding from me?" If you get a needle reaction, ask the same question again, very stressed. Buy only an exact answer to that question.

If you use any version of O/W in the rudiments in a Prepcheck session you open the door to a new chain and you'll spend the whole session on new chains without completing yesterday's session. This results in a scrambled case. You have lost control of the session.

Prepchecking is a precious tool.

This bulletin covers errors being made or material evidently needed for successful Prepchecking.

I can tell you that if Prepchecking doesn't make a case fly for you, you need training on meters and auditing. This is one process that's a doll and if you can make it work you can do more for a case per session than any being in history.

L. RON HUBBARD

LRH:phjh

Copyright © 1962

by L. Ron Hubbard

ALL RIGHTS RESERVED



SECÇÃO ONZE: PROCEDIMENTO DE VERIFICAÇÃO DE SEGURANÇA

HUBBARD COMMUNICATIONS OFFICE

Saint Hill Manor, East Grinstead, Sussex

HCO BULLETIN OF 6 JUNE 1984R¹; ²

Issue IV

REVISED 12 JANUARY 1990

(Also issued as an HCO PL, same date and title)

Remimeo

Auditors

C/Ses

MAAs/Ethics Offs

Cramming Officers

HCO

Tech

Qual

HSSC Checksheet

False Purpose RD Auditors and C/Ses

False Purpose Rundown Series 2R

THE “LOST TECH” OF HANDLING OVERTS AND EVIL PURPOSES

Refs:

HCO PL 7 Feb. 65 KSW Series 1 KEEPING SCIENTOLOGY WORKING

HCO PL 17 June 70RB KSW Series 5R Rev. 25.10.83 TECHNICAL DEGRADES

HCOB 28 Feb. 84 C/S Series 118 PRETENDED PTS

HCOB 13 Oct. 82 C/S Series 116 ETHICS AND THE C/S

HCOB 9 Feb. 79R KSW Series 23R Rev. 23.8.84 HOW TO DEFEAT VERBAL TECH
CHECKLIST

HCOB 15 Feb. 79 KSW Series 24 VERBAL TECH: PENALTIES

HCO PL 17 Jan. 79 A NEW TYPE OF CRIME

In a recent review of several cases, I’ve unearthed some vital tech in the fields of pulling overts and handling evil purposes that had been “lost” (buried) by certain SPs who’ve long since departed. This tech has now been put fully back into use and—with the addition of totally new breakthroughs on the handling of evil purposes—is more powerful than ever.

HISTORY

In early days I developed Security Checking to a high skill, whereby the meter was used to get the exact time, place, form and event nailed down on every overt.

In later years, in rundowns such as Expanded Dianetics, Sec Checking was covertly knocked out of use through verbal tech. This got to the point where some cases, not having been unburdened of later overts and withholds with Sec Checking, were sent off down the track in search of early overts and evil purposes well beyond the confront and reality of the preclear. Attempts were sometimes made to use high-powered L&N questions on such pes to locate evil purposes and intentions to run. Burdened with unpulled overts, the pcs had a hard time answering such questions.



A few unscrupulous persons who themselves were strenuously avoiding being sec checked put this “tech” out in issues. It of course threw a wrench into the works and was one of the main tricks they pulled in an effort to undermine the workability of Expanded Dianetics.

Sec Checking tech was, some years later, put back into use with a vengeance and many pcs got excellent gains from it. But not all of the tech was restored: The tech of handling evil purposes had been omitted!

What happened was that a “pendulum swing” effect had occurred. At one extreme, only straight pulling of overts and withholds close to present time was stressed. And at the other extreme, scant attention was paid to skilled Sec Checking of the pc’s current or recent withholds and, instead, auditors were guiding pcs in a search for whole track incidents and evil purposes exclusively.

SUCCESS

The fact is that any auditing aimed at handling the basic factors that can stall a case cannot succeed up to its full potential unless it includes **BOTH**:

A. THOROUGH, VIGOROUS PULLING OF THE PC’S OVERTS, **AND**

B. TRACING THE OVERT **BACK** TO E/S OVERTS ON THAT CHAIN AND BACK TO THE UNDERLYING EVIL PURPOSE AND CARRYING IT THROUGH TO A FULL BLOW.

I have since restored the tech of Sec Checking to full use and it is working very well in the hands of skilled auditors.

But now we have the brand-new, startlingly direct and powerful tech of the False Purpose Rundown! Based on discoveries made in upper level research this new rundown has produced spectacular results, including the undoing of psychs’ suppressive actions of long, long ago. But for an auditor to be able to use this new tech he must **first** be a skilled Sec Checker.

This does not mean that the technology of Sec Checking cannot be used, nor is this HCO PL intended to prevent people from being sec checked as part of HCO investigatory or justice actions. Sec Checking is a vital tool in its own right.

ETHICS

If in the future any person is found to be omitting or refusing to deliver the False Purpose RD or related RDs when needed, or doing something else and calling it “False Purpose RD,” he may be called before a Committee of Evidence on a charge of:

ATTEMPTING TO UNDERMINE OR ADVISING OR ENCOURAGING OR CONDONING THE ABANDONMENT OR REDUCTION OF USE OF THE FULL TECHNOLOGY OF LOCATING AND HANDLING OVERTS, EVIL PURPOSES, DESTRUCTIVE INTENTIONS AND NONSURVIVAL CONSIDERATIONS.

This offense is classified as a high crime, and if proven guilty beyond reasonable doubt by a Committee of Evidence, the offender may be declared suppressive and expelled from the Church.

SUMMARY

In this technology lies the key to sanity, certainty, reach and ability. Only the truly suppressive would wish to see it neglected or abandoned.

With this tech in your good hands and well applied, their wish will fade away as they do.

L. RON HUBBARD
Founder



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB de 30 de NOVEMBRO de 1978

Cancela BTB 31 Ago. 72RB, Procedimento Confessional

C/Ses
Tech/Qual
HCOs
Checksheets
Confessionais
Cursos

(Este texto não inclui tudo o que existe acerca de confessionais) O assunto é incluído no Curso Superior de Segurança e no Curso de Instrução Especial. No entanto dá o procedimento moderno e todas as etapas básicas para ministrar um confessional. Ocupa-se de como auditar qualquer confissão

PROCEDIMENTO CONFSSIONAL

MATERIAIS DE REFERÊNCIA:

HCOB 5 AGO. 78 LEITURAS INSTANTÂNEAS
HCOB 28 FEV. 71 C/S SÉRIES 24 IMPORTANTE, USANDO O E-METRO EM ITENS COM LEITURA
HCOB 8 FEV. 62 URGENTE, WITHHOLDS FALHADOS
HCOB 12 FEV. 62 COMO LIMPAR WITHHOLDS E WITHHOLDS FALHADOS
HCOB 3 MAIO 62R REV. 5.9.78 QUEBRAS DE ARC, WITHHOLDS FALHADOS
HCOB 11 AGO. 78 I RUDIMENTOS, DEFINIÇÕES & PADRÃO
HCOB 20 SET. 78 REV. 9.10.78 UMA F/N INSTANTÂNEA É UMA LEITURA
HCOB 14 MAR. 71R CORR. & REV. 25.7.73 F/N TUDO
HCOB 3 SET. 78 URGENTE, URGENTE, URGENTE, DEFINIÇÃO DE UMA ROCK SLAM
HCOB 10 AGO. 76R, REV. 5.9.78 R/SES, O QUE SIGNIFICAM
HCOB 17 MAIO 69 TRS E AGULHAS SUJAS
HCOB 6 SET. 78 PERSEGUINDO AGULHAS SUJAS
BTB 8 DEZ. 72RC RE-REV. 4.6.77 LISTA DE REPARAÇÃO DE CONFSSIONAL (LCRC)
HCOB 10 NOV. 78R PROCLAMAÇÃO: PODER DE PERDOAR
HCOB 10 NOV. 78R- AD. 26.11.78 I PROCLAMAÇÃO: PODER DE PERDOAR—ADIÇÃO
HCOB 28 NOV. 78 PENALIDADE PARA OS AUDITORES QUE FALHAM WITHHOLDS
LIVRO: O LIVRO DOS EXERCÍCIOS DE E-METRO.
HCOBs SOBRE SEC CHECKING.
PALESTRAS SOBRE SEC CHECKING E DEMONSTRAÇÕES GRAVADAS DESDE 1961.

“Sec Check”, “Processamento de Integridade” e “Confessionais” são exatamente os mesmos procedimentos e quaisquer materiais sobre estes assuntos são intercambiáveis².

Os Withholds não se limitam a serem withholds. Acabam em overts, acabam em segredos, acabam em individualização, acabam em condições de jogo, acabam por ser muito mais do que simples O/W.

Estão aqui a reparar alguém no assunto de códigos morais, nos "Supõe-se que eu faça...". Transgrediram uma série de "Supõe-se que eu faça...". E tendo cometido essas transgressões agora individualizam-se. Se a sua individualização se tornar muito obsessiva, saltam lá para dentro e transformam-se no terminal. Todos

² HCOB 24 Jan. 1977 CORREÇÃO DA TÉCNICA

estes ciclos existem à volta da ideia da transgressão de "Supõe-se que eu faça...". É isso que um confessional limpa e é só isso que faz. É muito mais do que limpar um withhold³.

PROCEDIMENTO

Um Confessional tem de ser feito por alguém que seja um auditor bem treinado, perito nos TRs, na audição básica e no manejo do E-Metro, que consiga fazer com que uma lista preparada leia, e que tenha sido examinado nestas técnicas e as tenha treinado completamente.

Toda a pergunta com recção num Confessional é levada até F/N. A pergunta original tem de ser levada a F/N, e não outra pergunta qualquer.

O procedimento básico para um Confessional é o seguinte:

1. Prepare a sala, com o auditor sentado mais perto da porta do que o pc, de modo a que possa suavemente voltar a colocar o pc na cadeira se este tentar fugir da sessão. Assegure-se que tem todo o material necessário à mão de acordo com o Boletim de 4 Dez. 77, LISTA DE VERIFICAÇÃO PARA A PREPARAÇÃO DE SESSÕES E DO E-METRO
2. Assegure-se de que a pessoa está bem alimentada e descansada, de que as mãos não estão nem demasiado secas nem húmidas, que as latas são do tamanho correto e que a pessoa sabe como as segurar. Inclua todos os passos dados no Boletim 4 Dez 77 citado.
3. Inicie o Confessional. É usada a Sessão Modelo e os Rudimentos⁴. Se o TA estiver alto ou baixo, faça uma C/S Séries 53RL, fazendo o seu assessment e resolução. Se não estiver treinado para a fazer, termine a sessão e peça instruções ao C/S.
4. Tanto quanto necessário, dê um Fator-R⁵ sobre a ação do Confessional. Explique sucintamente o E-Metro e o procedimento à pessoa, se isto não for ainda do conhecimento dela.

Só se diz “Não te estou a auditar” quando o Confessional é feito como uma ação de justiça⁶. Quanto ao resto o procedimento é o mesmo.

Um Confessional feito como uma ação de justiça, não é audição e os dados descobertos não são ocultados das autoridades competentes. Qualquer outro Confessional é audição e é mantido confidencial.

Levando até F/N cada pergunta com recção, com o uso do Examinador e da Revisão, um Confessional dá muitos ganhos de caso. Permite à pessoa sentir-se de novo como parte do grupo.

5. Clarifique o procedimento e os botões “Suprimido”, “Falso”, etc. Se necessário, percorra, como exemplo, uma pergunta não significativa a fim de demonstrar o processo (por exemplo, “Já alguma vez comeste uma maçã?”).
6. Apanhe a primeira pergunta e clarifique as palavras do fim para o princípio. Clarifique depois o comando todo, tomando nota de qualquer recção instantânea que ocorra no comando enquanto o clarifica, visto tratar-se de uma leitura válida⁷.

Assegure-se de que o pc compreende totalmente a pergunta e o que ela abrange.

³ HCOB 1 Março 77, Emissão III, FORMULANDO PERGUNTAS DE CONFESSIONAIS.

⁴ Ref.: B 11 Ago. 78 II, SESSÃO MODELO

⁵ Fator de Realidade. Explicar ao PC o que se vai passar a seguir.

⁶ "Justiça" quer dizer quando uma pessoa se recusa a prestar declarações num Comité de Evidência, num Conselho de Investigação, etc., ou como parte de uma investigação específica do HCO quando a pessoa está a encobrir dados ou provas do pessoal do HCO.

⁷ Veja o B 9 Ago. 78 II, CLARIFICANDO COMANDOS, o B 28 Fev. 71, C/S Séries 24, IMPORTANTE, TRATANDO DE ITENS COM LEITURA, e o B 5 Ago. 78, LEITURAS INSTANTÂNEAS.



7. Com um bom TR 1, dê à pessoa a primeira pergunta, mantendo um olho no E-Metro e anotando qualquer leitura instantânea, i.e., SF, F., LFBD⁸. Um tique é sempre anotado e, por vezes, transforma-se numa grande leitura⁹. Mas não assuma que tem uma leitura por ter tido um tique.

Introduza Suprimido, e o tique ou vai ler ou vai desaparecer. Num Confessional, mesmo a mais pequena mudança de característica da agulha, desde que seja instantânea, é verificada antes de continuar em frente. Mas tome nota: NUM SEC CHECK NÃO ASSUMA QUE UM RISE É UMA MUDANÇA DE CARACTERÍSTICA.

- 8.
- a) Apanhe toda a pergunta com leitura, obtendo o "QUÊ?", o "QUANDO?", o "ONDE?" e o "É TUDO?" de cada overt. Obtenha respostas específicas e não gerais ou vagas. Não deixe o Pc andar às voltas sem responder à pergunta feita.
 - b) Se a pergunta ler e o Pc não conseguir encontrar a resposta, guie o Pc com “ai” ou “isso” quando vir a mesma exata leitura e sempre que a leitura instantânea ocorrer de novo, para ajudar o Pc a encontrá-la.
 - c) Se necessário, varie a pergunta original. Só variamos uma pergunta de séc. Check quando, repetindo-a, criamos um impasse. (Em tal situação, varie a pergunta de séc. Check, encontre o overt ou WH (contenção) e flutue a pergunta que o encontrou). Feito isto, reverificamos a pergunta original e manejamos segundo o N° 20 abaixo).
9. Depois de obter do Pc todos os overts específicos, pergunte:

“É tudo, sobre isso?” ou

“Essa resposta continha tudo?” ou

“Nessa resposta está tudo o que há?”

Esta pergunta não é medida¹⁰, não verificamos esta pergunta no e-metro, mas ela é simplesmente feita. (Ref.: Fita 6202C13, PREP. CLEARING)

10. Retire as justificações perguntando:

“Justificaste esse overt?”

“Porque é que não foi um overt?”

Estas perguntas não são medidas. Obtenha respostas às perguntas e peça mais justificações até as obter a todas. Muitas vezes elas sairão em torrentes para grande alívio do Pc.

11. Descubra quem o falhou de descobrir ou quase o descobriu e o que essa pessoa fez para deixar o pc na dúvida se ela saberia ou não. Obtenha os pormenores e não respostas gerais ou vagas.
- a) “Quem o deixou escapar?” ou “Quem quase descobriu? Então,
 - b) “O que é que a pessoa fez que te fez desconfiar se ela saberia?
 - c) “Quem mais o deixou escapar?”

⁸ Ref: B 5 Ago. 78, LEITURAS INSTANTÂNEAS.

⁹ Ref: B 28 Fev. 71, C/S Series 24, IMPORTANTE, TRATANDO DE ITENS COM LEITURA.

¹⁰ Medida: Verificada no E-Metro



- d) Obtenha um após outro que o tivesse deixado escapar, repetindo cada vez (b) acima.

Se não tiver F/N, leve o overt E/S¹¹ até F/N. E assegure-se de que a pergunta original que teve leitura é levada até F/N antes de abandonar o assunto.

12. Quando se tratar de uma investigação de segurança, obtenha todos os nomes, datas, moradas e números de telefone exatos, e quaisquer outras informações que possam auxiliar a investigação posterior do caso, se tal for necessário.
13. Se o pc lhe der três ou quarto overts de uma vez como resposta à pergunta com leitura, tome nota deles e assegure-se de levar cada overt ou withhold em separado até uma F/N, ou E/S até F/N.
14. A algumas pessoas terá de fazer a pergunta exata. Se a pergunta estiver mesmo que ligeiramente ao lado, elas vão ter F/N. Uma baixa responsabilidade dos pcs provoca isto.
15. Se a pessoa der um overt de outra, pergunte se ela já alguma vez fez algo assim. Procura-se aquilo que a pessoa, ela própria, fez.
16. NÃO APANHE PERGUNTAS SEM LEITURA.

- a) Se uma pergunta não ler e não der F/N pode introduzir os botões Suprimido e Invalidado, perguntando:
“Na pergunta _____ houve algo suprimido?”
“Na pergunta _____ houve algo invalidado?”

Outros botões podem também ser verificados (Cuidadoso, Escapado, por revelar Not-Isado, Ansioso, Protestado) para fazer uma pergunta confessional ler.

Mas não exija resposta a isto nem olhe para o pc inquisitoriamente. Se não obtiver leitura diga-lho e continue.

- b) Se suprimido ou invalidado lerem, isso significa que a recção se transferiu exatamente da pergunta do Confessional para o botão¹². Introduza o botão (ouça simplesmente o que o pc tiver a dizer e acuse a receção) e depois apanhe a pergunta. Limpe a questão totalmente como no N.º 8 acima. Depois avance para a pergunta seguinte.
- c) Se a pergunta ler e o pc estiver a tentar responder, mas andar às apalpadelas, estiver espantado ou confuso e não encontrar nenhuma resposta, verifique Falso perguntando:

“Foi uma leitura falsa?”. Se for o caso isto vai ler e, quando indicar que era uma leitura falsa, vai ter uma F/N. Se não houver F/N, E/S até F/N. Verifique também Protestado, Invalidado e Suprimido, para limpar uma leitura falsa.

17. PERSIGA TODA A AGULHA SUJA¹³ ATÉ AO FIM. Uma agulha suja ou vai ficar limpa ou se vai transformar numa R/S¹⁴. Para se descobrir e fazer surgir uma R/S esta é a sua principal ferramenta. Não passe por cima dela. A área que está a produzir uma agulha suja, quando inquirida para se obterem todas as informações, ou vai ficar limpa ou se vai transformar numa R/S. Essa área é considerada limpa quando conseguir atravessá-la e já não produzir uma agulha suja. Se a agulha suja ainda persistir então ainda há mais qualquer coisa sobre o próprio withhold ou sobre outra coisa que o pc não está a dizer sobre o withhold ou sobre o que ele sente sobre isso. Mas

¹¹ “Earlier Similar”: Anterior Semelhante.

¹² Ref: HCOB 1 Ago. 68, As Leis do LISTING & NULLING.

¹³ AGULHA SUJA (DIRTY NEEDLE): A seguinte é a única definição válida de agulha suja: uma agitação errática da agulha que é irregular, aos saltos, com tiques, que não varre e tende a ser persistente. Não é limitada no seu tamanho.

¹⁴ R/S: Rock Slam.



empurrado e com bons TRs da parte do auditor, esta agulha suja vai transformar-se numa R/S ou vai ficar totalmente limpa¹⁵.

O auditor TEM DE saber MUITO BEM a diferença entre uma R/S e uma agulha suja. A diferença está na qualidade da leitura, NÃO no tamanho¹⁶.

18. Um Confessional não é um procedimento mecânico. O seu trabalho é obter as informações e ajudar o pc.

Por vezes vão-lhe ser lançadas armadilhas ou pode enfrentar tentativas de ser levado na direção errada. Isto é uma indicação segura de que o sujeito está a ocultar algo e que esse withhold está em restimulação. Tem de ignorar as tentativas de desorientação voluntárias do pc visto que este está obviamente a tentar desorientá-lo e, simplesmente, leve a leitura a Anterior/ Semelhante ou o W/H até F/N. Tem de usar as ferramentas tal como dadas nos HCOBs, nas palestras sobre Sec Checking e nas palestras de demonstração posteriores a 1961.

19. LEVE A PERGUNTA QUE ORIGINALMENTE LEU ATÉ F/N. Não o faça a outra pergunta qualquer.

Tudo isto é abrangido pelo assunto de completar ciclos de ação e obter a resposta à pergunta de audição antes de se fazer outra

Quando pedir um anterior semelhante, repita sempre a pergunta do Confessional como parte do comando a fim de manter a pessoa restrita à pergunta.

Exemplo: “Existe uma ocasião anterior e semelhante em que comeste uma maçã?”

- 20.

a) Em cada pergunta assegure-se de obter todos os overts. Depois de ter levado uma cadeia específica de overts, anterior semelhante até F/N, volte a verificar a pergunta inicial procurando qualquer leitura. Se tiver F/N, muito bem, está limpa.

Se tiver leitura então tem um outro overt ou cadeia de overts para limpar até F/N nessa pergunta. Use os botões de Falso e protesto quando necessário.

Exemplo:

Pergunta A: “Cometestes alguns overts contra maçãs?” O e-metro lê.

O auditor obtém um overt, leva-o E/S até F/N. O auditor então volta a verificar a Pergunta A. O e-metro lê. O pc encontra outro overt contra maçãs. O auditor leva-o E/S até F/N.

Limpe tudo, obtendo tudo até a pergunta inicial ter F/N¹⁷.

NÃO reverifique uma pergunta com F/N persistente. Termine e reverifique-a mais tarde.

b) Se tiver que variar a pergunta para destapar um overt, reverifique a pergunta original e maneje até F/N.

c) Se não conseguir flutuar a pergunta do Confessional, então há algo nela. Uma lista Confessional tem toda ela que flutuar. Se não, não está limpa. Numa pergunta que não está a ler, mas que não dá F/N, é preciso descobrir porquê e manejar e assim flutuá-la na reverificação.

¹⁵ Ref: HCOB 6 Set. 78, Perseguindo Agulhas Sujas e HCOB 17 Maio 69, TRs e Agulhas Sujas.

¹⁶ Ref: HCOB 3 Set. 78, URGENTE, URGENTE, URGENTE, Definição de uma ROCK SLAM.

¹⁷ Ref: HCOB 14 Mar. 71R Corr & Rev. 25 Jul. 73, F/N Tudo, HCOB 19 Out. 61, As Perguntas de Segurança Têm de ser Nulled HCOB 10 Maio 62, Prepchecking e Sec Checking.



- d) Podemos introduzir nos ruds os botões Suprimir, Invalidar, Avaliar, Protestar, Desnecessário, Afirmar, Cuidadoso, Por Revelar, Not-isar, e Falso (“Alguém de disse que tinhas um _____ quando não tinhas?”) Qualquer deles pode impedir a F/N.
 - e) Mas se depois de introduzidos estes botões não há F/N na pergunta, há nela um WH. Todos os utensílios do Confessional estão à disposição para encontrar o WH.
 - f) Podemos repetir a pergunta de várias maneiras e assim obter leitura.
 - g) Se foi encontrada uma agulha parada que não reage, aplique o HCOB 11 Abr. 82, SEC CHECK de IMPLANTES, e HCOB 13 Abr. 82, AGULHA PARADA E CONFESSIO-NAIS.
21. Se a pessoa começa com críticas, compreenda que falhou um withhold e obtenha-o. É muito sério falhar withholds e arruinar um pc quando faz um Confessional. Mantenha-se assim alerta a qualquer das 15 manifestações de withholds falhados e resolve-os completamente se alguma delas surgir¹⁸.
É prudente, particularmente quando se está a fazer um Confessional de alguma extensão, verificar periodicamente a pergunta: “Nesta sessão houve um withhold que falhei?” ou “Falhei de descobrir um withhold em ti?”.
22. Quando se está a fazer um Confessional, ao primeiro sinal de qualquer problema verifique se houve withholds falhados, leituras falsas e quebras de ARC, por esta ordem, e resolva totalmente o que obtiver.
Na maioria dos casos estes botões resolverão a dificuldade.
Se assim não for, resolve com uma LCRC¹⁹. No entanto, usar primeiro estes botões antes de recorrer à LCRC, evitará a possibilidade de se meter em situações de “reparações a mais”.
23. Se o pc mergulha imediatamente com frequência na pista total nas perguntas do Confessional, use o prefixo: “Nesta vida...”, com um bom Fator-R. Isto não deve ser usado para o impedir de ir à Pista Total num comando anterior semelhante a fim de obter a F/N para a pergunta.
24. TEM SEMPRE QUE SE REGISTAR UMA ROCK SLAM NO RELATÓRIO DE AUDIÇÃO, ASSINALÁ-LA NO INTERIOR DA CAPA ESQUERDA DA PASTA DO PC COM A DATA DA SESSÃO E N° DA PÁGINA E FAZER UM RELATÓRIO PARA A ÉTICA INCLUINDO AS PALAVRAS EXATAS DA PERGUNTA OU ASSUNTO QUE TEVE A ROCK SLAM²⁰.
Visto que a R/S é talvez a leitura mais importante e perigosa do e-metro, é importante que seja cuidadosamente anotada quando se faz um Confessional.
É um assunto muito sério pôr a etiqueta de R/Sor²¹ a um pc. Porém, é uma catástrofe um auditor deixar passar um verdadeiro R/Sor, tanto para o pc como para os que rodeiam essa pessoa²².
As R/Ss válidas nem sempre são leituras instantâneas. Uma R/S pode reagir de forma prévia ou latente²³.
25. Se quiser impedir um pc de mexer com as latas faça-o pôr as mãos sobre a mesa mantendo-as aí.

¹⁸ Ref: HCOB 8 Fev. 62, URGENTE, Withholds Falhados, HCOB 12 Fev. 62, Como Limpar Withholds e Withholds Falhados, HCOB 3 Maio 62R Rev. 5 Set. 78, Quebras de ARC, Withholds Falhados, HCOB 11 Ago. 78 Emissão I, Rudimentos, Definições e Padrão.

¹⁹ BTB 8 Dez. 72RC, Lista de Reparação de Confessional

²⁰ HCOB 10 Ago. 76R, Rev. 5 Set. 78, R/Ses, O que Significam.

²¹ Rock Slamador,

²² Ref: HCOB 24 Jan. 77, Correção Geral da Técnica.

²³ HCOB 3 Set. 78, URGENTE, URGENTE, URGENTE, Definição de uma ROCK SLAM.

26. O HCO ou outros executivos podem solicitar que seja feito um Confessional, mas nem a Divisão Técnica nem o Qual são obrigados a fazê-lo visto que um FES²⁴ poderia revelar que o problema vinha de “listas fora” ou de outros assuntos que precisavam de correção. Têm, contudo, de ter conhecimento de um tal pedido e fazer todos os possíveis para resolver a pessoa.
27. Se uma pergunta com leitura não consegue ter F/N e emperra ou se o TA sobe muito, faça o assessment de uma LCRC²⁵ e resolva-a de acordo com as instruções.
28. Termine qualquer sessão de Confessional e o próprio Confessional com os rudimentos que permitam apanhar qualquer coisa que possa ter falhado: Meia Verdade, Não Verdade, Withhold Falhado, Disseste Tudo, etc. Use o prefixo “Nesta sessão...” ou “Neste Confessional...”. Leve qualquer rudimento com leitura E/S se necessário até F/N.
29. Quando o Confessional estiver totalmente concluído, o auditor que o administrou informa a pessoa de que os overts e withholds que acabou de confessar lhe são perdoados, usando a seguinte declaração:

“Pelo poder em mim investido, os Cientologistas perdoam-te todos os overts e withholds que completa e verdadeiramente me acabaste de contar.”

A resposta normal do pc é um alívio instantâneo e VGIs. Se houver qualquer recção adversa à Proclamação de Perdão, obtenha o resto do withhold ou corrija a sessão do Confessional imediatamente²⁶.

Esta proclamação não é feita num confessional do HCO.
30. Todas as folhas de trabalho são enviadas para os Serviços Técnicos de modo a poderem ser introduzidas na pasta do pc²⁷ independentemente de sobre quem ou sobre o que o Confessional é feito.
31. EXAMINADOR. Todos os Confessionais têm imediatamente de ser seguidos de um exame standard de pc. A pasta é então enviada ao C/S.

O C/S procura qualquer F/N desgarrada do contexto noutro qualquer assunto. É a primeira coisa que ele inspeciona.

Se a pessoa se vai abaixo depois de uma sessão de Confessional é-lhe feita uma LCRC. Contudo, é também feito um FES a fim de encontrar perguntas que tiveram uma F/N noutra coisa qualquer. As regras standards do C/S aplicam-se aos Confessionais.
32. Quando houver um mau Relatório de Exame (nenhuma F/N, BIs ou declaração não ótima) depois de um Confessional, ou em qualquer pessoa que adoeça, que esteja perturbada, que não ande bem ou que tenha um TA alto ou baixo, a ação imediatamente a seguir é uma LCRC.

A regra de 24 horas da etiqueta vermelha tem de ser imposta estritamente.

RESTIMULAR WHS

Os withholds reestimulam-se. Elas na verdade não estão à vista e têm que fazer Key-in.

²⁴ Folder Error Summary – Sumário de Erros da Pasta

²⁵ Lista de Reparação de Confessional, BTB 8 Dez. 72RC

²⁶ Ref: HCOB 10 Nov. 78 R. Proclamação: Poder de Perdoar
HCOB 10 Nov. 78R-1, Adição de 26 Nov. 78, Proclamação: Poder de Perdoar— Adição.

²⁷ Ref: HCOB 28 Out. 76, C/S Séries 98, Pastas de Audição, Omissões.



A arte de fazer Sec Check é restimular o material a ser apanhado e depois apanhá-lo. É uma audição feita com vigor, guiando a atenção do Pc, restimulando o assunto para descobrir se há algo que possa ser apanhado e depois ir em frente e apanhá-lo.

Num Confessional estamos a insistir na pergunta ao extremo. Estamos a garantir que o Pc compreenda a pergunta e saiba que a pergunta se aplica à sua vida.

Um bom auditor obtém alguma coisa e audita o Pc que está na sua frente. Como auditor não está ali para “passar através do Confessional”. Está ali para o Pc o atravessar e restimular quaisquer WHs existentes nesse assunto.

DIRIGIR A ATENÇÃO DO PC

A atenção do PC tem que ser controlada muito estritamente.

A atenção do Pc tem que ser dirigida para olhar para onde queremos que ele olhe.

Deve ser-lhe permitido sair da pergunta ou fazer “itsa” continuamente sobre algo não pertinente à pergunta feita.

Se o Pc for incapaz de encontrar a resposta à pergunta, ajude-o então a guiar a sua atenção com a agulha.

Isto é muito simples. À medida que o Pc pensa, veremos a mesma reação na agulha que o e-metro deu quando a pergunta foi feita pela primeira vez.

Diga suavemente “Isso” ou “Aí” “Para o que é que estás a olhar?”. O Pc pode então dizer para o que está a olhar nesse momento.

Se o Pc não conseguir o resto de um overt, devemos mandá-lo olhar, e a nossa comunicação para o Pc deve ser na linha de dirigir a sua atenção para que ele possa descobrir mais.

Em ambos estes casos estamos a DIRIGIR a atenção do Pc para descobrir.

Exemplo: O auditor faz a pergunta Confessional.

O Pc responde: “Não sei”.

Uma resposta errada do Auditor seria: “Fala-me disso”

Uma resposta correta seria: “Bom, vamos dar uma olhada nisso. Vamos investigar um pouco mais. Deve haver algures alguns pedaços à mostra”.

Não nos devemos esquecer que um Pc que está em sessão está sempre disposto a revelar, só que não sabe o que revelar.

ATTITUDE DO AUDITOR E TRs

Se o pc não estiver em sessão, não vai conseguir extrair os withholds. Os TRs têm um grande papel na vontade do pc em falar com o auditor. Uma atitude errada ou de desafio da parte do auditor pode estragar o cenário visto existir um ciclo de comunicação destruído. Se os TRs forem irregulares ou cortantes o pc vai sentir-se acusado.

Um TR2 fraco ou com demora de comunicação, longe da vista do C/S, pode também arruinar uma pessoa num Confessional. Invalida as suas respostas e fá-lo sentir como se não o tivesse atirado cá para fora. Se houver suspeitas disto, pode ser verificado com uma entrevista do D de P ou enviando a pessoa ao Examinador com a pergunta: “O que é que o Auditor fez?”²⁸

Assim, os TRs têm de ser refinados e o auditor, embora mantendo uma boa presença ética, assume o papel do confessor quando lida com as respostas do pc e dá-lhe segurança para que este diga os seus overts e

²⁸ Veja também o HCOB 16 Ago. 71R Em. II, Rev. 5 Jul. 78, Exercícios de Treino Re-Modernizados.



withholds. Do mesmo modo, um auditor que esteja seguro da sua técnica e que não falhe withholds reforçará a confiança que o pc tem nele.

Qualquer pessoa que faça um Confessional deve estar totalmente treinada e estagiada através de um curso e estágio sobre o tratamento dos Confessionais.

É melhor que se decida a ser um perito nisto visto que a incapacidade do auditor para o manejar é o caminho mais rápido para “como fazer inimigos e influenciar contrariamente as pessoas”²⁹.³⁰

Mas, ainda mais importante é o facto de que, sabendo e aplicando corretamente a técnica dos Confessionais, estará a ajudar o indivíduo a enfrentar as suas responsabilidades nos seus grupos e na sociedade, e a voltar a estar em comunicação com o seu semelhante, com a família e com o mundo.

L. RON HUBBARD
Fundador

LRH;jk/clb
Copyright © 1978
por L. Ron Hubbard
RESERVADOS TODOS OS DIREITOS

²⁹ Trocadilho sobre o título do livro de Dale Carnegie “Como Fazer Amigos e Influenciar as Pessoas”.

³⁰ HCOB 24 Jan. 77, Correção Geral da Técnica.



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB de 30 de Julho 1970

Remíneo
HCO Secs
Chapéus de I&R
Chapéus de Éticas
C/S
Qual
HSSC Checksheets

A TÉCNICA E A ÉTICA DOS CONFESSIONAIS

O HCO está interessado principalmente na JUSTIÇA.

O remédio de justiça nos séculos XVII e XVIII era capturar os transgressores e enforcá-los, mantendo assim o campo “tranquilo”.

Embora seja um método útil para tranquilizar as coisas, não causava, no entanto, bem nenhum a quem era enforcado. O remédio é expresso na seguinte regra:

QUANDO DAMOS UM CONFESSIONAL A UMA PESSOA SEM ENCONTRAR O BÁSICO ANTERIOR, ESTAMOS A ENFORCÁ-LA.

Se não conseguir que um confessional chegue a F/N, iremos ter contínuos problemas de ética com a pessoa em causa daí em diante, até que isto seja remediado.

Quando aplica um confessional a uma pessoa, este não produz nada e a agulha fica limpa, deve indicar que o confessional foi desnecessário. Provavelmente terá uma F/N.

O interesse do HCO em alguém reside normalmente no que se está a passar, no que ele está a maquinar AGORA. Assim tendemos a omitir perguntar como é que este indivíduo tem andado a cometer overts (os mesmos) durante dois anos e meio e *ainda* continua. Lá atrás nessa zona anterior encontra-se um imenso overt, overts contínuos contra a Cientologia ou LRH. Então, o que é? Há que procurá-lo, e pode encontrar-se algo assombroso.

O item MAIS ANTIGO disponível nessa cadeia é o que dará a F/N. E lembre-se de que os overts de Omissão vêm sempre precedidos de Overts de Cometimento. Então deveríamos perguntar-nos: “Como é que surgem todos estes overts de Omissão?” Pode Ter a certeza de que houve um overt de Cometimento anterior.

Isto dá-nos outra regra:

SE NÃO PUDER FLUTUAR UM CONFESSIONAL, NÃO O CONSEGUIU.

Pois bem, poderia ser que os botões estivessem fora (invalidado, protestado, ação desnecessária). Sabia que se pode fazer subir o TA com uma ação desnecessária? Isso atua de certa forma como impor um item incorreto a um Pc. Dá-lhe um protesto, resistência e esforço para deter a ação. É daí que vem a grande parte da impopularidade dos confessionais.

Dados os Ruds Quebra de ARC, Problema e Withhold, o confessional limita-se aos Overts e Withholds. Assim que o panorama completo dos botões dos confessionais é Ruds, mais: Falso, Suprimido, Invalidado, Avaliado, Protestado, Desnecessário. Estes botões são do maior interesse para o Qual, porém totalmente



válidos num confessional do HCO. Assim, se o TA sobe durante confessional, devem verificar-se os Ruds e os botões.

SE NÃO OBTEMOS UMA F/N NUM CONFSSIONAL DEVEMOS ENTRAR EM COMUNICAÇÃO COM O DEP. QUAL PARA PÔR ISTO EM ORDEM DENTRO DE 24 HORAS.

Cada vez que uma ação confessional não voar, tem que haver uma revisão urgente dentro de 24 horas. A lista de reparação do confessional consiste dos Ruds e dos Botões.

A ação técnica do HCO deve ser: “por que diabo é que isto não flutua”? Há algo anterior nessa cadeia ou *outra* coisa ainda não encontrada. Flutuar significa que ele não fez a coisa.

É claro que pode ser uma agulha de Quebra de ARC. As pessoas Quebram o ARC com o universo fisco, com o seu semelhante, e sentem-se injustiçadas de alguma forma e que têm de se vingar de alguém, e assim cometem outro overt. Porém a pessoa que eles atacam não é a fonte do transtorno. Eles identificam erroneamente a fonte. Se o seu pensamento fosse correto poderiam ver a situação e não teriam carga nela.

Portanto, um overt vem precedido de uma Quebra de ARC e ver-se-á que uma Quebra de ARC é o resultado de um problema.

Deste modo, cada vez que não levar um confessional até F/N você bate contra isso. Isto é outra forma de o confessional se tornar impopular. Mas se não der F/N também sabe que *era* mesmo necessário aplicar à pessoa um confessional.

Se aplicar um confessional a uma pessoa e depois vir um rasto de catástrofes por onde tal pessoa passa, sabe que não flutuou. Da mesma maneira, uma pessoa que converte todas as pequenas ações em enormes overt, o que em essência é uma auto-invalidação, tem por trás, algures, um imenso overt, suficientemente grande para ser perseguida pela polícia de várias galáxias

Se não der F/N, não é conseguido!

Até aqui a F/N não havia sido integrada na tecnologia de confessionais. Não havia nenhuma emissão que dissesse para correr um confessional até F/N, ou o que fazer se não chegasse a F/N.

O E-METRO E O CRIMINOSO

O caricato em tudo isto é que o E-Metro reage segundo a *Realidade*, logo, pode haver alguém que não dê reação em nenhuma pergunta, mas verificar-se que no dia seguinte terá feito exatamente o que lhe foi pedido. No entanto a coisa não reagiu! Um verdadeiro criminoso simplesmente não produz reação no facto de ter assassinado a avó a sangue frio cinco minutos antes do confessional. Mesmo que o admita, isso não produz reação! Porém, um verdadeiro criminoso não chegará a clear e não dará F/N. Ocasionalmente dará uma R/S.

Isto terá de ser tratado num gradiente de realidade “Porque é que não foi um Overt?” seria uma forma de o tentar. A princípio a pessoa ficaria muito surpreendida com o próprio pensamento de que teria sido um overt. Mas poderia conseguir-se um rio de justificações. Outra forma seria exagerar o overt. Pode-se usar isso num caso que “sem overt”.

A técnica disto pertence ao campo da audição. Entretanto a Org deve tentar flutuá-lo, melhor ou pior. Havendo qualquer dúvida sobre a F/N, ou se não pode levar a coisa a F/N, mande o indivíduo para Qual para encontrar a razão.

Sempre que se faz um confessional *deve* constar do Folder do Pc alguma notificação do facto, de outro modo, o C/S pode cometer um erro de C/S, devido à falta de dados. Na realidade, a menos que haja dados criminais no confessional, deve-se incluir tudo no Folder.

O HCO E OS GANHOS DE CASO



(Veja HCOPL 20 Jul. 70, Casos e Moral do Pessoal)

A percentagem de pessoas que tem ganhos de caso será proporcional ao nível ético da sua Org. Portanto é de interesse perguntar ao C/S quantos casos há sem ganhos (pilha 4), encontrá-los e isolá-los. Também se devem conhecer os nomes dos que vão bem (pilha 2 e 3) e o seu número, para que se possa assegurar de que a maior percentagem está a ter ganhos de caso.

O HCO pode ter dificuldades vindas da falta de progresso do pessoal. Por exemplo, encontra-se um executivo a dar desculpas por não estar a fazer o seu trabalho. Isto pode dever-se a um caso sem ganhos sob as suas ordens que está a perturbar os seus superiores e colegas. Estes, por sua vez, não o reconhecendo como fonte da perturbação, aceitam os “stops” e os “não dá para fazer” e encontram alguma outra desculpa como razão para não fazerem o seu trabalho. Reconheça que quando alguém deixa cair a sua função (hat) sobre si, ele tem *overts*, homem!

O executivo, em vez de informar que as pessoas da sua divisão não querem trabalhar, deve perguntar: como é que não querem trabalhar na Divisão?

As coisas irão melhorar na medida em que esses que causaram os stops e os “não dá” tenham uma linha para os manejar.

O HCO deve entregar ao C/S uma lista dos que receberam confessionais. Os arquivos dos confessionais são entregues, e o Qual limpa os que não deram F/N, usando a lista de reparações ou qualquer outra coisa.

Inicie uma campanha para fazer triunfar todos os casos.

Havendo alguma dúvida sobre a categoria de folders a que uma pessoa pertence, atribui-se-lhe a categoria abaixo. Por exemplo, uma categoria da pilha 2 que suscita dúvidas, vai imediatamente para a pilha 3.

Os casos da categoria 4 vão para o HCO e recebem confessionais. Conseguindo F/N está bem. Caso contrário, é simplesmente uma ação disciplinar da Div.1, uma Ordem de Não Turbulência, ou seja o que for.

Afixe um aviso onde possa ser visto, dizendo: “quem quer que se sinta mal depois de um confessional ou julgue que o confessional lhe foi ministrado inadequadamente, deve dar o seu nome ao examinador do Qual.

O Oficial de Ética pode “aquecer” o confessional, introduzindo alguns botões de prova: *overts*, *withholds*, *withholds* falhados. Pode até ser feita uma preverificação para o confessional. Tudo isto está no que você procura.

ESTATÍSTICAS

O HCO tem seu pescoço fora na medida em que não tiver Estatísticas. Tenha a certeza de que há alguém no Dep 3 que pode manejar estatísticas, recolha-as, faça os gráficos e afixe-os. Sempre que uma pessoa tem as estatísticas baixas ou más no seu posto, terá cometido um *overt* de um tipo ou de outro.

AMNISTIAS

Para beneficiar de uma amnistia, a pessoa que a aceita deve fazer uma declaração por escrito dos crimes pelos quais aceita a amnistia.

ESTADO DA AÇÃO DE REPARAÇÃO

Uma ação de reparação de um confessional não se classifica como ação de audição, já que os dados nela revelados podem ser acionados e entregues ao HCO. Assim que, antes de entregar ao Qual um confessional que não deu F/N, diga à pessoa: “disseste-me tudo o que querias?” “Fica sabendo que qualquer descoberta futura sobre isto será acionável”.



VERIFICADOR
DE
SEGURANÇA

L. Ron Hubbard
Fundador



HUBBARD COMMUNICATIONS OFFICE

Saint Hill Manor, East Grinstead, Sussex

HCO BULLETIN OF 26 MAY 1960

Franchise Hldrs

HCO Secs

Assoc Secs

SECURITY CHECKS

The Organization Secretary in Washington is here at Saint Hill for briefing on future US campaigns.

When I showed her how to do a security check and gave her a demonstration, she made the following notes. They are of considerable interest to all Central Orgs and HCOs as well as auditors. Therefore, I give them to you in full.

Security Check

1. Stable data – you are not processing but looking for needle or tone arm action that will not blow off. (Clear up on investigation – further questioning and E-Meter exploration.)
2. Rising needle means nothing except you aren't asking right questions.
3. You are looking for significant drops or tone arm changes that will not clear up. It is something that person is consciously withholding and as he continues to withhold it on further questioning the needle or the tone arm action will increase.
4. You start out by asking non-significant questions – 50% of questions are to be these, i.e., if you have 10 significant (security) questions to ask you start out with 10 non-significant questions. If you have a needle pattern on non-significant questions you note it and it doesn't count on security questions.
5. On significant questions – any question that gets drop or TA action – you don't go any further but explore on this question. You may be getting action on past life or rather unimportant this life acts – i.e., sniping a balloon from a store as a small child. Clear this out. The needle may cool off (less action) but still be reacting. If so, explore further – see if you can clear it off. If on exploration the action increases, the person is consciously sitting on something he doesn't want you to know. If he's handing you up something else to explain the needle action (i.e., trying to clear it up by handing you something else) the action will increase because he's basically lying. If the action increases you can tell him he's sitting on something he won't tell and that he's a risk. He may break down and let go of it at this time. If so – he still needs processing on it and is a risk until he's responsible for it. Just letting go of the withhold doesn't make him responsible for it. He is not retained on staff while being processed to clear it up. What you are looking for is that which won't cool off. You can cool something off and go on to the next security check question and then later come back to the reacting question. It may have built up again. If so, explore some more.
6. On a Security Check Sheet you only note those questions that wouldn't clear. If something won't clear or cool off the person is a security risk. If he does tell you and clear it, if it's a heavy crime, note it.
7. E-Meter – use of in security check – check out meter before connecting person to be checked. See former bulletin on checking out E-Meter. Generally you set the sensitivity straight up on American meter unless the needle is very very sticky. English meter is more sensitive – so you set it lower. Then set the TA – have the person squeeze the cans. You want about a 1/3 dial drop so you can adjust the sensitivity if the



action is too much or too small on the can squeeze. Put the person at ease. Don't act accusative. You don't want to restimulate all the interrogation in the bank. It'll just take that much longer to clear it off.

8. There may once in a while be a person who reads nicely at their clear reading with no action and you're very suspicious the guy isn't clear. This could be a complete "blab" no responsibility case – a mockery of clear. You can check this out as follows. Make a somewhat accusative statement to the person that would be real to him – i.e., "You never get your work done." The mockery of clear person will wildly justify and blame. Check this person out on help – 2-way – on an employer, etc. They will be real nowhere on help – i.e., can't conceive of helping an employer – can't run 2-way help, etc. This person, no matter how secure he may seem, is an employment risk because he can't help and will only cause difficulties on a post. He'll be a camouflaged hole.
9. Along with security check on staffs a help check should be given. If the person is sticky on help (can conceive of some help in some areas but has several areas of no help, especially on 3rd dynamic), he needs processing before he can be hired. If he's nowhere on help – can't run 2-way or can't conceive of helping an employer or an organization, he is not hireable until he's flat on help which will probably take many hours. He's probably a CCH case.
10. Remember, as a security checker you are not merely an observer, or an auditor, you are a detective.

I trust these notes will be of use.

L. RON HUBBARD

LRH:dm.cden

Copyright © 1960

by L. Ron Hubbard

ALL RIGHTS RESERVED

GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB DE 30 DE MARÇO DE 1960

INTERROGATÓRIO

(Como ler um e-metro num sujeito silencioso)

Quando um sujeito colocado no e-metro não fala, mas podemos fazê-lo pegar nas latas, (ou pode ser agarrado enquanto as latas são ligadas às solas dos pés ou colocadas debaixo do sovaco, lamento se isso parece brutal, mas não é), é ainda assim possível obter dele toda a informação.

Fazer perguntas, não esperar respostas, não pedir imagens. O auditor só olha para a agulha à espera de quedas quando as perguntas são feitas.

É melhor começar com várias perguntas nulas. “Será que vai chover?” “Gostas de pão?” etc. Depois avançar para coisas mais pesadas. Assim que o assunto fica agitado demais para ler, voltamos às perguntas nulas, ou usamos a agitação como uma queda.

Resposta do e-metro para “Não”, negativo ou não saber = sem queda.

Resposta do e-metro para “Talvez”, “estamos a aproximar” = ligeira queda.

Resposta do e-metro para “Sim”, ou “correto” = queda pronunciada.

Amostra de interrogação: Latas dadas ao sujeito. Perguntas nulas feitas. Então:

“Foste persuadido a provocar sarilhos?” (queda)

“A pessoa que te persuadiu era um indígena?” (queda)

“Qual era o nome da pessoa?” (sem resposta verbal, queda pesada)

“Sabes onde mora a pessoa que te persuadiu?” (queda pesada)

(Nomear várias cidades vizinhas)

“A pessoa vive em...?”

Pegar na cidade com a leitura mais pesada.

Dividir o nome da cidade em ruas, secções, seleccionar a exata parte da cidade nomeada. Dar sugestões sobre a localização até encontrar a casa.

Se a pessoa tem instrução usá-íamos: “considerando o alfabeto dividido pelo O, o último nome da pessoa começa por uma letra da primeira parte do alfabeto (pausa, olha para o e-metro) ou última parte do alfabeto” (pausa, olha para o e-metro, compara as duas leituras - pode ter que perguntar isto duas ou três vezes). “Muito bem, foi a primeira metade. Agora, é A, B, C, foi D, E, F, etc.”. Agora a segunda letra do último nome da pessoa...”, (repete a mesma ação).

É boa ideia marcar as descobertas num quadro onde o sujeito as possa ver se ele for muito relutante e souber ler.



Pode ser preparado um sistema fonético para sujeitos sem instrução. Mapas de áreas da cidade são úteis. Com um olho no e-metro apontamos para áreas do mapa e deixamos o e-metro guiar.

Quando tivermos trabalhado uma área ou nome, repetimos isto várias vezes e andamos às voltas até obter a maior queda.

Toda uma mina de informação pode ser tirada de uma pessoa silenciosa.

Em jornalistas à procura de possíveis acidentes, é uma boa persuasão. Dizemos ao jornalista para não falar e usamos tempos acima e abaixo “Já tiveste um acidente?” “Foi há mais de cinco anos?” “Foi há menos de cinco anos?” Atentar na agulha, pregá-la lá em baixo com a queda máxima. É o ano. Agora achamos o mês (a primeira ou a última metade do ano, depois, para a primeira metade perguntar Jan., Fev., Mar.). Encontrado o mês achamos o dia. Depois a hora do dia. Depois o tipo de veículo ou acidente. Depois quem foi ferido, etc. Os jornalistas começam sempre a falar algures por esta altura. Não prestem atenção. Continue e mate a charada.

Num Sec Check, queremos aquele que persuadiu a pessoa que temos nas latas a entrar num motim. Quando localizamos e trouxemos esta nova pessoa, fazemos a mesma coisa. Mas agora temos toda uma comissão (nomes) a obter e o nosso sujeito está mais bem-educado.

Apanhando dez pessoas de uma greve ou motim, podemos encontrar o instigador do seu grupo. Encontrando o instigador e pondo-o nas latas, podemos levá-lo a um mais alto nível de comando.

O produto final é a descoberta de um terrorista, usualmente pago, usualmente criminoso, muitas vezes treinado fora.

Dada uma dúzia de pessoas dum motim ou greve, podemos encontrar um ou mais instigadores desse grupo. Encontrando esse, podemos agarrar o chefe.

Vinte ou trinta agentes provocadores pagos podem manter todo um país em revolta. Limpamo-los e os motins colapsam.

Milhares deles são anualmente treinados em Moscovo na pavorosa arte de fazer estados escravos. Não se admire se acabar com um branco.

As revoltas matam uma quantidade enorme de nativos. Só quando a segurança é estabelecida é que a reforma pode ser aplicada.

Uso o e-metro de “mãos limpas” para convencer as pessoas que a população é leal e que as reformas estão em ordem.

Nos motins em Londres, um preso teve as suas multas pagas por algum misterioso grupo. Os manifestantes são recrutados. Assim que isto não se limita à África do Sul.

Revele as identidades dos agentes provocadores e rebentará com a nova escravatura na Terra: a produção dos trabalhadores exigida pelo estado, por nada.

Nós próprios temos um monte de reformas, mas não precisamos de agentes criminosos ou mortos em motins para as pôr em vigor. Não usamos armas, usamos e-metros para tornar um país seguro.

A propósito, a resposta à resistência passiva é a greve passiva do governo contra o distrito onde ocorra. Nada de água, luz, pagamento, governo ou serviços. Usa simplesmente a mesma tática. Não usa armas, isola a área e fecha a eletricidade e a água.

L Ron Hubbard

Fundador

SEMINAR: WITHHOLDS

You don't destroy records when you are pulling withholds, and you don't agree with the PC to do this. If you do, it is as much as if you were telling him you'll withhold for him, and he won't get much gain.

The only liability to getting the PC to where he can't be influenced by the reactive mind is that, in a sense, you are auditing him towards a state of no-effect: total serenity, total no-effect, the way the Lamaist did it. The individual must be able to experience to live. It is possible to plough someone in on a level and make them look good, but not clear. This is education by fixation [see p. 37]. One should be able to do anything on the Prehav scale. Repairing his ethics will eradicate his impulse to do hasty things and get action on a rational basis, as a result of inspection, not based on inhibition. This is a new thing on earth in human behavior.

There's nothing wrong, in theory, with native state processing, as practiced in 1957 and 1958 -- knowingness deteriorating by postulate to not-know, to must know, to can't know (forget), to remember. This processing was too simple and of too much generality to be functional. An OT process, "Tell me an intention that failed," "Tell me an intention that succeeded," would be a one-button clear process if that could be run (since it's Axiom 10, Factor 2). But it's too simple to plumb the reactive mind with. A certain level of complexity is necessary to resolve cases. The worse off a person is, or the clearer they are, the more you need to run the secondary scale (greater complexity). How many buttons are there? There are all the beingnesses ever, all the doingnesses ever, all the things anyone ever had or could have. You can't force a person to grasp reactively things which are analytically obvious because it's reactive and nutty. A process must have some complexity to be effective at a reactive level and some simplicity to make it easy to administer.

If one invalidates the basic agreements and identifications of the MEST universe, MEST changes characteristics. For instance, if you stop agreeing that water runs downhill, and challenge that, it'll go all gelatinous and globby.

A security check is running all the not-know off the case that it has run on everyone and everything for God knows how long. You are actually running the native state cycle of sequences, not withholds at all. Overts consist of putting not-knows into the third dynamic. For instance, someone robs a store: the storekeeper comes in and doesn't know who did it or when, or when it might happen again. [Also not-knowing where the stuff is that was taken.] Then the storekeeper runs the not-know on the police. Now the area has a not-know that accumulates in the society, until people can't trust each other and can't produce and the society is aberrated. Someone feels better when he gets off the overt of creating ignorance. Eventually he'll realize that this overt worried people. That's another overt. Then, eventually, he cognites on the not-know overt, and he'll notice his memory improving, his IQ going up, as he runs out overts of making people not-know (or be stupid, in other words). Sometimes a case will recover totally by getting off one big overt. Auditors don't effectively run Presession 37 ("What question shouldn't I ask you?", etc. See HCOB 15Dec60) because they aren't imaginative enough about all the evil in the world. It also requires the auditor to create not-knows about the PC. It works better to give the auditor a list of mean, nasty, vicious not-knows someone might have run on the world. This doesn't run a not-know on the auditor. This is the sec check. Different sec checks should be devised for different routines. Routine three cases need whole-track lists, otherwise, their whole track memory will get occluded. Whole track memory depends on some kind of whole track sec check. This also answers the question of why PC's feel better after giving up same withholds but not others. And what is a withhold? It's running a don't know or can't know on self or others. When the overt is on someone else, it gives a big resurgence when it comes off.

Messing up time [by lying?] is a different breed of cat. It's creating, for one thing. All of life is an invented episode. Writing fiction is done with the intention to amuse and inform. The only not-know in it is to keep the reader from knowing the end before he gets there. The only aberrating thing about it, for



the writer, is that it's a creative effort, which can wind someone up in the soup [Cf. the effect on some people of Step six.] If you tell a lie to obscure your own guilt, that's another not-know or false knowingness, which eventually makes the person feel that all life is a pretense [Cf. the sociopath.]. Auditing then becomes just a literary criticism of life, as a romantic episode.



SEC CHECK QUESTIONS. MUTUAL RUDIMENTS

The perfect answer to any question is the exact question. When it is correctly asked, it is answered. Say you are trying to lay out serving equipment in a hotel kitchen. When you finally spot exactly what you're doing, you perceive that you are not arranging machinery but trying to accomplish some exact result, like trying to get food from A to B. In asking the person who's going to use it what he needs, you are getting a more precise phrasing of the real question you wanted to ask. When you have all the data to define the exact question, you will have the answer.

The borderline between the Reactive Mind and the analytical mind is the broad savannah of "I don't know." Things get foggy on it; the PC knows something is there, but sees nothing very clearly. The auditor's action in compartmenting and clarifying the question helps to pinpoint the source of fog for the PC. [The exact answer to a problem is the exact problem, when correctly phrased, or as-is. This is why a repetitive look at a problem and rephrasing of it will cause a resolution.]

We have made a recent discovery of magnitude. We've known that co-audit teams tended to make less progress than HGC Auditing, but not why. The answer is now known. The first clue was the D of P's finding auditors' ruds on PC's out even when the auditor found them in. It turns out that the ruds weren't out with the auditor.

It was mutual ruds of the team that were out with others but not the team. For instance, the pair agree the PC's family are swine, so it won't read on ruds, but someone else who isn't in on the agreement will find the PC's out ruds. The meter registers on disagreements. One way to solve it is Formula 13 [failed help and O/W on terminals, alternated. See HCOB 1Dec60.], cleaning up all the people who read, or on ruds, substituting "we" for "you". Even CCH's can do it.



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD
Saint Hill Manor, East Grinstead, Sussex
BOLETIM HCO DE 17 DE FEVEREIRO DE 1974

Remíneo

C/S série 91

RUDS FORA MÚTUOS

É conhecido há muitos, muitos anos que o fenômeno da " Ruds fora Mútuos " existia.

Isto significa que DUAS OU MAIS PESSOAS TÊM MUTUAMENTE RUDS FORA NO GRUPO MAIS VASTO OU OUTRAS DINÂMICAS E NÃO OS PÕEM DENTRO. Exemplo: uma equipe de co-audição de marido-mulher nunca limpam O/Ws sobre o resto da família porque ambos têm overts semelhantes e então consideram-nos normais.

Exemplo: Presos envolvidos em co-audição (como no Narconon) podem ter overts semelhantes, Withholds, Quebras de ARC e/ou problemas com o resto da sociedade e assim não pensam em lidar com eles como ruds-fora.

Exemplo: Dois auditores de classe superior fazendo co-audição, têm overts semelhante em relação aos auditores juniores e à organização e, por isso, nunca pensam em limpá-los.

ISSO PODE DIFICULTAR CASOS!

Um C/S tem de ter este fator em conta sempre que vê uma possibilidade de estar ocorrendo.

Numa ocasião, os ruds-fora mútuos foram tão longe como quatro auditores a co-auditarem, concordando nunca colocar seus overts nas Folhas de Trabalho "para que não perderem reputação". Escusado será dizer que todos os quatro finalmente desertaram.

Se o C/S tivesse feito uma verificação de rotina procurando ruds fora mútuos, toda esta cena teria sido impedida e quatro seres não se teriam arruinado uns aos outros. EM QUALQUER SITUAÇÃO ONDE UMA PEQUENA PARTE DE UM GRUPO MAIOR ESTÁ ENVOLVIDA EM CO-AUDIÇÃO, O C/S DEVE PROCURAR ROTINEIRAMENTE RUDS FORA MÚTUOS.

Isso poderia até mesmo aplicar-se a uma org ou navio que esteja separado do resto da sociedade em torno dele: seus membros poderiam desenvolver ruds fora do resto da sociedade e os casos poderiam falhar neste ponto.

Esteja alerta a SITUAÇÕES RUDS FORA MÚTUOS E RESOLVA-AS PONDO-OS DENTRO NO RESTO DAS PESSOAS À VOLTA OU NA SOCIEDADE.

L. RON HUBBARD
Fundador

LRH:AMS.Rd
Copyright © 1974
por L. Ron Hubbard
TODOS OS DIREITOS RESERVADOS



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB 13 de DEZEMBRO de 1961

Depts Tech

Franchise

VARIAR AS PERGUNTAS DE SEC-CHECKS

Só se varia uma pergunta de Sec Check quando, por repetição, possa ser criado um impasse.

Exemplo: "Roubaste alguma coisa?"

"Sim, uma maçã".

"Está bem. Roubaste alguma coisa?"

"Não".

"Está bem". (Olha para o E-metro)

"Roubaste alguma coisa?"

"Não". (o e-metro reage).

Agora varie a pergunta. E termine sempre assegurando-se de que a pergunta *original* "Roubaste alguma coisa?" está nula.

Tudo isto entra na categoria de conseguir resposta a uma pergunta de audição, antes de fazer uma Segunda pergunta.

Se você criar um impasse, irá empilhar MW/Hs, atirar ruds fora e realmente baralhá-lo. Portanto, até descobrir *de facto* a resposta à pergunta de verificação de segurança, NÃO repete a pergunta, mas apenas variações (exceto para testá-la e após ter obtido um W/H), até o e-metro estar nulo quanto à primeira pergunta.

L. RON HUBBARD

Fundador

WRONG TARGET—SEC CHECK

Herbie Parkhouse telexes from London: Auditors aren't getting sec checks

done because it takes two to three hours to get ruds in. He wants to scrap

model session for processing checks. This is an unusual solution. People are now in the same position about auditing that Ron was in when he started researching life. There's been so much alter-is and counter-create, the truth is obscured. Naturally in relaying comm about the simplicities of life, these things get restimulated and people start looking around corners, when the cop is right on the sidewalk. There is no secret about life; it is just surrounded by alter-is and obfuscations.

People aren't doing their jobs because they are so busy doing other things. For instance, government is so busy doing the work of charitable organizations that it has no time to administer justice, protect citizens from criminals, etc. In a good government, production rises, people prosper; a welfare state government attacks producers with taxes. It's all off post. Everything is trying to make you wear its hat. So in scientology, the person who is on the ground observes. Parkhouse, by not observing, caused Ron to interiorize into his hat.

The analytical mind isn't really a computing machine; it is the PC. When he, or the analytical mind, is attacked by the auditor, you'll get no auditing done. Your target is the reactive mind. This is why LRH can do in 5 hours what it took other auditors 25 hours to do. The difference isn't that LRH is good and others are lousy; it is that the other auditors' reactive minds were apparently choosing the PC as their randomness, attacking the PC because he was aberrated. No. The target is the reactive mind.

You sit down; you take the E-meter; you say, "Have you ever stolen anything?" What you really want is for him to recall, ventilate, air the reactive mind. You shouldn't assume he already knows and purposely won't tell you. When you do a sec check, because of the specific question he remembers it and will ordinarily tell you. If you get heavy reads and he says, "No," have him keep looking; let him know there's something there, but maintain ARC. The proper attitude is, "You couldn't possibly remember this and not tell me. Let's just get the show on the road." When they look hunted, use a light touch to get them to tell you. If you're suspicious and accusative, you're cutting comm with the PC and encouraging him to withhold. Assume that if he remembers it, he'll tell it at once. It puts him in session that way. The meter check is "just to make sure we got all of it." It's up to the auditor to create an atmosphere of communication. You can use some dunnage to do it. This approach gets the PC comfortable, relaxed, confident. His knowingness comes up; he gets relief. After all, you are the auditor, not the E-meter. The guy gets to where he feels safe. His anxieties come from feeling unsafe in life, so your attitude alone can produce a great change in the PC. If you're using the meter and he says, "No," you don't assume he knows and won't tell you, but that he hasn't overwhumped the reactive mind. You're disappointed, but you assume he can remember. This builds his confidence and gets him in a hopeful frame of mind. doing it this way speeds it up enormously; gives faster gains. It's not that he's getting more confident in you. It's that he's getting more confident in his ability to overwhump his bank. You get far more off the case, faster, by this method. You'll slow it down by making sure he won't want to tell you and has to be trapped and beaten into telling you. Don't ever assume a games condition in auditing. This will also keep the rudiments in, since ruds go out with rough auditing. Set yourself up as someone who can be confided in, rather than as a cop sniffing out the crime.

Never assume a games condition (in auditing or not) if you don't want one.

SEC CHECK AND WITHHOLDS

On sec checks, if people argue that rights of privacy shouldn't be invaded, e.g. in a public meeting, the answer is in the HCOB 8Feb60 "Honest people Have Rights Too". This has been so neglected on this planet that only criminals have rights. At Saint Hill, among the domestic staff, the ones who had withholds always got rid of the good staff members. It always works this way. The ones with withholds will tell lies about the good ones and seek to get rid of them because they can't bend them down to their level. Good staff members are made nervous, upset and uncertain about their future in the presence of insecure people spreading entheia.

Withholds cause people to get individuated more and more, to the point that they're not even themselves. A guy who shoots ducks can't be a duck. The more individuation occurs, the less likely a person is to be able to walk out of anywhere. It's like backing up through a succession of isolation rooms. A person, to be in good shape, must be able to be almost anything. To the degree that you can't be something, you have overts on it that you are withholding. It's well known in the motorcycle world that some people have so many overts against motorcycles that to touch one produces disaster. You can stop automobile accidents by having the person reach and withdraw from a car. He'll drive better and stop having accidents. You could also run start-change-stop on the vehicle. This process could give you somatics as the overts start blowing.

The best way to blow overts is with the sec check, because the overt only remains bad if it's withheld. Wars get fought because it's so horrible to have a war that it gets put on automatic. That is individuation from a subject and loss of control of it.

If you can be something, you won't have to become it. There's another mechanism, too: after you backed yourself out of life to the end of the corridor, you snap terminals and obsessively become the thing you were trying to leave. This is valence closure. It's the withholding of overts that does it.

Where you have a PC who's loaded with withholds on a sec check, you've got someone who can't be. And you are trying to find valences. You can't find valences easily on someone who can't be. But you can find the fixed valence he's in, because it's this mechanism—the mechanism of O/W causing valence closure—that has led to his becoming that valence. So you could find someone's terminal without completing his sec check. But he'll be hard to get into session if he's got lots of withholds, because of the resultant individuation. He gets easily upset because he can't be a PC and is critical of the auditor because he has withholds. You can run, "What are you willing to be? / What would you rather not be?" Two things will occur if you run it very much: It will soften him up on a security check, because beingness and withholds are opposed and one solves the other. However, it also walks the PC into his valence chain without identifying the chain, so it can get him into engrams he's not ready to run. You must remember that the somatic is where it is on the track and in no other place and it will release only from that place. So you can walk him away from that place on the track, which keys it out, or you can walk him into that place on the track and as-is it. That's all processes can do with somatics.

Withholds will often soften up and knock out present-time somatics by walking the person away from the area, and maybe that's a good thing. He could be stuck tightly into an engram in life, and you can move him out of it until you're got him in shape to run it out. He could be so tightly in it he couldn't put his attention on the session. The best approach to this is a security check. You could even run it on the basis of his chronic PTP somatic. It knocks out his obsessive individuation. This is an assist that walks him out of the valence he's been stuck in. He's always got the chronic somatic on the chain of the valence which will be his terminal. That's why you have to get the correct goal and terminal, because there's only one valence chain in which he's stuck.

The end product of no withholds is good communication, not clear. Sec checks can be tailored to hit the area of the person's PTP so as to key it out so you can make progress with the case.



TEACHING THE FIELD -- SEC CHECKS

One can always add to sec checks, but never subtract from it for a given person, depending on his interests and activities. This gets complicated enough to be real to someone who's having difficulty in life. There are lots of different sec checks. For instance, you could use the children's sec check to help restore a person's memory of childhood and get all the results Freudian psychiatry sought.

If an auditor can run some process with great confidence of good results, have him run that on every PC, regardless of what the PC needs. You try not to give him a PC who can only be run on something else. On sec checks, you get fast wins. This gives an auditor reality fast. Any auditor who has gotten tired of auditing or upset with auditing has had a lot of loses. Someone who doesn't want to learn how to audit has had a long series of disasters with trying to help people. An auditor who has an exaggerated idea about what ought to happen in session, who gets frantic, changes processes continually, has had loses with auditing. So you want to give him something that gets a fast result in order to restore their confidence in their ability to help.

A sec check is a good way to get results on PC's who just never cognite; who never give you a, "What do you know?" about their cases, especially if you use sec checks that hit on the PC's particular areas. You can even cure a psychosomatic illness by using the PTP of long duration as the subject of the sec check, looking for hidden standards, which is the one thing on which his attention is fixed. You pay attention when the PC tells you what would have to happen for him to know scientology works, which could be something on any of the eight dynamics.

When you get one that is extensional, i.e. where something would have to happen to someone else, you'll find that it is easy to audit this on a sec check. You get all their overts on the other terminal with it. This works very well because you're separating valences and terminals. Withholds add up to lots more than just withholds: overts, secrecies, individuations, and games conditions. We're asking the person to straighten out his relationships with another terminal.

The normal sec check is addressed to the individual versus his society or family, because it's what people would consider reprehensible that makes it a withhold. You could have special mores between husband and wife or auditor and PC. If a person transgresses against a moral code, he individuates; if he individuates too obsessively, he snaps terminals and becomes it. The security check clears this all up.

To get rid of a chronic somatic, you must first find something the person really thinks is wrong, that he wants to recover from. You can't assume that if it's wrong, he wants it fixed. It could well be a solution to some other problem; it could be a service fac. This generally starts somewhere 'way back with some series of withholds. Illnesses are protests against life, so you can tailor a sec check to reach the areas of life the person is protesting against and run it. The psychosomatic illness will disappear. It does take a lot of figure-figure and detective work, the sort of problem about a case that many auditors just love.

So get the thing the person wants to handle, trace it back to some area or activity. You are looking for activities which had to do with changing the position of mass. The massier it is and the more change of positions, the more aberrative it is. Sec check the person's handling of masses and changes of space. If you have no clue on that, go into his most confused motional areas. If he's now motionless, find what he was doing prior to becoming so motionless and find an area of intolerable activity. Run a sec check on that area of activity. Get all the items and terminals in that area and invent all possible overts against them. A crude way to do it is to use a modification of an existing sec check. It is better still to mock up a new one using all the crimes you could do in an area of tight mores.

You could handle someone whose goal is to fix up his memory both by, "What wouldn't you mind forgetting?" plus O/W on various terminals with deficient perception plus find who didn't remember well



or who insisted he remember and sec check him on those people. This will spring him into his “What do you know!” on the subject. You can assume if he doesn’t cognite that he’s really pinned down on the area by withholds from you, from the area, and even from himself. The sec check will increase his freedom to know, which is the opposite of the not-knowingness enforced by O/W. So make a list of all the items you can think of from his area of difficulty, ask if he’s done anything to or interfered with those items and activities. His cognition may come out little by little, or at last with a bang.

The rule is that any zone of life with which a person is having difficulty is a fruitful area for a security check. Any area where the person is having difficulty, he’s stupid. Stupidity is not-knowingness, which occurs through overt. But the overt has to be hidden, so it’s withheld, so withholds add up to stupidity, so he has trouble in the area.

You must always assume a psychosomatic difficulty is a solution after the fact of a confusion. A confusion consists of change of position of particles in time and space, predicted or unpredicted. If they are unpredicted changes in space, you’ll have a confusion. The PC puts attention on one particle as a stable datum. This is fine, except that he ends up with a psychosomatic complaint. To resolve the complaint, find the prior confusion and do a good security check on the things in the vicinity of the confusion to get off the overt that made it necessary to pull in the somatic.

All sec checks add up to very thorough key-outs.



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB DE 30 DE JUNHO DE 1967

EVIDÊNCIAS DE UMA ÁREA ABERRADA

1. Má memória nessa área.
2. Aparecimento de respostas erradas da área, o que dá:
3. PTPs nesse assunto (uma vez que as respostas estão erradas).
4. Quebras de ARC nesse assunto (pois o trauma dá lugar a carga ultrapassada)
5. Está emocional no assunto (carga ultrapassada contínua)
6. Não pode confrontar a matéria do seu assunto (pois representa experiência dolorosa).
7. Está doente da parte do corpo ou parte da existência que foi lesada.
8. O seu mest nessa área está “doente” (perturbado), pois foi degradado pelo trauma.
9. Está desatento do assunto.
10. Tem lapsos de percepção em coisas similares aos objectos da área traumática.
11. Detesta, ou ignora, ou não pode ter objectos similares aos da experiência traumática.
12. Age irracionalmente em relação ao assunto por clarificar.
13. É olhado como estranho nesse assunto (comportamento não normal).
14. Ressente-se de qualquer crítica a si mesmo a respeito do assunto ou área.
15. Ridiculariza o assunto ou objecto.
16. Não pode compreender objectos ou assuntos similares.
17. Comete overts contra o assunto ou objecto.
18. Justifica qualquer overt cometido.
19. Tem pensamentos críticos em relação ao assunto ou objecto.
20. Detém-se continuamente no assunto ou objecto.
21. Deseja tirar o assunto ou objecto da cabeça.
22. Quer processamento para o assunto área ou objecto.
23. Reage na agulha quando qualquer palavra próxima do assunto é mencionada.
24. Reage no TA quando qualquer versão próxima da palavra é mencionada.
25. Fica doente ao invalidar o assunto ou objecto.
26. Tem Contenções em relação ao assunto ou objecto.
27. Não quer discutir o assunto ou objecto.
28. Altera dados sobre o assunto ou objecto.
29. Não pode compreender assuntos em que o Pc teve graus inferiores.
30. E o mais importante de tudo, procura parar coisas nessa área e usa inúmeros métodos, cobertos ou encobertos para o fazer.

L. RON HUBBARD

Fundador



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD
Saint Hill Manor, East Grinstead, Sussex
BOLETIM HCO DE 19 DE OUTUBRO DE 1961

Franchises

PERGUNTAS DE SEGURANÇA *TÊM DE SER ANULADAS*

O principal perigo da verificação de segurança não é sondar o passado de uma pessoa, mas sim falhar completamente de o fazer.

Quando se deixa uma pergunta de verificação de segurança "viva" e se vai para a próxima, está-se a configurar uma situação desagradável que terá repercussões. A pessoa pode não reagir imediatamente. Mas o mínimo que vai acontecer é que ela vai ser mais difícil de auditar no futuro e vai sair de sessão mais facilmente.

Mais violentamente, um pc que tenha tido uma pergunta de verificação de segurança deixada não flat, pode abandonar a sessão e trazer a si próprio ou à Cientologia um prejuízo considerável.

Talvez seja a coisa mais cruel que poderia fazer a uma pessoa é deixar uma pergunta de verificação de segurança não flat e seguir para a próxima. Ou falhar de anular a agulha em Withholds nos rudimentos e continuar com a sessão.

Uma menina, sendo auditada, foi deixada não flat sobre uma questão de verificação de segurança. O auditor alegremente passou para a próxima pergunta. A menina saiu após a sessão e disse a todos que sabia as mentiras mais cruéis que poderia criar sobre a conduta imoral de Cientologistas. Escreveu uma pilha de cartas para pessoas que sabia estarem fora da cidade, contando histórias terríveis de orgias sexuais. Uma cientologista alerta ouviu os rumores, rapidamente os rastreou de volta à origem, apanhou a menina, sentou-a, verificou a audição e encontrou a pergunta de verificação de segurança não flat. O Withhold? Delitos sexuais. Uma vez puxados, a menina correu apressadamente a corrigir todos os seus esforços anteriores para desacreditar.

Um homem tinha sido um caso parado por cerca de um ano. Ele era violento de auditar. A pergunta especial foi finalmente feita: "Que pergunta de verificação de segurança foi deixada não flat em você?" Foi encontrada e anulada. Depois disso o seu caso progrediu novamente.

Os mecanismos disto são muitas. As reações do pc são muitas. O resumo é que, quando uma pergunta de verificação de segurança é deixada não flat num pc e ignorada daí em diante, as consequências são numerosas.

O REMÉDIO

A prevenção de as verificações de segurança serem deixadas não flat é facilmente conseguida:

1. Saber os Essenciais do E-Metro.
2. Conhecer o E-Metro.
3. Trabalhar apenas com um E-Metro aprovado.
4. Conhecer os vários boletins sobre verificação de segurança.
5. Retirar os seus próprios Withholds para que não evite os mesmos em outros.



VERIFICADOR
DE
SEGURANÇA

6. Repetir as perguntas de várias formas até ter a certeza absoluta, que não há mais nenhuma reação da agulha na pergunta com a sensibilidade a 16.

LRH: md.cden

Copyright © 1961

por L. Ron Hubbard

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

L. RON HUBBARD



6303C27 SHTVD-19; SHSpec-254

SEC CHECKING

Sec checking is an art. It consists of restimulating stuff which is to be picked up, and then picking it up. The way to do it is thoroughly. Getting through the sec check isn't the point. The point is, getting through to the PC and keying stuff in.

[There follows a TVD of Reg Sharpe sec checking Leslie van Straden.]

There is a world of difference between sec checking and mid-ruds or any ruds. Ruds are done in a perfunctory manner, just to be able to get on with auditing. Sec checking and prepchecking are auditing the PC's case. On goals running, you are using mid-ruds to brush the PC off, so that there is nothing in your road. In sec checking and prepchecking, you are pressing the question home. You are seeing to it that the PC sees how the question applies to his life: dig dig dig. You discuss and restimulate things so that you can clean them up. To be called an auditor, you must be able to do both of these things: the brush-off and the press-home. In R2G1, you have to be able to do both. It is an art. You have to be able to audit the PC in front of you. You have to work around enough to really clean things up.

R2G1 is not run on the needle. It is part of Routine 2 Pre-hav levels, which is run on the tone arm, totally. As long as there is TA, you keep persuading the PC to answer. There is R2GPM [Pre-hav], which is the original pre-hav levels applied to purposes. [S-ee HCOB 13Apr63 "Routine 2G ..." for a summary of the Routine 2G processes, including Routine 2-GPM and Routine 2-G1 to G5.] Sec check, ruds, and havingness are all processes that are run by the needle, not by the TA.

SEC-CHECK -- ERROS DE AUDIÇÃO

NOTAS

As dificuldades que a Igreja Católica teve com todos os hereges foram produzidas pelo mecanismo de confissões incompletas. Isto é justiça poética, uma vez que a Igreja enterrou a maioria do seu conhecimento anterior. Assim, um Sec Check, a coisa que é suposto prevenir dissidências, transtornos e casos lentos, se mal feito, restimula uma heresia de algum tipo que por fim, mais cedo ou mais tarde, provoca uma subversão do grupo. O ciclo é que, este overt, não sendo puxado, mas restimulado, faz o PC minorá-lo deitando abaixo o objeto do overt. Este é um novo overt que então também faz deitar abaixo o grupo que não puxou o withhold. Se não puxar o withhold, você obterá o efeito do overt sucessivo, pois o PC reduz a nada as pessoas que o poderiam descobrir. Isto faz parte de minorar o overt agora perdido. Também serve para o pôr de tal modo que ninguém jamais acredite nessas pessoas se o overt alguma vez se souber.

A coisa surpreendente é que o withhold, ao ser puxado, muda para um vulcão fumegante antes de ser puxado para um flácido peixe morto, à medida que é tirado fora. Assim, se o começar a libertar, mas não levar isso a cabo, você deixará o PC com a cabeça cheia de vapor sob pressão que frequentemente explodirá.

O modo de ter acidentes com um objeto perigoso é saber que é perigoso sem o saber manejar. Nós temos tendência a dizer aos estudantes que não podem fazer nada errado com audição a fim de inspirar confiança, e de certo modo é verdade, mas agora que acelerámos a libertação do carço básico da reatividade, pagámos com a perda dos mecanismos de segurança de processos mais antigos, como processos conceituais, objetivos, etc. Agora temos que correr coisas que põem as pessoas bem desconfortáveis quando mal feitas. Isto não é permanente, mas pode na ocasião ser bastante desconfortável. Parte da dificuldade, também, é que o auditor pode parecer muito agradável fazendo o seu melhor (apesar dum GAE) de forma que o PC, quando se encontra com um aspeto terrível, culpa-se a si próprio e sente não poder ser a culpa do auditor, quando de facto a culpa é dele.

O denominador comum de GAEs é, nalgum grau, não ser executada qualquer audição. Onde houve erros, houve principalmente uma incompreensão das diretivas de audição. Exemplos disso são: deixar uma pergunta de withhold por esgotar, fazer uma verificação errada ou usar uma verificação errada, correr um nível de Pre-hav até o TA se mexer abandonando-o, não continuar a fazer Sec Check dum PC à medida que o seu caso avança.

Fim



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB de 16 de NOVEMBRO de 1961

Franchise

VERIFICAÇÕES DE SEGURANÇA

GENERALIDADES NÃO SERVEM

A mais eficiente forma de perturbar um Pc é deixar uma pergunta de Sec Check por esgotar. Isto é remediado perguntando de vez em quando: “escapou alguma pergunta do Sec Check?”, e esgotar o que escapou.

A melhor maneira de “falhar” uma pergunta de Sec Check é deixar o Pc entregar-se a generalidades, ou “Pensava que...”.

Uma pergunta de Sec Check deve ser nulificada à sensibilidade 16 como verificação final.

Uma contenção dada como: “Oh, zanguei-me com eles montes de vezes”, tem que ser trazida para quando, onde e a primeira vez que “te zangaste” e finalmente “O que é que lhes fizeste antes disso?”. Obteremos então realmente a nulidade.

A pessoa que tem as contenções de outrem e as dá como resposta, é um brincalhão. Mas não é ajudado quando o auditor o deixa fazer isso.

Situação: pedimos ao Pc uma contenção sobre o João. Ao Pc que diz: “ouvi dizer que o João...” deve ser logo ali perguntado: “o que é que *tu* fizeste ao João? Tu. Tu próprio”. E, vai-se a ver ele roubou a última loira do João. Mas se o auditor deixasse o Pc continuar a falar do que o Pc ouviu dizer do João, que era isto, ou era aquilo, a sessão teria sido prolongada e o TA teria subido, subido...

Temos Pcs que usam “contenções” para espalhar toda a espécie de mentiras. “Já alguma fizeste alguma coisa à org?” O Pc responde: “Bem, estou a esconder que ouvi dizer...” ou “Tive alguns pensamentos desagradáveis sobre a org” ou “Critiquei a org quando...” e nós não embarcamos e obtemos *O QUE O PC FEZ*, podendo alargar um item de cinco minutos a uma sessão ou duas.

Se o Pc “ouviu” e o Pc “pensou” e o Pc “disse” em resposta a uma pergunta de Sec Check, o banco reativo do Pc está realmente a dizer: “tenho uma contenção arrasadora e se eu puder andar às voltas dando pensamentos críticos, boatos e o que outros fizeram, nunca se saberá”. E se ele se conseguiu safar com isso, o auditor falhou uma pergunta de contenção.

Nós só queremos saber o que o Pc fez, quando o fez, a primeira vez que o fez e o que ele fez antes disso e todas as vezes matamos a charada.

O PC IRRESPONSÁVEL

Se queremos tirar fora contenções dum “Pc irresponsável”, às vezes não podemos perguntar o que ele fez ou conteve e obter reação no e-metro.

Este problema aborreceu-nos durante algum tempo. De repente fiquei bem brilhante ao reparar que, não importa o Pc pensar se foi crime ou não, ele *responderá* às versões “não saber” como segue:

Situação: “O que é que fizeste ao teu marido?” Resposta do Pc: “Nada de mal”, reação no e-metro nula. Agora nós, notando que ela critica o marido, sabemos que tem overts para com ele. Mas é que ela não pode tomar responsabilidade pelos seus próprios actos.



Mas ela *pode* tomar responsabilidade pelo *não saber* dele. Ela está certa disso.

Assim, perguntamos: “O que é que tu fizeste ao teu marido que ele não sabe?”

E leva uma hora a revelar tudo, tal é a quantidade. É que a pergunta abre as comportas. O e-metro troa por todos os lados.

E com estas contenções cá fora, a sua responsabilidade vem acima e ela *pode* tomar responsabilidade pelos itens.

Isto aplica-se a qualquer zona ou área ou terminal de Sec Check.

Situação: Estamos a obter montes de “pensava que”, “ouvi dizer”, “disseram” “fizeram” em resposta a uma pergunta. Agarramos no terminal ou terminais envolvidos e pomo-los neste espaço em branco:

“O que é que tu fizeste que _____ não sabe?”

E podemos obter os maiores overts que ficam por baixo do pano de “como toda a gente é má, menos eu”.

Isto impede-o de falhar uma pergunta de Sec Check. É um crime feio falhá-la. Isto abreviará o trabalho envolvido em esgotar cada uma das perguntas.

Em *cada* sessão de Sec Check, deve perguntar-se ao Pc nos ruds finais: “escapou-me alguma pergunta do Sec Check?” além de: “Estás a conter alguma coisa?” e “meias Verdades”, etc.”

E se o nosso Pc é muito de se conter, podemos introduzir isto: “escapou-me alguma pergunta do Sec Check?” de tantas em tantas perguntas enquanto fazemos o Sec Check.

Clarificamos sempre o que escapou.

Um Pc pode ficar muito perturbado por causa de uma pergunta falhada de Sec Check. Mantenha-o a subir, e não a descer.

L Ron Hubbard

Fundador



6112C12 SHSpec-91

SEC CHECKS IN PROCESSING

What every good auditor should have:

1. A British Mark IV Meter
2. Someone to handle appointments, money, etc.
3. Two understudies who have had good HPA training and who need some real brush up to Class II.

[See HCOPL 26May61 “Modification of HPA/HCA, BScn/HCS Schedule” Per this P/L, the HPA course consists of two Units: Unit 1 and Unit 2. Unit 1 consists of TR’s, metering, model session, and ruds; Unit 2 consists of the 36 pre-sessions, finding the Hav and confront process for the PC, general assessment and running pcs on prehav scale (not SOP Goals), and sec checking.]

[For definition of classes of auditors, see HCOPL 29Sep61 “HGC Allowed Processes” Class I refers to relatively unskilled HCA/HPA graduated or field or staff auditors, etc. This auditor is allowed to audit only a process that he has had success with on pcs, regardless of the HGC pcs case requirements. Class II auditors have passed HCO quizzes on E-meter essentials, Model Session, sec checking, and tape 6109C26 SHSpec-58 “Teaching the Field—Sec Checks”. They are only allowed to audit sec checks. Class III auditors may audit Routine 3, but not run engrams. Class IV auditors are releases, have had their goal and terminal found, and have had engrams run on their goals terminal chain and have excellent subjective reality on engrams. These auditors may run Routine 3 and engrams on HGC pcs.]

Unless an auditor has these things, he will get no auditing done. He’ll either spend all his time setting up cases or, more likely, he will try to assess a Routine 3D on someone who isn’t set up and fall on his head. He also needs someone to handle the admin end. You can easily get pcs with an ad like “You can always talk to a scientologist about your difficulties.” Having someone doing admin is always a security that the people you help will pay you for the service.

It is not really too bad that it takes some skill to apply Routine 3D. If you let loose a powerful technology which anyone at all could apply, you’d be in trouble. Technology that doesn’t require a skilled applicator is what this world mainly suffers from. For instance, any government official can push the button on an atomic bomb. If tech requires no skill, you can’t build an ethic into it.

The broad program on which we are operating is concise and broad. We have central organizations and offices all over Earth which suffer mainly from lack of technology. That they will now have. The policy is to build in self-reliance within a fixed pattern in the central orgs. Field auditors have been attempting to put up a standard and having it collapse. They generally don’t get as consistently good results as HGC’s, which is why HGC’s got started in the first place. The basic reason for success in the HGC’s is the stiffer discipline there. The central organization, as long as it is impoverished and feeling bad, tends to go into games conditions with other orgs or field auditors. This is simply because of lack of success. When there’s scarcity and havingness is low, there’s a games condition. Scarcity is repaired by technical excellence.

The briefing course was instituted for only one reason: to get the highest possible level of technology.

Step 6 would work today, but in fact it didn’t work because it was never done. In running Step 6, before you had the PC make the object bigger, smaller, etc., you had to find a null object on the E-meter. Wherever it beefed up banks, a null object wasn’t found. Relate it to the GPM—if you found an object which quivered on the meter, you would be onto the GPM and you wouldn’t dare to do anything with it. But you could take something not related to the GPM and exercise the PC on

creating and mocking it up without antagonizing or messing up particularly the GPM. The PC with some of the automaticities of mocking things up off could theoretically have the GPM evaporate.

[Details on running Routine 3D]

A Q and A puts the withhold in to stay. When the PC gives you the withhold, that is all you need. If it still registers, there's another withhold. It's not more on the withhold he has given you. The reason you vary the question in sec checking is just to get more withholds, to help the PC out. But you always end up by asking the original question to see if it is cleared. If you add any new sec check questions, make them pertinent to what you are doing.

If a burst of misemotion occurs on a sec check or Class II activity, it is turned off by what turned it on. That is true of all secondaries, particularly of an assessment, running havingness, or a sec check question. If a withhold turned it on, some withhold is keeping it powered up. So get the withhold. If misemotion is turned on by havingness, you can find out what is happening if you like, but continue the process that turned it on. It's a cruelty to do otherwise, no matter how kind it may seem. Any other process you may switch to is so much less powerful than what you have been running that it won't handle the misemotion. It takes more of the same.

The greatest cruelty is being kind to the PC. It will not help a PC to omit sec checking him or to rush him into an assessment. He will never get through Routine 3D levels if you do. If you left a sec check question unflat in one session, don't spend the session getting ruds in. Flatten the question. If the TA has soared meanwhile, find out what has been going on. If bypassing a PTP upsets the PC, go back to the earlier withhold that preceded it (It could be some undelivered comm).

If the session looks confused to the auditor, the PC will get upset. The PC is trying to make a session out of it, so he is harder to audit if the auditor is confused, because the PC reacts to the confusion of the auditor. An unskilled auditor has much tougher pcs than anybody else. Then, because it is all so complicated, the unskilled auditor sees nothing wrong with adding more complications, so he puts in additives. The job is to teach people not to put in lots of useless stuff. Keep it very simple and they will win.

SEC CHECKS—WITHHOLDS

The process, 20-10, is used to handle psychosomatic difficulties, using Class II skills and sec checking. [20-10 is a process where ten minutes of havingness is run for every twenty minutes of sec checking. This is run for 75 to 200 hours before attacking Routine 3DXX. See HCOB 11Jan62 “Security Checking. Twenty-ten Theory”.]

There is danger in sec checking by ritual. You should do it by fundamentals. Here’s what happens: because you don’t quite grasp the fundamental, someone stiffens up the ritual. Then it stiffens again, and you become a ritualist and can depart from effective auditing. The thing to do is to get the job done. Auditing is what you can get away with with the PC. Because you can’t get away with everything, a ritual gets set down, circumscribing what you should try to get away with.

Model session is a good thing to use, except with a few pcs, who would never get past the third question [See HCOB 21Dec61 “Model Session Script, Revised”7]. You can imagine a case that is so critically poised that you have to find out what the mind is doing in order to parallel it. If you tried to do a Model Session to find out, you would be in a cul-de-sac, because the case doesn’t have that much attention concentrated. For instance, take a madman, who could still be handled with basic sec checking. He is insane because he keyed in an insane valence by withholding. It’s not this lifetime that aberrated anyone. People say that you can’t understand the mind because this lifetime doesn’t explain why people are aberrated. Someone who is insane got that way by keying in implants that he gave, to drive enemy troops insane, to prevent them from coming back, plus some similar overts which developed an insane valence. Insane people can go in and out of valences very easily. It is the not-know they have run on other people that results in the withhold on themselves. So what basic question could you ask this fellow, which he could answer to start keying out the insanity? You could ask, “What don’t people know about you?” He would answer it. It is so fundamental that he couldn’t help answering it.

A case could be so attentive to its difficulties that it is already in session. To try to fly ruds would be to distract the PC’s attention from his case.

With a deranged person, the “don’t know” question works well. It cross-cuts the O/W questions. When a case does not consider something an overt, he will still answer up to not-know and will come up to recognizing his withholds. You can use such questions as, What don’t I know about you? What don’t you know about your condition? What don’t others know about you / your condition / what you are doing?”

Auditing by fundamental would be to restore the PC’s communication with society or the group with which he is connected. You would expect a person who is having a hard time with the social structure he is in to have withholds from that social structure. You see this in vignette all the time. You missed a withhold and the PC got upset with you. It’s a reversed comm line. He has PTP’s because he has withholds from people. A withhold is a withhold whether the PC considers them withholds or not. For instance, if the PC withholds losing his temper with people, it’s laudable, but it is still a withhold. If, in finding withholds, you don’t look for such withholds, or for simple withheld communications, you will have a devil of a time keeping ruds in. The PC is a busy little beaver, sitting there thinking and withholding critical thoughts, etc.

Withholds are not confined to crimes. The magnitude of the crime does not establish the magnitude of the withhold. It is the force with which he is withholding. So anything the PC is withholding is a withhold. Anything he is not communicating is a withhold. When you realize this, you will get ruds in with a clank and be able to assess just fine, and sec checking will go fine.

Sec checking will fail if you expect the magnitude of the withhold to give you the magnitude of the recovery. It is the magnitude of the restraint, of the withholding, that does it. The way to find what the case is withholding is to get what any part of the eight dynamics doesn't know about him. The way you have gravity is by withholding self from space. Most of your sec checking will be on the third dynamic, since it is the most complicated, and there have been so many groups on the track. But you might do well to look at the others, too. The second dynamic is, of course, loaded with mores to violate.

A withhold is restraining self from communicating. The corresponding overt is restraining another from communicating. When someone is withholding some action, he gets into the valence of someone who would do the action. Moral Codes are patterns of behavior on all eight dynamics. That means you are triggering those moments when the PC was not communicating, perforce. He should have been talking and he wasn't. That's what it amounts to.

The ability of a thetan, in this universe, is expressed along the lines of reach and withdraw, in various directions. When a person should be reaching and is withdrawing, that is a withhold. Then there are overts of omission. He should be reaching and he is not. For instance there may be times when a soldier should have attacked and he ran. These are overts of omission if they are the reverse of a "now-I'm-supposed-to". It all amounts to failure to communicate with the environment, or restrained communication with the environment, which ends up as not being here in the environment, which ends up with the environment pulled in on oneself. You could ask, "What should you have communicated?" and get some marvellous results. "Where should you have been?" gets off effort withholds. Withholding is worse than just not reaching.

A very withholdy PC will stack up withholds on a subject. The tiniest impulses to withhold will remain as withholds if the PC has a set of withholds on a subject. This PC will have loads of critical thoughts. If you are not sec checking, it's valid to ask a PC, "What are you withholding?" and if you don't get a fall, don't press it. But don't think he is not withholding, because he is. You don't have a missed withhold to contend with, but the PC has at least some laudable withholds. That's OK; he can be in session. But he still has a withhold. You only have to do something about it if he gets upset and goes out of session. Then you will have to find it. "Ruds in" merely means "in condition to be audited." You can always find the ruds out if it is your purpose to audit the case by rudiments.

When you sec check, you try to restimulate the withholds so you can clean them up. This has an opposite purpose from ruds. The auditor's mission in sec checking is to stir up things the PC doesn't feel OK about communicating, so that the withholds can be gotten off, because that is what aberration is made of. So be suggestive, knowing fundamentals. Use, e.g., "What doesn't _____ know about you? What have you done that _____ wouldn't like?" And don't miss withholds.

The fourth dynamic is a whole species, not just "mankind".



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB DE 22 DE FEVEREIRO DE 1962

WITHHOLDS, FALHADOS E PARCIAIS

Não sei exatamente como vos fazer chegar isto exceto pedir que sejam valentes, fechem bem os olhos e mergulhem.

Não apelo à razão. De momento apenas à fé. Quando tiverem uma realidade disto, nada irá abalá-la e nunca mais falharão casos ou falharão na vida. Mas, de momento, poderá não parecer razoável. Por isso tentem apenas, façam-no bem e a alvorada chegará finalmente.

O que são estas maledicências, perturbações, quebras de ARC, tiradas críticas, membros do PE perdidos, ações ineficazes? São withholds reestimulados, mas falhados ou parcialmente falhados. Se ao menos eu pudesse ensinar-vos isto e conseguir que tivessem uma boa realidade disto na vossa própria audição, as vossas atividades tornar-se-iam incrivelmente suaves.

É verdade que as quebras de ARC, os problemas de tempo presente e os withholds tudo isto evita que uma sessão aconteça. E devemos estar atentos a eles e a aclará-los.

Mas por detrás de tudo isto está outro botão, aplicável a todos, que resolve todos eles. E esse botão é o withhold reestimulado, mas falhado ou parcialmente falhado.

A vida em si impôs-nos esse botão. Não passou a existir com a verificação de segurança.

Se sabe de pessoas ou se é suposto saber de pessoas, então essas pessoas esperam, irracionalmente, que as conheça completamente.

O real conhecimento para a pessoas vulgar é apenas isto: um conhecimento dos seus withholds! Isso, por horrível que seja, é o máximo do conhecimento para o homem da rua. Se conheceres os seus withholds, se conheceres os seus crimes e ações, então tu és esperto.

Se souberes o seu futuro és moderadamente sábio. E assim somos persuadidos para leituras da mente e adivinhações do futuro.

Toda a sabedoria tem esta armadilha para aqueles que queriam ser sábios.

O homem egocêntrico acredita que toda a sabedoria termina em conhecer a sua má conduta.

SE qualquer sábio se fizer passar por sábio e não chegar a descobrir o que a pessoa fez, essa pessoa entra em antagonismo ou noutra emoção negativa contra o sábio. Portanto elas enforcam aqueles que reestimulam e, no entanto, não descobrem os seus withholds.

Isto é de uma loucura incrível. Mas é observadamente verdade.

Esta é a REAÇÃO DO ANIMAL SELVAGEM que faz o Homem primo das bestas.

Um bom auditor pode compreender isto. Um dos maus vai ter medo disto e não vai utilizar isto.



O rudimento final para withholds para qualquer sessão deveria ser posto por estas palavras, “Falhei um withhold em ti?”

A todo o pc com quebra de ARC deveria perguntar-se, “Que withhold é que eu falhei em ti?” Ou, “O que foi que não cheguei a descobrir acerca de ti?” Ou, “O que é que eu deveria saber a teu respeito?”

Um auditor que faz verificação de segurança e que não consegue ler o e-metro é perigoso porque falhará withholds e o pc pode ficar muito transtornado.

Use isto como um dado estável: Se a pessoa está incomodada, alguém não conseguiu descobrir o que essa pessoa tinha a certeza que ia ser descoberto.

Um withhold falhado é um deveria saber.

A única razão por que alguém deixou a Cientologia é porque as pessoas não conseguiram descobrir a seu respeito.

Este é um dado valioso. Fiquem com uma realidade dele.

L RON HUBBARD

Fundador

LRH :sf.cden



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD
Saint Hill Manor, East Grinstead, Sussex
BOLETIM HCO DE 4 ABRIL AD15

Remimeo
Franchise

QUEBRAS DE ARC E WITHHOLDS FALHADOS

O erro principal que se pode fazer no manejo de Quebras de ARC é manejar o pc com processo para Quebras de ARC quando o pc realmente tem um withhold falhado.

Como alguns auditores antipatizam com puxar withholds (porque esbarram em pcs que os usam para demolir o auditor como "Eu tenho um withhold que todo mundo pensa que você é horrível — —") é mais fácil confrontar a ideia de que um pc tem uma Quebra de ARC do que a ideia de que o pc tem um withhold.

Em caso de dúvida verifica-se ao e-metro o withhold para ver se é inexistente ("Estou exigindo um withhold que não tem?"). Se este for o caso o TA irá fazer Blowdown. Se não for o caso a agulha e o TA permanecem inalterados. Se as críticas do pc ou a condição de Quebra de ARC continuam apesar de encontrar a carga by-passed, então obviamente é um withhold.

A descoberta de Quebras de ARC funciona. Quando o pc não muda apesar de habilidosos manejamentos de Quebras de ARC, localizando-as e indicando-as, tratava-se de um withhold em primeiro lugar.

O pc mais difícil de lidar é o com withholds falhados. Eles Quebram o ARC mas não conseguem que ele saia disso. A resposta é que o pc tinha um withhold todo o tempo e que está por trás de todas essas Quebras de ARC.

A audição de Cientologia não deixa o pc em mau estado a menos que se façam asneiras em Quebras de ARC.

As Quebras de ARC ocorrem mais frequentemente em pessoas com withholds falhados. Portanto se um pc não pode ser facilmente remendado ou não permanece afinado em Quebras de ARC, deve haver withholds básicos no caso. Então trabalha-se duramente em withholds com qualquer e todas as ferramentas que temos.

As Quebras de ARC não causam deserções. Withholds falhados causam. Quando não ouvirem o que o pc está dizendo, então fazem-lhe ter um withhold que reage como um withhold falhado.

Em suma, o fundo da Quebra de ARC é um withhold falhado.

Mas um ato antissocial feito e retido, em seguida, configura o pc para se tornar "um pc com um ARC Quebradiço". Não é uma observação realmente precisa visto que se tem um pc com withholds que, ao ser auditado, quebra facilmente o ARC. Portanto, a afirmação correta é "o pc é um pc de tipo esconder que Quebra muito o ARC". Esse tipo existe. E é claro que têm montes de Quebras de ARC subsequentes e regularmente estão sendo remendados.

Se têm um pc que parece ter um monte de Quebras de ARC, então o pc é um "pc *ocultadiço*" e não um "pc com o ARC Quebradiço". Qualquer deixar passar do auditor provoca uma explosão no pc. O auditor, chamando a este pc um "pc com ARC Quebradiço" não está usando uma descrição que leve a uma resolução do caso, pois milhares de assessments de Quebras de ARC deixam o caso ainda suscetível a Quebras de ARC. Se você chamar a esse caso que Quebra muito o ARC, um "pc *ocultadiço* que Quebra muito o ARC", então pode resolver o caso. Visto que tudo que tem a fazer é trabalhar com os withholds.



A forma real de lidar com um "pc ocultação que Quebra muito o ARC" depois de já ter esfriado a última de suas muitas Quebras de ARC é:

1. Fazer o pc olhar para o que está acontecendo com suas sessões.
2. Pôr o pc em comunicação.
3. Fazer o pc olhar para o que realmente o está incomodando.
4. Obter a disponibilidade do pc para dar withholds de uma forma gradual.
5. Levar o pc a uma compreensão do que ele está fazendo.
6. Obter o propósito do pc de ser auditado à plena vista para ele ou ela.

Estes são, evidentemente, os nomes dos seis primeiros graus. No entanto, lá em baixo, estas seis coisas estão todas esmagadas em conjunto e realmente poderiam prosseguir esse ciclo numa sessão apenas para fazer subir o pc um pouco sem sequer tocar no grau imediato.

Sempre que vejo uma pessoa-de-cara-azeda que foi "treinada" ou está sendo "treinada", sei uma coisa: lá vai um pc com muitos withholds. Também sei que aí há um pc que Quebra muito o ARC em sessão. E também sei que o seu co-auditor é fraco e flácido como auditor. E também sei que o seu supervisor de audição não força o auditor-estudante a fazer o processo corretamente.

Um estudante-de-cara-azeda, um relance, e sei todas estas coisas, bang!

Então por que é que outras pessoas não o conseguem notar?

A audição é um prazer. Mas não quando um auditor não sabe diferenciar um withhold de uma Quebra de ARC e não sabe que as Quebras de ARC contínuas são causadas por withholds falhados na base da cadeia.

Eu nunca deixo passar isto. Por que é que vocês deixariam?

O único caso que realmente vos perturba é o caso do OVERT CONTÍNUO.

Aqui está um que comete atos antissociais diariamente durante a audição. É uma loucura. Ele nunca vai ficar melhor, o caso fica sempre pendurado.

A não ser que trate os seus overts contínuos como uma solução para um PTP. E encontre o PTP que ele está tentando resolver com estes loucos atos overt.

Estão a ver, podemos até resolver este caso.

MAS, não acredite que a Cientologia não funciona quando encontra um pc imutável ou continuamente com emoções negativas. Ambas estas pessoas são bolas fora que estão carregadas com withholds.

Já há anos e anos que as temos vindo a resolver.

Mas não a jogarmos às casinhas ou à sardinha.

É preciso um auditor e não um toque feminino.

"Meu caro, está a fazer-me perder tempo há três sessões. Você tem withholds. Dê-mos!"

"Meu caro, você recusa-se apenas mais uma vez a responder à minha pergunta e está feito. Eu já verifiquei isto ao e-metro. Não é um withhold de nada. Você tem withholds. Dê-mos!"

"Acabou. Vou pedir ao D de P para solicitar ao Sec. Técnico que inicie um Inquérito do HCO sobre si por Ausência de relatório."

Se a habilidade não conseguir fazê-lo, a exigência conseguirá. Se a exigência também não, um Inquérito com certeza que consegue.

Pois trata-se de uma Ausência de Relatório!

Como é que pode pôr um homem bem quando ele tem um esgoto cheio de atos viscosos!



Mostrem-me qualquer pessoa que seja crítica de nós e vou-lhes mostrar crimes reais e planeados que poriam os cabelos em pé de um magistrado.

Por que não experimentá-lo? Não aceite: "Eu uma vez roubei um clipe de papel do HASI" como um overt ou "Você é um péssimo auditor" como um withhold. Que diabo, as pessoas que dizem essas coisas acabar de vos roubar o almoço ou têm a intenção de esvaziar a caixa.

Sejam inteligentes, auditores. Os Thetans são basicamente bons. Os que a Cientologia não muda são bons - mas por baixo de uma pilha de crimes que não poderiam meter numa revista de histórias da confissão.

Tudo bem. Por favor, não continuem a fazer este erro. Ele aflige-me.

L. RON HUBBARD

LRH:ml.Rd

Copyright © 1965

por L. Ron Hubbard

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB de 8 de MARÇO de 1962

Franquia

Sthil

CenOCon

O MAU “AUDITOR”

Está na altura de consumir tempo a melhorar a perícia da audição.

Nós temos a tecnologia. Nós podemos com ela fazer claros e OTs, como se verá. O nosso único problema é fazê-la aplicar habilmente.

Por isso é que eu iniciei o SHSBC. O calibre extremamente alto de auditor que estamos a produzir está a causar assombro, sempre que estes magníficos diplomados regressam a uma área. Nós não estamos a laborar nos casos, em Saint Hill. Eu posso sempre fazer claros. Nós estamos é a tentar fazer auditores peritos. Mas também lá estamos a seguir casos, em média mais rápido do que em qualquer outro lugar.

Este treino esteve quase um ano em desenvolvimento. Aprendi muito sobre treino e isso é de grande benefício para todos de nós, sem ao mesmo tempo restringir o treino do estudante de SH.

Dando uma vista de olhos pelos estudantes novos, eu acho que temos, grosso modo, duas categorias gerais de auditores, com muitas zonas cinzentas pelo meio:

1. O auditor natural.
2. O auditor perigoso.

O auditor natural agarra logo isto e faz um trabalho de mestre. Ele obtém uma maior percentagem de passagens em muitos boletins e fitas em relação às falhas, absorve bem os dados e põe-nos em prática, faz um trabalho passável num Pc mesmo no início do treino, e melhora de caso rapidamente sob treino qualificado e audição em Saint Hill. Isto é verdade para claros e libertos que entram no curso, assim como para os que tiveram muito menos ganhos caso antes deste treino. Estes, os auditores naturais, constituem mais de metade dos estudantes novos.

À outra categoria nós chamaremos o “auditor perigoso”. Os exemplos severos desta categoria constituem aproximadamente 20% dos estudantes novos e são muito detetáveis. Os outros 30% das zonas cinzentas, também são, no começo, para ser postos na categoria de “auditor perigoso a menos que firmemente supervisionados”.

Em Saint Hill, com algumas exceções, nós obtemos só a nata dos auditores e assim eu diria que a percentagem global pelo mundo, é provavelmente mais alta na segunda categoria do que em Saint Hill.

Assim pareceria termos que curar este assunto nas Academias e curá-lo amplamente através da Cientologia e, se o fizermos, a nossa disseminação, só neste esforço, deve saltar vários milhares por cento. Se todos os Pcs auditados por todo o lado fossem habilmente auditados, bem, pense no que isso faria. Para realizar isto só precisamos de tirar o auditor perigoso da classe perigosa.

Eu descobri o que faz um Pc sofrer uma deterioração de perfil (withholds falhados) e descobri a razão por que um auditor perigoso é perigoso. Então, não há nenhuma barreira a manejar o assunto, pois até mesmo o auditor perigoso, por estranho que pareça, quer ser um bom auditor mas não sabe como. Agora podemos resolver isso.



A diferença entre um auditor natural e um auditor perigoso *não* é nível de caso como nós supúnhamos, mas um *tipo* de caso.

A primeira observação disto apareceu nos ACC. Poderíamos esperar que cerca de 1% dos estudantes (digamos dois estudantes por ACC) se sentissem miseráveis se o seu Pc fizesse ganhos, e felizes se o Pc estivesse a colapsar. Isto foi uma observação. O que é que estes estudantes estavam a tentar fazer? O que é que eles pensaram que deveriam realizar numa sessão? Eles são um caso extremo de “auditor perigoso”.

Esta é a maneira de descobrir um “o auditor perigoso” em qualquer zona cinzenta:

Qualquer auditor (a) que não pode conseguir resultados num Pc, (b) que encontra itens lentamente ou não os encontra, (c) que obtém marcas baixas em testes de fitas, (d) que tem uma percentagem alta de falhas ao fazer provas de classificação, (e) cujo próprio caso se move lentamente, (f) que não responde bem para um processo de “pensar”, (g) que corta a comm de um Pc, (h) que impede um Pc de executar um comando de audição, (i) que muda obsessivamente processos antes de estarem esgotados, (j) que se desculpa ou explica por que não obteve quaisquer resultados sessão após sessão, (k) que tenta culpar os Pcs, (l) que culpa a Ci-entologia por não funcionar, (m) cujos Pcs estão sempre com quebras de ARC, ou (n) que já não auditará mais nada, *está a sofrer, não de withholds, mas do fluxo inverso do withhold, “medo de descobrir”*.

A pessoa com withholds tem medo de *vir a ser* descoberta. O outro tipo de caso pode ter withholds, *mas* o bloco dominante é exatamente o inverso. Em vez de ter medo de *vir a ser* descoberto, o tipo oposto de caso tem *medo de descobrir* ou do que possa descobrir. Logo, é um *tipo* de caso que faz um auditor perigoso. Ele está com medo de descobrir algo no Pc. Provavelmente este caso é o mais usual na sociedade, particularmente aqueles que nunca querem auditar.

Uma pessoa com withholds tem medo de ser descoberta. Essa pessoa tem dificuldades de audição como auditor, claro, por causa da restrição na sua própria Linha de Comm. Estas dificuldades juntam-se a uma inabilidade para falar durante uma sessão, calando-se perante o Pc, deixando de perguntar como ou o que o Pc está a fazer. Mas este não é o auditor *perigoso*. A única coisa perigosa que um auditor pode fazer é falhar withholds e recusar-se a permitir que o Pc execute os comandos de audição. Só isto, embrulha um Pc.

O auditor *perigoso* não tem medo ser descoberto (pois, quem o está a questionar enquanto ele está a auditar?). O auditor *perigoso* é o auditor que tem medo de descobrir, medo de ser surpreendido, medo de descobrir algo, medo do que eles virão a descobrir. Esta fobia impede o “auditor” de aplinar seja o que for. Isto faz dos withholds falhados uma certeza. E só withholds falhados criam quebras de ARC.

Todos os casos, é claro, olham um pouco de lado o facto de descobrir coisas, e assim qualquer auditor antigo poderá ter a sua cota de quebras de ARC nos seus Pcs. Mas o auditor *perigoso* é neurótico no assunto e toda a sua audição é orientada à volta da necessidade de evitar dados por medo de descobrir algo desagradável. Como a audição é baseada em encontrar dados, tal auditor retrocede um caso em lugar de o melhorar. O próprio caso de tal um auditor também se move lentamente uma vez que ele teme descobrir no banco algo desagradável ou assustador.

Hoje, o poder aumentado da audição torna este fator mais importante do que nunca. Poderiam ser feitos por esse auditor processos antigos com ganho mínimo, mas sem dano. Hoje, o fator medo-de-descobrir num auditor torna aquele auditor extremamente perigoso para um Pc.

Num prepcheck, isto torna-se óbvio quando um auditor na verdade não limpa uma cadeia e desliza em cima de withholds, “completando” assim o caso com dúzias de withholds falhados e um Pc adequadamente miserável.

Na Rotina 3D Criss Cross isto trona-se óbvio quando o auditor leva dias e semanas para encontrar um item e então encontra um que não conferirá. Um item de três em três sessões de duas horas, é uma média baixa para 3D Criss Cross. Um item por semana é suspeito. Um item por mês é obviamente a média de um auditor que não descobrirá nada e será perigoso. O auditor que usa sempre ruds-fora para evitar fazer 3D Criss Cross é um exemplo flagrante do auditor ‘não-descubra-por favor’.

Nos CCHs, o auditor perigoso é restringido pela prevenção da execução do comando de audição. Realmente, esta é a única forma de que um auditor pode fazer os CCHs falhar. Em qualquer dos CCHs, os comandos e exercícios são tão óbvios que só a prevenção da sua execução pode conseguir não-descobrir. O auditor perigoso nunca está satisfeito com o facto do Pc ter executado o comando. Tal auditor pode ser visto a mover a mão do Pc na parede depois do Pc ter de facto tocado na parede. Ou o Pc é mandado fazer um movimento em cima de outro que já tinha sido feito bem. Ou o Pc só é corrido em processos que estão esgotados e detido em processos que ainda estão a mudar.

O auditor perigoso nunca permite o Pc revelar qualquer coisa. E assim a “audição” falha.

Os remédios para o auditor perigoso, por classe de processo, são:

Classe I—Processo Repetitivo, corrido em sequência,

PROCESSO DE REVELAÇÃO X1

O que é que tu poderias confrontar?

O que é que tu permitirias a outro revelar?

O que é que outro deveria confrontar?

O que é que outro deveria permitir-te revelar?

O que é que tu preferias não confrontar?

O que é que tu preferias que outro não revelasse?

O que é que outro poderia odiar confrontar?

O que é que outro poderia objetar a que tu revelasses?

O que é que deveria ser confrontado?

O que é que alguém nunca deveria ter que confrontar?

(Nota: Este processo está sujeito a refinamento e serão lançados outros processos sobre o mesmo assunto).

Classe II— Fazer Prepcheck na Pergunta Zero

Você já alguma vez impediu outro de perceber algo? (Outras Perguntas Zero são possíveis no tema medo-de-descoberta).

Os CCHs devem ser usados se ação de TA durante qualquer prepcheck é menos que 3/4 de divisão por hora.

Classe III—Rotina 3D Criss Cross

Encontre Itens de Linha como segue:

Quem ou o que é que teria medo de descobrir? (obtenha então o oppterm do item resultante)

Quem ou o que é que impediria uma descoberta? (obter então o oppterm)

Quem ou o que é que surpreenderia alguém? (obter então o oppterm)

Quem ou o que é que seria inseguro tu revelares? (obter então o oppterm)

Quem ou o que é que seria perigoso outro revelar? (obter então o oppterm)

Nota: CCHs bem corridos, de acordo com os dados primitivos, dados outra vez em duas Fitas do SHSBC (R-10/6106C22SH/Spec 18, “Correr CCHs” e R-12/6106C27SH/Spec 21, “CCHs - Circuitos”), beneficiam qualquer caso e não são, nem de longe, relegados para os psicóticos.



Os CCHs fazem um trabalho notável na feitura de um bom auditor por várias razões. O primeiro CCH (Op Pro By Dup) foi inventado exclusivamente para fazer bons auditores. O CCHs são corridos de 1 a 4, um de cada vez, só enquanto produzem mudança e nada mais, antes de continuar para o próximo.

Quando é que um CCH está esgotado de forma a poder ir para o próximo CCH? Quando três ciclos completos do CCH têm um comm-lag uniforme, ele pode ser deixado.

O meu conselho para corrigir ou melhorar qualquer auditor é primeiro aplainar os CCHs de 1 a 4, aplainando então tudo num Op Pro by Dup. Isto independentemente do tempo que o auditor tenha estado a auditar Dianética e Cientologia. Então eu faria os processos Classe II e Classe de III acima, de preferência os itens Classe III primeiro e então os Classe II para que assim pudesse ir para toda a banda, ou fazer Classe II, depois Classe III e depois Classe II novamente.

RESUMO

Seguir qualquer parte deste programa em qualquer organização, no campo e em qualquer curso de treino, melhorará imensamente os resultados de audição e diminuirá enormemente fracassos de audição.

L. RON HUBBARD

[Este HCO B é complementado pelo HCOB 15 Março 1962, *Supressores*]



HUBBARD COMMUNICATIONS OFFICE

Saint Hill Manor, East Grinstead, Sussex

HCO BULLETIN OF 15 MARCH AD 12

Franchise

Sthil

CenOCon

ADD HCO BULLETIN 8 March 1962

THE BAD "AUDITOR"

SUPPRESSORS

The discovery of the "other side of withholds" type of case, the person who is afraid to find out, brings to view the reason behind all slow gain cases.

My first release was directed at auditing because good auditing is, of course, my primary concern at the moment.

But let us not overlook the importance of this latest discovery. For here is our roughest case to audit, as well as our roughest auditor.

Every case has a little of "afraid to find out". So you may have taken HCO Bulletin of March 8, 1962, more personally than you should have. BUT everyone's auditing can be improved, even mine, and adding a full willingness to find out to one's other auditing qualities will certainly improve one's auditing ability. Here probably is the only real case difference I have had. My own "afraid to find out" is minimal and so I had no reality on it as a broadly held difficulty. Where I ran into it was in trying to account for differences amongst students *and* in auditors who sought to audit me. Some could, some couldn't. And this was odd because my ability to as-is bank is great, therefore I should be easy to audit. But some could audit me and some couldn't. Two different auditors found me reacting as two different pcs. Therefore there must have been another factor. It was my study of this and my effort to understand "bad auditing" on myself as a pc that gave us the primary lead in. I made a very careful analysis of what the auditor was doing who couldn't or wouldn't audit me, an easy pc. The answer, after many tries and much study of students, finally came down, crash, to the "afraid to find out" phenomena. Thus my first paper on this (HCO Bulletin of March 8, 1962) enters the problem as a problem of auditing skill.

THE ROUGH PC

The characteristic of the rough pc is *not* a pc's tendency to ARC Break and scream, as we have tended to believe, but something much more subtle.

The first observation of this must be credited to John Sanborn, Phoenix, 1954, who remarked to me in an auditor's conference, "Well, I don't know. I don't think this pc is getting on (the one he was staff auditing). I keep waiting for him to say, 'Well, what do you know!' or 'Gosh!' or something like that and he just grinds on and on. I guess you'd call it 'No cognition' or something." John, with his slow, funny drawl, had put his finger on something hard.

The pc who makes no gain is the pc who will not *as-is*. Who will not confront. Who can be audited forever without cogniting on anything.



The fulminating or dramatizing pc may or may not be a tough pc. The animal psychologist has made this error. The agitated person is always to blame, never the quiet one. But the quiet one is quite often the much rougher case.

The person whose “thought has no effect on his or her bank” has been remarked on by me for years. And now we have that person. This person is so afraid to find out that he or she will not permit anything to appear and therefore nothing will as-is? therefore, no cognition!

The grind case, the audit forever case, is an afraid to find out case.

We need a new word. We have *withholds*, meaning an unwillingness to disclose past action. We should probably call the opposite of a *withhold*, a “suppressor”. A “*suppressor*” *would be the impulse to forbid revelation in another*. This of course, being an overt, reacts on one’s own case as an impulse to keep oneself from finding out anything from the bank, and of course suppresses as well the release of one’s own withholds, so it is more fundamental than a withhold. A “suppressor” is often considered “social conduct” in so far as one prevents things from being revealed which might embarrass or frighten others.

In all cases a suppressor leads to suppression of memory and environment. It is *suppression* that is mainly overcome when you run havingness on a pc. The pc is willing to let things appear in the room (or to some degree becomes less unwilling to perceive them). The one-command insanity eradicator, “Look around here and find something that is really real to you” (that sometimes made an insane person sane on one command), brought the person to discharge all danger from one item and let it reveal itself. Now, for any case, the finding of the suppressor mechanism again opens wider doors for havingness processes. “Look around here and find something you would permit to appear” would be a basic havingness process using the suppressor mechanism.

Thus we have a new, broad tool, even more important in half the cases than withholds.

Half the cases will run most rapidly on withholds, the other half most rapidly on suppressors. All cases will run somewhat on withholds and somewhat on suppressors, for all cases have both withholds and suppressors.

Withholds have been known about since the year one, suppressors have been wholly missing as a pat mechanism. Thus we are on very new and virgin search ground.

Additionally adding to the data in HCO Bulletin of March 8, 1962, another symptom of a dangerous auditor would be (o) one who Qs and As with a pc and never faces up to the basic question asked but slides off of it as the pc avoids it and also avoids it as an auditor. All dangerous Q and A is that action of the auditor which corresponds to the pc’s avoidance of a hot subject or item. If the pc seeks to avoid by sliding off, the auditor, in his questions, also slides off. Also, the auditor invites the pc to avoid by asking irrelevant questions that lead the pc off a hot subject.

Also add (p) who fails to direct the pc’s attention. The pc wants to cut and run, the auditor lets the pc run.

Also add (q) who lets the pc end processes or sessions on the pc’s own volition.

Also add (r) who will only run processes chosen by the pc.

Also add (s) who gets no somatics during processing.

Also add (t) who is a Black Five.

The common denominator of the dangerous auditor is “action which will forestall the revelation of any data”.



Because the auditor is terrified of finding out anything, the whole concentration of the auditor is occupied with the suppression of anything a process may reveal.

Some auditors suppress only one type of person or case and audit others passably. Husbands as auditors tend more to fear what their wives may reveal to them and wives as auditors tend to suppress more what their husbands may reveal to them. Thus husband-wife teams would be more unlucky than other types of auditing teams as a general rule, but this is not invariable and is now curable if they exclusively run on each other only suppression type processes.

Add Class I

REVELATION PROCESS X2

What wouldn't you want another to present?

What wouldn't another want you to present?

What have you presented?

What has another presented?

Class II – Added Zero Question:

Have you ever suppressed anything?

Class III – Add Lines:

Who or What would suppress an identity? (oppterm it)

Who or What would make knowledge scarce? (oppterm it)

Who or What would not want a past? (oppterm it)

Who or What would be unconfontable? (oppterm it)

Who or What would prevent others (another) from winning? (oppterm it)

Who or What should be disregarded when you're getting something done?
(oppterm it)

Who or What would make another realize he or she hadn't won?
(oppterm it)

(In choosing which one of the above to oppterm first, read each one of all such Class III Lines [including those of HCO Bulletin of March 8] once each to the pc watching the meter for the largest reaction. Then take that one first. Do this each time with remaining Lines. One does the same thing [an assessment of sorts] on Line Plot Items when found to discover the next one to oppterm.)



L. RON HUBBARD

LRH;jw.cden



HUBBARD COMMUNICATIONS OFFICE

Saint Hill Manor, East Grinstead, Sussex

HCO BULLETIN OF 21 MAY 1962

Central Orgs

Franchise

MISSED WITHHOLDS, ASKING ABOUT

Since a pc can give a motivator response to the question, “Have I missed a withhold on you?” and since a pc’s case can be worsened by permitting the pc to get off motivators rather than overts, the following becomes a must in asking for Missed Withholds:

“What have you done that I haven’t found out about?”

Use “*done*”, not “missed a withhold” in all missed w/h questions.

The prior confusion aspect will be found to operate also if this is followed and the missed withhold will blow.

In short use *done* not “missed withhold” in rudiments and middle rudiments questions and stress doingness rather than withholdingness.

L. RON HUBBARD

LRH:jw.cden

Copyright ©1962

by L. Ron Hubbard

ALL RIGHTS RESERVED



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD
SOLAR DE ST. HILL, GRINSTEAD ORIENTAL, SUSSEX,
HCOB 7 SETEMBRO 1978R
Rev. 21 Out. 78

(Este B cancela o B 8 Ago. 70 emissão II, MAIS SOBRE PREP-CHECKS e o BTB 10 Bar 72RA, PREPCHECKS. O procedimento correto para manejar uma quebra de ARC não descoberta durante um prepcheck está aqui incluído).

O PREPCHECK REPETITIVO MODERNO

Desde os anos 60 que entre nós se faz prepcheck de várias formas e isto tem uma longa história que se encontra disponível nas fitas e volumes técnicos do Curso Especial Briefing Saint Hill.

A última forma de fazer um prepcheck, o prepcheck repetitivo, foi usada por muitos com muito bons resultados, durante algum tempo. Trata-se de um processo simples e funcional que pode ser usado largamente.

Uma vez que, até agora, não houve qualquer boletim completo sobre o prepcheck repetitivo moderno, pensei que devia descrevê-lo e clarificá-lo para vós.

Existem 20 botões de prepcheck os quais são usados na seguinte ordem:

SUPRIMIDO
AVALIADO
INVALIDADO
CUIDADOSO
NÃO REVELADO
NOT-ISADO
SUGERIDO
COMETIDO UM ERRO
PROTESTADO
ANSIOSO
DECIDIDO
AFASTADO
ATINGIDO
IGNORADO
DECLARADO



AJUDADO
ALTERADO
REVELADO
AFIRMADO
CONCORDADO

Virtualmente, qualquer assunto ou área carregada pode sofrer um prepcheck. Os botões são usados para extrair a carga do assunto.

Forma-se uma pergunta à volta de cada um dos botões e cada uma dessas perguntas é percorrida até F/N, Cog, VGIs. O botão é precedido do assunto ('ao ir para a escola', 'em audição', etc.) ou de limite de tempo ('desde Agosto último', 'desde a última sessão', etc.) Tanto pode ser usado o assunto como o limite de tempo. O uso completo dos botões do prepcheck fará voar a carga do item.

A única ocasião em que o prepcheck não pode ser feito é em Dianética posto que esta ação baralha os engramas.

A pergunta tem que ser talhada para o botão e assim temos:

'(Assunto ou limite de tempo) alguma coisa foi (botão)?' ou, '(Assunto ou limite de tempo) alguma coisa em que tu (foste) (botão)?' ou, '(Assunto ou limite de tempo) alguma coisa que tu (botão)?'

No caso do botão COMETIDO UM ERRO, o comando seria: '(Assunto ou limite de tempo) foi (botão)?'

O PROCEDIMENTO

0. se este é o primeiro prepcheck do pc e se não foi previamente aclarado, aclaramos completamente com o pc as definições dos botões do prepcheck, aclaramos as respetivas perguntas e levá-lo através do procedimento para que ele compreenda como é que vai ser percorrido.

1. Aclaramos o assunto ou limite de tempo que vamos usar.
2. Informar o pc que vamos verificar no E-Metro a primeira pergunta. 'Em ----- alguma coisa foi suprimida?' (ou uma variação apropriada dependendo do limite de tempo ou assunto).

Se a pergunta não ler instantaneamente, deixamo-la e passamos à próxima. Não percorremos perguntas sem leitura, por isso não faz sentido ficar ali à espera que o pc comece a rebuscar uma resposta quando, antes de mais nada, o E-Metro mostra que não há carga.

Se a pergunta ler, pegamos logo nela e percorremo-la repetitivamente até F/N, Cog, VGIs.

3. Verificamos o próximo botão do prepcheck. 'Em _____ alguma coisa foi avaliada?' 'Se ler levamos a F/N, Cog, VGIs conforme procedimento acima.
4. Manejamos cada um dos botões do prepcheck até atingir o EP do grande ganho.

Nalguns casos podemos ter que fazer o prepcheck em todos os botões antes do EP ser atingido, mas cuidado, reconheçamos o EP e nada de overrun.

Quando o pc fica sem respostas não é necessário voltar a verificar a pergunta. A pergunta já leu, por isso só temos que a percorrer repetitivamente até F/N, Cog, VGIs. Se o pc insistir que não tem mais resposta, pode que um rudimento fora ou outra situação requeira TR4, ou outro manejo surgirá. Procuramos saber o que se passa e manejamos. Não abandonamos simplesmente o botão do prepcheck porque ele agora não lê, mas levamo-lo ao EP!



Quando um prepcheck descobre uma quebra de ARC manejamo-la com ARCU, CDEINR, A/S até F/N. A quebra de ARC assim manejada é o EP para esse botão. Então continuamos para o próximo botão e verificamo-lo.

Os Prepchecks são um método muito eficaz para libertar carga e trazer muito alívio. E são muito simples de fazer especialmente na sua forma mais moderna., por isso é só estudá-lo, exercitá-lo bem e fazê-lo ao nosso pc. Obteremos assim bons resultados.

L. Ron Hubbard

Fundador



Gabinete de comunicações de HUBBARD

St Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB DE 13 de SETEMBRO de 1965R

REVISTO E REEDITADO A 16 de FEVEREIRO de 1981

Remimeo

Dados vitais para Tech Secs (Revisão neste estilo de letra.)

Ds de P

HGC Training Officiais (Parágrafo três sob a secção de VERIFICAÇÃO na página 4 deste HCOB foi revisto para actualizar e expandir no uso de Listas Preparadas no manejo de casos.)

Ds de T

Supervisores de curso

Todos os Estudantes

Tech/Qual

Manter a Cientologia a funcionar Série 26

TECH FORA E COMO A CORRIGIR

O termo “TECH FORA” significa que a Cientologia não está a ser aplicada ou não está a ser correctamente aplicada. Quando a Tech está DENTRO QUEREMOS DIZER QUE A Cientologia está a ser aplicada e está a ser correctamente aplicada. Por TECH queremos dizer *tecnologia*, referindo-nos, é claro, à aplicação das exactas práticas científicas e processos de Cientologia. *Tecnologia* quer dizer os métodos de aplicação de uma arte ou ciência em oposição ao mero conhecimento da ciência ou arte em si mesmo. Uma pessoa poderia saber tudo sobre a teoria dos automóveis, a ciência da sua construção e a arte de os conceber, e mesmo assim não ser capaz de os construir, planear ou conduzir. A *prática* da construção, planeamento ou condução de um automóvel, são totalmente distintos da teoria, ciência e arte dos automóveis.

Um auditor não é apenas um Cientologista. Ele é alguém que pode aplicar a Cientologia. Assim, a tecnologia da Cientologia é a sua real aplicação a nós próprios, a um preclaro e a situações que se apresentam na vida.

Tech implica USO. Existe um abismo entre um mero conhecimento e a aplicação desse conhecimento.

Quando dizemos que a tech está fora poderíamos também dizer: “Embora aquela unidade ou pessoa possa *saber* tudo sobre Cientologia, essa pessoa realmente não a aplica”.

Um auditor perito não só sabe a Cientologia, mas também sabe aplicar a tecnologia a si próprio, a Pcs e à vida.

A audição de muitas pessoas ainda não passou de “saber disso” a “aplicá-lo”. Por isso os vemos às voltas com os Pcs. Quando um auditor *perito* vê um Pc crítico ele sabe: BANG, o Pc tem uma contenção e tira-lha. Isso porque a tech do auditor está *dentro*. Querendo dizer que ele sabe o que fazer com os seus dados.

Outra qualquer pessoa que *sabe* montes de Cientologia, teve cursos e tudo isso, e contudo, ao ver um Pc crítico tenta juntar tudo o que sabe sobre Pcs, anda aos tropeções e conclui então que, como o Pc é verde, trata-se dum erro novo que nunca antes foi visto.

Qual é aqui a diferença? É a diferença entre uma pessoa que sabe, mas não sabe aplicar, e um técnico perito que sabe aplicar o conhecimento.

A maior parte dos jogadores de golfe sabem que têm que estar de olho na bola logo antes, durante e depois de a bater. Esse é o dado básico para tacadas fortes e longas entre buracos. Então, se isto é tão conhecido, porque é que tão poucos jogadores o fazem? Eles atingiram um ponto de *saber* que têm que o fazer.



Ainda não atingiram o ponto de ser capaz de o fazer. Então as suas cabeças ficam tão baralhadas ao ver que as más tacadas não atravessarem o espaço entre os buracos, que compram patas de coelho, tacos novos, ou estudam balística. Em suma, não sendo capaz de o *fazer*, dispersam-se e fazem outra coisa qualquer.

Todos os auditores passam por isto. Todos eles, uma vez treinados, *sabem* o processo correcto. Depois têm que subir um degrau para *fazer* o processo correcto.

A observação joga nisto um papel enorme. O auditor fica tão atrapalhado com o e-metro e utensílios estranhos que não tem tempo ou atenção para ver o que se passa com o Pc. Por isso, durante 15 anos, muitos auditores fizeram libertos *sem nunca o notarem*. Estavam tão envolvidos em saber e tão imperitos em aplicar, que nunca viram a bola ir para um buraco a 200m de distância!

Assim, eles começam a fazer outra coisa qualquer e esquilam. O Pc estava a ficar liberto, mas o auditor, imperito na técnica de todo o seu conhecimento da ciência, nunca viu a audição funcionar, apesar da audição mesmo mal feita *ter* funcionado.

Estão a ver a coisa?

Temos que conhecer os utensílios *muito, muito* bem para vermos para além deles! Um auditor que esquila, que anda às voltas com o Pc, a tactear, e nunca obtém resultados, não tem senão insuficiente familiaridade com uma sessão, o seu fraseado, o seu e-metro e a ideia de ver o Pc *para além* deles.

A prática ultrapassa isto. A nota chave do técnico perito é que ele é um produto da prática. Ele tem que saber o que está a tentar fazer e que elementos está a manejar. *Então* pode produzir um resultado.

Vou dar-vos um exemplo: Eu disse a um auditor para dar uma vista de olhos numa sessão de data conhecida e descobrir o que *falhou* nessa sessão. Alguma coisa *tem* que ter falhado, pois a acção de TA do Pc colapsou nessa sessão e nunca mais deu nada depois disso. Assim o auditor procurou uma “mal-contenção (MWH) sobre o auditor nessa sessão”. A reparação pedida foi uma completa nulidade. Porquê? Este auditor não sabia que poderia ter falhado tudo nessa sessão menos uma contenção do tipo overt escondido. Ele não sabia que poderia ter havido uma contenção inadvertida, que o Pc está a esconder porque o auditor não ouviu ou não lhe acusou a recepção. Este auditor não sabia que um item numa lista podia ser falhado e prender o TA. Mas se ele sabia estas coisas, não as *sabia* suficientemente bem para as *fazer*. Um segundo auditor, mais perito, tomou conta do assunto e bang! O item falhado da lista foi rapidamente detectado. O auditor mais perito perguntou simplesmente: “nessa sessão o que é que foi falhado?” e prontamente o obteve. O auditor anterior tinha recebido uma ordem simples: “descobre o que foi falhado nessa sessão” e transformou-a noutra coisa qualquer; “que contenção escapou nessa sessão?”. A sua *perícia* não incluía aplicar uma ordem simples e directa pois a audição parecia-lhe *muito* complexa por ter muitos problemas para fazê-la.

Podemos treinar alguém em todos os dados e não ter um auditor. Um real auditor tem que ser capaz de *aplicar* os dados ao Pc.

As importâncias jogam um enorme papel no meio disto tudo. Eu tive a trabalhar um técnico de câmara escura recentemente formado. Era patético ver a sua incapacidade para aplicar dados importantes. As virtudes do velho equipamento e os truques para raramente obter efeitos desejáveis, tudo estava na ponta dos dedos. *Mas* ele não sabia que se limpa o revelador das mãos antes de carregar filme novo. Consequentemente arruinou todas as fotos de qualquer dos filmes que carregou. Ele não sabia que se lavavam os químicos das garrafas antes de lhe meter outros químicos diferentes. Contudo ele conseguia citar metros de fórmulas fora de uso há 50 anos! Ele *sabia* de fotografia. Não podia era aplicar o que sabia. Em breve estava a vaguear por todo o lado à procura de novos reveladores e papel e novos métodos. Contudo, o que ele tinha a fazer era só aprender a lavar as mãos e secá-las antes de manipular um novo filme.

Estou também a lembrar-me duma efeméride durante a Segunda guerra mundial em que alguém entrou a bordo com os seus galões dourados novinhos em folha e, com os olhos arregalados, fitou o leme e a bússola. Ele disse que tinha estudado tudo acerca disso, mas que nunca tinha visto nenhum e tinha muitas



vezes pensado se eles seriam realmente usados. Como ele imaginava a forma como os navios rumavam e eram guiados fora da vista de terra é um mistério. Talvez pensasse que tudo isso era feito por telepatia, ou por uma ordem dada pelo Gabinete de Navegação.

Alter-is e resultados pobres não vêm realmente de não saber. Vêm é de não saber aplicar.

Exercício, exercício, exercício. E a repetição continuada dos dados *importantes* manejam esta condição de não poder aplicar. Se exercitarmos auditores no duro e repetirmos suficientemente factos básicos de audição, eles por fim desembaraçam-se e começam a fazer um trabalho de aplicação.

DADOS IMPORTANTES

Os dados verdadeiramente importantes numa sessão de audição, são tão poucos que poderíamos memorizá-los em poucos minutos.

Do ponto de vista do supervisor de caso ou auditor:

1. Se um auditor não está a obter resultados, ou ele ou o Pc, está a fazer algo diverso.
2. Não existe substituto para saber manejar e ler perfeitamente um e-metro.
3. Um auditor tem que ser capaz de ler, compreender e aplicar os HCOBs e instruções.
4. Um auditor tem que ter suficiente familiaridade com o que está a fazer e as mecânicas da mente, a fim de poder observar o que se está a passar com o Pc.
5. Não existe substituto para TRs perfeitos.
6. Um auditor tem que ser capaz de repetir o comando de audição e observar o que está a acontecer, e continuar ou terminar processos de acordo com os respectivos resultados no Pc.
7. Um auditor tem que ser capaz de ver quando libertou o Pc, e terminar rápida e levemente sem choque ou overrun.
8. Um auditor tem que ter observado resultados da sua audição standard e ter confiança nela.

REACÇÃO DE CASO

O auditor e o C/S têm que saber as únicas seis razões porque um caso não avança.

1. O Pc é Supressivo.
2. O Pc é SEMPRE um PT S se faz Montanha Russa e só se encontrar o SP CERTO ele o limpará. Nenhuma outra acção o fará. *Não* existem outras razões para fazer Montanha Russa (perda dos ganhos obtidos em audição).
3. Não devemos *nunca* auditar um Pc com Quebra de ARC um minuto sequer, mas *de imediato* localizar e indicar a carga ultrapassada. Operar de outra maneira lesará o caso do Pc.
4. Um PTP de longa duração impede bons ganhos e manda o Pc para a pista passada.
5. As *únicas* razões porque um Pc está crítico são: uma contenção ou palavra mal-entendida, e NÃO há outras. E tentar localizar uma contenção não é um motivador do Pc, mas algo que o Pc fez.
6. Overts contínuos escondidos são a causa de falta de ganhos de caso. (ver número 1, Supressivo)

A outra razão *única* possível porque o Pc não tem ganhos em processamento standard é o Pc, ou o auditor, não aparecer para a sessão.

Agora, honestamente, não é fácil?



Mas um instruendo que mete os pés pelas mãos com o e-metro e com o que aprendeu num atoleiro de estranhezas, dirá *sempre* que é algo diferente do exposto. Esses puxam motivadores, auditam Pcs com quebras de ARC que nem sequer olham para eles, pensam que a Montanha Russa é causada por comer um cereal errado, e remedeiam isso tudo com alguma maravilhosa acção que colapsa a coisa toda.

ASSESSMENT

Podíamos fazer o assessment ao e-metro o primeiro grupo de 1 a 8 num auditor e o tal reagiria e podíamos repará-lo.

Podíamos fazer o assessment ao e-metro o segundo grupo de 1 a 6 num Pc e de cada vez obter a resposta correcta, o que remediaria o caso.

Temos uma série de PLs de 26 Jun. 65 prontas para Revisão. Isso cobre todo e qualquer erro que possa ser feito num Pc, observando tanto a aplicação do auditor como a reacção do Pc à audição.

Quando vos digo que estas *são* as respostas, é isso mesmo que eu quero dizer. Não uso qualquer outra coisa. E apanho sempre o auditor faltoso ou o Pc atolado.

Para vos dar uma ideia da sua simplicidade, um Pc diz que está “cansado” e por isso tem um somático. Bom, não pode ser isso porque o somático ainda lá está. Então pergunto-lhe por um problema e, depois de dar alguns, o Pc não muda, logo não é um problema. Pergunto ao Pc por uma Quebra de ARC e bang! Encontro uma. Conhecendo os princípios da mente e, como observo Pcs, verifico que está melhor, mas não desapareceu e peço uma anterior e semelhante. Bang! É a tal e vai tudo ao ar. Eu sei que se o Pc diz que é (A) e a coisa não desaparece, tem que ser qualquer outra coisa. Eu sei que é uma de seis coisas. Começo a fazer o assessment a lista. Eu sei-o ao ver a reacção do Pc (ou do e-metro). E manejo em conformidade.

Também é vital saber que é um número limitado de coisas. E é ainda mais vital eu saber, por uma longa experiência como técnico, que posso manejá-lo a fundo e proceder como tal.

Não existe toque de “magia” em audição como o crêem os psiquiatras. Existe apenas um toque de perícia, usando e aplicando dados conhecidos.

Até termos um auditor familiarizado com estes utensílios, casos e resultados, não temos um auditor. Temos é um misto de confusão, de esperança e desespero reinante no meio de dados não estáveis.

Estudo, exercício e familiarização ultrapassam estas coisas. Um perito sabe o que dá resultados e obtém-nos.

Por isso exercitem-nos. Exercitem-nos nos dados acima até os saberem a dormir. E finalmente vem o despontar. Eles observam o Pc que está diante deles, aplicam tech standard. E, é lindo de se ver, *existem* os resultados de Cientologia completa. A tech está DENTRO.

L. Ron Hubbard

Fundador



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB DE 1 Março de 1977

Emissão II

Remimeo

Confessional

Auditores Classe IV

SHSBC

IMPRESSOS de CONFESSIONAIS

Nunca subtraia nada de um Confessional.

O melhor método é escrever uma série predeterminada de perguntas como coisa adicional, que é particularmente para aquela pessoa. Você ajuíza sobre o que foi a sua relação com a vida, e então escreve uma pequena série especial de perguntas.

É sempre possível escrever uma lista adicional. Não faça disso a única forma de Confessional. Dê isso juntamente com um Confessional standard.

Você obtém a ideia do tipo de vida que o seu preclaro tem levado, quais são as suas zonas profissionais e domésticas, e adapta perguntas Confessionais a isso e junta-o aos impressos standard.

Compilado da

Conferência gravada de LRH

“Ensinar Sec-Checks

ao Campo, ”SHSBC

6109C26 SH Spec 58

Aprovado por

L. RON HUBBARD

Fundador

Ajudado por

Ajudante de Treino & Serviços



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB de 7 de MAIO de 1977

Remimeo

SEC CHECK DE LONGA DURAÇÃO

Foi descoberto nalguns casos que não deram imediatamente R/S, embora os crimes e passado parecessem indicar que deveriam dar, que quando os Sec checks continuaram por várias sessões, uma em cada um dos vários dias sucessivos, as R/Ss começaram então a aparecer. Em dois casos, apareceram R/Ss de Lista Um em pessoas que nunca antes tinham sido notadas como tendo R/Ss.

Pode ser então concluído que R/Sdores não necessariamente dão R/S em breves Sec checks casuais.

Parte deste fenómeno, é que a pessoa bastante comumente dá overts muito superficiais como "roubei uma caneta em HASI" ou "pensei que os teus TRs são maus e não te disse" e outras respostas superficiais de PT às perguntas de pesquisa do Sec Check.

Tanto é que sempre que vejo overts superficiais "insípidos" a sair de um caso dia após dia, suspeito que mais cedo ou mais tarde um bom auditor encontrará de repente overts realmente estrondosos e R/Ss ali alapados.

A pessoa de falinhas mansas, sossegada, "inofensiva" também é candidata a esta espécie de revelação.

Particularmente notável é a pessoa que "nunca fez coisa alguma de errado em toda a sua vida, e não tem quaisquer overts de qualquer tipo".

Estes são só casos especiais da mesma coisa e um auditor deve estar alerta para eles.

L. Ron Hubbard

Fundador



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB de 30 de NOVEMBRO de 1978

Cancela BTB 31 Ago. 72RB, Procedimento Confessional

C/Ses
Tech/Qual
HCOs
Checksheets
Confessionais
Cursos

(Este texto não inclui tudo o que existe acerca de confessionais) O assunto é incluído no Curso Superior de Segurança e no Curso de Instrução Especial. No entanto dá o procedimento moderno e todas as etapas básicas para ministrar um confessional. Ocupa-se de como auditar qualquer confissão

PROCEDIMENTO CONFSSIONAL

MATERIAIS DE REFERÊNCIA:

HCOB 5 AGO. 78 LEITURAS INSTANTÂNEAS
HCOB 28 FEV. 71 C/S SÉRIES 24 IMPORTANTE, USANDO O E-METRO EM ITENS COM LEITURA
HCOB 8 FEV. 62 URGENTE, WITHHOLDS FALHADOS
HCOB 12 FEV. 62 COMO LIMPAR WITHHOLDS E WITHHOLDS FALHADOS
HCOB 3 MAIO 62R REV. 5.9.78 QUEBRAS DE ARC, WITHHOLDS FALHADOS
HCOB 11 AGO. 78 I RUDIMENTOS, DEFINIÇÕES & PADRÃO
HCOB 20 SET. 78 REV. 9.10.78 UMA F/N INSTANTÂNEA É UMA LEITURA
HCOB 14 MAR. 71R CORR. & REV. 25.7.73 F/N TUDO
HCOB 3 SET. 78 URGENTE, URGENTE, URGENTE, DEFINIÇÃO DE UMA ROCK SLAM
HCOB 10 AGO. 76R, REV. 5.9.78 R/SES, O QUE SIGNIFICAM
HCOB 17 MAIO 69 TRS E AGULHAS SUJAS
HCOB 6 SET. 78 PERSEGUINDO AGULHAS SUJAS
BTB 8 DEZ. 72RC RE-REV. 4.6.77 LISTA DE REPARAÇÃO DE CONFSSIONAL (LCRC)
HCOB 10 NOV. 78R PROCLAMAÇÃO: PODER DE PERDOAR
HCOB 10 NOV. 78R- AD. 26.11.78 I PROCLAMAÇÃO: PODER DE PERDOAR—ADIÇÃO
HCOB 28 NOV. 78 PENALIDADE PARA OS AUDITORES QUE FALHAM WITHHOLDS
LIVRO: O LIVRO DOS EXERCÍCIOS DE E-METRO.
HCOBS SOBRE SEC CHECKING.
PALESTRAS SOBRE SEC CHECKING E DEMONSTRAÇÕES GRAVADAS DESDE 1961.

“Sec Check”, “Processamento de Integridade” e “Confessionais” são exatamente os mesmos procedimentos e quaisquer materiais sobre estes assuntos são intercambiáveis³¹.

Os Withholds não se limitam a serem withholds. Acabam em overts, acabam em segredos, acabam em individualização, acabam em condições de jogo, acabam por ser muito mais do que simples O/W.

Estão aqui a reparar alguém no assunto de códigos morais, nos "Supõe-se que eu faça...". Transgrediram uma série de "Supõe-se que eu faça...". E tendo cometido essas transgressões agora individualizam-se. Se a sua individualização se tornar muito obsessiva, saltam lá para dentro e transformam-se no terminal. Todos

³¹ HCOB 24 Jan. 1977 CORREÇÃO DA TÉCNICA

estes ciclos existem à volta da ideia da transgressão de "Supõe-se que eu faça...". É isso que um confessional limpa e é só isso que faz. É muito mais do que limpar um withhold³².

PROCEDIMENTO

Um Confessional tem de ser feito por alguém que seja um auditor bem treinado, perito nos TRs, na audição básica e no manejo do E-Metro, que consiga fazer com que uma lista preparada leia, e que tenha sido examinado nestas técnicas e as tenha treinado completamente.

Toda a pergunta com recção num Confessional é levada até F/N. A pergunta original tem de ser levada a F/N, e não outra pergunta qualquer.

O procedimento básico para um Confessional é o seguinte:

33. Prepare a sala, com o auditor sentado mais perto da porta do que o pc, de modo a que possa suavemente voltar a colocar o pc na cadeira se este tentar fugir da sessão. Assegure-se que tem todo o material necessário à mão de acordo com o Boletim de 4 Dez. 77, LISTA DE VERIFICAÇÃO PARA A PREPARAÇÃO DE SESSÕES E DO E-METRO

34. Assegure-se de que a pessoa está bem alimentada e descansada, de que as mãos não estão nem demasiado secas nem húmidas, que as latas são do tamanho correto e que a pessoa sabe como as segurar. Inclua todos os passos dados no Boletim 4 Dez 77 citado.

35. Inicie o Confessional. É usada a Sessão Modelo e os Rudimentos³³. Se o TA estiver alto ou baixo, faça uma C/S Séries 53RL, fazendo o seu assessment e resolução. Se não estiver treinado para a fazer, termine a sessão e peça instruções ao C/S.

36. Tanto quanto necessário, dê um Fator-R³⁴ sobre a ação do Confessional. Explique sucintamente o E-Metro e o procedimento à pessoa, se isto não for ainda do conhecimento dela.

Só se diz “Não te estou a auditar” quando o Confessional é feito como uma ação de justiça³⁵. Quanto ao resto o procedimento é o mesmo.

Um Confessional feito como uma ação de justiça, não é audição e os dados descobertos não são ocultados das autoridades competentes. Qualquer outro Confessional é audição e é mantido confidencial.

Levando até F/N cada pergunta com recção, com o uso do Examinador e da Revisão, um Confessional dá muitos ganhos de caso. Permite à pessoa sentir-se de novo como parte do grupo.

37. Clarifique o procedimento e os botões “Suprimido”, “Falso”, etc. Se necessário, percorra, como exemplo, uma pergunta não significativa a fim de demonstrar o processo (por exemplo, “Já alguma vez comeste uma maçã?”).

38. Apanhe a primeira pergunta e clarifique as palavras do fim para o princípio. Clarifique depois o comando todo, tomando nota de qualquer recção instantânea que ocorra no comando enquanto o clarifica, visto tratar-se de uma leitura válida³⁶.

Assegure-se de que o pc compreende totalmente a pergunta e o que ela abrange.

³² HCOB 1 Março 77, Emissão III, FORMULANDO PERGUNTAS DE CONFESSIONAIS.

³³ Ref.: B 11 Ago. 78 II, SESSÃO MODELO

³⁴ Fator de Realidade. Explicar ao PC o que se vai passar a seguir.

³⁵ "Justiça" quer dizer quando uma pessoa se recusa a prestar declarações num Comité de Evidência, num Conselho de Investigação, etc., ou como parte de uma investigação específica do HCO quando a pessoa está a encobrir dados ou provas do pessoal do HCO.

³⁶ Veja o B 9 Ago. 78 II, CLARIFICANDO COMANDOS, o B 28 Fev. 71, C/S Séries 24, IMPORTANTE, TRATANDO DE ITENS COM LEITURA, e o B 5 Ago. 78, LEITURAS INSTANTÂNEAS.



39. Com um bom TR 1, dê à pessoa a primeira pergunta, mantendo um olho no E-Metro e anotando qualquer leitura instantânea, i.e., SF, F., LFB³⁷. Um tique é sempre anotado e, por vezes, transforma-se numa grande leitura³⁸. Mas não assuma que tem uma leitura por ter tido um tique.

Introduza Suprimido, e o tique ou vai ler ou vai desaparecer. Num Confessional, mesmo a mais pequena mudança de característica da agulha, desde que seja instantânea, é verificada antes de continuar em frente. Mas tome nota: NUM SEC CHECK NÃO ASSUMA QUE UM RISE É UMA MUDANÇA DE CARACTERÍSTICA.

40.

- a) Apanhe toda a pergunta com leitura, obtendo o "QUÊ?", o "QUANDO?", o "ONDE?" e o "É TUDO?" de cada overt. Obtenha respostas específicas e não gerais ou vagas. Não deixe o Pc andar às voltas sem responder à pergunta feita.
- b) Se a pergunta ler e o Pc não conseguir encontrar a resposta, guie o Pc com “a?” ou “isso” quando vir a mesma exata leitura e sempre que a leitura instantânea ocorrer de novo, para ajudar o Pc a encontrá-la.
- c) Se necessário, varie a pergunta original. Só variamos uma pergunta de séc. Check quando, repetindo-a, criamos um impasse. (Em tal situação, varie a pergunta de séc. Check, encontre o overt ou WH (contenção) e flutue a pergunta que o encontrou). Feito isto, reverificamos a pergunta original e maneamos segundo o N° 20 abaixo).

41. Depois de obter do Pc todos os overts específicos, pergunte:

“É tudo, sobre isso?” ou

“Essa resposta continha tudo?” ou

“Nessa resposta está tudo o que há?”

Esta pergunta não é medida³⁹, não verificamos esta pergunta no e-metro, mas ela é simplesmente feita. (Ref.: Fita 6202C13, PREP. CLEARING)

42. Retire as justificações perguntando:

“Justificaste esse overt?”

“Porque é que não foi um overt?”

Estas perguntas não são medidas. Obtenha respostas às perguntas e peça mais justificações até as obter a todas. Muitas vezes elas sairão em torrentes para grande alívio do Pc.

43. Descubra quem o falhou de descobrir ou quase o descobriu e o que essa pessoa fez para deixar o pc na dúvida se ela saberia ou não. Obtenha os pormenores e não respostas gerais ou vagas.

- a) “Quem o deixou escapar?” ou “Quem quase descobriu? Então,
- b) “O que é que a pessoa fez que te fez desconfiar se ela saberia?
- c) “Quem mais o deixou escapar?”

³⁷ Ref: B 5 Ago. 78, LEITURAS INSTANTÂNEAS.

³⁸ Ref: B 28 Fev. 71, C/S Series 24, IMPORTANTE, TRATANDO DE ITENS COM LEITURA.

³⁹ Medida: Verificada no E-Metro



- d) Obtenha um após outro que o tivesse deixado escapar, repetindo cada vez (b) acima.

Se não tiver F/N, leve o overt E/S⁴⁰ até F/N. E assegure-se de que a pergunta original que teve leitura é levada até F/N antes de abandonar o assunto.

44. Quando se tratar de uma investigação de segurança, obtenha todos os nomes, datas, moradas e números de telefone exatos, e quaisquer outras informações que possam auxiliar a investigação posterior do caso, se tal for necessário.
45. Se o pc lhe der três ou quarto overts de uma vez como resposta à pergunta com leitura, tome nota deles e assegure-se de levar cada overt ou withhold em separado até uma F/N, ou E/S até F/N.
46. A algumas pessoas terá de fazer a pergunta exata. Se a pergunta estiver mesmo que ligeiramente ao lado, elas vão ter F/N. Uma baixa responsabilidade dos pcs provoca isto.
47. Se a pessoa der um overt de outra, pergunte se ela já alguma vez fez algo assim. Procura-se aquilo que a pessoa, ela própria, fez.
48. NÃO APANHE PERGUNTAS SEM LEITURA.

- h) Se uma pergunta não ler e não der F/N pode introduzir os botões Suprimido e Invalidado, perguntando:

“Na pergunta _____ houve algo suprimido?”

“Na pergunta _____ houve algo invalidado?”

Outros botões podem também ser verificados (Cuidadoso, Escapado, por revelar Not-Isado, Ansioso, Protestado) para fazer uma pergunta confessional ler.

Mas não exija resposta a isto nem olhe para o pc inquisitoriamente. Se não obtiver leitura diga-lho e continue.

- b) Se suprimido ou invalidado lerem, isso significa que a recção se transferiu exatamente da pergunta do Confessional para o botão⁴¹. Introduza o botão (ouça simplesmente o que o pc tiver a dizer e acuse a receção) e depois apanhe a pergunta. Limpe a questão totalmente como no N.º 8 acima. Depois avance para a pergunta seguinte.
- c) Se a pergunta ler e o pc estiver a tentar responder, mas andar às apalpadelas, estiver espantado ou confuso e não encontrar nenhuma resposta, verifique Falso perguntando:

“Foi uma leitura falsa?”. Se for o caso isto vai ler e, quando indicar que era uma leitura falsa, vai ter uma F/N. Se não houver F/N, E/S até F/N. Verifique também Protestado, Invalidado e Suprimido, para limpar uma leitura falsa.

49. PERSIGA TODA A AGULHA SUJA⁴² ATÉ AO FIM. Uma agulha suja ou vai ficar limpa ou se vai transformar numa R/S⁴³. Para se descobrir e fazer surgir uma R/S esta é a sua principal ferramenta. Não passe por cima dela. A área que está a produzir uma agulha suja, quando inquirida para se obterem todas as informações, ou vai ficar limpa ou se vai transformar numa R/S. Essa área é considerada limpa quando conseguir atravessá-la e já não produzir uma agulha suja. Se a agulha suja ainda persistir então ainda há mais qualquer coisa sobre o próprio withhold ou sobre outra coisa que o pc não está a dizer sobre o withhold ou sobre o que ele sente sobre isso. Mas

⁴⁰ “Earlier Similar”: Anterior Semelhante.

⁴¹ Ref: HCOB 1 Ago. 68, As Leis do LISTING & NULLING.

⁴² AGULHA SUJA (DIRTY NEEDLE): A seguinte é a única definição válida de agulha suja: uma agitação errática da agulha que é irregular, aos saltos, com tiques, que não varre e tende a ser persistente. Não é limitada no seu tamanho.

⁴³ R/S: Rock Slam.



empurrado e com bons TRs da parte do auditor, esta agulha suja vai transformar-se numa R/S ou vai ficar totalmente limpa⁴⁴.

O auditor TEM DE saber MUITO BEM a diferença entre uma R/S e uma agulha suja. A diferença está na qualidade da leitura, NÃO no tamanho⁴⁵.

50. Um Confessional não é um procedimento mecânico. O seu trabalho é obter as informações e ajudar o pc.

Por vezes vão-lhe ser lançadas armadilhas ou pode enfrentar tentativas de ser levado na direção errada. Isto é uma indicação segura de que o sujeito está a ocultar algo e que esse withhold está em restimulação. Tem de ignorar as tentativas de desorientação voluntárias do pc visto que este está obviamente a tentar desorientá-lo e, simplesmente, leve a leitura a Anterior/ Semelhante ou o W/H até F/N. Tem de usar as ferramentas tal como dadas nos HCOBs, nas palestras sobre Sec Checking e nas palestras de demonstração posteriores a 1961.

51. LEVE A PERGUNTA QUE ORIGINALMENTE LEU ATÉ F/N. Não o faça a outra pergunta qualquer.

Tudo isto é abrangido pelo assunto de completar ciclos de ação e obter a resposta à pergunta de audição antes de se fazer outra

Quando pedir um anterior semelhante, repita sempre a pergunta do Confessional como parte do comando a fim de manter a pessoa restrita à pergunta.

Exemplo: “Existe uma ocasião anterior e semelhante em que comeste uma maçã?”

- 52.

a) Em cada pergunta assegure-se de obter todos os overts. Depois de ter levado uma cadeia específica de overts, anterior semelhante até F/N, volte a verificar a pergunta inicial procurando qualquer leitura. Se tiver F/N, muito bem, está limpa.

Se tiver leitura então tem um outro overt ou cadeia de overts para limpar até F/N nessa pergunta. Use os botões de Falso e protesto quando necessário.

Exemplo:

Pergunta A: “Cometestes alguns overts contra maçãs?” O e-metro lê.

O auditor obtém um overt, leva-o E/S até F/N. O auditor então volta a verificar a Pergunta A. O e-metro lê. O pc encontra outro overt contra maçãs. O auditor leva-o E/S até F/N.

Limpe tudo, obtendo tudo até a pergunta inicial ter F/N⁴⁶.

NÃO reverifique uma pergunta com F/N persistente. Termine e reverifique-a mais tarde.

- i) Se tiver que variar a pergunta para destapar um overt, reverifique a pergunta original e maneje até F/N.
- j) Se não conseguir flutuar a pergunta do Confessional, então há algo nela. Uma lista Confessional tem toda ela que flutuar. Se não, não está limpa. Numa pergunta que não está a ler, mas que não dá F/N, é preciso descobrir porquê e manejar e assim flutuá-la na reverificação.

⁴⁴ Ref: HCOB 6 Set. 78, Perseguindo Agulhas Sujas e HCOB 17 Maio 69, TRs e Agulhas Sujas.

⁴⁵ Ref: HCOB 3 Set. 78, URGENTE, URGENTE, URGENTE, Definição de uma ROCK SLAM.

⁴⁶ Ref: HCOB 14 Mar. 71R Corr & Rev. 25 Jul. 73, F/N Tudo, HCOB 19 Out. 61, As Perguntas de Segurança Têm de ser Nulled HCOB 10 Maio 62, Prepchecking e Sec Checking.



- k) Podemos introduzir nos ruds os botões Suprimir, Invalidar, Avaliar, Protestar, Desnecessário, Afirmar, Cuidadoso, Por Revelar, Not-isar, e Falso (“Alguém de disse que tinhas um _____ quando não tinhas?”) Qualquer deles pode impedir a F/N.
 - l) Mas se depois de introduzidos estes botões não há F/N na pergunta, há nela um WH. Todos os utensílios do Confessional estão à disposição para encontrar o WH.
 - m) Podemos repetir a pergunta de várias maneiras e assim obter leitura.
 - n) Se foi encontrada uma agulha parada que não reage, aplique o HCOB 11 Abr. 82, SEC CHECK de IMPLANTES, e HCOB 13 Abr. 82, AGULHA PARADA E CONFESSIO-NAIS.
53. Se a pessoa começa com críticas, compreenda que falhou um withhold e obtenha-o. É muito sério falhar withholds e arruinar um pc quando faz um Confessional. Mantenha-se assim alerta a qualquer das 15 manifestações de withholds falhados e resolve-os completamente se alguma delas surgir⁴⁷.
É prudente, particularmente quando se está a fazer um Confessional de alguma extensão, verificar periodicamente a pergunta: “Nesta sessão houve um withhold que falhei?” ou “Falhei de descobrir um withhold em ti?”.
54. Quando se está a fazer um Confessional, ao primeiro sinal de qualquer problema verifique se houve withholds falhados, leituras falsas e quebras de ARC, por esta ordem, e resolva totalmente o que obtiver.
Na maioria dos casos estes botões resolverão a dificuldade.
Se assim não for, resolve com uma LCRC⁴⁸. No entanto, usar primeiro estes botões antes de recorrer à LCRC, evitará a possibilidade de se meter em situações de “reparações a mais”.
55. Se o pc mergulha imediatamente com frequência na pista total nas perguntas do Confessional, use o prefixo: “Nesta vida...”, com um bom Fator-R. Isto não deve ser usado para o impedir de ir à Pista Total num comando anterior semelhante a fim de obter a F/N para a pergunta.
56. TEM SEMPRE QUE SE REGISTAR UMA ROCK SLAM NO RELATÓRIO DE AUDIÇÃO, ASSINALÁ-LA NO INTERIOR DA CAPA ESQUERDA DA PASTA DO PC COM A DATA DA SESSÃO E N° DA PÁGINA E FAZER UM RELATÓRIO PARA A ÉTICA INCLUINDO AS PALAVRAS EXATAS DA PERGUNTA OU ASSUNTO QUE TEVE A ROCK SLAM⁴⁹.
Visto que a R/S é talvez a leitura mais importante e perigosa do e-metro, é importante que seja cuidadosamente anotada quando se faz um Confessional.
É um assunto muito sério pôr a etiqueta de R/Sor⁵⁰ a um pc. Porém, é uma catástrofe um auditor deixar passar um verdadeiro R/Sor, tanto para o pc como para os que rodeiam essa pessoa⁵¹.
As R/Ss válidas nem sempre são leituras instantâneas. Uma R/S pode reagir de forma prévia ou latente⁵².
57. Se quiser impedir um pc de mexer com as latas faça-o pôr as mãos sobre a mesa mantendo-as aí.

⁴⁷ Ref: HCOB 8 Fev. 62, URGENTE, Withholds Falhados, HCOB 12 Fev. 62, Como Limpar Withholds e Withholds Falhados, HCOB 3 Maio 62R Rev. 5 Set. 78, Quebras de ARC, Withholds Falhados, HCOB 11 Ago. 78 Emissão I, Rudimentos, Definições e Padrão.

⁴⁸ BTB 8 Dez. 72RC, Lista de Reparação de Confessional

⁴⁹ HCOB 10 Ago. 76R, Rev. 5 Set. 78, R/Ses, O que Significam.

⁵⁰ Rock Slamador,

⁵¹ Ref: HCOB 24 Jan. 77, Correção Geral da Técnica.

⁵² HCOB 3 Set. 78, URGENTE, URGENTE, URGENTE, Definição de uma ROCK SLAM.

58. O HCO ou outros executivos podem solicitar que seja feito um Confessional, mas nem a Divisão Técnica nem o Qual são obrigados a fazê-lo visto que um FES⁵³ poderia revelar que o problema vinha de “listas fora” ou de outros assuntos que precisavam de correção. Têm, contudo, de ter conhecimento de um tal pedido e fazer todos os possíveis para resolver a pessoa.
59. Se uma pergunta com leitura não consegue ter F/N e emperra ou se o TA sobe muito, faça o assessment de uma LCRC⁵⁴ e resolva-a de acordo com as instruções.
60. Termine qualquer sessão de Confessional e o próprio Confessional com os rudimentos que permitam apanhar qualquer coisa que possa ter falhado: Meia Verdade, Não Verdade, Withhold Falhado, Disseste Tudo, etc. Use o prefixo “Nesta sessão...” ou “Neste Confessional...”. Leve qualquer rudimento com leitura E/S se necessário até F/N.
61. Quando o Confessional estiver totalmente concluído, o auditor que o administrou informa a pessoa de que os overts e withholds que acabou de confessar lhe são perdoados, usando a seguinte declaração:
- “Pelo poder em mim investido, os Cientologistas perdoam-te todos os overts e withholds que completa e verdadeiramente me acabaste de contar.”
- A resposta normal do pc é um alívio instantâneo e VGIs. Se houver qualquer recção adversa à Proclamação de Perdão, obtenha o resto do withhold ou corrija a sessão do Confessional imediatamente⁵⁵.
- Esta proclamação não é feita num confessional do HCO.
62. Todas as folhas de trabalho são enviadas para os Serviços Técnicos de modo a poderem ser introduzidas na pasta do pc⁵⁶ independentemente de sobre quem ou sobre o que o Confessional é feito.
63. EXAMINADOR. Todos os Confessionais têm imediatamente de ser seguidos de um exame standard de pc. A pasta é então enviada ao C/S.
- O C/S procura qualquer F/N desgarrada do contexto noutro qualquer assunto. É a primeira coisa que ele inspeciona.
- Se a pessoa se vai abaixo depois de uma sessão de Confessional é-lhe feita uma LCRC. Contudo, é também feito um FES a fim de encontrar perguntas que tiveram uma F/N noutra coisa qualquer. As regras standards do C/S aplicam-se aos Confessionais.
64. Quando houver um mau Relatório de Exame (nenhuma F/N, BIs ou declaração não ótima) depois de um Confessional, ou em qualquer pessoa que adoeça, que esteja perturbada, que não ande bem ou que tenha um TA alto ou baixo, a ação imediatamente a seguir é uma LCRC.
- A regra de 24 horas da etiqueta vermelha tem de ser imposta estritamente.

RESTIMULAR WHS

Os withholds reestimulam-se. Elas na verdade não estão à vista e têm que fazer Key-in.

⁵³ Folder Error Summary – Sumário de Erros da Pasta

⁵⁴ Lista de Reparação de Confessional, BTB 8 Dez. 72RC

⁵⁵ Ref: HCOB 10 Nov. 78 R. Proclamação: Poder de Perdoar
HCOB 10 Nov. 78R-1, Adição de 26 Nov. 78, Proclamação: Poder de Perdoar— Adição.

⁵⁶ Ref: HCOB 28 Out. 76, C/S Séries 98, Pastas de Audição, Omissões.



A arte de fazer Sec Check é restimular o material a ser apanhado e depois apanhá-lo. É uma audição feita com vigor, guiando a atenção do Pc, restimulando o assunto para descobrir se há algo que possa ser apanhado e depois ir em frente e apanhá-lo.

Num Confessional estamos a insistir na pergunta ao extremo. Estamos a garantir que o Pc compreenda a pergunta e saiba que a pergunta se aplica à sua vida.

Um bom auditor obtém alguma coisa e audita o Pc que está na sua frente. Como auditor não está ali para “passar através do Confessional”. Está ali para o Pc o atravessar e restimular quaisquer WHs existentes nesse assunto.

DIRIGIR A ATENÇÃO DO PC

A atenção do PC tem que ser controlada muito estritamente.

A atenção do Pc tem que ser dirigida para olhar para onde queremos que ele olhe.

Deve ser-lhe permitido sair da pergunta ou fazer “itsa” continuamente sobre algo não pertinente à pergunta feita.

Se o Pc for incapaz de encontrar a resposta à pergunta, ajude-o então a guiar a sua atenção com a agulha.

Isto é muito simples. À medida que o Pc pensa, veremos a mesma reação na agulha que o e-metro deu quando a pergunta foi feita pela primeira vez.

Diga suavemente “Isso” ou “Aí” “Para o que é que estás a olhar?”. O Pc pode então dizer para o que está a olhar nesse momento.

Se o Pc não conseguir o resto de um overt, devemos mandá-lo olhar, e a nossa comunicação para o Pc deve ser na linha de dirigir a sua atenção para que ele possa descobrir mais.

Em ambos estes casos estamos a DIRIGIR a atenção do Pc para descobrir.

Exemplo: O auditor faz a pergunta Confessional.

O Pc responde: “Não sei”.

Uma resposta errada do Auditor seria: “Fala-me disso”

Uma resposta correta seria: “Bom, vamos dar uma olhada nisso. Vamos investigar um pouco mais. Deve haver algures alguns pedaços à mostra”.

Não nos devemos esquecer que um Pc que está em sessão está sempre disposto a revelar, só que não sabe o que revelar.

ATTITUDE DO AUDITOR E TRs

Se o pc não estiver em sessão, não vai conseguir extrair os withholds. Os TRs têm um grande papel na vontade do pc em falar com o auditor. Uma atitude errada ou de desafio da parte do auditor pode estragar o cenário visto existir um ciclo de comunicação destruído. Se os TRs forem irregulares ou cortantes o pc vai sentir-se acusado.

Um TR2 fraco ou com demora de comunicação, longe da vista do C/S, pode também arruinar uma pessoa num Confessional. Invalida as suas respostas e fá-lo sentir como se não o tivesse atirado cá para fora. Se houver suspeitas disto, pode ser verificado com uma entrevista do D de P ou enviando a pessoa ao Examinador com a pergunta: “O que é que o Auditor fez?”⁵⁷

Assim, os TRs têm de ser refinados e o auditor, embora mantendo uma boa presença ética, assume o papel do confessor quando lida com as respostas do pc e dá-lhe segurança para que este diga os seus overts e

⁵⁷ Veja também o HCOB 16 Ago. 71R Em. II, Rev. 5 Jul. 78, Exercícios de Treino Re-Modernizados.



withholds. Do mesmo modo, um auditor que esteja seguro da sua técnica e que não falhe withholds reforçará a confiança que o pc tem nele.

Qualquer pessoa que faça um Confessional deve estar totalmente treinada e estagiada através de um curso e estágio sobre o tratamento dos Confessionais.

É melhor que se decida a ser um perito nisto visto que a incapacidade do auditor para o manejar é o caminho mais rápido para “como fazer inimigos e influenciar contrariamente as pessoas”⁵⁸.⁵⁹

Mas, ainda mais importante é o facto de que, sabendo e aplicando corretamente a técnica dos Confessionais, estará a ajudar o indivíduo a enfrentar as suas responsabilidades nos seus grupos e na sociedade, e a voltar a estar em comunicação com o seu semelhante, com a família e com o mundo.

L. RON HUBBARD
Fundador

LRH:jk/clb
Copyright © 1978
por L. Ron Hubbard
RESERVADOS TODOS OS DIREITOS

⁵⁸ Trocadilho sobre o título do livro de Dale Carnegie “Como Fazer Amigos e Influenciar as Pessoas”.

⁵⁹ HCOB 24 Jan. 77, Correção Geral da Técnica.



Remimeo
Auditores e C/Ses
Oficiais de Cramming
Todos os Ver. Seg.
Checksheet HSSC
Checksheet RD
Propósito Falso

GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Saint Hill Manor, East Grinstead, Sussex
BOLETIM HCO DE 8 DE JUNHO DE 1984

Propósito Falso série 4

LIMPANDO JUSTIFICAÇÕES

(Modifica: HCOB 30 de novembro de 78, PROCEDIMENTO CONFESSIONAL)

Referências:

HCOB de 21 de Janeiro de 60 JUSTIFICAÇÃO
HCOB de 7 de julho de 64 JUSTIFICAÇÃO
HCOB 8 de julho de 64 MAIS JUSTIFICAÇÕES
Fita: 6406C09 "O ciclo de ação, A Sua interpretação no E-Metro"
Fita: 6406C16 "Comunicação, Overts e Responsabilidade"

Uma das ferramentas do auditor bem-sucedido é a técnica de extrair justificações do pc quando puxa overts e withholds. Quando esta tecnologia caiu fora de uso, a audição tornou-se menos eficaz. Portanto, na audição do RD de Propósitos Falsos é obrigatório que em cada overt puxado, sejam clarificadas as justificações do pc para esse overt.

Além disso, uma etapa é adicionada ao procedimento de verificação de segurança de extrair as justificações do pc para cada overt que é encontrado.

TEORIA

Quando o pc justifica, ele está num não confronto de sua própria causalidade. Justificando, ele está diminuindo a severidade do overt e enquanto ele tiver um overt justificado, não assumiu a responsabilidade por ele e ele ainda está carregado. Assim, retirar as justificações do pc é inestimável para elevar o seu nível de causa e responsabilidade.

PROCEDIMENTO

As justificações são pedidas após a data, lugar, forma e evento do overt terem sido obtidos e antes de pedir "quem o falhou " e E/S.

As justificações do pc podem ser obtidas perguntando, "Justificou esse overt?" ou "Porque é que isso não era um overt?" recebendo as respostas e pedindo mais quaisquer justificações até tudo ter saído. Muitas vezes elas virão numa torrente, para grande alívio do pc.

Exemplo: O auditor está percorrendo a pergunta de Confessional "Alguma vez roubou uma maçã?" Depois de obter a resposta do pc e dar o quê, quando e assim por diante do overt, o auditor solicita:

Auditor: "Justificou esse overt?"

PC: "Sim, eu decidi que estava bem roubar maçãs, porque estava com fome."

Auditor: "Obrigado. De que outra forma você justificou isso?"

PC: "Bem, a loja tinha tantas maçãs em estoque que eu sabia que não iria prejudicar a perda de algumas... e afinal de contas, eles já me cobraram a mais antes, então eles realmente como que me deviam a mim, e eu sempre compro nessa loja assim que eles ainda estão fazendo muito dinheiro comigo."

Auditor: "Tudo bem. De que outra forma você justificou isso?"

PC: "É tudo. Rapaz, eu realmente tinha isso carregado de razões para estar tudo certo!"



Auditor: "Muito obrigado. Quem o falhou?" (Auditor continua com a etapa "falhou" e, em seguida, se não houver nenhum EP, vai a E/S sobre a pergunta da Ver. De Seg.)

GRAU IV

Este HCOB em nada altera ou substitui o processo de "Overt-justificação" que é auditado como parte do grau IV expandido.

Ls

Os procedimentos Ls são auditados exatamente pelos materiais classe X, XI e XII e não são adicionados ou modificados de qualquer forma por este HCOB.

Isso é um pedaço bastante forte de tecnologia. A sua aplicação pode fazer toda a diferença na limpeza de um overt.

L. RON HUBBARD
Fundador



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB DE 16 DE JUNHO DE 1984

EMIÇÃO II

A ROTINA DE ASSASSINATO

Há alguns anos atrás desenvolvi uma técnica que provou ser muito útil em Sec checks chamada “Rotina de Assassinato”. Esse nome apareceu quando um Auditor, sentindo grande dificuldade com um Pc que insistia nunca ter feito nada de mal em toda a sua vida, foi aconselhado a indagar se aquele Pc tinha assassinado alguém, roubado um banco e outras perguntas de Sec Check bastante exageradas.

Ao ouvir tais perguntas, o overt sobre o qual o indivíduo estava “sentado” tornou-se, por comparação, muito mais fácil de confrontar e foi posto a descoberto. Este recurso ficou conhecido como “Rotina de Assassinato”. Também é conhecido como, “exagero do overt” ou técnica do “pior-do-que”

Quando tem uma pergunta de confessional com reação válida, mas o Pc, por uma ou por outra razão não apresenta um overt específico, você pode ter êxito aplicando-lhe alguma espécie de magnitude incomparável. Dá-lhe simplesmente uma horrível comparação diante da qual o verdadeiro overt parece bem menor e é posto a descoberto.

Por exemplo, o indivíduo está a registrar uma queda no e-metro referente a “overts contra gatos”, mas ele diz “bem, eu... não há realmente nada ali que eu possa ver e....”.

O Auditor, após ter tentado sem êxito obter o overt específico com bom TR4, pode agora iniciar a “Rotina de Assassinato”.

“Bem, será que tu atropelaste deliberadamente gatos com o carro?” “Estrangulaste gatos por simples prazer?” “Cortaste as orelhas dum gato com a tesoura de jardinagem?”

O indivíduo responde: “oh, não, nada, nada disso. Dei um pontapé no gato da vizinha, só isso...” e você está a caminho. “Muito bem, obrigado”. “Agora, quando foi isso?”, etc.

Sangue a escorrer por toda a parte no quadro que você está a pintar e o indivíduo rende-se. Pela magnitude incomparável, a coisa que ele fez começa a parecer bem mais confortável.

Se essa tech não faz já parte do seu repertório como auditor, exercite-a e utilize-a bem

L Ron Hubbard

Fundador



HUBBARD COMMUNICATIONS OFFICE
Saint Hill Manor, East Grinstead, Sussex

HCO BULLETIN OF 8 MARCH 1982R
REVISED 24 APRIL 1983

FSO and AOs:
Case Supervisors
Auditors
Tech/Qual
MAAs

**CONFESSIONALS AND THE
NON-INTERFERENCE ZONE**

Refs:

HCOB	23 Dec. 71	Solo C/S Series 10 C/S Series 73 THE NO-INTERFERENCE AREA
HCOB	7 Sept. 64 II	PTPs, OVERTS AND ARC BREAKS
HCOB	13 Sept. 65R	OUT-TECH AND HOW TO GET IT IN
HCOB	29 Sept. 65 II	THE CONTINUING OVERT ACT
HCOB	3 May 62R	ARC BREAKS, MISSED WITHHOLDS
HCO PL	23 Feb. 70	QUALITY OF SERVICE
HCOB	13 Oct. 82	C/S Series 116 ETHICS AND THE C/S
HCOB	28 Sept. 82	C/S Series 115 MIXING RUNDOWNS AND REPAIRS

It has long been known that people do not make gains when audited over undisclosed overts and withholds and that a withhold missed in auditing can cause quite an adverse reaction.

Because it has not previously been specified whether Confessionals could be done during the Non-Interference Zone, it tended to leave the matter open to interpretation, and a common interpretation has been that one must not do any kind of Confessional or O/W pulling during the Non-Interference Zone.

But what about a case who is out-ethics and not making progress due to continuous overts and withholds or, even worse, undisclosed overts or crimes against Scientology? Such a case won't make any progress until these are gotten off.



A person who is NCG, nattery, critical or otherwise exhibiting O/Ws or out-ethics must be handled so that he *can* make case gains. And must not be continued in auditing until this is done.

This applies to pre-OTs as well as pcs and specifically also applies to pre-OTs on OT III; on New OT IV, OT Drug Rundown; on New OT V, Audited NOTs; on New OT VII, Solo NOTs—the same as it applies to any other grade or OT section.

It is a CRIME to let a pre-OT get onto an OT section in that condition in the first place. And it is *also* a CRIME to continue the error and not remedy the matter right away.

CAUTION

A pre-OT who is running well and making case gain should not be interrupted.

And, where a person in the Non-Interference Zone does need O/Ws pulled, the auditor must first obtain a C/S okay.

SUMMARY

By following these lines, you will save some pre-OTs who otherwise would not make it at all!

L. RON HUBBARD

Founder



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB DE 23 DE OUTUBRO DE 1983

Remimeo
Todos os Ver. De Seg.
Todos os Aud. Nível II
e acima
Folhas de Controle de
Confessionais
Tech/Qual
HCO

VERIFICAÇÃO DE SEGURANÇA: NOTA

Um auditor fazendo uma verificação de segurança pode encontrar-se com um fenómeno que acontece assim: O pc diz ao auditor: “Estou na posse de um monte de dados secretos e, portanto, não posso soltar as minhas ocultações.” O auditor aceita isso e o caso fracassa. Na verdade, isto é, em larga medida, uma mentira usada para encobrir verdadeiros overts contra o grupo ou os seus VIPs.

Quando olham para a definição de um verdadeiro overt como sendo algo contrário aos costumes do grupo⁶⁰, compreendem que o withhold que se procura é o de ter cometido um verdadeiro overt sobre o grupo, por omissão ou comissão. Na melhor das hipóteses vêm que a desculpa do pc não limpa nada.

Se o auditor pedisse “overts contrários às normas do grupo e withholds de os ter cometido, ou omissão de ações que, por omissão, prejudicaram o grupo ou as suas pessoas”, daria a volta a essa desculpa.

O pessoal do GO e muitos outros limpam isto.

Tecnicamente, o auditor NÃO está interessado em confidências ou overts contra os inimigos do grupo ou withholds daí resultantes. Procura sim overts contra o grupo, como se disse acima, e o withhold de os ter cometido por omissão ou comissão.

Se isto ficasse claro para os Verificadores de Segurança, este estratagema não poderia voltar a ser usado por tais pcs e os casos não fracassariam.

Um caso falhado continuará a sê-lo enquanto se estiverem a cometer overts contra aquilo que o pretende ajudar. Mas, com audição competente, isto pode ser manejado.

Espero que isto ajude a resolver alguns “casos falhados”.

L. RON HUBBARD

Fundador

⁶⁰ Alteração da Tech.



VERIFICADOR
DE
SEGURANÇA

GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB de 10 de NOVEMBRO de 1978RA

Emissão I

RE_REVISTO 26 JUL. 86

(Também emitido como HCO PL sob a mesma data e título.)

Remimeo

C/Ses

Auditores

Tech/Qual

Audtrs de Sec-checks

HCO

Checksheet HSSC

MAAs/EOs

PROCLAMAÇÃO DO PODER DE PERDOAR

Refs:

HCO PL 10 Nov.78 II

HCOB 23 julho 80R

Rev. 26.7.86

"PODER DE PERDOAR " CERTIFICADO

LISTA de REPARAÇÃO de CONFESSIONAL

LCRE

Um Ministro de Cientologia devidamente treinado e certificado no procedimento Confessional da Igreja de Cientologia, também chamado procedimento de Sec-checks, e que está de bem com a Igreja, e com os seus certificados em vigor, é investido com o poder de perdoar os pecados admitidos por um indivíduo a quem ele ministrou um Confessional.

Os confessionais fizeram parte da religião quase desde que a religião existe.

Foi amplamente reconhecido ao longo dos tempos que só depois uma pessoa confessar os seus pecados ela pode experimentar alívio do fardo de culpabilidade que carrega por causa deles.

Em Cientologia tivemos, desde os primeiros anos, procedimentos por meio dos quais um indivíduo pode confessar os withholds e os actos overt que estão por baixo deles. Nós já sabíamos há muito tempo que confessar os actos overt é o primeiro passo para a pessoa tomar responsabilidade por eles e procurar corrigir as coisas outra vez.

O reconhecimento que se segue a cada confissão, no procedimento de Cientologia, é uma garantia de que a confissão foi ouvida.

Essa garantia ajuda-o a terminar o ciclo das coisas más que a pessoa fez e desliga-a da preocupação com a sua culpabilidade para com elas, podendo então pôr a sua atenção em atividades construtivas.

Esse é o propósito de qualquer Confessional.

Há outro elemento que ajuda o indivíduo a realizar isto. O perdão.

Por isso, no termo de um Confessional, quando completo, o auditor de Cientologia que ministrou o Confessional tem que informar a pessoa que está perdoada dos pecados que confessou e que está limpa desses pecados e livre deles.

A declaração usada é:

"Pelo poder em mim investido estás perdoado, perante os Cientologistas, por qualquer dos overt e withholds que me disseste por completo e com verdade".

REPARAÇÃO



Se o Pc não pode aceitar o perdão ou se sente mal é porque ou alguma coisa foi perdida e o auditor não obteve tudo, ou houve outros erros no Confessional, como withholds tirados mais de uma vez, leituras falsas, TRs fora, invalidação, avaliação, etc.

O manejo é reparar imediatamente o Confessional usando a Lista de Reparação Confessional (LCRE). Se o auditor não é qualificado para verificar e manejar a LCRE, a sessão deve ser terminada e a pasta do Pc, com todos os dados, enviada ao C/S.

Será emitido um certificado especial a cada ministro de Cientologia treinado e certificado para ministrar Confessionais no Curso do Nível II, no Curso Hubbard de Auditor Sênior de Sec-checks ou no SHSBC, em ordem com a Igreja, com os certificados em vigor, investindo-o com o poder de perdoar os pecados a ele confessados por um indivíduo numa sessão Confessional.

Qualquer auditor treinado a entregar a Lista de Reparação de Ética, tem prioridade na emissão de tal certificado.

L. Ron Hubbard
Fundador



SECÇÃO DOZE: DADOS CHAVE SOBRE O E-METRO

GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB DE 6 DE SETEMBRO DE 1978

Remimeo
Pessoal de Tech
Pessoal de Qual
HCOs
Cursos confessionais
Checksheets nível II
Todos os Auditores.
Suprs. C/Ses

PERSEGUIR AGULHAS SUJAS

(Ref: HCOB 3 Set 78 DEFINIÇÃO DE UMA R/S
HCOB 28 jun. 62 AGULHAS SUJAS
HCOB 17 maio 69 TRs E AGULHAS SUJAS
Exercícios de E-metro 17, 20, 21: O LIVRO DE EXERCÍCIOS de E-METRO
FITA: 6205C23
SH TVD-7 PESCAR & TATEAR e CONFERIR AGULHAS SUJAS)

A única definição válida de agulha suja é dada no HCOB 3 set. 78, DEFINIÇÃO DE R/S, como:

“AGULHA SUJA: UMA AGITAÇÃO ERRÁTICA DA AGULHA, ESFARRAPADA, AOS ARRANCOS, COM TIQUES, SEM VARRER O QUADRANTE, E TENDENTE A SER PERSISTENTE. NÃO É LIMITADA EM AMPLITUDE”.

É provocada por uma de três coisas: 1) os TRs do auditor são maus ou 2) o auditor está a quebrar o Código do Auditor ou 3) o Pc tem contenções que não deseja revelar.

As definições são indicadas no HCOB acima porque é *vital* não confundir uma agulha suja com uma R/S. Elas são leituras claramente diferentes. A diferença é no *carácter da leitura*: não tem nada a ver com a amplitude,

Os auditores, supervisores e C/Ses têm de compreender a diferença entre estas duas leituras, e devem poder reconhecer cada uma delas imediatamente quando ocorrem.

Devido às causas subjacentes a estes dois tipos diferentes de leituras, ambas tendem a aparecer em Confessionais ou ao abordar áreas de O/Ws. Mas elas são diferentes e o auditor tem de saber a diferença a frio.

Uma agulha suja não deve ser ignorada especialmente ao fazer qualquer tipo de ação confessional.



Se os TRs do auditor estão dentro e ele está a manter o Código do Auditor, uma agulha suja, ou limpará ou se transformará numa R/S. Ela não deverá ser negligenciada

A agulha suja é o fio mais quente a puxar para encontrar e ligar uma R/S.

Seja o que for que está por trás dela, ignorá-la cortará a linha de comm entre o auditor e o Pc e destruirá o ciclo de comm de audição.

A área que está a produzir uma agulha suja, quando questionada para obter todos os dados, ou limpa ou entra em R/S.

A área que deu agulha suja é considerada limpa quando puder ser revista sem produzir qualquer agulha suja.

Se ainda produzir uma agulha suja, então há mais sobre a própria contenção, ou há algo que o Pc não está a revelar sobre a contenção ou sobre como ele se sente sobre a contenção, ou os TRs do auditor são terríveis, porém, perseguida com os TRs do auditor dentro, esta agulha suja, ou se transforma numa R/S ou limpa completamente. Contudo, até lá, continua suja.

O procedimento de pescar uma leitura é coberto na FITA DEMONSTRATIVA DE AUDIÇÃO 6205C23 SH TVD-7, “PESCAR E PROCURAR e CONFERIR AGULHAS SUJAS.” Limpar uma agulha suja está também coberto nos exercícios de E-metro 17, 20 e 21, e os auditores Classe II e acima devem ser peritos nisto.

A regra é: não IGNORAR AGULHAS SUJAS. PERSEGUI-LAS SEMPRE.

L. RON HUBBARD

Fundador



HUBBARD COMMUNICATIONS OFFICE

Saint Hill Manor, East Grinstead, Sussex

HCO BULLETIN OF 23 NOVEMBER 1961

Franchise

METER READING

A survey of auditing has brought up the datum that the gross auditing error in failure to obtain results from Security Checking and Problems Intensives lies wholly in the inability to read an E-Meter.

You may some day get a huge reality on the fact that, in supervising auditing, all failures are gross auditing errors, not fluke case differences.

Auditors one is supervising often demand “an extraordinary solution” because such and such a case isn’t moving. The unwise supervisor will actually furnish “extraordinary solution” after “extraordinary solution” “to handle this different case”. It may be John Jones who “cannot think of any changes in his life” or it may be Mary Smith who “just doesn’t respond to Security Checking”. And the supervisor burns the midnight oil and gives the auditor some new involved solution. Then as often as not, the auditor comes back the day after and says, “That didn’t work either.” And the supervisor goes a quarter around the bend and again burns the midnight oil... If this seems familiar to you as a supervisor, know you *should* have asked, “*What* didn’t work?” Usually the auditor can’t even recall the solution – it was never used. Or it was applied in some strange fashion.

For *today*, the reasons for failure all lie under the heading “Gross Auditing Error”.

Such an error would be, the auditor never arrived for the session, the E-Meter was broken throughout, the pc hadn’t eaten or slept for three days, the din from construction next door made it impossible to give commands or hear answers. The auditor didn’t run any known process. That is the order of magnitude of a “GROSS AUDITING ERROR”. It is never, the pc was unhappy, the pc has difficulty remembering, etc. In supervising auditing, *always* look for the gross auditing error and *never* give out with an extra-ordinary solution.

Well, taking my own advice, when I saw some tricky elements in new clearing processes taking far too much time, I didn’t look for “different” pcs, I looked for the gross auditing error. And found it.

The auditors who were having trouble couldn’t read an E-Meter.

Impossible as that may seem, it proved to be true. I put Mary Sue on this at once and Herbie Parhouse carried through. The errors found in E-Meter reading where there had been trouble, were so huge as to have been missed on any casual inspection.

The errors went like this:

1. The auditor believed the E-Meter could not be read while the needle was swinging around. The auditor was waiting until it stopped every time before asking a question.
2. The auditor believed the needle had to be exactly at “set” on the dial before it could be read.
3. The auditor did not know a rising needle could be read by stopping the rise with a question or making the needle twitch.
4. The auditor had not done the body reaction drills in *E-Meter Essentials* and was reading only body reactions and ignoring all others.
5. The auditor thought an E-Meter could not be read if it showed breathing or heart beat.

6. The auditor always looked at the pc for a few seconds after asking the question, then looked at the meter, and so missed all but latent (non-significant) reads.
7. The auditor sat staring at the meter for twenty seconds after the reading had registered.
8. The auditor thought E-Meters could be fooled so easily, it was more reliable to make up his own mind about what the pc's item or guilt was.
9. An auditor thought that if the needle rose on a rudiment question, the rudiment was out.

These and many, many more panned out to be:

IF A SECURITY CHECK OR PROBLEMS INTENSIVE WAS PRODUCING NO RESULTS,
IT WAS BECAUSE THE AUDITOR COULD NOT READ AN E-METER.

That's the gross auditing error.

In this bulletin, I am not trying to give you any methods to remedy this. I am just calling it widely to everyone's attention.

The fact is big enough to merit study by itself.

And to get cases started by no other mechanism than learning to really read an E-Meter or by teaching people to read it.

This one point remedied could change the entire future of Scientology, an organization or an auditor.

L. RON HUBBARD

LRH:esc.rd



GABINETE DE COMUNICAÇÕES DE HUBBARD
Saint Hill Manor, East Grinstead, Sussex
BOLETIM DO HCO DE 23 de MAIO de 1962

Orgs Centrais
Dep. Técnicos

MUITO IMPORTANTE
REAÇÕES DO E-METRO
PREPCHECKING

COMO OS E-METROS SÃO INVALIDADOS

Devido ao número fantástico de reações instantâneas da agulha que são deixadas escapar por auditores fracamente treinados, seria melhor verificar esta pergunta em quaisquer preclaros que tenham sido auditados:

“Alguma vez algum auditor falou de descobrir uma leitura no E-Metro que tu pensavas que devia ter reagido?”

Ou outra versão disto.

“Como auditor, alguma vez ignoraste deliberadamente uma resposta significativa do E-Metro?”

Ou outra versão disto.

“Alguma vez invalidaste um E-Metro?”

Ou outra versão disto.

“Como preclaro, alguma vez foste bem-sucedido em convenceres um auditor de que o E-Metro estava errado?”

Ou outra versão disto.

“Alguma vez tentaste invalidar uma leitura de um E-Metro de modo a manteres alguma coisa secreta?”

Ou outra versão disto.

Os Pcs em quem, de forma rotineira, foram deixadas escapar leituras, tornam-se tão pouco confiáveis no E-Metro que ficam perpetuamente com o ARC Quebrado. Apenas as Quebras de ARC impedem o E-Metro de reagir. Portanto, esta falta de confiança no e-metro pode cancelar as leituras do e-metro! É verdadeiramente fatal passar por cima de uma reação instantânea num pc. Isto invalida o e-metro e pode cancelar leituras posteriores.

Os E-Metros funcionam. Funcionam sempre. São unicamente os auditores que não funcionam, ao deixarem escapar as reações do e-metro que podiam guiar a sessão. Somente a pergunta de audição ou a incapacidade do auditor para ler o e-metro podem estar erradas.

Devido à má metria, muitos pcs ficam com a opinião secreta de que os e-metros, de facto, não funcionam. Isto é provocado por auditores desleixados que falhas leituras instantâneas e fracassam na limpeza de perguntas quentes.

Se o pc sabe que o assunto é quente e o auditor fracassa em ver a reação do e-metro, o pc pensa que consegue “vencer o e-metro” e, daí em diante, é mais difícil de auditar por causa deste fenómeno específico.

É exatamente assim que os e-metros são invalidados: os auditores que fracassam em os lerem e os e-metros que não são Mark IV. Houve montes disto no passado, portanto limpem as perguntas acima. É tudo o que impede alguns pcs de vencerem. Ah, sim, não percam leituras do e-metro! E, ah, sim, assegurem-se de estarem bem treinados no e-metro.



LRH:gl.cden L.
Copyright © 1962
por L. Ron Hubbard
reservados todos os direitos

RON HUBBARD



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB DE 25 DE MAIO DE 1962

Orgs Centrais

Franchises

E-METRO REAÇÕES INSTANTÂNEAS

Uma leitura instantânea é definida como a reação da agulha que se produz precisamente no final de qualquer pensamento principal pronunciado pelo auditor.

A reação da agulha pode ser qualquer, exceto uma reação “nula”. Qualquer leitura instantânea pode ser uma mudança de característica, desde que ocorra instantaneamente. A ausência de leitura no final de um pensamento principal mostra que ela é nula.

Todas as leituras *prévias* e *latentes* são ignoradas. Estas são o resultado de pensamentos menores que podem ou não ser estimulados pela pergunta.

Só a leitura instantânea é usada pelo auditor. Só a leitura instantânea é clarificada nos rudimentos e nas perguntas “o que?”, etc.

A leitura instantânea pode ser qualquer reação da agulha: subida, queda, subida rápida, queda rápida, tique duplo (agulha suja), theta bop ou qualquer outra ação, desde que ela surja exatamente no final do pensamento principal pronunciado pelo auditor. Se não houver qualquer reação nesse momento exato (o final do pensamento principal) a pergunta é nula.

Por “*pensamento principal*” entenda-se o pensamento completo expresso em palavras pelo auditor. As leituras que surgem antes do enunciado completo do pensamento principal são “leituras prévias”. As leituras que surgem depois do enunciado completo são “leituras latentes”.

Por “pensamento menor” entenda-se pensamentos subsidiários expressos por palavras incluídas no pensamento principal. Elas são provocadas pelo efeito reativo de certas palavras da frase completa. Elas são ignoradas.

Exemplo: “Tu já feriste porcos sujos?”

Para o Pc, as palavras “tu”, “feriste” e “sujo” são todas reativas. Por isso, os pensamentos menores expressos por estas palavras reagem igualmente no E-Metro.

O pensamento principal aqui é a frase completa. Dentro deste pensamento encontram-se os pensamentos menores “tu”, “feriste” e “sujo”.

Consequentemente, pode acontecer que a agulha do E-Metro reaja da forma seguinte: “tu (queda) já feriste (queda rápida) porcos (queda) sujos (*queda*)?”

Só o pensamento principal dá a leitura instantânea e só a última *queda* (em itálico na frase acima) indica alguma coisa. Se esta última leitura estivesse ausente toda a frase seria nula apesar das quedas anteriores.

Podem limpar-se as reações (mas não normalmente) de cada um dos pensamentos menores. A exploração destas leituras prévias chama-se “decompor a pergunta”.

Prestar atenção a leituras em pensamentos menores ocasiona situações, risíveis como no exemplo descrito em 1960 “levar PDH (dor, droga, hipnose) de um gato”. Pode provar-se seja o que for ao aceitar



essas leituras prévias. Porquê? Porque *Dor, Droga e Hipnose* são pensamentos menores dentro do pensamento principal: “Tu já foste ferido, drogado e hipnotizado por um gato?” O auditor inexperiente acreditará que este género de idiotice aconteceu de facto. Mas note-se que se limpar cada pensamento menor do pensamento principal, este não reage mais como frase global. Se a pessoa que está ao E-Metro *foi* ferida, drogada, hipnotizada por um gato, apenas a descoberta da origem do pensamento global limpará o pensamento global.

Os Pcs também pensam noutras coisas enquanto se lhes colocam as perguntas, e estas restimulações casuais pessoais reagem igualmente antes e depois de uma leitura instantânea, mas são ignoradas. Muito raramente são os “pensamentos do Pc” que reagem exatamente no final de um pensamento principal, falseando assim o resultado, mas é raro.

Nós pretendemos a leitura que tem lugar instantaneamente após a última sílaba do pensamento principal, sem atraso. É a única leitura que tomamos em consideração para saber se um rudimento está dentro ou não, se um item reage, etc. É o que chamamos “leitura instantânea”.

Existe uma pergunta de rudimentos global na meia-verdade, etc. Fazemos os quatro rudimentos num só, e por isso quatro pensamentos principais numa só frase. Este conjunto é a única exceção aparente, mas não é verdadeiramente uma exceção. É simplesmente um modo rápido de fazer quatro rudimentos numa só frase.

A pergunta desajeitada que coloca “nesta sessão” no fim do pensamento principal pode servir mal o auditor. Estes modificadores deverão aparecer antes na frase: “Nesta sessão, tu...?”

Você dirige o pensamento principal diretamente à mente reativa. Por conseguinte, nenhum pensamento analítico reagirá instantaneamente.

A mente reativa compõe-se de:

1. Ausência de tempo
2. Desconhecimento
3. Sobrevivência.

O E-Metro reage à mente reativa, e nunca à mente analítica. O E-Metro reage instantaneamente a qualquer pensamento restimulado na mente reativa.

Se o E-Metro reagir a alguma coisa, esse dado é parcial ou totalmente desconhecido do Pc.

As perguntas de um auditor restimulam a mente reativa. Isso reage no E-Metro.

Só pensamentos reativos reagem no E-Metro.

Você pode-lhe “embutir” um pensamento principal dizendo-lho duas vezes. À segunda vez (ou à terceira se for mais longo), verá, no final exato do pensamento principal, apenas a leitura instantânea. Se fizer isto, as leituras prévias cessarão deixando apenas o pensamento global.

Se andar aos tropeços nos rudimentos ou metas ao tentar limpar pensamentos menores perde-se. Na verificação de segurança pode descobrir-se material “decompondo a pergunta”, mas raramente se faz hoje em dia. Leituras instantâneas só se procuram nos rudimentos, nas perguntas “o que?”, e outos, etc. Elas ocorrem exatamente no final do pensamento global. É só o que interessa ao limpar um rudimento ou uma pergunta “o que?”. Ignoram-se todas as leituras prévias e latentes da agulha.

Eis as exceções a esta regra:

1. “Decompor a pergunta” em que se utilizam as leituras prévias que ocorrem exatamente no final dos pensamentos menores (conforme a frase dos porcos) para desenterrar diferentes dados não relacionados com o pensamento global.
2. “Guiar o Pc” é o único uso das leituras latentes ou ocasionais. Você vê uma leitura igual à leitura instantânea outra vez enquanto está calado, mas depois de ver o pensamento global reagir. Você



diz: “aí” ou “isso” e o Pc, vendo a coisa para que está a olhar recupera este conhecimento do banco reativo, expõe os dados e o pensamento global clarifica, ou deve ser mais trabalhado e clarificado.

Pode facilmente matar-se a matutar tentando agarrar-se às leituras do E-Metro, a menos que tenha uma boa realidade da leitura instantânea a qual ocorre no final do pensamento global expresso, e negligencie todas as leituras prévias e latentes, exceto para guiar o Pc, quando ele anda às apalpadelas à procura da resposta à pergunta que lhe colocou.

É tudo sobre a leitura da agulha do E-Metro.

(Duas conferências de Saint Hill de 24 de Maio de 1962 cobrem isto a fundo)

L RON HUBBARD

Fundador



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB 18 MARÇO 1974R

Revisto em 22 de Fevereiro 79

(Revisões nesse estilo de letra)

(Reticências indicam cortes)

E-METROS ERROS DE SENSIBILIDADE

Ref. HCOB 4 Dez. 77 LISTA PARA PREPARAR SESSÕES E UM E-METRO

HCOB 14 Jan. 77 URGENTE E IMPORTANTE, RODA DE CORREÇÃO DA
TECH

HCOB 7 Fev. 79R EXERCÍCIO DE E-METRO 5R, APERTO DE LATAS

O Auditor deve colocar a sensibilidade e-metro de maneira correta para cada pessoa e para cada sessão. A posição é diferente para quase todos os Pcs e pode variar sessão após sessão, até para o mesmo Pc.

DEMASIADO BAIXA

Uma sensibilidade demasiado baixa em alguns Pcs (como sensibilidade 1) obscurecerá as leituras e fá-las parecer tiques. Entretanto uma sensibilidade 16 a 128 mostrará as leituras e F/Ns.

Um Pc pode ser dificultado por um Auditor, não pondo a sensibilidade suficientemente alta para mostrar as leituras e as F/Ns. Passa-se tanto por cima dos itens como das F/Ns.

Em quase todos os Pcs, um aperto de mãos impulsivo ou incorreto pode fazer a agulha disparar pelo quadrante e ocasionar cada vez mais a redução da sensibilidade, até finalmente ser colocada num ponto em que as LF se convertem em tiques e as F/Ns se tornam em não existentes. O exercício de E-metro nº 5RA mostra como fazer um aperto de latas correto.

DEMASIADO ALTA

Quando auditar um Pc a voar, ou um clear ou OT, o auditor que coloca a sensibilidade muito alta, obtém impressões erradas do caso.

Em tal caso, as “leituras latentes” são comuns. Não são latentes em absoluto. O que acontece é a F/N ser maior que o quadrante, a uma sensibilidade alta, e ao partir, uma F/N parece uma reação, já que o seu movimento é detido pelo batente direito do quadrante.

Além disso o Pc pode apertar incorretamente as latas, de maneira delicada, com os polegares e indicadores e levar o auditor a aumentar cada vez mais sensibilidade. Então, com a sensibilidade demasiado alta, é incapaz de manter a agulha no quadrante e, assim, passar por cima ou imaginar leituras. O exercício de E-metro 5RA mostra agora como fazer isto de modo corretamente.



Assim, tomam-se itens sem carga, atrasa-se o caso, ocorrem O/Rs e transtornos gerais que necessitam reparação.

Com o eléctrodo de uma mão, um OT VII por vezes tem uma F/N de 1/3 do quadrante à sensibilidade 2!

Isto significaria uma ampla F/N de $\frac{3}{4}$ de quadrante... com 2 latas.

Um Clear tem por vezes um TA flutuante com a Sens. em 5 ou 10, em vez de uma F/N. É *poderá* ter que trabalhar com a Sens. em 1 em duas latas, para mantê-lo no quadrante, ou para detetar as F/Ns.

Este é um assunto *muito* importante, visto que o auditor passará por cima das F/Ns, pensará que o início das F/Ns são leituras e, já que a pessoa ultrapassa o quadrante, perderá leituras.

Assim se trabalham áreas sem carga e se perdem as carregadas.

O resultado disto é muito caótico de reparar.

Muitos Pcs de níveis inferiores também requerem sensibilidades baixas.

SUMÁRIO

Por vezes, o Pc fácil parece difícil, devido a posições incorretas da sensibilidade, *resultante de um procedimento incorreto do aperto das latas*.

Achar a sensibilidade do Pc de modo a dar uma queda de 1/3 do quadrante, num aperto correto das latas conforme o exercício de E-metro 5RA (Ref. HCOB 7 de Fev. 79R APERTO DE LATAS). Façam os exercícios e ficarão espantados.

Não façam reparações.

Obtenham triunfos.

L RON HUBBARD

Fundador



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD
SOLAR DE ST. HILL, GRINSTEAD ORIENTAL, SUSSEX,
HCOB DE 3 SETEMBRO DE 1978

(Cancela HCOB 5 Dez. AD12 “2-12, 3GAXX, 3-21,
e Rotina 2-10 Assessment Moderno.”)

(Cancela HCOB 13Ago. AD12)

(Cancela HCOB 1 Ago. AD12)

Remimeo

HCOs

Pessoal Tech

Pessoal Qual

Cursos confessional

Todos auditores, C/Ss, Supervisores

URGENTE—URGENTE—URGENTE

DEFINIÇÃO DE UMA R/S

A seguinte é a única definição válida de uma R/S:

R/S: MOVIMENTO DESVAIRADO, IRREGULAR DA AGULHA A VERGASTAR ESQUERDA/DIREITA NO QUADRANTE DO E-METRO. R/Ses REPETEM GOLPES À ESQUERDA E À DIREITA, IRREGULAR E SELVATICAMENTE, MAIS RÁPIDOS DO QUE O OLHO PODE FACILMENTE SEGUIR. A AGULHA FICA FRENÉTICA. A LARGURA DE UMA R/S DEPENDE EM GRANDE PARTE DA SENSIBILIDADE. VAI DE ½ cm A UM QUADRANTE INTEIRO, MAS VERGASTA DE UM LADO PARA OUTRO. UMA R/S SIGNIFICA UMA INTENÇÃO MALÉVOLA OCULTA SOBRE O ASSUNTO OU PERGUNTA DE AUDIÇÃO OU EM DISCUSSÃO.

R/SES VÁLIDAS NEM SEMPRE SÃO LEITURAS INSTANTÂNEAS. UMA R/S PODE SER UMA LEITURA PRÉVIA OU LATENTE.

O HCOB de 5 de Dezembro AD12 “R2-12, 3GAXX, R3-21 e R2-10, Assessment Moderno”, foi incorretamente redigido por outrem e fica ANULADO, pois aí se define incorretamente uma R/S como uma única batida para a esquerda ou para a direita. Ele contém as seguintes declarações: “Uma ou duas batidas constituem uma R/S... Se a agulha atravessar o quadrante uma vez para a direita ou para a esquerda, chama-se a isso uma R/S”. Este dado é profundamente errado. Por causa desta definição *incorreta*, poder-se-ia confundir uma leitura foguete com uma R/S ou qualquer subida rápida com uma R/S. UMA SÓ BATIDA DA AGULHA NÃO CONSTITUI O PRINCÍPIO DE UMA R/S, NESTE CASO, NEM DUAS OU TRÊS BATIDAS. A DEFINIÇÃO CORRETA DE UMA R/S IMPLICA BATIDAS VIOLENTAS PARA A ESQUERDA E PARA A DIREITA.



DEFINIÇÃO DE AGULHA SUJA

Eis a única definição válida de uma agulha suja:

AGULHA SUJA: AGITAÇÃO IRREGULAR DA AGULHA COM TENDÊNCIA A PERSISTIR, E É BRUSCA, DESORDENADA, DANDO TIQUES SEM VARRER O QUADRANTE. A SUA AMPLITUDE NÃO É LIMITADA.

A CAUSA DE UMA AGULHA SUJA É UMA DAS TRÊS SEGUINTE:

1. OS TRs DO AUDITOR SÃO MAUS.
2. O AUDITOR VIOLA O CÓDIGO DO AUDITOR.
3. O PC TEM CONTENÇÕES E NÃO AS QUER REVELAR.

São ANULADAS as definições de agulha suja como “pequena R/S” e “versão mais pequena de uma R/S”, do HCOB de 13 de Agosto AD12, “R/Ss e agulhas sujas”. É ANULADA a definição de agulha suja como “R/S minúsculo” do HCOB de 1 de Agosto AD12, “Rotina 3GA, Metas, Nulificar por meio dos Ruds Médios”.

Todas as definições que limitam a medida de uma agulha suja a “ $\frac{1}{4}$ de polegada” ou a “menos de $\frac{1}{4}$ de polegada” são ANULADAS.

NÃO SE PODE CONFUNDIR uma agulha suja com uma R/S. São leituras distintamente diferentes. Não há engano possível no caso de uma R/S, mesmo sem nunca ter visto nenhuma. Uma agulha suja é bastante menos frenética.

A DIFERENÇA ENTRE UMA R/S E UMA AGULHA SUJA RESIDE NA NATUREZA DA LEITURA, E NÃO NA SUA DIMENSÃO.

Ao persistir em “pescar e apalpar”, uma agulha suja pode por vezes transformar-se numa R/S. No entanto, enquanto esta transformação não acontecer, trata-se apenas de uma agulha suja.

AUDITORES, C/Ss E SUPERVISORES DEVEM, REPTO, DEVEM SABER NA PONTA DA LÍNGUA A DIFERENÇA ENTRE ESTES DOIS TIPOS DE LEITURA.

L. RON HUBBARD

Fundador



VERIFICADOR
DE
SEGURANÇA

GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Saint Hill Manor, East Grinstead, Sussex

BOLETIM HCO DE 6 DE JUNHO DE 1984

Remíneo
Auditores
C/Ses
HCO
Técnica/Qual
MAAs/Of. De ética
Nova classe IX
Auditores (ACS)
RD Propósito Falso
Curso de C/S

MAIS SOBRE ROCKSLAMS

Referências:

HCOB de 3 de Set. de 78 DEFINIÇÃO de uma ROCK SLAM
HCOB 10 de Ago. 76R R/SES, O QUE ELAS SIGNIFICAM
Rev. 5.9.78
HCOB 1 Nov. 74RA ROCKSLAMS E ROCK SLAMADORES
Rev. 5.9.78

É verdade que uma R/S indica uma intenção subjacente malévola. E, se ocorrer, é vital que seja indicada claramente. Mas uma R/S é apenas um indicador.

R/Ses encontradas nas pastas, por vezes, não conseguem ser repetidas devido a camadas adicionais de carga ou novos withholds ou algo do tipo. Uma Rock Slam é definitivamente um indicador, mas não é O indicador. Há várias razões para isto - o auditor pode estar à procura em outro lugar, o e-metro pode estar descarregado e as R/Ses perderam-se ou, por outro lado, uma má ligação na linha ou o pc usando anéis também podem ativar uma falsa R/S.

O ponto é que na deteção de um propósito mau, não se deveria depender totalmente de se houve ou não uma R/S. É apenas um indicador. Não é a prova. A conduta de uma pessoa e as suas ações são uma prova. Assim, registos de produção e comportamento são um indicador mais fiável.

L. RON HUBBARD
Fundador



SECÇÃO TREZE: PDH E IMPLANTES

GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB DE 25 DE MAIO DE 1962

Orgs Centrais

Franchises

E-METRO REAÇÕES INSTANTÂNEAS

Uma leitura instantânea é definida como a reação da agulha que se produz precisamente no final de qualquer pensamento principal pronunciado pelo auditor.

A reação da agulha pode ser qualquer, exceto uma reação “nula”. Qualquer leitura instantânea pode ser uma mudança de característica, desde que ocorra instantaneamente. A ausência de leitura no final de um pensamento principal mostra que ela é nula.

Todas as leituras *prévias* e *latentes* são ignoradas. Estas são o resultado de pensamentos menores que podem ou não ser estimulados pela pergunta.

Só a leitura instantânea é usada pelo auditor. Só a leitura instantânea é clarificada nos rudimentos e nas perguntas “o que?”, etc.

A leitura instantânea pode ser qualquer reação da agulha: subida, queda, subida rápida, queda rápida, tique duplo (agulha suja), theta bop ou qualquer outra ação, desde que ela surja exatamente no final do pensamento principal pronunciado pelo auditor. Se não houver qualquer reação nesse momento exato (o final do pensamento principal) a pergunta é nula.

Por “*pensamento principal*” entenda-se o pensamento completo expresso em palavras pelo auditor. As leituras que surgem antes do enunciado completo do pensamento principal são “leituras prévias”. As leituras que surgem depois do enunciado completo são “leituras latentes”.

Por “pensamento menor” entenda-se pensamentos subsidiários expressos por palavras incluídas no pensamento principal. Elas são provocadas pelo efeito reativo de certas palavras da frase completa. Elas são ignoradas.

Exemplo: “Tu já feriste porcos sujos?”

Para o Pc, as palavras “tu”, “feriste” e “sujos” são todas reativas. Por isso, os pensamentos menores expressos por estas palavras reagem igualmente no E-Metro.

O pensamento principal aqui é a frase completa. Dentro deste pensamento encontram-se os pensamentos menores “tu”, “feriste” e “sujos”.

Consequentemente, pode acontecer que a agulha do E-Metro reaja da forma seguinte: “tu (queda) já feriste (queda rápida) porcos (queda) sujos (*queda*)?”

Só o pensamento principal dá a leitura instantânea e só a última *queda* (em itálico na frase acima) indica alguma coisa. Se esta última leitura estivesse ausente toda a frase seria nula apesar das quedas anteriores.

Podem limpar-se as reações (mas não normalmente) de cada um dos pensamentos menores. A exploração destas leituras prévias chama-se “decompor a pergunta”.

Prestar atenção a leituras em pensamentos menores ocasiona situações, risíveis como no exemplo descrito em 1960 “levar PDH (dor, droga, hipnose) de um gato”. Pode provar-se seja o que for ao aceitar essas leituras prévias. Porquê? Porque *Dor, Droga e Hipnose* são pensamentos menores dentro do pensamento principal: “Tu já foste ferido, drogado e hipnotizado por um gato?” O auditor inexperiente acreditará que este género de idiotice aconteceu de facto. Mas note-se que se limpar cada pensamento menor do pensamento principal, este não reage mais como frase global. Se a pessoa que está ao E-Metro *foi* ferida, drogada, hipnotizada por um gato, apenas a descoberta da origem do pensamento global limpará o pensamento global.

Os Pcs também pensam noutras coisas enquanto se lhes colocam as perguntas, e estas restimulações casuais pessoais reagem igualmente antes e depois de uma leitura instantânea, mas são ignoradas. Muito raramente são os “pensamentos do Pc” que reagem exatamente no final de um pensamento principal, falseando assim o resultado, mas é raro.

Nós pretendemos a leitura que tem lugar instantaneamente após a última sílaba do pensamento principal, sem atraso. É a única leitura que tomamos em consideração para saber se um rudimento está dentro ou não, se um item reage, etc. É o que chamamos “leitura instantânea”.

Existe uma pergunta de rudimentos global na meia-verdade, etc. Fazemos os quatro rudimentos num só, e por isso quatro pensamentos principais numa só frase. Este conjunto é a única exceção aparente, mas não é verdadeiramente uma exceção. É simplesmente um modo rápido de fazer quatro rudimentos numa só frase.

A pergunta desajeitada que coloca “nesta sessão” no fim do pensamento principal pode servir mal o auditor. Estes modificadores deverão aparecer antes na frase: “Nesta sessão, tu...?”

Você dirige o pensamento principal diretamente à mente reativa. Por conseguinte, nenhum pensamento analítico reagirá instantaneamente.

A mente reativa compõe-se de:

1. Ausência de tempo
2. Desconhecimento
3. Sobrevivência.

O E-Metro reage à mente reativa, e nunca à mente analítica. O E-Metro reage instantaneamente a qualquer pensamento restimulado na mente reativa.

Se o E-Metro reagir a alguma coisa, esse dado é parcial ou totalmente desconhecido do Pc.

As perguntas de um auditor restimulam a mente reativa. Isso reage no E-Metro.

Só pensamentos reativos reagem no E-Metro.

Você pode-lhe “embutir” um pensamento principal dizendo-lho duas vezes. À segunda vez (ou à terceira se for mais longo), verá, no final exato do pensamento principal, apenas a leitura instantânea. Se fizer isto, as leituras prévias cessarão deixando apenas o pensamento global.

Se andar aos tropeços nos rudimentos ou metas ao tentar limpar pensamentos menores perde-se. Na verificação de segurança pode descobrir-se material “decompondo a pergunta”, mas raramente se faz hoje em dia. Leituras instantâneas só se procuram nos rudimentos, nas perguntas “o que?”, e outos, etc. Elas ocorrem exatamente no final do pensamento global. É só o que interessa ao limpar um rudimento ou uma pergunta “o que?”. Ignoram-se todas as leituras prévias e latentes da agulha.

Eis as exceções a esta regra:

1. “Decompor a pergunta” em que se utilizam as leituras prévias que ocorrem exatamente no final dos pensamentos menores (conforme a frase dos porcos) para desenterrar diferentes dados não relacionados com o pensamento global.



2. “Guiar o Pc” é o único uso das leituras latentes ou ocasionais. Você vê uma leitura igual à leitura instantânea outra vez enquanto está calado, mas depois de ver o pensamento global reagir. Você diz: “ai” ou “isso” e o Pc, vendo a coisa para que está a olhar recupera este conhecimento do banco reativo, expõe os dados e o pensamento global clarifica, ou deve ser mais trabalhado e clarificado.

Pode facilmente matar-se a matutar tentando agarrar-se às leituras do E-Metro, a menos que tenha uma boa realidade da leitura instantânea a qual ocorre no final do pensamento global expresso, e negligencie todas as leituras prévias e latentes, exceto para guiar o Pc, quando ele anda às apalpadelas à procura da resposta à pergunta que lhe colocou.

É tudo sobre a leitura da agulha do E-Metro.

(Duas conferências de Saint Hill de 24 de Maio de 1962 cobrem isto a fundo)

L RON HUBBARD

Fundador



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB de 11 de ABRIL de 1982

FAZER SEC CHECK DE IMPLANTES

(O fim de Auditores falharem WHs ao fazer Sec checks)

Um implante é um comando, ou uma série de comandos impostos, instalados na mente reativa abaixo do nível de consciência do indivíduo a fim de o fazer reagir ou comportar dum modo preestabelecido, sem o seu “conhecimento”

Existem vários métodos de implantação.

SILÊNCIO IMPOSTO: O implante mais simples, mais comum e mais ligeiro, porém não menos mortal, é o comando para se conter. Poder-se-ia dizer que os implantes são “métodos para impedir conhecimento ou comunicação” e isto pode ir ao ponto de uma pessoa negar a *si própria* os dados. O “silêncio imposto” mais comum é provavelmente a criança ameaçada, com “se tu contares, levas”. Ou simplesmente proibi-la de falar. Isto tende a obstruir a sua própria memória e pode ser classificado como implante.

HIPNOTISMO: Este é feito sem dureza física. O hipnotismo ocidental é eficaz em apenas 22% das pessoas nas quais é intentado. Requer alguma cooperação do sujeito e ele pode muitas vezes dizer que foi implantado mesmo quando não pode à primeira contar o conteúdo do implante. Ele pode ser exposto e apagado bastante facilmente quando encontrado, muitas vezes por simples recordação do conteúdo. Psiquiatras e psicólogos usam-no e não são mito peritos nisso.

DROGAS: São usadas com frequência por psicólogos e psiquiatras, em conjunto ou independentemente do hipnotismo, para aumentar a eficácia e aprofundar o efeito. Qualquer pessoa a quem foram ministradas drogas psiquiátricas ou de rua pode ser suspeita de também ter sido implantada. É que a maior parte das drogas produzem, por si só, um estado de transe, e os incidentes do ambiente podem “entrar” como implantes. A intensidade de um engrama recebido é aumentada quando o sujeito está a tomar drogas. Por exemplo, um acidente de automóvel, numa pessoa drogada produz um engrama mais pesado do que se estivesse sem drogas. Um drogado que também esteve nas mãos de um psiquiatra ou psicólogo pode também ser suspeito de ter sido implantado por ele.

CHOQUES ELÉTRICOS: Embora eles pretendam que o choque elétrico é “terapia”, (a sua palavra para mutilar ou assassinar) o eletrochoque é apenas um método de implantar o “paciente”. Os criminosos acompanham usualmente os choques elétricos, dados à pessoa inconsciente, com sugestões hipnóticas, antes, durante e depois do choque. É por isso que pessoas que sofreram eletrochoques vão às vezes cometer crimes. Pode concluir-se que, ao sofrerem os eletrochoques, lhes foi dito para o fazer. (Não há razão terapêutica para dar eletrochoques a ninguém, e não há registos de autênticos casos curados de seja o que for, por meio de eletrochoques).

DROGAS E CHOQUES: Afirmam os psiquiatras e psicólogos que têm que drogar os pacientes antes de lhes dar o choque a fim de evitar que partam dentes e a espinha com as convulsões. Isto é mentira. A razão por que eles dão choques aos pacientes (com eletricidade, insulina ou outros meios) é, segundo os seus próprios textos, para produzir a convulsão. (Eles fazem isto porque os Gregos o fizeram e não por outra razão, e os Gregos fizeram-no porque uma convulsão é a “prova” de que a pessoa foi visitada por um Deus). A verdadeira razão pela qual os psiquiatras e psicólogos dão drogas antes do choque é esconder do paciente que levou o choque e intensificar o implante. Podemos encontrar pessoas que não sabem que



levaram choques, pensando que foram apenas drogadas. Contudo, por baixo desse estado de drogado, podemos encontrar, através de cuidadosa pesquisa, um ou cem choques e implantes viciosos.

DOR DROGA HIPNOSE: Ministrando droga e hipnose o psiquiatra, psicólogo e outros criminosos, tais como a CIA ou outros agentes governamentais, procuram transformar as vítimas em robôs levando-as a cometer crimes ou a agir numa forma irracional. “PDH” [pain (dor), drug (droga), hypnosis] é o presente dos psiquiatras à polícia do estado. PDH não é muito eficaz, mas é demolidor.

LAVAGEM AO CÉREBRO: É um termo mal aplicado para descrever a implantação por privação e coação física e mental. Diz-se ser baseada nas experiências de Pavlov com um cão, (mas não desenvolvida por Pavlov). A teoria é que quando a vítima é sujeita a suficiente punição, ela esquecerá a suas anteriores lealdades e pode ser politicamente “reeducada”. Apesar das mentiras publicitárias da psiquiatria e da psicologia, (os criminosos raramente dizem a verdade), o funcionamento da “lavagem ao cérebro” é ridículo. A Dianética pode desfazer a “lavagem ao cérebro” bastante rapidamente quando detetada. Chamar à “lavagem ao cérebro” o remédio para lavar o cérebro só mostra ignorância pública do que é a “lavagem ao cérebro”.

IMPLANTES INEXISTENTES: Parte dos truques criminosos da implantação é dar à pessoa um “implante” que não acontece. Realizam-se todas as ações, mas o conteúdo fica em branco. Isto introverte a pessoa e por vezes fá-la puxar implantes dum passado onde eles possam existir.

COMPORTAMENTO DA AGULHA

Ao deparar com um implante numa sessão, um auditor pode ser despistado por não obter nela leituras. MAS EXISTE uma reação da agulha a que nenhum implante, não importa quão soterrado, pode escapar.

Nova pesquisa sobre este assunto revelou que:

NA PRESENÇA DE UM IMPLANTE A AGULHA PODE FICAR PARADA.

Isto deve-se ao carácter recôndito e oculto do implante.

A pessoa entra numa zona da banda onde “nada regista no e-metro”. Coisas que *deveriam* registar não o fazem. Exemplo: a pergunta: “que idade tinhas tu então?” deveria normalmente dar alguma espécie de reação. Na presença dum implante, não dá.

A agulha fica simplesmente muito parada e sem reação. É diferente da normal reação da agulha no mesmo Pc.

Ele também pode começar com divagações e sem responder, muito introvertido e sem reação. Mas com ou sem esta reação do Pc, a agulha fica completamente parada.

Um auditor tem que por vezes trabalhar como um louco para fazer a agulha responder.

É MUITO fácil neste ponto falhar um withhold!

O Auditor, confrontado com um Pc com um implante de que não suspeita, pode ver esta agulha parada e supor que não há ali nada e escrever: “agulha limpa” na folha de trabalho. E *isto* é um erro. Por uma razão, é que, se não se consegue que uma zona da banda (ou lista) dê F/N, algo está errado. (Pode, é claro, haver uma leitura falsa ou suprimida, algo afirmado ou ruds de sessão fora que impeçam a F/N).

Esta agulha parada não responderá nunca. Se introduzirmos os ruds, perguntarmos por leituras falsas, afirmações, podemos continuar a obter a mesma agulha parada.

Se assim for quer dizer que se trata de um implante de algum dos métodos anteriormente citados.

Devemos agora trabalhar com várias perguntas relativas à possibilidade de um implante.

Poderia mesmo elaborar-se uma lista preparada que cobrisse todos os ângulos dos implantes.

Confrontado com uma agulha parada que deveria reagir, mas que não reage, devemos começar com: “é alguma coisa que não deves dizer?” e continuar com várias abordagens.



(“Já foste ao psicólogo ou ao psiquiatra?”,
“alguém te deu drogas?”,
“há aqui algo que tu próprio não sabes?”, etc.).

Mais cedo ou mais tarde, à medida que o auditor adivinha e busca o seu caminho através disto, a agulha para de soltar-se-á de súbito, a princípio ligeiramente, começará então a responder e sairá da senda obscura para o seu caminho normal.

A arte é CONSEGUIR ATIVAR ESSA AGULHA DE NOVO

Ela só ativará quando for descoberto o que a faz tão renitente. Algo ali congelou os sentidos da pessoa, podendo ela própria não saber de nada.

Por estranho que pareça não é provável que a pessoa se enfureça consigo, como se enfurece quando você falha um withhold conhecido dela. Neste caso ela apenas fica cada vez mais introvertida.

Os fenómenos finais, no que diz respeito ao e-metro, ocorrem apenas quando a agulha já não está tão renitente. Está agora a ler com pequenas quedas, quedas e mesmo BDs, e quando temos tudo, dará F/N.

É preciso cuidado para não confundir ruds-fora com um implante, mas em qualquer caso, uma vez que tenhamos na nossa frente uma verdadeira agulha parada que não reagirá nunca, não será senão um dos implantes listados acima.

Se compreender os dados que lhe estou a dar e os usar inteligentemente, vai-se o perigo de falhar withholds.

Muito bom, não é?

L Ron Hubbard
Fundador



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB DE 13 DE ABRIL DE 1982

AGULHA PARADA E CONFESSIONAIS

A agulha parada que não reage em coisas vulgares onde deveria reagir, é um indicador de withholds (WHs).

Isto está coberto no HCOB 11 Abr. 82. FAZER SEC CHECK DE IMPLANTES, mas há mais dados.

Um “withhold” pode ser parcialmente extraído e podemos obter uma estranha F/N. É estranha porque, sendo uma F/N, é abaixo do normal em largura e dá uma espécie de salto em cada extremo como se a agulha estivesse a bater numa mola ou amortecedor. Não é uma bela e fluente F/N. Se olhar de perto verá que dá uma espécie de ricochete. Não flui limpa. A F/N depressa tende também a parar e não permanece.

Ela indica um *assunto* do withhold ou área da vida que de alguma forma permanece oculta.

Quando limpa os withholds em todo o assunto ou área num Sec Check, você obtém uma F/N livre, fluente.

Como é fatal falhar um withhold, repare, também é fatal falhar *parte* dele.

Embora a pessoa faça *sempre* parte do withhold, não é necessariamente verdade que ela tenha cometido os overts escondidos. Ainda assim regista com agulha parada. E ainda se comporta com aquela F/N quando limpo parcialmente.

Contudo, em todos os casos vistos, ou a pessoa cometeu os overts pessoalmente ou estava a esconder os overts de outrem. Eu não os limparia procurando apenas mudar a responsabilidade e safar-me. Ela pode ficar ainda “mais parada”. A is-ness da coisa é a is-ness da coisa.

Esta tech é nova. Resultou da pesquisa que eu fiz sobre Sec checks com o e-metro Mark VI. Pode ou não se aplicar ao Mark V, mas é provável que sim. O Mark VI resolveu, contudo, o assunto. Está a ver uma agulha parada como resposta às suas perguntas? Ela tende a indicar um withhold. Está a ver uma F/N que não flui e salta no fim? O assunto de que está a fazer o Sec Check não está completamente limpo.

É bom sabê-lo, hem?

Boa caçada!

L Ron Hubbard

Fundador



SECÇÃO CATORZE: ADMIN PARA VERIFICADORES DE SEGURANÇA

HUBBARD COMMUNICATIONS OFFICE
Saint Hill Manor, East Grinstead, Sussex

HCO BULLETIN OF 10 MARCH 1982

Remimeo

All staff
Ethics Officers
Auditors
Case Supervisors

(Also issued as an
HCO PL, same date)

CONFESSIONALS—ETHICS REPORTS REQUIRED

Ref:

HCO PL	2 Apr 65	URGENT URGENT URGENT, FALSE REPORTS
HCO PL	1 May 65	STAFF MEMBER REPORTS
HCO PL	17 Jun 65	STAFF AUDITOR ADVICES
HCO PL	7 Mar 65R III	OFFENSES & PENALTIES, Rev. 24.10.75
HCO PL	16 May 80 II	ETHICS, SUPPRESSIVE ACTS, SUPPRESSION OF SCIENTOLOGY & SCIENTOLOGISTS
HCO PL	5 Mar 68	JOB ENDANGERMENT CHITS
HCO PL	24 Feb 69	JUSTICE

It has recently been noticed that there was an omission on the part of ministers doing Confessionals: they were not writing reports to Ethics on matters relating to the offences of others that were revealed during a Confessional. Doing so, is required per HCO PL 17 Jun 65 STAFF AUDITOR ADVICES and is implicit in HCO PL 2 Apr 65 URGENT URGENT URGENT, FALSE REPORTS and in HCO PL 1 May 65 STAFF MEMBER REPORTS.

Apparently, this was due to a failure to differentiate between a pc “getting off” only other people’s withholds and a pc revealing knowledge of another’s overt or crime against Scientology, its organizations or Scientologists.

A person who only talks about others’ overts or withholds is often withholding an overt of his own or engaging in a Black PR campaign.

But a person who has knowledge of another’s overts or crimes against Scientology should have made out an ethics report himself and having failed to do so, would have a withhold of knowing about another’s offence and not having reported it, even if it were only suspected.

There are various reasons why a person might withhold from reporting the offences of another: similar overts or withholds of one’s own; fear of consequences or retaliation from the person being reported on; not having all the facts and so only suspecting the offence and not being certain enough, are among more common reasons.

None of these are valid because a staff member can only be disciplined for making a knowing false report or for a no report. And if the matter is only suspected, the report should say so and it is the Ethics Officer’s hat to investigate and determine the facts.



Thus, when a minister discovers that a pc has knowledge of an overt or crime against Scientology or against the codes of the Church but has not reported the matter to Ethics, this should be handled as a withhold and must be the subject of an ethics report. This applies both to HCO Confessionals and to any other session.

OFFENCES AGAINST SCIENTOLOGY OR ITS CODES BY ANOTHER PERSON THAN THE

PC, MUST BE REPORTED TO ETHICS FOR INVESTIGATION (EVEN IF ONLY SUSPECTED OR WHEN FULL FACTS ARE NOT KNOWN).

This is important because persons who get off their own overt have a higher responsibility level than those who don't and these last, who don't get off their overt, are sometimes only detectable and handleable by the reports of others.

The more serious the ethics offence, the more necessary and vital it is that such reports be made. Failure to make such a report can result in the pc (or staff member) being named as an accessory or at least being charged with condoning the offence.

There is another side to this. Some pcs, viciously, can begin a Black PR campaign against another by "getting off the other's withholds" which are false.

Some people unfortunately, can be very wily and spread all sorts of rumors or trouble in this way. Doing so is the very lifeblood of such criminal organizations as the FBI and Interpol. So the ministers reporting all overt reported by the pc serves a triple purpose.

- A) It catches actual crimes by others which might otherwise remain undetected.
- B) It gets rid of withholds from the pc which he knows he should have reported and
- C) It gives evidence of a Black PR campaign in progress against principal people of Scientology and executives.

The use that the Ethics Officer puts these reports to is very precise.

They are:

In case of (A) he can at once investigate and see check the others named and get Ethics in.

In the case of (C) he can order a full rollback of the rumour or report and usually catch a real tiger operating in an org or area with Black PR designed to paralyze the place.

So the reports are VERY valuable.

An honest executive would be very foolish to discourage these from being filed and even more foolish not to make sure they get fully followed up and investigated. Doing this is a heavy blow to criminals and to the enemy who seek to stop Scientology.

For instance, finance crimes cannot occur without collaboration or someone noticing.

Black PR with its false reports is covering up real withholds and overt, which, remaining undetected, can cave the whole place in.

A person can be helped by Scientology only when he has clean hands with it. One cannot be helped by it when he has overt against it, its principal names or organizations.

So this policy assists greatly, not only in protecting execs but in saving people. It must NOT be looked on as a way to victimize anyone. It is an instrument of salvage.

And on an organizational strata, no org can prosper when its staff has overt. Recent investigation has shown that below EVERY outness in an org or down stat there lay heavy withholds and overt. The many should not be penalized by the criminal few.



VERIFICADOR
DE
SEGURANÇA

By following these policies, ethics investigations will be speeded, statistics raised and a much cleaner, happier and more productive environment will be achieved. Only the guilty will ever protest such reports and that, too, is indicator for urgent action.

L. RON HUBBARD
FOUNDER

Assisted by

Senior C/S International

CSI:LRH:DM:bk

Copyright © 1982

by L. Ron Hubbard

ALL RIGHTS RESERVED



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB DE 7 DE JAN DE 1985

´ (Também emitido como PL,
mesma data e título)

CONFESSIONAIS DE HCO

Refs:

HCOB 13 Out. 82

HCOPL 17 Jun. 65

HCOPL 22 Jul. 82

Corr. e Reemit. 26.8.82

HCOPL 2 Abr. 65

HCOPL 10 Mar. 82R

Rev. 16.12.84

HCOPL 19 Abr. 65

Modifica:

HCOB 30 Nov. 78

BTB 7 Nov. 72R

ÉTICA E C/S, *C/S Série 116*

CONSELHOS AOS AUDITORES DE PESSOAL
RELATÓRIOS DE CONHECIMENTO

RELATÓRIOS FALSOS

CONFESSIONAIS, REQUER RELATÓRIO DE ÉTICA

ÉTICA, TREINO E REGRAS DE PROCESSAMENTO

PROCEDIMENTO CONFESSIONAL

Aud. Admin Série 20R. RELATÓRIOS MISTOS

Tem evidentemente havido alguma confusão entre alguns auditores, Verificadores de Sec Check e C/Ss no que toca ao adequado manejo administrativo de overt e contenções retirados durante as sessões.

Overts descobertos no decurso de Confessionais com propósito de investigação ou de justiça (geralmente chamados “Confessionais de HCO”) são sempre assunto de Relatórios de Conhecimento para o HCO e são acionáveis.

Overts e contenções divulgados durante a audição de rotina não podem ser usados como base de ações de Ética num preclaro. Trata-se de uma parte do código do auditor e é há muitos anos conhecido dos auditores.

ABUSO

Não se manda ninguém para o HCO por causa de um overt ou um crime retirado durante audição de rotina, CONTUDO, PROVA DE CRIME CONSCIENTEMENTE RETIDO POR UM PC ATÉ À SESSÃO, É ACIONÁVEL PELO HCO. Por outras palavras, o propósito da audição não é fornecer a uma pessoa fora de ética meios para “evitar o Oficial de Ética”.

Na verdade, o resultado de “esperar entrar em sessão” para revelar um crime é muitas vezes de longe pior do que qualquer ação de ética e justiça que possa ser posta nas mãos do HCO! Estou a lembrar-me duma pessoa que conscientemente escondeu um crime sério que tinha cometido até ter uma sessão de audição. Não tinha sido tomada qualquer ação de ética pelo HCO. Não foi de modo nenhum levada à justiça por causa disso. Ela foi em frente e tentou punir-se muito severamente. Acabou num hospital numa operação que jamais precisava ter sofrido. Rapidamente começou a administrar a sua *própria* punição.

Também se pode abusar disto na outra direção. Eu, na verdade, vi um Pc ficar doente depois do auditor (muito incorretamente e numa violação grosseira do Código do Auditor) tentar culpá-lo dos overt revelados em sessão. Vi um Pc de rastos ao ser acusado dos overt que tinha retirado na confiança duma sessão. É por esta razão que o Código do Auditor está escrito conforme está. É uma questão de ganho de caso.



Mas quando uma pessoa esconde conscientemente um crime até ir para sessão, É assunto para HCO. Sendo revelado, quer seja ou não em sessão, que ela escondeu um crime até à sessão a fim de escapar ao Oficial de Ética, é feito um Relatório de Conhecimento e enviado ao Dep 3 para ação. (atribuição de uma condição inferior, tribunal, Comité de Evidência, etc.) Isto aplica-se a QUALQUER audição.

CIRCUNSTÂNCIAS

As circunstâncias nas quais um Confessional de HCO é feito são a pessoa estar já a sofrer um Comm-Ev ou outra ação de investigação de Ética ou estar a trabalhar através de condições inferiores de ética e o Oficial de Ética pedir ao C/S para mandar fazer um confessional. Overts e ética fora revelados em tal Confessional são reportados ao HCO em Relatórios de Conhecimento e podem ser acionados pelo Oficial de Ética.

Ações de Confessional de HCO podem incluir percorrer o RD de Propósito Falso ou outros RDs relacionados que se dirigem a O/Ws e intenções de não sobrevivência.

É uma regra básica que não tentamos auditar ninguém que esteja sob Comm-Ev ou em condições de Ética inferiores, pois a pessoa está sob tensão e a sua atenção está na correção da sua Ética. A exceção a isto é, quando fazemos uma ação Confessional do HCO, ou Verificação de Perigo ou, HCOPL 3 Maio 72R, rev.18.12.77, Exec. Série 12, ÉTICA e EXECUTIVOS, pois estas ações procuram ajudar a solucionar diretamente o problema ético em que se encontra.

PROCEDIMENTO CONFSSIONAL DE HCO

O facto dum formulário dum Sec Check ou FPRD estar a ser feito como Confessional de HCO, não quer dizer que o procedimento seja mudado. O procedimento do auditor é o mesmo. Mas os overts são reportados a Ética para manejo e são acionáveis. Deve ser claramente marcado no Relatório de Conhecimento que vem duma ação de Confessional de HCO.

No início da primeira sessão dum confessional de HCO o auditor dá ao Pc o Fator R “não te vou auditar”. A sessão é então iniciada como sempre com “é a sessão” (Tom 40). Os ruds são fluídos e as ações do C/S feitas. Não é necessário iniciar cada uma destas sessões seguintes com o Fator R “não te vou auditar”. Isto aplica-se só enquanto esta ação está a ser feita e este facto deve ser dado a saber à pessoa.

JUSTIÇA

Quando a pessoa recusa responder a uma pergunta de audição, quer seja num Confessional de HCO ou outra audição, ela tem que ser colocada diante dum Tribunal de Ética acusada de “não relatar”. (Ref.: HCOPL 19 Abr. 65, ÉTICA: REGRAS DE PROCESSAMENTO E TREINO, e HCOB 4 Abr. 65, QUEBRAS DE ARC E OCULTAÇÕES FALHADAS).

SUMÁRIO

A audição é uma ação técnica tendo em mente dar ganhos de caso. Ganhos de caso não ocorrem e a tech não entra quando a ética está fora.

Honestamente e em ética é a chave para o ganho de caso e futuro de cada um. Eu dependo de auditores, C/Ss e HCOs para inteligentemente e efetivamente aplicar os dados deste HCOB para ajudar o Pc e manter as mãos limpas e o seu caso a avançar.

L Ron Hubbard
Fundador



HUBBARD COMMUNICATIONS OFFICE

Saint Hill Manor, East Grinstead, Sussex

HCO POLICY LETTER OF 1 MAY 1965

Remimeo
Staff Member Hats
Executive Hats

STAFF MEMBER REPORTS

Staff Members must personally make certain reports in writing.

Failure to make these reports involves the executive or staff member not making a report in any offence committed by a junior under him, or, in case of job endangerment, by a senior over him.

These reports are made to the Ethics Section of the Department of Inspection and Reports.

The report form is simple. One uses a clip board with a packet of his division's colour flash paper on it. This includes a piece of pencil carbon paper. This is the same clip board and carbon one uses for his routine orders.

It is a despatch form addressed simply to the Ethics Section. It is dated. It has under the address and in the centre of the page the person or portion of the org's name. It then states what kind of a report it is (see below).

The original goes to Ethics by drawing an arrow pointing to «Ethics» and the carbon goes to the person or portion of the org being reported on *by channels* (B routing).

The following are the reports required:

1. *Damage Report.* Any damage to anything noted with the name of the person in charge of it or in charge of cleaning it.
2. *Misuse Report.* The misuse or abuse of any equipment, materiel or quarters, meaning using it wrongly or for a purpose not intended.
3. *Waste Report.* The waste of org materiel.
4. *Idle Report.* The idleness of equipment or personnel which should be in action.
5. *Alter-Is Report.* The alteration of design, policy, technology or errors being made in construction.
6. *Loss or Theft Report.* The disappearance of anything that should be there giving anything known about its disappearance such as when it was seen last.
7. *A Found Report.* Anything found, sending the article with the despatch or saying where it is.
8. *Non-Compliance Report.* Non-Compliance with legal orders.
9. *Dev-T Report.* Stating whether Off-Line, Off-Policy or Off-Origin and from whom to whom and subject.
10. *Error Report.* Any error made.
11. *Misdemeanour Report.* Any misdemeanour noted.
12. *A Crime Report.* Any crime noted or suspected but if suspicion only it must be so stated.
13. *A High Crime Report.* Any high crime noted or suspected but if only suspected must be so stated.
14. *A No-Report Report.* Any failure to receive a report or an illegible report or folder.
15. *A False Report Report.* Any report received that turned out to be false.
16. *A False Attestation Report.* Any false attestation noted, but in this case the document is attached to the report.

17. *An Annoyance Report*. Anything about which one is annoyed, giving the person or portion of an org or org one is annoyed with, but the Department of Inspection and Reports and a senior org are exempt and may not be reported on.
18. *A JOB Endangerment Report*. Reporting any order received from a superior that endangered one's job by demanding one alter or depart from known policy, the orders of a person senior to one's immediate superior altered or countermanded by one's immediate superior, or advice from one's immediate superior not to comply with orders or policy.
19. *Technical Alter-Is Report*. Any ordered alteration of technology not given in an HCOB, book or LRH tape.
20. *Technical Non-Compliance Report*. Any failure to apply the correct technical procedure.
21. *Knowledge Report*. On noting some investigation is in progress and having data on it of value to Ethics.

These reports are simply written and sent. One does *not* expect an executive to front up to personnel who err. One *does* expect an executive to make a report routinely on the matter, no matter what the executive also does.

Only in this way can bad spots in the organization be recognized and corrected.

For reports other than one's own collect and point out bad conditions before those can harm the org.

These reports are filed by Ethics in the Ethics files in the staff member's folder or in the folder of the portion of the org. A folder is only made if Ethics receives an Ethics Report.

Unless the staff member is part of a portion or an org that is under a state of Emergency, FIVE such reports *can* accumulate before Ethics takes any action. But if the report is deemed very serious, Ethics may take action at once by investigating.

If a State of Emergency existed in that portion of the org or org, ONE report can bring about a Court of Ethics as there is no leeway in an Emergency Condition.

The most serious reports, which are the only ones taken up at once, are technical alter-is, non-compliance, any false reports, false attestations, no reports, misdemeanours, crimes and high crimes. The others are left to accumulate (except in Emergency when *all* reports on that portion or org are taken up at once).

CLEANING THE FILES

An amnesty for a portion or an org or a general amnesty can be declared by the Office of LRH Saint Hill. An amnesty will be effective up to a date three months before it is issued. The Ethics files are therefore nullified previous to the date declared in the Amnesty.

An amnesty signalizes a feat of considerable moment by a portion of an org or an org or Scientology.

An HCO Executive Letter can compliment a portion of an org or an org and wipe out the Ethics Piles of the portion of an org or the org complimented. An award is usually added for the persons responsible.

An assignment of a State of Normal Operation after an Emergency (but not assigning affluence) cleans the portion of an org or the org's Ethics Files.

An *individual* may clean his own file by approaching Ethics and offering *to make amends*.

The person may be shown but may not touch his Ethics files which are always kept locked when the office is empty. The person should present a written and signed *Amends Project Petition* to Ethics. Ethics attaches the person's file to it and sends it safely to the Office of LRH «Ethics Authority Section». If accepted as adequate amends by the Office of LRH it is authorized by the «Ethics Authority Section» and returned to Ethics which places it on its «Projects Time Machine».



When accomplished the *Amends Project* is taken off the Time Machine and forwarded to the Inspections Section which inspects and verifies it is done and sends all to the Office of LRH «Ethics Authority Section» which then authorizes the retirement of the reports on the person.

If the project comes off the Time Machine without being done, the matter goes at once to a Court of Ethics.

Any *Amends Project* must benefit the org and be beyond routine duties. It may not only benefit the individual. Offers to «get audited at own expense in Review» are acceptable as auditing will benefit everyone.

«To get trained at own expense up to and serve the org two years afterwards» is acceptable amends. But the person's staff pay is also suspended entirely during any auditing or training undertaken as amends. «To get another department's files in order on my own time» would be acceptable amends. Getting a celebrity into Scientology would be acceptable amends. No work one would normally do himself on post is acceptable amends. A donation or fine would not be acceptable amends. Doing what one should do anyway is not amends, it is the expected. No org funds may be employed in an Amends Project.

No amends are thereafter accepted if the person has failed to complete an amends project since the effective date of the last amnesty applying to the person's portion or org.

Any bonus *specifically given by the person's name* also cleans the person's Ethics Files without comment.

The responsibility for handling the cleaning of files is that of the Ethics Section of the Department of Inspection and Reports which notes amnesties, compliments and specific bonus awards and handles its Ethics files accordingly.

No *Amends Projects* may be accepted except through the Office of LRH and a superior may not bring a junior who wishes his files cleaned by Amends into Ethics and assist him to make the proper project applications. It must be voluntarily done by the junior.

No amnesties, compliments or bonuses may be made or declared except by the Office of LRH and authorized also from Saint Hill.

L. RON HUBBARD

LRH:ml.cden

Copyright © 1965 by L. Ron Hubbard

ALL RIGHTS RESERVED



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB DE 10 DE AGOSTO DE 1976R

Rev. 5 Set. 78

(Revisão só para correção da definição de uma R/S. Revisões neste tipo de letra.)

Remíneo

Todos os Verificadores de segurança

Todo o HCO

Todos os Operadores De E-metro

Ref: HCOB 3 Set. 78,

DEFINIÇÃO DE UMA R/S

R/Ss, O QUE SIGNIFICAM

(CHECKSHEETS DE MANEJO DE CONFESSIONAIS)

(CHECKSHEETS DE PROCESSAMENTO DE PTS)

(CHECKSHEETS DE DIANÉTICA EXPANDIDA)

(CHECKSHEETS DE OPERAÇÃO DO E-METRO)

(CHECKSHEETS DE VÁRIOS RDs)

O movimento desvairado, irregular da agulha a vergastar esquerda/direita no quadrante do e-metro. R/Ss repetem golpes à esquerda e à direita, irregular e selvaticamente, mais rápidos do que o olho pode facilmente seguir. A agulha fica frenética. A largura de uma R/S depende em grande parte da sensibilidade. Vai de 1/2 cm a um quadrante inteiro, mas vergasta de um lado para outro. Uma R/S significa uma intenção malévola oculta sobre o assunto ou pergunta de audição ou em discussão.

O termo foi tirado de um processo nos anos 50 que procurava localizar “uma rocha” (rock) no início da banda do tempo do Pc; e “a pancada” (slam) é uma descrição da violência da agulha significando que “fustiga” de um lado para outro. Durante algum tempo todos os movimentos esquerda/direita da agulha foram considerados e chamados “rock slam” até ser descoberto que um fluxo suave esquerda/direita era sintoma de libertação (key-out) e isto tornou-se “agulha flutuante”. Existe ainda outro movimento esquerda-direita da agulha chamado “theta bop”. Isto acontece quando a pessoa exterioriza ou está a tentar exteriorizar. “Theta” é o símbolo da pessoa como espírito, ou de bondade; “bop” é um termo eletrônico que significa uma leve guinada no extremo do curso da agulha. Uma “theta bop” ressalta uniformemente no final de cada percurso para a direita e para a esquerda, e é muito uniforme no meio do percurso.

Nem a “agulha flutuante” nem a “theta bop” podem ser confundidas com uma “R/S”. A diferença na R/S é que dá *vergastadas* irregulares, *frenéticas*, *à direita e à esquerda*; até a amplitude esquerda/direita é, em cada balanço, provavelmente diferente da última.

Uma “R/S” pode às vezes ser causada pelos anéis do Pc, ou por um pequeno curto-circuito no E-metro, ou pelas latas (eléctrodos) quando tocam em algo, como por exemplo a roupa. Estas são as considerações mecânicas e devem ser excluídas antes de se considerar que foi o Pc que produziu a R/S”. Se o Pc não tem



anéis e se a agulha do E-metro está calma com os fios desligados, se os fios estão bem ligados e se o Pc não está a roçar as extremidades das latas na roupa, então a R/S é provocada pelo banco do Pc.

Tem que haver muito cuidado quanto à correção do facto do Pc ter dado R/S no E-metro, ter sido verdadeiramente observada e não ter sido provocada mecanicamente como acima. Anota-se a R/S na folha de trabalho e exatamente o que foi perguntado, e também que os pontos mecânicos foram conferidos sem distrair o Pc.

O AUDITOR TEM SEMPRE QUE REPORTAR UMA R/S NO RELATÓRIO DE AUDIÇÃO, ANOTÁ-LA COM A DATA DA SESSÃO E COLOCAR A INFORMAÇÃO POR DENTRO DA CAPA da ESQUERDA DA PASTA DO PC, E INFORMAR A ÉTICA, INCLUINDO A PERGUNTA OU ASSUNTO QUE DEU R/S, COM O FRASEADO EXATO.

Porquê? Porque a R/S é a mais importante manifestação da agulha! Ela dá a pista do caso do Pc.

Em 1970 iniciei um projeto de pesquisa completo sobre o assunto da loucura, a sua relação com o caso, ganhos de caso e supressão. Só então é que o significado completo da R/S foi desenterrado. Esta pesquisa desenvolveu-se no que agora é chamado DIANÉTICA EXPANDIDA, uma série de processos e ações especiais com exercícios e treino, o que permite ao auditor manejar um tipo específico de caso. A propósito, este foi o primeiro sistema positivo de localização e manejo da psicose, e a primeira compreensão completa do que ela é.

Não sendo este boletim de forma alguma um curso de dois minutos ou um substituto do treino completo de Dianética Expandida, qualquer auditor que audita, faz Sec-Checks ou maneja pessoas ao E-metro, tem que saber o que é uma R/S, como se comporta e o que se deve fazer a respeito dela.

A primeira coisa é ser capaz de reconhecê-la e, depressa, com um relance de olho, desligar a tomada do E-metro (sem que o Pc note) e conferir se a R/S é mecânica como dado acima.

Pode provocar-se uma “R/S” sem Pc no E-metro ou os fios ligados (a) ligando-os; (b) pondo a sensibilidade talvez em 2, (c) pondo a agulha em “set”; (d) movendo rapidamente, muito rapidamente o TA de um lado para outro, digamos um quarto de polegada, e fazê-lo irregularmente. Feito muito rápida e irregularmente daria algo semelhante a uma R/S. Mas não importa quão rápido os seus dedos se moverem, uma real R/S será sempre mais rápida. Se o fizer verá que se parece com uma R/S. Nesta experiência não faça a agulha bater nos lados do quadrante.

Agora, se tomar a mesma disposição e mover lentamente o ponteiro de tom de um lado para o outro aproximadamente 2 vezes por segundo sem qualquer aspereza e à mesma distância para a direita e para a esquerda, você terá uma agulha flutuante. Note isto muito bem, pois acontece numa libertação e é a coisa que um bom auditor espera ver e que assinala o fim do processo. Esta tem que ser bem conhecida, pois uma agulha flutuante NUNCA se ultrapassa numa sessão, e, se for ultrapassada, o Pc ficará desconfortável. (O Pc terá com frequência cognições, obterá neste ponto uma compreensão sobre si próprio ou a vida e não se lhe impede que o faça). A F/N é o que se indica ao Pc. Jamais se indica uma R/S ou uma “theta-bop”. Ao vê-la, sem parar ou interromper a cognição do Pc, diga sempre: “a tua agulha está a flutuar”.

Agora a “Theta-bop” pode também ser demonstrada por você mesmo. Ajuste o E-Metro como acima. Só que desta vez balance suavemente a agulha para a direita dando-lhe um minúsculo puxão na mesma direção. Então, de imediato, balance-a suavemente para a esquerda dando-lhe um minúsculo puxão na mesma direção. Depois faça o mesmo para a direita, e assim por diante. Isto é uma “theta-bop”. É diferente de uma agulha flutuante só por que dá uma guinada no fim de cada balanço. Desse modo, aprenda a reconhecê-la.

Há uma pancada viciosa e suave para a direita que ocorre quando um Pc vai de encontro a certa área do banco que é chamada “reação foguete”, e há certamente a queda pequena (SF), a queda longa (LF) (em ambos os casos para a direita indicando uma pergunta carregada ou reação) e há a subida gradual para a esquerda. Mas estas não se repetem de um lado para outro, como o que caracteriza a R/S, a F/N e a T/B.



Assim, sabemos exatamente como parece quando falarmos de uma R/S como reação do E-metro. Sabemos como pode ser provocada mecanicamente. E sabemos o que temos a anotar e a reportar quando é vista.

Mas o *que* significa exatamente uma R/S no que diz respeito ao Pc? Se não souber isto poderá falhar em relação ao Pc, ao caso, à organização e à humanidade.

Uma R/S significa uma intenção MALÉVOLA ESCONDIDA A RESPEITO DO ASSUNTO OU PERGUNTA EM DISCUSSÃO OU em AUDIÇÃO.

Duas coisas estão na base da insanidade ou, para ser mais específico, há duas causas e condições reunidas numa só pelo homem e isso chama-se insanidade. Obviamente que ele não a podia definir, pois não sabia o que a causava.

A primeira dessas duas coisas não nos preocupa muito aqui, uma vez que é assunto duma folha de controle separada e é chamada manejo de PTSs ou *P*otenciais *T*ransmissores de *S*arilhos. Um “PTS” é uma pessoa que esteve ou está ligada a alguém que tem intenções malévolas. Um PTS pode sentir-se desconfortável na vida, ser neurótico ou ficar insano devido a ações de uma pessoa com más intenções para com ele. A maioria das pessoas que estão em instituições são prováveis PTSs.

A segunda dessas duas coisas é a insanidade provocada no próprio indivíduo (sem falar nos outros) por intenções malévolas escondidas.

A dimensão dessas intenções e o que a pessoa fará (e ocultará) com o fim de as levar a cabo, é bem chocante. Esses sujeitos são criminosos, disfarçados ou explícitos, e muitos deles são insanos, quer dizer, para além de toda a racionalidade nos seus atos. Devido às suas intenções malévolas serem encobertas e muitas vezes muito plausíveis, tais indivíduos são o que tornam o “comportamento tão misterioso” e o “O homem parecer tão perverso, como vemos no que a espécie Humana anda a fazer”, e todo o género de falsidades.

É este último tipo, R/Slamador crónico e pesado, que é tratado na Dianética Expandida.

Uma R/S não faz um psicótico nem constitui uma ameaça total para todos nós. Mas significa que pode de facto haver mais e, em casos raros, um número suficiente dessas R/Ss pode significar uma pessoa muito perigosa nas suas mãos e à sua volta. E essa pessoa deve ser tratada pela Dianética Expandida.

Você não verá um grande número de R/Ss ao auditar pessoas, por isso poderia ficar totalmente aturdido pela surpresa ao vê-la, e baralhar tudo por causa da surpresa. Desse modo saiba o que é, não fique a tremer, não cometa erros e estoire o seu confronto. Continue simplesmente.

Se não notar a pergunta EXATA e as palavras EXATAS da declaração do Pc quando a R/S apareceu, pode estragar tudo aos sujeitos da Dianética Expandida. Eles não serão capazes de facilmente a reproduzir de novo, e perderão montes de tempo. Logo tem que se assegurar de que o seu relatório de audição é exato, que a R/S está escrita em GRANDES parangonas na coluna, assinalada com um círculo e que, a despeito do que mais fizer em sessão, terá que registá-la na pasta, na parte da frente da capa da esquerda, com data e página da sessão, tendo ainda de informar o facto à Ética. E também não faça a terceira parte com o Pc dando-lhe maus bocados em sessão por causa disso.

As R/Ss aparecem mais frequentemente durante os Sec-Checks, ou o Processamento de Integridade, ou ao puxar contenções, ou ao tentar investigar algo. Desse modo, quem as vê mais vezes são os que se ocupam dessa atividade e não da audição rotineira (onde também podem aparecer, mas mais raramente). Além destes, a pessoa que mais provavelmente colide com a “necessidade de receber um Sec-checks” é um R/Slamador, o que de novo aumenta o número de R/Ss nessas atividades, comparado com a audição de rotina. Entretanto um R/Slamador muito pesado também as apresentará em audição de rotina.

O importante é o *ponto* exato da R/S na sessão, a exata pergunta feita e o exato assunto ou frase em que a R/S surgiu. Isto é muito importante porque então a pessoa pode ser inteiramente tratada com um completo intensivo de audição de Dianética Expandida, por um especialista de Dianética Expandida, naturalmente quando a pessoa chegar a esse ponto na sua Carta de Graus. Esses pontos da Carta de Graus são:

após os graus, mas antes de Poder; após Poder, mas antes de Solo, após OT III, ou após qualquer simples grau acima de OT III. Esses são os únicos pontos onde a Dianética Expandida pode ser auditada e as R/Ss inteira e completamente tratadas.

Ora, eis como se pode desligar uma R/S e pensar, erradamente, tê-la tratado.

1. A sequência Overt/Motivador tem dois lados. Um é o que a pessoa fez (overt), outro é o que foi feito à pessoa (motivador). Pode perguntar-se, quando a pessoa R/SLAM a respeito de algo, se alguma vez alguém a INVALIDOU naquele assunto ou ação. Ela encontrará algo e a R/S desligará, E NEM POR SOMBRAS FICA TRATADA, MAS APENAS SUBMERSA. Pode acreditar-se que ela “manejou” a R/S. Não é verdade. Apenas a desligou, tornando-a, talvez, mais difícil de encontrar na próxima vez. Pode perguntar-se o que a pessoa fez CONTRA o assunto mencionado, e embora isto possa descarregar o caso e tornar a pessoa um pouco melhor, a R/S NÃO está manejada, mas apenas desligada ou submersa. É quase como se houvesse tantos overts e motivadores no assunto ou nesta área, que o puxa-empurra da coisa leva a agulha a ficar tempestuosa (R/S). E na verdade isto pode ser no banco a fonte de energia da reação da agulha. Mas nem o overt nem o motivador manejam uma R/S finalmente, porque a CAUSA da R/S é uma INTENÇÃO para lesar, e não é provável que a intenção básica seja atingida.
2. Outra maneira aparente de uma R/S ser “manejada”, mas não ser, é levar o R/Slamador a anterior semelhante no assunto da R/S. A R/S cessará, provavelmente “limpará”. Porém, de facto, ainda lá está, escondida.
3. O terceiro modo de uma R/S ser falsamente “tratada” é dirigir a atenção da pessoa para outra coisa. Se, ao fazê-lo, o assunto exato da R/S não for anotado pelo auditor, será difícil encontrá-la de novo quando a pessoa entrar na audição de Dianética Expandida.
4. Ainda outra, e provavelmente a última maneira de “manejar” falsamente uma R/S é insultar a pessoa a respeito da sua conduta, do comportamento ou da R/S, ou educá-la para agir melhor, “modificar” o seu comportamento com choques, cirurgias ou outras torturas, como fazem os psiquiatras. Por outras palavras, pode procurar-se suprimir a R/S de inúmeras maneiras. Talvez a R/S não ocorra (estando agora extremamente sobrecarregada), mas ainda está lá enterrada muito fundo e possivelmente fora de alcance.

Logo, se compreendermos os 4 pontos acima, veremos que embora a R/S possa abrandar não a manejá-mos. Ela saiu meramente do campo de visão.

Muito bem, o que é que então MANEJA DE FACTO uma R/S?

Eu avisei que isto não é um curso de dois minutos sobre Dianética Expandida, e não é. Uma R/S é MANEJADA por um auditor de Dianética Expandida inteiramente qualificado, entregando a fundo Dianética Expandida à pessoa naquele ponto da Carta de Graus onde a Dianética Expandida pode ser utilizada. Se alguém pensar que isto pode ser feito eficazmente de outra forma, ou se o C/S e o auditor forem tão estúpidos que tentem fazer esse C/S, é caso para Comm-Ev e suspensão de todos os certificados.

Com este aviso e só com este aviso, posso dizer brevemente o que tem que ser feito com o caso. Não o que VOCÊ fará, caso não esteja a entregar Dianética Expandida a fundo no ponto correto da Carta de Graus, mas sim uma breve declaração para que possa compreender o que está subjacente àquela R/S.

O Pc com uma R/S em qualquer assunto dado e que R/SLAM ao discutir esse assunto ou assuntos relacionados, TEM UMA INTENÇÃO MALÉVOLA QUANTO AO ASSUNTO DISCUTIDO OU A ALGUM ASSUNTO INTIMAMENTE RELACIONADO. O Pc pretende, para aquele assunto ou área da vida, nada menos que UM MALEFÍCIO calculado, encoberto, sub-reptício, que será sempre cuidadosamente escondido desse mesmo assunto.

Deste modo, o especialista em Dianética Expandida, ao manejar o caso (no ponto apropriado na Carta de Graus), tem que ser capaz de localizar todo e qualquer assunto e a pergunta e R/S na pasta da pessoa, conforme anotado pelos Verificadores de Segurança e auditores anteriores, ou Oficiais de Cramming ou Pesquisadores de Porquês. Ele tem que ter a lista completa dos assuntos das R/Ss. Se estão anotadas quanto à



data de sessão e página, e se todos os papéis de Verificação de Segurança e de Cramming estiverem na pasta daquela pessoa, então o Especialista de Dianética Expandida pode fazer um trabalho a fundo e completo. De contrário tem que empreender uma porção de ações com perda de tempo, para encontrar as R/Ss e exumá-las.

O que o Especialista de Dianética Expandida de facto faz é localizar EXATAMENTE a intenção malévola real para cada R/S no caso e manejar cada uma até total conclusão. Uma vez acabado, se tiver executado bem a sua tarefa, o comportamento da pessoa terá melhorado magicamente e, quanto à sua presença, ameaça e conduta sociais, bem, isso estará na direção da Sobrevivência.

Quando vir uma R/S, e se não for aquele especialista em Dianética Expandida, o que faz Dianética Expandida no ponto correto da Carta de Graus, não diga: “Olha, tu tens uma intenção malévola!” E não pergunte: “Que intenção malévola é essa?” ou coisas desta natureza, pois leva o Pc a fazer Auto listagem, podendo seleccionar um item errado. Você não sabe o que fazer com isso e é simplesmente provável que enrole a sala de audição à volta do pescoço do Pc.

Não, você anota-o tranquilamente, certifica-se que não se trata de falha mecânica, escreve-o com grandes letras na folha de trabalho, regista rapidamente tudo o que o Pc está a dizer, toma nota da pergunta que estava a ser feita deixando o Pc falar, acusando-lhe a receção e continuando a fazer com ele o que estava a fazer nesse momento. E após a sessão anote-a na capa esquerda, e mande um relatório para a Ética.

E um dia quando ele tiver feito o seu Intensivo de Drogas ou chegado a um dos pontos da Carta de Graus em que a Dianética Expandida completa pode ser ministrada, então, aí, a coisa será tratada. E um bom C/S programará ou escalará o caso para que isso seja feito.

Assim, este é o conhecimento que você precisa ter sobre R/Ss a fim de realmente ajudar a pessoa, a sociedade e o seu grupo.

Não é nossa função curar psicóticos. No momento em que escrevo isto os governos pagam biliões por ano aos psiquiatras para torturar e matar por causa de R/Ss de que nada sabem. O crime, aí na sociedade, é causado por pessoas que têm R/Ss. Estaline, Hitler, Napoleão e César foram, provavelmente, os mais pesados R/Slamadores de todos os tempos, a não ser Jack o Estripador, ou o seu amigo psiquiatra local.

Logo, saiba o que está a ver quando a encontrar, e saiba o que fazer a respeito dela. E não se iluda nem avilte ou ceife pessoas que têm R/Ss. Não estamos nesse ramo.

O especialista de Dianética Expandida, *assim como* o Pc, um dia amá-lo-ão com fervor por conhecer o seu ofício e o desempenhar corretamente

L. RON HUBBARD

Fundador



SECÇÃO QUINZE: BEINGNESS DE VERIFICADOR DE SEGURANÇA

GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD
Saint Hill Manor, East Grinstead, Sussex
BOLETIM DO HCO DE 8 NOVEMBRO 1984R¹
REVISTO EM 18 JUNHO 1989

Remimeo
Todos os Ver. Seg.
Auditores
C/Ses
MAAs/Of. De Ética
Super da Academia
Super's de Internos
Curso HSSC
Nível da Academia II
Tech/Qual
HCO

BEINGNESS DO VERIFICADOR DE SEGURANÇA

Refs:

HCOB 10 Abr. 80 BEINGNESS DO AUDITOR
HCOB 4 Abr. 65 QUEBRAS DE ARC E WITHHOLDS FALHADOS
HCOB 26 Mai. 60 VERIFICAÇÕES DE SEGURANÇA
HCOB 24 Ago. 64 COISAS QUE NÃO PODEM SUCEDER EM SESSÃO
HCOB 26 Abr. 71 I TRs E COGNIÇÕES
HCOB 10 Mai. 62 PREPCHECKING E SEC CHECKING
HCOB 12 Fev. 62 COMO LIMPAR WITHHOLDS E WITHHOLDS FALHADOS
HCOB 28 Nov. 78 AUDITORES QUE FALHAM WITHHOLDS, PENALIDADE
Palestra: 6201C16 "Natureza dos Withholds"
Palestra: 6202C14 "Dirigindo a Atenção"
Livro: Essenciais do *E-Metro*, Capítulo H, "Confessionais"

Tal como um auditor profissional tem de assumir totalmente a BEINGNESS de um auditor profissional para poder ter êxito, um Verificador de Segurança também tem de compreender e assumir totalmente a BEINGNESS de um Verificador de Segurança. Existe uma tal beingness, e é distintamente ela própria.

Uma sessão de Sec Check pode estar tecnicamente correta exceto numa coisa: a beingness do Verificador de Segurança. Por outras palavras, as perguntas corretas foram feitas, a metria foi sem falhas, o Código do Auditor foi observado ao pé da letra e o pc estava em sessão. No entanto, o Verificador de Segurança falhou. Esteve a ser um auditor ou um observador, quando deveria ter sido um Verificador de Segurança.

BEINGNESS

Um Verificador de Segurança é um *detetive*. Está ali para DESCOBRIR.



Qualquer atitude hesitante ou abordagem tímida do tipo “Não tens nenhuns withholds, pois não?” são caminhos diretos para o fracasso como Verificador de Segurança.

O bom Verificador de Segurança é marcado pela sua minúcia, pela sua vontade de inquirir, pela sua suspeita grosseira. É um crente no E-Metro e pouco mais, quando está na pista de um withhold do pc.

Isto, contudo, não significa que o Verificador de Segurança deva ser emotivo ou acusativo. Significa que ele vê o que vê. Sabe que, quando o seu E-Metro lhe diz que existe ali alguma coisa, algo *está* ali - e sabe quando já obteve tudo. Sabe bem que tipo de desvios um preclaro pode apresentar num esforço para não deixar sair um withhold. Compreende o que se passa e suave e despreocupadamente avança e termina o trabalho com ARC. Assim, o seu pc vence. Lembrem-se que uma Verificação de Segurança, até quando feita com objetivos de justiça ou investigação, é para o pc.

A beingness de um Verificador de Segurança é a de um detetive.

ATITUDE

A comunicação viva com o pc (o que quer dizer TRs sem macula) é essencial. Uma atitude do auditor errada ou desafiante pode destruir a cena visto haver um ciclo de comunicação destruído. Em vez de fazer subir o confronto do pc e a sua vontade para desenterrar e largar as suas transgressões, uma atitude acusativa da parte do Verificador de Segurança enterra o pc no banco reativo. A lei de “*Dianética: A Tese Original*” é aplicável: Auditor mais pc são maiores que o banco.

Por vezes o pc necessita da ajuda de um Fator-R, tal como “Estou a tentar completar este Sec Check para que possas continuar com o teu nível seguinte, portanto vamos pôr mãos à obra e limpar tudo”.

SEQUÊNCIA

Tem, em primeiro lugar, que se estar bem treinado nas questões técnicas da Verificação de Segurança. Os TRs têm de ser imaculados, deve ser um ás com o E-Metro, e saber a Admin e o procedimento muito bem. Tem de ter *certeza* nas suas ferramentas e na sua capacidade de as usar. Tal como é uma perca de tempo tentar que um auditor assuma a sua beingness de auditor antes de ele ter dominado os TRs e as outras técnicas básicas da audição, também não leva a nada tentar que um Verificador de Segurança tente este passo antes de saber a técnica da Verificação de Segurança por dentro e por fora.

Tendo duplicado e tendo ganho uma compreensão das bases da Verificação de Segurança e dominado a sua mecânica, o Verificador de Segurança pode então assumir totalmente a beingness correta. A prova de o ter feito aparecerá nas Verificações de Segurança que ele fizer. Correrão com êxito, com os pcs bem controlados e vertendo rapidamente o peso das suas transgressões.



L. RON HUBBARD
Fundador

Revisão assistida pela LRH Technical Research and Compilations